

LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

IV

(1919-1921)



COLEÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EDIÇÃO CRÍTICA
DAS OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Coordenação científica: ÂNGELO ALVES
Fixação do texto: AFONSO ROCHA

*

CONSELHO CIENTÍFICO

ÂNGELO ALVES
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
ARNALDO DE PINHO
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DO PORTO
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2007

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Título: Obras Completas
Vol. IV — 1919-1921

Autor: Leonardo Coimbra

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Abril de 2007

ISBN: 978-972-27-1513-3

Depósito legal: 216 775/04

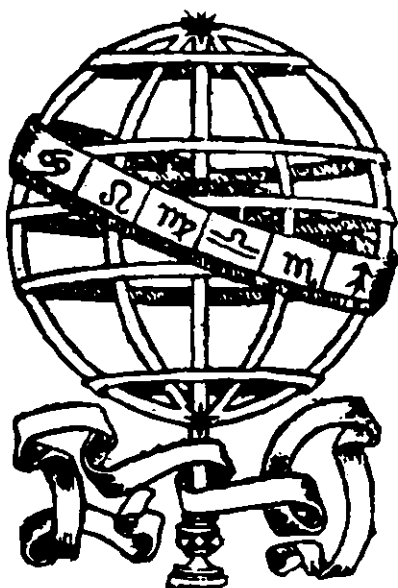
LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

IV

(1919-1921)

Prefácio de ARNALDO DE PINHO



COLEÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio,</i> por ARNALDO DE PINHO	11
--	----

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

Prefácio	19
Sobre a guerra mundial	24
Carta-Prefácio	27
A Questão Universitária (Discurso Parlamentar)	31
Uma carta	52
Em louvor das maiorias	54
O riso e a calúnia	57
A liberdade e o livre pensamento	61
O Jornal e a Opinião	64
Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra	68
Livros e livros	69
A morte do coronel Baptista	72
Camões e a fisionomia espiritual da pátria	75
[O centenário de 1820]	87
A crise social	90
Ao Povo Republicano	100
Liberdade!	102
Louvor da Liberdade	104
Miguel de Unamuno e a Reacção	113
A Vida do Espírito	116
Os Poveiros	119
Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra	121
Ligeira notícia sobre os cadernos de António Nobre	122
O problema da Indução	133
Comemoração das Constituintes de 1820	179
No altar da Pátria!	199
A memória de Alexandre Braga	200
[Discurso]	202

A degradação dos ideais	205
A crise social	209
O nosso programa	218
Adoração — Cânticos de Amor	221
Na estrada dos teus olhos	225
A floresta dos teus cabelos	233
As tuas mãos	239
A tua figura	245
A tua bondade	251
A tua voz	259
Cantares	265
O nosso encontro	273
Adoração	293
Nota sobre a ideia de Tempo e a Física de Einstein	301
Sobre o amor platónico	305
A boa ordem	310
Emílio Boutroux	314
A morte da Pena de Morte	317
O conhecimento teosófico	319
[Prefácio]	323
O Pensamento Filosófico de Antero de Quental	329
Introdução	333
Capítulo I — As doutrinas filosóficas de Antero:	
Tendências gerais da filosofia na segunda metade do sé-	
culo XIX	337
«A Filosofia da Natureza dos Naturalistas»	347
Filosofia da Liberdade	351
Capítulo II — As correntes contrárias no pensamento filosófico de	
Antero:	
As correntes contrárias do pensamento filosófico de Antero	357
Doutrina da cousa ou doutrina da pessoa	359
A doutrina da duração e a da imobilidade	364
Capítulo III — Os problemas filosóficos em Antero:	
Significado e valor da filosofia	377
A ciência e a filosofia: teoria da ciência	381
A metafísica da liberdade: Deus	391
O problema do mal	402
Conclusão:	
Conclusão	409
Deus e os seres	432
O espírito do cristianismo	449

APÊNDICE

CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS NA IMPRENSA

O Ensino e a República	469
[Conferência em Felgueiras]	477
Portugueses em Espanha	478
No Centro Republicano Democrático	482
Fala o Dr. Leonardo Coimbra	485

TRADIÇÕES

Moral e Democracia	493
Questões de Ensino (o Ensino Secundário)	507

<i>Índice onomástico</i>	517
--------------------------------	-----

<i>Índice sistemático</i>	521
---------------------------------	-----

PREFÁCIO

O vol. iv das Obras Completas de Leonardo Coimbra abrange o período que vai de 1919 a 1921 e contém dois textos maiores, no conjunto da produção do pensador, como são O Pensamento Filosófico de Antero de Quental e Adoração — Cânticos de Amor, livro este nem sempre muito valorizado, mas que representa, no conjunto dos escritos de Leonardo, um texto sem paralelo pelas suas ressonâncias místicas de carácter cosmo-antropológico.

Contém também o vol. iv vários textos mais curtos, publicados em jornais republicanos, em que o autor ora celebra efemérides, ora se debruça sobre questões em discussão, como o bolchevismo, texto publicado em A Tribuna, Diário Republicano da Manhã, no Porto, em 26 de Junho de 1920, ora toma posição sobre a liberdade e a tolerância (artigo de 26 de Agosto de 1920, no mesmo jornal), ora se debruça sobre questões de lógica, como o texto sobre o problema da indução, em artigo publicado na Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1920, ora, enfim, recorda António Nobre ou o significado de Camões para a fisionomia espiritual da Pátria.

Em qualquer destes campos, sempre o mesmo ar interrogativo e insatisfeito, madrugante talvez, de quem busca indagar, nos percursos dos génios ou nos rasgos da liberdade, a vida do espírito que perpassa na evocação dos mestres, contra formas mais ou menos coisificadas de encerrar o mesmo espírito em ideias feitas ou cartilhas transmitidas, incluindo as dos republicanos que pensavam salvar a República pela repetição cansada das mesmas palavras de ordem.

Como dirá um dia, na data da comemoração das Constituintes de 1820, texto transcrito em A Tribuna em vários números de 1921, «o homem que não sabe lembrar, não aproveitará a experiência anterior, não saberá orientar a sua vida, dirigir e organizar o futuro. Seria um perpétuo presente, de pronto mineralizado na vida inerte da matéria».

De facto, se alguma coisa têm de comum os Dispersos que aqui se recolhem é, justamente, a vitalidade da vida do espírito, mas também a vitalidade da vida segundo o espírito. E esta insistência mostra que Leonardo estaria já convencido, por este tempo, da fatalidade que assaltava a vida da primeira República, por não ter sabido viver, como dirá, simultaneamente «da lembrança e do esquecimento».

A este período de reflexão do começo dos anos 20 pertence também o pequeno e encantador texto Do Amor e da Morte, que por ter sido publicado apenas em 1922 fará parte do próximo volume.

Não podemos todavia deixar de lhe fazer aqui uma pequena referência por se tratar de uma obra que, a nosso ver, se encaixa na sequência da já publicada em volume anterior, A Luta pela Imortalidade, por comungar na mesma ansiedade metafísica de Leonardo, tentando recuperar o amor e não apenas o conhecimento para o campo da experiência e da metafísica, a que sempre ligou os seus textos mais significativos.

A obra maior inserida neste vol. iv é, sem dúvida, a que consagrou ao pensamento filosófico de Antero, autor que certamente o contagiou pela similar ansiedade metafísica que, tal como Leonardo, viveu e pensou.

Em O Pensamento Filosófico de Antero de Quental, publicado pela primeira vez em 1921, debate o autor, segundo José Marinho, o pensamento de Antero visto do prisma do conflito entre a fenomenalidade da experiência e a afirmação da identidade e permanência da razão.

Não é despidianda a questão de saber porque é que Leonardo se lembra de se lembrar de Antero. Trata-se de debater o pensamento de Antero em si, ou de clarificar o pensamento de Leonardo, nesta época, servindo-se duma tentativa filosófica respeitada e certamente controversa, como era a de Antero? Atravemo-nos a pensar que Leonardo Coimbra debate o seu próprio pensamento.

O que não quer dizer que Leonardo iluda a interpretação do pensamento de Antero. De facto, a própria construção da obra reflecte o respeito pela integridade do pensamento do autor de Tendências: começa por uma exposição sistemática do pensamento anteriano, utilizando fielmente os textos; avança para o estudo das correntes contrárias no seu pensamento; a seguir estuda os problemas filosóficos tais como aparecem postos pelo crítico das filosofias da natureza; termina com uma conclusão em que critica, à luz do seu pensamento, o pensamento de Antero.

O que Leonardo critica em Antero, como bem reconhece José Marinho, é a ideia de Ser dada como Absoluto idêntico. Esta ideia de afinidade eleática e mais recentemente espinosista e hegeliana modela a teoria da razão anteriana. E embora Leonardo reconheça que a exposição de Antero atinge, em certos momentos, uma rara beleza, porque conserva o elemento essencial do Amor, todavia «a doutrina da cousa exerce um desvio sobre o

seu pensamento, que dirige cada eu e todos os eus para um universal abstracto da substância ou dum princípio e não para o universal concreto da troca e da companhia».

Ou seja, «a função imobilizante da razão (função psicossocial) levou sempre Antero, encantado pela dialéctica do realismo idealista pós-kantiano, a tomar do real a função da cousa, como a mais própria às definições fixistas de identidade substancial e variedade de atributos ou modos».

E por esta via, conclui Leonardo, não há meio termo: «ou vence o eleatismo da razão e temos apenas Deus, que mesmo em Leibniz é a única realidade existente, pois as mónadas são proposições da sua tese dos compostíveis; ou vence o realismo percepcionalista e o movimento existe, e com ele, as cousas são o tipo da realidade».

Também Antero desenvolve a relação entre duração e imobilidade. Concedendo que Antero seja menos imanentista que «o germanismo que ele amava», acaba Leonardo por concluir que faltou a Antero a mediação na harmoniosa síntese «entre a razão imobilista e cousicista e a razão personalista e temporal».

Em suma, faltou a Antero a compreensão da mediação harmoniosa que persiste não só na reflexão filosófica mais aturada, mas também nas formas mais directas da consciência e da vida: na percepção e na memória, no amor e na acção, não encontramos um absoluto que absorva a relação, uma unidade que sacrifique a pluralidade.

A obra Adoração — Cânticos de Amor como se enquadra neste conjunto?

Publicada em 1921, como o texto sobre Antero, portanto, quanto sabemos, mais ou menos simultânea do texto interpretativo do Filósofo das Tendências, retoma este poema em vários cânticos uma linha que já encontramos em A Morte (1913) e mais ainda em A Alegria, a Dor e a Graça (1916).

De facto, também aqui, e de maneira mais vincada, se serve Leonardo duma linguagem lírica, para atingir não apenas um conhecimento do real, mas mais ainda uma imersão no real, opondo à velha concepção naturalista da realidade, muito vulgar em seu tempo, sobretudo nos círculos mais ligados às ciências experimentais, uma concepção do mundo que supõe uma interioridade e um infinito.

Aborda aqui o autor lugares de relação — os olhos, as mãos, a figura, a bondade, a voz, cantares e, finalmente, adoração — que recolhem memórias e símbolos.

A obra começa por «Laus divo» e termina com «Laus virgini», ou seja, começa com louvor à deidade e termina com louvor à ou ao virgem, havendo pelo meio referências à Senhora da Serra, à Senhora Aparecida, à Senhora da Graça, denominações que o autor conhecia e algumas via de

sua terra, bem como algumas referências ao Cântico dos Cânticos (a su-lamita) ou à Beatriz de Dante (Oh minha Beatriz...) e a toda uma memória cosmo-antropológica em que mergulha, para lá de denominações confessionais.

Trata-se, sem dúvida, dum texto místico, talvez do mais místico texto de Leonardo, certamente naturalista, que realiza, num grau mais elevado, o que o pensador portuense já escrevera em A Alegria, a Dor e a Graça: «A alma é a mais lata assimilação de um exterior por um interior que se não perde; é uma síntese progressiva, um ponto de realidade inundando toda a realidade. Assimilação tão profunda e vasta que todo o espaço abrange, que todo o Tempo é seu.»

Os restantes textos de Leonardo neste volume publicados mostram a permanência da generosidade do seu espírito, a sua enorme lucidez e a fidelidade aos valores por que sempre se guiou.

Merece especial referência, dentro destes valores, o sentido e o valor da liberdade como fulcro da pessoa humana. Aqui o encontramos no discurso parlamentar sobre «a questão universitária», publicado em 1919, onde critica a Universidade por não corresponder à evolução dos fenómenos sociais; e vários textos escritos em A Tribuna, diário republicano do Porto, num período que Sant'Anna Dionísio situa no «antecrepúsculo da Primeira República».

Defende então o princípio das maiorias contra os seus detractores, distingue a liberdade e o livre pensamento (contra novos dogmatismos), apela à responsabilidade dos jornalistas e ao seu dever de crítica independente, reflecte sobre a crise social e sobre o bolchevismo, evoca o exemplo de Unamuno, etc.

Pela positiva e nesta atmosfera — que Leonardo bem pressentia sem, no entanto, cruzar os braços — de declínio, da primeira República, olha Leonardo, talvez pela primeira vez de maneira não apenas alusiva, para o espírito do Cristianismo.

O texto «O espírito do Cristianismo» aparecido em A Nossa Revista, Mensário dos Alunos da Faculdade de Letras do Porto, que tinha fundado, faz uma relativamente longa meditação sobre o Cristianismo, antes de se debruçar sobre Jesus e S. Francisco de Assis, obras mais tardias, assimilando e certamente anunciando uma atitude nova em face do Cristianismo que sempre olhara com simpatia (mais o cristianismo que a Igreja), mas que agora se situa talvez num novo patamar: «procuremos ser justos e íntegros respeitadores da beleza e verdade e tanto mais quanto muitos dos outros (que se arrogam a herança de Cristo) são para nós a vil calúnia, a ignara solécia, a maciça estupidez».

Distinguindo a Igreja quando é «simples burocratismo ou organização guerreira e conquistista» do verdadeiro espírito do Cristianismo, Leonardo

faz aqui uma apologia da figura de Cristo, que anuncia já o pequeno texto sobre Jesus que publicará em 1923.

No movimento de vida e confronto pessoal e político, social e interior que foi afinal o percurso do pensador nortenho, encontramos neste vol. iv soberbamente ilustrada uma etapa que, mais tarde, já em 1922, Leonardo explicitará melhor num pequeno texto intitulado «O nosso caminho», publicado em A Águia em 1922, aquando da sua tomada de posse da função de director deste órgão da Renascença Portuguesa.

«No interior — escreve então Leonardo — encontramos a Pátria asoberbada de dificuldades económicas e financeiras, a República que quase todos nós os fundadores da Renascença sonhámos bela e pura, cheia das feridas com que as traições e o amor brutal de outros lhe têm cortado as carnes. Do exterior chegam-nos as vozes de todo o mundo, erguidas sobre tantos corações que a metralha esfacelou, a cantar a nova esperança, a dizer a crise duma civilização, onde a injustiça e o desamor fizeram seus ninhos.»

Perante este quadro, Leonardo lembra que «teremos de servir a Pátria com o enternecido carinho de filhos conscientes [...], temos de servir a República com a consciência de democratas que sabem o valor e o significado da Democracia e não querem uma República simples formalismo político».

O pensamento de Leonardo que aqui se publica por ordem cronológica com pequenos textos sempre emocionados que captam os rumores do mundo ou com grandes textos que reflectem as questões originárias e por isso originantes, como é o comentário interpretativo da obra de Antero, situa-se sempre naquela dialéctica entre a Biografia e o Pensamento, que é o timbre de Leonardo.

No exterior, estes textos revelam o apontar o rumo à República num período já de grande descrença diante dos ideais que lhe deram origem. Leonardo revela-se pela liberdade como constitutivo fundamental do homem e contra o formalismo, quer ele se manifeste na ideologia ou no livre pensamento ou mesmo na epistemologia das ciências (neste domínio é relevante o texto «O problema da indução»).

No interior, os textos ora publicados situam-se na segunda fase de Leonardo, como cremos, seguindo José Marinho, discípulo e grande comentador do Mestre, e antes daquilo que o mesmo José Marinho chamou a fase da transmutação, seguida à Razão Experimental, publicada em 1923, e que aparecerá em próximo volume.

Essa fase de transmutação é, de facto, anunciada quando, ao estudar a obra de Antero, Leonardo diz que o autor de Tendências não pôde chegar ao Cristianismo, por não atingir, como não atinge António, uma

das personagens de Do Amor e da Morte, o sentido substancial do amor, como co-essencial à Realidade.

Estando atento sempre a esta relação entre Biografia e Pensamento, o leitor deste volume terá mais uma vez o ensejo de deparar com uma alma verídica, naquele sentido que o mesmo autor definia logo a abrir A Alegria, a Dor e a Graça: «as almas verídicas (porque há aparências, esboços de almas) nutrem-se dum único alimento — o absoluto».

Porto, Janeiro de 2007.

ARNALDO DE PINHO

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

Prefácio

Breve seja o prefácio, diante da imortal beleza da obra!

Parabéns ao tradutor¹, agradecimentos à sociedade editora.

Se cada homem tem uma janela de sensibilidade por onde possa entrar a Beleza, não há quem mais suavemente lhe assalte essa janela, como fada de pés de oiro e rosa, subtis, finos, imponderáveis, que o divino Platão, vestido de auroras, polvilhado de oiro e tanto e tão rescendente que, ao nascer, as abelhas do Hime-to vieram, tontas de Sol, pousar em seus lábios apolíneos.

A evocação do seu nome faz em nós um movimento de asas, como vela enfunada osculando as ondas, como aeronave imensa, refulgindo ao Sol, a planar pelas Alturas.

Quem fez o Céu, quem desdobrou o firmamento?

Foi talvez Deus; mas Platão descobriu-o, a Via Láctea^(a) é o esplendor do seu pensamento apontando a rota magnificente.

Ele é, nessa lendária Hélada, o maior e o mais belo, nesse céu de assombros, o mais rútilo diadema da própria divindade.

Em seus olhos desmesurados se abisma o rio de Heraclito sem apagar o *fogo* sereno e eterno de consciência, brilhando das funduras desse abismo.

Na sua frente majestosa poussa a imobilidade *eleática*, ficando a ser apenas o reflexo da grande harmonia *pitagórica* em que o mundo para lá dos *números* se lhe revela em *ideias*.

E o *Fédon* é dos seus mais belos trabalhos.

É indefinida, e até infinita, a riqueza educativa dessa obra.

¹ Não é elogio: é agradecimento mútuo, somos pessoas delicadas.

^(a) No prefácio figura «via láctea».

Para eu lançar ao rosto dos nossos ensinantes a sua pouca altitude e exaltação e amor da Beleza e da alma humana, me basta dizer que só a mim me sei como tendo lido, feito *reler*, *repensar*, *ressentir*, em aulas, o alto e divino diálogo platônico.

E até sei de inanimados brutos que julgam as almas juvenis incapazes de compreensão para tanto!

Quem os falou, os encheu de murmurosa vida, os diálogos dos filósofos gregos?

Foram os velhos tontos, com óculos partidos, poesia e loja de ferro-velho dentro da alma?

A obra de Platão é um cântico e o bebé de meses ensaia a palavra cantando, excelentíssimos estúpidos!

Desanuviando; Platão clareia.

O *Fédon* é um drama, uma ética, uma teoria do conhecimento e uma metafísica — esse o genial segredo do seu hipnotizante interesse.

O *Fédon* contém uma teoria do conhecimento.

O conhecimento humano a si mesmo se garante, pois que, errando, se emenda.

O erro e a verdade, o conhecimento enganando e o conhecimento exacto, eis a primeira dicotomia.

Ora o conhecimento vulgar, a opinião que os homens se fazem da realidade, é levado de encontro a dificuldades insuperáveis, que lhe fazem um corpo contraditório e caótico.

A opinião é, pois, um ser inviável, destruindo-se a si mesmo.

Como isto é verdade, sobretudo em Portugal e se um segundo reflectirmos sobre a senhora opinião pública!

Ao lado desse conhecimento aleatório, vive, incorporando, informando e organizando a realidade um conhecimento exacto e seguro, como o geométrico, por exemplo.

Já o corpo complexo das sensações se tinha desvendado a Pitágoras em relações numéricas.

Platão quer mais — o número é uma ideia, é já um sistema de ideias, comunicando da paridade ou imparidade, sendo primo ou não, etc.

Mas o número não basta a fixar o que é sob o que *parece*, a desarticular a *aparência* em elementos da *essência*.

Há mais constantes de ser, elementos da autêntica realidade. São as ideias.

Ao pensamento incoerente da opinião substitui-se o pensamento dialéctico, que é um corpo feito de harmonias, adaptações e acordos.

O pensamento dialéctico não é simplesmente o pensamento lógico, obedecendo a certas leis formais, é o pensamento experimental pondo de acordo as relações da experiência.

As categorias de Aristóteles são, em relação ao pensamento dialéctico de Platão, um movimento de abstracção formalista, que, útil como instrumento, seria inferior como valor metafísico.

A dialéctica de Platão faz o acordo do pensamento consigo mesmo, mas do pensamento experimental e concreto, pleno de vida real.

A única diferença entre a dialéctica platónica e a *dialéctica científica* moderna está apenas no melhor e maior valor da experiência científica pelo instrumentalismo que a amplia e aprofunda.

Os métodos são os mesmos na essência, a aplicação é que, saindo das matemáticas para as físicas, os diversificou nos modos.

Uma teoria física, e toda a física científica e teórica, é, segundo Duhem, uma dialéctica.

Toda a ciência é experiência e a experiência não é mais que uma coordenação conceptual dos pensamentos praticantes.

Há ingenuidades na apreensão do elemento ideal que constitui a realidade?

Há, com efeito, a suspensão da análise em complexos que mais tarde se irão desdobrar.

Mas, se o fogo não é elemento, era-o o flogisto, é-o sequer o átomo do oxigénio que ocorre à combustão?

A dialéctica platónica é uma dialéctica científica, provisória nas conclusões, definitiva no seu espírito de pesquisa do invariante sob o fluxo, do princípio sob o fenómeno.

Mas é a sua própria dialéctica que se desdobra e analisa e, reflectida, dará uma teoria do conhecimento.

Já no *Fédon* se comparam cousas e grandezas, distinguindo-as em maiores e menores.

Mas, como fazê-lo sem unidade de medida, isto é, sem a ideia de igualdade e adição?

E onde no mundo sensível existe a igualdade?

Em parte alguma; logo é um *a priori* do conhecimento e eis aí todo o gérmen do kantismo e congéneres.

Mas Platão é um heleno, amante da vida e da beleza, não rumina, medita e canta — se descobre como pensamos é porque quer saber como somos.

O *Fédon contém, por isso, uma metafísica.*

A descoberta dos apriorismos de pensamento aparece no caminho do esforço para demonstrar a existência original da consciência.

Foi numa vida anterior que conhecemos as ideias puras, que são apenas apriorísticas em relação à vida actual, elas são reminiscências de outras vidas.

Esta hipótese, que não é obrigatória, é todavia muito bela e verosímil.

Não as ideias puras vistas passivamente, mas a experiência anterior da alma aproveitando à sua posse actual do mundo, pelo conhecimento.

A irreduzibilidade da consciência a epifenómeno mecânico ou químico é que este argumento bem demonstra e mais tarde Platão o reproduz em outros termos perante a explicação epifenomenista, por ele mesmo levantada.

É o caso da lira e da música para paralelo do corpo e da alma.

Mas a alma dirige e actua, é uma actividade governando o corpo.

Sim, com efeito, a lira e a música são apenas a tradução visual e táctil dum lado e a auditiva de outro lado do mesmíssimo fenómeno. As quimiofísicas cerebrais são apenas a *consciência* de outro fenómeno que o da consciência que as acompanha.

A sua metafísica atinge a existência de mónadas, cuja evolução, pelo brilho sedutor e pelo amplexo de grande Unidade em que convivem, constitui a própria realidade essencial, a vida, a verdade, beleza e bondade do Universo amigável e fraterno.

A *moral platónica* é o sulco da nossa alma exultante, em ascensão para a Ideia última, síntese animada e viva de todo o ser, para o Supremo Bem.

É o próprio *Fédon*, drama do homem virtuoso, do homem Sócrates, subindo da confusão e do erro sensual para as serenas regiões de maior valia, que a sua heróica, compreensiva e amorosa vontade *escolheu*.

E a serenidade, quente de alento interno, repousada mas invencível, com que Sócrates caminha para os Campos Elísios, é o próprio sulco da Beleza, a esteira sublime duma alma, que, de céu a céu, perpassa, iluminando a terra do imperecível fulgor da consciência.

Quem, lendo Platão, se não sentir inteiramente mergulhado em luz, flutuando nas ondas do imenso oceano etéreo, é a própria fealdade petrificada.

Ler Platão é cantar, sorrir, vogar em Beleza!

Que a nossa mocidade o leia, há-de sentir o peito alteado de orgulho, a fisionomia animada e forte, expressões dum íntimo

movimento harmonioso e contente, que é o próprio bulício das asas da Alegria dentro do coração desperto.

Teorias de efebos, cantando o eterno triunfo da Aurora...

Quinta de Balazar, 1-9-18.

[In Platão, *Fédon* — *Diálogo sobre a Alma e Morte de Sócrates* (tradução de Ângelo Ribeiro), Porto, Renascença Portuguesa, 9 de Janeiro de 1919, pp. 7-13.]

Sobre a guerra mundial

Chegou a Vitória!

Uma grande primavera de alma vai pelo mundo além de nós, que desde o primeiro instante afirmámos a vitória, porque ela era de Deus, sentimos novos canteiros floridos em nosso jardim espiritual. Em 1914, quando a França mudava a sua capital, escrevíamos para um jornal de província: «A França vencerá porque do seu coração ideal saem as forças religiosas, indefectíveis e eternas...».

Interrogados sobre a guerra, em Outubro de 1915, por um ilustre escritor francês, escrevíamos para a revista *La Vie*: «Je vous écris du fond d'un très doux village portugais, mon pays natal, les yeux tournés vers la belle France, *le coeur religieusement certain de sa victoire...*». E, depois de definir o valor da França no significado cósmico da existência, terminava: «À l'abri de votre grande chanson d'Amour, l'ennemi aiguisait ses griffes.

Le dernier couplet vous a laissé aux lèvres une invincible fermeté.

Vous combattez les lèvres serrées, l'âme illuminée par votre passé et toute brillante d'énergies renouvelées.

Vous êtes beaux dans toute la force du terme.

La meilleure part de mon âme, celle où demeure la responsabilité métaphysique que nous sentons vivre en nous quand, les yeux sur les astres, nous nous figurons être des parcelles conscientes de l'Univers, la meilleure part de mon âme vous donne humblement son baiser».

No meio do mais impetuoso dilúvio da cólera germânica, no princípio do assalto a Verdun, tendo nas mãos o nosso livro *A Alegria, a Dor e a Graça*, escrevíamos, entre dezenas de afirmações da vitória, esta frase para meditar: «A derrota da Alemanha é, numa boa parte, feita da dor dos belgas».

Em 1916, em um número único sobre a guerra, da revista portuense *A Águia*, escrevíamos um estudo chamado «O Sentido da Guerra», onde definíamos o conflito do espírito amoroso e criador com a matéria bruta e escrava e mostrávamos qual a única atitude possível e digna de Portugal no grande Conflito.

Na revista *Atlântida* escrevemos sobre «A insubsistência dos valores germânicos» palavras, que, neste momento, são sangrentas realidades floridas.

Algumas conferências fizemos, entre as quais ficou célebre a última de há 5 meses sobre o significado espiritual da guerra como experiência moral preparatória de novas sínteses religiosas e sociais, dum novo Direito humano. Eis os pergaminhos da minha fidalguia, bem necessários neste momento em que toda a estupidez e covardia humanas, abrem olhos espantados diante da magnífica realidade, que no fundo da minha alma brilhou, serena e firme, desde a primeira hora.

Quero o direito à minha Alegria, para que o riso seja exultante flor de vida e não simples ruído de loucura. E, porque o germanofilismo só desapareceu dos lábios, mas ainda vive em muitos pensamentos, quero as minhas palavras a abrirem a essência da sua religiosa verdade.

O germanismo foi uma idolatria. A idolatria é uma conversão em ideal consciente dos *elementares e inqualificados* movimentos da sensibilidade, que acompanham a *informação* aristotélica da quantidade.

A quantidade é metafisicamente a indeterminação, a simples possibilidade de ser.

A mais simples *informação* da quantidade é feita pela *relação*, que dá o número, e já então se atinge a realidade pitagórica, que, subindo de relação em relação, irá até à consciência, única imagem da realidade última, que possa dar verdadeiras emoções religiosas, atravessadas de dinamismo moral, pairando livre sobre todas as idolatrias.

Se pela minha sensibilidade me limito a fazer um movimento de apreensão dum grande volume, como a Montanha ou o Mar, serei um simples idólatra.

Se, nesse movimento, eu repito o abraço da gravidade que sustenta a Montanha e o prolongo no grande abraço sideral que lhe perturba os cumes ou arremessa as ondas à cara amortecida da lua, eu comungo a majestosa Unidade, que da harmonia das esferas me ergue e exalta até à grande harmonia das almas.

Ora os movimentos idólatras da sensibilidade são os mais fáceis, eles, porventura, impulsionam a seiva que a mão da primavera acorda nos troncos das árvores, eles sibilam nos grandes estómos amorosos dos animais, eles arrebatam o homem nos amores da fatalidade que a alma não quer, mas a que se submete, escrava e mísera.

Eles dão a grande absorção panteísta, os monismos desérticos e aniquiladores, porque onde falta a *relação*, a alma da razão dinâmica, surge um abstracto absolutismo de raça, de espécie ou de classe.

Tanto assim que o germanismo se fez pangermanismo, a invasão monista tentando apagar as máscaras vivas, que, no Universo, são a diversidade para que só a mutuação e o amor abracem e unifiquem.

Uma grande onda diabólica cobriu o planeta, Satanás assimilando, querendo-se uno e absoluto; mas, como depois de certas chuvas as formas ressaltam mais nítidas e preciosas, o mundo brilha hoje de religiosos olhos humedecidos de gratidão e louvor.

Satanás há-de aquietar-se, reduzido ao seu modesto papel de transitório acicate duma evolução, de revelador da tenuidade das relações do amor que a Vida foi atando e de que, por vezes, se esqueceria.

Semblantes violentamente mutilados ou escondidos regressam à vida e a reconstituição social do planeta terá de fazer-se dando amoroso espaço social a todos os povos e pátrias sob pena de os aliados não terem integralmente triunfado do sectarismo germânico.

É essa obra que todos devem tentar, fazendo-se livres em suas almas, mas de verdadeira liberdade, que consiste em procurar com os outros as leais relações duma fraternidade universalista.

Contra a idolatria e pela incessante espiritualização da vida!

Dezembro de 1918.

(*Atlântida*, Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, Lisboa, ano III, vol. IX, n.º 33-34, 1919.)

Carta-Prefácio

Meu caro Ângelo:

Pede-me um prefácio para o seu esplêndido livro, que é, para mim, uma consoladora e amável homenagem.

Que hei-de dizer-lhe, meu amigo?

Antes de mais nada, dá-me você uma grande alegria.

Nesta terra de analfabetos e homens de letras, em geral muito abaixo dos analfabetos, os que pensam com dor e profundidade, os que sentem pensando e pensam sentindo, passam ignorados ou mal conhecidos pela parte episódica da sua vida.

É assim que todo o meu labor filosófico, todo o meu trabalho emotivo, ainda há pouco, você o sabe, foram esquecidos para me emprestarem nos jornais uma fisionomia de político, com amigos políticos (*votos?!)* e tudo.

Isto tem o seu lado trágico: bem mostra como é difícil inscrever no espaço («objectivar», em linguagem filosófica) a verdadeira máscara da nossa intimidade.

Já pensou, meu amigo, como somos diferentes na apreensão alheia e como a opinião que os outros de nós fazem é a mão brutal da fatalidade a deformar o modo essencial do nosso ser?

A flor da consciência é a mais trénuva e hesitante, mal pode abrir as melindrosas pétalas no vendaval que a brutaliza.

A sua homenagem é a boa e doce brisa, que toma a flor, que a embala, na repetição acalentadora da sua forma.

Uma luz se acende no Espaço e uma outra responde ao seu apelo — duas consciências em companhia na imensa solidão e bruteza do ambiente.

Muito obrigado.

Depois o seu livro é uma doce evocação da mais bela e olímpica poesia dos tempos.

O pensamento grego é a atmosfera mediterrânica das almas.

Há doçuras, suavidades, visões e imagens, que só nessa atmosfera podem abrir. Sem esse pensamento, o planeta seria exílio, apenas.

O planeta-jardim, fragmento celeste, bastante alegria de ser, são flores do pensamento helénico e só hoje revivem em tal atmosfera.

Um livro é uma simples massa mecânica ou um formidável condensador de pensamento, como o explosivo que é simples peso ou, diante do reagente próprio, reservatório de energias, arremessando gestos, fragmentando, estilizando. Não dorme o fogo no próprio coração das pedras?

Assim os filósofos gregos: cadáveres pulverizados ou astros de sereno e imaculado fulgor.

Medir e pesar a poeira dos seus corpos é ainda um acto piedoso e simpático, obra dos humildes trabalhadores sem talento, que são os eruditos.

Filtrar a luz das suas almas e nela reacender os corações é obra mais viva e animada, mais jeovaica.

Jeová fez um mundo, onde a morte penetrou e, se Cristo lhe trouxe a nova vida imperecível, o artista é um pequeno redentor ressuscitando as cousas mortas.

Onde o artista poussa a alma ressalta uma fâsca de animação e vida, como se o nosso olhar, perfurando os olhos dum cego, lhe reacendesse as cinzas amortecidas. É o Fogo de Heraclito animando o Universo e, do fundo das cousas, respondendo ao nosso amoroso chamamento.

A arte é uma obra de ressurreição; quando revivemos um artista morto, o seu espectro é ao nosso lado, convivendo e amando.

Os maiores poetas gregos foram os seus filósofos e os seus trágicos — uns pela luz que espalharam, outros pela sua imensa sombra de Fatalidade.

Os filósofos foram os pontos seleccionados e venturosos, onde a flor da consciência foi abrindo, os trágicos os poços, onde a sombra espavorida se foi abrigando. Mas ao alto e no fundo desse poço brilha o astro-consciência, atravessando a sombra e a si regressando em serena imagem reflectida.

E a vontade socrática é a força prometaica modelando uma fisionomia caroável à própria Fatalidade.

O meu caro amigo, repetindo, em pura emoção intelectual, em adequado conhecimento, os grandes pensamentos eternos, ergue diante de nós a sonoridade apolínea do «verbo antigo», que é o mais próximo do LOGOS criador.

O seu livro tem, pois, a beleza duma autêntica obra de arte, reunindo e ressuscitando o que para nossos olhos mortais era morto, e para a nossa simpatia e acordo é imperecível e eterno.

E tal é o poder criador do pensamento, que revive adequadamente, sob espécie eterna, que você, meu amigo, levanta, diante de nós e no mesmo movimento, a alma e a paisagem helénica. Tanto a paisagem é alma, e a alma é convívio, comunicação natural!

O rio de Heraclito é tanto o rio que flui fora de mim, como este mesmo rio que, entrando-me pelos olhos, é o próprio movimento do tempo discorrendo.

A Imobilidade eleática é a omnipresença divina, a Unidade cósmica, e é a serenidade olímpica do Ar helénico e deste azul extático em que a Vida parou para meditar.

O próprio Diógenes caminhando não perturba essa atmosfera repousada, pois é mais um raciocínio em marcha, a «forma» e «alma» do movimento, que um corpo trocando relações.

E a lira de Pitágoras é para além do som, que só para o homem desatento e estúpido é inexpressivo, a relação numérica, a proporção que liga e une as cousas em fraterno convívio e universal comunicação.

É também o concerto destas vozes que das encostas se levantam, e por cima do rio se chocam em unidade perfeita, subindo aos céus como a prece da Noite, cantando.

A graça, o encanto delicado e incoercível do Amor, que tudo une, tudo «é» e em nada se resume ou esgota, é o verbo de Empédocles e o ar rarefeito e quieto da Montanha, a sua Solidão e Silêncio, cheios da presença divina e sem forinas, que aos ouvidos nos murmuram místicas palavras de universal, plácido e repousado sentido.

Um apaixonado intérprete da alma japonesa fala-nos da exactidão dos desenhos japoneses da natureza, lembrando que nós, os ocidentais, refractamos a natureza através da mulher.

Da mulher e do homem, e refractamos o homem através da natureza.

É uma osmose permanente e circular, pintando a natureza com as cores humanas, que, por sua vez, nada mais são que as tintas dos seres e cousas conviventes.

O povo que tem lendas de luz oriental, onde a última água dum reduto sitiado é poupada porque uma trepadeira se alcançou poço acima, não trará a natureza dentro de si, não levará dentro da alma flores e insectos doirados?

O seu livro é uma paisagem, e tão doce, serena e pacífica que ninguém deixará de trazer da sua leitura um coração ampliado, tranquilo e contente.

As suas águas deixarão frescura para sempre, porque, se a água murmurando foge, Heraclito a vê correr de tranquilos olhos imortais.

Nossos olhos mergulham na luz sereníssima da Grécia e um delicioso repouso nos acalenta o coração oprimido.

A vida foge, transita e morre; mas a memória é de guarda, e na íntima luz do seu firmamento brilham imóveis, fixos e serenos os astros do pensamento eterno.

Você é um adorável astrónomo e é quase infantil a alegria com que nos aponta o céu.

Muito bem.

Quanto ao público, não se importe: o nosso primeiro dever é desprezá-lo; só assim bem o estimaremos, para que medite e suba até ao melhor de nós mesmos.

O diabo duplica sempre as obras de Deus com os seus arremedos cómicos, e, como o público é mais do diabo que de Deus, são esses arremedos os ídolos do seu tempo.

E vestem bem e «estilizam», porque o diabo é janota, e agrada às mulheres, porque elas, em regra, são superficiais, olhando apenas a tatuagem da epiderme.

Deixá-los.

O meu amigo começa por uma admirável obra de intelectual amor, não faz inúteis, insignificantes gestos de bailarino, entra de pronto no coração da vida e canta-a, revivendo na sua voz os mais sérios e religiosos movimentos de compreensão que a alma humana soube atingir.

Um grande abraço do seu amigo e camarada

Quinta do Tourago, Amarante, 26-8-1918.

(In Ângelo Ribeiro, *Verbo Antigo*, Lisboa, Livraria Ferreira Editora, 1919.)

A QUESTÃO UNIVERSITÁRIA
(DISCURSO PARLAMENTAR)

- 1.^a edição: Lisboa, Portugal-Brasil, L.^{da}, Sociedade Editora; Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, Livraria Francisco Alves, s. d. [1919].
- 2.^a edição: Lello & Irmão, Porto, 1983.
- 3.^a edição: a actual.

A questão universitária volta até mim depois de ter percorrido todos os lados da câmara.

Ao começar essa questão evoquei a memória dos momentos solenes deste parlamento, nos quais, aqui, bateu bem alto o coração da pátria.

E evoquei-os para que de sentinela ficassem às minhas palavras, estorvando-as da mesquinhez da vaidade ou da obstinação do capricho.

E se a discussão fugiu, depois e por vezes, do tranquilo mundo das ideias para a pugna pessoal, sabe-o V. Ex.^a, sabe-o a câmara, que minha não foi a culpa.

Ao retomar a questão eu quero de novo exaltar a minha dignidade à altura de falar para a Pátria. //

E é com os olhos no futuro que começo a pensar as palavras do meu discurso. 6

Nós chegámos a um desses momentos críticos da história da evolução da humanidade, em que uma transmutação e criação de valores vão tornando erróneas as categorias sociais e as fórmulas políticas.

Todos os dias as ciências dão à técnica social valores novos que ressoam de canto a canto do mundo. Por exemplo a navegação aérea e a telegrafia sem fios são imperiosos motivos de aceleração social.

A adaptação à vida actual vai-se fazendo com uma herança que não é suficientemente maleável, porque encerra uma parte de crença, cuja evolução caminha sempre em atraso.

Daí os momentos de crise, como o que atravessamos, em que as inteligências mais audazes e as imaginações mais livres vão ensaiando as novas categorias ou normas. //

Ensaio que são o pequeno ponto inicial de uma ondulação, que há-de abraçar toda a sociedade. 7

O dinamismo dos fenómenos sociais está no sentimento, mas, sendo os sentimentos a tonalidade afectiva dos pensamentos, é pelo pensamento que se dinamizam os sentimentos.

Daí a possível eficácia social das obras das inteligências bem assentes na realidade e dos voos das imaginações, que se desprendam das mortas associações tradicionais.

A EVOLUÇÃO DA CRENÇA

A *crença* não é mais que a força de coesão entre associações de certos estados psíquicos, associações que representaram a atitude social de uma época.

Ora essa coesão é na maior parte dos espíritos de uma tão grande força de inércia que aparece como a sua própria essência.

8 Até nos filósofos uma grande parte // dos chamados inatismos e apriorismos resulta do sentimento de segurança de certas associações.

O homem de génio não é só aquele que aproxima e associa ideias ou estados psíquicos aparentemente alheios entre si; é, sobretudo e essencialmente, aquele que dissocia e afasta certos estados psíquicos, vencendo uma coesão, forte de toda a herança da raça.

Não foi, com efeito, menos genial a dissociação dos estados psíquicos referentes à nossa posição sobre o globo terrestre e ao nosso sentido de orientação, permitindo a concepção dos antípodas, que a associação newtoniana da queda dos graves com a aceleração centrípeta da lua.

9 A força de inércia ou coesão das associações é a grande força conservantista das sociedades, é como uma memória social implícita, hipnótica, parente dos instintos animais. Pertence à massa ignara. A força de dissociação e criação de novas associações pertence, singular e // esporadicamente, aos génios; pertence sistematicamente aos organismos intelectuais superiores, que são a parte lúcida e criadora da consciência colectiva.

Nesses organismos contam, desde o século XII, as Universidades.

As Universidades são, pois, grandes factores de evolução da *crença*. E assim é que sempre que um bando tenta impor uma crença, adormecer o espírito humano num dado associacionismo psíquico, esse *bando* vai à conquista das Universidades.

É deste modo que a um período de esplendor da Universidade portuguesa segue, em D. João III, a conquista pelos jesuítas do colégio das artes e depois a confirmação da Universidade de Évora, sendo obrigatório o curso do colégio das artes para a matrícula na velha Universidade, e vindo a conseguir que os jesuítas graduados em qualquer Universidade fossem como graduados na Universidade de Coimbra.

Começa sempre por pedir a *liberdade // de ensino* para se introduzir, e depois irá, sempre que possa, até exigir o monopólio do ensino nas suas mãos. 10

É por isso que agora se tenta de novo a *liberdade do ensino*, que foi, diga-se de passagem, uma das mais sedutoras promessas do programa dezembrista.

Foi a esta luz que sempre olhei as Universidades, e, quando da minha nomeação para ministro, numa entrevista do *Mundo* eu disse que a nossa Universidade, embora cheia de valores isolados, não correspondia à sua alta missão social.

Culpa dos professores? Culpa dos governos? Culpa desta desgraçada atmosfera de incompreensão e hostilidade que tem envolvido a vida política da República?

De tudo e de todos, ela é um pouco.

Com efeito, onde o seu carinhoso amor por o povo, terra e seiva da sua existência?

Onde e quando a vimos, de lâmpada na mão fraterna, guiando os incertos passos desse povo? //

Onde e quando a vimos, sacerdotisa da verdade, guardando o fogo sagrado da Pátria, dando ao seu coração os estímulos do alento, à sua boca as palavras da certeza e da vitória? 11

Não houve, na guerra europeia, um momento único da história?

E quem disse ao povo, quando ia dar os seus filhos ao lume vivo do patriotismo, que eles lhe seriam restituídos em imortal beleza redentora no futuro da Pátria dignificada e engrandecida?

Foi ela, a sua Universidade?

Não; ela foi de um silêncio apagado, onde nem a ressonância de um eco erguesse o fantasma da lembrança.

E os seus soldados, fortes da crença da Pátria, foram ignorando a magnitude da sua beleza, no desconhecimento da grande, fecunda e dolorosa experiência em que iam cooperar.

A alma da Pátria, a alta consciência da raça, não encontrou acolhimento no seio universitário.

12 E, quando, por consciente traição de // uns, por errada política intelectual de outros, o defectismo corrói o coração português, o mesmo apagado silêncio de morte cerra os lábios do espírito universitário.

Era a Universidade a alhear-se das questões políticas?

Mas, então, a dignidade da pátria, o amor ao soldado de Portugal é privilégio de algum ou alguns grupos políticos?

Mas, então, uma Universidade declara-se estranha à política, que é a *técnica* das realizações sociais?

A LIBERDADE E AS UNIVERSIDADES

A Universidade falhou nesse momento, porque não a animava um nobre espírito de liberdade, uma lúcida compreensão humana da grande experiência de dor e amor que se ia fazendo.

Um nobre espírito de liberdade, disse eu.

13 Sim; essa capacidade de quebrar a coesão psíquica de sentimentos e ideias, // de aproximar com originalidade ideias, sentimentos afastados, é a melhor parte da liberdade.

A liberdade não é a permissão de fazer, nem a possibilidade de fazer ou deixar de fazer um acto.

Sou livre, se, escrevendo, me furto de algum modo ao que é simples associacionismo ou crença comum e, separando ou aproximando processos psíquicos, alguma novidade introduzo na vida.

Sou livre, se, actuando, as minhas acções são de molde a aumentarem o acordo da minha vida interior e o acordo com as outras vontades conscientes.

Não discuto agora a existência de um determinismo superior que me obrigue, escrevendo ou agindo, a fazê-lo da maneira como o faço.

Tomo o problema partindo deste ponto inicial, porventura provisório, mas necessário postulado da nossa vida moral.

14 As Universidades serão, pois, os templos da liberdade; mas templos de um deus vivo e criador, diligente e alerta, // como imenso coração oculto continuamente animando a imensidade dos seres e dos mundos.

Esta liberdade não é a faculdade de ensinar todas as doutrinas e deixar contestar todas as afirmações, como, gravissimamente errando, disse um senhor deputado nesta câmara.

Ao ouvi-lo, evoquei as cenas da minha memória em que os cábulas faziam o mimetismo dos *ursos*, declarando no princípio

de cada lição que não podiam concordar com a doutrina (que eles ignoravam) exposta a páginas tantas.

Lembrei até um estudante de matemática não concordando com um determinado teorema.

Essa falsa liberdade é simplesmente uma caricatural inversão da verdadeira liberdade.

Fazer uma discussão em torno de habilidades é simplesmente esquecer que o alimento espiritual da liberdade é a procura da verdade e não da simples vitória verbalista. //

É claro que todas as doutrinas se podem ensinar, mas depois de ter despertado no estudante o espírito de liberdade que lhe permita o passeio por entre essas doutrinas, sem que o hipnotismo o fixe de vontade adormecida em qualquer ponto brilhante do seu horizonte.

15

A livre discussão sim; mas tendo o aluno de amar a verdade e saber que existe a honestidade do pensamento, que é o próprio fundo e alicerce do carácter moral.

Mas a livre discussão sem uma liberdade que discuta é o livre passeio do homem sem pernas ou o livre voo do animal sem asas.

Cortai as asas à águia e soltai-a depois de cima do penhasco bravo, sobranceiro ao abismo.

Heis-de ver a senhora das alturas tombar, lacerada e sangrenta, até ao fundo desse abismo, onde pousará na rígida quietude da morte.

Adormecei essa capacidade de associar e dissociar estados psíquicos, de // levar o pensamento a todos os recantos do horizonte espiritual, fixai num só ponto a atenção da consciência e em volta serão ondas de vida, batendo inutilmente a bruteza de uma ideologia petrificada.

16

A alma humana é um ressoador universal, ela repete a forma e o ritmo de todas as vibrações.

Um educador pode muito bem ser aquele sinistro fantasma do nosso medo infantil, que, apertando o crânio entre as mãos gigantescas, prefigure a feição e a modalidade do nosso ser psíquico.

Aquela torva figura que, de noite e às escondidas, ande envenenando as fontes, que amanhã vão correr para a avidéz das gargantas sequiosas.

Aquele que nos adormeceu, e, enquanto dormimos, andou cortando os delicados fios de sensibilidade que nos prendem aos estremecimentos do Universo.

17 E depois, enredando nas suas mãos criminosas esses fios que já não // conduzem compreensão e harmonia, pode muito bem dar-nos a liberdade nominal dum movimento, que tem por centro e lei as ligações por ele estabelecidas.

Liberdade! Liberdade! Palavra tão carregada de vida e beleza, que tens levantado o peito do pensador em delicados frêmitos de ternura, subtil e incoercível como a aragem da manhã; que tens soerguido o amplo arcaboço das multidões, como o vento do mar alto o imenso corpo das águas; que tens irrompido, como o coração convulso da terra, em crateras de fogo, arrojado à própria face do Sol!

Oculto, longínquo astro do cristianismo; profundo coração da ciência e da arte; sol sempre abaixo do horizonte, mas eterno, esplêndido arrebol duma aurora, nossa companheira desde o primeiro homem; esperança única; corpo, sangue e alma da nossa alegria!

18 Prometeu conquistando o fogo, Cristo vencendo a morte; heróis, santos e mártires fazendo de suas pobres vidas // transitórias a vida imortal das pátrias!

Do corpo da nossa Universidade filtra-se, porventura, esta luz serena da liberdade, atravessando-o, iluminando o solo e as almas da nação?

Já vimos a sua impotência de afirmar perante a grande guerra, a sua ausência do renovamento social que se está fazendo.

SINDICALISMO E SOCIALISMO

Longe de tomar o seu legítimo e digno papel de directora da evolução, de descobrir a síntese das tendências separatistas, procurar a unidade dos pluralismos díspares em que a luta de classes vai fragmentando a sociedade, ela, a Universidade, vai passivamente na fatalidade dessas tendências.

É assim que procura constituir-se em sindicato de classe, aspira a uma *autonomia estioladora*, que, isolando-a da vida e das realidades sociais, a faria regressar a um conventualismo arcaico. //

19 Se me fosse permitida uma imagem, que tantas confusões tem já produzido, falaria dum cérebro, que, para pensar melhor, cortasse todas as ligações com o resto do corpo, com os próprios órgãos dos sentidos.

É fácil de perceber, no entanto, para onde a simples ideologia sindicalista, e que não era a da autonomia que a República quis dar às Universidades, arrasta as sociedades.

Só a íntima solidariedade económica da vida moderna inibe um parcelamento feudalista; mas, sendo essa solidariedade apenas um facto, ela não serve de síntese aos vários egoísmos parcelares.

Daí uma contradição viva no coração das próprias reclamações sindicais, quando uma classe em nome do seu egoísmo lesa as outras ao ponto de receber em choque de retorno um dispêndio maior que a vantagem conseguida.

Pois é para tão contraditório assistematismo social que a Universidade corre às cegas, na fatal corrente da inércia. //

E, no entanto, a própria evolução social tem já esboçado a possível unificação dos separatismos profissionais e económicos das modernas sociedades.

Algumas tendências de unificação, ainda que muito abstractas, vão mostrando o possível caminho duma unidade, que tem de fazer-se sob pena de morte para toda a civilização.

Pertence ao socialismo renovar a sua ideologia, coando-se dos excessos marxistas que deixam o homem na altura dos celerados; vindo até uma humanidade menos abstracta onde as pátrias não apaguem as fisionomias para se poderem concertar; libertando-se de doutrinas, como o darwinismo, que lhe andam ligadas pelo simples acidente de terem sido auxiliares contra dogmas inimigos; tomando consciência de que são conceitos como o de Beleza e Justiça que podem dar marés espirituais de força a comoverem todo o organismo das sociedades.

O problema consiste na descoberta // duma aceitável síntese do nobre individualismo e da solidariedade, síntese em que a força de intimidade dos sentimentos de família se não superficialize na vastidão da fraternidade humana, que realize a bela fórmula de Guyau da equivalência entre a interioridade ou profundidade da vida e a sua exterioridade ou vastidão.

A propriedade estética realiza esse ideal; não será, então, possível um embelezamento gradual e permanente do trabalho de modo a dar ao inventor, legítima origem do capital, a emoção artística da comunicação e generosa dádiva?

Eu sei que a emoção dada por uma obra de arte se multiplica pelas sensibilidades que a repetem e que para uma boca faminta o pedaço de pão de outra boca só aumenta a dor da sua fome; mas sei também que, havendo pão para todos, a reunião em banquete multiplica o prazer de cada conviva pela alegria de todos os outros.

Já que, Sr. Presidente, as minhas // palavras vieram para a síntese socialista, permita V. Ex.^a que rapidamente defina atitude.

Eu sei que a opressão económica torna precária e muitas vezes ilusória a liberdade política.

Compreendo, pois, a afirmação feita por alguns socialistas da sua indiferença em matéria política. Mas o raciocínio resulta duma vulgar confusão entre o real e o ideal, confusão que, entre republicanos, tantas vezes se revela dizendo que não é *esta* a república que sonharam.

Sim; a república do nosso sonho nunca será a república da nossa realidade, como nenhum movimento concreto dum corpo traçará a curva geométrica pela qual aproximadamente o definimos.

Também a liberdade política não é mais que um esforço de consciências vencendo em pontos, perdendo numa grande extensão do corpo social.

Mas, porque nem todos os poetas trazem beleza nas suas obras, é isso motivo para desarmarmos a Poesia? //

23 A liberdade económica, que não é a licença de tudo fazer do chamado liberalismo, mas que é o máximo acordo na produção, distribuição e consumo, só pode conquistar-se pela liberdade política. A verdadeira ideologia socialista terá, como indispensável base, a conquista da liberdade política; é, pois, fundamentalmente republicana.

De resto, sem o entusiasmo dos ideais nobres não é possível a gestação de novas fórmulas da vida social, e, só por si, a liberdade republicana basta à emoção das almas superiores, ao dinamismo das inteligências verídicas, porque a liberdade é viva e só crescendo pode existir.

Foi a própria liberdade na sua vida aumentativa e excedente que me trouxe até este sonho de futuro, de proporção e harmonia, com pão para todas as bocas, justiça para as almas, amor e beleza para os corações em êxtase.

24 Não quero dizer que só a síntese socialista venha a existir; talvez mesmo da silenciosa elaboração, que se vai fazendo // na consciência dos soldados da grande guerra, saia a melhor síntese social capaz de abraçar, sem estrangulamento, os múltiplos pluralismos de hoje.

Para o povo francês, que tem o génio das invenções sociais, está provavelmente guardada a missão de encontrar a síntese social e a fórmula política do momento.

Seja como for, é sempre certo que a unidade nacional se realiza pela vida duma civilização própria.

Não basta a desatenta memória do passado; isso pode dar uma pátria de museu, jamais uma pátria viva, com a alma palpitante de renovadas energias criadoras.

O separatismo sindicalista cindiu as pátrias em tantos agrupamentos de egoísmos que só um grande movimento de entusiasmo, que na acção empenhe toda a alma nacional, pode fazer hoje a suprema unidade da pátria.

E, em Portugal, ou tão pouca é a ciência do entusiasmo, ou tão profunda é a // cisão das classes e grupos que nem a guerra conseguiu inteiramente fazer a unidade nacional. 25

Pois é neste Portugal, que vemos, na cega ignorância do perigo, a própria Universidade tombar na correnteza das águas, lutar pelo isolamento, seguir contra o esforço de unidade.

Quer dizer que a Universidade não tem sido o maternal seio das liberdades criadoras do país, não teve voz para os grandes momentos do mundo e da pátria e nem sequer soube furta-se às tendências anti-sociais da época, antes muito desalentadamente por elas se deixa passivelmente arrastar.

E é de tal modo assim que, no acume da crise dos valores sociais, quando as categorias da civilização humana vão sofrer a discussão da sua vitalidade na experiência da guerra, a Universidade de Coimbra produz teses completamente *niilistas*.

Teses em que se defende o direito da força, em que se degrada a vida superior // do espírito até aos automatismos sociais, gerados pelo fanatismo no mundo das ideias e pela obediência absoluta no mundo das vontades. 26

Já alguns Srs. Deputados aqui leram elucidativos trechos dessas teses.

O direito da força, aliás erradamente denominado pois a força em mecânica significa ligação e harmonia, é uma contradição e um sofisma, cuja enunciação vale, no entanto, como documento psicológico.

Quer dizer que um espírito desatento, em frente às formas de cultura que são condensadores do pensamento social, se sentiu escravo porque as não penetrou, nem possuiu, e então em fúria iconoclasta julga aumentar a sua energia de pensamento, estilhaçando tais obstáculos.

Há, com efeito, a impressão de uma energia que se liberta e expande sempre que uma forma é desfeita.

Na música de Wagner há deuses que partem e morrem, deixando no ar a violenta alacridade de uma energia solta. //

É esta a psicologia do entusiasmo no crime. 27

É sempre um fenómeno de idolatria egoísta, porque é a substituição de certas relações de sociabilidade pelo entusiasmo fisiológico de uma energia apreendida.

Eu sei que Nietzsche, subordinando os valores do espírito à vontade de poder, degradou o espírito e a vontade até às energias inferiores da física e da fisiologia.

Sei também que, de um certo modo, o rolar ofensivo das massas germânicas bem parece a própria dialéctica de Nietzsche, em sangue, corpo, aço e ferocidade.

Mas Nietzsche foi um homem de génio e o seu valor está nas dissociações que fez: partiu os fios de coesão de certas crenças que só talvez a vizinhança da loucura consentisse.

28 Ele separou o horror ao crime do fenómeno criminal, e por ele ficamos sabendo que o crime desempenha uma função social de antigregarismo, que é útil // e, porventura, conhecida a sua lógica, substituível por outros equivalentes mais felizes.

Eu sei que Sorel fez o elogio da violência, mas sei também que as suas doutrinas resultam da teoria bergsonista da verdade e não da inferior idolatria da força.

É um apelo às forças criadoras da vida, que só aparecem em trabalho de mitogénese social, de criação portanto, quando no estado nascente do entusiasmo revolucionário a que chama violência.

A substituição dos automatismos sociais à doutrina das liberdades cooperantes é ainda mais curiosa e reveladora, pois é a doutrina jesuítica feita propriedade do autor da tese ao ponto de ele inconscientemente a expor como a expressão original do seu temperamento.

Vejam VV. Ex.^{as} a profundidade da conquista jesuítica! Se a hipótese dos neurónios ainda tivesse lugar científico, diria que cada neurónio do pensador é um jesuíta adormecido, falando alto o eterno sonho da Companhia! //

29 São livros isolados, bem o sei, mas nasceram numa atmosfera que lhes deu suficiente oxigénio para a vida.

Não quero dizer que a Universidade é jesuítica; demonstrei que ela dormita sobre os bens espirituais da Pátria.

A VIRTUDE LUSÍADA E SEUS INIMIGOS

Mas, Sr. Presidente, determinemos melhor o *meio histórico* do conflito.

Tenho vindo em aproximações sucessivas a tentar definir a posição histórica do problema, que nos ocupa.

Há, na história portuguesa, um período de acção e conquista a que se segue a natural elaboração dos princípios directores da conduta, marcando o carácter nacional.

Uma nobre virtude ilumina a fisionomia espiritual do povo português — virtude que revela toda uma esforçada atitude de alma: é a lealdade.

A lealdade é uma doutrina e um método. //

Ser leal é doutrinariamente guardar as relações livremente estabelecidas; ser leal é procurar livremente essas relações, de forma que a nossa vida seja verdadeira diante duma possível consciência universal. 30

O povo português atingiu o sublime na lealdade; tem o seu génio de lealdade: é D. Álvaro Vaz de Almada.

A sua alma de cavaleiro diz um último adeus às terras de Portugal numa apoteose da lealdade lusitana.

O corpo tomba e os seus lábios abrem, na linha d'horizonte de dois mundos, palavras de beleza eterna.

Como sol do crepúsculo já banhando novos mundos de alegria no instante em que despede o último raio saudoso; como, na volta do mar, um branco adeus a sumir-se...

A lealdade é ainda um sentimento de força e empreendimento. Para ser leal ao seu sonho, o Infante medita e visiona teorias de caravelas, sulcando os mares; para ser leal a todo o sonho da raça, o // Gama, por mares e céus desconhecidos, leva o coração da pátria até às Índias remotas. 31

Camões rola o mar português no ritmo das suas oitavas, e, nas dobras da vaga, mal sabemos distinguir a espuma e as nereidas, Inês e a alada intimidade do nosso sonho de amor.

A alma portuguesa alargava os seus horizontes e, percorrendo o mundo, voltava opulenta e valorosa.

Mas os olhos, que olhavam com a fresca curiosidade infantil, iam ser molestados por a subtil poeira venenosa da atmosfera jesuítica.

O jesuitismo e a inquisição maculam e deformam a lealdade e a audácia da alma portuguesa.

Aqueles que, alegres e fortes, iam cantando pelos caminhos da vida, dobram-se vencidos sob o terror da denúncia, de vontade quebrada e nula.

Começa a luta tremenda, com alternativas de sono e vigília, onde a acção pombalina atira os mais formidáveis golpes. //

32 A reforma dos estudos introduz de novo na atmosfera estagnada do país uma forte rajada de realidade e vida.

A liberdade acorda e em 1820 volta a dizer alto as palavras da sua justiça.

Mas a luta continua e, como a liberdade é criação continuada, se ela dorme ou repousa, de novo se perde e afunda.

Seguem-se todas as alternativas de atenção e sono até que, com o colégio de Campolide, de novo a reacção se instala e pretende, a ocultas e silenciosamente, envenenar a liberdade.

Encontra a resistência de muitos escritores e universitários, das academias e de alguns políticos; mas, conquistado o Paço, a fraqueza e a complacência dos políticos vai-se acentuando.

A sua rede espalha-se pelo país, a propaganda dos seus métodos, que mais não é que uma hábil e insidiosa hipnotização por si mesma se multiplicando, penetra no íntimo da mocidade portuguesa.

33 E então o grito de alarme para os liberais do país parte da imprensa, do // comício, do livro e do inquérito, onde a Universidade, especialmente pelas faculdades de medicina, tem uma nobre situação de combatente.

É então que alguns políticos liberais da monarquia se afastam da actividade politica, de mal com o Paço conquistado pela *reacção neocatólica*; é então que outros ingressam nas hostes republicanas.

Só uma das associações clericais, *O Apostolado da Oração*, tivera em 1902 mais de um milhão de associados.

Proclamada a república e publicada a lei Afonso Costa, *parece* resolvido o problema e mais uma vez os reaccionários trabalham sem tréguas, não se conformando com a desilusão de a república os não libertar da vigilância e fiscalização tradicionais da monarquia regalista.

34 E em todas as pugnas republicanas sempre que uma brecha se faz no edifício da república, eles por aí se insinuam, confundindo, alarmando, deixando a sugestão de novos combates, marcando ao // mal *por eles indicado* os possíveis remédios.

Com a revolução dezembrista o remédio lá vai para o mal por eles apontado, para essa liberdade de ensino, de propaganda e de publicidade, que, com a nova lei, lhes parece de suficiente elasticidade a conter os seus emagrecidos desejos.

Durante a república dezembrista eles trabalham intensamente, num crescendo de audácia, que num dado momento se anuncia pela guerra aberta à Maçonaria.

Nesta liberal cidade de Lisboa aparecem, pelas esquinas, cartazes de propaganda contra a Maçonaria herética e durante dias o público liberal os vê sem os arrancar, tal era a atmosfera de terror para os liberais e de amável benevolência para os reaccionários.

E sistematicamente o plano caminha até ao assalto à Maçonaria e à prisão do Dr. Magalhães Lima, pela Reacção apontado como responsável do assassinato de Sidónio Pais. //

Há todo um plano bem claramente revelado, bem servido pelo incidente do assassinato de Sidónio Pais. 35

No Norte onde a propaganda mais se adiantara, há perseguições nas casas e nas ruas a todos os republicanos, especialmente aos mais suspeitos de anticlericalismo e sempre dirigidas por juvenis associados da associação católica.

O assassinato nas ruas, as torturas inquisitoriais na polícia vivem livremente, a despeito dos protestos do próprio governo e até do homem que eles tinham ajudado a fazer presidente da República.

E aqui eu quero ter a coragem de dar à memória desse homem, à sombra de quem tanta infâmia se praticou, uma simples palavra de piedade, porque, na vida e na morte, ele foi em parte vítima dos falsos amigos de cujos desejos e ambições fora o instrumento.

Assim se preparava a mais miserável obra de traição da nossa história; o espírito jesuítico da reacção ia mais uma vez vencer a porfiada lealdade da raça contra // a qual fora sempre movida a sua guerra tenebrosa. 36

E, em breve, nós acordamos com a monarquia clerical proclamada no Porto, subindo então à claridade dos menos videntes a sua alma reaccionária e torva.

No Éden estabelece-se francamente a inquisição com os requintes que são conhecidos hoje de todos os portugueses.

Republicanos, como o Dr. João Monteiro, cuja propaganda e acção eram essencialmente de ordem anticlerical, são escolhidos para o castigo.

Ainda, há pouco, estive no Porto com essa nobre figura de liberal, que é o Dr. João Monteiro. A noite do seu suplício é uma página dantesca: ele espera a chamada, até ao fim, porque é o último, assistindo ao suplício dos seus companheiros de agonia.

Depois é interrogado sobre o seu liberalismo e à sua nobre atitude de justa serenidade respondem trovoadas de // golpes a cavalo-marinho, com tiras de pneumáticos, até que cai desanimado e inerte. 37

A seguir encostados à parede e iluminados por uma luz do inferno esperam o fuzilamento. Ouvem o estalido das culatras, chamam à memória as alegrias do passado, a ternura das famílias, a bondade de toda a sua vida de idealistas, depois... a obnubilação de consciência e o despertar para uma vida de novo mortalmente ameaçada.

E tudo isto é feito com o conhecimento e a colaboração de pessoas finas, da mocidade fidalga e académica.

Só do meu conhecimento cinco estudantes eu sei chefes de bando, perseguidores e ferozes em nome de Deus.

E aqui permita V. Ex.^a que eu diga à Câmara o orgulho que tenho porque entre os primeiros presos do Porto pela rebeldia contra o dezembrismo foram antigos alunos meus; como, em Lisboa, a Monsanto foram muitos dos alunos que aqui eu fiz republicanos.

38 Eu tenho, Sr. Presidente, religiosamente // guardada uma carta do meu discípulo, Ângelo de Moraes, mandada das masmorras inquisitoriais do Porto.

Depois de me contar o que hoje é do conhecimento de todos sobre os espancamentos e as opressões sofridas, ele me diz «eu, no fim, tinha os olhos cheios de lágrimas, não de medo ou de dor, mas de alegria e gratidão por esta alma que V. ajudou a fazer-se e que acabava de vencer as misérias e agonias do meu martirizado corpo».

.....
O Porto nacional anda escondido e de crepes, enquanto no Porto desnacionalizado, elegante e risonho, os dois sexos trocam abraços nas ruas e nos eléctricos, gritando: «até que enfim, já cá temos a santa religião!».

Isto são verdades históricas, Sr. Presidente, verdades cuja ignorância ou esquecimento representam mais que uma traição à República, uma traição ao próprio espírito de liberdade que é a melhor tradição do povo português. //

39 Nas ruas do Porto passeiam congreganistas de vestes mal disfarçadas à espera da sua vitória em Lisboa para tirarem por completo as máscaras e caírem sobre o próprio coração da Pátria.

É a organização reaccionária prestes a colher os frutos do seu trabalho e da nossa cega indiferença e apatia.

Organização que não desapareceu e, a ocultas, de novo retoma o seu trabalho enquanto de novo os liberais se deitam em Capua na sua costumada ignorância ou insensatez.

Hoje o trabalho continua e já, que eu saiba, com este aspecto alarmante.

Há, no Porto pelo menos, comissões encarregadas de, ao mesmo tempo que desacreditam os colégios liberais, alguns dos quais já foram vencidos e fecharam, remeterem para os colégios congreganistas da fronteira menores do sexo feminino.

Sr. Presidente! Isto me foi demonstrado por João Monteiro e Narciso de Azevedo, que de tal se compenetrou por // documentos vindos ao seu conhecimento, quando encarregado da censura para o estrangeiro.

40

Não sei se VV. Ex.^{as} estão avaliando a enormidade do que se pratica com sistema e método.

É a desnacionalização pela mulher, duplamente mais perigosa que se pelo homem fosse tentada.

Porque ela é menos capaz de se libertar um dia, porque os seus meios de insinuação são incomparavelmente maiores — é a noiva e é a mãe, tem o misterioso encanto da virgindade, o domínio do lar e do berço. E neste meio a Universidade nada fazendo e a Faculdade de Letras de Coimbra dedica especial atenção ao elogio histórico de jesuítas...

Eis, Sr. Presidente, o lugar histórico em que eu estava, quando fui convidado para ministro da instrução pública.

E, porque nunca me confundi com os inimigos, porque nunca fui capaz de dar aos inimigos da República as armas do meu ódio a qualquer homem ou partido // republicano, porque nunca fiz hipérboles de qualquer erro republicano para o tornar crime, igualando-me assim à crítica dos reaccionários, é que me atrevi a pensar (perigoso atrevimento nesta terra!) no problema da defesa da liberdade pelo ensino.

41

Sabia da minha instabilidade ministerial e que muito depressa deveria fazer o pouco de criador e afirmativo das minhas possibilidades.

No ensino universitário fui ao de maior influência no carácter, de maior irradiação e fecundidade, e fiz dele, dentro do pouco dinheiro que me davam, o melhor que ele podia ser.

Essa reorganização não encontrou nenhum combate científico ou pedagógico e alguns que ultimamente têm aparecido resultam apenas da ignorância e incompreensão de quem os faz. Não valem discussão. Ou confundem as ciências fundamentais com as derivadas, ou, citando o que não entendem, querem provar o contrário do que as citações na verdade dizem sobre o problema. //

42 Outros discutem os nomes das disciplinas, que sabem de cor, na completa inapreensão do seu significado espiritual.

De resto, eu sei que está bem.

Discute-se se consultei ou não a faculdade, o que já está suficientemente esclarecido. Não vale a pena estar a pôr a nu mentiras e traições, pois à República deve acima de tudo interessar o valor intrínseco do que fiz e menos o muito ou pouco tacto diplomático com que o fiz. Ouço mesmo falar em política de realidades e franquezas, e é essa que faço e estimo.

Tanto mais que ainda aqui se repete a confusão entre o real e o ideal, quando se identifica a obra com o pensamento da obra. Há sempre uma invencível distância entre as duas. Se eu, por exemplo, quero fazer uma certa obra que de qualquer modo vai acordar a atenção de um sujeito infinitamente vaidoso ou mau, seria bom para a execução que eu lhe afagasse a vaidade ou domasse a maldade, por qualquer manha que a ele me igualasse. //

43 Mas, se fazendo assim, eu me diminuo e o próprio pensamento se apouca, não o faço.

Até do pensamento à palavra, que é já um desenho mais próximo da acção, vai uma distância sem fim!

Fui imperfeito na realização? Quem o não é?

O que sei é que só um sincero e comovido amor da pátria e da república me determinou.

Concebi uma escola de filosofia para onde a atracção da Beleza chamasse as almas incertas da gente moça do meu país.

Quis criar-lhe o *condicionalismo do sucesso* e nada mais.

Eu quis hospedar na Universidade portuguesa, casa cerimoniosa e pesada, a própria alegria, para que uma manhã os velhos claustros ressoassem ressurreição e vida, revoadas de canto, como se a primavera tivesse metido pelas janelas partidas, ramos de flores, frescura, cor, alacridade... //

44 A Universidade, *muitos dias depois de aceitar e propor até professores*, revoltou-se, como por outros Srs. Deputados já foi demonstrado à câmara.

Pois era a forma mais amável de iniciar a liberdade, de fazer palpitar a alegria criadora adentro dos velhos muros.

Tarde ou cedo, com maiores ou menores intervalos de sono, com mais ou menos alternativas da política, a liberdade, que é imortal, pois é a própria vida criadora, há-de lá instalar-se e, talvez por ir atrasada, chegue mais brusca e severamente.

O resto são ainda consequências, e, de novo, repito que não quis amputar a Universidade; pois, como no primeiro discurso

expliquei, muito pelo contrário, eu a completava com a parte técnica e estética. Tudo cabe dentro da ciência, estética, filosofia e técnica, porque tal basta à qualificação da actividade humana.

A transferência duma faculdade é uma questão de mesologia, que tem o seu interesse. //

Quando aqui contei um episódio de aprendizagem do russo no Porto, apenas quis dar a sugestão da circulação da vida nacional e humana, que tanto caracteriza essa cidade — pequenas ruas canalizando variadíssimas gentes e costumes...

45

O Povo

Mas há uma parte da minha obra que eu hei-de defender por todos os meios e formas, pois tenho a audácia de afirmar que ela é o mais claro sinal de que a República ama o Povo e vive de coração atento às suas necessidades espirituais.

Refiro-me às escolas primárias superiores e à possibilidade de aproveitamento dos seus alunos para a alta cultura.

Sr. Presidente: — Muito se fala no Povo e com uma assombrosa desatenção para o que o conceito significa e contém.

Parece até supor-se que o Povo é um grupo de homens, cada um com o seu // nome, as suas qualidades e habilitações, grupo bem delimitado e definido, onde as possibilidades e virtudes podem ser numeradas.

46

É uma aritmética social, que só revela a dificuldade da maior parte dos espíritos compreenderem a continuidade e o dinamismo, vendo só o que é discreto e estático.

Ora o Povo, Sr. Presidente, não é nada disso.

O Povo é tanto o que há de criador e misterioso na vida social que eu posso perguntar à Câmara, se, quando Durkheim nos diz que Deus não é mais que a hipóstase da consciência social, não é o próprio povo que é divinizado.

O Povo é o mar infinito das possibilidades sociais.

Esta fome de imortalidade, que é o fundo de toda a consciência, encontra o seu primeiro e substancial alimento no Povo, que é dono do tempo, e, do mais longínquo passado até a um futuro sem medida, possui, guarda e inventa as // mais límpidas cintilações da consciência.

47

Cada um de nós revive, neste momento e por evocação, o esforço para a linguagem, para a revelação, para a beleza que não é mais que a harmonia revelada, para a consciência em suna,

que traz o homem da caverna à catedral, da obscuridade dormente do instinto à universalidade amorosa da inteligência.

Cada um de nós visiona o homem-povo, de fogo prometaico e cristão queimando as injustiças, ajardinando as almas e o planeta para um futuro rescendente já da beleza do nosso sonho, fremente da ansiedade do nosso desejo.

O Povo é o tempo, a imortalidade, a possibilidade de contrariar as perdas; é o gládio do arcanjo sempre pronto e com forças para o combate da Fatalidade.

48 É a matriz social; e, como a espuma da onda que tentasse o impossível de solidificar acima do vasto corpo do oceano, assim as élites, que do Povo se isolem, // irão para o seu impossível, pois as espera a próxima e irremediável destruição.

E ignoram os verdadeiros aristocratas, os artistas, que são do Povo e que só quando falam o silêncio da multidão, quando dizem a sua muda ansiedade, aumentam a vida e a beleza, suavizam o mundo da claridade dos seus cantos?

A vida é um incêndio e os pontos mais brilhantes da chama são aqueles onde se acumulou melhor combustível; os homens de génio queimaram muitas gerações anónimas, em anónimo esforço da mais viva combustão.

Tanto é o amor do poeta e do sábio que o seu povo se alarga e ilimita, e um perscruta a vida de todos os seres e o outro liga a sua inteligência à solidariedade universal.

49 Ilimitado como a criança, que, em seus olhos de assombro, traz tanto e tamanho mistério que mais parece vir até nós da própria origem. Se me preparo para vos ouvir, posso calcular melhor ou pior o que ireis dizer, se uma criança me // interroga mal pressinto a palavra de mistério que irá pronunciar.

Nós somos esquemas, eles, a criança e o povo, são vida opulenta e infinita, de virtualidades sem fim.

Nós já dobrámos a volta da estrada e escolhemos caminhos; deles são ainda todos os caminhos.

O Povo é a terra boa, fecunda e generosa, onde a árvore da vida social vai buscar a secreta substância das suas mais altas florescências.

Kant, S. Francisco, Cristo são estrelas cuja Noite é o Povo.

O Povo é humilde, porque a humildade é o sentimento da dependência e da ligação, que é a fraternidade espontânea com a vida que nos cerca e abraça.

E quantas vezes o homem esquemático tem de aprender o sentimento da realidade e da união com a vida, com esse mesmo Povo.

O que o homem esquemático sabe em apagado esquema de vida, o Povo o // sente e possui em concreto e volumoso corpo de realidade. 50

Ah! os impossíveis da máquina de vapor, da electricidade como energia industrial, o operário anónimo, desprendido dos limites do esquematismo, os soube resolver.

Pelo desejo de imortalidade que é a própria essência do meu ser, eu amo esse Povo que, se a alma abre em palavras como a rosa em pétalas, me deu o verbo da minha linguagem, esta fisionomia, animada de todo o seu longínquo esforço de beleza e expressão.

Sr. Presidente: — O homem, que tem sede, precisa de saber onde as fontes da mais fresca e límpida água; o político carece de saber que só vale pelo quanto seja representativo de seu povo, pela parcela de patriotismo eterno que lhe more dentro do peito.

Povo de Portugal: amei-te, quis dar-te a melhor e mais bondosa atenção, saíram-me ao caminho homens que dizem // te não soube amar; eu creio firmemente, e pela bênção do meu sacrifício e pelo firme propósito do meu amor, que um dia a obra será fecunda e, em troca e excesso, eu receberei a alegria de ver multiplicado o meu carinho nos abraços da tua fraternidade!... 51

Uma carta ^(α)

Pedem-me colaboração para um jornal educativo e patriótico?
Não a posso negar.

De resto, serei o último a descrever da mocidade, porque jamais deixarei de acreditar nas forças criadoras da Vida.

E na mocidade a Vida ainda não fixou máscaras artificiais, é impulso transbordante e excessivo, a ascensão da seiva para o milagre da flor.

Nada se perderá do vosso entusiasmo; e, se a pátria vos pede o melhor das almas, dai-lho generosamente, que, em excesso, vos será restituído.

Dai à pátria o heroísmo dum bom amor diligente, dai ao planeta a beleza dos vossos sonhos juvenis.

Vosso

Leonardo Coimbra

Porto, Março, 13-920.

(*A Nortada*, Órgão da Federação Académica do Porto, Porto, ano I, n.º 1, de 26 de Março de 1920.)

^(α) No jornal figuram, como introdução desta carta, as seguintes palavras: «O senhor Dr. Leonardo Coimbra, o temperamento mais exuberante de pensador de que justamente se orgulha o Portugal contemporâneo, consultado sobre o nosso empreendimento, concedeu-nos a honra da sua colaboração enviando-nos a cativante carta que segue acompanhada do estudo inédito que noutra lugar começamos a publicar: — Com a vénia devida, a nossa gratidão por tão honrosa deferência.» O referido estudo intitula-se «Do Amor / Inédito» e começou a ser publicado no mesmo número do jornal em que aparece a carta em epígrafe (*A Nortada*, Órgão da Federação Académica do Porto,

Porto, ano 1, n.º 1, de 26 de Março de 1920). Porém, porque tal estudo consiste e/ou corresponde a excerto da obra de Leonardo *Do Amor e da Morte* (de 1922), entende-se aludir-lhe no próximo volume, que incluirá a referida obra *Do Amor e da Morte*.

Em louvor das maiorias

Muito se tem dito contra a opinião das maiorias, havendo mesmo quem, por dever profissional, faça o catálogo das suas deficiências e erros.

São já banais as pregações de Nietzsche contra o gregarismo e ultrabanalizados por Le Bon os estudos de Tarde sobre as multidões.

E o leitor, que paga e lê, gosta, porque ele é só ele, não é multidão, não é maioria e sobe no conceito próprio o monte de Zaratustra com a águia e a serpente e vai fazer as novas tábuas dos novíssimos valores.

Cá em baixo espera a multidão, a maioria, escrava e submissa, ou sórdida e revoltada, o novo chicote do Revelador.

E assim, um leitor (às vezes um ignorante pequeno, recentemente desmamado) é bailarino, revelador, condutor de povos, coluna de fumo no deserto, olho de Osíris e vara de Moisés.

É muito o que gratuitamente se pode desta maneira vir a ser. Mas há aqui uma necessária distinção.

O que eu aqui escrevo pode não ser entendido por dois motivos.

Porque o meu pensamento é confuso ou, embora claro, é confusa a expressão.

Porque o leitor é estúpido e a culpa não é, com certeza, minha. Pois assim é com as maiorias.

A maioria, a opinião, pode ser, e é muitas vezes, inferior a um (não a qualquer) indivíduo. Sem isso, os pontos singulares, que, na vida social, são as invenções, não existiriam e não havia progresso.

Mas o QUALQUER indivíduo (que não é aquele UM que descobre e inventa) pode, por falta de simpatia social ou inteligên-

cia (esta é simpatia), não compreender as virtudes da maioria e ri apenas da caricatura dessas virtudes, que é o seu próprio pensamento.

Em resumo: Um branco pode encontrar numa raça inferior a caricatura do seu ideal humano, mas também um macaco pode ver no homem a caricatura das suas próprias analogias humanas.

Ora o caso é que há muitos macacos...

De modo que é bom verificar se são homens ou macacos os grandes aristocratas, que da maioria se afastam com o desdém do primo Zaratustra.

Em primeiro lugar, confundem a multidão, agregado social momentâneo, com a maioria, a grande detentora das representações colectivas.

Depois, não são nada primos de Zaratustra, o revelador religioso tomado por Nietzsche para símbolo e exemplo da sua escola de moral. O Zaratustra de Nietzsche vai iniciar-se na nova moral do super-homem.

A iniciação é dura, solitária e meditativa.

É uma tensão das forças expansivas da generosidade, cavando o leito interno do seu mar para que depois possam cair em chuva de oiro, interminável e amorosa, sobre a multidão que em baixo passa a minguada vida quotidiana.

É uma crueldade que se elabora em transbordamento de piedade, e vitorioso amor.

E Zaratustra vem para os homens aumentar a beleza da vida, digna do retorno eterno.

Estes primos de Zaratustra deveriam ver aqui que as intenções de Zaratustra são sublimes, mas estéreis, porque o «retorno eterno», não sendo compatível com a permanência da memória ou eficiência da vida espiritual, é um epifenomenismo que mata e aniquila toda a realidade do pensamento.

Epifenomenismo de consciência, atomismo do ser, eis as últimas conclusões desse pregador de vontade de domínio, ^(*) desse pragmatista genialmente desequilibrado, que, pondo o conhecimento como uma criação da Vontade, em obediência ao mestre Schopenhauer, acaba por matar vontade e pensamento no epifenomenismo psíquico do eterno retorno.

Mas talvez o primo de Zaratustra já esteja entendendo pouco...

(*) No artigo não figura a pontuação «,».

A maioria guarda o saber social, e pode dizer-se que um lavrador do nosso Douro ou Trás-os-Montes tem mais saber implícito na sua linguagem que o QUALQUER indivíduo mais ou menos literalizante.

As virtudes quotidianas, aquelas que são o necessário ponto de apoio para os grandes saltos do heroísmo, residem também nessa maioria.

Quem dignificou o trabalho, senão essa maioria, que, dele, meio de felicidade, soube fazer um fim moral?

O que é o trabalho senão a compreensão da nossa dependência social com os outros homens e com a natureza?

Quem, pois, criou a grande concepção cosmológica e metafísica duma realidade experimental cooperante?

O que é o determinismo metodológico dos sábios mais que a consciência, que o trabalho toma do modo de ser da sua actividade?

E as ternuras humildes, os heroísmos apagados mas permanentes, sem os quais nem a vida teria coberto o planeta com o feixe ^(a) nervoso da cerebração humana, quem é seu depositário?

Qual é o Artista? Aquele homem que soube ressoar em sua alma, colocada na interferência de todas as vibrações, os movimentos que levantam todas as almas, mundos e seres, ou o primo de Zaratustra que, começando por mentir no parentesco, passa e desdenha como a rocha bruta e inamovível?

Vai, medita, sofre, dobra-te humilde sobre tudo o que sente, penetra-te da misteriosa ternura que leva no regaço os mundos e os seres, e volta à humanidade a pressentir as palpitações insondáveis que a talharam em beleza, anseio e heróico amor de liberdade!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 22, de 13 de Maio de 1920.)

^(a) No artigo figura «feixo».

O riso e a calúnia

É do genial escritor católico Ernesto Hello este pensamento, inscrito no próprio coração da Vida: «o Riso é a palavra da Relação quebrada».

A palavra latina *persona* parece ter significado a máscara do actor. Máscara divina acrescentada à evolução biológica ou divina recordação do homem angélico cobrindo a cara do antropói-de grotesco, é sempre a pessoa uma máscara mal segura ainda sobre as convulsões da animalidade.

Ela encobre sempre um sórdido rosto de animal; o mau riso é o grunhido que a rasga, e, licenciando o animal, solta a baixa revolta dos instintos.

Há um riso menos mau que é correctivo do homem da planície às singularidades de quem o excede e de quem se lhe inferioriza, é qualquer cousa como um sentido da espécie assegurando a *média*.

É este riso, função pedagógica da consciência colectiva, que está estudado. Ele dá a caricatura, ele é o traço a pedir *itálico* para os ridículos que ameaçam a vida de inferiorização, mas ele é já também, muitas vezes, o encerramento brutal das almas menores perante as seduções das almas superiores.

É sempre uma falta de simpatia, nobreza e opulência de alma; o homem superior não corrige gargalhando, mas sofrendo e amando, e raras vezes a gargalhada cristaliza a dor.

Há o riso-aurora, espuma alígera sobre o corpo translúcido da vaga, beijo róseo na orla oriental do horizonte.

Esse é o riso de criança, é a graça em excesso sobre as forças profundas que a levantam, é o próprio anjo-da-guarda anunciando o despontar duma alma rica ainda de infinitas virtualidades de beleza. E, como a fonte pode secar e possuir ainda em eco a

ressonância das águas, por vezes acorda no homem a criança que ele foi, e o Riso é espuma da Alegria profunda e originária.

Mas o Riso do Homem é quase sempre mau, é o Carnaval dos instintos, o acordar das feras cruéis e grotescas que em sua alma enjaulara.

É este Riso que é palavra da Relação quebrada. A Relação é tudo, nada mais conhecemos que relações, nada mais fazemos que procurar e ajustar relações.

A verdade é a Relação total do homem com o Universo, a vida exposta e revelada em perfeita união com Deus.

Quebrar, desatar e torcer as relações é a obra das forças satânicas que tentam subverter-nos. O homem sobrepôs às relações naturais as relações da sua consciência moral. Inverter ou deformar essas relações é o grande pecado humano. Só o homem ri, porque SÓ o homem pode corrigir, mas também porque só ele pode caluniar. O animal é a própria caricatura do mau riso humano; não ri, é o próprio riso gelado. O lobo persegue e acoisa, numa fatalidade sem remédio, porque nenhuma relação o prende para lá das suas fomes. O homem prendeu-se por fios doirados de pensamento e amor a todos os seres e astros da amplidão, as estrelas cravejam a pontos de fogo esses fios pela altura, e, se tenta desprender-se, porque a alma se não suspende fraterna, cairá na fatalidade dum caminho, ao longo do qual, enredando e partindo relações, virá à mais feroz e grotesca animalidade.

Se é um esforço para Deus, cairá ao longo dum caminho que excedera; se é uma recordação divina, cairá nas trevas dum esquecimento satânico. O homem que ri, dum mau riso separatista, calunia a face angélica dos homens, retrai e corta as relações divinas em que, embalado, vogava. E assim se degrada e caricatura, deformando a sua face luminosa no grande espelho satânico, que duplica em riso e negação às divinas afirmações do sofrimento e da verdade.

Que pensais conseguir com a calúnia, pobres obreiros de Babel?

Não vedes, pois, que só a verdade, relação perfeita do homem com o Todo, pode criar?

Não vedes que a mentira e a calúnia são negações destruidoras, que, se amanhã pudessem vencer as forças criadoras e afirmativas da verdade, tudo destruiriam, até os vossos mais secretos desejos de maldade?

Não vedes que se o ideal da Verdade é a Harmonia, o ideal da calúnia é o Caos, e que no caos nem os vossos desejos de mal, que só subsistem pelo pouco de harmonia que lhes resta, poderiam ficar de pé, vivendo?

Soltai as línguas caluniosas, enredai, torcei, quebrai as relações de harmonia, ide, obreiros de Satã, para a grande Babel dos séculos — o que vos restará no fim mais que o vosso próprio aniquilamento?

A revolta dos elementos contra a síntese, do Caos contra a Harmonia, só poderia ser vitoriosa no dia em que um Anticristo cósmico pudesse vir e vencer.

Mas não vedes que Cristo encheu o Universo de amor, viveu as cósmicas relações totais, e o ser que pretendesse fazer em si o perfeito vácuo de todas as relações, sofreria de pronto a formidável pulverização do Nada?

Nada podeis contra a Harmonia, e se no momento e na aparência podeis confundir e apresentar caricaturadas as grandes almas meditativas e religiosas, na eternidade e na essência é a vossa própria caricatura grotesca, sórdida e tenebrosa a que o vosso Riso desenha e inscreve no impassível livro do Destino.

Eu sei, eu percebo o vosso processo de calúnia...

É um «mimetismo» que se conhece.

Os animais fingem o meio para nele se confundirem.

Vós pintais o meio da vossa cor para que nele possam viver ocultas as vossas maldades.

«Vou-me arranjar, todos o fazem» é uma frase que vos desnuda.

Sim, é bom pintar de branco todos os casacos para que o vosso se não distinga; sim, é bom colar a todos o rótulo de ladrão real ou possível para que as vossas cobiças se escoem; sim, é bom degradar as altas inteligências e as nobres moralidades para que a vossa imbecilidade intelectual e moral vos não oprima.

Sei que um Tolstoi tem de encontrar um homem, que, para gáudio e redenção dos infames, descubra na sua bondade uma tremenda intrujice, no seu exaltado cristianismo um habilidoso reclamo para as suas obras.

Sei que os meus muitos erros vos passarão despercebidos, mas que o mais ligeiro esforço da minha alma profunda para o mistério vos parecerá impertinente e haveis de ladrar com toda a força das vossas solicitações inferiores.

Lembrai-vos, no entanto, que o mau Riso é o desenho satânico da vossa caricatura e que, quando caluniais, não mais fazeis que soltar o «cerdo» do interior de vossa alma escrava.

Sede verdadeiros. Há lugar no Sol para todas as almas, e, se algumas nos excedem, é porque a escala é infinita e não se estanca a Beleza, e porque há um grande mar de águas vivas, poço de Jacob, onde perpetuamente as almas podem refrescar e renovar as sedes.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 26, de 18 de Maio de 1920.)

A liberdade e o livre pensamento

A liberdade do pensamento não significa que este pense por caprichos segundo associações de ocasião, sem continuidade, nem sequência, nem ajustamento às formas e exigências da realidade.

Esta liberdade seria indisciplinada, a desconexão que aliena e é sempre uma manifestação de loucura.

Por outro lado nem tal licença é possível, o próprio alienado não pode furtar-se a certas formas lógicas do pensamento; a tonalidade afectiva da sua vida modifica, as ligações, sem que, todavia, as psicoses, que ficam, se furtem à categorização do pensamento.

O que será, pois, o livre pensamento?

Uns, atendendo às razões expostas, dirão que não há pensamento livre; outros, estudando a aparente espontaneidade dos seus devaneios, dirão que ninguém pode prender o pensamento e ele é sempre livre.

Nenhum pensamento é livre no significado dos segundos, mas também nenhum pensamento é tão inteiramente *necessitado* que à liberdade seja impossível.

O devaneio, o puro subjectivismo não existe; para que o sonho viva, ele precisa um corpo de verdade positiva que o mergulhe na realidade envolvente.

O absoluto objectivismo dum pensamento que copia a realidade também não existe. Todo o pensamento verídico é uma síntese original e criadora, ele é diferente, até, na apreensão das mesmas relações: o cálculo diferencial de Newton, Leibniz e Lagrange, por exemplo.

O pensamento pode, pois, conter uma maior ou menor parcela de liberdade.

O que será, então, essa liberdade e, em consequência, o livre pensamento?

É claro que essa liberdade terá de ser activa, e a melhor forma de compreender uma actividade é vê-la em acção.

Não será, pois, na obra *realizada*, mas na *realização* da obra, que devemos procurar a liberdade. Qualquer corpo de doutrinas *já feito* é decomponível, real ou artificialmente, em elementos; qualquer síntese, é desdobrável em parcelas analíticas. Mas a actividade que organiza a síntese, o seu crescimento pela *assimilação* de novos elementos, é que é irreduzível a qualquer dos elementos.

Essa a liberdade.

Aqui e só aqui uma noção de *liberdade* viável e que possa marchar e crescer sem dentro de si levar o cancro duma contradição assassina.

Esta *liberdade* é um conceito da nossa experiência científica e, como tal, é uma condensação de juízos da experiência, uma categoria organizadora, reguladora e intimativa da realidade.

Eis o que ignoram muitos pimpões do Organicismo Autoritário.

A liberdade é a própria lei de crescimento do pensamento; este é a harmonia das representações, qualquer contradição interna o aflige, mingua e assassina, como o corpo inassimilável impossibilita a alimentação!

Não só há liberdades, mas até a própria vida humana é a epopeia dessa liberdade.

Mas nem a liberdade é uma representação ou *uma colecção* de representações, nem o livre pensamento é um corpo de doutrina.

A liberdade é a própria actividade sintética do pensamento; o livre pensamento é apenas um método de pesquisa e construção: o próprio método científico.

Não existe antinomia entre liberdade e dogma, entre liberdade e autoridade; o verdadeiro método científico engloba as duas oposições da pretendida antinomia no seu movimento, que é a própria vida do pensamento.

O método científico caminha com antecipações teóricas a consultar e fazer a experiência.

A idolatria dessas antecipações dá o autoritarismo dogmático, a pura consulta da experiência actual (aliás impossível) dá um simples empirismo sem valor.

Autoridade e novidade são, pois, dois pólos da pesquisa científica, cuja síntese é a Liberdade.

Não valem, por isso, contra a Liberdade, os argumentos que possam apresentar-se a favor das antecipações teóricas que toda a pesquisa exige.

Valem, sim, contra o equívoco muito vulgar, aliás, nos chamados livres pensadores portugueses, de supor o livre pensamento um corpo positivo de doutrinas, quando só é o método científico da Experiência.

Devemos confessar, que, em Portugal, muita gente tem feito do livre pensamento o conjunto doutrinário dum monismo materialista ou mecanista (Haeckel, Dantec, etc.), que é a pior metafísica do século passado, simples generalização equívoca e ignorante do transformismo das ciências naturais.

Tem sido uma doutrina de guerra ao espiritualismo dos católicos, que, porventura, nos melhores e mais conscientes deles, é o motivo profundo da sua instintiva antipatia pela corrente democrática.

Já assim se compreende que eles se aliem com os cépticos do organicismo sociológico, que, por um grosseiro pragmatismo, acham a doutrina católica sem verdade intrínseca, mas útil para a disciplina e, numa evocação do sabor das próprias bocas, um sólido freio para as rebeldias populares.

A própria doutrina católica pretende ser uma metafísica experimental, pois toda a história sagrada do Velho Testamento aos Evangelhos e à Igreja, é dada como Experiência religiosa.

As interpretações (antecipações teóricas das ciências) são pouco respeitadoras da novidade experimental que pretendem organizar?

Eis o que não discuto aqui, embora possa dizer, e com desassombro, que muita beleza e boa verdade experimental tem tal metafísica, infinitamente superior aos mortos mecanicismos de certos sábios.

De resto, não é para os católicos que pretendo falar, sei que os seus ouvidos me estão propositadamente cerrados; falo aos democratas para que ouçam, entendam e saibam amar a verdadeira liberdade, que é a própria Alma da Democracia.

A liberdade existe, é a excepcional e única nobreza do homem. Que ele a procure, a conheça e saiba na fonte da sua beleza eterna haurir a confiança nos destinos altos e firmes da Democracia!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 31, de 23 de Maio de 1920.)

O Jornal e a Opinião ^(α)

I

Seria curioso que o jornalista, furtando-se à faina absorvente de compor o seu jornal, meditasse uns tempos sobre a sua missão e deveres.

Sem receber de pronto a fórmula do nosso *conselheiro* (a imprensa, ^(β) a mais poderosa alavanca do progresso), reflectindo e amando a sua profissão talvez encontrasse outros títulos de nobreza, que obrigam ao cumprimento religioso de certos deveres.

Todo o jornal serve uma certa corrente de opinião.

A opinião, sendo a depositária daquelas representações colectivas que a experiência social elaborou, traz consigo o mínimo dum saber social imprescindível à vida em sociedade, ao mesmo tempo que pode trazer fórmulas rudimentares já mal adaptadas às novas crenças e aos novos desejos sociais.

Em face desta opinião tem o jornal dois destinos e o jornalista dois deveres.

O primeiro destino do jornal será a fiscalização consciente desse mínimo de imprescindível saber social.

O jornalista é então a voz da sociedade, prevenindo, vigiando, gritando o seu alerta aos homens desatentos.

É a missão comum a todos os jornais, nenhuma preocupação de outra ordem devem impedir um jornalista de cumprir este dever.

^(α) Apesar de aparecer no jornal como capítulo I, o artigo não teve continuação.

^(β) No artigo não figura a pontuação «,».

Se a polícia monárquica brutaliza os presos, a imprensa monárquica terá como a outra o mesmo dever de gritar o seu protesto; se hoje uma repartição rouba e falsifica os serviços públicos, a imprensa republicana tem o mesmo dever de protestar que qualquer outra imprensa.

Mas a imprensa, teria apenas um papel de conservação das elementares categorias sociais, se por aqui ficasse o seu destino.

A opinião traz consigo (e é a sua vida) a descrença em fórmulas inadaptadas, a crença e o desejo de novas fórmulas, categorias e instituições.

Aqui se diversifica a imprensa.

A imprensa conservadora não quererá os riscos da novidade; a imprensa reaccionária estará ainda em protesto contra novidades já instituídas pedindo o regresso às formas elementares anteriores; a imprensa progressista procura orientar os desejos da opinião no sentido das fórmulas que encontra mais capazes e expressivas desses mesmos desejos.

Aqui aparece o combate e é difícil aos combatentes não invadirem os domínios do seu primeiro dever, desrespeitando, por vezes, o comum propósito de vigiar a conservação do mínimo de sociabilidade indispensável.

É assim que, por vezes e desgraçadamente, nem o patriotismo, nem o humanitarismo, juntam na mesma voz de protesto ou de aplauso, todos os jornalistas, embora a opinião, antes de desorientada pela sua imprensa, estivesse virtualmente unida.

É, em Portugal, o caso da guerra, etc.

O mesmo acontece na parte progressiva, para além desse mínimo condicionante da própria existência social.

Quando a opinião se divide em grandes correntes, os jornais não seguem simplesmente as linhas gerais dessas correntes, respeitando em relação às correntes derivadas o mínimo de acordo que elas devem ter em relação à corrente primária donde derivam.

Por exemplo: em política, e na grande corrente republicana, parece que um mínimo de acordo e mútuo respeito deveria existir entre todas as derivações, ou partidos, da grande força original.

A opinião republicana tem esse mínimo de crenças e desejos comuns.

Tem e prova-o em todas as horas difíceis da República e todos (ou quase todos) os críticos dissolventes, os cépticos assassinos também nesses momentos se englobam na opinião e são cheios de fé, confiança e firmeza, nos destinos da República.

É nas horas, dias e meses de perseguição que a alma republicana existe, vibra e se levanta afirmativa e heróica.

Mas logo a opinião começa a dispersar vagabunda, em torno dos desentendimentos duma imprensa, que se desrespeita, magoando e ofendendo a própria República.

Só as grandes confianças nacionais fazem os grandes homens de Estado, diz G. Tarde.

E acrescenta que uma imprensa difamatória estancará essa fonte.

Em Portugal não é só a imprensa, é o café, a casa de hóspedes, a conversa na rua, é tudo, em suma, fazendo o esforço de reduzir às mínimas proporções todos os homens que avultem.

Invejosos como más mulheres, os homens portugueses vivem num permanente esforço caricatural.

É arrepiante o espectáculo que se nos oferece quando vemos a nossa imagem pintada pelos caluniadores no grande espelho da sua opinião.

Mas, se os caluniadores pudessem ver a zoologia em que, fatal e irreparavelmente, vão entrando com as suas calúnias!

Onde o pintor de Génio, o Dante da pintura, que faça o quadro dessa transcendente zoologia infernal com o dístico: — O caluniador e as suas calúnias? — Que atmosfera espiritual a nossa, bem pior que a mais horrível visão dum pesadelo!...

À imprensa compete a orientação da opinião, procurando a fórmula para as suas novas crenças e para os novos desejos que as animam.

O jornalista deve ao seu público a verdade, e a verdade não é o insulto, o grotesco duma gargalhada alvar, o ranger canibalesco dos dentes, nem o grunhir de ódios obscenos.

Não tenham dúvidas sobre o valor eficiente das ideias e das palavras.

Semeiem más palavras e serão venenosos os frutos, imensamente multiplicados, que irão colher. Semeiem palavras de amor, de fé e de confiança, e a própria calúnia morrerá à mungua de águas paludosas com que se alimente.

Um D. Quixote andou pelo mundo a matar a calúnia. Foi Cristo e, ainda hoje, no Remorso, se levanta o seu Espectro a estrangular a calúnia no próprio coração do caluniador.

A Pátria sofre de muitos de seus filhos caluniados, e, eles mesmos, teriam ouvido a voz de crítica leal se a crítica caluniosa não lhe tivesse cerrado os ouvidos num doloroso e cruel desprezo separatista.

A imprensa republicana mais criminosa ainda será, quando por uma crítica desleal, injusta e hiperbólica, mate a confiança do povo republicano nos seus homens representativos, porque não fere um homem, mas a própria consciência republicana. Pronunciemos as palavras todas. Imagina alguém que todo o ódio e toda a calúnia com que se pretendeu inscrever na Opinião a caricatura de Afonso Costa feriu somente esse republicano?

Pode alguém ignorar a tremenda condensação de confiança republicana que a imagem desse homem representava?

Alguns daqueles que ajudaram a tentativa de maquiavélica deformação dessa imagem podem supor-se inocentes perante a própria Imagem da República?

É um exemplo e dos melhores, mas tantos outros existem e ninguém pode ignorar que a condensação da confiança popular diminui de possibilidade e força sempre que se lhe despedaça um símbolo.

Sabem ser jornalistas, sabem ser políticos aqueles que apenas semeiam desconfiança e desamor, que, pelos interesses pessoais ou partidários, esqueçam os próprios interesses da República?

Se os republicanos se fazem os desorientadores da opinião republicana e se não podemos regressar a um passado morto, não teremos de correr todos os *riscos* dum audacioso voo para um futuro, cujo caminho desconhecemos ainda?

A desconfiança que em torrencial chuva de lama os reaccionários fazem cair sobre a República e a chuva miudinha, insidiosa e tenaz de alguns republicanos cépticos preparam a catástrofe dum desabamento, que pode muito bem ser mais trágico do que se afigura a muitos optimistas *cândidos*.

Não que a Democracia se perca, ela amplia-se, alarga, aumenta sempre de novas almas que chegam; mas há momentos históricos em que a vida dum povo não pode com exageradas e repetidas crises de crescimento.

É inteiramente preciso que aumente e se condense a confiança popular, que a luz da nossa fé não hesite um instante sob o vendaval do clamor inimigo.

Ele forma *de novo* a tempestade; que as nossas almas se ponham serenas, justas mas inabaláveis, perante a ameaça, e o tumulto da Onda, que se arremessa.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 33, de 26 de Maio de 1920.)

Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra ^(a)

Meu amigo:

Refere v. o caso duma nomeação da minha autoria, recaindo num combatente inimigo da República.

Faz v. a justiça, que muito me alegra por mim e por v., de dizer que, só enganado por informações falsas, eu o teria feito.

Muito e muito obrigado.

Desde já posso afirmar a v. que nenhum professor fiz nomear, sem prévia garantia da sua lealdade dada por alguém, que, para mim, fosse de indiscutível fé republicana.

Vou pedir informações para Lisboa, e espero poder, em breve, *precisar* quais as garantias que à pessoa visada se referem.

Sem mais, com consideração e amizade,

De v.

Leonardo Coimbra.

(O Norte, Porto, ano III, n.º 23, de 27 de Maio de 1920.)

^(a) Trata-se de uma carta que o colaborador «Z» do jornal recebeu de Leonardo Coimbra, carta que entretanto o seu autor também dirigiu ao jornal para publicação.

Livros e livros

No fluxo desta maré viva de publicidade, bem precisa seria uma boa classificação de livros, que permitisse às almas ávidas de saber e progresso pouparem a atenção e a vista para a leitura que valha tais sacrifícios.

Pois não sei se já repararam que o livro pode estancar a curiosidade, desviar e descer a atenção, e rouba sempre à contemplação (ia dizer à leitura) de paisagem uma boa dose de capacidade visual.

A excessiva leitura tem até levado à cegueira muita vítima.

Era, pois, uma boa acção apartar em classes todos esses livros, nacionais e estrangeiros, que esmagam a atenção, a memória, a frescura da vida, e a luz dos próprios olhos.

Uma classificação em bons, maus e péssimos, era uma obra que requer uma coragem impossível. Calculem que eu me punha a fazer tal catálogo.

Seria tal o coro de imprecações, tanto aumentaria o exército dos meus cordiais ou figadais inimigos que, porventura, entraria a *perseguição* a acompanhar-me e talvez eu fosse sossegar ali para os lados do Conde Ferreira.

Não lhes direi, pois, quais são os livros maus ou péssimos, bons ou geniais.

Apenas lhes vou expor uma classificação que não ofende vaidades (e mais que a mulher só em vaidade vai o escritor) e servirá aos raros que, neste Deserto de Almas, cuidam de ajardinar os seus espíritos...

Há livros que não valem uma só leitura, pois nos contam banalidades revelhas ou tão inferiores que, há muito, para além delas já passámos.

Há livros que são esgotáveis por um número finito de leituras: uma, duas, n leituras. São os livros compostos por uma arquitectura adicional.

Assim: o Autor leu o livro *A* mais o livro *B*, etc., etc., tirou umas ideias (ou palavras) do primeiro mais outras do segundo, etc., pintou, deu-lhe um pequeno movimento de rotação (originalidade!) e fez uma obra.

Outros e melhores, fizeram a análise de qualquer recanto acessível da realidade palpável e vêm expor por *a* mais *b*, em ordenação discreta, a história ou composição dessa realidade.

Outros, e ainda esgotáveis por leituras finitas, estudaram seriamente um assunto e, porque o isolaram do todo com que ele se liga, podem dá-lo por adição dos seus elementos.

São exemplos a maior parte dos livros de ciência, as obras literárias limitadas a uma sala, ao amor sexual até aos simples complexos psíquicos do drama e da comédia meramente humanas.

Mas há os livros inesgotáveis por qualquer número de leituras. São aqueles em que o Autor, poeta, sábio ou filósofo, apreendeu uma parcela de cósmica realidade, foi sincrónico e simpático estremecimento do movimento universal.

Esses livros são a presença viva de realidades espirituais superiores, que, na sua imortalidade, vivem, dando às almas que os contactem os mesmos estremecimentos da vida universal que os anima. São as Bíblias: revelados e reveladores.

D. Quixote, as Tragédias de Ésquilo, os livros sagrados, a Divina Comédia, Hamlet, Camões, Newton, Platão, Kant, Bergson...

Livros, que, por uma intuição superior, trouxeram à Consciência as forças espirituais, efémeras e fugitivas, que afloravam nossas almas.

Nesses, devemos mergulhar a curiosidade, jamais ela será satisfeita e morta, mas voltará mais rica e acrescida, interrogando mais, abraçando na sua simpatia maior e mais bela quantidade de Universo.

Neles podemos cegar os olhos, que uma iluminação interior, uma nova e mais surpreendente visão universal nos será dada e em excesso como generosa e infinita dádiva.

Se os primeiros, quando esquecem e perdem a consciência dos seus próprios limites, podem fazer loucos, cegos e fanáticos, jamais os segundos deixarão de abalar as mais pesadas e sonolentas almas. Nas suas engenhosas composições, tem Wells a do alimento que rectifique a linha do crescimento biológico.

Pois estes livros são o perfeito alimento espiritual, excedente, *criacionista*, levando na sua alma as próprias águas da Origem. Mal vai ao livro que não aparece melhor e mais rico na segunda

leitura que na primeira, cuja beleza não cresce com a própria vida espiritual do leitor. Eis a grande divisão dos livros: finitos e infinitos.

Bem sei que a dificuldade estará na classificação dos livros finitos, onde existem os testemunhos modestos, sóbrios e humildes, de alguns espíritos de verdade e onde também existem os paludosos oceanos de tinta, que cegam e embrutecem os homens. Pois bem: dividamos estes últimos em positivos e negativos. Os primeiros são ainda bons amigos, de que voltaremos a falar.

Quanto aos segundos?

... Guardemo-nos de dizer quais são...

... Não bastaria o jornal, nem a largura dos nossos ombros...

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 41, de 4 de Junho de 1920.)

A morte do coronel Baptista

Dado em sacrifício à Pátria e à República até ao último hausto da sua vida, morreu o grande cidadão.

Se a vida é uma experiência moral, de amor por um ideal, de sacrifício dos menores interesses individuais à força e à beleza dum vida maior, pode dizer-se que o grande patriota *cumpriu* religiosamente a vida.

Se a vida não mais é que uma luta efémera de paixões, um insignificante transitar de horas, pode dizer-se ainda que este homem foi um clamoroso protesto da consciência humana contra a amoralidade e a cegueira dum Natureza sem vida e sem beleza.

Bondoso, simples, afável, a sua coragem perante o perigo era a fácil abdicação dos interesses egoístas perante a Beleza dum sacrifício, dando-o amorosa e inteiramente ao seu Ideal de humanidade e de justiça.

Vimo-lo a caminhar para o perigo com a decisão, a serenidade e a energia de quem conhece a alma do dever e sabe quanta alegria compensadora tem a consciência dum dever cumprido.

Simple como uma criança, vimo-lo chorar de infantil e como-vida alegria no meio dum festa do liceu de seus filhos.

Decidido e forte, nas horas bravas de tormenta e desvairo nós o vimos esperando sereno o momento de se dar à República, em cujo regaço desde criança deitara os melhores sonhos da sua alma.

Morreu lutando, oferecendo os restos dum saúde precária às importunidades dos amigos, à calúnia e à maldade dos inimigos e sobretudo à grande *estupidez moral* desta época em que ser ministro é dar ao último dos portugueses, por vezes até ao último dos estrangeiros, ocasião para que se suponha no direito de insultar, caluniar, vilipendiar, tratar como na vida íntima o mais desqualificado pandilha jamais consentiria sem protesto.

Parece que andamos todos apostados em demonstrar ao mundo que a Pátria não quer amizades, não admite que a amem, e que por ela nos sacrifiquemos.

Estamos perdidos se não aparece quem dirija e oriente a sociedade, clamam todos; mas igualmente todos vão procurando as pedras com que hão-de lapidar a primeira vontade de bem, o primeiro pensamento de amor e de trabalho que as circunstâncias levem ao altar do sacrifício.

Cegos de ódios mesquinhos, de tortuosas e dementadas ambições, vamos criando a atmosfera espiritual envenenadora e corrupta, que impossibilita as dedicações generosas e os mais santos entusiasmos.

Quem governe tem de dar-se à Pátria em absoluta e desinteressada dádiva, o que é belo; mas tem também de deixar-se assassinar pela calúnia, pelo enxovalho, pela caricatura canalha duma opinião falsificadora, pintando-nos com as cores da sua própria infâmia.

Os homens públicos em Portugal, quando por acaso se encontram com a sua imagem no espelho da opinião, não se conhecem; eles têm de viver no permanente repúdio da máscara e da consciência, que uma crítica malévola lhes queira afivelar ao rosto e introduzir na própria alma.

Quando acabará isto?

Se pudéssemos^(a) todos ver as formas de ódio que satinizam o céu da Pátria, ficaríamos arrepiados de tanto mal consciente e inconsciente que andamos espalhando e acumulando para futuras e medonhas tempestades.

Na despedida dum bom, dum simples, dum generoso soldado da Pátria, dum homem que queimou em desgostos os últimos lampejos da saúde destroçada, eu quero escrever estas palavras prevenidas e dolorosas.

Saibam ser bons, saibam medir e pesar as palavras, jamais as pronunciem ignorando que elas tanto criam como destroem, e que para mudarmos o céu espiritual da Pátria basta um pouco de amor e tolerância, basta que cada um admita nos outros tão puras intenções como as melhores e mais santas que em si tenham vivido.

Ao amigo, ao companheiro, a saudade de quem o conheceu e pode por sua honra jurar que só a esperança na felicidade dos

^(a) No artigo, eventualmente por erro tipográfico, figura «Pudéssemos».

homens, a fé na grandeza da Pátria e da República lhe animava de sagrados entusiasmos, trespassava de frementes ansiedades, a cândida e ardente alma de idealista.

Força de amor que desaparece insatisfeita, eu a sinto vibrar ainda de contagiosa e inextinguível chama.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 44, de 8 de Junho de 1920.)

Camões e a fisionomia espiritual da pátria

Imaginaí que, subterrâneo e distante, nos corre sob os pés um regato, e donde em onde a terra se abre em bocas de verdura, falando o refrescante murmúrio das águas profundas.

Assim são os Poetas.

A nossa alma é como velho arco de ponte, sob o qual flui o rio do tempo, levando no seu curso as verduras da terra e as luzes do firmamento, cabelos corredios de algas e filamentos luminosos de mundos, flores das margens e cometas do Infinito.

De quando em quando, da nossa própria alma tombam flores mortas que o tempo leva e vai sumindo na imensidade da Distância.

Voltarão a passar sob a mesma ponte os brancos corpos de Ofélias, que se afastaram, fluindo na algeidez do luar?

Qual o rio que, atravessando os mundos, os traga cinturados e reflectidos a repassarem as mesmas viagens, a repetirem o milagre do encontro?

A Memória.

Esse o grande rio do tempo regressando à origem, como peregrino que fosse a ver o mundo e ao lar doméstico voltasse, cabelos e alma empoados das flores dos caminhos, rebrilhantes das pedrarias da terra e das cósmicas poeiras das alturas.

Mas a Memória é onda dum mar transcendente, que só conhecemos pelo seu aromático desenho na praia que nós somos e onde ela vem a morrer em corpo de misterioso e estonteante perfume.

Longe de nós, fora do nosso Espaço, nas dimensões que nos são vedadas, nasce esse Mar; o fluxo e refluxo das suas águas desenha em nossos cérebros linhas de memória, que se apagam e destroem, mal seguras do instante em que fulguram.

A vaga brilhou instantânea e logo outra vaga de memória fez o *esquecimento* da primeira.

A consciência flui adormecida e às escuras, mal entrevedo os esporádicos clarões dessa Memória, que à semelhança da fosforência ^(a) dos nossos oceanos só de longe a longe iluminam o negrume da vaga.

E toda a Vida é uma luta, um drama, um combate, um permanente esforço para segurar a instantânea luz da Memória, vaga dum inar de Outra-Vida, a florando subtil a praia que nós somos...

A realidade é esse combate, levado a planos diferentes, e somente vitorioso pela audácia dos Argonautas que se aventuraram no grande Oceano da Memória que, espontaneamente, em catadupas jorra do infinito coração divino.

Os Argonautas do Mistério são os sábios, os poetas e os santos. Debrucemo-nos com eles no arco da velha ponte e vejamos o mundo que passa.

O Universo passa, o tempo corre e nas suas águas precipitam-se as flores marginais, correm reflectidos os mundos e os sóis.

O Poeta ouve o murmúrio que transita, fixa o instante fugitivo, e como em chapa de aço candente as águas que recebe no peito são asas de névoa, ascensão e fulgor, caindo no Mar transcendente da Memória em perfeito e luminoso corpo de eternidade.

E assim o Poeta eterniza o instante... e assim o Poeta ergue à Consciência os mais incoercíveis movimentos da alma, e assim o Poeta filtra no episódio a sua parte de eternidade, eleva sobre os indivíduos transitórios a fisionomia espiritual das Pátrias, da Humanidade e Deus.

O Poeta gera o Sábio e o Santo.

O Santo é o homem do plano superior voluntariamente dado em sacrifício para que a luz divina, que o consome, guie e exalte os homens à transcendência de uma vida superior.

O fogo purifica as podridões, a dor faz do sofrimento quotidiano uma coluna de fogo apontando os novos destinos e rumos.

O Santo vive na labareda do momento, o incêndio da eternidade.

^(a) Reproduzida embora pela edição do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.º 28, de 1984, a palavra «fosforência» aparece entretanto substituída pela palavra «fosforescência» na reprodução que a Junta Patriótica do Norte, em separata de 1920, faz do artigo em apreço.

Dá o seu corpo ao sacrifício para que, no vazio que se forma, as ondas da Memória se insinuem e aumentem o seu contacto com a terra, para que os braços dessas ondas se alarguem e cinjam todas as almas súplices.

O Santo é o Poeta praticante, as suas Canções penetram-lhe e modelam os lábios, são seres vivos caminhando, humildes e amorosos, a cuidar as chagas que, em nós, fizeram as mordeduras da Morte.

O Sábio é o Poeta vagaroso, debruçado sobre a ponte, não vai em companhia das vidas que fogem a cercá-las das águas da Memória para que vivam e se não percam, espera que regressem e na repetição do que passou vê a grande unidade convivente de tudo o que existe. Procura a *identidade* que une os seres, espera na *repetição* o reaparecimento do que transita. A sua luta pela Consciência é a mais humilde e serena.

A consciência científica é cheia de abdicação do que é propriamente humano, comovida de respeito pela Unidade social do Universo.

O ascetismo do sábio, feito da possível abdicação dos planos superiores, leva-o à mais completa companhia com as realidades do seu plano. O seu esforço para a consciência é o mais vigoroso esforço para fixar o desenho das vagas da Memória, sem a aventura argonáutica de deixar a praia em demanda do grande Oceano que a beija.

Mas aquelas partes da ciência, que são as fontes que a alimentam, os núcleos de invenção, são ainda o mergulho numa alma nas mais altas marés do grande Oceano da Memória.

O sábio criador é ainda e sempre o Poeta.

Newton e Dante são igualmente infinitos.

O seu pensamento tem sempre *oculto*, quer dizer, que nenhuma leitura os esgota, porque, pela parte em que mergulham no infinito Oceano da Memória, são incomensuráveis com qualquer modo de contar, isto é, inesgotáveis, eternos e infinitos. Há, com efeito, uma distinção, e a única que interessa, entre todas as obras.

Aquelas cuja riqueza é esgotável por um número finito de leituras (e quantas nem uma só leitura compensam!) e aquelas cuja riqueza é criacionista e excedente, pois aumenta com as próprias tentativas de exaustão.

Imaginaí um Arquimedes procurando exaurir um volume terminado por linhas curvas e à medida que ia descontando para-

lelepípedos o fosse encontrando novo e acrescido. Assim são os livros dos verdadeiros Poetas: sua própria alma, infinita dádiva do seu perfeito Amor.

Os outros... os outros podem ainda ser humildes soldados da Grande Guerra contra a Morte, sustentando com firmeza os troféus das vitórias já alcançadas.

Mas ai do livro que depois de lido uma vez não foi mais desejado ainda que antes da primeira leitura! Ele leva dentro de si mais esquecimento e morte que vitória e consciência.

Esses livros que crescem, e sem fim, são os fios subtis que prendem o homem aos planos espirituais superiores; são as flechas dardejantes do mistério apontadas ao próprio coração humano.

É neste sentido que há livros revelados e só legíveis na iluminação da própria luz espiritual que os embebe.

É, neste sentido, que existem bíblias: vivas línguas de fogo acrisolando o pensamento humano.

A *Divina Comédia*, *D. Quixote*, os Evangelhos: outras tantas línguas de fogo ligando a terra com o firmamento.

Esses livros serão humanos, pagãos e divinos.

Tudo transita, flui e morre.

Ou nos salvamos todos, ou é impossível a salvação.

O mais insignificante atrito dum areia pode inutilizar a mais poderosa e perfeita máquina.

Um grão de esquecimento permitido no Universo introduzirá a desproporção que inutiliza a Memória, será uma perda singular que há-de tornar impossível em qualquer outro ser a perfeita harmonia e conservação.

Um general no momento crítico dum batalha poderá acudir a um ponto principal da sua linha, sofrendo em retorno pequenas derrotas parciais em outros pontos. Essas derrotas parciais são o fumo de toda a labareda que sobe, os resíduos dum evolução que se fez e irá recomeçar, aumentada da vitória alcançada, no coração da primeira derrota.

O homem, que se eleva, só sustenta a sua fisionomia angélica ajudando a evolução, porque as forças de Morte ainda o hão-de perseguir e, se não continua subindo, há-de degradar-se em caricatura animal.

No rio do tempo vão fugindo as cousas, os seres, os mundos e o homem.

O Poeta é o seu redentor.

A única redenção é o grande baptismo no divino Oceano da Memória.

O Poeta revelou a consciência aos homens, porque neles fixou e acendeu aquela serena e firme estrela, que, no seu ponto de interferência, os raios do Amor infinito geraram em Memória.

Por essa Memória é o homem a praia onde marulham os oceanos de outras vidas, o foco onde se reúnem as vibrações etéreas de todos os sóis.

A Tragédia grega, *D. Quixote*, os Evangelhos, a *Divina Comédia*, Camões...

D. Quixote é a Bíblia do Ideal!

O Ideal é a ausência duma percepção espiritual, é nessa ausência que se insinua o Mistério...

Eis porque o Ideal é presença invisível mas activa, fecunda presença de realidades superiores que, como o longínquo pólo para a agulha, polarizam a vida do homem, embora este as não perceba, nem toque.

D. Quixote é a própria fome do Ideal. Fome insatisfeita no plano de vida terrestre, porque é nesse plano a presença de realidades espirituais excedentes.

Eis porque o *D. Quixote* é eterno; morto o planeta, ele será ainda em qualquer vida a sua distância a um plano superior.

O *D. Quixote* vive em todos os homens, são as próprias asas do seu sonho, é a ausência e o desejo de Deus.

Sob esse ponto de vista, todo o esforço para a consciência, que é a própria linha de evolução dos mundos, da vida e do homem, a ciência, a arte e a moral é uma sedução quixotesca, é o influxo superior que uniu a alma de Cervantes às realidades espirituais transcendentais.

D. Quixote é o Ideal; o Evangelho é a própria visão espiritual exaltada aos planos superiores da divindade.

D. Quixote é o cego impelido para a Beleza por um pressentimento interior; Cristo é a própria Luz abrindo olhos de percepção espiritual na máscara pávida do homem.

D. Quixote é a subida das águas no vazio que o turbilhão formara; Cristo é a *ascensão* das almas na estrada de luz que a sua passagem incendiou.

A tragédia grega é a luta do homem com a Fatalidade, isto é, das forças de vida contra todos os resíduos da evolução amalgamados e condensados num único bloco de Fatalidade.

Por baixo do mais fácil e gracioso politeísmo corre e flutua um pandemonismo informe, recebendo todas as precipitações residuais do alto ^(a).

Hesíodo e Ésquilo passeiam entre as sombras; Sócrates e Platão entre as frescas claridades duma manhã de Abril.

Mas Platão sabe que essas claridades podem ser as sombras duma outra luz e a alegoria da caverna *vive* a chamar a atenção do homem...

A *Divina Comédia* é o sonho de Jacob em plena vigília, é a onda iniciada num estremecimento da alma do Poeta e, alargando e subindo, penetrando em todos os planos da vida espiritual...

Argonautas do Mistério que elevaram a consciência a eternas visões da realidade.

Mas o mais insignificante Poeta é ainda capaz de fixar qualquer fugitivo estremecimento e chamá-lo para a vida no próprio instante em que silenciosamente se ia fenecendo.

A Arte é um formidável fenómeno de osmose: a alma do artista ressoa de todos os estremecimentos da natureza e a natureza é pintada com as tintas da sua alma.

O Universo é convívio, por isso, o Artista retribui, e em excesso, todas as dádivas que recebeu.

O Mar, o mar dos portugueses, entrou pelas órbitas do Poeta e saiu cantando as oitavas d'*Os Lusíadas* ^(b).

E tão íntimo foi o abraço, tão perfeita a transfusão que o marulho longínquo do Oceano é esta própria fala:

Bramindo o negro mar de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo.

Portugal encapela-se em ondas, a sua vida comunica-se e de praia a praia é um abraço cingindo o planeta.

A vida do planeta é convivência no Infinito, a alma de Camões ligou, pelos fios invisíveis da Memória, o Mar e a Pátria à vida espiritual do Universo.

As oitavas d'*Os Lusíadas* ^(c), ondas do mar salgado, são eternos estremecimentos de Memória esculpindo no Infinito a *fisionomia espiritual da Pátria*.

^(a) No artigo de *A Tribuna*, com certeza por lapso tipográfico, figura «acto» em vez de «alto».

^(b) No artigo figura «dos *Lusíadas*».

^(c) No artigo figura «dos *Lusíadas*».

O homem pertence a vários planos de vida espiritual, é cidadão da sua pátria, membro da sua religião, parcela consciente no Universo.

E cada plano é atravessado pelo esforço do homem-consciência para a conservação e para a Memória.

É por isso que em cada plano há névoa e sonho e o homem estremece duma nostalgia inquietante.

O Homem é o desterrado de Soares dos Reis...

Se o Universo, desde o sábio ao Poeta (e sem que julgue ^(a) o problema do Mal) é convívio, a consciência do homem há-de procurar as relações cósmicas na companhia das consciências mais próximas.

Eis porque o homem, consciência no Infinito, é cidadão na sua Pátria e une a sua voz à voz dos seus irmãos, para erguer em coro a própria voz da Pátria. E, como as almas só crescem pelo sacrifício dos desejos de separatividade que as forças da Morte nelas insinuaram, o amor da Pátria é a primeira e a mais concreta experiência religiosa das almas.

Mal vai, no entanto, às Pátrias que, vítimas dum orgulhoso isolamento demoníaco, não prolongam o sacrifício das almas, não alargam os seus estremecimentos de amor até à vida cósmica e infinita.

Se Deus é a própria consciência social, para que esta não pese e adormeça as almas, necessário é que cresça e se ilimite em consciência social do Universo.

O amor da Pátria será o amor dos homens e das coisas, encerrando-se em eterno e renovado amor de Deus.

A voz dos portugueses espessada, avolumando em ampliativos e excedentes abraços, será a epopeia da Pátria, levando no seu canto o mar e a paisagem, os homens, a terra e o céu.

As oitavas dos *Lusíadas* são as ondas do mar, levando em espuma as bandeiras das batalhas, trapejando ao vendaval dos heroísmos, os sonhos da raça, o amor, Coimbra e o Mondego, os montes, campos e boninas...

A crítica mais ou menos boticária, entreviu nos *Lusíadas* uma *mistura* do maravilhoso pagão e do maravilhoso cristão.

^(a) Quer na separata da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer na edição do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, figura a expressão «prejulgue».

É tempo de acabar com tanta incompreensão, de dizer bem alto que uma obra de arte é um ser vivo, uma viva consciência salvando para a Memória o fluxo que transita, jamais será a mistura de mortes e quimeras. ^(a)

Há nos *Lusiadas*, como em toda a labareda, uma parte incomcombustível que a chama não incendeia e tomba em inerte poeira de cinzas.

Incombustível, quando o coração do Poeta não arde em tão alto fogo devorador que tudo queima.

É a erudição do Poeta, que fornece o alimento à chama, e, se o fogo do pensamento é génio, tudo arde em vivo lume de beleza e eternidade.

Por vezes, sim, por vezes o calor do pensamento não basta a requeimar essa erudição, e então na fluidez das oitavas boiam estátuas mutiladas de deuses mortos e ausentes.

Mas esse é o fumo que faz toda a labareda humana, é o sinal de origem que, marcando a imperfeição do homem, sublinha a divindade do Poeta.

O pensamento vulgar, não subindo acima das mais próximas realidades, ignora a natureza e o valor do simbolismo, chegando a supor que os símbolos poéticos são artifícios decorativos com que o Poeta procura deleitar-nos a sensibilidade.

Daí a ideia dum maravilhoso que, como as decorações dos arraiais minhotos, passa de poeta em poeta.

Se conhecer é relacionar, é sempre uma atenuada ou viva analogia a alma do próprio conhecimento, que da ciência à arte é sempre, embora diferentemente, um simbolismo.

O simbolismo pagão é a grande concepção estética da Natureza e da Vida. As contradições entre o homem e a natureza reúnem-se ^(b) ainda às relações de silêncio e convívio, que o homem encontra e harmoniza na quase tangibilidade dos deuses mal escondidos ainda no seio duma natureza amiga.

^(a) Quer a separata da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer o *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, consagram nestes termos o parágrafo mencionado: «É tempo de acabar com tanta incompreensão [...] salvando para a Memória o fluxo que transita. Jamais será a mistura de mortes e quimeras.»

^(b) Quer na separata da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer no *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, figura a expressão «resumem-se» em vez de «reúnem-se».

O murmúrio da floresta é quase o sopro, repousado e posante, duma respiração imensa, a tremulina de luz, que percorre o ribeiro quando um ruído se ergue do estremecimento do canal, é o próprio corpo da Frescura a caminhar; o bulício das selvas multiplicando e fecundando a vida é a própria Vida espalhada e vagabunda juntando-se para crescer; o silêncio pontiluzente, meditativo e severo, da Noite estrelada é a própria serenidade da distância a olhar: sátiros, ninfas, hamadriadas, nereíades, faunos e deuses passeiam por entre os homens...

O mundo é a convivência ingênua, mas já os dragões e as serpentes de novo assustam e repelem a sensibilidade do homem.

Ele terá de reencontrar a companhia adentro de si mesmo...

Se o corpo de Vénus é feito da espuma do Mar, a Virgem Maria é a mais alta e translúcida espuma da Alma.

Um paganismo simples e gracioso apreendeu na vida universal as mesmas forças, tendências e elementares vontades, que trabalham silenciosamente nas profundezas do ser humano; mas já as lutas *titânicas* revelam na Natureza vontades inimigas que nos assediam e oprimem.

Um titanismo vitorioso, coberto de glória e feridas, pode voltar a ressentir a beleza ingênua, a inocência e o bem ^(a) na forma da aragem que embala as floristas ^(b), na frescura humilde do arroio, na sombra acolhedora da árvore, no sonho que trespassa a grande voz dos elementos.

Eis porque não há maravilhoso nem misturas de maravilhoso, há sim uma voz humana que é contemporaneamente estremecimento da alma e do ar, que fulgura no éter interior e no éter envolvente a mesma luminosa geometria. N'Os *Lusíadas* ^(c) há alegria campesina, boninas, prados e jardins, uma natureza inocente e sem mácula.

Mas há também águas que são já lágrimas de amor saudoso, há montes e ervinhas que andam a aprender no peito de Inês.

^(a) Quer a separata da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer o *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, inserem neste ponto a pontuação «,».

^(b) Quer na separata da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer no *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, figura a palavra «fiorinhas» em vez de «floristas».

^(c) No artigo figura «Nos *Lusíadas*».

E a paisagem de Coimbra ainda hoje vive a repetir essas lições; na Quinta das Lágrimas ainda hoje, da fonte, correm sem descanso, ressoando em ecos, os versos desta oitava:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês, que ali passaram
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome amores.

A Natureza não existe fora da convivência do homem. Ora simples, silenciosa e profunda, duma inocente religiosidade elementar, ora destroçada e perdida, se a não socorre a memória.

Fonte que é o simples murmúrio da gratidão das sedes, leito de frescura da ninfa adormecida, translúcida neblina das rendas que a vestem; fonte que discorre em lágrimas as saudades dum amor distante...

É esta Natureza que o Poeta tem de conquistar para a alma, é esta natureza que a Pátria tem de desvendar para o mundo.

Viajar é compreender: por ignotos rumos procurar e levar companhia aos seres e às cousas da distância, alargar, dilatar a alma para além dos horizontes, ampliando o convívio, *contactando* por maior superfície a grande zona do Mistério.

Ao partir para a viagem acorrem todas as vozes da tranquilidade doméstica, demovendo e comovendo, tentando prender o homem à firmeza das ligações criadas, temendo a deslealdade e o esquecimento.

Há vozes de egoísmo e de preguiça, mas há também vozes proféticas que acusam a nossa vontade pecaminosa de não ir em busca de novas amizades, mas de ambições e maiores egoísmos.

Uma noite, era eu ainda colegial, senti, olhando da sala de estudo o côncavo firmamento estrelado, a atracção dum astro distante, e a minha alma infantil partiu subitamente ao chamado da distância; de repente um frio de isolamento, de abandono, me fez regressar instantaneamente ao calor e ao abrigo dos homens, que, ainda pouco carinhoso, me falava, era meu, era convívio, conhecimento, mútuo amparo.

Jamais se apagou da minha memória essa *sensação* única, que hoje suponho o primeiro e mais perfeito contacto do meu ser com o Mistério.

Também, ao partir, o Velho do Restelo virá... E à despedida, há-de prevenir os egoísmos, as ambições e as cobiças para que não aumentem com o tamanho dos mundos que lhes vão ser dados.

E o Velho sabe que a Viagem, a Epopeia, é uma obra prometaica, de «fogo de altos desejos que a movera».

O homem Prometeu é o homem dando o Infinito aos seus desejos, partindo para além dos deuses familiares, correndo o risco de ficar só e às escuras no Espaço sem fim, onde só um novo Deus de infinito amor poderá ser companhia.

Esse homem Prometeu, perdido e vagabundo, encontrou a mão de Jesus reconduzindo-o a Deus; mas quantos ainda hoje passeiam num Infinito mudo a desolada estátua de sua solidão e tristeza?

A Epopeia vai fazer-se, os portugueses partem ligando os mundos, e ao dobrar da África o Velho do Restelo é o Prometeu português, o Adamastor petrificado, prevenindo de novo as almas das duras consequências da audácia, das dores companheiras de toda a criação.

O Velho desejara que o fogo dos altos desejos prometaicos não tivera ardido, e profetizara com uma voz tão sábia e prevenida que bem parece ser a própria voz dum doloroso saber de experiências.

O Velho acompanha a frota e de novo, maior, Imenso e Tormentoso, quer vedar o Mistério, conter as forças de bem e de mal que os navegadores estão prestes a libertar.

Profetiza e ameaça, mas, quando interrogado em palavras lusíadas, conta aos portugueses, ao mar e às nuvens, a tragédia esquiliana da sua aventura.

O irmão Prometeu roubara o fogo aos deuses, quisera furtar-lhes o amor.

A Luz prometaica iluminara os mundos, mas o Espaço regelado não fora comovido por essa fria luz da inteligência: a candeia cristã vai purificar e aquecer essa luz e será o Amor a Grande Presença Universal, dadivosa e inesgotável.

Eis porque o Prometeu português tem um Cáucaso — é o término do mundo conhecido, aprisionado em contacto com as primeiras ondas do mundo misterioso!

Eis porque Adamastor tem um abutre — os próprios braços do amor, regaço ondulado de Tétis, fazendo estremecer infinitamente a bruteza penhascosa do seu corpo:

Converte-se-me a carne em terra dura
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros, que vês e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam;
Enfim minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deuses; e por mais dobradas mágoas
Me anda Tétis cercando destas águas.

O seu corpo é beijado pelas mil bocas do amor que o devora, e abraçado à névoa do corpo amado, sobe liberto o seu desejo, penetrando em lágrimas as funduras oceânicas em que se abisma.

E chora, chove, desfaz-se a nuvem negra e de novo o Sol reaquece mais desejos...

Alma sedenta da Pátria, inextinguível fome de imortalidade, com o amor cravado no mais íntimo do seu querer!

A fisionomia espiritual da Pátria traçada a fogo no próprio coração do Infinito.

E lá vai Vasco da Gama num Mar, que não é do Planeta, criando ^(a) a raça numa Viagem sem termo a ouvir e libertar Adamastores, correndo num pacífico Oceano de Memória a sua eterna aventura religiosa.

E, cantando com o Poeta, todos nós somos já espectros duma outra vida, formas duma luz transcendente penetrando o planeta dos estremecimentos do Infinito.

É a Grande Viagem: O Gama ao leme, o Poeta fazendo do seu canto o próprio Oceano em que vogamos e nós, reconciliados com ele, em êxtase, cantando a beleza profunda e eterna das almas...

Faça cada português as suas pazes com Camões, e, de novo, no Infinito, radiosa e feliz, a Pátria há-de sorrir...

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 47, de 11 de Junho de 1920; reproduzido pela Junta Patriótica do Norte, in *separata Camões e a Fisionomia Espiritual da Pátria*, Porto, 1920, e pelo *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.º 28, 1984, in *Camões segundo Leonardo Coimbra*, compilação de Pinharanda Gomes.)

^(a) Quer na *separata* da Junta Patriótica do Norte, de 1920, quer no *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, de 1984, figura a expressão «levando» em vez de «criando».

[O centenário de 1820] ^(a)

Há mais dum século que as ideias humanas da Revolução francesa andam a trabalhar o solo português. Refundidas e adaptadas, venceram já em todo o mundo e em Portugal, vão triunfando com a República.

Quando em 1820 se fez a Revolução no Porto, os homens desse movimento eram os ideólogos simplistas da bondade natural do homem (Rousseau) e da espontânea aritmética do interesse (Bentham).

A sociedade sofria a escravidão do absolutismo, era libertá-la, dar a todos, pelo sufrágio, o direito de interferência nas leis e os interesses acomodados trariam felicidade à Pátria.

O seu sonho ingénuo fez a Constituição de 22 declarando (art. 1.º) a Nação como a essencial depositária da Soberania, criando os três poderes, judicial, legislativo e executivo, uma só câmara, o sufrágio universal.

O poder executivo era constituído pelo Rei e Secretários de Estado, não tendo o Rei direito de impedir a reunião da câmara dos deputados, de a prorrogar ou dissolver.

^(a) Trata-se de artigo-depoimento que Leonardo Coimbra escreveu a solicitação do jornal *A Voz Pública*, como resposta ao inquérito que este jornal levou a efeito aquando da comemoração do dia 24 de Agosto de 1820. Da apresentação do artigo pelo referido jornal consta: «O Dr. Leonardo Coimbra no seu depoimento recorda o Passado... / Os cantos, a música, os costumes populares da época podem e devem reviver. / No inquérito que iniciámos sobre a comemoração do dia 24 de Agosto de 1820, não podíamos dispensar o depoimento do ilustre professor de Filosofia da Faculdade de Ciências do Porto, o Sr. Dr. Leonardo Coimbra, o qual, com uma gentileza que infinitamente nos penhora, imediatamente acedeu aos nossos desejos, enviando-nos o brilhante artigo que segue:»

O Conselho de Estado, escolhido pelo Rei em listas organizadas pela Câmara seria sempre ouvido nos assuntos graves.

O poder judicial era inteiramente autónomo e haveria juízes de facto eleitos pelos povos.

Sonho ingénuo, alimentado de entusiasmo de Rousseau em caracteres onde as recordações clássicas punham um certo romanesmo hierático, foi esbarrar contra o refluxo europeu da Reacção e não soube dar, ao País empobrecido e sem Brasil, nem o Brasil, nem um novo destino de trabalho, a confiança em novas forças económicas.

E assim a Vila-Francada é um regresso ao absolutismo mais ou menos hipócrita.

Em 26, vem a carta outorgada com a eleição indirecta e com os pares hereditários ou de nomeação régia, o Conselho de Estado livremente nomeado pelo Rei, etc.

Em 28, D. Miguel restabelece o absolutismo, em 34, vencido, sai de Portugal e em 38 promulga-se a nova Constituição, que, sem regressar à pureza de 1820, é todavia mais liberal que a de 26.

É ^(a) a constituição de 38 que vem com fluxos e refluxos democráticos até aos fins da monarquia, sendo em 52 abolida a pena de morte nos crimes políticos, sendo em 96 abolida a parte electiva da Câmara dos Pares.

A Constituição de 1820 não mais é atingida e o período último da monarquia é essencialmente reaccionário e regressivo.

Depois da derrota e fuga de D. Miguel o regime constitucional foi enraizado nos interesses nacionais por uma prudente legislação libertando o comércio e a indústria, moralizando a burocracia, etc.

Nesse solo social se estabelece a República e, por cima dos reflexos reaccionários, mais prudente, sábia e experimentada, vai dar a mão aos sonhadores de 1820, trazendo progressivamente à realidade o melhor e mais justo das suas aspirações.

É claro que estando em plena crítica e crise o conceito social de trabalho a República terá agora, depois da guerra europeia, de resolver o mais tremendo problema dos tempos.

Forte da sua tradição, forte da tradição liberal do País, ela saberá honrar os seus Maiores, abrindo olhos atentos, inteligência serena e coração generoso aos novos problemas da vida social e nacional.

^(a) No artigo figura «E».

Não me parece que o nosso povo tenha educação cívica bastante para que tal cortejo não descaia numa caricatura do que queremos exaltar.

Não que lhe faltem virtudes cívicas, sempre afirmei e afirmo que ele hoje é mais patriota que as chamadas classes cultas; mas ^(a) somos todos muito sensíveis ao ridículo e os homens da época eram demasiadamente esquemáticos e empertigados para que a sua indumentária não solicite a nossa fácil e sempre pronta habilidade caricatural.

Os cantos, a música, os costumes populares da época é que podem e devem reviver.

O que é popular na pura essência do termo, porque há sempre o que os energúmenos inventam e procuram popularizar.

O que é *verdadeiramente* popular tem sempre inocência bastante, é suficientemente elementar para comunicar dum pouco de eternidade inacessível ao mau riso.

(*A Voz Pública*, Jornal Independente, Porto, ano I, n.º 225, 16 de Junho de 1920.)

^(a) No artigo figura «Mas».

A crise social

(O Bolchevismo)

I

Schopenhauer, Byron e Leopardi tão alto falaram o pessimismo que suas vozes não podem traduzir sentimentos meramente pessoais.

Falta a alegria de viver e faltam motivos a essa alegria, e, por isso, que o pessimismo alastra e contagia em verdadeiras ondas epidémicas. Uns procuram a explicação da tristeza moderna na neurastenização duma vida excessivamente rápida e opressiva em velocidade, grandeza e intensidade; outros procuram a origem de tal tristeza na ausência de crianças sólidas, orientadoras das almas para novas certezas e rumos.

Outros ainda irão procurar nos estragos directos e transmitidos de sífilis e do alcoolismo o motivo das grandes nevroses e debilidades modernas.

Fins de raças, dirão uns; fins de civilização, dirão outros.

Mas os motivos que todos apresentam para o acabamento das raças são ainda directa ou indirectamente de ordem social.

Todas as causas de desaparecimento duma espécie estão na sua maior ou menor adaptabilidade ao meio; ora o meio do homem é um certo agrupamento humano específico e bem caracterizado e cada um destes grupos tem como meio o conjunto dos outros grupos com que tem de conviver.

De molde que são sempre os valores sociais nacionalistas ou cosmopolitas que determinam crises de civilização, quiçá reflectindo-se e prolongando-se em crises de povos e raças.

Assim a opressão e a vertigem da vida moderna resulta do conceito actual de trabalho, dando um grande lugar ao acaso, não já ao superior acaso das invenções, mas ao acaso do pri-

meiro que chega aos acasos dum liberalismo económico meramente empírico, ao acaso da permanente instabilidade dos desejos e caprichos humanos.

O alcoolismo e a sífilis são ainda doenças essencialmente sociais por falta das inibições, que só um alto ideal de vida de firmes certezas sociais poderia dar com eficácia.

A crise é, pois, directa e essencialmente, uma crise de valores sociais, e, entre estes, muito especialmente dos valores de ordem moral.

Com a Renascença, as descobertas dos Portugueses e Espanhóis, a ciência moderna, a indústria e o comércio, vem desde séculos a lenta gestação duma moral humana em que de novo se encontre e organize aquela identidade fundamental entre todos os homens, que Cristo revelara à luz transcendente duma mesma filiação divina.

Mas, como defendemos sempre os valores domésticos diante dos novos valores sociais que pareçam ameaçá-los, também os valores nacionais levantam por vezes atritos com os valores humanos, que íamos procurando e estabelecendo.

É assim que ao lado da ciência e da arte que, ricas do seu conteúdo de *concreto universalismo*, são tanto mais humanas quanto mais profunda e amplamente nacionais, o comércio e a indústria levam ao lado duma extensão universalizante um particularismo de interesses que ora apaga o nacionalismo sob grandes interesses estrangeiros, ora cerra o seu humanitarismo diante de interesses estranhos conflituosos.

E dentro de cada Pátria se reflectem ainda os mesmos conflitos entre o homem novo, cidadão da sua pátria e consócio da humanidade, e o velho homem, cauteloso e prudente, pugnando pelo passado, receoso das solicitações aventureiras dum mais belo e amplo humanismo.

E como o homem se une pela experiência colectiva, e o trabalho é a forma social dessa experiência, é no problema do trabalho que se acumulam os conflitos, as hesitações cediças e as audácias renovadoras. O Trabalho é invenção e repetição.

Se a invenção é meramente individual e a repetição colectiva, parece que o liberalismo económico teria plena justificação.

Um homem inventa os novos processos de dar satisfação a um conjunto de necessidades e desejos que ele ou outro descobrira, convoca colaboradores e, de acordo com eles, estabelece a sua indústria ou o seu comércio.

O Trabalho aparece como uma série de invenções e descobertas, humano e social pela tradição que liga os inventores; ao

lado os que nada descobrem, nem inventam, repetem com o seu menor valor técnico os mesmos pensamentos e movimentos que uma vez lhes foram ensinados.

E não ficaria a ninguém vedado o caminho da invenção, novos pontos de invenção podiam surgir e em torno deles novas organizações de trabalho.

Haveria sempre uma grande massa indiferenciada de agentes da parte repetição do trabalho, nessa massa iriam aparecendo aqui e além núcleos diferenciados, pontos de invenção, aglutinando novas repetições.

E assim o progresso social acompanharia o progresso individual sem que entre eles houvesse estrito e perfeito paralelismo.

Mas é precisamente esta concepção do trabalho que é contestada por parte duns extremistas ignorantes tornando-o indiferenciado e em bloco, capazes de darem como equivalentes o trabalho dum Pasteur sobre a raiva, abrindo o curso a toda uma terapêutica, e o contemporâneo trabalho de mudar uns livros duma estante.

Outros, no entanto, dirão, contra o optimismo liberalista, que a invenção nem é individual, nem que o fosse ela justificaria uma forma de trabalho em que as próprias invenções, longe de aumentarem a riqueza, o bem-estar e a confiança social, entram em conflito tal que mais se hostilizam que amparam, mais debatem os homens que os unem e harmonizam.

E, para tal, mostram as guerras assolando os povos, as greves e os ódios degladiando os homens da mesma pátria.

Não é preciso mesmo recorrer ao critério materialista da história, basta conceber o trabalho como realidade social que se dirige a desejos, crenças e necessidades sociais, para verificar que as guerras entre homens e nações revelam um erro visceral na pura forma liberalista do trabalho.

A Sociedade das Nações é mesmo, e teoricamente, um esforço de organização superior dos avulsos e conflituosos liberalismos díspares.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 56, de 22 de Junho de 1920.)

II

O liberalismo económico é bem recebido por aqueles que uma melhor colocação inicial torna mais aptos a entrarem na tabela

dos valores económicos com um alto coeficiente individual, dependendo, aliás, esse tabelamento da ideologia da época*.

É assim que durante um certo período em Portugal a posição de sacerdote era muito *categorizada* pela ideologia social, passou a ser muito rendosa e todos os lavradores que tinham sobras de fortuna lançavam seus filhos no mercado com este alto coeficiente individual de valor.

Por contraste serão inimigos de tal liberalismo aqueles que inicialmente partem desvalorizados sem nenhum coeficiente individual a subi-los sobre a grande massa indiferenciada.

Ainda esta massa pode diferenciar-se em sindicatos, associações, cooperativas, etc., para, valorizadas como um todo, pintarem dessa cor cada um dos associados.

É esse um processo, que, junto à acção política pela liberdade de voto vai transitando do estrito liberalismo para um sistematismo mais ou menos autoritário.

Esse sistematismo pode, considerando que a invenção sendo um fenómeno social é todavia também um notável fenómeno individualista, ficar num reformismo que respeite os factores individuais de invenção e as virtudes da economia individual, corrigindo, no entanto, os *acazos* mais malfazejos do liberalismo pela *valorização* de todos os factores do trabalho de acordo com a balança económica e social da época.

Quer dizer que as próprias opiniões e crenças que valorizam o trabalho serão orientadas, o mais possível harmonizadas, e as capacidades peculiares às diferentes modalidades do trabalho serão experimentalmente desenvolvidas por uma educação técnica de extensão e intensidade flutuantes de acordo com boas indicações estatísticas do trabalho.

Um efectivo Ministério do Trabalho, um novo sistema de contribuições, incidindo *especificamente* sobre as riquezas e heranças, e sobretudo uma Universidade (sistema integral de educação e ensino), órgão do Saber, do Sentir e do Trabalho pela acção directa e pela difusão através duma opinião, que penetrada fosse dos raios da sua luz.

Esta a aspiração dos prudentes habituados a verem o reverso do bem e do mal, a esperarem que, em todo o humano, haja virtude e maldade, sem que a pureza dum elemento jamais apareça.

* O que põe o materialismo histórico adentro de seus limites.

Mas tal esperança vai esbarrar com a cegueira dos afortunados, não só dos que marcaram valores singulares, e por isso subiram, mas sobretudo dos que herdaram ou aproveitaram, sem moral, as próprias vantagens ocasionais da sua amoralidade.

Não vemos nós agora que todos os ricos diante dum Estado empobrecido, da nação aflita, dizem que pagam mas não se acertam no quando nem no quanto?

Será então viável tal reformismo, e por via política, nesta humanidade dividida em interesses inofensivos e sem um Ideal que una e obrigue?

Não será antes tal reformismo um permanente estado de guerra e guerra de embustes e retórica, falaz e, por quotidianas estéreis violências, amolentando as grandes energias convulsoras que levem os homens à comunhão numa mesma crença e num amplo e volumoso desejo de humanismo?

Eis o que acreditam os teóricos do catastrofismo social, os que, por uma subtil psicologia, bem sabem quais as condições para que novas crenças apareçam e subsistam.

Eles sabem que um evolucionismo progressivo é muito improvável lá onde forças permanentemente modificáveis se não oferecem a uma composição que lhes resuma os efeitos. E sabem que os psiquismos individuais são efémeros se não têm raízes na consciência colectiva.

Os reformistas partem dos psiquismos individuais para, por composições e interferências, irem modificando a consciência social; os catastrofistas pretendem partir da própria consciência social, com a esperança que nela apareçam e se talhem os psiquismos individuais correspondentes.

Devemos confessar que o Ideal que anime os reformistas pode muito bem ser cheio de confiança no futuro: para um socialismo preparatório, evoluindo para as novas liberdades anarquistas.

Podem ainda eles ser louvados pelo humanitarismo que os inibe do risco ^(a) duma grande revolução em que a maldade virá lançar sementes daninhas; mas temos também de confessar que a sua psicologia é ingénua e o futuro se lhes alonga diante dos olhos em miragem inacessível.

O que é preciso é modificar o pensamento, o amor e a vontade dos homens.

^(a) No artigo figura «riso».

E criar um novo pensamento individual, com efeito, se pode fazer talhando esse pensamento num novo sistema de consciência social.

O critério pragmatista da Verdade só tem aquela parte de valor, que reside num bom racionalismo experimental; mas, quando a própria Verdade é contemporaneamente a Acção como em sociologia, o critério pragmatista aumenta consideravelmente de valor.

É, com efeito, na Acção que nascem as categorias sociais, e, se o mal e a crise são tamanhos, não será o poder genético da Acção o seu único remédio?

Eis o que foi a Revolução Russa: a audácia duma Acção fortemente das esperanças criadoras dos novos valores e formas.

A visão apocalíptica que atravessa a alma dos seus heróis é um grande Universo deformado pelas suas aspirações humanitárias.

Basta ler as críticas de Lenine sobre os diferentes sistemas filosóficos para ver como a sua mentalidade é a própria reivindicação operária espionando os burguesismos do pensamento: O *Homem* do seu humanitarismo é o operário.

Mas essa Visão é a própria Luz duma imensa consciência colectiva, por isso formidável de certeza dessa mesma imensidade.

Os Russos são invencíveis do Exterior, só a descrença dissolvendo os imperativos dessa consciência colectiva, da *consciência bolchevista*, poderá trazê-los à Crítica que da Revolução só estabilize o que é fundamente justo e humano no sentido amplo do termo.

Os russos crentes diante da Europa céptica sabem e podem opor-se-lhe e é bom que a política europeia assim o entenda.

Será, então, o catastrofismo social a única fonte possível das novas tabelas, das novas categorias sociais, que a ausência de amor nos corações e de bons sorrisos nos lábios do homem de hoje mostram de urgente e irremissível necessidade?

Será mesmo esse catastrofismo o coração fecundo e amoroso da renovada felicidade da Terra?

(A *Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 57, de 23 de Junho de 1920.)

III

Vimos, com efeito, atravessando hipóteses até a esta tremenda realidade dum movimento revolucionário, talhando na

consciência social e pelo seu poder mitogénico, os novos psiquismos individuais.

É que, com efeito, as sociedades debatem-se inquietas, sem fórmula que ao mesmo tempo salve o que pretendemos salvar e remedeie os males que nos afligem.

Como todos sabem, a melindrosa flor do individualismo é a mais alta e recente criação das sociedades humanas.

Quanto menos penetrada de correntes diversas, degladiada de opiniões e crenças é uma sociedade, ^(a) mais *tipo* é cada indivíduo, tendendo para simples *exemplar* idêntico, repetindo-se em cada membro da sociedade.

É mesmo deste teorema duma sociologia teórica mais ou menos explicativa que sai, como simples corolário, o que há de interessante nas várias psicologias das multidões.

Todos nós prezamos muito esse individualismo de que o cristianismo é a mais firme e transcendente afirmação, pois para ele é cada homem um templo portador da divindade, tabernáculo duma alma, filha dilecta do próprio Deus, e que é a própria liberdade da escolha do caminho do Amor entre todos os caminhos da Vida.

Mas, no mundo, essa liberdade fez-se por entre esforços e lutas sociais, concorrendo no chamado liberalismo, em todos os seus aspectos e muito especialmente no seu aspecto económico.

De modo que hoje o conceito de *liberdade* está colado à fórmula liberalista em política e economia, e, assim, reciprocamente, tememos pela liberdade diante da ameaça de qualquer agressão dum autoritarismo económico, como tememos pela economia diante de qualquer ameaça dum autoritarismo político.

Mas a disjunção da liberdade individual e do liberalismo económico começa diante do espectáculo da grande massa popular mais ou menos inibida das suas liberdades pela miséria em que é colocada pelo liberalismo económico. E, como a moral humana existe e progride pela socialização do saber e do sentir, todos, exploradores e explorados, mais ou menos recebem a crítica negativista do absoluto liberalismo.

Nasceu, pois, nas consciências modernas, o desejo duma organização económica, que, garantindo a vida a todos, permita a eficácia de todas as liberdades.

^(a) No artigo não figura a pontuação «,».

Dum lado o respeito e o amor do individualismo, do outro lado a crítica das contradições a que este liberalismo levou pela injusta distribuição da riqueza e do trabalho.

Eis o *impasse*, a *antinomia* a que chegaram as sociedades modernas.

A antinomia revela-se ingenuamente nos jornais e conferências dos diferentes partidos ou correntes.

Um jornal socialista de Lisboa, — *O Combate* —, dava a lista criminal do dia, com o título sugestivo de «O individualismo em acção»¹.

Nietzsche negava a antítese socialista dividindo a sociedade em indivíduos livres e senhores, sobre um organicismo infra-humano do trabalho.

Mas a solução da antinomia só pode existir numa síntese que abraja, exceda e harmonize, a tese e a antítese. Onde, porém, a dialéctica hegeliana que encontre a síntese?

É curioso observar que a tentativa, aliás errada, vem, no entanto, do infiel discípulo de Hegel, Karl Marx.

É a resolução teórica da antinomia pela negação da tese individualista.

O erro e a insuficiência da solução foram logo revelados pela dissidência anarquista, defendendo a sublime e melindrosa flor do individualismo.

Aqui, como em todas as antinomias, o pensamento salta da tese para a antítese, num movimento pendular, sem repouso, acordo ou solução.

Não tenham dúvidas que o aparecimento do génio que encontrasse a necessária síntese abriria imediatamente a falência desta sociedade e, de pronto, o mundo social mudaria a fisionomia, como todas as manhãs o faz o planeta ao primeiro beijo do Sol.

Mas a antinomia existe, é o nó górdio das sociedades modernas.

Qual o Alexandre que o corte pelo fio do génio?

E, se não existe este Alexandre, não virá o fio da violência a cortar a bruta dureza da antinomia?

Voltar olhos saudosistas ao passado, ver em saudade, deformado e quieto, esse passado, admirar a tranquilidade dessa

¹ Saibam os ignorantes que nos nossos trabalhos filosóficos se demonstra que há uma dialéctica experimental que é a alma das ciências.

quietude, é uma tendência que nada resolve, pois esquece que esse passado foi vivo e é morto, vivo pelas crenças que o animavam, morto pelas novas crenças que hoje animam e levantam o homem.

A vida é irreversível desde o rio que corre, ^(a) o raio que iguala a nuvem com a terra, até à sociedade que só pode, mesmo em pensamento, reviver o passado aumentado do saber histórico que o excede.

Outra tentativa, menos saudosista, menos poética e mais utilitária, é a dos *neo-intelectuais* que tomam à conta do seu intelectualismo solução da antinomia.

A irrigação do Alentejo, um neoparlamentarismo, a cultura dos baldios, etc., etc., são números ^(b) vistosos do seu programa na adaptação portuguesa do problema.

Irrigar o Alentejo é bom, mas pouco tem com a antinomia a resolver; a cultura dos baldios é ótima, mas tem com o caso relações acidentais.

Quanto ao neoparlamentarismo... muito teríamos que conversar.

Sim, o parlamentarismo precisa de reforma, mas a tentativa sidonista-integralista da representação por classes pressupõe uma sociologia contratual que existe, mais que como desejo e tendência ideal.

Como o parlamento seria o espelho das forças políticas (e indirectamente económicas) das classes, ele iria ser uma guerra sem tréguas entre as classes, donde as mais oprimidas pelo liberalismo económico sairiam mais *legalmente* esmagadas.

As classes na dialéctica sociológica ^{1 [2]} são posteriores à sociedade como suas criações diferenciadas; de modo que há um direito anterior a essas classes e comum a todos os indivíduos sociais; é esse direito que compete aos parlamentos, que, só por isso, não podem ser representativos das classes, mas sim da nação.

A antinomia persiste esfíngica e irónica diante da grande iluminação do *neo-intelectualismo* português.

É o nó górdio.

^(a) No artigo não figura a pontuação «,».

^(b) No artigo, com certeza por erro tipográfico, figura «numerosos» em vez de «números».

¹ Citamos, de memória, não tendo agora presente nenhum número do jornal; mas podemos garantir o sentido.

Qual a espada de Alexandre?

De muitos lados vem uma resposta sincera, audaz e formidável: — A Violência, a Acção.

De novo encontramos o critério pragmatista resolvendo o problema.

Sorel, discípulo de Bergson, fará a apologia da Violência.

Lenine e o povo russo incendiam a Acção.

Para onde? Para o desconhecido, fremente de esperanças criacionistas da nova moral e do novo direito, que, no seu calor fundam o refractário corpo da tremenda antinomia.

A empresa valerá o risco?

As velhas fórmulas não voltarão, ainda quentes duma morte incompleta, a obsidiar os espíritos?

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 59, de 26 de Junho de 1920.)

Ao Povo Republicano

A hora que passa é de tremendas responsabilidades para todos os republicanos.

Depois de esforços para organizar um governo de concentração e um governo das direitas, conseguiu-se um governo chamado das esquerdas.

Esse governo é recebido com confiança pela Câmara dos Deputados e com desconfiança pelo Senado.

Eis um conflito entre as duas câmaras.

Que fará o Congresso?

É a pergunta que a todos os republicanos ocorre.

Que dirá o povo republicano?

Eis outra pergunta que também não deve esquecer-se.

E o povo republicano diz que fez o 5 de Outubro, que desfez o pimentismo que os políticos inventaram, que vive nas cadeias do sidonismo, batido, esfomeado, verminado, ofendido, que sofreu no Porto os horrores do Éden e que subiu Monsanto e reconquistou o Porto...

Diz isto e começa a dizê-lo com uma voz clamorosa e imperativa, diz isto e começa a dizer que os políticos fizeram da República do seu Amor a República dos seus ódios...

Basta! Basta! Srs. políticos.

Haja um governo e respeite-se ou desrespeite-se pelas suas obras.

Que significa escorraçar um governo que ainda não principiou a sua obra?

Auxiliem-se, amparem-se, corrijam-se uns aos outros pela crítica sincera, tolerante e animada pelo desejo de um melhor amor à Pátria.

Parem nos mútuos desvairamentos de destruição.

Cada hora que passa em plena efervescência de ódios é descontada na confiança do povo e na vida da República.

Estranha República esta, sempre asfixiada pelos abraços dos seus filhos, apunhalada no coração pelos pressurosos defensores que a não sabem amar.

Alguém morre de sede e todos nós corremos a buscar-lhe a água da vida e pelo entusiasmo do nosso amor ficamo-nos em guerra pelo caminho, enquanto o objecto dos nossos cuidados se morre de sede esperando o interminável fim da nossa contenda!!

Povo: alerta! Políticos: vigiai as nossas almas que se vão perdendo, e com elas a Pátria, em estéril e dementado ódio!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 64, de 2 de Julho de 1920.)

Liberdade!

O homem caminha da sombra das cavernas ao sol da civilização, e uma virgem invisível o acompanha, ritmando-lhe o coração pela silenciosa harmonia que o cerca, erguendo sobre a violência das lutas que o assaltam o olhar tranquilo dos astros rebrilhando no imenso dossel do firmamento.

Os impulsos, que a recordação de milenárias guerras lhe carreia no sangue, demoram-se, aquietam-se, como suspensos de invisível companhia que na imensa Natureza o homem se vai fazendo.

O homem duplica-se, discute, medita e começa a pôr entre o desejo e a acção, uma distância que irá encher de toda a beleza, de todo o sonho e de toda a bondade.

Aurora de liberdade, essa distância entre o desejo e o acto, pequena luz trémula que há-de pegar o seu lume e calor, e será, um dia, clarão de incêndios, atijando labaredas pelos mundos.

O vento açoita o homem, corta-o com o seu chicote de frio; mas ele saberá vencer e governar esse doido ao sabor dos seus intentos.

Os elementos desencadeiam-se em turbilhão sobre o homem, tremendo como o canavial que a tempestade dobra e destroça; o homem saberá dominar os elementos, reduzindo-os à domesticidade de o bem servirem.

E o homem é livre; por amor da invisível fada que o aquieta, ele há-de talhar na Fatalidade risonhos sulcos de esperança e amor.

A Fatalidade diminuída foge diante do homem, acobertando-se adentro do seu coração, no próprio altar da virgem invisível que o libertara.

E o homem duvida da liberdade, porque nem a Fatalidade em que consentiu se lhe alberga dentro do próprio coração. Mas

a liberdade desperta, e é contra a Fatalidade social que de novo se levanta; essa liberdade traz o sorriso melancólico de fomes, cárceres, degradações e misérias que os homens se fizeram, mas ela sabe que há-de vencer e que, mais uma vez, por seu amor, os homens se dirão irmãos.

Liberdade! que és o próprio esforço da vida criadora e fecunda, o cântico de amor na boca do náufrago, a voz do perdão nos lábios do Justo!

Sê presente sempre em nossas almas, não adormeças sobre a vitória do momento, mas alimenta em permanência o íntimo fogo da nossa bondade!

A Fatalidade social arderá em chispas do teu próprio espírito, e, planeta morto, sol tombado no infinito, sem gota de alento que o anime, sê tu ainda um ardente e glorioso protesto contra a Fatalidade cósmica, um último impulso da nossa vontade de amor a querer queimar as próprias cinzas da Morte!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 109, de 24 de Agosto de 1920.)

Louvor da Liberdade ^(α)

Sr. Presidente

Minhas senhoras e meus senhores:

A série de discursos e conferências em louvor e memória do movimento de 1820, vai hoje encerrar-se no eco das minhas palavras. A sua geometria vai desenhar-se no ar e no éter, para, ao morrer, deixar de novo a elasticidade obediente às novas palavras do meu renovado espírito, à voz ou murmúrios das outras almas e seres.

Imaginaí, com efeito, o ar ambiente solidificando as formas do meu verbo à medida que vou falando, o éter fixando-se no desenho em que nele se inscreveu um sorriso luminoso ou uma lágrima dourada: teríamos a vida estagnada e morta, aprisionada no primeiro gesto, o espírito exaurido na sua primeira acção exterior.

Louvemos, pois, a elasticidade dos meios físicos, que mais não é que um corpo de indeterminismo inicial, oferecido às superiores determinações da vida e da consciência.

Que esse indeterminismo permita ao seu pensamento ir fazendo, neste momento, em que os louvores se vão encerrar, o *louvor da própria liberdade*.

Que melhor recordação dada à memória dos homens de 1820 que o louvor da liberdade, sonho de suas vidas, glória e vitória da própria morte?

^(α) No jornal figuram, como subtítulo do artigo, as seguintes palavras: «Discurso proferido pelo Dr. Leonardo Coimbra na récita de gala em honra do Sr. Presidente da República.»

Quem conhece as legendárias cosmogonias dos povos, da velha Índia, do Egípto, da Pérsia, da Bíblia Judaica, da Assíria, da Grécia de Hesíodo, sabe muito bem que, da origem do mundo, a ideia de liberdade acompanha o homem no seu esforço de intelectual e amorosa compreensão.

Para a maior parte dessas cosmogonias, um mau uso duma liberdade originária precipitou o homem com o seu mundo na desgraça, no mal e na dor.

O budismo salva o mundo do mal e da dor, por uma purificação de nossas vontades egoístas negando-se para que a separatividade feneça à míngua de alimento e pelo Nirvana se refaça a grande Unidade originária.

O cristianismo oferece o exemplo vivo do homem-bondade, negando o mal e a dor pela afirmação da pura fraternidade da nossa origem divina, ressuscitando em si e no seu exemplo a primitiva liberdade inocente, reintegrando, ao termo, o mundo, degredado pela queda da liberdade originária, no seio divino, em pura e livre dádiva de amor.

Se das cosmogonias lendárias saltando séculos e civilizações viermos aos tempos modernos e aos filósofos que mais austera, dolorosa e profundamente têm penetrado a essência do Mal, reencontraremos com Schopenhauer a libertação búdica da negação, reencontramos com Renouvier este mundo pecaminoso e mau, fruto dum perverso uso da liberdade, em via de resgate e reintegração pelas vontades que o embebem e penetram de amor e benevolência.

E se em cada um de nós escutarmos a íntima voz da consciência, ouviremos a respiração ofegante da liberdade tentando libertar-se da cadeia em que uma queda anterior a diminuiu e enclausurou.

Ai daqueles que não podem renovar em si o homem e envelhecem a sua liberdade, como a falta de elasticidade dos vasos sanguíneos lhes envelhece e vai matando o corpo!

Que é, então, essa fada invisível, virgem imaculada que sempre nos acompanha e passa através das paredes de todas as prisões, sempre virginal e pura, sem que os abraços que a tentam, jamais possam manchar sua carne de açucena?

Quando lemos o *Fédon* de Platão, não sentimos nós que essa virgem cerca e abraça o corpo de Sócrates e lhe dá, já quando imobilizado, pela cicuta, no leito da morte, a liberdade de palavras que os discípulos recebem como dádiva de algum deus invisível?

No dia em que o homem se faz um santuário interior, nesse mesmo dia ele descobre o deus que o habita.

Ele destaca o seu ser individual da sociedade em que existe, e começa desde logo a divisão do Universo em duas grandes saudades, que, através da angústia do pensamento, eternamente se hão-de buscar: o mundo subjectivo e o mundo objectivo.

Essa saudade é a poesia de Antero, a tragédia de Camilo, o desterrado de Soares dos Reis... O mundo objectivo é, primeiramente, apenas o mundo social.

As modernas escolas sociológicas, interpretando o vasto saber da etnografia, pintam-nos as tribos australianas dividindo o Universo em sagrado e profano, ou seja, em familiar e estrangeiro, amigo e inimigo.

O Sol, a Lua, as plantas e os animais partilham do seu tótem e são assim sagrados ou profanos. A objectividade é aqui uma razão afectiva, movendo-se por intuições de simpatia ou repulsa. A passagem para os povos lógicos limita essa razão afectiva, formando a objectividade da razão lógica, sem que, no entanto, se perca integralmente a primitiva razão de simpatia e comunicativa participação: é assim que ainda hoje é sagrada a bandeira da Pátria, e os chefes de Estado, legítimos representantes da soberania popular, comunicam desse sagrado.

Essa razão lógica é a reacção comum a todos, no Universo do nosso convívio.

Razão tendenciosamente conservadora, porque é a própria disciplina social despindo o pensamento individual do que não possa trazer o acordo da objectividade.

Mas a complicação social, permitindo a coexistência de subjectivismos diferentes, vai fazer aparecer a possibilidade duma dialéctica em que o pensamento individual poderá começar a procurar, conscientemente, o motivo do acordo social ou objectividade.

É no pensamento grego o momento culminante da dialéctica socrática.

O pensamento individual pouco mais faz, todavia, que elaborar os produtos espontâneos da razão lógica, ou seja, os dados da objectividade social.

Tudo o que facilmente pode geometrizarse: matemáticas, fonometria e correlativa astronomia, óptica, hidrostática, etc. — será oferecido à especulação do pensamento individual sobre os conceitos objectivos, sociais, de espaço e tempo.

Com a ciência moderna dá-se um movimento de tão profunda novidade que está ainda por esgotar toda a grandeza dessa originalidade.

O pensamento individual, que o cristianismo libertara a ponto de fazer de cada alma o cuidado particular e maternal da própria divindade, vai deixar de elaborar os conceitos, produtos espontâneos da razão social, para procurar no Infinito universais ^(a) relações.

Cristo unira os homens na transcendência dum comum seio de amor: é no Infinito que passeiam as almas e elas uma vez em pleno Infinito, não-de interrogar, conviver, relacionar.

A ciência moderna, com Copérnico, Giordano, Kepler, Galileu e Leonardo, quebra o próprio cristal que limita os mundos e, embora o Vento calafriante do Mistério revolva e espalhe o lume do nosso lar, é com confiança e audácia que vamos interrogar o Universo.

A objectividade deixa de residir na elaboração dos produtos espontâneos da razão social para esses mesmos conceitos sofrerem na experimentação consciente a discussão do seu próprio valor.

É por isso que a razão lógica feita razão experimental deixará de ser essencialmente conservadora, para se tornar reformadora e crítica.

As conquistas audaciosas da ciência vão de Galileu a Newton e, com esse, aparece claramente a lei-relação sem o amparo imaginoso dum mecanismo que a sustente.

A razão experimental liberta voga de companhia com a pedra que tomba e com o astro que desliza nos longes do Infinito. E tão alto subiu essa objectividade da razão experimental que Kant faz da filosofia a teoria dessa objectividade e vai regressar à objectividade humana garantida pelas formas e categorias do sentir e do pensar.

Mas a própria ciência que ele quer explicar, irá por sua vez explicar essas formas e categorias como produtos espontâneos da razão lógica e produtos reflectidos e conscientes da razão experimental.

Chegado a esta altura parece que o homem se libertara da fatalidade humana pelo amor cristão e da fatalidade cósmica pelo conhecimento científico.

^(a) No artigo figura «Universais».

É precisamente neste momento que o homem lança em guerra a liberdade interior do cristianismo e a invasão dos determinismos científicos, querendo esgotar todo o *interior* e explicar cada singular pelo concurso no espaço e no tempo de determinismos que convergem.

A ciência moderna é a mais bela obra da liberdade humana, a idolatria da ciência é a negação e a morte dessa liberdade.

A idolatria da ciência foi até ao ponto de se supor a ciência uma realidade em si e por si determinando do exterior os seres, as cousas e os homens.

A Ciência, que vinha marcando o grau de liberdade do homem, que vinha afeiçoando a máscara da Fatalidade cósmica aos seus secretos intentos de amor, paira agora como uma nova e sombria Fatalidade, de suas asas membranosas, escondendo o claro Sol da Alegria.

Sábios de meio tamanho, vulgarizadores e literatos, por uma metafísica, a que cabem e não bastam os casuais pejorativos da escola de Comte, tomam os vários determinismos, ligam-nos entre si, por a gratuita hipótese dum novo determinismo (que mais não era que a sua própria coexistência na apreensão psicológica) e assim imaginam a fealdade dum mundo sem criação nem amor, sem progresso nem virtude, a permanente, insensata repetição da mesma identidade.

A própria ideia de evolução, e mais fecunda do século XIX, tocada da cadavérica idolatria, é tomada como arranjo, combinação e recombinação de nulas identidades.

Mas a liberdade acontece, e aqueles que fazem ciência, que alargam e ilimitam as relações do homem como Infinito, os sábios e os artistas criadores, irão mostrar que a ciência é uma obra da liberdade, tem um sentido de beleza seleccionista, um valor de harmoniosa certeza consentida.

Toda a grande filosofia moderna, e entre ela a francesa que é a mais alta, é obra da própria liberdade, procurando-se e garantindo-se no mais sério e profundo esforço até hoje feito pela razão experimental.

Renouvier, Boutroux, Hamelin, Poincaré, Bergson, tantos e tantos nomes imortais, imortais defensores da Liberdade.

A *razão experimental*, relação da liberdade humana com todas as actividades cósmicas, alma da ciência, é ainda e também o próprio espírito da Democracia.

E tinha de ser: desde que o homem se ergue em combatente da Fatalidade, desde que é no heroísmo desse combate que res-

salta, se renova e cresce a própria liberdade, ele irá afeiçoar às intenções do seu querer universalista, de concreto universalismo experimental, a máscara social e cósmica do próprio Destino.

Como não isolará sistemas no mundo físico, senão para comodidade de estudo, não irá fazer, das relações sociais humanas, artificiais sistemas de classes ou castas, impossibilitando os esforços construtores da razão experimental.

Que diríamos do físico que teimasse em ver no calor uma realidade pouco aristocrática e em desprezo e indiferença dessa realidade, procurasse estudar e definir o mais insignificante sistema material?

Do químico que, isolado o carbono, procurasse a química dos seres vivos?

Eu sei que havendo duas formas de equilíbrio, a forma estática e a dinâmica, é mais fácil mesmo nas ciências físicas estudar e compreender o equilíbrio estático.

Em biologia, foi também mais fácil ver as relações analógicas dos seres divididos em grupos que estudam as verdadeiras relações de dependência, solidariedade, organização filogenética e mutabilidade seccionista.

Em sociologia é também mais fácil estudar o aspecto morto da Autoridade que compreender o dinamismo evolutivo dessa Autoridade.

Há quem prefira a tranquilidade do charco paludoso à vida tumultuante e heróica do Mar largo.

Mas perguntai ao marinheiro audaz, que *viveu e experimentou* as horas grandiosas de domínio sobre os elementos, se as troca, a essas horas de liberdade e vitória, pelo dormiente discorrer sobre apodrecidas águas mortas.

Podemos fixar a Autoridade na razão afectiva dum *tótem*, na razão lógica dum dogma, ou na *razão experimental* da Ciência e da Democracia.

Esta é mais alegre e buliçosa, mas o bulício da relva é a própria vida, que cresce e multiplica, afirmando o seu indefinido poder de vitória e criação.

Razão experimental, atenta em ciência a todas as relações de todas as actividades, atenta em Democracia a todas as relações de todas as vontades.

Por isso, e como a Vida, evolutiva, crescente e excessiva como até o próprio Universo jorrando sem termo, nem limites, mundos, poeiras e seres.

Essa razão experimental dignificou o *trabalho*.

O trabalho existe, porque existe a liberdade, e nenhuma relação cósmica ou social se pode estabelecer sem o esforço meditativo, activo e fecundo das liberdades.

No dia em que a ciência moderna abriu os seus olhos de perguntas, estendeu suas mãos indagadoras, nesse dia o Trabalho, liberto e dignificado, foi a alegria, o resgate e a glória do homem.

Pode, por isso, a Democracia ver com olhos de amor e simpatia, auscultar com o coração cheio dos mesmos ritmos, a onda dos trabalhadores que chegam.

O individualismo degenerado em egoísmo (já mostrámos que o egoísmo é um sentimento derivado e desviado) gerou um conflito social, de que a guerra europeia, eterna vergonha dos traidores e da Alemanha, glória eterna de todos nós — os amigos da Justiça e da Liberdade, foi o momento crítico, revelador e decisivo.

Sim, com efeito, é preciso defender o sagrado individualismo, sagrado pela ciência, que é a relação de *cada* inteligência, com o Universo, sagrado pelo cristianismo, que é a relação de cada alma com o Infinito; mas é preciso também, e por amor desse individualismo, atacar os egoísmos, levando os indivíduos à cooperação económica, à equitativa e justa posse dos meios exteriores da vida e da felicidade.

Resolver a insofismável contradição entre o egoísmo e a sociabilidade, aparente dilema entre o individualismo e o socialismo, é a tarefa em que a liberdade hoje anda interessada.

O soviétismo russo não é mais que uma tentativa de resolução pragmática, pela acção, dessa antinomia.

É a república do produtor; necessário é, no entanto, a síntese que permita guardar intactos os valores espirituais, sem uma amputação que nos diminui e degrada ^(a).

O produtor cidadão será o homem do futuro.

Eis a moral que, em nós, os seres vivos das sociedades humanas, conhecedores da paleontologia social, mas mais amantes da sua embriologia, a que sempre, e por virtude do *criacionismo* de nossas liberdades amorosas, sempre faltará o último termo, eis a moral que em sonho vivo, íntimo desejo de corporização, se vai formando e subindo. E assim iremos talhando na Fatali-

^(a) O artigo original usa «diminui e degrada».

dade social, fruto de nossos pecados de depósito de muita Fatalidade cósmica ainda invencível, sorrisos de esperanças, clareiras de justiça, irradiações de crescente e aumentativa bondade. Esta a consagração ao que do passado ainda vive, ao que representa a vitória das forças de liberdade e vida contra as forças de morte e escravidão: aumentando e enriquecendo a liberdade, subindo e exaltando a Beleza.

E, insistindo na imagem de ainda há pouco, diremos que a embriologia resume, sem o *repetir*, o passado; assim, nós mergulhamos no passado as raízes profundas da nossa liberdade, sem que, no entanto, dele deixemos passar para a nossa vida mais que as forças de vitória e liberdade, explorando-as diligentemente para que, com elas, insidiosamente se não insinuem as obras do pecado, do mal ou escravidão.

Eis a nossa atitude dentro da vida, nós, os amantes da liberdade heróica, em *vivo* trabalho, esforçado e consciente.

A Fatalidade social é bem ao alcance do nosso amor, e o que resta de Fatalidade Cósmica — o caminho dos sóis, das nebulosas e dos mundos para a Morte — será, porventura, um dia transparente a um mais perfeito, transcendente e compreensivo Amor.

Como o sangue refluindo ao coração, fechando em círculo a órbita do meu pensamento animado das conquistas já feitas pela amorosa liberdade dos homens, não deixarei de olhar idealmente do centro duma sociedade pacificada, acrescida de verdade, justiça e beleza, a Esfinge da Fatalidade Cósmica.

A vida ergueu-se no planeta, cresceu, subiu, talhou o homem e, com ele, a Consciência como a melhor harmonia, a mais compreensiva unidade social das existências.

Foi um grande esforço para a Consciência.

Recordações de novo apreendidas, voltadas à primeira posse, de onde se tinham dispersado a errar vagabundas, exiladas pelos mundos?

Não sei. A vida lutou e venceu. A Consciência existe e perdura.

A ciência, a arte e a moral, são flores deixadas no caminho do seu esforço.

Porque não continuar o esforço?

Um dia o planeta espiritualizado passará no Infinito uma humanidade pacificada e bondosa, erguendo ao alto a luz eterna da Consciência!

Como uma conquista do seu amor heróico e diligente, como um protesto contra a insuficiência dum Ser, onde tudo é destruição e morte?

Sempre o homem será grande e o cerrar-se da última consciência, pálida flor dum romantismo ilusório e quixotesco, encerra consigo o Espectáculo sublime do Universo.

Mas não.

Só porque, com o cerrar da Consciência, o Universo seria às escuras, apagado e sem vida, em nós protesta a vida, a liberdade e o amor; e é ainda um eco desse desejo que as minhas palavras ficarão ressoando nos movimentos de acordo que nos possam unir e abraçar!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 111, de 26 de Agosto de 1920.)

Miguel de Unamuno e a Reacção ^(a)

Não pode passar a Espanha sem dar de vez em quando ao mundo o espectáculo de violências ancestrais; sem lembrar que a escravização do indivíduo à *razão de Estado* é a alma subterrânea de toda a Reacção; sem revelar, por novas veleidades de reaparecimento, a fibra maternal dos Torquemadas ^(b).

Mal esquecido ainda o assassinato de Ferrer, que na Morte soube encontrar a mais alta experiência das suas certezas interiores, intranquilos ainda alguns dos seus companheiros de luta, é Unamuno, que, farejado desde então, sofre o assalto raivoso dessa profunda e oculta *vontade de trevas*, que no âmago da alma castelhana é o perfil sombrio de Satanás.

Na Vida não há acasos. O Acaso é simplesmente o verbo da nossa ignorância, quando não é, como em matemática, o aspecto estatístico da combinatória de determinismos de coeficientes quantificados.

O acontecimento que veio agora cortar a vida de Unamuno não é um acaso, mas a tragédia vivida pelo homem que passou o seu tempo a descobri-la e a meditá-la.

Há que saber que ninguém melhor que Unamuno sentiu, no mundo moderno, o *sentimento trágico da Vida!*

Desde a sua interpretação do quixotismo, pelas suas novelas, até ao seu grande livro do sentimento trágico da vida, nos homens e nos povos.

^(a) No jornal figura como subtítulo as seguintes palavras: «Um protesto eloquente do Dr. Leonardo Coimbra, eminente director da Faculdade de Letras do Porto.»

^(b) No artigo figura «Torquemados».

Cervantes criara o D. Quixote, à luz da sua consciência iluminara-o do cómico da cavalaria moribunda.

D. Quixote ficou vivendo essa vida de comédia, tendo, no entanto, furtado à alma profunda de Cervantes, uma subconsciência de tragédia que era a sua alma de eternidade.

E D. Quixote feito em carne de pensamento, vive errante e inconsciente dessa mesma faísca de eternidade que o imprime a vivo fogo no coração do Infinito.

Sonâmbulo e vagabundo, é a sombra dum Asheverus percorrendo os mundos, esqualido e faminto.

Eis que encontra o olhar de Miguel de Unamuno e, como a semente no raio de sol que a toma, acorda, olha-se, ergue-se à plena consciência e, despidas as vestes episódicas do cómico, é grande e eterna figura de tragédia, avolumando o seu corpo em amassada sombra dum luz que tenta escalar os céus...

D. Quixote é a projecção num outro plano de Vida, de todo o sofrimento, sonho e ansiedade de imperfeição e de insuficiência humana.

E esse D. Quixote alimenta-se do pensamento de Cervantes e de Miguel de Unamuno, e, por eles, da dor e nostalgia da saudade e aspiração de toda a alma humana.

E Unamuno aprofunda a dor humana e reencontra todas as fibras dolorosas do seu ser.

O problema da individuação, o *mal do indivíduo*, esse peso, de separatividade, Unamuno o sente, e em nós se ressent e revive, nessa obra de sombras shakespearianas, que é a *Niebla*.

Novela sem cor, nem som mais que a da angústia do indivíduo que se sente destacado, na obrigação de se afirmar, reparando-se...

Brumas de sonho apagando contornos, neblina dos crepúsculos relembrando a Unidade.

E no «sentimento trágico da vida no homem e nos povos», é Unamuno, sou eu e o leitor, e todos, homens e povos, sofrendo o drama da individuação, a contradição heróica entre o isolamento que nos desenha as máscaras e a comunicação que nos alimenta, entre o *viver* e *conviver*, contradição a que só o Amor transcendente dum Cristo pode, em longes d'alma, apontar o caminho...

Conta-se que Ésquilo, representando o seu Prometeu, estivera a ponto de ser despedaçado pelos assistentes, isto é, a ponto de ser, em plena realidade vivida, o mesmo Prometeu que criara.

É que o homem e o seu pensamento acompanham-se, caminheiros do Infinito, conversando, convivendo, penetrando-se numa associação vital que os reanima em excedências interminas. O homem e a sua estrela, isto é, *este* homem episódico com um número de ordem na história e o homem cósmico de universais relações no Infinito.

As experiências de pensamento foram ou não-de ser experiências na acção e na vida.

A tragédia tomou agora na sua mão invisível e tenaz o homem Unamuno e todos nós temos de acorrer como o coro das velhas peças de Ésquilo a fazer ao *herói* o acompanhamento das nossas almas.

Para que ao menos se não perca a beleza e não venha tudo, por mercê régia, a transformar-se na pífia comédia dos senhores reis andarem a justificar a sua existência como necessários correctivos à *justiça* dos seus homens.

Glória a Unamuno!

Que a sua Liberdade seja apenas a obra da sua vontade, isto é, do seu valor inestimável e insubstituível para a Espanha e para o Mundo, e da nossa comovida admiração e companhia!

Porto, 22-9-920.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 134, de 23 de Setembro de 1920.)

A Vida do Espírito

O sacrifício do Lord-Maior de Cork

Andamos nesta vida em busca de bússola que nos aponte o rumo, e, quando uma luz do alto nos bate de frente, paramos ofuscados, preferindo negar a luz que nos deslumbra a fazer da estrada o nosso *Caminho de Damasco*.

É assim que acontece com as ondas da vida espiritual que venham a interferir com a vida orgânica, mostrando num ponto o infinito estremecimento que anima o Mar d'onde partiram.

A Apologia de Sócrates, o Críton e o Fédon, representam a consciência do dever a cumprir, o respeito das suas consequências sociais e jurídicas e a certeza da sua essência eterna, origem e regresso ao perfeito estado espiritual.

E o sacrifício de Sócrates é a razão do amor da Verdade, e centelha de alma de que vivem e vive toda a ciência humana.

Como pode o acto de um homem adquirir um tal valor de santidade, que, por ele, nasçam realidades espirituais ignoradas?

Imaginem um lugar, onde uma penedia esconde a saída duma fonte, cuja água se vai perdendo mais funda, e alguém que descobre a penedia e a rasga em líquido veio a sorrir, a cantar e a correr para as sedes de toda a aldeia.

Assim fez Sócrates, soerguendo o areal da adaptação e do medo e deixando passar, modesta, serena e harmoniosa, a figura musical de *Psyché*. O sacrifício voluntário é sempre um heroísmo. O medo é o sentimento dos limites normais de felicidade e a repulsa pelo esforço de adaptação que, como novidade fora desses limites, possa trazer. Essas novidades estão, pois, para além do medo e hão-de transpô-lo para demonstrarem o volume e corpo da sua realidade.

Sócrates liberta as vontades individuais e, com o Críton e o Fédon, acorda-as, já na sociedade e pela Lei, já em Deus e pelo Amor.

Liberta-as, vindo ele da Lei e de Deus e transpondo o costume e a superstição, que, loucos de medo, o assassinam tão devagar que, com ele e ao seu lado, as novas divindades silenciosamente vão crescendo sobre Atenas e sobre o Mundo.

Ao lado do Lord-Maior de Cork durante as dezenas de dias, durante os milhões de segundos de seu sublime sacrifício, uma ténue e sombria figura de Mulher se ia iluminando e sorrindo, abrindo, em flor ideal de beleza e no lugar do coração, as vitórias daquele divino amor de homem sobre os clamores da carne aprisionada.

A Irlanda do futuro, palpitando já do sangue purificado dos seus heróis, batendo no peito um coração eterno feito das dores criadoras e vitoriosas de todos os seus santos.

Um sacrifício voluntário é sempre a dádiva das alturas, contactando os mundos.

A vida não se compõe de planos sobrepostos e isolados, mas de estados interferentes, permeando as correntes de seu esforço e valor. O santo pode sê-lo no meio e no momento de qualquer convulsão social, as marés dos eflúvios solares abraçam-nos e, em seus braços, levam o planeta, os deuses andam por entre os homens e tantas vezes tomam em seu amor os corações humanos, que fulguram dum entusiasmo transcendente, deixando o sulco duma nostalgia inextinguível.

A superfície é o limite da penetração dos volumes, a linha, o limite de contacto das superfícies, o ponto limite da companhia das linhas: o corpo é a interferência e o limite da companhia das almas. Imaginai o Som modelando o espaço, eis, no Ar, as formas geométricas da harmonia do Verbo; assim o corpo humano é feito das ocultas interferências dos pensamentos que se casam.

É assim que um cérebro humano é a misteriosa praia onde se balançam, permeiam e abraçam as ondas do Infinito.

Deus andou entre os homens e deu-se voluntariamente à Dor, para que o invisível lume de amor que o abrasava fosse viva e tangível coluna de fogo, abisinando-se pelos olhos dos homens até seus corações regelados.

E nos maiores invernos de alma uma centelha desse sol invisível aquece e reanima as cinzas ...

O Lord de Cork e seus companheiros — outros tantos Cristos da brumosa Irlanda.

Por virtude do seu amor e sacrifício, há hoje duas Irlandas: uma raivosa e violenta, em guerra com os ingleses, outra ideal e perfeita, insinuando suas belezas nos melhores corações da Inglaterra, vivendo e perfumando o jardim interior das melhores almas inglesas.

Esta Irlanda há-de crescer alimentada da admiração de todas as almas que possuem a bênção de poderem admirar, e, mais que dos ódios irlandeses, há-de aumentar até do amor das almas leais de Inglaterra.

A Irlanda de Lord Cork consumiu, matando-as, as más ambições separatistas, as baixas cobiças da carne, os interesses inferiores, efêmeros e ilusórios, e a combustão deu o vivo lume da Irlanda eterna, que quer a sua *própria alma* para livremente se unir pelo amor às almas livres das outras pátrias.

Essa Irlanda que já é no Infinito, vem caminhando para o Planeta...

Nós olhemos o resplendor que do alto cai sobre nossas fronteiras para sabermos que, qualquer que seja o caminho em que andemos de busca, sempre, ao alto e no vértice, um sol radioso, uma estrela de imaculada brancura flameja e jorra perenes oceanos de Luz.

E as nossas almas sejam cânticos de amor pelas Alturas...

10-10-1920

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 149, de 12 de Outubro de 1920.)

Os Poveiros

O abraço da Academia

Um dia eles partiram aconchegando, aos peitos rudes, farrapos de azul do mar e do céu, moitas de verdura de seus valados e caminhos, vermelhas canções dos campos e de femininas bocas de seu sangue.

Partiram, e, ao dobrar dos dias na imensidão dos mares, uma presença tão viva como a não sonharam erguia-se diante de seus líquidos olhos de saudade...

Era a figura da Pátria, sobreposta e fundida nos corações. Só a distância a pode desdobrar.

Só a ausência nos revela as companhias em que andáramos sem disso termos conhecimento.

O homem adormecido nos braços carinhosos da divindade ignora-a; mas, se a Dor lhe revela a ausência do arrimo a que a sua vida vinha amparada, é na dor e na desgraça que encontra a viva presença de Deus.

A Pátria é-nos companheira tão íntima que, se falamos, é a sua voz que fala, se levantamos o vulto do nosso heroísmo é dos longes dos séculos a sua alma que acorda.

Tão sobreposta, envolvente e insinuante, que mal a distinguimos a arder na chama de nossas vidas.

A ausência, a distância... e a saudade levanta diante dos olhos do exilado a fisionomia amorosa da Pátria.

As realidades espirituais são longes, são distâncias.

O presente é a posse, a justaposição do desejo e da realidade, não tem sequer lugar por onde se insinuem excessos de amor ou de aspiração.

Na ausência os desejos tumultuam e crescem, e a ausência, que era um vazio, enche-se da presença espiritual de tudo o que aspira à vida e à realidade.

Só conhecem Deus os que sofreram, só visionam a Pátria os que dela se afastam, como cometa, que, em seu afélio, hesitasse no caminho da parábola que o leve ou do abraço que o haja de reconduzir.

Eles partiram... e ao lado uma presença viva, dolorosa e amorosa, de dor e felicidade, de memórias e esperanças, é-lhes leal e permanente companhia.

A estes homens dizem um dia que, para enriquecerem com o seu trabalho o país em que habitam, é preciso renegar essa companhia, cortar os invisíveis laços que os prendem àquela sombra em que repousam e adormecem suas dores e canseiras.

E eles, que partiram com farrapos de terra portuguesa, de azul e mar, bem apertados ao peito, beijam filialmente o magoado coração da Pátria e regressam trazendo-lhe suas almas piedosas ...

Devem rir e chorar, daquela alegria transcendente que é o alevantar em cada alma das asas de todas as almas.

Cada alma é ninho onde todas as almas se abrigam e, um dia, a um raio de Sol, todos levantam voo: é uma alvorada, e o ninho fica a vibrar do bulício das asas que se foram.

Assim é a Alegria religiosa, aquela que se faz quando, em nós, despertam todas as almas comovidas: Eles devem rir e chorar, como um deles, herdeiro último do Cego do Maio, o patrão, Lagoa, me dizia no dia seguinte à sua epopeia do *Veronese*:

«Sim, meu senhor. Eu não sabia o que tinha, mas quando recebi no meu barco o primeiro náufrago, estava muito contente e muito triste, *ria e chorava* ao mesmo tempo».

E nós devemos rir com eles da grande Alegria de os termos como irmãos, e chorar em silêncio os pecados do nosso desamor por esta sagrada terra de Portugal.

E vós, mocidade, ide, abraçai-vos, sede o movimento profundo do coração português subindo em criadora maré dum mais alto entusiasmo, o rumor de asas duma grande Aurora...

Porto, 4-11-1920

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 169, de 4 de Novembro de 1920.)

Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra

Meu amigo:

Não me parecia que necessário fosse vir a público dizer onde estou e, sobretudo, falar da minha situação política.

Esta é, propositadamente, tão apagada, que bem merece a despreocupação dos meus amigos e inimigos.

Aceitei um dia uma pasta de ministro porque ma impuseram como um inadiável serviço à República.

Servi como soube, e, de pronto, tentei recolher-me à obscuridade dos meus estudos e trabalhos literários.

Como não sei conviver sem amizade leal e desinteressada, fiquei ligado a todos os colegas desse ministério pelos laços da melhor amizade.

Parece que essa amizade deu, no momento presente, ocasião à hipótese da minha saída do partido político a que pertenço.

Desconheço os motivos, altamente poderosos que levaram o meu amigo, dr. Domingos Pereira, a abandonar o seu partido.

Como os desconheço, não os possuo e fico, pois, até que no próximo congresso desse partido inquiria de tais razões.

De resto, eu acato todos os *governos constitucionais* e só discordo daquelas obras, que, com efeito, reputo nocivas à prosperidade da minha Pátria e da República.

Sem mais, seu *Leonardo Coimbra*.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 185, de 23 de Novembro de 1920.)

Ligeira notícia sobre os cadernos de António Nobre ^(α)

Piedosamente como sentido — o presente na sua hipersensibilidade, infinitamente aumentada ainda pelos dedos subtilizadores da Morte, eu abro, leio e releio os cadernos do Poeta.

Elegantes como cadernos de sonhadora *miss*, adelgada e grácil, eles ficam em meus ouvidos a rezar o seu rosário, de pérolas, lágrimas, tonturas de sol, evanescências de luar, murmúrios da fonte e do regato, clamores do oceano e do vento, perfumes rústicos de alfazema e cravo, sonoridades brônzeas, gritos da luz meridiana e sombras do crepúsculo, rancho de raparigas cantando a epopeia agrícola da Terra...

A meu lado ergue-se o perfil esguio do Poeta e, no mistério da Noite profunda, as estrelas incontáveis dardejам, de além dos séculos, suas mudas interrogações.

Sinto-o presente e não o posso ver.

Jamais poderemos ver aqueles que mais adentro de nossa alma moram e nunca de olhos terrenos visionamos?

Uns braços amigos de irmão eu conheço que o ampararam na grande «Despedida» e olho esses braços e não posso ver o fulgor de divindade e mistério, em que, por virtude do amor fraterno, dolorosamente mergulharam.

Só vemos o exterior das cousas, a dor com que nos gritam o seu individualismo, mas que não sonhadas forças de simpatia e

^(α) Para a fixação do texto do artigo, dada a especial dificuldade de leitura e/ou de interpretação das fontes que utilizámos (*Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* e *A Tribuna*), sobretudo em alguns contextos, recorremos também à consulta do espólio de António Nobre, parcialmente depositado na Biblioteca Municipal Florbela Espanca, de Matosinhos.

bondade seriam precisas para atravessar, e destruir a separatividade das almas?

Vós, almas eleitas, perdoai a nossa cegueira, quando não penetramos no episódio a parcela de eternidade com que o vivestes.

E os seus cadernos lembram os túmulos egípcios: sob a vida de superfície, camadas e camadas de vidas, que se foram em busca da eternidade...

O Drama da Existência, eis o que interessa nas almas, eis o que interessa às almas.

Estes cadernos são memórias, o esforço duma alma para *fixar*, dar corpo de eternidade à exígua vida transitória, que, em nós e à nossa roda, incessantemente foge. Uma larga folha de plátano (já morto em companhia do Poeta, ainda vivo?) estilizada de recordações, nomes que passam e por cima a letra do Poeta falando — «Vida Humana».

Relâmpagos de eternidade atravessam os hieróglifos dos cadernos, chispam das folhas mortas e, como em noites de Agosto, estrelas e estrelas sulcam a amplidão que nos envolve...

A Morte

Atravessando uma página, e na sua margem externa, lê-se a palavra Morte.

Numa página ilustrada com um auto-retrato e um berço de Antó lê-se:

«Não quero ser fechado no caixão, porque tenho medo de abafar (aos 5 anos, intuição da imortalidade)».

Noutra página a concepção trágica e poética: «(o poço) o esquecimento».

Esquecimento, verdadeira morte de nossa experiência, aquela que diariamente morremos; a consciência onde o Universo se revela e toma sentido a apagar-se e tudo são trevas... as trevas dum poço sem fundo.

Quem o atravessará para o novo Céu?

Mais além:

«A terra tudo come: condes, excelências, poetas líricos, filósofos, etc. Reis, poetas e Cristos».

A viva presença da Morte, companheira do Poeta, mordendo e desgastando a vaidade de títulos e glórias. E mais longe

«Grande Poesia. Contar o desespero do não-aniquilamento. Há outra vida?

Mas a matéria? Sempre, Sempre! (Nunca o sossego, o silêncio, o esquecimento)».

Tonalidade emotiva do sofrimento, tecendo o Universo do cansaço da existência... Crise búdica.

Depois:

«Vasco da Gama que voltas dá no seu leito sem poder dormir».

Audácia, aventura, remorso (?), o sonho infinito da raça... O mar canalizado para a cova dum túmulo e não cabe, não pode aquietar-se, é maré que se rasgará um leito, afundando a cova até novos astros...

A seguir:

«Lápide.

Mandou gravar em bronze que pregou nas árvores do jardim sonetos de Antero, versos do Eclesiastes, cismas do Bernardim que, às noites, ia ler, passeando-se, e quedando-se aqui e além.

Visão do seu fantasma, passeando evocações no grande Oceano da Memória...

E aqui:

«Mas Deus, um dia, vos fará pagar. Podeis estar certos que há uma outra vida ó desgraçados.

Juro-vos. Tudo será pelo melhor. Os poetas têm o sexto sentido: eles vêm *au delà* do A. N. São os enviados de Deus».

Optimismo radical — tudo será pelo melhor — abandono no seio divino. O Poeta é o grande Iniciado da Dor, a poesia a percepção espiritual das coisas...

E mais:

«Onde estão Camilo, João de Deus, Santo Antero do Quental?»

Raios de luz divina que nos levam os olhos sem que no Infinito encontrem o Sol que os envia... Por fim:

«Visita aos Prazeres: ora — quem cala consente».

Sarcasmo, abandono, transcendente humildade, religiosa aceitação.

Se pensamos num cemitério com as nossas exigências naturalistas parece-nos que ele deveria ser um clamor de protestos e

súplicas e o Grande Repouso que lá mora é a resposta do Nada às nossas exigências.

Clamamos contra a Morte, quando ela de longe nos ronda a porta; mas, ao aproximar-se, é como folhas secas, que, de nossos lábios, amarelecida e morta, à última palavra cai...

Mas esse Repouso anima-se do brando carinho dum sono amigo para esquecimento das dores que nos torturavam, e é reago do nosso abandono...

E agora o Silêncio infinito dos cemitérios é um grande Oceano de Repouso, sem margem e sem fundo, é já o imenso silêncio dos espaços onde vogam os turbilhões dos mundos.

Foi bom, foi doce, agora é grande, excitador, formidável, condensação de energias infinitas, mais vivo, o único vivo, a grande Luz e Vida de que a nossa é a sombra meridiana quase nula, a fugitiva morte do Instante...

A Morte é uma grande estrada de luz, perdendo-se no inacessível clarão da Altura, romaria de almas, rio luminoso e cantante, sumindo-se no branco derramamento dum sol incorpóreo.

E as *Suas* virgens, ao sol poente cantando, são já harmoniosas alvuras pelo Espaço...

VERSOS E FRAGMENTOS

... Ai que tristeza a dos sinos
Ai enterros de meninos
Com mães em volta a chorar

Ai o clamor das aldeias...

O Poeta fixa o grande quadro da dor Humana. Ao homem vulgar só interessa a expressão dolorosa como manifestação dum sofrimento pessoal, que, por conexões ancestrais, se acalma, revelando-se.

O Poeta pressente a Dor como função religiosa.

Se religião é união, sendo efectivamente a Dor que abre todas as portas ao vendável^(a) do Mistério, é ela o grande abraço unificador, penetração de almas embebidas dos mesmos sonhos.

(a) No jornal *A Tribuna* também figura «vendável».

E a dor das Mães, sendo a mais pura, imaculada e branca é coluna de mirra, espalhando-se em clamor pela branca aldeia, subindo nostálgica ao Espaço Imenso.

Quando eu era moça e menina
A, i, o, ai!
Um velho, um dia, leu-me a sina.
Há que tempos que isso lá vai!
A, i, o, ai!

.....
E na tarde da minha boda
Houve baile, houve baile, olé!
E, tomou parte a aldeia toda
E vá de roda e vá de roda!
Olé!

.....
Os trovadores, D. Dinis, a sina, o Destino, visão popular in-
destrutível (e velha como o mundo) da continuidade moral, do
curto relâmpago que é a vida terrestre da consciência,... o Kar-
ma do Velho Oriente, boémios errantes alastrando na Europa os
segredos da Kabala...

E a voz que canta vem do Passado (Há que tempos... houve
baile...). Passado Remoto até ao horizonte onde se esconde e
some a Memória em crepúsculo indistinto, penumbra etérea a
morrer..., a inorrer..., até à Noite profunda, onde, mais remotos
ainda, vagorosamente, abrindo as pálpebras, despertam astros...

... que nos ^(a) partistes
Nestes montes tão ermos e tão tristes,
Cheira a pinheiros, cheira a Portugal!

St. Joahm-am-Platz

Camões; Natércia (que vos partistes), Anto vagabundo, Pi-
nheiros, Saudade, Portugal!

^(a) No jornal *A Tribuna* figura «vos».

FREI GIL DE SANTARÉM

Era uma vez Fr. Gil de Santarém,
Nesta nobre nação de Portugal.
Doutor em magia, etc. — (astrologia).

.....
Que somos nós bacharéis de rastros
Que bela a sua formatura em Astros!

Notas de um livro a fazer. Magia, astrologia, o mundo visível parte superficial da alga que no Oceano Imenso mergulha o grande corpo invisível. O barro planetário do homem é fluídica poeira cósmica que, de longe, os astros comovem das grandes marés do Destino...

Ó águas dos meus olhos sem fortuna!
Correi! Correi!

Nova Iorque, Junho 1897.

Correi; fluindo dos olhos de Heraclito, sois as lágrimas de Bernardim...

Vaca mocinha que me dás o leite...

Genebra, Junho 1896.

Transfusão panteísta da Vida, vida forte, *nova* e boa, generosa, ingénua.

Envolvendo as Cartas devolvidas ao primeiro namoro:

Cândido e nobre, como poucas vezes,
Foi este Amor que nos seus olhos pus...
Durou o tempo certo — nove meses —
Mas foi estéril: nada deu à luz!

Leça 6 Novembro, 1886.

A ironia desgastando a primeira desilusão.
O Poeta *brinca* com a Dor, Napoleão brincava às guerras...

Ó lua! Tu foste contemporânea de Jesus Cristo,
Virgílio, Camões, Tróia.

Tudo transita e os astros contemplam impassíveis a erosão do tempo. Também eles irão no irreparável fluxo...

«O sofrimento também tem luas-de-mel.»

Andamos de bem com as nossas dores?!

Só quando lhe somos *desleais* se perturba a lua-de-mel.

«Os melhores poetas portugueses:

Gil Vicente, Fr. Agostinho da Cruz, Sá de Miranda, Luís de Camões, Bocage, Garrett, Antero de Quental, João de Deus, António Nobre (desejá-lo-ia ser).».

Os nomes estão escritos com letra grande, a nota que segue o nome do Poeta é escrita em letra muito miúda.

Ingenuidade. O Poeta revê a sua heráldica, escolhe, duplica-se de pudor e cora: a nota do parêntese é o rubor das suas faces.

Lua, menina e moça do céu. Espera
por mim lá com Bernardim Ribeiro.

Lua, sol reflectido, luz desprendida e liberta, ausente do seu Sol; saudade, luz das almas ausentes, o sinal dum lenço — despedida de alguém que já se não vê, incoercível, mal adivinhada omnipresença espiritual...

Viajei em Cruz no Planeta (no Oceano).

O pensamento completo é criador, a palavra é semente, que, ao morrer, rasga a terra e sobe à luz em caule.

Falar é desenhar no espaço certas formas geométricas, uma palavra que encontra *ressonância* pode abalar e destruir montanhas.

O próprio éter se *comove* e a experiência mostra que as palavras se acrescentam de formas luminosas, visíveis para certos olhos, reveláveis por apropriados reagentes.

A psicologia das multidões, sob a palavra dos guias, é incompreensível sem a força criadora do verbo. A geometria das interferências sonoras é um capítulo do Génesis.

O Poeta foi o Verbo da Dor, a sua viagem foi uma Cruz no grande Mar, salgado das lágrimas do Planeta.

«Pobre andorinha sem Egipto.»

O Abandono, Virgem sem maternal regaço.

O Isolamento por entre os homens — o mais terrível de todos os isolamentos, andorinha que bate as asas de encontro ao

gelo numa atmosfera que não pode transpor porque tudo é frio, gelada estepe sem fim...

Homens, homens, onde o seio maternal de Deus?...

Pérolas e pérolas sem conta...

Os seus cadernos estão cheios de notas e documentos, que bem provam o esforço do Poeta para mergulhar na dolorosa realidade. Eles mostram que as suas flores são a elaboração perfumada e luminosa das trevas inferiores em que pelas raízes mergulham.

São listas de todos os toques dos sinos, jornais da época transcrevendo notícias que ao Poeta servem (... Mouzinho de Albuquerque comunicou que nos campos de Chaimite os corvos aos bandos atacaram durante dias os cadáveres insepultos...), listas de flores, de vegetais, análises das suas psicoses (no meio dos seus sonhos, evocações lembrando pequenas singularidades: o café com leite, uma prima Carolina, etc.), conselhos amigos e proféticos (*não creias nos jornais, nem tios literatos*), a lista dos médicos que consultou (26), listas das terras suas conhecidas, etc., etc.

O estudo das ciências naturais preocupava-o muito, as questões da sociologia dão-lhe grandes palavras de simpatia pelo socialismo, logo temperadas pelo receio dos seus possíveis excessos materialistas: os sinos fundidos para utilidades.

Dramas começados, um encontro com Goethe que lhe diz «sossego, sossego meu rapaz».

Títulos de livros (*A Alegria*, título dum livro a fazer), notas de viagem, cartas cheias de ternuras, saudade do lar, enternecimento pela família, de transcendente e *pacificada* bondade.

Ao lado da elaboração consciente que dirige e *documenta* o trabalho, nós vemos ressaltar as profundas analogias que o subconsciente guarda, e *dá aos poetas* o imenso escrínio das suas jóias.

Um perfume vago é, por vezes, o que resta em tonalidade emotiva de toda uma tarde misteriosa da nossa infância.

E hoje ao passarmos num caminho ergue-se dentro em nós a *Aparição de uma outra Vida* porque o mesmo perfume fez maré viva nas águas profundas da nossa memória.

A resina do Pinheiro é todo o Portugal e onde estão as laranjeiras cercando a casa branca, que são para mim toda a Beleza e frescura e inocência da vida campestre?

A subtilidade das analogias libertando a Memória faz com que um Poeta tome o grão de areia e nele condense todo o brilho dos céus.

A condensação emotiva reúne num ponto de encontro todos os caminheiros amigos que de pontos longínquos da alma acorrem.

«Pobre andorinha sem Egipto», eis o cruzamento de todas as ternuras, virgindades aladas; eis o nosso próprio coração feito Egipto para as andorinhas sem lar.

É por isso que a arte purifica e cria.

Goethe expurgou-se do pecado do suicídio escrevendo o *Werther*. As psicoses subconscientes actualizam-se na obra, purificando o autor e o leitor *sintonizado*.

As criações artísticas são realidades que, ficando a viver de vida própria, reagem sobre os seres que as convivem.

António Nobre *via* sentar-se-lhe na cama uma *Velha*, que o obrigava a tossir.

A sua *Velha*, carregada dos horrores da morte, vingava-se e só os outros filhos do optimismo radical do Poeta o salvavam daqueles opressivos abraços.

E todos nós, na aldeia, temos ouvido em tardes de Agosto o coro das suas virgens, cantando a seara, o vinho, a formosura, o luar...

Há sonetos de António Nobre que condensam no éter manchas de mar e céu, azul e sempre azul; o soneto camoniano de Natércia (alma minha gentil) é violeta, violeta esmorecendo...

Feita a condensação, o pensamento procura a forma. Vejamos um exemplo de plasticização do seu pensamento.

O pensamento é uma realidade excedente, realiza-se em palavras que são actos; mas jamais as palavras o esgotam ou completamente traduzem.

Um dos mais belos sonetos portugueses «Ao Cair das Folhas» aparece com as duas formas que vamos dar, mostrando o progresso do pensamento a realizar-se, como vaso elástico que se fosse enchendo e *informando*.

Pudessem suas mãos cobrir meu rosto
Me os
Fechar — meus olhos e compor-me o leito
Sequinho as mãos em cruz no peito,
Quando eu me for nalgum esquife estreito
Eu me a para o
Quando for viajar, pelo Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto,
A travesseira comporá com jeito
E eu tão feliz! por não estar afeito,
(até?)
Hei-de sorrir, Senhor! quase com gosto!

Até com gosto, sim! que faz quem vive
Órfão de mimos, viúvo de esperanças
Solteiro de venturas que não tive!

Assim irei dormir com as crianças,
Ainda puro, quase sem pecados
E *acabarão assim* os meus cuidados.

Oct. 1895.

Pudessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compor-me o leito,
Quando sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me for a viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto
O *travesseiro* comporá com jeito!
E então feliz! por não estar afeito,
Hei-de sorrir, Senhor! quase com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Órfão de mimos, viúvo de Esperança
Solteiro de venturas, que não tive?

Assim irei dormir com as crianças
Quase como elas
Ainda como elas
Ainda puro, quase sem pecados...
E *acabarão enfim* os meus cuidados.

Oct. 1895.

O pensamento precede, hesita e talha a palavra.
O verso «Quando eu me for nalgum esquife estreito» é substituído por este outro:

Quando sequinho as mãos em cruz no peito.

Há evidentemente uma precipitação do pensamento na principal direcção da *Ida* (eu me for), o esquife é secundário e vem inconscientemente.

Mas o pensamento demora-se no verso e levanta-se a visão mais trágica e viva do seu próprio cadáver, que é *eu* pedindo repouso e sustentando a luta, o drama da Morte.

O verso corrige-se e Anto (não o esquife) vai (eu me for) *para* o Sol-posto e com um destino de Repouso e não sem destino errando *pelo* Sol-posto.

(até?)

Hei-de sorrir Senhor! quase com gosto!

O determinismo fixo do pensamento pensa aquele *até* substituindo o *quase*, mas o sentimento de continuidade não abandonou o Poeta e ele deixa o *quase*, que, crescendo, se vai absolutizar no *até* do verso seguinte.

No último verso hesita em escrever «assim acabarão» ou «acabarão assim»; a segunda expressão é mais pronta, mais no determinismo do pensamento, a primeira é mais livre e contínua; mas só na forma definitiva o Poeta encontra o fecho dessa continuidade naquele *enfim* em vez de *assim*.

No penúltimo verso a expressão «ainda puro» é substituível por «ainda como elas» e «quase como elas», ficando na forma definitiva o *quase* que permite ao Poeta guardar a sua experiência dolorosa, a sua Consciência poética na *quase* virgindade infantil.

O esforço para a Consciência e da consciência para a forma é duma comovedora beleza nos seus versos infantis.

Que os nossos olhos religiosamente os contemplem e a nossa palavra deles possa religiosamente falar!

(*Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, vol. I, n.ºs 1 e 2, 1920; com o consentimento do Autor e Director da *Revista*, Sr. Dr. Leonardo Coimbra, o artigo intitulado «Inéditos de António Nobre», e como «Excerto dum artigo do Dr. Leonardo Coimbra, da 'Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto' — Versos e fragmentos», foi publicado in *A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 75, de 15 de Julho de 1920.)

O problema da Indução

A indução, dizem os lógicos, é o mecanismo de pensamento pelo qual este passa do conhecimento dos factos para o das leis que os governam ¹ (a).

É uma transmutação do particular e incerto no certo e universal.

Como se faz esta miraculosa transmutação? Qual o grau da sua legitimidade?

A forma mais vulgar da aplicação do processo indutivo é a do chamado princípio de causalidade?

Donde vem, pois, o princípio de causalidade?

É um princípio experimental para os materialistas e um *a priori* do pensamento para os formalistas.

Se é um princípio experimental (no sentido materialista), como pode concluir-se esse princípio sem o uso da indução que ele é chamado a justificar?

Stuart Mill dirá que a experiência espontânea o construiu e ele hoje é como uma prevenção com que os sábios, estudando a realidade, o continuam verificando.

Nada mais seria que um hábito de pensamento: a sucessão regular de Hume.

Mas o processo desta noção de causalidade está feito: jamais a *simples* sucessão (que pode até *aparecer* invertida) daria a causa-

¹ As teorias do conhecimento podem, como demonstrámos no livro *O Pensamento Criacionista*, reduzir-se a três: materialismo, formalismo e criacionismo.

(a) A nota mencionada apenas aparece referida no respectivo pé de página, sem que o seja no corpo do texto. Pelo seu teor e pela natureza da temática da respectiva página, entendemos ser de a colocar neste ponto.

lidade — o dia e a noite, o relâmpago e o trovão, o sono e o despertar, a vida e a morte, etc., etc.

Será uma simples *hipótese* a verificar pelo seu valor pragmático?

Mas, então, lá vai a necessidade e a universalidade de qualquer lei científica.

Se a *experiência* não é mais que a simples adição de discretas sensações-fenómenos, é claro que só posso contar factos e jamais prevê-los.

Impossível será sair do particular e da contingência. É, de resto, o que não poderia admirar os empiristas, que podem imaginar a possível experiência dum círculo quadrado.

A indução não será mais que uma receita fecunda e o pragmatismo o abrigo duma filosofia candidamente apaixonada do plural e da descontinuidade.

E o materialismo gnosiológico perde-se no pragmatismo anárquico ¹, flexível e esfumado.

Mas os direitos da unidade e do contínuo reclamam explicação para o raciocínio indutivo de que as ciências produtivamente se utilizam.

Poderá o formalismo justificar a indução?

É o que foi tratado por Lachelier num trabalho repassado de severa e transcendente beleza, de infindáveis e altas sugestões metafísicas.

Lachelier diz que «... é, pois, no pensamento e na sua relação com os fenómenos que devemos agora ² procurar o fundamento da indução».

Seguindo Kant, diz que a ordem de sucessão dos fenómenos é exclusivamente determinada pelas exigências do nosso próprio pensamento.

É, pois, o nosso espírito que impõe as leis aos fenómenos.

Lachelier, prevendo a acusação de fragmentar pelos vários espíritos a realidade fenomenal, responde com a identidade da faculdade de conhecer para espíritos do mesmo mundo, pelo menos.

Ora essa identidade não é um facto, mas uma lei. E assim a indução seria necessária para estabelecer essa lei.

¹ A natureza sociológica das categorias é esquecida, mesmo na sua parte indubitável de verdade, pelos pragmatistas.

² Depois de discutido o empirismo e o substancialismo.

Há aqui um desvio do exterior para o interior, que, sem solução, transporta o problema. De resto, o exterior e o interior são rios que misturam as águas, pois correm no mesmo campo de consciência, fluindo, refluindo e confluindo.

Como deduz, agora, Lachelier o princípio da indução?

Decompondo-o nas duas leis da seriação causal (mecânica) dos fenómenos e da sua organização sistemática ou finalista, mostrando, depois, que sem estas duas leis o pensamento humano seria impossível.

Deste modo vai (viciosamente como já mostrámos) sair a indução do *facto* da existência do pensamento humano.

E segue assim:

A primeira condição de possibilidade do pensamento humano é a existência dum sujeito que se distinga de cada sensação, a segunda é a unidade desse sujeito.

Estas duas condições só podem realizar-se na unidade duma forma, que, em vez de estabelecer entre as sensações um laço exterior, resulta duma espécie de afinidade entre as próprias sensações. «Ora as relações naturais das nossas sensações entre si não podem ser senão as dos fenómenos aos quais elas correspondem: a questão de saber como todas as nossas sensações se unem num só pensamento é, portanto, precisamente a mesma que a de saber como todos os fenómenos compõem um só universo».

A questão reduz-se, então, a saber qual é o nexó interno dos fenómenos; o único que dê a unidade requerida é a lei das causas eficientes, único fundamento da unidade do Universo, unidade que é por sua vez a condição suprema da possibilidade do pensamento.

Lachelier reconhece, ao lado da faculdade de conhecer idêntica em todo o pensamento humano, a imaginação individual que encontra resistência aos seus caprichos da parte de seriação causal ou universal e eterna necessidade, de que o pensamento e a existência não são mais que duas denominações.

Esta a simples possibilidade abstracta do pensamento e do ser; mas o ser e o pensamento concretos só existem pela causa final, que permite e organiza os sistemas.

O próprio determinismo causal (mecânico) iria de regressão em regressão perder-se no indeterminismo, porque «a explicação mecânica dum fenómeno dado não pode ser acabada», se a causa final não pudesse servir de termo ao regresso do pensamento.

«As verdadeiras razões das cousas são os fins, que constituem, sob o nome de formas, as próprias cousas».

É esta a tese de Lachelier, desnudada da genial riqueza das florações metafísicas, que do seu seio brotam num opulento jorramento de beleza exultante.

Já vimos que esta tese postula o princípio da indução, o mesmo que quer deduzir, afirmando que a faculdade de conhecer é a mesma em todos os homens.

Depois dá como radical condição do pensamento a existência dum *eu*, que conhece, como suas, certas sensações.

Ora há pensamento sem *eu*, o *eu* é uma construção posterior e tardia do pensamento, e, longe de ser uma forma pura e imutável, é uma actividade sintética, progressiva e variável.

O *eu* pinta-se e distingue-se, exalta-se e deprime-se; de contornos flexíveis conquista e perde fronteiras dos seus domínios. E tanto assim que o próprio Lachelier, para construir um universo real para todos os *eus*, supõe em cada *eu* uma imaginação variável e caprichosa esbarrando de encontro a necessidades inassimiláveis.

O formalismo do *eu*, repetição do formalismo dos fenómenos, introduz um radical dualismo, que resultaria duma recíproca adaptação experimental (Spencer), ou seria um passivo paralelismo, permitindo qualquer outra forma de unidade do mundo exterior.

No primeiro caso regressaríamos a um empirismo ignorante até do parco idealismo sensualista de Stuart Mill.

No segundo caso, porque havia de ser possível apenas a forma causalidade mecânica?

Porque sem ela não haveria pensamento?

Mas não sabemos nós que tal causalidade é um processo ulterior de pensamento e que primitivamente se pensa por mais próximas e qualitativas analogias, principio de participação (Lévy-Bruhl), etc.?

Pode dizer-se que a causalidade era implícita no nexos dos fenómenos, embora não apreendida no conhecimento?

Mas, então, são os fenómenos que dão a lei e não o espírito que a impõe, e regressaríamos ao puro empirismo.

Teríamos caído numa psicologia atomista, ignorante da transitividade, do fluxo, da continuidade dinâmica do pensamento. Uma forma que jamais poderá unir uma matéria estranha.

Esta objectividade da série de sensações, coincidência perfeita do pensamento e da existência, já não irá inutilizar o próprio determinismo que se pretende introduzir?

Se, com efeito, a pura causalidade mecânica suspende o determinismo em permanente regressão, ao mesmo tempo que é objectiva, como poderá o fim introduzir a organização sistemática determinante?

Uma ideia que seduz, uma invenção original e criadora?

É esta a mais alta beleza do pensamento de Lachelier, mas será possível esta criação se o mecanismo, universal e objectivo, inunda e repassa toda a realidade?

Se a ideia é irreduzível à sensação não será então um modelo de realidade que bem dispensaria esta primitiva realidade do mecanismo?

Teríamos então um idealismo consequente em que o mecanismo só existiria como momento dialéctico (Hegel, Hamelin), sistema orgânico de relações, onde a indução é um provisório artifício empírico.

Se a ideia é de qualquer modo redutível à sensação, o anterior mecanismo objectivo inutiliza a possibilidade de aparecimento e insinuação da ideia na realidade.

O que pode ser a originalidade duma ideia, sensação ou sistema de sensações?

Que mais poderá ser essa ideia que um abstracto, ou uma síntese de abstractos sensoriais, isto é, movimento ou composição de movimentos?

E como se insinuaria tal ideia, se existir pudesse?

Em cada linha de causalidade mecânica objectiva não poderá insinuar-se, um pleno sem malhas, um todo sem poros, uniforme e cerrado.

Cada linha de causalidade suspensa do indeterminismo duma indefinida regressão, seria só por si um universo sem contacto possível com as outras linhas de causalidade.

Será então a ideia a luz no possível cruzamento dos caminhos, atraindo de longe os caminhantes vagabundos; o ponto de convergência das linhas causais, centralizando-se na unidade interna dum sistema?

Creemos bem que será possível essa atracção, mas em pensamento e numa realidade, que seja um próprio movimento do pensamento criador.

Mas num Universo de realismo mecânico a acção será num único sentido e sem possível comunicação com outras direcções possíveis.

E, quando, para receber o facto, ^(a) se admita o encontro de mais linhas mecânicas, será o acaso ou o mecanismo superior que

^(a) No artigo figura «para receber o facto» em vez de «, para receber o facto,».

do ponto da confluência original irá seguir em todas as direcções a desigual repartição dos movimentos.

A ideia é que não poderá desviar-se ou organizar movimentos, que, em si, levam o seu integral determinismo.

Ou confluiriam pelo acaso do encontro, ou seguiriam ignorando-se e ignorando a nostálgica ideia impotente que os pretende abraçar.

E, como só a finalidade da ideia pode organizar e alimentar o insubsistente determinismo mecânico, a causalidade e a indução perdem-se sem remédio.

O pensamento posto diante da realidade, como cousas isoladas, será para sempre incapaz de reatar e unir o radical dualismo inicial.

Não se diga que os fenómenos são também sensações e que, por isso, é que podemos duma forma de união concluir a outra, e, como a condição de existência para o pensamento é uma certa conexão das sensações é que essa mesma conexão (causalidade mecânica) informa e determina a série fenomenal.

O fenomenismo mecânico existe, e para todos, resistindo aos caprichos da imaginação de cada um.

Não é o idêntico duma faculdade de conhecer em todos igual, é o imperativo duma *resistência* que a todos obriga. Como a faculdade de conhecer acataria a resistência a uma imaginação que nem sequer poderia existir sem a sanção dessa faculdade que legisla o real?

Imperativo duma razão mais rica sobre uma menor razão, imperativo duma razão social sobre a razão individual, que capricha, tudo isso se compreende, jamais se pode admitir o capricho duma imaginação contra a razão organizadora e legislativa.

Pode dizer-se que uma existência objectiva, dada em si mesmo, sai também de qualquer modo do próprio seio da nossa existência?

Evidentemente. E não se compreende mesmo que o Universo seja sem analogia com o nosso pensamento, seria o caso duma absoluta impossibilidade de conhecer e, portanto, de pensar, pois o conhecimento é a vida concreta e real do pensamento.

Mas justifica isto que o acordo tenha de ser justalinear e imediato entre a série fenomenal e a série das sensações?

Serve este acordo para justificar que, de pronto, se divida o pensamento em faculdade de conhecer e imaginar e a existência em real necessário cognoscível, em incognoscível absoluto, e cognoscível irreal como o da imaginação?

Note-se que esta imaginação é precisa para chamar à resistência um real necessário, sem ela teríamos apenas o idêntico *a priori* em todos os homens ou objectivo e o diferente ou subjectivo.

E era deste objectivo humano que teria de sair o princípio de indução. A indução seria tudo o que *a priori* é capaz de fazer o acordo dos homens, o que tornaria inútil a sua aplicação à exploração do real.

Há, então, uma parte do pensamento paralelo à existência real, uma parte diferente da realidade.

Se assim é, a indução só é lícita naquela parte que é no pensamento a cópia do real e no real a cópia do pensamento; ^(a) como saber qual é essa parte? Só pela resistência à imaginação?

É então um critério psicológico que vem reintroduzir o subjectivismo.

De resto, esta tese recebe a crítica geral do formalismo, do misterioso contacto do X da existência com as formas-pensamentos na aparência do fenómeno.

E no caso particular da indução, levantadas todas as anteriores dificuldades, ficaria a de justificar tal monstruoso contacto, pois nada prova que tal contacto tenha de dar-se, que a ciência seja possível, que na nossa exploração do real não vamos no sentido das possíveis realidades inapreensíveis pelas formas-pensamentos.

E este pouco de absoluto, esfíngica inadaptação do X existencial com o pensamento, não trará a todo o parcial idealismo restante uma doença congénita, que lhe inibe o crescimento e a vida?

Resumindo:

O *empirismo* (materialismo) não pode sair dos factos, sensações-fenómenos ¹, e a exploração do real pelo processo indutivo não é mais que uma receita útil criada por hábitos úteis.

O *formalismo* (semi-idealismo) cinde o Real X em afloramentos A que cabem e se introduzem nas formas-pensamentos e são o mundo ordenado das causas eficientes e dos sistemas finalistas: A e X – A ou Y que é um novo mistério.

^(a) No artigo figura a pontuação «,» em vez de «;».

¹ Uma psicologia mais cuidadosa dirá percepções-fenómenos, sabendo o quanto de racionalismo implícito envolve a mais simples percepção.

A, idêntico para todos os homens, é contemporaneamente o mundo ordenado e a razão¹ ordenadora. A identidade de A em todos os homens ou é um facto e voltamos ao empirismo, ou uma lei e postula a própria indução que pretendia justificar. É, de resto, falsa e contraditória da Experiência.

Que o mundo só existe necessariamente unido pela necessária unidade do pensamento, é o postulado do semi-idealismo.

De modo que o A só existe na sua relação com o Y, e então poderemos ficar na certeza de que essa relação é simplesmente o limite de A pelas fronteiras do Y?

O A pode não ser meramente superficial, mas penetrado de Y em todas as direcções e mutável e evolutivo; então a indução seria a pura identidade verbalista do *mesmo igual ao mesmo* ou ficaria na expectativa empírica de poder ainda subordinar os fenómenos.

O A pode tornar-se A – Y, e a apreensão pelas formas-pensamento poderá ser impossível, ou dar um A' sem continuidade com o primitivo A.

O Universo fragmenta-se em universos no tempo, como o mecanismo o fragmentara em universos no espaço, como os decretos informadores dos vários pensamentos o teriam fragmentado nos espíritos, se não postulássemos uma indemonstrável identidade.

O idealismo integral suprime a indução e a dedução, tendo como processo único de pensamento a construção sintética.

O pensamento não se limitaria a *informar* uma realidade misteriosa que a tal se presta.

O postulado do acordo entre uma parte do real e as formas do pensamento é substituído pelo movimento dialéctico do pensamento, que em qualquer e em todos os momentos se apreende como realidade garantia de todas as realidades. Factos e teorias, uno e diverso, o mesmo e o outro, necessário e contingente, universal e particular, tudo é pensamento, construções sintéticas dum pensamento, que vive pensando.

Se divido o mundo em pensamento e existência, o idealista dirá que mais não fiz que falar do pensamento em geral e do particular pensamento da existência.

¹ Roberty dirá o mesmo, sendo essa Razão um produto da *socialidade*, como adiante veremos. É como um kantismo sociológico.

Descartes traiu o belo movimento idealista que o abismara na *cogito*, quando cortou a realidade em pensamento e extensão; não mais poderia ter feito que falar de pensamento-pensamento e de pensamento-extensão.

Somos encerrados adentro do pensamento, mais solidamente ligados que ao próprio planeta. É, de resto, o que todos os teóricos do conhecimento reconhecem, tomando a inserção do pensamento no real em vários níveis: Stuart Mill na sensação, Kant nos apriorismos, Fichte no eu até ao não-eu, Hegel no nada até ao todo.

O ponto onde o pulso da realidade é o próprio ritmo dialéctico do pensamento pode variar, sempre existiu para todos os pensadores.

É relâmpago revelador em Nietzsche no *Canto da Meia-Noite*, é na percepção pura para Bergson que o pensar coincide com o simples existir, como é na intuição dum pensamento concentrado e atento ao crepúsculo da iluminação instintiva que se dá a coincidência com a mais alta existência, o refluir do pensamento humano ao próprio centro criador.

É para outros o pensamento estético que une sujeito e objecto ou o pensar e o ser.

Ora desde que se dá o contacto ou inserção do real no pensamento e do pensamento na realidade, como compreender o seu corpo da irredutibilidade? ^(α)

Pensamento e realidade serão análogos, e, como só o pensamento é conhecido e dele impossível a fuga, são bem consequentes os idealistas que tomem sempre a realidade como uma construção dialéctica.

Mas haverá acordo entre o ritmo do pensamento individual ou humano ¹ e os ritmos plurais que nos assediam e solicitam?

Se tal acordo existisse, o pensamento seria apenas a intuição desse ritmo.

A necessidade duma dialéctica prova que a realidade é experimental, isto é, evolutiva e mutável, reclamando esforço e atenção, readaptação permanente.

^(α) O artigo refere nestes termos o texto aludido: «Ora desde que se dá [...] realidade como compreender, o seu corpo da irredutibilidade?»

¹ Comparar adiante com os teóricos das representações colectivas.

Então só uma série de intuições bem ajustadas poderá escalar o real, e é este o sentido do bergsonismo, dessa filosofia tão falada quanto ignorada nas suas infinitas riquezas interiores.

O idealismo hegeliano seria um outro processo de construção do real por um pensamento que só conhece o movimento e a vida e fez de cada momento uma relação incompleta solicitando o novo termo. O pensamento mecânico é um momento para um finalismo interior que pode muito bem ser o banho do pensamento discreto e atômico na fluidez crepuscular^(a) do instinto, no amplo oceano da invenção.

Bergson e Hamelin encontram-se e nada mais comovedor que o acordo de duas almas de tão diferentes gênios, mostrando como os caminhos da vida e da verdade são diferentes, sendo o exemplo vivo da grande unidade concreta que sem absorções niilistas se faz e refaz por entre os plurais.

Mas, se o pensamento é experimental, vivendo como os organismos por um esforço de assimilação e adaptação, a dialéctica hegeliana nada mais pode ser que uma reconstrução do real, já construído pela experiência.



É então na Experiência que temos de pôr de novo a indução procurando justificá-la no seu valor de certeza e de alargamento do real.

A realidade é uma construção do pensamento.

A Experiência não só corta as grandes linhas da realidade, mas organiza a própria realidade em forma e matéria. Jamais conhecemos a matéria sem *informação*, jamais conhecemos formas sem conteúdo.

Um corpo começa como célula a assimilação que o há-de construir, com as antecipações da sua herança.

O pensamento começa a experiência com antecipações lógicas, implícitas na linguagem e nas tendências hereditárias, e, quando a experiência se condensa e concentra, dirigindo-se filosófica ou cientificamente, é um vasto saber teórico que cresce em corpo de Experiência, assimilando e rejeitando, errando, corrigindo e aprendendo em esforço de opulência e harmonia.

^(a) No artigo figura neste ponto a pontuação «,».

A vida do pensamento é um ritmo de apropriação ampliadora, como onda começada num ponto do espaço, sujeitando ao seu ritmo camadas cada vez mais afastadas.

O seu repouso é morte, se não é mais que uma reflexão sobre si mesmo, que, trazendo-o da superfície, o aprofunda para novas viagens de ampliação e domínio.

Dois aspectos exteriores da mesma tendência lhe marcam o movimento.

A tendência para a unidade sistemática, que leva o *idêntico* do sistema à explicação reconstrutiva do real. É a grande época dos sonos dogmáticos.

A tendência espontânea para a alimentação, para a conquista, para o ampliamto que procura o diferente e dá o pluralismo dum saber assistemático e avulso.

É a grande época de acumulação de materiais, de reservas, que irão levantar problemas, iniciar novas categorias de pensamento e acção.

A problematização resulta do choque do novo diferente contra o corpo sistemático do saber anterior.

É uma adaptação, por vezes uma luta darwinista entre as antecipações lógicas e as representações do novo.

Mas estas apresentações seriam impossíveis sem que nas antecipações sistemáticas houvesse um elo de *idêntico* a que se prendessem.

É que esse elo está por vezes aprisionado em associações contraditórias com a nova associação incipiente.

Categorias a desfazer para novas surgirem e, com elas, a desproblematização.

Quando esta tendência toma consciência de si e analisa os seus processos, encontra o uso espontâneo da indução, que procura justificar.

E então vê que o processo indutivo é uma construção do real no melhor equilíbrio das duas tendências para a identidade e para a riqueza, para o mesmo e para o outro, para a *unidade social*, que é toda a vida do pensamento e da realidade.

A *indução* vai construindo a realidade e em qualquer momento pode o pensamento parar e olhar o trabalho feito; esse golpe de vista resume *dedutivamente* a mesma realidade.

Os processos de resto cooperam, e, se da proposição «todo o homem é mortal» podemos *deduzir* que *este* homem é mortal, é porque indutivamente levamos o *idêntico* morte a toda a humanidade.

Mas nem esta indução se fez fora de deduções cooperantes, pois, se a morte (fisiológica, é claro) se não *deduzisse* da comple-

xidade anatômica e fisiológica do homem, não teríamos o *idêntico* morte a levar a todo os homens.

Veremos mais longe que a certeza da imortalidade de Sócrates só vale pelo que valem as induções e deduções que a determinam.

Valor de probabilidade ou de certeza matemática, conforme ainda a penetração do *idêntico* nos deixe numa expectativa experimental ou encerre essa expectativa num cómodo e apropriado nominalismo.

A indução sendo a construção do real pela unificação do plural, isto é, pela procura do *idêntico* nos fenómenos, irá variar ao longo da resistência pluralista desses fenómenos.

É o que, com efeito, se vê da matemática às outras ciências.

Existe, com efeito, a indução construtiva em matemática?

O princípio da indução matemática ou recorrência será, com efeito, indutivo?

Para Poincaré sabe-se que é um juízo sintético *a priori*, deduzido do poder que tem o espírito de repetir as mesmas operações.

Que não seja uma simples evidência tautológica, é claro, por isso que aumenta o meu conhecimento. Todo o estudante de matemática sabe que a obediência de dois ou muitos números a uma lei, só por si nada ensina sobre o comportamento de todos os números em relação à mesma lei.

Portanto, a recorrência demonstra-lhe uma novidade, aumenta-o dum conhecimento.

Conhecida uma lei relacionando dois números e demonstrado que sendo verdadeira para o número n ela é também verdade para $n + 1$, pode afirmar-se que é verdadeira para todos os números da mesma lei de geração que os números de experiência inicial. Uma relação particular fez-se universal e necessária.

Donde vem a virtude desta indução?

É um juízo *sintético a priori*, como diz Poincaré?

É no sentido duma antecipação (antecipação que foi construída e não apriorística) da experiência científica; mas não o é como antecipação de toda a experiência.

É na *equivalência* das trocas, no *idêntico* de todas as contagens que tal construção se forma.

Compreendemos mesmo como o diverso tivesse resistido.

A contagem (Lévy-Bruhl) nas sociedades inferiores faz-se referindo a objectos diferentes as mesmas partes do corpo.

Em alguns a contagem é sempre na mesma ordem, é assim que, na Nova Guiné inglesa a palavra *ano* serve para contar 10 ou 14, e sem confusão porque uma vez é o pescoço do lado esquerdo e na outra subsequente é do lado direito.

Noutros povos há mais que *uma* correspondência de partes do corpo com os objectos a contar. Aqui já aparece maior largueza por onde se insinue a *identidade*.

No primeiro caso os objectos contados não influem na conta, mas os números estão altamente qualificados pelas partes do corpo que os *constituem*.

No segundo caso já essas partes podem variar, o que é um bom caminho para desqualificar os números impelindo-os para a futura autonomia.

Esta *qualidade* dos números revive ainda, em restos de magia e nas religiões até em formas superiores ¹.

Os números não estão inteiramente *dessacratizados*.

Quem não tem a desagradável experiência do deslocamento duma mesa de jantar, porque era o décimo terceiro da conta e uma senhora aflita declarou que se não sentaria, pois o mais velho ou mais novo teria de morrer dentro dum ano?

A possibilidade de repetir a *mesma* operação só se aplica a números inteiramente idênticos sob o ponto de vista dessa operação.

É, pois, uma construção desse idêntico, que permite a operação e, com ela, a recorrência.

A operação só será a *mesma* quando feita sobre estas operações a mesma desparticularização que é necessária para construir a numeração.

Só quando em operações diferentes no tempo e na qualidade se elimina o diferente, ficando o simples acto de *repetir*, é que poderemos falar da *mesma* operação.

A *identidade* vem, pois, dos números. E a propriedade ou lei fica apenas demonstrada para os números nos quais tal *identidade* foi introduzida.

A cada nova ampliação da ideia de número preciso se torna demonstrar a propriedade se ela for, no entanto, compatível com a *diversidade* que o novo número contém.

¹ Diga-se de passagem que se para uns o resumo *ainda* é qualificado, para outros *volta a ser* por novas e conscientes atribuições.

A permanência (Hankel) das propriedades é um ideal, a identidade persistindo em alargar os seus domínios; mas ideal por vezes irrealizável inteiramente, no meio da nova diversidade.

Tanto assim que as dificuldades na antinomia do *transfinito* (G. Cantor) estão, segundo a notável exposição crítica de Borel, na maior ou menor possibilidade de compreender sob que ponto de vista as aplicações sucessivas do teorema fundamental (Du Bois-Reymond) podem ser a mesma operação. O teorema diz que dada uma série da potência do conjunto $E^1 \phi$ de funções crescentes é possível achar uma função $\psi(x)$ tal que, qualquer que sejam, tenhamos $\psi(x) > \phi m(x)$.

Qualquer série de funções crescentes pode portanto ser excedida, e sempre, e assim teremos um conjunto da potência do conjunto E sempre ultrapassado, embora em cada caso *determinado* de excedência tenhamos apenas um conjunto de potência de E .

Mas aplicando o teorema ele será excedido e sempre e teremos um conjunto de potência superior.

É o mesmo que com a série natural dos números inteiros.

Sabemos que a série é indefinida, porque a lei da formação não esgota a sua virtude genética em qualquer número que se detenha a nossa determinação actual.

É claro que a distinção aristotélica do *acto* e da *potência* vale aqui como distinção do *acto* de formação dum certo número e da *Lei* de formação dos números.

Igualmente para as funções nós teremos a determinação duma *certa* função e a *lei* da formação dessas funções, unicamente aqui a *lei* é mais complicada pois não se refere a um *único* processo de *actualização*. O *mesmo* pluralizou-se, e o *idêntico* está apenas na possibilidade abstracta da excedência, que o teorema de Du Bois-Reymond demonstra.

O *possível* coincide com o *real*² no caso da série natural^(a) dos números; há distâncias de construção dialéctica a fazer no caso das funções.

Eis a diferença dos *idênticos*.

Para cada série... é necessário determinar por correspondências definidas a série... que dará o termo excedente.

¹ E é o conjunto dos números inteiros e positivos. Veja-se adiante a noção de potência.

² Real e possível são construções lógicas.

^(a) No artigo figura «natureza» em vez de «natural».

Em cada caso se faz introdução da *identidade* por definição completa dos conjuntos, respeitando o que Poincaré chama as classificações *predicativas*.

De outro modo são inevitáveis os círculos viciosos e as contradições do infinito actualizado, cuja negação foi a alma de toda a filosofia de Renouvier.

A chamada generalização da ideia de número é o crescimento do *corpo relacional* do primitivo número.

O número é sempre uma relação que pode provisoriamente encerrar-se num certo sistema de relações ou ser levado ao contacto de novas relações com que se relaciona.

O número fraccionário é uma certa e determinada relação de dois inteiros.

O número irracional é uma certa e determinada relação de duas classes contíguas, isto é, de duas classes ou leis relações de números racionais.

A nova relação introduzida permitirá, sempre que for possível (e essa possibilidade é um ideal) a permanência da *identidade* que construiu as propriedades das operações com os números anteriores.

É assim que é possível ligar por tais *relações* os números algébricos sempre que seja possível a definição das operações com complexos de molde a permanecerem as propriedades das operações.

Mas, introduzindo relações geométricas de direcção, e estabelecendo o cálculo vectorial (Grassman) é impossível conservar na *nova diversidade* o idêntico de certas propriedades.

É assim que na multiplicação permanece a propriedade distributiva, mas desaparece a propriedade comutativa:

$$a / (u' + u'') = a / u' + a / u''; / (a_2 a_1) = - / (a_1 a_2)$$

De modo que o número conservando um certo corpo de identidade é também penetrado de diversidade e tanto que nós compreendemos a existência de muitas propriedades hoje desconhecidas para certos números e que amanhã podem ser descobertas na aproximação genial de dois campos de pensamento, dois sistemas de relações, hoje separados.

É o caso dos números transcendententes como *e* e *x* cujo conteúdo positivo de transcendência se revelava apenas pela *resistência* do círculo à *quadratura*, resistência brutal do *facto*, até que a

aproximação dos dois problemas — construções geométricas e operações algébricas — organizou o *facto* em *razão*.

A descoberta da *transcendência* de e e de x é um aspecto da impossibilidade de estender por indução a todos os números a propriedade de serem algébricos, isto é, raízes de equações algébricas com coeficientes racionais.

Há números que o não são, é uma proposição particular, uma como singularidade de certos números, que bem mostra os sistemas das relações funcionais, como que *interceptando-se em singularidades*.

Intercepções, que lembram estranhamente o *acaso* de Cournot: no ponto de convergência de dois determinismos, para nós, independentes.

É uma partilha da identidade em números algébricos e transcendententes, uma separação qualitativa como elementarmente o foram em pares e ímpares, primos e não primos, etc.

Os direitos do *diverso* são inalienáveis.

Mas o *idêntico* toma outra orientação e classifica.

Aparecem, então, as teorias dos conjuntos *classificados* pela ordem da potência, em relação ao conjunto tipo $(E)^1$ e não à unidade, porque (coisa aparentemente estranha) este singular é plural.

O conjunto dos números pares, sendo uma parte de E tem a mesma potência que E .

Sob este ponto de vista, se uma parte de E é E , onde fica a pura identidade aritmética?

Feita esta classificação, e demonstrado que todos os números algébricos formam um conjunto da mesma potência que E , ficam os números transcendententes, compreendidos num intervalo, formando um conjunto da potência do contínuo, ou seja, superior a E .

Liouville achou um processo para formar números não-algébricos, mas deles nenhuma propriedade se fica conhecendo mais que a da negação que precede a palavra algébrico.

Os números transcendententes ficam simples afirmações de ser, qualquer longínqua América de que Hermite foi o Colombo para o número e e, mais tarde, Lindemann, seguindo Hermite, para o número n .

¹ (E) é o conjunto dos números inteiros positivos.

Lindemann demonstrou a proposição que, tendo $e^x = y$, os números x e y só podem ser ambos algébricos no caso de $x = 0$ e $y = 1$.

São, pois, transcendentos os logaritmos naturais de todos os números algébricos e todos os números cujos logaritmos naturais são números algébricos.

Temos assim determinado um conjunto da potência de E de números transcendentos. As praias e e n da América levaram à exploração de todo um continente, mas, como Liouville demonstra a existência dum conjunto de números transcendentos de potência do contínuo, fica para explorar ainda todo um conjunto de números transcendentos.

A indução na matemática é, pois, um processo dialéctico construtivo.

Se na geometria procuramos os processos de construção, veremos como o *idêntico* se faz igualmente pela ampliação e arquitectura hierárquica de relações.

As definições são claramente genéticas e construtivas, os postulados, que podem reduzir-se a definições, são a reentrada de determinações que até à altura o idêntico tinha desprezado.

O célebre postulado de Euclides não é mais que a determinação dum *certo* espaço, que até aí era inqualificado em relação à possível curvatura, etc.

Nas ciências físicas aparece a indução como o processo da causalidade.

E muitos lógicos dizem que isto as distingue das ciências matemáticas onde apenas aparece o princípio de identidade, sendo as matemáticas as ciências das formas ou possibilidade do ser e as outras ciências da realidade do ser.

Se não encontramos formas puras em inatemática, mas construções subindo de relação em relação pela unidade dum elo de identidade que as prende, veremos que o mesmo acontece nas ciências físicas e na causalidade dos fenómenos.

A causalidade física ou mecânica pode dispensar-se em troca de relações funcionais e essas relações funcionais são sempre unificações de plurais, o idêntico apreendido no diverso, o permanente no variável.

Qualquer movimento tem subjacente um movimento-tipo, o do próprio mecanismo que marca o tempo.

A forma de qualquer movimento é de 1.^a, 2.^a... ordem em relação à forma do movimento-tipo.

Por sua vez o movimento-tipo é uma construção do idêntico pela eliminação, a maior possível, do diverso.

Mas, feita a eliminação, no próprio movimento-tipo, deslocamento angular dum ponto no céu ou no mostrador do cronómetro, ainda o *idêntico* é parcial e relativo, apenas é sempre o mesmo o desenho do seu percurso.

Uma certa relação do espaço e do tempo é constante neste movimento.

Complicuemos esta relação duma segunda variação idêntica à primeira, teremos um movimento de 2.^a ordem em que a constante da primeira é uma variável segundo a *mesma* lei que a variável do primeiro movimento. Igual complicação daria um movimento de 3.^a ordem, etc.

A primeira variável apareceria em todos os movimentos progressivamente aumentada no seu grau de complicação, $e = at$, $e = at^2$, $e = at^3$..., parábolas da forma geral.

A recta, parábola cúbica, de Wallis, etc., dariam a complicação quantitativa e qualitativa do espaço.

E todo o conhecimento geométrico destas linhas viria unir-se e ampliar o conhecimento dos movimentos: o afastamento rectilíneo da origem segundo o coeficiente angular, o desvio segundo a linha tendo como direcção assintótica um eixo das coordenadas ¹, etc., etc.

Relações funcionais construtivas do real, ou causalidade organizando o diverso na máxima unificação dum sistema.

Mas ainda estudamos apenas movimentos possíveis, sem conexão com outras realidades mecânicas.

Eles são ligados entre si e preciso é construir esse nexos; aparece, então, um novo diverso a unificar.

O movimento é movimento dum móvel, que, provisoriamente e sob o ponto de vista do movimento, é o *mesmo* durante toda a duração do fenómeno.

Mas eis que dois móveis se chocam, e toda a teoria do choque é a organizar, procurando (Descartes) o novo *idêntico* que vai permanecer.

Num móvel modifica-se o seu movimento e eis que apareceu o *novo*, o *diverso*.

O princípio da inércia unificará esta diversidade conservando o *idêntico* na relação inércia-força, organizadora da variação.

¹ A semicónica corresponde a um interessantíssimo problema de mecânica.

Diz-se que a força é a causa do movimento. É uma construção do movimento pela causalidade. A causalidade é a relação força-inércia.

A força sem a inércia nada é.

A variedade pura é caos impensável e irreal, como a identidade pura é morte e aniquilamento.

É claro que os fenómenos de movimento irão deixar o primitivo isolamento e então dependerão das novas ligações do móvel como na rotação dum corpo, ou do seu movimento em relação ao éter como no movimento de translação, onde, para salvar conjuntamente a electromagnética e o princípio da relatividade, sofrem os corpos uma *certa* contracção no sentido do movimento.

É claro que o princípio da relatividade se salva, apenas recebendo o mínimo de diverso pela conservação do máximo de *identidade*, na simples construção referida.

A própria massa vai perder, em *certas condições*, a sua perfeita *identidade* na nova relação electromagnética com o éter.

A determinação dum sistema é sempre a sua construção ou organização do diverso unificado.

A causalidade é o plural unificado, o diverso-idêntico.

Todas as transformações se fazem conservando um *idêntico* a *energia*, alimentando um diverso a *entropia*.

A causalidade não está, como erradamente diz Wundt na equivalência das energias, esse é apenas o *idêntico*; está mediata ou imediatamente, nas diferenças de potencial energético, isto é, na relação qualidade-quantidade, identidade-pluralidade.

O homogéneo puro é nada-zero, o puro heterogéneo é nada-caos.

E se a desigualdade de potenciais tende para zero pela probabilidade das leis estatísticas, ainda nestas vamos encontrar o *idêntico* como resultado dum plural, que já era unificado pelo condicionalismo inicial de receber a *lei* dos grandes números.

A quantidade é o *idêntico* que se procura sob a qualidade, sem que esta jamais desapareça.

A ilusão do *idêntico*, ou da pura quantidade, é vulgar nos sábios que se absorvem na pesquisa do homogéneo, esquecendo o radical heterogéneo que nesse esforço atravessam, os alimentam ^(α) e sustêm.

^(α) No artigo, com certeza por erro tipográfico, figura «alimenta».

A indução despida deste movimento dialéctico construtor deixaria casuais ligações de factos, sem raízes, nem seiva, nem crescimento, estranhas entre si, alheadas e infecundas.

Quando Stuart Mill nos apresenta os seus cânones da indução, coloca-se num terreno de compromisso entre a opinião e a ciência.

Suporia os factos da percepção comum e entre eles procura ligações que os prendem.

A concordância, a diferença, os resíduos (simples modo do anterior) e as variações concomitantes são marchas progressivas no sentido da organização racionalista das leis.

É subjacente a esta análise um condicionalismo que receba o avançar dialéctico da probabilidade no caminho da certeza, certeza que, aliás, esta indução jamais poderá atingir.

De resto os *factos* são já, mesmo para a opinião, concreções lógicas; para a ciência são já determinações dialécticas de maior ou menor organização e em actual ou possível relacionamento que modificará a sua íntima estrutura.

Para Stuart Mill são já hipotéticas construções analíticas duma psicologia atomista, aliás pouco respeitadora da sua própria fenomenalidade.

$F = m \gamma$, é uma lei física, sendo, aliás, a própria medida da força.

Como poderia a indução empírica de Stuart Mill construir esta lei, se nem a força nem a aceleração são isoláveis?

E a própria massa isolada nada mais seria que um bloco de extensão.

As noções enlaçam-se de tal modo que ilusório seria tentar escrever as duas séries das procuradas variações concomitantes. E esta organização interna não pára sequer nos limites inferiores da mecânica, continua pela noção de espaço e função em todo o campo matemático, como pela noção de tempo continua com a astronomia e a física, arredando, aliás, para a filosofia, a própria análise epistemológica dessas noções que envolveria a biologia, a psicologia e a sociologia.

O conhecimento científico aparece por virtude das lacunas das ligações da opinião, são as contradições e desarmonias desta o ponto por onde ele se insinua, reassimilando numa nova apreensão unificadora.

Há, portanto, choque das teorias científicas contra as construções da opinião, ou seja os factos brutos.

Nas ciências de alta organização é tal a riqueza das antecipações lógicas que o facto bruto sofre à entrada do laboratório tal preparação que o ignorante jamais o reconheceria.

É inútil insistir depois das críticas de Duhem e Poincaré, de acordo no mínimo de significado dialéctico que aqui as chama.

Nem tão-pouco nas outras ciências a indução perde o seu corpo de pensamento sistemático.

De nada serve fazer como Naville defendendo o papel da hipótese, depois de admitir a indução como generalização dum facto.

É apenas uma tentativa simpática, mas estéril, de vivificar o cadavérico necessitarismo de certos idólatras da identidade.

O que é preciso é estudar a própria construção da realidade científica.

E todas as ciências recebem as antecipações teóricas das ciências anteriores.

Podem esbarrar com factos brutos mais resistentes à penetração da identidade, mas o facto não entrará no laboratório do biologista ou do psicólogo sem preparação que, realizando-o, o desfigure aos olhos da opinião.

A mais simples análise microscópica envolve, com a óptica, toda a teorização física.

A indução é ainda organização dialéctica, a causalidade é ainda qualidade e quantidade, plural unificado.

O *idêntico* das leis estatísticas da física é agora o *idêntico* das condições de existência, que, já em Empédocles, era subjacente às casuais combinações dos espontâneos produtos da matriz universal, e, em Darwin, é o crivo da selecção e, sob ele, o *idêntico* das condições de vida.

Tanto mais fecunda a selecção quanto mais *idêntico* o seleccionado. Seleccionado, que é a relação *animal genérico-meio*.

As combinações do variável singular de novo se *identificam* em *espécie* pela selecção.

Ainda estes aparecimentos do variável possuem (Lamarck) o *idêntico* das *repetições* habituais do esforço, etc.

A *qualidade*, que na física se atenua na disjunção de grupos fenoménicos, é aqui mais resistente e o *sistematismo* é mais imediato e pronto.

A vida é organização, e do todo às partes ressoa uma unidade interior, ecoando ainda na mínima parcela de protoplasma vivo.

As leis da física e da química permanecem, mas orientadas por um determinismo superior que as organiza em hábitos.

O ser vivo *assimila* (Dantec), isto é, eleva o *idêntico* físico à superior *identidade* da sua própria forma.

Entre duas linhas isodegradadoras possíveis (igual desvio entrópico), os sistemas físicos e químicos regulam-se pelo cálculo das probabilidades ¹, os seres vivos (Guillemintot) só porque escolheram uma vez tenderão a formar o *idêntico* dum hábito.

Os sistemas mecânicos obedecem ao princípio da não-hereditarietà, os sistemas biológicos são essencialmente hereditários.

A *identidade* de novo se inverte. Jamais um vivo percorre um ciclo fechado regressando à origem, o vivo progride ou regressa mas em direcções diferentes, procurando sempre a conservação do hábito aprendido.

O ser vivo é como uma memória implícita pouco renovando o seu saber, pouco esquecendo desse implícito saber.

O ser vivo é quase instinto ².

A quantidade em biologia aparece como relações de formas, a vida é também geometria, e aparece na análise da identidade qualitativa ou herança.

É o significado das leis de Mendel, onde, na herança dos híbridos, reaparece a disjunção fenoménica. No *idêntico* qualitativo da herança, corta-se o *idêntico* quantitativo do número de híbridos *diferentemente* herdeiros.

Nos fenómenos superiores da vida, lá onde o psiquismo claramente se revela, é o ponto de equilíbrio instável, onde o *idêntico* e o *diferente* se trocam.

Com Descartes é o *idêntico* mecânico e o animal é máquina, com alguns discípulos da escola darwinista, hábeis na *identificação* do homem com os animais, o animal é uma inteligência e consciência, apenas dificultado pela falta de linguagem e instituições sociais.

Os primeiros pretendem subir do tropismo à sensação diferencial e ao instinto.

Os segundos verão no instinto o depósito ancestral duma experimentação inteligente.

O tropismo como acção directa dos agentes fisicoquímicos é um facto bruto que nada explica.

¹ Ponto singular de indeterminismo físico, só por si revelador do necessário aparecimento da vida para acudir a um fatal acosmismo.

² O *Élan* vital de Bergson é um grande sincretismo pré-psíquico onde o instinto é radical.

São anteriores ou posteriores às adaptações de que são servos?

Se é possível, como é, conservar ritmos vitais contra a fatal (?) acção desses agentes só porque agora são úteis, é a utilidade que domine o tropismo.

De resto, o salto do tropismo para o instinto é uma nova dificuldade para o mecanismo psíquico dos animais.

Mas esta idolatria do *idêntico mecânico* é interessante nos casos teratológicos, como o de Dantec, em que a consciência humana aparece como epifenómeno (Huxley)¹ inútil.

É o caso do esquecimento completo do carácter qualitativo-quantitativo da causalidade, e, querendo-a pura *identidade*, chegar a uma linha de causalidade (universo causal) onde aparece um fenómeno que não é causa nem efeito.

Espíritos inferiorizadores que procuram tudo reduzir ao mais simples, numa absoluta avareza de atenção e esforço construtivo.

Os superiorizadores exageram por vezes noutra direcção o mesmo ansioso desejo de identificação, aproximando todo o psíquico dos moldes humanos mais claros — a pura intelectualidade discreta.

Contra este vale toda a psicologia moderna, fundindo, mesmo no homem, a inteligência do discreto numa razão dinâmica compreendendo toda a forma de pensamento.

É assim que Bergson fala duma especial intuição, onde a cinestesia e o instinto crepusculizam a inteligência, que, libertando-se da imediata e urgente adaptação à vida, poderá atender às profundas e vivas realidades do subconsciente.

Bergson foi o grande psicólogo crítico das *antecipações teóricas* da psicologia dominante.

Como Copérnico para a astronomia e Kant para a Crítica, Bergson começou pelo estudo das antecipações teóricas directoras das pesquisas psicológicas.

Um esforço para procurar os dados imediatos da consciência sob as antecipações teoréticas através das quais tinham refractado o seu corpo é o princípio da obra bergsonista.

O contacto entre o ser e o pensamento que Bergson pretende atingir na intuição do imediato da consciência parece poder libertar o bergsonismo da organização construtiva da realidade

¹ A consciência epifenómeno é um modo do paralelismo pensamento-extensão, que nasce em Descartes e é todo o espinosismo.

pelo pensamento, que defendemos como a obra original que envolve no seu trabalho a dedução e a indução e é a própria vida do pensamento.

O bergsonismo estaria na destruição das antecipações teóricas com que a psicologia se ia fazendo e, feita a destruição, ressaltava o contacto do fenómeno e do noumeno, do aparecimento e do ser, da existência e do pensamento.

Mas o dado¹ imediato é tempo concreto, duração sinfónica, progresso *criacionista*².

O Tempo é, pois, uma realidade psicológica, e este tempo, que não é o tempo-espaço dos físicos, que também não é o tempo categoria social da escola Durkheim³ (α), precisa de ser construído.

A organização dialéctica vai reaparecer e forte, pujante, genial, como só de longe em longe, nos grandes cumes da filosofia, rebrilhando de tranqüila e eterna beleza.

De resto, a destruição das antecipações é também uma grande obra de pensamento, em que aparece indiscutivelmente falsa e banal a afirmação que construir é mais difícil que destruir.

Com o tempo e a percepção vai Bergson no mais ignorado, difícil e opulento dos seus livros, *Matière et Mémoire*, tomar contacto directo com toda a realidade.

A percepção pura seria a coincidência com o ser dos fenómenos; a memória pura seria a vida essencial do espírito.

Mas, como a realidade é «*changement*» profundo e radical, percepção e memória são limites ideais (conceitos-limites), tendências da própria duração.

Não há percepção pura, porque o mínimo contacto com a realidade exterior⁴ não é um ponto, é a condensação no ponto (limite de onda decrescente) dum vasto tesouro de memória.

Do cone da memória ocorre ao plano da realidade com a recordação, ora alagando-se em ondas para a memória pura, ora condensando-se para o vértice da percepção.

¹ A palavra «dado» é pouco bergsonista, é reminiscência do *outro* mundo, do idêntico e imóvel.

² O *Criacionismo*, ver «Crítica de Bergsonismo».

³ Discípulos ilustres da escola, na incompreensão do bergsonismo, chamam-lhe tempo arabesco.

(α) No artigo figura «1».

⁴ Exterior e interior são também tendências, não há fronteiras fixas. Uso os termos por comodidade de linguagem, mas que os acompanhe sempre a correcção necessária.

A actualização da recordação virtual só é possível pelo ajustamento adaptativo ao *interesse* da acção.

O pensamento foi criado pela vida, é um órgão de adaptação, logo deverá esclarecer, antes de mais, o utilitarismo da acção.

Aqui Bergson faz a mais profunda aplicação da dialéctica darwinista ao problema do pensamento.

A percepção, que poderá ajustar-se a cada um dos triliões de vibrações que a nossa percepção-memória concentra num segundo, seria a pura *quantidade* do fenómeno em vez da *qualidade* que ele é em nós.

Porque nós o aumentássemos de alguma coisa?

Somente, porque a nossa actividade (e nós somos antes de tudo seres activos, acossados pela vida) nos faz opacos para aquela parte dos fenómenos, que desenha a zona indeterminada da nossa acção, para a região por onde se insinua o determinismo da nossa liberdade.

A percepção pura seria colada ao ritmo de cada fenómeno, a percepção-memória prevê e modifica.

O animal fantástico dum Wells que se ritmasse por cada vibração dum corpo elástico colocado no ar não poderia fugir do perigo sucessor da última vibração, o homem que num segundo apreende num certo som o simbolismo qualitativo do perigo pode prevenir-se.

O que revela um outro aspecto, inexplorado pelo próprio Bergson, da possível coincidência da percepção de certos animais com dados fenómenos exteriores. O que poderia dizer-se assim: certos animais são matéria para outros ¹.

O animal matéria pura para o som pode ser percepção-memória para a luz, etc. Seria interessante desenvolver esta hipótese na direcção da génese dos sentidos e seu valor de realidade.

Não seria nesta tendência que os teólogos imobilistas acharam o seu Deus, onde o pensar coincide com o ser?

Não será pelo menos assim que ele apreende em *qualidade* no seu ritmo de memória as diferentes exteriorizações do fenomenismo cósmico?

E deste modo reentraria a *identidade* dum mundo *dado* na própria dialéctica bergsonista.

¹ O que é um neo-aristotelismo vindo de pontos bem afastados do horizonte dialéctico. É que, nos grandes sistemas, há eternidade.

Mas Bergson guarda a *qualidade* nas invenções da vida e, então, o *novo* reaparece, sendo o *idêntico* apenas o resultado de certos hábitos adquiridos.

Por esta consequência se vê quanto o pensamento bergsonista é amigo do contingencialismo de Boutroux.

A matéria seria a máxima degradação do espírito. Os seres vivos, que, para nós, assim aparecem, seriam bem mais próximos de nós do que o supomos.

A escala desce indefinidamente e poderá também indefinidamente subir.

O que seria o homem (?) que num só movimento de consciência apreendesse toda a história do planeta?

De que formidável poder de acção e capacidade de invenção não seria ele dotado?

A aprendizagem dum teorema de geometria compõe-se de apreensões sucessivas, o geómetra apreende duma vez todo o conjunto, nem de outra forma o inventaria.

O que seremos nós para outras imaginárias consciências que dum golpe leiam toda a vida das nossas infinitésimas invenções?

O homem que diante dum perigo não pode apreender duma vez o condicionalismo da defesa é eliminado, e isso explicaria que uma longa selecção tenha dotado todos os homens da mesma (quase) percepção-memória de qualidades, a que a psicologia costuma chamar sensações. Os órgãos dos sentidos seriam como reservatórios abertos *quase* à mesma imediata atenção à vida.

Os *factos* psicológicos que os atomistas ingleses tinham chamado sensações reaparecem depois duma longa elaboração dialéctica, muito longe da imediação dum *facto*, como uma ideal tendência que a própria organização da vida excedeu, concentrando o pluralismo das memórias, que ela reporia, num só acto de posse consciencial.

O pluralismo analista dos ingleses recebe da psicologia moderna integral desmentido.

A transitividade dos estados de consciência, no *Stream of Thought* de James, dá a continuidade de consciência por uma circulação interior marcando o ritmo das pulsações psíquicas.

É neste mesmo ritmo e, por isso, na variação da tensão psíquica pela maior ou menor atenção à vida, seja pela mais íntima ou flexível inserção da memória pura na pura percepção, que Bergson encontra as antecipações teóricas de toda a psicologia.

Com elas irá Bergson procurar as leis da associação, resolver o problema do consciente e do inconsciente, explicando ao mes-

mo tempo, à luz dessa doutrina, as solicitações dialécticas da antiga psicologia e a natural resistência dos nossos hábitos de *interesse* biológico aos novos interesses de especulação.

A atenção à vida marca o plano em que nos colocaremos na percepção. É assim que, a despeito de generalidades dos sentidos, percebemos diferentemente.

O reconhecimento dum objecto é um fluxo-refluxo em que a memória se vai inserindo nos diferentes esboços de pura percepção em que o objecto (ponto de convergência de actividades cósmicas) virtualmente se desdobra até que se forme a percepção-memória mais completa e iluminada.

Esta iluminação não é todavia jamais completa, porque o reconhecimento do objecto nos *interessa* parcialmente e sob o ponto de vista de possíveis acções.

De forma que a nossa inteligência (organização superior das percepções-memórias) é uma criação da Vida, como o torpor vegetal e o instinto animal — simples prolongamento do seu poder de plasticização¹.

A Evolução Criadora é a grande fonte de que a *Matéria e a Memória* são caudais derivados.

Toda a obra metafísica de Bergson caminha assim ao lado da sua construção psicológica, de modo que o metafísico de génio é, antes de tudo, um profundíssimo reformador da psicologia.

Daí a incompreensão dos grosseiros de espírito, cuja tensão psicológica só permite o concurso da memória de *interesses* próximos da acção material, actualizada ou virtual.

A indefinida beleza das sugestões bergsonistas parece-lhes muito literária para ser da mesma família dos seus sórdidos farrapos pseudocientíficos.

Mal sabem que não se pode hoje fazer psicologia (ciência) na incompreensão da reforma bergsonista.

Lembra as dúvidas que um pobre operário um dia me apresentara sobre o sincero e amplo democratismo dum meu amigo, porque ele usava meias de seda...

¹ O poder ideoplástico da vida é postulado consciente ou inconscientemente em todas as teorias transformistas seja na transformação, seja na conservação e transmissão (herança) do transformado. / O poder ideoplástico do pensamento entrou já também em franca pesquisa experimental (Dr. Geley, etc.).

A causalidade, procura do idêntico nas transformações do variável, como que se inverte no pensamento bergsonista, pois que o notável é a mudança e o idêntico mal aparece mais que como a reticência ou eco da evolução criadora.

É, por isso, que a causalidade mecânica se aproxima do finalismo, mas dum finalismo transcendendo a determinação discreta dum sistema por uma ideia anterior que lhe é tipo.

Finalismo criador que excede o mecanismo do impulso ou da atracção, e é obra duma como consciência vinda da profundidade à superfície em excedentes actualizações criadoras.

Em psicologia a consciência-memória é virtualmente ilimitada, é-o quanto ao passado que integralmente se conserva, é-o quanto ao futuro pelo poder ideal de renovadas invenções.

O passado freme^(a) de toda a sua riqueza e, se a percepção-memória lhe não permite actualizar-se de uma só vez, ele reaparece nos inúmeros detalhes em relâmpagos fugitivos, ele é sempre presente na tonalidade emotiva¹, na coloração sinfónica do nosso mundo interior.

Os fenómenos de hipermnésia (Ribot) e de criptomnésia², hoje tão notáveis a propósito sobretudo do que Boirac cautelosamente chama fenómenos espiritoídes, revelam, com efeito, que nenhum limite fixo poderemos dar à conservação mnésica, que jamais se pode traçar, fora do momento, a fronteira rigorosa da memória e do esquecimento.

O psicólogo que hoje quisesse estudar a consciência apenas na sua claridade discreta, na sua organização voluntariamente evocadora, seria como o físico que quisesse reencontrar apenas os invariantes da mecânica, trabalho e força viva nas mais ricas transformações dum sistema físico.

As relações entre a memória e o cérebro são ainda na teorização de Bergson estabelecidas dum modo mais fecundo para a experiência (ver os trabalhos especiais de P. Janet) que a antiga hipótese da correspondência, do paralelismo, correspondência que, aliás, Bergson demonstra ser um paralogismo³ — o uso de duas notações com permanente recurso duma à outra para saltar as «impasses».

^(a) No artigo, com certeza por erro tipográfico, figura «preme».

¹ Ver as pesquisas experimentais de E. Abramowski sobre o subconsciente normal, onde esta emotividade é o guia.

² Ver Janet, Freud, a psicoterapia, sugestão, etc.

³ Binet no seu belo livro *L'Âme et le Corps* fez uma boa crítica do citado paralogismo e apresenta a hipótese da consciência-dializador, que parece,

A hipótese das relações entre o pensamento e o cérebro (ou melhor — o sistema nervoso) é uma das grandes hipóteses directoras da psicologia.

Da independência duma alma substancial à inanidade duma alma epifenómeno, vai todo o deslocamento do ponto de vista das antecipações teóricas até à completa inversão.

A alma substância, condensa todo o conjunto dum certo conhecimento *experimental* organizado em capacidades designadas pela psicologia substancialista com o nome de faculdades.

A psicologia escolástica é a exploração exaustiva das riquezas acumuladas, pela experiência espontânea e reflectida, duma reflexão sem o poder da metodologia experimental moderna, na substância dessa alma.

A psicologia epifenomenista (paralelismo psicofísico), pretende fazer a exploração experimental sem antecipações teóricas. É claro que tal prejuízo reside na ignorância do que seja a experiência científica.

E, como não há ciência sem antecipações teóricas, tal psicologia leva implícitas e inconscientes as antecipações-tipos das ciências físicas no seu aspecto mecânico.

Daí a tentativa de determinação da consciência pela cerebração, $y = f(x)$, mas, atendendo a que nenhuma relação de qualidade ou quantidade conhecemos entre y e x , aquela função significa a simples presença e variação dos yy contemporânea de variações dos xx .

Como por outro lado os xx estão organizados em séries de causalidade nenhum lugar lógico resta para os yy , que serão declarados irrealis com o simples nome de *epifenómenos*.

É que tal hipótese é de origem metafísica e vem do equívoco cartesiano de dividir a realidade em pensamento e extensão em vez de pensamento-pensamento e pensamento-extensão.

Como consequência do equívoco cartesiano se desenvolve o dualismo a que Espinosa dá forma perfeita no monismo da Substância com o dualismo daqueles modos.

A hipótese epifenomenista guiou e bem serviu a pesquisa enquanto se limitou a ser a tendência dum estudo mais atento das organizações fisiológicas que mais de perto cercam o fenómeno psicológico.

aliás, consciência do variável, inconsciência do constante. É redutível à linguagem bergsonista do interesse, atenção à vida, etc.

Foi o grande apelo a uma nova experimentação que acordou a psicologia do seu pesado sono substancialista.

Mas, quando entrou na reflexão do seu valor e procura da harmonia da sua lógica interna, cerrou atrás de si, pela necessária concepção da inutilidade do pensamento, as portas à compreensão do próprio aparecimento desse¹ inútil luxo, ao aproveitamento de todas as explicações darwinistas, introduzindo na concepção geral da vida um milagre que, proliferando, irá desequilibrar todo o sistema.

E então o único recurso é o dum materialismo que tente recompor o pensamento com as construções das ciências físicas.

Mas essas construções são já pensamento e caímos num idealismo que mais não é que a psicologia atômica da sensação-fenômeno de Stuart Mill.

Para os materialistas ignorantes da crítica do seu próprio pensamento, não sabendo que a matéria é construção dialéctica, mais clara deve aparecer a impossibilidade dum nexu causal em que seguindo a matéria surge um pensamento que não será feito de causalidade eficiente, pois teria de ser causa e poderia quebrar os laços da simples causalidade mecânica.

O materialismo cai, pois, no idealismo, ou recusa essa eficiência ao pensamento e volta ao epifenomenismo.

A experiência psicológica vive dentro de ligações do pensamento-cérebro bem mais opulentas e diversas das que são possíveis dentro destas hipóteses, recorrendo dumas para as outras, numa inatingível, por impossível, procura do direito *lógico* de existência.

Binet, prestando a mais leal declaração do quanto deve aos ensinamentos da psicologia bergsonista, apresenta a sua teoria da consciência-dialisador; partindo principalmente de que as manifestações de consciência são condicionadas pelo cérebro e que a consciência ignora os fenômenos intracerebrais, organiza Binet a sua teoria da consciência.

A consciência é um dialisador, trabalha por mudanças de intensidade. Se a sensibilidade aumenta para o variável da ondulação nervosa e desaparece para a parte constante explicado está que elimine certos elementos, conservando outros.

¹ Prejudicial e satânico. Que seria o pensamento se a dor presente dum certo futuro que nos ameaça de nada servisse para nos guiar e não mais fosse que uma tortura epifenomenal?!

O sistema nervoso recebe excitações vindas dos objectos exteriores e *ressoa*, não em perfeito acordo porque o próprio sistema nervoso ajunta o seu efeito ao factor externo; mas, como a especificidade do sistema nervoso é mais ou menos constante, a consciência dialisa, só passando o variável, e conhece o objecto.

Assim se transforma a corrente nervosa em percepção, imagem ou ideia.

Esta hipótese é possível porque Binet se coloca na doutrina idealista, distinguindo entre a consciência e o seu objecto (acto de conhecimento e objecto de conhecimento) como, aliás, pratica todo o idealismo construtivo.

De outro modo teríamos a miraculosa transformação dos materialistas.

De modo que não é fácil ver onde começa o desacordo com a hipótese bergsonista das imagens esclarecidas na consciência naquela parte de indeterminismo que oferecem à nossa acção.

Só se ilumina o variável, porque só *interessa* esse variável.

E mesmo só assim são verdadeiras as considerações de Binet.

A cinestesia¹ cerebral não pode negar-se.

Sollier é mesmo porventura demasiadamente afirmativo a esse respeito, G. Dumas apresenta a possibilidade dessa cinestesia e os casos de *aprossexia* são reveladores.

Os fenómenos de autoscopia (Sollier) revelam a *consciencialidade* dos fenómenos internos normalmente constantes e *inconscienciados*.

A conscienciização dos fenómenos viscerais aumenta com a sua variação mórbida, revelando bem claramente os *interesses* biológicos que se debatem.

É mesmo o pluralismo biológico da nossa colónia (E. Perrier ou Delage), que explica as desproporções entre a dor e o interesse do indivíduo.

A propriedade dialisadora da consciência é, pois, de ordem selectiva, como, de resto, o reconhece Binet; de modo que requer um anterior mais vasto onde a selecção se fizesse.

É a própria doutrina de Bergson, que Binet não aceita integralmente pelo exagero do papel motor atribuído por Bergson a todos os nervos.

¹ A existência da cinestesia cerebral é um facto bem rude para os materialistas. Sem nenhuma crítica de pensamento, obrigaria desde logo a pedir nova cerebralidade para *esta* consciência e assim indefinidamente.

Mas Bergson não confunde os papéis dos nervos sensitivos e motores.

Todo o sistema nervoso desempenha o papel de simples condutor que transmite, reparte ou inibe movimento.

Os nervos sensitivos tornam possíveis questões postas pelo mundo exterior à actividade motriz do sujeito, os nervos motores conduzem as respostas do mesmo sujeito.

A própria existência do sistema nervoso depende da acção, sem que isso importe identidade morfológica ou fisiológica entre todas as suas partes, implicando, antes, variabilidade e diferenciação.

De resto que ensina a própria fisiologia? ¹.

Um conjunto de experiências, constituindo a lei de *Magendie*, distingue, nas raízes anteriores e posteriores dos nervos raquidianos, os caminhos sensitivos, conscientes, e motores voluntários.

A histologia mostra, no entanto, pela degenerescência consecutiva às secções apropriadas, a existência de fibras centrífugas nos nervos centrípetos ou sensitivos.

E a fisiologia pode mostrar por excitações convenientes o funcionamento motor dos nervos sensitivos.

É, de resto, conclusão da própria fisiologia que o neurónio ² isolado não é motor nem sensitivo, mas condutor indiferente, *especializando-se apenas pelas suas relações anatómicas*.

É o que admite e justifica a teoria bergsonista da percepção.

E assim se compreendem certas perdas reais de motilidade sem integral perda da sensibilidade correspondente.

De resto a mais ligeira veleidade de movimento daria a inserção possível à sensibilidade, que podia mesmo reaparecer simplesmente pelas associações anteriormente organizadas.

A localização da percepção no objecto percebido também é dada pela virtualidade da acção sobre o objecto, sem que isso queira dizer que as localizações se não modifiquem pela nova posição que a ciência revela no objecto em relação à nossa actividade.

É o caso dos tamanhos e distâncias do Sol, nas crianças e na história da ciência.

¹ No primeiro número deste ano da *Revista de Metafisica e Moral*, Mourgue põe o problema em dia.

² Não interessa para o caso fazer a distinção entre os sistemas Cajal e Golgi, etc.

Essa evolução só prova que a ciência pode enriquecer e reajustar as percepções reais ou possíveis.

E os sentidos, cortes da nossa forma de acção no fluxo exterior, encontram na teoria selectiva de Bergson uma justificação e lugar que, em Binet, é apenas a posição brutal dum facto.

Assim a *indução* construtiva em psicologia recebe das originálissimas análises de Bergson uma nova direcção por um novo corpo de antecipações teoréticas.

Mas a análise pode ir até à discussão da própria existência da psicologia na série das ciências.

Sabe-se que A. Comte, por uma superficial declaração de que no conhecimento psicológico há confusão do objecto estudado e do órgão de estudo, negava a possibilidade da psicologia.

O hiperpositivista Roberty não reconhece a psicologia como ciência abstracta, mas como a ciência concreta, onde interferem, compondo-se, os abstractos da biologia e da sociologia.

A *sociedade*, hipotética forma da energia universal, é a causa da transformação do pensamento por imagens e associações consecutivas em *conhecimento*, ou pensamento por conceitos e leis.

A razão, que é a consciência dos conceitos e leis, a construtora do objectivo, é uma *filha da cidade*, ela é a *verdade*, a própria experiência social.

O homem bio-individual não entra na psicologia, como não entram os animais.

O homem sócio-individual é o produto da vida e da socialidade.

De modo que a psicologia será uma ciência concreta, unido abraço de dois feixes de abstracções.

Esta concepção da psicologia não dispensa, no entanto, uma pesquisa psicológica, onde as antecipações teóricas, biossociais, dão as linhas directoras.

A própria sociologia não pode supor-se independente da biologia e da psicologia (ainda que só de imagens e consecuições, etc., se o quiserem...); terá de receber as teorias destas ciências no seu corpo de antecipações teóricas, ainda que somente para, desatando os feixes, procurar o irreductível que especialmente lhe pertence.

De resto todas as ciências são abstractas nesse irreductível, todas têm o aspecto concreto da actualização das suas realidades, onde as das ciências anteriores se enfeixam e corporizam.

Tanto assim que para Roberty as ciências fecham em abóbada na sociologia onde a energia universal, feita *socialidade*, *conhece*, governa e determina os outros modos energéticos.

A indução, a causalidade, etc., são tudo produtos de experiência socializada, efeitos da energética da *socialidade*.

A teoria do conhecimento é um ramo da sociologia e só nesta ciência se podem encerrar e resolver os velhos debates metafísicos de empiristas, criticistas, idealistas, etc.

A indução, sendo a própria experiência social, seria a organização do saber teórico com todas as antecipações duma razão progressiva, que é a dinâmica da própria sociedade.

Ciência, filosofia, arte e técnica, são os termos dum quadri-nómio que exprime a lei interna do progresso social.

Termos que interferem, pois a técnica assenta evidentemente sobre um certo saber teórico, e refluindo sobre este, mercê de resistências tenazes, irá enriquecê-lo de novas forças a levantarem o esquema e símbolo de futuras e mais perfeitas técnicas.

As sociedades vivem, pois, dum tradicionalismo, que, pelo primeiro termo do quadri-nómio, é de ordem científica, e terá, sob pena de morte, um permanente esforço de renovação que o ajuste e opulente.

O tradicionalismo será como a antecipação teórica das induções sociológicas, e a experiência social imobiliza-se, estéril e escolástica, se permanentemente a não alargam indefinidas e amplas possibilidades democráticas.

É, com efeito, este o valor científico quase ignorado das teorias democráticas.

É nelas que se procura o equilíbrio dinâmico entre as antecipações teóricas da experiência social (instituições, fórmulas, dogmas, direito, etc.) e a possível e mais pronta receptividade do novo, centelha da experimentação, que *efectivamente* se realiza.

O puro tradicionalismo é pura escolástica (daí tantas simpatias por vezes inconscientes...) fixista e dogmática; o puro revolucionarismo (como atitude) é empirismo débil, contraditório, falto da direcção dum saber teórico que lhe seja a consciência.

No fundo ambos *idólatras* do facto, do ontem ou do amanhã, do que morreu ou do que poderá surgir; sempre sem alma dum saber que anime o passado, sem consciência dum querer que polarize o futuro.

E ambos pecadores contra a *socialidade*.

O primeiro esquece que a humanidade terá futuro e que tudo promete ser esse futuro bem mais longo que o passado.

O humanismo tradicionalista fixa a atenção socializante na parte infinitesimal duma linha de ramos indefinidos; o puro futurista pressente e estremece à ideia das infinitas possibilidades

do porvir, mas, sem atenção para o segmento do passado, voga em pleno indefinido.

E se a *socialidade* é o Deus, como pretendem, na esteira de Comte, certas escolas sociológicas modernas, pecam ambos contra Deus, ora supondo que ele, enterrado com o passado, é sem novas energias de criadora beleza, ora afastando-o para o remoto fim da evolução como se esta não fosse o amoroso ritmo da sua consciência criadora.

Se o melhor saber precede a melhor acção, é, no entanto, na acção que se prepara esse saber.

As antecipações teóricas constituem a experiência precedendo a experimentação; mas é esta que as modifica e engrandece.

Entre o dogma (empirismo) do facto bruto, invalidade sem conexões, e o dogma duma experiência já cadáver (escolasticismo) fica a experiência viva, crescendo o seu corpo de pensamento da vida e do calor dum vasto e mais harmonioso pensamento, que mais não é que o próprio crescimento da Justiça.



Depois de encerrado o ciclo real, o circuito do saber positivo, volta o pensamento ao ponto de partida, consciente das construções, que são a sua própria vida, o corpo aumentativo da sua actividade invasora.

O pensamento, como a vida, só se conserva escolhendo e assimilando, desfazendo concreções da sua anterior actividade, para reajustar os feixes abstractos vindos de todos os pontos do horizonte mental.

Estas são as construções indutivas, as únicas criadoras e sintéticas, base imprescindível para todas as deduções futuras.

Não quer isto dizer que um prévio trabalho de análise não tivesse já cortado o complexo ¹ do real segundo os interesses mais opressivos da vida.

Também a análise desfará associações já formadas, porque novas analogias lhes solicitam algum ou alguns componentes para sínteses mais perfeitas.

O trabalho *criacionista* do pensamento é, pois, sempre a indução construtiva, tendendo para a integração sintética.

¹ Complexo que é inicialmente pensamento confuso e transbordante, complexo que é posteriormente o excesso sobre todas as sínteses já feitas.

A dedução não é mais que a visão global duma síntese realizada, reencontrando o caminho e a obra da indução construtiva.

É sempre possível demonstrar deduzindo, mas somente depois de construir induzindo.

Posso estudar um problema de mecânica como corolário do princípio dos trabalhos virtuais, mas depois de ter construído esse princípio e repassando o caminho dessas construções.

Se quero, por exemplo, achar a relação entre a potência e a resistência no plano inclinado poderei escrever a equação do trabalho: $R \times b = P \times a = P \times b \text{ sen.}\alpha$, $P = R \text{ sen.}\alpha$.

Mas, para tal, tive de substituir o comprimento do cateto pelo número produto da hipotenusa e do seno do ângulo α do plano.

Ora esta substituição envolve todas as induções construtoras do próprio princípio: em primeiro lugar as convenções sobre as medidas de linhas, ângulos e funções goniométricas; em segundo lugar a medida das forças e da sua *eficiência* como factores do trabalho.

Induzir e deduzir são, pois, dois momentos do mesmo processo sintético, um que integra e acumula, outro que analisa e conta os produtos dessa integração.

A integração faz-se elevando as vagas analogias duma experiência simplista às identidades da experimentação científica.

A quantificação é, pois, a grande tendência directora das sínteses, mas essa quantificação não é possível sem a conservação das qualidades que se medem. O *idêntico* não vive isolado e fora do diverso, não é mesmo sempre na quantidade que vive o *idêntico*.

Se quero medir o valor de g e o diminuo dum *quantum* determinado para do quantitativo restante o concluir, é na identidade da *qualidade* que me firmo e não é evidentemente na quantidade parcial que encontro o idêntico da quantidade total.

Voltando ao exemplo do plano inclinado, teremos $g = \frac{g'}{\text{sen.}\alpha}$, na mais fácil mensurabilidade de g' procuramos o valor de g .

O que nos garante que no final da experiência encontraremos o valor de g ?

A permanência de cada força, como resultante das suas componentes, isto é, a possibilidade de *refazer* as forças pela conveniente combinação dos seus elementos: a *identidade* dos meios de composição, a realidade sintética de cada força.

A lei das forças (quase diríamos a sua forma aristotélica) *permanece*, e, por isso, na parte elementar, no *diverso*, poderemos encontrar o todo.

Claramente que uma força paralela à hipotenusa do triângulo, secção do plano inclinado, não é o *mesmo* que a força vertical da gravidade.

O *mesmo* é na lei da composição das forças, é a *qualidade permanente* que permite o uso da *quantidade variável*.

Não era precisa uma crítica interna das teorias físicas, como a de Duhem, para reconquistar os direitos da qualidade, *verbalisticamente* ameaçados por certos metafísicos inferiorizadores como Dantec, etc.

A *qualidade* existe sempre, pois a *quantidade* não é mais que a sua medida e mesmo para numerar são precisos sinais ou palavras ainda quando se numere pela simples petulância de apresentar a quantidade em absoluta pureza.

Mas há mais; nenhuma lei científica existe sem qualidade e o idêntico, que procuramos para nexos internos das nossas sínteses indutivas, é tanto a qualidade como a quantidade.

No que possa haver de idêntico entre a nossa realidade científica (síntese construtora do pensamento experimental) e a hipotética realidade integral, campo de consciência do integral pensamento cósmico, sempre encontramos a *pluralidade unificada*, interação social de actividades, de que a vida social humana é a mais sintética forma nossa conhecida.

Não é, portanto, da possibilidade teórica da indução que é preciso deduzir o seu condicionalismo mental e fenoménico, como tentou Lachelier.

Seria um círculo vicioso, porque a dedução nada pode ensinar sem construções sintéticas indutivas que a precedam.

Também a dialéctica de Lachelier é antes indutiva e sintética procurando organizar o corpo lógico da indução.

De modo que Lachelier admite esta como um facto, que procura construir pela construção sintética que descrevemos como sendo a própria indução.

E assim está bem; simplesmente não pode ficar no semi-idealismo isolador e abstracto de condições da experiência e é na própria experiência que a indução deve vir alimentar-se, crescer e tomar consciência de si.

Foi o que tentámos mostrar numa rápida passagem pelas suas obras científicas.

Mas fica o problema da certeza que é o motivo íntimo da dialéctica de Lachelier.

Se é na experiência que a indução vai tomar nascimento, qual a certeza do raciocínio indutivo?

Aqui aparece a tese de Roberty, a que já nos referimos, dando a própria razão como filha da cidade, criação da *socialidade*.

Que a razão seja o próprio corpo do raciocínio indutivo é o que aceitamos com toda a inteligência, pois é o nosso próprio pensamento.

Não quer isto dizer que transportemos, à Spencer, uma razão, forma ancestral das experiências passadas. Isto seria ressuscitar as faculdades.

Quer dizer que a razão é em cada homem a sua actividade de pensamento e conhecimento, ora alimentando-se na experimentação actual, ora revendo o seu saber adquirido nas antecipações teóricas dessa experimentação virtual.

A razão é, portanto, a síntese construída, incapaz de viver fora do contacto experimental sem as sugestões ou alimento de novas sínteses.

Mas a certeza é puramente social? só o acordo social é o motivo dessa certeza?

Distingamos o ponto de vista genético do ponto de vista gnosiológico.

Geneticamente, é certo que a objectividade se elevou e assegurou graças à vida social, ao que Roberty (com escorregadias veleidades ontológicas) chama a *socialidade*.

Mas porque uma visão de Santa Teresa se deu num estado histórico pode só por isso concluir-se que a visão não corresponde a uma possível realidade?

Porque a certeza se constituiu graças à *socialidade* segue-se que hoje a certeza científica não vá muitas vezes contra a incompreensão e a hostilidade social?

Colombo, Bruno, Galileu, Maxwell, etc., etc.?

As sociedades caminham, porventura e como diz Roberty, da dúvida para a certeza?

Não; a não ser exactamente nas concepções científicas (e é o pensamento de Roberty), naquilo que menos acordo social imperativo exige.

Os imperativos sociais primitivos sacratizam certas representações colectivas, e nessas representações é possível encontrar com Durkheim o motivo inicial de categorias como o espaço, o tempo, a da causalidade, a força, etc.

A força de *obrigação* que caracteriza a representação colectiva contribui para a concepção abstracta duma verdade, duma objectividade que a todos *obrigue*.

Mas a organização concreta dessa verdade, o corpo de doutrinas que constituem e dirigem a experiência não exige a *dessacratização* das antecipações categorizantes para que se modifiquem e evoluam?

Não assistimos nós à sucessiva *dessacratização* das ciências, pesando ainda sobre a própria psicologia o *sagrado* das representações religiosas?

A *dessacratização* das ciências é de tal modo um fenómeno de liberdade individual que, desde Sócrates, muitos pensadores pagaram com a vida ou a tortura a audácia da *heresia* inovadora.

É claro que o inovador é um ser sócio-individual e é sobre complexos de categorizações sociais que exerce a sua actividade cognitiva.

Em todo o caso teríamos, pelo menos, de admitir ondas de representação colectiva interferindo num ponto singular, que é o inventor.

A passiva interferência dessas ondas poderia trazer ao contacto categorias e formas afastadas, mas jamais a nova síntese se fazia fora dum consciente pensamento construtivo.

É que a *socialidade* é causa e efeito; causa (pela linguagem, sobretudo) de fixação de correntes e pausas do fluxo que de outro modo escapariam à atenção, efeito porque a *socialidade* é evolutiva e variável.

A *socialidade* das formigas não é a mesma que a dos homens — o que implica nestes um psiquismo diferente, que nesse diferencial oferece início à forma da *socialidade* humana.

Dizer que tudo é social, se não é apenas a tautológica afirmação de que o homem social vive em sociedade, obriga a procurar na especificidade dos elementos o motivo da especial *socialidade* que os liga.

Deste modo a razão humana é social sem com isto poder significar que não seja também biopsicológica.

Mais social ainda que o pensa Roberty, que no seu realismo sociológico chega a bem receber a hipótese (Ostwald) da *socialidade* como forma de energia.

Essa razão seria intrinsecamente monista; enquanto que a razão-síntese, indução-dedução construtiva, é sempre social, no seu permanente dinamismo de unificação dos plurais.

A certeza não é a meta da evolução social, mas todas as sociedades vivem tanto mais de certezas quanto mais uniformes são as representações colectivas.

O início e não o fim.

As nossas certezas de hoje são exactamente aquelas que menos imperativo social implicam, são as afirmações das ciências inteiramente dessacratizadas, onde o pensamento vive a verdade do seu próprio acordo, bem mais que a *obrigação* social do pensamento dos outros.

A certeza científica é mais e melhor que a objectividade do acordo humano. Um só experimentador pode sentir-se certo das suas construções que os contemporâneos não entendem e que o futuro aproveitará.

A razão social é o que nos ajuda, mas há uma razão social (cósmica e humana, mas esta ideal, longínquo futuro a construir) que nos diversifica e faz com que o estúpido que lê nada entenda das construções que o excedam.

Não pode dizer-se que a certeza é uma obra social aumentando com a civilização, ela aumenta e diminui.

A certeza da lógica da participação, que nos descreve Lévy-Bruhl, é tamanha ou maior que a da nossa lógica científica.

É apenas de outra *qualidade*.

Não há progresso da certeza, há evolução da própria certeza, passando de social e imperativa para individual e livre.

O acordo imperativo transforma-se em acordo de harmonia e eleição.

As teorias oferecem-se sem *obrigação* mais que a do melhor acordo interno do pensamento.

Com o maior desenvolvimento da experiência cresce a confiança do pensamento construtivo nas suas forças construtoras, com o alargamento dos nexos fenomenistas cresce a prevenção, a força da antecipação teórica para assimilar as mais remotas analogias.

Mas cresce paralelamente o sentido das diversidades e a incerteza sobre a possível existência de *radicais diversidades* de inapreensível nexos com as nossas antecipações teóricas.

Cresce a *certeza* de que somos no imo da realidade, que o pensamento é a sua própria alma; mas sabemos que a penumbra dum diverso incoercível nos pode envolver.

De modo que a certeza é diferente, mudou de qualidade, aumentando, por assim dizer, em profundidade e perdendo em extensão superficial.

Aumentamos o conhecido e dele ficaram prolongamentos nas trevas de desconhecido tentando novas ligações, é por isso mesmo que o desconhecido aumenta com a nova superfície fronteira do conhecido.

Também só um pensamento construtivo podia dar uma certeza feita de harmonia e liberdade e não dum brutal e opaco poder coercitivo.

Se o progresso do nosso pensamento é uma síntese construtiva, a certeza das nossas afirmações dependerá do alcance de identidade do nexu fenoménico com que vamos construindo a realidade.

As realidades onde a nossa construção genética se fez longe das resistências experimentais do diverso serão as de melhor certeza, porque as antecipações teóricas excedendo infinitamente essas resistências são estas que suportam a elaboração necessária para que possam entrar no referido sistema. São as matemáticas e a mecânica. É o caso de dizer com Poincaré que nenhuma experiência sobre triângulos poderá resolver sobre o euclidianismo do nosso espaço sideral, porque se resolvesse contra o espaço euclidiano preferíamos em todo o caso estabelecer relações novas tiradas do modo de transmissão de luz.

A certeza científica reside, pois, num certo nominalismo¹, muito afastado, aliás, do nominalismo que Le Roy pretendeu deduzir da crítica de Poincaré.

O nominalismo reside simplesmente no conservantismo das antecipações teóricas enquanto as resistências da experiência actual são mínimas.

O limite dos nexos fenomenistas² elementares é a forma do nominalismo nas matemáticas.

O campo científico é a cada momento definido e limitado em todos os sentidos de modo que não seja invadido por parasitas que mordam os corpos das construções teóricas.

Esta limitação é a virtude do processo *recorrente* em matemática, das demonstrações³ [1] por absurdo, etc.

Nas ciências em que as antecipações são envolvidas do *diverso* em todas as direcções, já o nominalismo é outro.

Le Roy diz que se um pouco de fósforo não funde a 44° se pode dizer que tal corpo não é fósforo como começámos por supor, visto que, por definição, o fósforo tem de fundir a 44°.

¹ As convenções de Poincaré, que recebem o correctivo da comodidade, do racionalismo. O próprio Poincaré se apressou a atacar certas interpretações nominalistas do seu pensamento.

² A matemática é a ciência das correspondências e correspondência de correspondências, etc. O limite não é, pois, em todas as direcções.

³ No volume esgotado — *O Criacionismo* — é desenvolvida a doutrina.

Este o puro nominalismo duma ciência cuja certeza coincidia com o vazio das suas doutrinas.

Tal não é o nominalismo científico, mas o exemplo é bem feito para mostrar que, quando surgem as resistências às antecipações teóricas, é só por uma recíproca adaptação que se conserva a vida do pensamento.

Se um corpo determinado por um sistema teórico de propriedades se furta a verificações duma propriedade, não concluiremos que não temos o referido corpo, mas o temos em qualquer nova relação, que o diversifica.

Pode ser o ponto de partida para novas pesquisas, o alargamento do nexo fenomenal, a elevação teórica do sistema estudado sem que a certeza se perdesse para o saber que lhe dizia respeito, quando simplesmente no sistema teórico anterior.

Teremos estados alotrópicos, condicionalismo energético diferente, etc., antes de chegarmos à conclusão que um novo corpo nos apareceu, quando supúnhamos tomar um corpo conhecido.

Há, pois, sempre um certo *nominalismo* sem que isto signifique mais que a consciência que temos da possibilidade de novos nexos a estabelecer e que, por isso mesmo, o que afirmamos só é certo do sistema já construído e *denominado*.

E assim se resolve o problema da certeza.

Tomemos o silogismo clássico da mortalidade de todos os homens.

Vejamos como ele pode adquirir *certeza*.

É claro que hoje essa *certeza* não vem da simples constatação histórica que todos os homens têm morrido.

Há vida imortal, pelo menos em relação ao planeta.

Na teoria de Weissmann é virtualmente imortal o plasma germinativo, a morte dos protozoários é acidental e a morte não acidental dos metazoários é o final do processo mórbido da velhice.

De modo que a *maior* funda-se numa síntese indutiva que dá a velhice como determinada pelo processo biológico dos metazoários, principalmente pela dificuldade duma sinergia perfeita dos órgãos e dum meio interior propício.

A tese audaz, à força de banal, de Metchnikoff é que a morte, sendo o final duma doença, seria curável, se esta o fosse.

A velhice não é curável, mas é susceptível de melhoramento por meios higiénicos ¹ cirúrgicos e terapêuticos (acções directas

¹ As tentativas de alimentação científica, os frugivorismos, vegetarianismos, etc., são tentativas empíricas.

ou indirectas sobre o meio interior), logo a morte pode ser afastada e afeiçoada a um semblante mais risonho.

Daí um optimismo com profundas raízes científicas e que aos médicos competia desenvolver.

A certeza da mortalidade é, pois, a certeza do envelhecimento.

Suponhamos agora que uma experiência resiste e nos apresenta um homem que ressuscita.

Como conservaremos a primeira certeza?

Considerando o fenómeno aparente, produto duma alucinação individual ou colectiva, enquanto for *racional* esta explicação.

Supondo um simples sono cataléptico e respectivo acordar, etc.

São estas hipóteses mais compatíveis com a certeza das nossas antecipações teóricas que primeiro faremos.

Mas pode acontecer que as próprias antecipações teóricas da nossa experiência não recebam qualquer destas explicações, é então que usaremos do recurso nominalista.

É o caso de Cristo para quem acredite suficientes as provas históricas da sua vida e aparecimento póstumo.

O homem Jesus morreu, apenas a divindade permaneceu, e, para confiança dos discípulos e futuro da doutrina, se mostrou de novo, para lá da morte, sereno e afirmativo das promessas da sua vida de amor.

Quer dizer que a proposição da universal mortalidade dos homens conserva a sua certeza, porque não é homem quem mostra ter vencido a morte.

Mas o fácil nominalismo de Le Roy tem aqui cabimento?

Não; e ele seria o primeiro a afastar tal conclusão das suas doutrinas.

É que a virtude não está na *denominação*, mas no que ela significava e continha.

É que a morte denominava um certo processo biológico, que não faltou; apenas se sobrepôs a esse processo uma nova realidade de outra ordem, que aqui encontrou a qualificação de divina, que, dos confins da história, foi aliás suposta para todos os homens.

O velho egípcio, que duplicava o homem biológico dum outro corpo, respeitava a certeza da mortalidade e aumentava as relações com o mundo da sua experiência, pois essa encontrava interpretação na vida do fantasma ¹, a que chamava o *Khou* ou luminoso.

¹ Maspero, *Les Contes Populaires de l'Égypte Ancienne*.

Os teósofos modernos, dizendo-se possuidores duma evocação mnésica e duma especial percepção iniciáticas, igualmente nos falam dessas novas realidades experimentais (para eles) que conservam a *certeza* das induções biológicas, modificando, no entanto, a concepção psicológica da Morte.

A virtude não é da denominação, está no denominado.

É claro que podemos fazer um nominalismo cerrado, onde a ciência se transforme num simples dicionário, mas a própria evolução dos dicionários nos previne que as denominações valem pelo denominado e se modificam de acordo com as induções construtivas, com o correspondente progresso nas sínteses de realidade.

É claro que a fixação nominativa dos conceitos (e aqui entra amplamente o factor social) é que nos permite a *certeza* das relações que essa denominação abrange, é, por isso mesmo, o engrenamento desse sistema de relações, que, mais rico agora, terá outra denominação, valendo a primeira para o todo sistemático das primitivas relações.

Os fenómenos mecânicos, por exemplo, em relação com a electromagnética entram num mais amplo sistematismo e a massa independente da velocidade passa a ser desta dependente em certas condições.

Chama-se então massa electromagnética sem que a massa mecânica perca, para o condicionalismo que a constitui, a sua realidade e a sua característica de invariante do movimento.

Podemos considerar duas séries: a série do pensamento e a série dos fenómenos.

A primeira dá a realidade que actualmente conhecemos, a segunda é todo o conhecido e o cognoscível; a primeira o todo sistemático das conexões organizadas, a segunda a simples existência (postulada) das conexões a unir e refazer com as primeiras.

O universalismo e o determinismo é o próprio progresso sintético, a dialéctica indutiva da primeira série.

E, como a segunda é a primeira mais as novas conexões ou as ligações da primeira reatadas dum novo modo, segue-se que este determinismo nos é sempre assegurado no âmbito das primeiras sínteses e implícito no corpo das próprias sínteses excedentes em que venha a entrar.

Todas as propriedades da indução se compreendem e justificam sem o misterioso dum facto, duma contingência que aniquilaria o próprio pensamento.

Assim se compreende que a causalidade mecânica não impossibilite a causalidade finalista, porque, não havendo uma só

linha ou linhas convergentes de determinismos mecânicos, sempre um fim é possível.

Fim possível em abstracto mas só eficaz por essa mesma causalidade que num realismo empirista o teria de pronto aniquilado.

O homem (e, pelo menos, alguns animais) propõe-se fins e realiza-os por meios, que dum certo modo são o condicionalismo causal desse fim.

Sem que isto prove que os fins humanos não sejam por sua vez causas de novas séries fenoménicas introduzidas no mundo.

Pelo princípio da heterogenia dos fins, os próprios meios se tornam fins e é cada vez maior o círculo de causalidades físicas que o homem organiza sob a direcção da sua finalidade espiritual.

Se o Universo (conhecido é claro) descontando o homem é penetrado de finalidade, pode muito bem ser uma pergunta insensata, correspondente à que consistiria em saber se o homem sem cabeça também usa chapéu.

Pelas analogias que apreendemos nesse Universo podemos achar ainda as formas de finalidade, se a essas formas correspondem intenções como as nossas é o que é claramente impossível saber depois de ter afastado aquelas realidades onde uma séria analogia nos poderia guiar.

Mas a analogia adquire um valor superior, quando pensarmos que toda a nossa realidade é obra dum pensamento, que enche de claridade, certeza e vitória a nossa acção.

Como poderia a nossa realidade introduzir-se no meio duma mais vasta realidade tão desproporcionada que, sendo a primeira obra de indutivas sínteses, fosse esta absolutamente sem nexos com o pensamento que nos conduz?

Sim. A realidade mergulha o pensamento humano, social e individual, numa adaptação permanente, próspera e vitoriosa.

E, quer no método ou antecipações teóricas, quer nas mais fortes resistências da experiência actualizante, é sempre uma unificação de pluralidades, uma realidade social aquela em que vivemos^(a), pensamos e somos.

O pensamento é o campo de força de toda a realidade.

A analogia mais rica, aquela onde as próprias palavras inscrevem a lume vivo o seu íntimo desejo de consciência vindo a morrer em eco no seu mesmo adormecimento e penumbra, é a

^(a) No artigo figura «vivermos».

dum universal *Campo de Consciência*, onde os fenómenos-pensamentos se polarizam pela tolerante e generosa unidade dum ser social, tecendo no convívio o encanto, o valor da dramática existência dos seres e dos mundos.

Mais e mais profundamente ainda que para o pensamento primitivo e vulgar é vasta e profunda a analogia do pensamento e do ser, e, se os movimentos com que escrevo se relacionam pela gravidade com todo o planeta, os movimentos do meu pensamento são essa mesma relação de mundo em mundo, de ser em ser, de fenómeno em fenómeno, na infinita unidade social que, por virtude sua, *convivo*.

Campo de consciência não no significado de campo de visão, como é de uso fazer-se em linguagem psicológica; mas de campo de força por analogia dos físicos, de campo electromagnético, mas mais que este fremente de todas as relações físicas, palpitante ele de todos os pensamentos que atravessam o Universo, o penetram e levantam em clara luz de entendimento.

O pensamento parece escondido no crânio do homem; mas, directa e indirectamente, ele se ergue e afirma, e, pela ciência, pela arte, pela moral, é já o próprio Universo em que vivemos; são fios de pensamento que levam a nossa acção, são ondas de pensamento as palpitações do nosso entusiasino, são melancólicos astros do pensamento os olhos profundos da virtude.

Como astro remoto despontando nos longes do Céu, ponta vermelha de aço candente que degelasse o cristal celeste e perfurando-o para nós caminhasse a crescer e a mergulhar a cabeleira nas cósmicas poeiras do Infinito, assim para nós caminha o pensamento, pequena luz hesitando nos vendavais que a tomam, mas, crescente e dominador, penetra de voz e harmonia os torvelinhos que se acalmam, esclarece e incendeia as trevas que lhe dão o corpo e são agora auroras, que, pelo Infinito, andam a acordar, cantantes, os sóis, as nebulosas e as almas.

Maio, de 1920.

(*Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, vol. 1, n.ºs 1 e 2, 1920.)

Comemoração das Constituintes de 1820 ^(α)

Senhor Presidente:

Permita V. Ex.^a que, por um acto de aparente vaidade, de sincera e verdadeira humildade, comece por falar na primeira pessoa.

Representando um partido de heróicas tradições e pronto espírito de sacrifício, pesa sobre mim uma opressiva responsabilidade e eu queria dizer a V. Ex.^a e à Câmara o que desta festa penso, sem que as minhas palavras atraíçoem o meu pensamento.

Tudo o que neste se move na direcção justa é o próprio pensamento do partido que represento, o que seja tímido e incompleto são as hesitações do meu próprio pensamento, aflito de imperfeição e esforço.

Esta é uma festa da Tradição. A Tradição é Memória, é, pois, uma festa da Memória. Saber lembrar, saber esquecer: eis os dois pólos da vida do homem e das sociedades.

O homem que não sabe lembrar, não aproveitará a experiência anterior, não saberá orientar a sua vida, dirigir e organizar o futuro. Seria um perpétuo presente, de pronto mineralizado na vida inerte da matéria.

O homem que não sabe esquecer e igualmente liberta todas as recordações, será inadaptado à Vida, que, passando-o no crivo da selecção, em breve o irá suprimir.

^(α) No jornal *A Tribuna* figuram como subtítulo as seguintes palavras: «Damos hoje a publicação do brilhante discurso que o Sr. Dr. Leonardo Coimbra pronunciou em nome do P. R. P., na sessão parlamentar comemorativa das Constituintes de 1820.» Entretanto, o jornal *A Tribuna* publicará o texto do referido discurso em cinco números, respectivamente, nos dias 9, 10, 11, 12 e 13 de Março de 1921.

Seria o louco, nadando fora de água, tentando correr sobre o invisível corpo do ar.

Diante dum problema de matemática libertaria o saber biológico, as recordações religiosas, etc., numa completa indisciplina de caos.

Igualmente os povos precisam dum saber de lembrança e do esquecimento.

E a selecção natural e social irá pesar com as suas irreparáveis correcções sobre todos os povos que *errem* a ciência de lembrança e do esquecimento, seja, da tradição e do renascimento.

É, pois, essa lei que devemos procurar, para a ela afeiçoarmos o nosso conceito de Tradição e, com ele e à sua Luz, relembrarmos os homens de 1820.

As sociedades humanas não evoluem obedecendo a qualquer lei abstracta, que lhes marque uma trajectória, como a mecânica celeste; com largas aproximações, todavia, vai fazendo para os sistemas do Espaço.

Em todas as ciências aparecem *singulares*, que ou são considerados como irreductíveis últimos, ou como pontos de convergência, pontos de intersecção de indefinidas linhas de fenómenos, que a ciência, por ignorar as suas leis, sujeita às probabilidades do cálculo estatístico.

Nas sociedades humanas não pode dispensar-se esse concreto singular que é o núcleo de invenção e novidade por onde a Vida se insinua, renova e aumenta.

Não é, pois, uma lei com o critério de lei necessitante e obrigatória, que vamos procurar para guia da nossa visão. É antes a linha de contorno geral, a atitude do dinamismo propulsivo das sociedades que pretendemos e desejamos encontrar.

E deste modo nos parece, com efeito, que as sociedades humanas evoluem dum máximo de pressão exterior das categorias e formas da consciência colectiva para um máximo de escolha e aceitação interior dessas categorias.

A pressão atmosférica pesou sempre sobre os ombros do homem e só depois de Torricelli a ter revelado, foi possível ao homem aproveitá-la servindo-a aos intentos da sua vontade.

Também a pressão da consciência colectiva pesou sempre sobre o pensamento individual dos homens e só começa a revelar-se clara depois das tentativas que estes fizeram para dela se libertarem.

Com a aurora da Renascença, com Althusius e Grotius, aparecem as doutrinas que a pretendem negar e com Rousseau ela aparece como a fatalidade dum contrato desviado.

Esta doutrina dá as grandes audácias revolucionárias a que se seguem as reacções demonstrativas da insuficiência das ideologias renovadoras.

É que a pressão social existe e um certo realismo social força as vontades individuais, como um certo realismo material força e restringe a liberdade do pensamento na escolha das hipóteses construtoras da Ciência.

Assim nós assistimos ao movimento pendular da acção renovadora e de reacção tradicionalista em todos os grandes períodos da história. O avanço dá-se quando a tradição liberta exactamente as recordações que se ajustam à ansiedade do renovamento: são as Renascenças.

O realismo social é o domínio exterior das representações colectivas.

Uma sociedade em que cada pensamento é em comunicação mística com o pensamento de Deus é quase insusceptível de evolução se Deus não for mais que a própria consciência colectiva hipostasiada.

São as sociedades totémicas que Durkheim, o Torricelli da sociologia, tão profundamente estudou.

As sociedades evoluem dum máximo de representações colectivas de homogeneidade dos indivíduos, para a diferenciação, a conquista de consciências mais profundas, onde ao Sol das representações sociais é conquistado o recanto da crítica e da individualização psíquica.

Se medirmos a densidade e o volume das diferentes camadas do direito, iremos encontrar, com Durkheim, que, nas sociedades primitivas, o direito penal sobreleva infinitamente o direito repositivo^(a).

E aquele mesmo tem um estádio em que as sanções da consciência colectiva são pesadas como excoimnhões, renegando o humanismo do criminoso, e tão vastas e místicas que abrangem a família, o grupo do criminoso e até os instrumentos materiais do crime.

A própria definição e limitação do crime mostra como os estados fortes da consciência colectiva ocupam um lugar variável e o horror sagrado do criminoso vai saindo da generalidade do anormal para específicas anormalidades bem discriminadas.

^(a) No artigo figura «repositivo».

O louco, ainda não há muito, foi tido como criminoso e possesso e a crueldade ancestral das crianças e das multidões inferiores por estes anormais ainda é hoje bem patente. Os antigos livros sagrados — o código de Manou, a Bíblia, etc. — mostram os domínios da consciência colectiva e a individualização crescente do criminoso. No Deuteronómio aparecem *idades de refúgio* para os homicidas involuntários, marcando assim ainda a *impureza* que os mancha, mas atendendo já à inocência das intenções.

Nas tragédias gregas podemos até assistir à lenta transformação da vingança em justiça! As Euménides abrandadas entram pela mão de Minerva no solo sagrado de Atenas.

Estas transformações no direito revelam mais profundas transformações na mentalidade dos povos.

A evolução duma lógica muito especial, que Lévy-Bruhl chama pré-lógica pela lógica aristotélica, à lógica das formas da experiência de Kant, à própria lógica experimental construtiva.

Seja duma Razão afectiva de participações místicas, pela Razão formal abstracta à Razão Experimental.

Uma Razão cuja Unidade é como a sinergia funcional dum organismo ainda mal diferenciado, o parentesco totémico dos indivíduos, a comunhão no mesmo ser; uma Razão cuja Unidade é o sistema conceptual, que a gramática comum impõe; uma Razão cuja Unidade é o condicionalismo categórico da experiência; até uma Razão cuja Unidade é o próprio relacionamento experimental, a própria vida da Experiência construtiva.

A Razão afectiva marca em cada consciência individual como a pressão atmosférica para os pulmões o ritmo da sua respiração.

Como um instinto social, uma ressonância do mesmo verbo, a repetição dos mesmos movimentos.

É o momento em que todas as funções sociais são de ordem religiosa porque o Deus ou consciência social pulsa em todos os pensamentos e actos da vida humana.

A Experiência é inteiramente organizada por categorias sociais e o mundo é classificado pelas participações místicas com a unidade totémica das sociedades.

Das participações imediatas passa o pensamento para um simbolismo mitogénico, onde se revela já o poder libertador do pensamento, a faculdade de transporte da atenção e contemporaneamente a possibilidade de progresso da sociedade pelo que de novo surja na direcção duma vontade e inteligência.

De par vai aparecendo o carácter económico do pensamento, resumindo num símbolo o saber cumulativo das gerações.

A diferenciação, causa e efeito da divisão do trabalho social, vai aumentando e, com ela, as funções religiosas vão-se desintegrando em novas funções sociais, onde o sagrado colectivo é menos opressivo e as conquistas individuais mais fáceis.

É assim que começam aparecendo as categorias de pensamento que os filósofos irão tornar explícitas e que a própria linguagem e sua gramática implicavam.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 274, de 9 de Março de 1921.)

^(a) O sagrado religioso a tudo presente quando tudo era religioso, no período afectivo da Razão, diminui e uma Razão abstracta reúne todas as categorias de que o pensamento é feito.

O espaço, o tempo, a causalidade, género e espécie, modos, substâncias, acidentes, etc., etc., aparecem como as normas do saber e da realidade.

É o que é igual em todos os homens, o que é propriamente colectivo, social, que revela mesmo no seu corpo de abstracção até onde já foi a liberdade individual. Só na experiência despida do concreto duma realidade exuberante se encontram os pensamentos.

É, no entanto, do alto, em transcendência que as categorias imperam.

Mandamentos de consciência social, ordens divinas que um novo Moisés há-de revelar.

O pensamento de todos e de cada um nelas se move, a elas se adapta num permanente esforço de purificação dos primitivos conteúdos afectivos.

Basta ver o esforço com que um estudante se inicia na geometria para sentir ao vivo a transformação da Razão afectiva na nova Razão lógica.

O silogismo impera e, se um Platão atinge um matematismo demasiadamente profundo, Aristóteles virá de novo ao nível médio da abstracção duma lógica da linguagem e da gramática.

^(a) Após o título «Comemoração das Constituintes de 1820», o jornal introduz a continuação do texto do discurso de Leonardo Coimbra com as seguintes palavras: «Continuamos hoje a publicação do brilhante discurso que o Sr. Dr. Leonardo Coimbra pronunciou, em nome do P. R. P., na sessão parlamentar comemorativa das Constituintes de 1820.»

A Razão social transcendente é o Motor Imóvel afastado do mundo, que vive da ordenação implícita no impulso originário.

A pressão exterior existe, mas, por virtude da diferenciação social, ela vai gradualmente pesando em camadas de diferentes altitudes de modo que nos intervalos se insinuem as liberdades individuais.

O mais profundo movimento de interiorização foi o cristianismo.

Ele é um esforço para fazer sair do íntimo de cada liberdade amorosa a aceitação das relações que no exterior se tinham realizado.

Cristo não vem destruir a Lei, mas fazer que ela nasça do interior das almas em imitação do Pai celestial que é a própria vontade legisladora, o grande amor unificante.

O valor social do cristianismo está exactamente em que nele se revelam as opressões da consciência colectiva e é, portanto, o grande momento em que as almas se aprofundam e distinguem entre a aceitação e a violência.

No grande silêncio da dor tinham meditado os miseráveis, e o seu grito de angústia é o próprio vagido da liberdade que nasce.

Tão profundo e intenso é o movimento de interiorização, que o interior absorve todo o exterior e o dever, pressão social externa, passa a brilhar no céu das almas, como num além-mundo sem contacto possível com o ilusório e efémero mundo da vida material.

Daí a fuga para um eterno céu, deixando em exílio, desgraça, derrota e morte o mundo em que transitoriamente vamos passando.

Ardeu em labareda eterna o coração de Cristo e o fogo dessa Luz ficou para sempre correndo nas veias da terra reaquecida!

É esse calor residual que fica a embeber todo o pensamento humano e é o ponto de contacto do eterno, celestial e perfeito, com o efémero, terrestre e perfectível.

Mas o perfeito, perdido o contacto com a Experiência, degrada-se e pesará outra vez no exterior com uma pressão que irá subir de grandeza com a distância a que fica do momento da viva experiência em que nasceu.

É o dogmatismo social, e especialmente as categorias do pensamento jurídico de Roma, que toma a nova criação e sujeita o seu corpo em crescimento aos vestidos que o deformam e limitam.

A Escolástica é o nome dos momentos em que o pensamento humano de nada se acrescenta e percorre e circunda a grandeza dos seus domínios. Todas as épocas de grande renovamento experimental têm o seu período de ruminação escolástica, mas a Escolástica é essencialmente o período de informação greco-latina (e dum grego já muito romanizado) de toda a experiência social e religiosa.

Era o formalismo romano e não o movimento profundo de libertação que na Grécia tinha chegado até demasiadamente longe no matematismo construtivo da física de Platão.

Esta corrente de libertação e originalidade corre sob o corpo hierático e rígrado do pensamento escolástico e, confluindo com o oculto movimento dum cristianismo vivo e de vivas relações experimentais das almas, dá a Renascença em que o homem se redescobre aumentado e novo.

É em Leonardo da Vinci que as águas confluem e o novo Sol duma Razão Experimental dardeja os seus primeiros raios.

Os deuses pagãos começam a sair do sagrado solo da Itália, que uma amorosa curiosidade revolve em todos os sentidos e Leonardo, como coberto da lendária técnica de Pitágoras, ritmando o seu próprio entusiasmo, de compasso na mão, mede na beleza que desponta a proporção e a harmonia, que é a própria alma geométrica da beleza eterna e incriada, a mesma ondulação graciosa do pensamento criador que se espraia.

Em Leonardo, a humanidade nova abre novos olhos infantis de universal curiosidade, rebuscando toda a expressão que a Natureza ao homem pode oferecer.

É uma ansiedade de comunicação e convívio em que todos os segredos se digam (ou apenas se guardem para, represa de águas, aumentarem a beleza interior), em que os mais subtis movimentos de pensamento e emoção se comunicam à vida, aos seres e às cousas, falando em verso, em cor, em som, na quente harmonia dos mármore.

É o mesmo momento em que essa ansiedade que há-de criar asas no pensamento de Leonardo fez voar a audácia portuguesa a todas as praias do mundo, levando, porventura, nos olhos, a cobiça de novas riquezas, mas também a alegria triunfadora de mais extensão para a alma e mais domínios para a Pátria.

É o momento em que o Papa tem de cortar por um meridiano o planeta em duas zonas de audácia: a portuguesa e a espanhola.

Tanto é o fogo que devora a ansiedade dos homens!

Comunicar, conviver, aumentar a Experiência que fazemos, alimentar a vida dum liberdade interior, que surge fremente de forças criadoras.

Vermelha aurora dos séculos em que o individualismo luciferino há-de brilhar até ao rubro dum incêndio ameaçador!

Esse movimento caudaloso encontra em Descartes um repouso em que se contempla.

E a Razão experimental construtiva, a Razão metodológica toma conta de si no recanto liberto e dessacratizado das ciências.

A ciência progride e em Newton fecha um ciclo de evolução, que a levanta perfeita e completa.

Aparece, então, a sua Escolástica.

É Kant o seu doutor.

O escolasticismo de Kant é de novo o aparecimento de categorias imperativas, que são as formas puras, as condições formais da Experiência.

No entanto, em Kant aparece a Experiência, para além do condicionalismo arquitectónico das formas, penetrada de liberdade, e a Razão prática, se é social e imperativa pelo universalismo das suas leis, é individual e livre pela autonomia de cada querer.

A Razão experimental de Leonardo e Descartes era para os homens da Enciclopédia a Razão orgânica do saber constituído.

Essa Razão já não coincide com todas as categorias imperativas da tradição e a análise destas dá, com a negação revolucionária, os limites a pôr aos exageros das categorias sociais.

Ao *realismo social* pretende-se substituir um voluntarismo que a razão interpretativa tenta justificar.

É ^(a) a teoria do Contrato Social, são as expressões das vontades contratantes pelos postulados da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

E na Revolução francesa nós encontramos a luta entre a velha Razão social afectiva e dogmática, Deus ou consciência social, e a nova Razão abstracta dos enciclopedistas e o Deus-relação das almas, faísca do cristianismo, vivendo sempre no coração de Rousseau.

O culto da deusa Razão é um momento inferior e abstracto, como o culto do Ente supremo e a religião Universal da natureza de Robespierre é a nova Razão experimental, ignorante ainda do

^(a) No artigo, eventualmente por erro tipográfico, figura «E».

seu corpo de eterno crescimento, da sua vida de imobilidade e relação, querendo poder fixar-se numa Natureza e num Deus já revelados pela ciência e pelos novos postulados da verdade e de justiça social.

Assim, não só o realismo social não tinha sido suficientemente discutido pela verdadeira razão experimental, que, inconsciente de si, ia crescendo para a sua próxima maioridade, mas um novo *realismo social* iria aparecer para além das experiências feitas, do saber social atingido.

É o lugar aberto aos Taine, Marx, a todos que, em reaccionarismo, tendam para o organicismo anterior da Razão afectiva, a todos os que pelo próprio movimento da Razão experimental construtiva tendam por amor de ciência para a plena consciência dessa Razão, para a vida consciente do pensamento e da acção social.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 275, de 10 de Março de 1921.)

^(a) Há, com efeito, uma realidade social, como existe uma realidade natural.

Mas já a razão experimental substitui, à invasão da natureza por classificações de categorias da consciência colectiva, a adaptação do pensamento experimental à possibilidade indefinida da experimentação.

Já a realidade natural não é um absoluto exterior que pese e obrigue cada pensamento.

A realidade natural é a própria vida duma experiência construtiva, o próprio caminho da nova razão experimental. Das categorias sociais às formas da razão, ^(b) aos axiomas, aos postulados, às convenções cómodas de Poincaré, marcando assim o avançar duma liberdade, que não é capricho, pois esta comunidade é a própria elegância e harmonia interna da razão metodológica ou construtiva.

^(a) Após o título «Comemoração das Constituintes de 1820», o jornal introduz a continuação do texto do discurso de Leonardo Coimbra com as seguintes palavras: «Continuamos hoje a publicação do brilhante discurso que o Sr. Dr. Leonardo Coimbra pronunciou, em nome do P. R. P., na sessão parlamentar comemorativa das Constituintes de 1820.»

^(b) O artigo omite a pontuação «,».

A *realidade social* seria a matéria da linguagem, dos costumes, das instituições, de tudo o que pese sobre o pensamento, o circunda e é a própria atmosfera em que há-de respirar.

É claro que todas as anteriores formas de realidade são implícitas no realismo social.

Este realismo é estático, são as condições do meio a que este específico ser vivo terá de adaptar-se.

Este conceito de realidade ignora a crítica já feita ao anterior conceito de realidade material e, no caso, ignora o factor caracteristicamente específico da vida social, seja a comunicação intersíquica, a vida espiritual ou pensamento.

O factor conhecimento é um termo que na realidade material procuramos eliminar e eliminamos fazendo-o mesmo constante em todas as equações dessa realidade.

Em realidade social é um dos factores dessa realidade, de tal modo que a organização dinâmica de tal realidade se fez em organicistas como Comte em função desse mesmo factor.

Se, com efeito, eu sei medir a pressão atmosférica, só por isso eu posso modificar as condições de vida e de equilíbrio dos sistemas em que influo.

Se nos é revelada a *pressão social*, só por isso e mais ainda, saberemos introduzir modificações de variáveis, que vão ressoar em complexos conjuntos funcionais.

O *realismo* é sempre um erro, uma anemia do pensamento.

Podíamos ficar no realismo primitivo, no realismo das percepções e dizer que uma vara introduzida na água se quebra, que num espelho côncavo passeamos de cabeça para baixo, que uma papoula rubra deve assim apresentar-se a qualquer luz, o que a seguir teríamos de negar e assim indefinidamente.

Também podíamos ficar no realismo social do grupo totémico e só por si a Tradição não poderá ensinar-nos em que momento do realismo social a devemos tomar.

É preciso definir essa *realidade social*, e, como na *história*, teremos de encontrar uma realidade dinâmica e evolutiva.

E, se não quisermos o novo historicismo descritivo, isto é, o empirismo duma infra-realidade perceptual, teremos de encontrar um dinamismo causal explicativo.

É o que significa a tentativa de Augusto Comte com a sua lei dos três estados.

Unicamente Augusto Comte não viu as relações estreitas que existem entre o racional e o social, de modo que apresentou o

segundo como um efeito do primeiro, o que é o regresso a um psicologismo por ele desmentido e refutado.

É ^(a) assim o fatalismo dum equilíbrio inicial, o desequilíbrio intermédio e o novo equilíbrio final.

Daí o ódio aos períodos intermédios de crítica, o ódio dum pensador aos períodos mais activos e heróicos do pensamento e a preguiça mental consequente, narcotizando o homem na satisfação duma suficiente positividade.

Eis uma analogia bem íntima entre a *dressage* positivista e a da Companhia de Jesus!

Racional e social são em recíproca dependência, podendo, no entanto, dizer-se que o racional começa por ser um efeito do social.

Já vimos como a consciência colectiva impera e determina as categorias racionais.

É claro que nas criações do interpsiquismo são implícitos rudimentos de pensar individual, sendo, no entanto, o indivíduo uma conquista posterior das sociedades.

O que vemos é uma progressiva divisão do trabalho social, resultante do aumento da densidade da população, e a consequente diferenciação dos grupos ou unidades sociais.

A evolução paralela das categorias e representações colectivas, a sua pressão menor, intensa e obnubilante, o aparecimento do individualismo, o acordo social da Razão lógica, o sagrado do social discutido e interpretado como acordo contratual dos indivíduos, o absoluto da Razão lógica transformado no relativo da Razão experimental.

O realismo material é hoje considerado como um resíduo de exterioridade que resiste, desafiando-a, à ^(b) monstruosa fome de assimilação que é a essência do espírito científico.

A realidade social é o próprio caminho duma Razão experimental, construtiva, metodológica, que se conhece como atitude de pensamento, de intenso e extenso querer de harmonia, proporção, e Justiça.

O movimento cristão de aprofundamento e interiorização fundiu-se com a própria vida da razão experimental e o mesmo espírito que o anima é o que corre sob a máscara, aparentemente diferente, da verdade científica.

^(a) No artigo, eventualmente por erro tipográfico, figura «E».

^(b) No artigo, com certeza por erro tipográfico, figura «a».

A ciência suposta *cousa realidade exterior*, como muitos a interpretam, é um monstro, uma das faces desse terrível monstro, que é a *Tiranía*, a pressão exterior sobre as almas.

Mas o espírito científico é o próprio espírito cristão de amor e comunicação, de experimental convívio de tudo o que existe e aprofundamento dessas comunicações, a ponto que aparecem como aceitações, flolescências da nossa vida interior.

Resposta de cada alma a tudo o que existe, resposta do pensamento do sábio aos movimentos que o cercam e ele apreende.

De Faraday a Maxwell, de Maxwell a Einstein, prevendo, antevivendo em pensamento os movimentos electromagnéticos do éter, em pensamento acompanhando o doce tombar do raio luminoso, para o Sol, para onde pese!

A realidade acende-se na própria essência que alimenta o pensamento humano.

Razão construtiva, circulando numa realidade feita dos seus esforços e erros, de suas correcções e audácias, quantas vezes de suas proféticas adivinhações!

E lateja no pensamento da Razão experimental uma tal Unidade que os mundos vão cingidos no mesmo abraço, e ondas de luz ou electricidade, campos de força da gravitação, tudo palpita e vive numa só pulsação do pensamento!

É a grande Unidade que passa, e volta e enleia-nos sem que dela inteiramente nos possamos arredar.

Eis o que une!

Não os depósitos de seu percurso, mas paragens ou cansaços, mas o próprio movimento da razão experimental, diversificada em cada indivíduo pela singularidade do ponto inicial das suas relações, idêntica em todos pelo seu mesmo espírito de integral relacionamento.

Eis a única forma viva da Unidade. A simetria, a proporção, a sinergia harmónica, são condições mínimas de beleza, que toda a vida exige e cumpre.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano I, n.º 276, de 11 de Março de 1921.)

(^α) Eis o que entendo por Tradição: a continuidade desta razão experimental, desta atitude espiritual, viva, quente, sempre

(^α) Após o título «Comemoração das Constituintes de 1820», o jornal introduz a continuação do texto do discurso de Leonardo Coimbra com as se-

contactando mais vastas realidades pela aspiração dum renovado e melhorado querer.

Eis a Unidade que enlaça sem estrangular, que é a harmonia concreta de todas as vozes, que é o próprio espírito da Liberdade, fazendo e refazendo as asas do seu crescimento.

A face política da Razão metodológica é a Democracia.

A Democracia será, pois e igualmente um método construtivo da realidade social e não uma certa realidade que oprima a própria Liberdade que a criou e quer crescer, subir, exaltar-se.

Ai dos democratas que se julgam de posse dum regímen ou arranjo social perfeito e não perfectível, que, em si, fecham o ciclo da vida experimental, da comunicação e do convívio!

Liberdade, Igualdade e Fraternidade, três palavras, três relâmpagos sulcando o espaço das almas!

Palavras-conceitos, condensação de juízos, de juízos de existência e valor, isto é, de *actos*, da própria vida do pensamento construtivo.

Liberdade!

A liberdade transcendente, a religiosa liberdade de unirmos e aumentarmos sem fim as relações das almas.

A liberdade política, isto é, a correcção social às indiferenças duma natureza ignorante da vida superior do Espírito, que se insinuou nos interstícios do necessitarismo biológico.

A Liberdade é sempre de ordem social; no Infinito porque somos pontos de convergência de cósmicas relações totalizantes, na sociedade humana porque, por ela, podemos sobrepor a um desigual condicionalismo orgânico, um idêntico condicionalismo social.

Igualdade!

Iguais na humildade das relações que nos tornam e constituem a própria essência de nossas almas.

O homem é como aranha doirada que prendeu fios a todos os astros do Infinito e ao longo desses fios correm rios de luz que se cruzam e condensam em luminoso corpo central.

Cortai as relações cósmicas e de pronto o corpo desaparecerá à minguá do oiro sideral, que em rios de luz se derramava.

Igualdade política: a mesma origem oferecida ao mérito das liberdades para que partam do melhor e mais alto plano que é

guintes palavras: «Continuamos hoje a publicação do brilhante discurso que o Sr. Dr. Leonardo Coimbra pronunciou, em nome do P. R. P., na sessão parlamentar comemorativa das Constituintes de 1820.»

possível no seu momento histórico, e assim maior altitude atinja o rumor de asas pela amplidão.

Fraternidade: chuva dulcíssima de amor, oferecendo a todas as sedes o amor de todas as almas, a Unidade talhada em coração, espalhando o sangue da vida pelos mais afastados membros do corpo social.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade: o próprio espírito dramático de compreensão e novidade, inventando, comunicando, crescendo a beleza de cada um pela simpatia comunicativa dos outros, alargando, ampliando abraços, encerrando-se no fraterno abraço da grande Unidade divina!

Postulados de acção, pontos eminentes do Caminho, fogos sobre as Montanhas, esperando as almas, polarizando os corações para o rumo do Futuro, lá, ao longe, para o lume de todos os fogos, para o oculto e insaciável coração da Justiça!

Ah! Se eu tivesse palavras-chamas, vozes-incêndios, que queimassem o corpo incombustível do ar, eu havia de erguer a figura que meus olhos espirituais visionam em puro fogo de Amor, que aquecesse as almas e fizesse o degelo desta Democracia anquilosada!

Para o futuro, para a beleza duma Aurora a despontar; no presente, no íntimo mais puro das nossas almas apreendamos a luminosa figura incoercível duma Liberdade que se nos quer apagar sob as pedras do Caminho e pela imperícia do nosso amor inábil.

À luz desta Tradição os homens de 20 aparecem como obreiros duma grande obra humana, insinuando nas chagas da Pátria, para que a curem e renovem, o sangue estuante, fresco e juvenil da grande corrente de vida humana que chega.

Apagam negros vestígios do passado, ainda em suas leis tem de aparecer a delimitação da responsabilidade criminal à pessoa do criminoso, humanizam o direito, e, como a Revolução francesa, confundindo o ponto de vista lógico com a realidade experimental tomam as tendências implícitas da evolução social como forças originárias dessa evolução.

O cândido entusiasmo com que falam do novo pacto social, ao mesmo tempo que mostra a ingenuidade da sua sociologia, revela o querer implícito da razão experimental afirmando-se frente de novos desejos e audácias.

Sempre que a humanidade é em crise de crescimento as forças renovadoras escondem com suas ondas a bruta penedia do

realismo social: é o anti-historicismo, é o esquecimento preciso ao correr das novas fontes, ao circular da nova seiva propulsora.

Se não tinham consciência do movimento que os levava é certo que caminhavam e chamando a atenção para a doutrina do contrato, manifestavam o sentido duma evolução, que hoje se torna consciente e, com possíveis derivações secundárias, desvios ou pausas, é o caminhar da Razão experimental, da construção metodológica que é a vida democrática das sociedades, que é o aproximar dum Futuro de Justiça sob a grande unidade a viva unidade do Trabalho.

Eles chamavam Deus para testemunha dos seus grandes actos sociais.

A vontade social ia manifestar-se nas eleições, eles as mandavam iniciar por uma missa, solenidade religiosa, pondo o sagrado do dever social de guarda ao parlamentarismo.

A degradação da instituição, Deus substituído pelo cacique, só revelam a distância a que as consciências ainda vivem das grandes categorias do pensamento experimental.

Um grande movimento vindo dos trabalhadores de todo o mundo traz no seu ritmo as pulsações dum novo coração, uma nova moral se aproxima. Que se humanize, que nada do que é humano lhe fique desconhecido, que se embeba e penetre de toda a experiência de dor e desgraça, esperança e justiça, e as multidões que chegam serão a própria humanidade abrindo os olhos da nova Razão, abrindo os braços dum novo Amor!

As multidões chegam, elas vêm dos longes da história, cantando a Epopeia do Trabalho.

É uma voz lenta, sombria e vagarosa como gemido dum mar longínquo.

E sobe, aproxima-se, cresce; o canto inunda, avoluma e todo o rumor do Espaço é a voz desse colosso que levantou as cidades, desviou os rios, separou ou juntou os mares e deixara à entrada do Deserto e dos séculos, interrogadora e cismática, a face misteriosa da Esfinge.

Carregado das maldições dos escravos, dos servos, dos milhões de miseráveis, que sob o chicote dos senhores ergueram muralhas, cidades, templos, ele caminha para o Sol e é cada vez mais róseo o manto que o veste.

Se o motivo da evolução social, se a forma da solidariedade depende da divisão do trabalho, é claro que, dum certo modo, a evolução social é o progresso da própria vida do Trabalho.

E, como a diferenciação social, foi acompanhada da passagem da Razão afectiva para a Razão experimental, também o trabalho passou duma indiferenciação primitiva, por particularismos esporádicos, para a generalização abstracta da Razão lógica, forma do máximo individualismo que é o liberalismo económico, e tende para a vida da Razão experimental que de vez o integre, rico da experiência anterior, na plena consciência da sua função social.

De forma que podemos dizer que é hoje o Trabalho a única categoria social que possa receber o acordo de todas as almas, porque nele se apresenta o próprio espírito da razão experimental, a própria vida do pensamento metodológico ou construtivo.

O Trabalho é sempre experiência e, se pensar é actualizar movimentos, o pensamento completo é um trabalho cerebral oculto entre dois extremos de trabalho motor, externo e bem visível.

Pode acontecer, pois, que momentaneamente o Trabalho imperando como única categoria social, se imponha do lado dos que apenas conhecem os dois extremos bem visíveis da vida do pensamento.

E assim é que da Rússia nos consta que o trabalho intelectual não conquistou ainda a atenção bastante a marcar-lhe o seu legítimo lugar.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 277, de 12 de Março de 1921.)

^(α) Não é, no entanto, caso para admirações exageradas, porque muitas vezes se tem cometido o mesmo erro. É, de resto, entre dois exageros, que aparece sempre essa questão do trabalho manual e intelectual. Cortai a uma corrente de pensamento-acção a parte cerebral, o movimento pára inutilizado; mas cortai a um cérebro as suas relações com os movimentos que iniciam aquela corrente ou com os movimentos que a terminam e tereis a pronta imbecilidade ou a imediata loucura.

^(α) Após o título «Comemoração das Constituintes de 1820», o jornal introduz a continuação do texto do discurso de Leonardo Coimbra com as seguintes palavras: «Concluimos hoje a publicação do brilhante discurso que o Sr. Dr. Leonardo Coimbra pronunciou, em nome do P. R. P., na sessão parlamentar comemorativa das Constituintes de 1820.»

Porque assim é, é que o trabalho é, com efeito, a própria vida da Razão experimental porque esta é a grande corrente pensamento-acção de que falávamos.

A Ciência é como um cérebro que pusesse entre o movimento inicial e final a demora bastante a uma composição, decomposição e recomposição dos movimentos das universais relações com o todo.

Como a Arte, põe entre o estremecimento uníssono de duas almas a relação simpática, a ressonância universal de todos os seres e de todas as almas.

Há sempre uma interposição do Infinito, que é a consciência social ampliada à Grande Unidade em que experimentalmente convivemos.

Mas, de resto, nada admira que o trabalho oculto não seja de pronto suficientemente atendido.

Que fazemos nós todos, quando, em vésperas da guerra mundial, insistíamos na criação dum ensino utilitário, prático, de imediatas aplicações?

Que fazemos, ainda hoje, qual tal repetimos?

Não é a ignorância das supremas inutilidades do momento que trazem, no entanto, a viva chama da imortalidade? Newton, Ampere, Maxwell, Curie, Apolonius estudando as secções cónicas, Einstein deixando na inutilidade das novas fórmulas da energia a possibilidade de inesgotáveis caudais de riqueza!

Camões deixando n'Os *Lusíadas* ^(a) a fisionomia espiritual da Pátria!

Assim fizeram os físicos em demanda dum invariante, que se lhe furtava, até que Leibniz procurou esse incoercível no movimento molecular oculto.

Assim será para o Trabalho, que é a única categoria social imperativa, mas imperando da sedução da sua beleza, que é o acordo funcional das individualidades, cooperantes, que é a Unidade de toda a Experiência na superior harmonia das actividades conviventes.

E não vemos nós todas e cada unha das formas do trabalho entrando em plena consciência das suas funções sociais?

A medicina espalha-se pelos doentes, é depois a higiene social prevenindo, será amanhã a nova higiene, saída do seu papel

^(a) No artigo figura «nos *Lusíadas*».

negativo de evitar doenças, para a sua positivíssima missão eugénica de criar a nova saúde, de gerar o novo homem.

O engenheiro é a consciência da nova sociedade, orientando as energias, estendendo ao mundo físico deveres sociais, preparando um planeta que os descendentes encontrem mais ao nível dos seus desejos e necessidades.

E todo o trabalho, do mais humilde ao mais alto, é um dever e uma função social.

Um comboio leva centenas de vidas, milhares de interesses, à guarda, à *confiança social* não só dos engenheiros e condutores, mas do humilde agulheiro e guarda de linha, para o qual não vai decerto um minuto de simpática atenção do passageiro despreocupado.

E a beleza espalha-se em todo o trabalho pelo laço de Unidade que o atravessa, pelo acordo com todas as forças sociais e cósmicas que ele exige.

Se os dedos do escultor repetem beleza divina, também a mais humilde costureira repete o divino movimento criador das linhas que vai vestir.

A consciência social aparece, pois, e contemporaneamente, como o acordo da Razão experimental e a inteira dignificação do Trabalho.

A ideia de Deus aparece bem caracterizadamente definindo esta fase de evolução das sociedades, fase em que as Democracias ainda não tomaram inteiramente consciência do seu espírito social.

Em Stuart Mill e Sampaio Bruno encontramos a ideia dum Deus incompleto e imperfeito fazendo-se no próprio trabalho da evolução.

É o lugar social à perfectibilidade, a consciência social tomando conta do que há a fazer.

É o próprio trabalho divinizado, a cooperação dos homens feita a colaboração com Deus.

Para nós, Deus é a própria Unidade da Experiência, é em nossa Razão experimental construtiva, que encontramos a alegria das nossas liberdades, o compreensivo abraço da fraternidade.

Deus criador e atento, acudindo ao chamamento do nosso esforço, excedendo-se em invenções sem limite, cantando em nossas almas a alegria de criar, comovendo os nossos pensamentos dum profundo, enternecido amor da Unidade.

À velha eternidade imóvel substituímos a imortalidade criadora duma consciência inventiva, sempre renovada nos infinitos caminhos da ciência e do amor.

Ao velho substancialismo, conservantismo duma imutabilidade sem vida, substituiu a razão experimental, a própria vida duma realidade animada e, mais ainda, a consciência, forma conservativa duma criação que se renova e aumenta, pois a sua alma é novidade, invenção, infinito alargamento do seu abraço social!

As velhas sociedades levavam consigo, em busca da terra prometida, a Arca Santa das suas tradições. Era como um Deus exterior que, de fora, vigiava os povos e era a bússola e a tenda, a fonte no Deserto e a sombra acalentadora.

E os povos levavam um corpo, um peso de tradição, uma permanente substância transcendendo a transitividade das gerações.

O mundo mineral tinha dado a imagem para esse conservantismo — o limite do mais resistente rochedo na pura inventabilidade de substância.

Depois foi a Vida; por sobre os indivíduos que morrem a *forma* específica que permanece.

Hoje é o próprio esforço que atravessa a Vida e passa além de indivíduos e espécies, cada vez mais alto ascende para a branca luminosidade da Consciência.

E o universal carácter religioso das funções sociais primitivas encontra-se ao fim diferenciado na sinergia funcional, na *unidade activa*, cooperante, das várias formas da Razão experimental.

Na ciência, na arte e na moral convivem os equivalentes do inicial sincretismo religioso.

Sob a categoria do Trabalho ou Experiência fecha a vida social a Unidade das almas e das cósmicas relações dos Seres.

Em face da velha eternidade imóvel, irrompe, triunfal e virgem, a alegria duma imortalidade criadora, fonte inesgotável de invenções, consciência fazendo e refazendo a Vida no próprio alargamento da sua compreensão simpática.

O Ser perfeito deve tirar de si tanta invenção amorosa que, ao encerrar dum abraço, terá de o abrir de novo para o ampliar mais, pois, por virtude do próprio gesto inicial, as realidades aumentaram a grandeza do seu convívio.

Que a onda da nova vida suba! Nós somos a praia onde as marés de consciência deixam marcada a altura das águas.

Que ondas mais altas surjam do infinito mar do pensamento, e abençoada a hora do naufrágio, quando, ao morrer, sentir que no meu peito bateu mais forte a maré viva da Consciência!

Destroços deixados no Caminho, como no caminho ideal da Beleza, a Vida deixou as espécies, teremos sido humildes lâmpa-

das onde a Consciência brilhou e de sua frouxa e hesitante luz foi iluminando os mundos, até que, para além de nós e na bondade do nosso querer, a visionamos gloriosa, flamejante sol pelas alturas. — (Disse.)

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 278, de 13 de Março de 1921.)

No altar da Pátria!

O Silêncio é o padre-nosso das almas.

Rezar com os lábios, nem sempre é conversar com Deus.

Fazer o silêncio activo é abrir, em humildade, nossas almas infinitas à majestade da Infinita Presença.

Silêncio!

É o herói que passa: ele vem duplicando de alma seus tangíveis despojos materiais, e, em nosso religioso silêncio, se insinua a vida eterna da Beleza e do Amor, no vil corpo de nossos egoísmos transitórios.

Silêncio!

No horizonte oculto de nossas almas, em amor feitas uma só alma, assomam vultos de sonho e mistério. Todos os avós que em sacrifício se deram à Pátria e a Deus, todos os humildes seranos, que, em humilde saudade da terra portuguesa, morderam o pó das terras de França e África, todos os sonhos de bondade e sacrifício formam auréola, arco-íris da Nova Esperança e do Novo Amor!

De joelhos!

E em Nossa Alma seja o Amor tão puro, que uma grande Aurora inunde,^(α) alague, em luz, as terras de Portugal, e, coluna de mirra, oração lusíada, a Aurora seja incêndio de Amor pelas Alturas!

9-4-1921.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 301, de 9 de Abril de 1921.)

^(α) O artigo, com certeza por erro tipográfico, omite a pontuação «,».

A memória de Alexandre Braga

Morreu Alexandre Braga.

A Morte filtrou da sua personalidade o que de terreno e episódico a obumbrava e empecia, e hoje aos nossos olhos de alma aparece a figura do tribuno e do apóstolo, imaculada e branca.

Os seus momentos de beleza, aqueles em que sob a inspiração do verbo desaparecia a distância que da sua alma o separava, fizeram-se eternidade e agora ele é a sua própria alma liberta, a sua profunda alma de artista, tantas vezes presente na escultura do seu verbo.

Todos em vida sentimos como um véu de Ísis, um muro que da nossa alma nos separa.

A arte é o poder de inspiração que por momentos afasta o véu, atravessa o muro e põe o homem de miséria e morte em contacto com sua alma de beleza e eternidade.

A Morte é a suprema inspiração, é o incêndio do espírito apagando todas as sombras, é o rasgar dum véu que nos ocultava, a destruição duma distância que nos afligia, a omnipresença dum pensamento que a matéria não refracta e que o espaço não dispersa.

A Morte é a mais alta forma da Arte, é o lugar da invenção, aquele lugar metafísico onde o pensamento divino se recolhe para aumentar a vida.

Para um artista, a Morte é a Índia eterna dos seus sonhos, é a palavra sem lábios, a infinita voz do Silêncio, a chegada ao mar desconhecido de que seus parciais momentos de inspiração foram melancólicos rios, em exílio chorando incessantes lágrimas de saudade.

A Eloquência é a mais trágica caricatura do homem, quando não é a mais inspirada comunicação com Deus.

O Universo é verbo luminoso; rezar o Universo é contar em palavras o infinito do silêncio.

Os homens são separados e múltiplos: o Verbo começa de erguer seu vulto de harmonia e, no Ar que vibra o éter que embala, na Fraternidade que desponta, vão-se apagando as separações, e, alma a alma, em contacto de amor, todos os corações num só ritmo, os homens são irmãos e iguais no abraço da Unidade que os toma.

As faíscas de bondade encontraram-se e fizeram-se um só incêndio.

Mas as almas fogem, e, do coração à palavra, vai a distância duns lábios que limitam e de novo os homens são múltiplos e separados, longe de Deus e do seu amor.

A inspiração de cima tornou-se a realidade de baixo, mas de pronto tombou o verbo em ruído, em palavra sem alma nem fogo.

Por o momento de Unidade, que atingiu, aprendeu a alma o caminho de Deus.

Bendito o instante em que, do contacto das almas, por virtude da palavra, brotou a faísca divina do entendimento, divino milagre da Unidade!

Por esse momento o homem se fez espírito e, para lá da anedota do corpo, foi revelação, amor e beleza.

É essa Beleza que evoca para companhia da alma do tribuno, cujo corpo recebe a boa terra do Porto!

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 308, de 17 de Abril de 1921.)

[Discurso] ^(a)

Em nome das comissões políticas da cidade, venho trazer a grata recordação dos instantes de beleza, que, na alma dos humildes e por virtude do seu verbo de tribuno, se fizeram luz interior e alegria de viver.

Falaram do homem finito e limitado pelo condicionalismo do seu credo social; quero falar do artista, que pelo seu poder de beleza revelada se ilimitou e, suprimindo a distância entre o ser e a aparência, um instante fulgurou de Vida Infinita.

Artista da palavra, que é a mais misteriosa música do Universo.

O som é o acordo dos seres no meio elástico em que convivem; a palavra, transcendendo os lábios, pretende levar o acordo a todo o ser e internar no coração do Universo a alma de que vai repassada.

A palavra humana é a sombra do verbo criador.

Deus falou e o Mundo fez-se; o homem fala e as suas palavras são quase sempre o ruído dos seus egoísmos, a dissonância de almas que se não encontram.

O artista requeima essa sombra ao calor do seu divino entusiasmo. É a Inspiração caindo, do Alto a prumo, não deixando o mínimo lugar à sombra.

Curtos instantes nos relógios dos homens são esses em que a palavra humana leva seu corpo de sombra ao incêndio do verbo criador, mas eternidade jamais perdida, portas rasgadas sobre o Infinito para a alma que os viveu.

^(a) Discurso proferido no cemitério de Agramonte, Porto, aquando do funeral do Dr. Alexandre Braga, no contexto do conjunto de discursos então proferidos.

Eis o que é a Eloquência: a ascensão em asas de alma até que num só ponto tocou o Infinito.

Devemo-nos inteiramente à Verdade.

Alexandre Braga foi quase todas as horas da sua vida um discorrer de banalidades, mas atingiu em momentos de tempo, e no coração da eternidade, aquela Altura em que as almas se desvendam, e, deslumbradas de amor, olham sua divina essência.

O homem inferior é esse permanente discorrer de banalidades e misérias, como rio de margens iguais, sempre fluindo a monotonia das águas.

Para ele só a Morte, essa formidável rajada, poderá encrespar as águas e do regato adormecido e morto fazer torrente transbordante, inundando as margens.

A Morte é para essas almas o misterioso Nilo, inundando o deserto e vivendo em florescências de espuma a conversar segredos com os lábios da Esfinge.

Para o Artista, a Morte é a Índia dos seus sonhos, a América entrevista nos instantes de inspiração, aquele metafísico lugar onde, em Silêncio, as forças ocultas do Universo se recolhem e meditam para que a Vida se renove e aumente.

Sim. A Morte tem a mais alta função cósmica, que é a do renovamento dos mundos e dos seres.

Já o velho Heraclito visionava os mundos, como os rios, a caminho dum grande Mar de silêncio, desfeitas todas as diferenças até ao mesmo nivelamento final.

Deste lado aparecem os mundos como corredores fatigados, esgotando a última provisão de energia que resta.

A Vida surge, no entanto, e, embora podendo evitar a Morte, conservando a indiferenciação primitiva, ela sobe e exalta-se, é diferenciação que a mata, ao mesmo tempo que é consciência que a imortaliza.

A vida simples não implica a morte, só os incidentes de luto ou catástrofe poderiam destruir, e, no entanto, a vida num esforço para a consciência, numa ascensão para a unidade musical de seus diferenciados corpos, isto é, para a Beleza, arrosta com a Morte, chama-a em seu auxílio, para que novas torrentes da consciência tombem do alto a alagar da luz do entendimento o planeta vagabundo.

O planeta sulcando o espaço incendeia meteoros de encontro à sua atmosfera; mas, para além dos nossos limitados sentidos, é num *campo de consciência* que se move, embebido nas forças de beleza que, através o homem, o espiritualizam.

As almas são como pombas tombadas do alto, cujas asas a pesada atmosfera da terra prende e limita e a Morte vem desprender para que novas asas livres mais alto levem seu voo.

A vida planetária sem a Morte seria também sem beleza, nem luz, nem consciência.

A vida humana actual imortalizada no planeta seria a Bastilha de todos os melhores sonhos do céu de nossas almas, seria a extinção deste incêndio interior que põe no homem as asas duma ansiedade divina.

Para a nossa companhia e conforto a Morte é o desfazer duma presença que todos vemos e sentimos para se fazer uma maior presença que poucos pressentem e só os instantes de contacto com o Infinito fazem perfeita e luminosa presença.

Por esses instantes e para companhia de nossas almas evoco a sua alma de Artista, e, para lá do episódio Alexandre Braga, quero ver o Apolo de palavras justas tão alto subindo que, se da Terra as rosas lhe enlaçam o tronco, a cabeça rasando o céu é toucada de estrelas, leva em seus cabelos de oiro o oiro das constelações...

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 309, de 19 de Abril de 1921.)

A degradação dos ideais

Como os senhores sabem, já aqui nos nossos liceus se fala na degradação da energia.

É claro que o leitor sabe muito bem do que se trata e compreende que com tal expressão se quer significar a permanente diminuição do que pode chamar-se a transformabilidade dum sistema físico.

É de resto um grande princípio claramente implícito em todas as transformações naturais.

A energia que percorre o leito dum rio não é integralmente restituível em novas quedas de água porque numa boa parte se gastou em trabalhos a que não é fácil e, no todo, impossível achar uma reciprocidade compensadora.

É uma lei geral do mundo físico e é uma directriz do mundo biológico a que até só a Morte parece opor-se.

No mundo biológico as adaptações modificadoras tendem para o automatismo estabilizador; de modo que, se a Morte não aparecesse a pôr de novo na adaptação formas maleáveis, a vida tenderia para um imenso automatismo que cada vez a aproximasse mais da simples individuação morfológica como o cristal.

Para as criações do Espírito acontece igualmente com a sua inserção no mundo da prática.

Se considerarmos o Espírito como uma realidade intersicológica de carácter social, veremos que as suas criações são a transformação dum acordo ideológico no campo das doutrinas, num pior acordo pragmático no campo da acção.

O que era um ideal moral fez-se *verbi gratia* uma instituição jurídica.

Se considerarmos o Espírito como uma realidade cósmica, transcendendo o que chamamos matéria, é então mais que evidente que até a sua própria *actualização cerebral* o limita e condiciona.

Quer dizer que é uma condição da vida planetária a descida de nível de todos os potenciais desde a física à vida espiritual, quando fisicamente actualizada.

Isto explica o movimento pendular dos ideais humanos com a sua oscilação entre dois contrários.

De Heraclito a Hegel se fez sentir claramente esta necessidade.

O nosso juízo, que é a operação fundamental do espírito, trabalha formando conceitos, que são o limite da sua marcha: ora, como um juízo é a unidade dum diverso, a marcha do espírito no juízo tende para dois limites opostos, que são os conceitos contrários.

Assim é que em sociologia se faz com os conceitos de Liberdade e Autoridade, de indivíduo e de sociedade, etc.

Esquecendo depois que estes conceitos se definem um pelo outro e tomando-os como limites isolados e perfeitos, fica o movimento pendular oscilando de um para outro.

É assim que às épocas de exagerado liberalismo se seguem épocas de exagerado autoritarismo, e, como era natural, é em nome da liberdade que se defende a autoridade e vice-versa.

É ainda esta doutrina que explica o *escolasticismo* que se segue à criação de todas as grandes doutrinas.

A Escolástica é a simples repetição formal e extensa dum movimento de ideias que a interioridade dum juízo criador formou.

Isto vem um pouco a propósito dos descrentes dos Ideais, porque eles não dão de pronto todas as flores do seu sonho, e da nova escolástica do saudosismo, do tradicionalismo e sobretudo do espiritualismo que aí vai aparecendo entre alguns dos moços da nova geração.

Todos sabem o trabalho que os da nossa geração tiveram para dar valor e vida interna ao inanimado espiritualismo que aí encontramos esfrangalhado pelo materialismo dos naturalistas à Haeckel.

Pois hoje já se não procura sustentar no mesmo nível esse espiritualismo e alguns moços da nova geração tomam esse espiritualismo na sua minguada degradação retórica, falando-nos permanentemente em termos de oração e Deus, como se a vida religiosa neles se marcasse pelo próprio relógio que lhes regula as refeições.

Tu cá, tu lá com as realidades espirituais, delas falam com tanta facilidade e leveza que bem mostram serem aquelas, para eles, simples imponderáveis retóricas.

Como as águas a caminho do nível mais baixo, é o Ideal a caminho da simples existência verbal.



Ninguém tem, pois, que admirar esta tendência permanente da queda do Ideal.

Talvez mesmo a matéria mais não seja que o limite de tal degradação.

O que temos (aqueles a quem sobeja espírito para lá das obras) é de *internar* maiores e novas forças de criação para que se detenha a queda idealista.

É claro que aqueles que nenhum espírito possuem livre para lá das obras, hão-de, por deficiência, dizer mal da obra, ainda quente do esforço que fatiga, e roubar a preguiça deliciosa das *obras* já de todo mortas que nenhum esforço reclamam.

Vejam os Srs. sempre que alguém desdenha duma instituição se o faz por deficiência ou por excesso.

É fácil: os deficientes trazem fórmulas perfeitas de um passado bem morto; os que, por excesso querem melhor, não possuem infalíveis fórmulas, mas simples métodos, porque andam no contínuo trabalho da sua criação.

Isto vem também ao propósito da *deficiência* que em Portugal revelam para os problemas sociais, para a *concreta* e *efectiva* fraternidade humana, quase todos aqueles cuja arte vive da abstracta, ineficaz e longínqua afirmação dessa fraternidade.

São os amantes da Perfeição e, por isso mesmo se julgam dispensados da acção imperfeita, dolorosa e sempre incompleta.

Deixá-los no marfim da sua torre; mas, por Deus, não venham zombar dos que, tendo marfim para a torre, preferem acudir na rua ao primeiro que lhes peça auxílio, em vez da passiva espera até que as altas concepções do seu espírito cheguem pelo pendor da degradação até ao seu aproveitamento prático.



Compreendam, ilustradíssimos senhores, que a dificuldade a resolver na vida social está em conseguir que o formulário morto das tradições, ou melhor, o peso da sua matéria, não esmague o espírito que as criou e alimenta.

Consiste, pois, em tornar as instituições, em vez de permanentes, as funções do que há de mais variável no seu espírito

criador e vem a ser a *vontade social*, revelada pelos políticos que melhor souberam interpretar e exprimir as tendências da maioria e, como ideal, da totalidade.

Assim as próprias instituições serão um compromisso entre a pronta liberdade do espírito e a pura necessidade da matéria, como acontece na natureza com os fenómenos da vida, e dá em resultado as linhas da evolução biológica.

Quer dizer que a instituição não é *formulária*, mas *lei* e a lei é a *relação social* das vontades: renovável, progressiva e *viva*.

Lei — relação social das vontades — quer dizer lei que *vive*, exprimindo essa relação, evoluindo e modificando-se no aperfeiçoamento de expressão e pela *riqueza crescente do que há a exprimir*.

A palavra democracia marca só por si o critério da quantidade em relação à riqueza numérica das relações que constituem a *lei*, tem de fazê-lo também em relação à riqueza qualitativa que aliás é função da primeira, procurando exprimir as melhores, as mais amplas e íntimas relações sociais, sem o que não respeitaria sequer o critério da quantidade.

Método de renovamento social, de continuidade criadora, deve permitir o império racional e consentido da lei, em vez do domínio violento e irracional de qualquer caprichoso imperialismo individual ou de grupo.

Eis a profunda beleza da democracia que os Srs. Artistas deviam entender: é um permanente esforço de incorporação, na inércia social, das melhores aspirações da justiça, da beleza e da bondade.

É, como em qualquer arte, o trabalho do espírito para penetrar a matéria e, mais que em qualquer arte, a vai penetrando a ponto de deixar no caminho do seu esforço todas as outras artes, a ciência, as religiões e todos os relâmpagos que na história marcam os caminhos ascensionais da humanidade.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 387, de 26 de Julho de 1921.)

A crise social

O Bolchevismo, as Categorias colectivas ou os Valores. A Ciência, a Arte, a Religião nas transformações sociais

I

O Bolchevismo, as Categorias colectivas ou os Valores

Em todos os tempos se tem observado que as grandes catástrofes sociais, fomes, epidemias, guerras, etc., são interpostas entre máximos e mínimos relativos do sentimento religioso.

Os pragmatistas das religiões como órgãos de sanidade social costumam até apresentar-nos tais catástrofes como efeitos do afrouxamento do sentimento religioso e, para lenitivo e cura, eles nos apresentam a intensificação religiosa.

A exaltação religiosa da grande guerra fez-se sentir nas trincheiras e em campanha, vindo ainda agora a caminhar para os não combatentes, que à guerra não foram directamente ligados por parentes ou amigos combatentes ou por sua ampla e lúcida simpatia humana.

Essa onda de exaltação meramente formal foi para o Oriente a excitar e intensificar a *matéria* do ideal social e deu uma libertação de oprimidos e, por defesa própria e exaltação crescente, o seu religioso *autoritarismo* dogmático.

E veio para o Ocidente e, a despeito dos constantes hinos à Democracia para agentes da vitória, exaltou e intensificou a matéria do ideal social que vinha de salvar-se no próprio ritmo de sua existência de antes da guerra e deu, aumentado ainda da ressaca da onda oriental, um conservantismo burguês inutilizando as primeiras grandes possibilidades de reorganização dos homens na grande associação de cultura humana.

Já vai perdido quase, senão inteiramente, o valor e o significado da *Sociedade das Nações*.

Os egoísmos nacionais não foram disciplinados e assim, em duplo reflexo de simpatia e de consequência, os egoísmos individuais continuam soltos e agitados dentro das Nações.

A humanidade está em *Crise*, isto é, no descontínuo e brusco saltar da evolução.

Aos exageros doutrinários da *continuidade* em todos os processos do Ser, que Leibniz equivocadamente assentou em seus trabalhos de invenção científica, física, matemática diferencial, etc., e que fanaticamente os primeiros biólogos transformistas ainda exageram, sucedeu a crítica dessa doutrina quer do lado dos filósofos, pelas confusões abusivas e perigosas a que fora levada, quer do lado dos sábios pela esterilidade perante a experiência para explicar e apor novos crescimentos ao saber.

Dos primeiros bastará citar os nomes de Renouvier, Boutroux, Poincaré, James, etc., que, para salvarem a liberdade humana, mais ou menos rarefazem o pleno da continuidade para em seus interstícios se insinuar a liberdade.

Não citamos Bergson porque sua originalíssima, genial obra, consiste antes em *quebrar* a *continuidade* do lado liberdade para em diminuição de tensão e ritmo obter o *determinismo* da matéria.

Do lado dos sábios é toda a escola atomista dos físicos modernos fragmentando o *pleno* em electrónio e éter (e este ainda é fibroso), indo até à *energia*, com Planck, dispersa em partículas ou *quanta*, indo até à noção dum tempo físico *minimizado* e *maximizado* em átomos de duração e intransponíveis limites das velocidades, com Einstein, Whitehead, etc., etc.; na biologia com H. de Vries, Blaringhen, etc., aparecem as mutações bruscas; em psicologia as erupções do subconsciente nas invenções da ciência, da arte e da moral, os fenómenos da conversão, das personalidades múltiplas do espiritismo, etc., etc.; em sociologia a subida dos interindividualismos diferenciais do informe panteísmo do homogéneo social.

De resto a continuidade é uma tendência que apenas pode viver em colaboração com a oposta tendência da descontinuidade.

A acção *determinante* do juízo precisa do indefinido da possibilidade para livremente circular: sem *continuidade* não há movimento do pensamento nem de realidade, sem descontinuidade não há determinação do pensamento nem subsistência da realidade.

O fluxo da quantidade variável é postulado da *possibilidade* de medir; o *limite* desse fluxo é o postulado da *realidade* da me-

dida. Limites de fluências ou de relações de fluências, é sempre o *descontínuo* que marca e determina, fixa, transformando-o, o possível — indefinido no real definido.

As transformações são contínuas, porque a Experiência é um sistema de relações; são também descontínuas, porque essas relações não são o debitar dum simples e *único* determinismo, mas interferências de vários determinismos, cujos encontros em ciência só o *Acaso* regula.

Ao pluralismo da experiência não pode nenhuma ciência impor com justiça o *monismo* da sua regra.

De modo que o actualismo e o catastrofismo não são doutrinas opostas e inimigas, mas conjugados meios de processão da Experiência ou do Real, entre si permutando consoante a consciência que a realidade tenha de apreender: o actualismo da erosão marítima para um homem que vê desagregar-se uma rocha grão a grão, pode ser para um formigueiro a catastrófica transformação do seu mundo, etc.

Deste modo quando falamos de evolução social normal ou revolucionária apenas referimos o actualismo ou catastrofismo de um e outro critério ao ponto de vista humano.

Não quer isto dizer ainda que a evolução sem violências seja actualista e a evolução por violências revolucionárias seja catastrófica.

Uma lei pode introduzir maior descontinuidade na vida social, quebrar mais profundamente a tradição que um movimento revolucionário feito apenas pelas revoltas de sentimento duns tantos oprimidos sem categorias de pensamento substituíveis ¹ às que actualmente dominam.

É catastrófica a modificação social que levanta uma nova tabela de valores morais para disciplina e governo dos povos.

Foi mais catastrófica a Renascença que todas as revoluções políticas do México e de muitas outras terras que não precisamos citar.

A humanidade está em *crise*.

De crescimento? De Morte?

A morte é um fenómeno em que muitas vezes se resolvem as crises de crescimento.

¹ A não ser que na «Acção» tenham de nascer as novas categorias. É uma mitogenética (Sorel) social, que teremos de discutir na devida oportunidade e com o exemplo da Rússia.

Nenhumas razões especiais existem todavia para que esta crise se não resolva como tantas outras por um novo arranjo social.

A guerra mundial deu mesmo a muita gente a convicção de que nela se elaborava a humanidade do futuro.

Será perdida tão formidável experiência?

É cedo para o desânimo e o fenómeno consequência da guerra que mais tem feito desanimar é precisamente aquele que ainda oferece garantias de que a humanidade se agita em convulsão de crescimento: é o *Bolchevismo*.



O que vem a ser o bolchevismo?

Não nos interessa agora saber o que propriamente na Rússia se vem passando; não queremos fazer a história dos crimes nem das virtudes do povo russo em intestinas lutas.

Apenas nos interessa saber que em torno da categoria do pensamento colectivo — O Trabalho — se passa o drama da desorganização e reorganização desse povo.

Ora é precisamente o caos russo que revela a todo o mundo a pouca solidez das categorias sociais em que assenta a sociedade actual.

O *bolchevismo* é uma doença social de todo o mundo.

Não valem ilusões.

As democracias são filhas dum modo de ser da Razão que não regressa. Poderemos ter, e certamente teremos, muitos esforços e tentativas de regressão; elas serão inúteis por equívocas: ao fim o que domina é a verdade democrática.

E domina porque os que a combatem o fazem com uma Razão que é a mãe das democracias, com a Razão experimental, dinâmica, tolerante, e indagadora, que os homens vêm construindo ao longo dos séculos e a que as ciências deram um imperativo valor sem possíveis derrotas.

Para a ciência toda a realidade é *significativa* e valiosa; não há substâncias aristocráticas, essenciais e dominadoras e acidentales plebeus e menos significativos: o Universo é *igualmente* real e *fraternamente* nele se ligam os fenómenos em *recíproca* dependência.

A ciência tem mesmo como ideal, aliás inacessível, a universalidade duma qualidade com que possa construir a realidade por simples operações matemáticas ou arranjos quantitativos.

De modo que a Razão experimental é aquela que domina e conduz os próprios inimigos da democracia: eles voltarão sob qualquer disfarce ao que nas democracias é o equivalente socio-lógico daquela Razão.

Essa Razão experimental, teórica e prática, universalista em relação ao real ou Universo físico e em relação ao ideal ou Universo moral, é que começa a expulsar como categorias mortas ou insuficientes muitas das categorias do real e do ideal.

No real vai desde as fundamentais noções de espaço, tempo e movimento até às de instinto e razão; no ideal desde o dever até à noção de Deus, tudo discutindo em torno da noção de Experiência que na vida social tem por equivalente a forma social do trabalho.

Ao comunismo primitivo sucedeu um aristocratismo de grupos, castas e ofícios, e, por uma progressiva libertação do indivíduo, veio o trabalho até à *anomia* que o caracteriza no absoluto *liberalismo* dos últimos tempos.

A tendência individualista opôs sempre à consciência social o esforço da sua assimilação, e o crescimento da instituição *estado* corresponde exactamente (descontando os desvios dos grupos oligárquicos defendendo seus interesses) o esforço da Razão colectiva para *presidir* a todos os actos da vida social.

Os mais velhos livros da Terra apresentam-nos um Deus, alguns deuses, ou Deus¹ como o olho que *tudo vê* e a *memória* que nada esquece, isto é, como a consciência perfeita onde nenhuma sanção se perde: da Índia ao Egipto, aos hebreus e gregos.

É^(a) insuportável portanto o desagregamento, a *anomia* do trabalho social, desde que o trabalho como categoria colectiva é teoricamente (ciência) *experiência*, é praticamente (moral) solidariedade.

Chamo *bolchevismo* a este estado de incoordenação e desarmonia entre o trabalho instituição jurídica e o trabalho categoria da Razão.

E assim somos todos *bolchevistas*, e assim os *russos* são apenas uns *bolchevistas* que tentam a resolução pragmática (na acção) da crise bolchevista do mundo.

¹ Não discutimos agora se Deus é *apenas* a hipóstase da consciência colectiva; basta-nos que *também* o seja, embora sendo mais e melhor que isso.

^(a) No artigo, eventualmente por erro tipográfico, figura «E».

Se para nadar não é prudente atirar-se alguém à água, antes conveniente se torna que, a seco ou em pouca água, aprenda os rudimentos da arte, é também certo que de braços cruzados a olhar para o mar ninguém aprenderá a natação¹.

Os rudimentos da arte?

Quer dizer que a organização social do trabalho terá de respeitar a estrutura da categoria de pensamento que o define.

E, se essa categoria se impõe hoje a todos, é por assim dizer em *espécies* diferentes nas classes burguesas e proletárias, faltando o encontro do *gênero* em que se faça o acordo das duas específicas Categorias.

O conflito é, pois, entre duas espécies de categorias de trabalho, onde os elementos *invenção* e *repetição* não encontram a proporcionada fórmula.

O burguês mais valoriza o *trabalho-invenção*, e toma à conta de facilidades para a *invenção* as formas burguesas do capital; o proletário mais atende ao *trabalho-repetição* e é facilmente amnésico da implícita existência anterior da *invenção*.

Entre as duas classes, a pequena burguesia, de onde quase sempre saem os intelectuais, flutua entre o extremismo burguês ou proletário consoante o movimento pendular da evolução se acentua em excesso para um lado ou para outro.

Classe com uma infância sem luxos asfixiantes, nem misérias assassinas, com uma educação garantindo-lhe um mínimo de instrumentalismo de trabalho, é o campo onde burgueses e operários recrutam seus ideólogos.

A eles compete, e eles o têm sentido, a *genérica* categoria de trabalho que todos subordine em acordo.

De resto no trabalho intelectual, científico e artístico, dá-se uma proporcionada mistura de *invenção* e *repetição*, sendo em cada obra presente a cooperação de todos os homens e a *original liberdade* de seu criador.

Esse trabalho é tão profundo e amplamente social, que sendo em suas obras, como vimos, o ideal da liberdade solidária é ainda por suas obras a fonte excedente da simpatia humana.

As obras desse trabalho, em vez de se gastarem com o uso e a partilha, aumentam suas vidas de beleza e verdade à medida que dividindo-se, se multiplicam, como paradoxalmente acontece.

¹ O risco dará muitas vezes a vitória. Quantos progressos humanos, quantas novidades não encontraram senão este caminho da audácia?

Observação trivial, é, com efeito, esta de irmos convidar amigos desconhecidos para verem o espectáculo de beleza que surgiu diante de nossos olhos; esta outra das leituras em comum, etc., etc.

E até, como transição, todo o homem encontra no seu culto pela beleza da Mulher o misto de sensação estética, que aumenta partilhada, e da sensação de propriedade que tudo toma como início de desejo de posse e vê no olhar que admira o brutal desejo que cobiça.

Quer dizer que se não é possível tomar como obras de arte as obras de todo o trabalho, pode, no entanto, o trabalho estético e científico dar o modelo para que no possível o copie todo o trabalho social.

E, então, como ninguém entra para a associação de cultura sem o alfabeto ¹, isto é, sem um mínimo de condicionalismo que a todos deve ser fornecido para sua iniciação nas letras e ciências, seja esse mínimo, acrescido do ensino profissional, terreno de entendimento entre burguesia e proletariado.

A libertação das almas vem da escravatura até hoje sempre crescendo; mas quantos ainda na escravatura não morrem sem mínimo raio de liberdade que os acorde?

A mulher está libertada?

Não; é ela ainda a ignorante escrava da brutalidade e, por vezes e pior, da *idolatria* do homem.

E a criança?

Só com o solitário Rousseau começa a existir moralmente, a ser uma personalidade, um *fim* em si em vez de *meio* ou instrumento do querer da família ou da sociedade.

É-o todavia hoje em nossas sociedades?

Sê-lo-á para os *estúpidos* que andam por jornais, ministérios e revistas, pedindo que, antes da educação de suas liberdades, de libertação do seu carácter de *homem*, os façamos operários, técnicos: tesouras, tornos, latas de conserva ou barris de manteiga?

E mais: já alguém proclamou a *igualdade* da criança, isto é, o seu *direito* à assistência social que a ^(a) habilite com a cultura de

¹ Abra-se excepção para um tal *Lacerda* que em Portugal e neste ano foi o representante duma *Revolução contra o alfabeto*.

^(a) No artigo figura «o».

sua íntima liberdade humana e com o instrumentalismo de entrada na vida social em *igualitárias*^{1 [2]} condições de luta.

Não se diga que tal assistência é impossível. Todos conhecemos uma terra, onde os rios de dinheiro correndo para certos quartéis muito contribuíram para a solução do problema da assistência infantil...

Já seria alguma coisa para começar um entendimento que tem de fazer-se para resolver a crise *bolchevista* em que todos nos debatemos.

Porque a humanidade avança: como rebanho despenhado? como teoria de fachos iluminando a terra de novos resplendores de beleza eterna?

Sempre há-de avançar; e tenhamos a coragem de lhe dizer que não manche a beleza, não calque a verdade, pois são os grandes faróis sem os quais ela se irá perder nas trevas primitivas até que um novo Prometeu volte a retomá-la.

Ai de todos nós, se os altos valores de espírito forem por seus detentores (de momento, pois eles são do homem e porventura da eternidade) prostituídos, falsificados, postos ao serviço de egoísmos de classes ou partidos!

Então há-de avançar a onda cega e raivosa, trazendo em seu ventre tempestades destruidoras e o mundo será escravo ainda por longos e demorados tempos.

O Trabalho venceria ainda, mas só aquele que o grande número *vê e compreende*; o trabalho intelectual de universal e indefinível curiosidade seria suspenso até que do negrume do primeiro surja de novo a faísca que alteie a Razão em resplendoroso facho, absorvente incêndio iluminando o mundo.

De forma que aos cultos e prudentes compete mais uma vez meditar que à Razão experimental corresponde a democracia progressiva e reformista, aos menos cultos *ouvirem* seus leais amigos e tentarem o esforço de compreensão que abarque os valores tradicionais da Razão e que tenham vitalidade bastante para as adaptações necessárias ao progresso: como as ciências, as letras, as artes e as religiões no que têm de eterno em experiência moral imanente e transcendente, não confundindo suas luminosas verdades, seus meigos olhos condutores com a deslealdade e o

¹ A igualdade social não é identidade. O gigante é-me desigual em força, a sociedade garante o direito da minha liberdade, prendendo os braços ao gigante que me queira assassinar e restabelecendo um equilíbrio ideal.

mal dos que, sem serem sábios, artistas ou religiosos, se digam seus exclusivos detentores.

Que a sociedade humana se universalize sem que perca em íntima beleza o que possa ganhar em amplidão, isto é, que os valores de bom quilate se não percam.

Para isso aos políticos (no sentido nobre do termo) compete *valorizar* socialmente os *verdadeiros* criadores e conservadores dos valores espirituais: sábios, artistas, filósofos, sacerdotes.

A estes compete uma perfeita lealdade para com a Vida e os homens, sob pena de, submersos pela onda que avança, deixarem os homens às escuras, tendo de renascer Prometeu para lhes dar a luz, de ressurgir Cristo para de novo lhes trazer o Amor.

As acções e reacções que fazem a curva complexa do progresso, bem menos evidente que supõem os simples, podem fazer flutuar a humanidade entre extremos de individualismo e autoritarismo; mas seu caminho, se a Razão helénica, reacendida na Renascença, se não apaga num turbilhão de loucura regressiva, será, com efeito, a ampla Democracia solidarista onde o pesado instrumentalismo do progresso material seja soerguido pela força interior dum espiritualismo profundo, que é a própria vida da Razão, crescendo em luz intelectual e melhorado amor dos homens e de Deus.

(*Continua*) ^(α)

(*A Águia*, Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, 2.^a série, vol. xx, n.ºs 115, 116 e 117, Julho a Dezembro de 1921.)

^(α) O artigo não teve continuação.

O nosso programa

O nosso programa é o do nosso partido, cuja vida é a continuação histórica do grande e glorioso Partido Republicano Português, que nasceu das grandes crises da vida nacional, pelo muito amor à Pátria, e do grande movimento de ideias na Europa e no Mundo para Portugal trazidas pelos escritores e pensadores de mais larga curiosidade intelectual.

O partido Republicano português nasceu, pois, do grande movimento do amor da Pátria e do avançar da história no caminho do progresso.

Foram, com efeito, o *ultimatum* inglês e o centenário de Camões dois momentos gravíssimos, soleníssimos de vida nacional e ninguém ignora as relações dos republicanos com a altivez do protesto num caso e com o entusiástico despertar do sentimento colectivo em ambos os casos.

Na festa de Camões palpita o renascimento mundial de ideias que tenta substituir à transcendência muito vaga de Deus a próxima emanência da Pátria e de humanidade como positivos ideais do homem.

Quer isto dizer que a República aparecesse como um fenómeno social positivo, que o natural progresso dos povos traria fatal e inevitavelmente?

Quer dizer apenas que os homens fartos de um amor de Deus, vago e meramente verbal, começaram a compreender a solidariedade que liga os contemporâneos e as gerações e substituir àquele ^(a) vago amor este concreto e vivo sentimento de mútuo apoio e solidariedade, para lá do qual só Deus será bem-amado.

^(a) No artigo, eventualmente por erro tipográfico, figura «aquele».

Os republicanos sabiam-se idealistas e nunca acreditaram que a República viesse como as marés sem o esforço do seu combate e não podem acreditar que ela hoje vive sem o carinho do seu amor, que a purifique, aperfeiçoe e melhore.

O que eles, os republicanos de hoje, sabem é que representam o progresso dum movimento de patriotismo renascente e o eco em Portugal do grande renovo de ideias, que vai pelo mundo todo.

Serão, pois, patriotas e serão democratas.

Patriotas servindo a Pátria, como o tem feito o nosso partido, que a guerra mundial, por exemplo, deu ocasião para a maior glória das armas portuguesas, fazendo vir em homenagem a Portugal os grandes marechais de Guerra, administrando com absoluta isenção e honestidade, dando como já o fez Afonso Costa, o exemplo do equilíbrio orçamental a levantar de pronto todo o nosso crédito no estrangeiro; e fazendo respeitar a liberdade, não deixando confundir crenças religiosas com *política* dos *religiosos*, *religião* com *clericalismo*, garantindo a pura *liberdade* daquela e estorvando todos os crimes sociais e políticos deste.

Democratas servindo a democracia que no volver dos séculos e da história é a única causa que fica e permanece, pois é o *próprio espírito do progresso*, o *próprio agir da liberdade*, vivendo para chamar à vida o maior número de almas, tendo como ideal a colaboração e o entendimento de *todas as almas* na harmonia da vida social.

Eis o que queremos.

Connosco vem tudo o que no mundo é belo, tudo o que, sendo vivo, quer viver crescendo; os mortos, os de tradição, ou os egoístas das seitas serão contra nós como a bruteza do barro é contra os dedos ágeis do modelador.

E, no entanto, quanta beleza não pode sair do barro bruto?

Trabalhem, pois, e com fé, amor, entusiasmo e bondade.

(O *Democrata*, Órgão do Partido Republicano Português do Concelho de Matosinhos, Matosinhos, ano I, n.º 1, de 28 de Agosto de 1921.)

ADORAÇÃO
CÂNTICOS DE AMOR

- 1.^a *edição*: Renascença Portuguesa, Porto, 1921.
2.^a *edição*: Delfos, Lisboa [1962].
3.^a *edição*: a actual.

LAUS DIVO

NA ESTRADA DOS
TEUS OLHOS



Desenho do artista
JOÃO PERALTA

Porto, Agosto de 1921



EU Amor: os homens são estúpidos e maus e eu recolho-me à protecção dos teus olhos. 13

O Sol entrou na escuridão do meu quarto e tudo acordou e baila de alegria em poalhas de oiro.

Assim é o teu olhar: em sua esteira luminosa vejo náufragos subindo à flor das águas, salvos e contentes, cantando a gratidão duma alma que se reencontra.

Olhas e as trevas que empanam o mundo são névoa de sonho, vapor de ilusão, relva de carinho, atmosfera de brandura e enlevo.

Retiras o olhar e eu conto os minutos que me não olhas pelas negras pisaduras que me ficam na alma.

Criança inocente, como estás longe de compreender o que és para a minha alma!

Saberá a Lua o que é para o Mar?

Comecei a escrever-te triste e irritado com os homens e começo a agradecer-lhes as pancadas que me bateram e do mundo me escorraçaram para a tua alma.

Sabes lá o que és para mim!

Os teus olhos são duas tremendas noites de Dezembro: escuros, profundos, misteriosos, com reis magos em demanda de Belém. //

São dois Natais: dois caminhos de bondade onde os pés chagados dos pobres se fazem luz de alegria, cântico de amor deramado... 14

Os teus olhos!

Sabes lá o que são os teus olhos!

Se soubesses, andavas na vida sem nunca cerrares as pálpebras para que ninguém fosse ao frio e infeliz.

Olha-me, meu Amor, e deixa que eu seja pó da estrada feito poeira de oiro, asas de insecto, oiro e mais oiro, claridade, perfume, tontura, ebriedade de Deus, cântico da Primavera Eterna!

Os teus olhos: janelas onde se debruça Deus a espreitar os caminhos e a encher de madressilvas a pobreza dos que passam.

Não faças caso, meu Amor, não faças caso de mim, não te quero para o meu egoísmo: olha o mundo e seus caminhos amargos, e os pobres serão ricos e o cardo ressequido será açucena e cotovia, fonte a murmurar ternuras e Aurora a doirar os montes.

15 Deixa-me ser pó da estrada para que teus pés se poísem sem a dor das arestas rochosas; deixa-me de joelhos seguir os teus passos para que a terra seja água humilde a // crescer como lágrimas de alegria debaixo das tuas pálpebras; deixa-me ser relva e ternura, sombra e água para que descanses as amarguras que venham a cingir-te.

Que os teus lábios sorrissem e eu seja, em angústia, a sombra que a Fatalidade invejosa roube aos teus sorrisos!

Ama outro homem, sê dele, se isso te apraz; serei o Silêncio que há-de oferecer-se às tuas palavras para ele, serei o ar que há-de vibrar aos teus carinhos, e, célere e humilde, serei a aragem ligeira que lhe leve os estremecimentos da tua alma.

Que me importa? Sou o Amor e sem mim não lhe saberias falar, e, sem mim, não terias que dizer-lhe em teu profundo olhar de mistério.

Como é bom o teu desprezo!

Não me troco, não há comércio vil; sou puro Amor, dando-me, a cantar e a sorrir, ao sacrifício deste Amor.

Podes lá saber!

Os teus olhos são os olhos da Eva pecadora sem saber da razão do seu pecado, são o interior da terra, negro de carvão, e o regaço dos astros e a Noite de Dezembro e a minha alma carregada da tempestade deste amor! //

16 Olhos que curam chagas e abrem fontes, que se filtram na voz do rouxinol e andam de noite pelos caminhos a rondar os medos dos que por lá passam.

Os astros andam suspensos do olhar de Deus e a minha alma brinca na poeira que o teu olhar levanta como todo o firmamento na curva do olhar divino.

Os teus lábios não se unem porque seriam vulcão: do seu contacto sairia um beijo de nebulosas que começaria um novo mundo.

Sê serena, de outrem, distante: eu amo-te de mais para poder ver-te, não me olhes de perto que me incendeias e este corpo de miséria e esta alma de sonho seriam um incêndio de amor enchendo o Espaço.

E que mal me fizeste, oh meu abençoado Amor!?

Só bem de ti tenho recebido e estou a pecar, falando-te. Sei lá se irei lembrar-te a estranha ideia de me adorares, quererás ver até onde pode ir a miséria do pó que pisas se te lembras de o olhar com amor?

E depois verás que sou como os outros: um instinto que morre, uma saudade original que acaba no calor dum beijo, um mistério que se extingue quando se mede, trocando-se no comércio da reciprocidade. //

Antes me odeies e eu fique na esteira dos teus passos como humilde queixume da erva pisada, da água profunda que a areia cobre e sepulta.

17

Os cordeirinhos novos, que se apascentam por entre os botões de ouro e os miosótis, nas bordas dos caminhos e levadas, não fogem para além do olhar de sua mãe; os olhos maternos fazem domesticidade em torno de si, criam amizades, e só na luz dessa amizade se arriscam os cordeirinhos.

Que medo, meu Amor, deste mundo tamanho, com cordilheiras de sombras, mares sem fundo e Noites sem luz: tenho frio, meu Amor, e os teus olhos estão iluminando outros horizontes que eu não vejo.

Socorro, meu Amor!

Olha-me; que a Noite é negra e tenho muito frio, muito medo da Noite tão negra em que me perco!

Há fantasmas na Noite, larvas disformes que o teu olhar alindava e vestia de Luz; não fujas, meu Amor, com os teus olhos, ai! não adormeças, meu Amor, que as larvas se levantam e vão povoar o Mundo...

Assim, meu Amor, eu vou na esteira da luz dos teus olhos: vogo em rios de mel e leite, vou tonto de alegria a caminho das // ilhas maravilhosas onde se fabricam os perfumes do Mar, que me contaram os teus cabelos.

18

Deixei-te e estás comigo. Quem és, pois, ignota luz que sempre me segue e de que pareço a miserável sombra?

Presença divina que me encantas e me deixas, de olhos cerrados, em plena Ventura, vogando num infinito oceano de harmonia!

.....

Quem canta lá para as bandas do Mar?

São os nautas que o teu olhar acordou e vão partir para as Índias.

Amor da minha Vida: perdoa-me as palavras e deixa-me seguir-te de lábios fechados em íntimos beijos, abrandando a terra

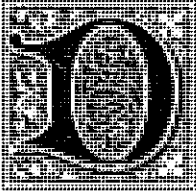
sobre que caminhas, sendo atmosfera de amor que do velho ninho de palha seca faça verde e fresco ninho de pequenas cotovias cantando.

Olha as rochas e serão água, olha os homens e serão anjos, abre as pálpebras e Deus revelado será infinito clarão de amor a que se enxuguem todas as lágrimas e se aqueçam todos os frios.

Oh minha Noite de Dezembro, fogo da minha lareira, Natal da minha Alegria, eu te abençoo!

Seja Deus a companhia da tua Beleza!

A FLORESTA
DOS
TEUS CABELOS



EIXA tombar os teus cabelos, amor do meu des- 21
vairo!

Revoltos, negros, torcidos como serpentes,
trouxe-os Dante da sua viagem ao Inferno.

Solta os teus cabelos, oh meu Amor violento!
que eles são a *floresta negra* dos incêndios, saques

e pilhagens.

Cavalos loucos de violência e medo, salteadores com os des-
pojos de cidades mouras: oh minha encantada moira, acorda, solta
os teus cabelos de Noite e com eles açoita barbaramente o meu
negro corpo de bárbaro!

Vamos incendiar o mundo, oh meu ainor inoreno!

Quero que o planeta sinta derreterem-se-lhe os ossos ao fogo
violento desta paixão.

Lembras-te, minha Eva de ébano, meu brilhante preto, da
primeira noite em que nos encontrámos na terra, tombados, ex-
pulsos daquele longínquo céu?

Foram os teus cabelos que nos vestiram, e taparam, aos nos-
sos olhos quase ceguinhos, a saudade do Céu que se afastava.

Enlaçados descíamos o negro poço do esquecimento, tom- 22
bando para a Terra, e o // Céu já mal deixava ouvir suas harmo-
nias, de nós fugindo como relâmpagos.

E ficámos sozinhos, embrulhados no manto dos teus cabelos.

Solta esses cabelos: que o vento de loucura que varre o mun-
do tos leve em suas asas velozes e sejam algas imensas nas on-
das da ventaneira!

Vamos sobre as cidades espalhar a loucura da nossa paixão.

A nossa carne grita o ódio que nos separou e quer destruir-
-se numa fúria impossível. Somos dois e cada um de nós quer
perder-se ou perder o outro na chama da sua paixão luxuriosa.

É como o Mar em fúria destruindo os rochedos, engolindo
as terras, as naus e as gentes.

O nosso desejo é feito dum ódio misterioso: hei-de queimar-te, dissolver-te em mim, oh meu amor moreno, de cabelos selvagens flutuando ao vento da loucura!

És a bandeira inimiga, trapejante e heróica, desafiando a cobardia do amor masculino; hei-de vencer-te, ter-te como escrava no harém da minha maldade.

23 Aí hás-de agonizar, morrer, perdendo essa lembrança que é réstea de luz a brilhar // na escuridão dos teus cabelos, se o vento os leva para a esteira dos teus olhos.

Ah! não! Meu Amor bondoso, perdoa. Morena de terra é a tua carne, negros de Noite são os teus cabelos; mas os teus olhos, os teus olhos são sorvedouros de alma por onde tombam todas as maldades e, nas folhas mortas que os encontram, canta logo a nova primavera.

Perdoa, meu Amor; que os teus cabelos fizeram uma tempestade tamanha que em seus ninhos e covis acordaram as aves de rapina, as feras cobiçosas e fez-se um coro de uivos na Noite.

Aperta os teus cabelos, meu Amor sereno, deixa-me ser bom e sonhar.

Aquela Noite, a primeira noite do nosso esquecimento vamos a lembrar, oh meu amor piedoso?

Colhíamos açucenas nos jardins da alma e, de repente, fomos envolvidos numa nuvem densa, numa fantástica e tormentosa nuvem, tomou-nos um rodopio e enlaçados ficámos sempre a prender-nos, mas com ódio e violência.

Hoje, se soltas os teus cabelos negros relembro o turbilhão daquela Noite e, se os tomas e apertas, relembro, mais e mais, as açucenas do jardim das almas... //

24 Como eram, meu amor, aquelas açucenas?

Deixa-me ver-te os olhos; eles são as crateras da alma, no fundo, muito no fundo, brilham serenos os astros daquele Jardim.

Estende agora os teus cabelos negros: olha como flutuam leves e sedosos e são carícias alongadas, que os vão enlaçar nas árvores onde a seiva acorda e canta uma remota lembrança como a nossa.

Os teus cabelos são agora cometas do Infinito lembrando as alegrias da Origem.

Oh minha Eva sem pecado! és a árvore da vida, a fonte da minha ternura, e os teus negros cabelos soltos são raios de Sol perdidos na Noite.

Os teus cabelos são a impossibilidade da tua nudez; se deixas tombar os vestidos logo eles caem a vestir-te das tintas mis-

teriosas da Noite: são uma criação do teu pudor, os guardas invencíveis do teu Jardim, as delicadezas brandas que envolvem o suave mistério das almas.

Os teus cabelos são a cercadura do teu recato, o amaciamento que te cerca e vai no ar a distância a levar o teu vegetal aroma de acácia.

Já foste acácia e no Jardim secreto, onde // vivias, eu fui o 25
pobre jardineiro que te colhia as flores.

Tombavam-te do corpo como asas de insecto afogando-me em deliquescente perfume.

Hoje os teus cabelos são lembrança vegetal e angélica e, se os soltas, o vento que os toma é a própria saudade do Jardim das almas.

Vamos, meu Amor saudoso; que os teus cabelos flutuem ao sopro do Mistério, e, Eva sem pecado, leva-me contigo para a saudade do Céu.

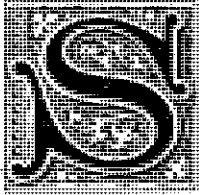
Que Deus te cubra de bênçãos como de flores de acácia cobre a minha pobre alma a piedade do teu amor!

Deixa-me deitar a mão aos teus cabelos soltos, e, no carro de Osíris, atravessemos o firmamento.

Canta, meu Amor piedoso: Como o Céu se aproxima, como renasce a lembrança e vamos sendo aleluias de luz pelas Alturas!

Que a mão de Deus segure os teus cabelos e piedosamente nos leve para o seu Amor!

AS TUAS MÃOS



ENHORA da Saúde: levanta as tuas mãos sobre a cabeça dos doentes e eles serão curados. 29

As tuas mãos protectoras são o tecto do meu lar; se estendes as tuas mãos protectoras fico ao abrigo das tempestades ululantes.

Onde vi eu as tuas mãos protectoras?

Tanto me parece agora que as reconheço e, numa hora incerta e brumosa, foram amparo da minha inocência!

As tuas mãos erguidas, morenas de terra, são uma oração do Planeta.

A terra reza no teu corpo e as tuas mãos erguidas são a ascensão da terra como a flor e a névoa.

As tuas mãos são névoa, condensada em alma.

Morenas de crepúsculo, nasceram numa tarde saudosa em que as águas murmuravam nos vales, os pinhais carregavam as tintas e as aves corriam tontas duma saudade que se não sabia dizer.

Errava na tardinha uma ansiedade muda, as cousas esfumadas, incertas e vagas, perdiam-se: era uma multidão em silêncio, de joelhos, aflita da impotência de não poder falar. //

Hora religiosa, profunda, triste e humilde, com uma névoa baixinha a rasar a fronte das plantas, e, por entre a névoa, o fumo das cabanas misturando o brando silêncio dos homens ao formidável silêncio das cousas. 30

E as tuas mãos surgiram da névoa, como a própria alma daquele Silêncio, unidas, longas e serenas.

O crepúsculo fez-se sombra e, por amor das tuas mãos erguidas, a terra pacificada adormeceu no infinito regaço da Noite.

Olha, meu Amor, de longas mãos pacificadoras: eu conheço uma terra que foi encostar-se à beira dum convento de monjas e se espraiou até ao Mar.

Lá em cima mulheres novas e formosas davam a sua formosura à inutilidade do tempo, sacrificavam as perturbantes ale-

grias da vida à meditação religiosa e cá em baixo a Vida era menos má, mais comovida e branda, porque vivia na sombra daquela Bondade.

Assim é a minha vida inquieta desde que tuas mãos de Santa tocaram esta miséria...

As tuas mãos são um milagre de amor: se eu já vi em tuas mãos poisarem, contentes, as avezinhas do Céu!

31 As tuas mãos são subtis como perfumes, // abrem todas as cerrações, cortam as névoas da terra e das almas, e vão direitas aos lírios ocultos que cobriam a face da terra e a profundidade das almas.

Que coração haverá que tuas mãos não abram?

Que maldade que elas não curem e diluam?

Oh, santas mãos de bondade, sois vós que eu vejo na linha de horizonte da Montanha erguendo a hóstia do Sol aos pavores e frios da Terra; sois vós que eu vejo, no Mar, desviando o leme dos transviados; sois vós que eu vejo, de noite e de mansinho, a limpar os suores de agonia dos pobres doentes dos hospitais, que entram a sonhar com as mãos distantes de suas Mães.

Mãos de esmolos que tocam andrajos e os deixam mantos de púrpura, conchas de Alegria, que a levam, como água para as sedes, à sofreguidão de todos os tristes.

Mãos de esmola que tocam a infinita miséria deste amor impossível e o deixam contente, brando fio d'água^(a), ribeirinho humilde, de leite e margens tudo em flor, fonte caladinha a correr em beijos sobre a alegria duma relva verde.

32 As tuas mãos são uma saudade que o // Planeta andou a gerar durante séculos incontáveis:

As conchas que o Mar sonhou, os caules que se ergueram da terra e foram subindo terminando em flor, e as ondas saudosas, subindo, e a névoa exaltada, tudo, meu amor, foi a saudade desses braços, que ergueste sobre o mundo e em tuas mãos unidas se prolongam até Deus.

Pousa em minha pobre cabeça as tuas mãos de santa, oh meu santificado amor!

Deixa-me estar assim: eu sou como a vasilha que se vai enchendo de água e cantando de alegria, tu és a fonte, e tuas mãos em concha, lembram-me uma remota fonte de aldeia onde por

^(a) Na 1.^a edição figura «d'água».

certo Jesus demorou seus lábios e cuja água ficou a reflectir para sempre uma bondade que jamais acaba.

Dá-me as tuas mãos, meu amor, quero tornar ao mundo e tenho medo. Dá-me as tuas mãos; deixa-me recordar os meus passeios de criança, quando na Noite, cortada de relâmpagos, seguia amparado pela mão de Deus.

És a mão que nas trevas guia as caravanas e as não deixa perder; és a mão que as conduz, através do Deserto, à fonte que ao longe murmura o louvor das suas riquezas. //

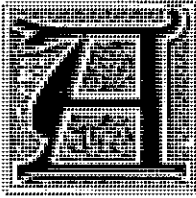
Oh, meu Amor santíssimo, vamos ao alto da Montanha; sobe nas asas do meu sonho, e, de lá, as mãos em concha e cheias de Alegria, vamos a entornar sobre o Mundo o óleo de tuas mãos preciosas.

33

Água que cai e inunda os desertos, alegria que tomba e acorda as almas; e desertos e almas são jubilosas romarias, que passam cantando.

Oh meu amor saudoso, deixa-me ajoelhar: és, no alto da Montanha, a *Senhora da Serra*, dando, às almas, em tuas morenas mãos erguidas, o seu caminho para Deus!...

A TUA FIGURA



tua Figura é uma Aparição.

37

Andámos pela terra e pelos mares, vimos a frescura das fontes e as meigas curvas dos rios, à flor dos lagos os nenúfares como brancos sonhos de virgens submersas em palácios de cristal e opala, os choupos sensitivos, ensaiando asas nos frémitos das suas folhas; andámos pelos céus e vimos astros (oh! meu Amor hei-de pôr-te uma estrela ao peito e sobre o coração!), e tocámos os sóis e os laboratórios dos mundos; andámos pelas almas e vimos alegrias sussurantes que eram os seus ribeirinhos e sacrifícios de amor que eram a lenha dada ao fogo, subindo em prece de luz, e vimos sobretudo (Oh minha Beatriz, oh minha eterna Saudade do Céu!) um infinito Mar de Silêncio em cujas praias, extáticos, nos quedámos a sonhar...

Dá-me os teus olhos, oh meu Amor, que neste Mar Infinito eu me quero aventurar.

Enche-me de astros o Silêncio deste Mar, oh minha Lira-Mãe das esferas que rolam, dos Sóis de manto doirado e dos olhos que se rasgam na imensa face do firmamento!

Fecha agora os teus olhos, oh meu Amor, e deixa-me ver o teu Nascimento... //

Adormeceram as águas, fizeram silêncio as almas, e, sobre as ondas do grande Mar do Silêncio, caminha para nós a serena Aparição da tua Figura.

38

Como em tarde calma no meio-silêncio da terra voam em bando, dos beirais dos telhados e do interior das almas, brancas pombas correndo às margens dos regatos e o céu é uma nuvem d'asas^(a), também no grande Silêncio de além dos mundos voam asas e asas, gaivotas do mistério, pairando sobre as praias do fim dos mundos e da Solidão e do Silêncio divino.

^(a) Na 1.ª edição figura «dasas».

Deus medita, e, asas soltas, no firmamento, as esferas cantam a harmonia do seu pensamento.

És a Pomba voando do pombal divino por sobre esse grande Mar que cintura os mundos...

Vens em socorro dos mundos velhinhos, oh minha irmã da caridade!

Tudo foge numa galopada louca, tudo é uma separação vertiginosa e, ao alto, todos os seres levantam o lenço branco duma despedida.

O mundo é ele e a sua própria saudade.

39 Flutua sobre a galopada de vertigem deste mundo, um adeus sem fim que ecoa e // se repercute até às praias daquele Infinito Mar onde as almas, em êxtase, se suspendem, e donde aos gritos de desgraça tu partiste voando, oh meu Amor piedoso!

E, como sobre uma multidão que espera a manhã para transpor o rio que a há-de salvar do inimigo, flutua de asas abertas o seu próprio sonho de resgate, assim, sobre os mundos e as almas, o grande lenço branco da despedida se fez asa, protecção, carinho, sonho, êxtase, e é o manto que te cobre, e às almas, oh minha Virgem, minha *Senhora da Aparecida!*

Relâmpago na treva apontando o casal ao peregrino errante, luz no céu respondendo à solidão do homem, fonte no deserto, aragem no brasume dum meio-dia estival, pegureiro das ovelhinhas do Marão, lume aceso no alto dos montes a levar de serra em serra notícia às almas, a tua Figura é a minha saudade, abrindo, no ar e no éter, a presença da piedade divina.

Música que caminha e dulcifica, aurora magnética que deixa no ar a esteira de seus eflúvios, e, a essa esteira, tontas de luz e alegria, como insectos loucos, correm rumorosas, contentes e alígeras as névoas de asa da minha Alegria profunda. //

40 Bússola de Deus, é teu caminho uma estrada de luz e, na brancura dessa luz, romarias e romarias d'almas^(a), ébrias de Deus, caminham, cantando.

Não cortas o ar: ele se abre docilmente a distância, fazendo-te berço de suas ondas, ficando a vibrar a estranha música que as esferas revelaram a Pitágoras no jeito de andar da sua pitonisa...

Oh, amor do meu Exílio, meu estranho amor, donde vens tu meteoro das almas, que elas, à tua passagem, reacendem-se em

^(a) Na 1.^a edição figura «dalmas».

lembrança e são mais puras, mais brandas, mais líquidas e dadi-
vosas, espriadas duma humildade sem fim?

Por mim meço a distância que de ti me separa pela brandura
que me vai tomando: fogo a que se me derrete a bruta solidez
dos ossos, mas não queima e oscula e é mais fresco que os pró-
prios beijos da Água nas raízes dos amieiros...

Fui ver o rio Ave para melhor compreender as linhas do teu
corpo e a geometria do teu andar; o Ave corre de mansinho
deixando em torno de si salgueiros a rir, gotejantes da água com
que o sorriso do Rio, crescendo sobre os troncos, deixa a brilhar
as folhas.

Os salgueiros, os chorões, os choupos, // os amieiros e as 41
silvas saem do rio a cantar, subindo até ao pinheiral da Serra, o
louvor e a gratidão das Águas.

Já viste, meu Amor, como os rios são as veias da Terra e
levam pelo corpo imenso, velhinho e triste, do planeta, a alegria
fresca, virginal da origem?

Também tu, meu Amor, trazes à minha alma árida e triste
uma primavera de flores e ninhos, brisa e pólen, e do que pare-
cia um inverno fazes o rumor d'água^(α) a cantar no açude, o
carinho discreto dos seus afagos marginais.

A tua figura, o teu andar!

Mas são o ritmo da Alegria criadora: água por entre fráguas
a correr para as sedes, novinhos a saltar nos prados, brancos ca-
valos guizalhando triunfos, as caravelas das descobertas, as qua-
drigas gregas, o carro dos Faraós...

A tua Figura, o teu andar!

Mas são a silenciosa ternura da criação: vai passear pelas ter-
ras da desgraça e elas serão fartas; sob os teus pés hão-de nascer
flores e ao jeito da tua Figura se há-de abrandar a natureza, as
cabanas dos mendigos serão palácios encantados, e, se adorme-
ces e sonhas, oh senhora da minha alma, sob os beirais das ca-
sas, milhares de andorinhas // tontas do calor do teu regaço vi- 42
rão fazer seus ninhos!...

De serra em serra, por caminhos de seixos e urzes, vejo-te
subindo a todas as serras de Portugal; de dor em dor, por cami-
nhos bravios de espinheiros, vejo-te subindo a toda a altura da
minha alma.

^(α) Na 1.^a edição figura «d'água».

Névoa da Terra e das almas, sonho do meu amor divino,
branco dossel de todas as saudades, o aroma para além da flor,
a bondade para além das almas, Alegria flutuando em espuma
por sobre todo o Mar, és no trono da Terra, dominadora, a *Se-
nhora da Graça* e a minha Andorinha, removendo as asas da As-
censão!

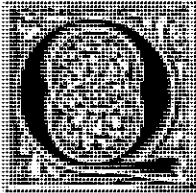
Eu te adoro: deixa-me ir contigo, oh meu Amor com asas!...

A TUA BONDADE



Desenho do artista
JOÃO PERALTA

Porto, Agosto de 1921



UISERAM teus olhos cobrir de bênçãos a miséria do pó que ias pisando, quis a tua bondade descer ao abismo do meu nada e hoje a minha secura é um espraiamento de alegria e árvores.

47

Conheces, meu abençoado amor, uma das vilas de saúde deste nosso Portugal encantado?

É no Minho, meu Amor, muito perto do berço em que pela primeira vez chorei.

Em volta, montes de pedregulhos à vista e, às escondidas, mansidão e humildade, pesando do amarável peso de suas águas sobre a vila encantada que é um derramamento de frescura: o bulício das águas soltas cantando, a chamar de longe a alegria vegetal das árvores, os ninhos, céu d'asas^(a), e o homem a procurar na água, que é o leite maternal da Terra, as lembranças duma remota saúde já perdida...

Assim na minha alma se derrama a tua Presença: e sinto em mim, ao pensar a infinita bondade do teu amor, aquela alegria misteriosa, aquela frescura que me perfurava os ossos até à alma e a umas vagas lembranças de pura felicidade, que vive na Memória // da minha primeira infantil visita àquela vila de saúde, aqui ao pé do berço onde pela primeira vez chorei e que é uma casta criação das águas, ora descendo das Montanhas, ora subindo reaquecidas do profundo coração do planeta.

48

A tua Presença derrama-se na minha alma como as águas do Vizela e a névoa do Tâmega e o luar da minha aldeia e os poentes, *Senhor dos Passos*, que de Coimbra me lembram, da ponte sobre o Mondego.

O Mondego é feito, meu Amor, das lágrimas de Inês, dos sorrisos da rainha santa e dos versos de Camões e Nobre: é um

^(a) Na 1.ª edição figura «dasas».

rio de memórias e enlouqueceu a contar sempre o mesmo rosário das mesmas lembranças.

Mas para que olhaste, meu piedoso amor, para o meu Deserto e o deixaste este milagre d'água ^(α) e alegria, este jardim de anêmonas, esta imensa catedral em que as ogivas são os abraços dos plátanos, que para não terem fim erguem acima de si o voo de seus moradores?

Para que vieste, meu amor, ao chamamento da minha alma: não vês que vais magoar teus pés nas duras pedras do meu caminho, não vês que sou um egoísmo de sombra a pedir teus olhos, uma solidão d'amor ^(β) a prender a tua alma? //

49 Vais lacerar os teus lindos braços de socorro nas silvas que cercam a minha solidão, e, água da minha sede, vais cortar teu brando corpo em mil arestas afrontosas, rasgar os teus vestidos de névoa nos espinheiros da minha dor.

Oh Santa! Vai fazer, brincando, a alegria das açucenas; volta ao teu jardim florido, não teimes em dar a tua Bondade à tristeza do meu Deserto.

No meu Deserto caiu uma gota de orvalho, foi uma bênção do teu olhar: basta, minha Santa, já nesse Deserto nascem flores e vão cantar as aves.

A tua Presença!

Quiseste dizer-me ontem que eu vivia sempre na tua alma, lá me encontravas como um menino no berço e não me repelias e davas o mar de luz da tua alma à minha grande solidão de amor, e, Antígona da minha cegueira, davas o caminho das tuas mãos à minha ansiedade de Deus.

Mas que fiz eu para merecer-te?

Que direito tem o seixo do fundo para dizer à água, que o beija, que fique e se demore e seja tal encantamento que o dissolva e o leve a correr em seus lindos braços?

50 És a luz da beleza divina, o rio de mel // e leite da Bondade que acalma. Vai meu Amor; há mais sedes que te esperam: a água passa e oscula os salgueiros da margem mas não pára na sua infinita saudade de névoa.

O velho Édipo, cego e derrotado, feito pó de desgraça pela Fatalidade, encontrou os olhos e as mãos de Antígona, a sublime cristã anterior a Cristo, para conduzir a sua triste mendicidade.

^(α) Na 1.^a edição figura «d'água».

^(β) Na 1.^a edição figura «damor».

Mas quantos ceguinhos no mundo, oh minha doce Antígona?

E que sou eu para que demores em mim teus olhos-sóis, tuas mãos caridosas, a bondade profunda da tua alma-lírio?

Um só raio de Sol pode fazer duma semente uma árvore gigante, uma cintila só que seja faz duma pedra um deslumbramento, e, se beija o corpo da água, ela é névoa enchendo as distâncias: olhaste-me, a minha alma flutua em canto, é alegria que jamais se perde.

Basta, meu piedoso Amor: não te magoes mais a amar-me, o amor é sempre uma saudade de Deus e tu és *purinha* e bondosa, vives com ele, não precisas magoar teus olhos de Natal com as lágrimas desta saudade.

Eu ia por um caminho fora, cansado e // triste, tinha-me perdido num longo caminho pedregoso, de margens com velhos cardos ressequidos; a minha garganta era seca, os meus lábios entumescidos de sofrimento, pés a sangrar duma viagem de que tinha esquecido a origem.

51

De repente fez-se luz, uma luz ténue, branda, doce e amiga como a que pelas manhãs de aldeia me vinha acordar, filtrando-se humilde e pequenina pela soleira da minha porta.

Humilde e pequenina, trazendo, em brinde e no regaço, o cheiro da madressilva e das amoras, a frescura do regato contente que ao fundo ia a cantar as trovas que desde séculos lá deixaram esquecidas as lavadeiras e as rolas.

Eu acordava no meu berço de infante, embarcava no raio de luz e boiava em alegria e canto...

Assim, no meu caminho de cardos, oh minha bondosa amiga, tu foste a luz doce, ténue, humilde e pequenina, da altura do intervalo da minha porta, a caminhar para mim e a crescer de mansinho, sem magoar, como água bonançosa de encontro às sedes do seu caminho.

E o meu caminho de cardos bordou-se // de boninas, lírios, malvas e violetas; o seu chão de rocha fez-se relva de carinho e fontes contentes começaram das bordas a entornar frescura e a dizer os segredos remotos das suas ninfas.

52

Poisou sobre mim o teu doce olhar e, como no Natal todos os pobres se vestem de alegria e andam pelos caminhos a cantar, eu, e todas as desgraças daquele caminho de cardos, fomos um coro de bênçãos, direitinho ao Céu.

Senti que dentro de mim, se me arrancava o mal e a grande tristeza solitária, e em vez da minha velha alma esquecida e gasta eu senti entrar, pelos meus olhos abertos de assombro diante

dos teus olhos divinos, a grandeza do Mar e a firmeza do Céu, a frescura das fontes e a branda meditação do luar, os jardins babilônicos e os carreirinhos da aldeia, e, abrindo asas ressuscitado, acordou o velho rouxinol de Bernardim.

Levo os sóis dentro da alma e os regatos contentes, e as asas tombadas acordam e são voo e canto, fio de luz a prender, ao imenso Amor desconhecido, a profunda alegria do meu amor.

53 Olha: sou como um louco que deixou os caminhos do planeta e com as flores que // nele colheu vai, pelos caminhos do Infinito, enchendo de canto e flores a Escuridão do Espaço.

E para tudo isso bastou a caridade do teu Amor! Não magoes mais a tua Bondade, oh meu piedoso Amor! Vai, astro do Infinito, flor do meu exílio: eu ficarei, na Distância, de joelhos, a adorar para sempre a tua Presença Inefável!

A TUA VOZ



Á dias que não ouço a tua voz, meu Amor, e é 57
como se toda a vida tivesse deixado de falar.

A minha alma era um colégio à hora do recreio; nestes longos dias de ausência voaram da minha alma as alegrias que a povoavam e sou a casa abandonada donde os pezinhos das crianças partiram, levando para longe o júbilo das suas correrias.

Voltai, meus queridos meninos, não imagineis que este jardim que pisais seja indiferente e esquecido do encanto dos vossos jogos; vinde de novo, escondei-vos no meu florido regaço de sombras; olhai que os cisnes do lago passam as horas à espreita do vosso regresso.

Mas quem povoa o mundo e a minha alma?

As palavras do meu Amor; só a sua voz pode encher o infinito da minha solidão.

A palavra é o pensamento feito convivência e portanto Amor.

A palavra é a semente dos mundos e das almas; é o desdobramento amoroso de Deus para a companhia das almas.

Já leste, meu Amor, o Evangelho de S. João? //

«No princípio era o Verbo... e o Verbo se fez carne e habitou entre nós...» 58

No velho Egipto, o Deus de voz das tonalidades justas tirou o mundo do nada.

Sim, meu Amor, a palavra é a luz da Vida: os seres mudos andam perdidos na treva à procura duma voz que os esclareça.

Olha os pintores, os escultores e os músicos, que encontram as ocultas palavras de todas as criaturas.

Sabes, minha linda ausente, que um astrónomo moderno também mostrou como a evolução dos mundos é apenas a ressonância musical do primitivo verbo?

Duas nebulosas, dois sonhos de nossas almas, correm na vertigem dum beijo e, no Espaço, fica a vibração dos seus corpos a marcar o lugar dos mundos!

Fala, meu Amor! Que na minha alma se choquem as nebulosas e de ternura se incendeie a harmonia dos astros novos.

Fala, meu Amor! A tua voz ressoa na infinita solidão da minha alma e sou de pronto o júbilo de todas as crianças, de todas as pombas à borda de água, das corridas infantis das nuvens, na Batalha lá dos Céus.

59 Fala meu Amor! A tua voz vem quentinha do coração da Terra molhada de todo // o seu sangue a perlar nas fontes, ela vem dos longes de origem, faiscante de remota Nebulosa; ela é, na Terra e no Céu, o Verbo feito carne e presença, o pedaço de pão para a minha alma ardente do fogo deste amor e da suave brandura desta infinita humildade.

Fala meu Amor! Cura esta saudade que me consome porque é ceguinha e esquecida, e à claridade da tua voz, compreendendo e lembrando-se, é coluna de mirra, subindo, a prumo, para se derramar nas Alturas.

Fala baixinho meu Amor!

És a minha mãezinha em saudade, o meu berço de harmonia, a minha relembração angélica, o dia em que, como na eira da minha casa, eu pouco longe vivia das pálpebras do olhar divino!

Ja perdido nas trevas e comecei a ouvir uma voz longínqua, ia perdido nas trevas e um lume de amor se fez no meu caminho: Canta, meu Amor, para que não volte a perder-me e vá direitinho, nesta negra noite da vida, à lareira da tua alma, onde arde o fogo da origem e se contam as velhas lendas dos deuses.

60 Porque é, meu Amor, que ainda agora ao passar nos caminhos da minha aldeia, as rolas aos bandos me cercaram como se // fossem as mensageiras da tua voz, e, nesta manhã de ausência, as cotovias andam loucas a nadar em canto no pinhal da casa onde eu nasci?

As asas encham o Céu e eu creio que o teu regaço é o imenso ninho de amor donde partem todas as asas que estão enchendo o Céu de rumores, de voo e harmonia.

Fui contigo à minha aldeia, oh meu Amor santíssimo, comigo estiveste na casa onde eu nasci, junto àquela que me deu o ser, no quarto onde pela primeira vez chorei, no tanque e no jardim onde colhi as primeiras flores e olhei o primeiro reflexo da minha imagem cismadora.

Comigo estive, oh meu Amor sem mácula, debaixo daquelas árvores que cobriram de folhas amigas o Sol da minha infância. Não me falaste: mas eras presente na vista dos meus olhos (sem

ti seria ceguinho), mas eras presente no bater do meu coração que só mede a vida pelo crescimento daquele rio que nele fizeste nascer e é regatinho humilde a beijar-te os pés, e é, de longe, torrente precipitada no louco anseio da foz, da imensidade do Mar e do Infinito dos teus olhos.

A tua voz é um espraiamento do teu sorriso. //

O sorriso levanta ao de leve teus lábios entumescidos de voz, e, como a água das levadas sobre as folhas dos agriões, cresce e cresce, e teus lábios derramam o mel das tuas palavras.

Ouvi agora a fonte do meu quintal, e, em minha memória, cantou a sonora alegria do teu Riso.

O teu Riso é uma cascata de água tombada dum gomil de prata pela escadaria de mármore dum palácio de Veneza.

E é como as gemas do tesouro de Salomão tombando, ao sol do meio-dia, do alto do templo de Jerusalém...

Mas a tua voz tem um crepúsculo de Silêncio que no-la mostra chegando de além-mundo...

Fala, meu Amor!

Sou tão pobrezinho e, se me falas, faz-se dentro de mim tanta riqueza que as minas de Salomão e o céu do zodíaco e as ervinhas dos campos nada são ao pé da minha opulência.

Se me falas, entra-me na alma uma tal perturbação, são tantos os nascimentos dentro em mim que não há sinos que bastem aos repiques de tanta alegria, que não há flores nem beijos que cheguem para tantos baptizados! //

A tua voz é, numa noite reanoitecida, sem um astro, no câncavo céu de trevas da minha alma, o fulgor dum relâmpago divino que tudo deixa incendiado em clarões de amor, reflectido em milhares de olhos extáticos que são, por toda a Terra, as bocas das suas fontes.

Dentro de mim, pobre solidão sem luz, acordam tantas e tantas alegrias aladas que a minha alma é um céu de almas, voando jubilosas na branca esteira do Sol!

Fala, meu Amor santíssimo!

E eu, mísera harpa abandonada, sentirei em mim nascer a harmonia, como se as mãos de Deus tangessem a grande lira das Nebulosas.

A tua Voz cicía como beijos doirando a bruteza dos abismos da minha alma, e, como se os tocara o Sol, também neles se faz Aurora e em sua fundura de Noite amanhece a névoa dum amor sem fim.

61

62

Relâmpago sulcando o Espaço e deixando mundos a marcar em seus cantos a alegria da criação, sulcando as almas e deixando em seu Abandono a presença do Amor que as vai encher!

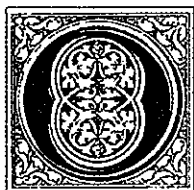
És o Verbo, a palavra original, a fatia de pão que, por ti, Deus mandou à infinita fome do meu Amor. //

63 Tocou-me a onda da tua voz e, boiando em ternura e humildade, eu sou a comovida *ressonância* da tua Beleza!

Meu Amor Perfeito: Voguemos juntos neste mar de Canto!...

CANTARES ^(a)

^(a) O capítulo «Cantares» foi integralmente transcrito (com ligeiras alterações) em *A Águia*, Órgão da Renascença Portuguesa, Porto, 2.^a série, vol. v, de Janeiro a Junho de 1914, pp. 69-72. Por sua vez, em seguida, *O Comércio da Póvoa de Varzim*, Póvoa de Varzim, ano xi, n.º 18, de 16 de Maio de 1914, transcreveu fielmente o mencionado artigo d'*A Águia*, atribuindo-lhe a data de 27 de Março de 1914.



NDE irei buscar, minha amada, as palavras capazes de te dizerem o meu amor?

Queria que elas fossem suaves como o voo da andorinha, prontas e meigas ^(a) como os enleios das tuas pupilas.

Como a onda embebe a rocha em seus abraços de espuma, eu queria, Horeb da minha sede, cercar-te a vida do veludo dos meus carinhos! Que os meus lábios calçassem de beijos o caminho dos teus pés, e a minha alma dilacerada fosse amaciar as arestas da tua vida! Ser a lenha dum sacrifício que valesse a tua felicidade, dar-me à Dor em troca das tuas alegrias sem mancha!

Mas onde poderei eu escolher as palavras da minha adoração?...

.....
Voga nos crepúsculos do estio uma onda de opala, que é como uma amizade ^(b) da luz a afogar de glória enternecida o leito da Noite.

Essa hora de humilde e bondoso triunfo dá-me a cor e a brandura para polvilhar o céu da tua Imagem. É aí que te contemplo, oh trigo da minha fome!

Sob as verdes águas da costa eu vi florestas de algas corrediças — as nereidas // entregavam os longos, tenuíssimos cabelos, aos beijos coleantes de Neptuno.

Assim são os cabelos da tua Imagem, oh flor do meu sonho! Longos, ténues, arremessados como poeira cometária, lucilantes de astros, molhados de opala e âmbar.

^(a) No mencionado artigo de *A Águia* figura «silenciosas e íntimas» em vez de «prontas e meigas».

^(b) No mencionado artigo de *A Águia* figura «prodigalidade» em vez de «amizade».

Nas margens dos regatos eu vi os salgueiros trementes. O seu corpo débil era uma forma da Aragem. Assim, tu és, quimera dos meus sentidos, forma do meu sonho, o respirar ^(a) opresso da minha alma. Como a Aragem os toma e embala, eu queria embalar a tua Vida, tecê-la dos meus devotamentos e humildades.

Tu és a harmonia; as tuas linhas deixam no Espaço, e em beijos, a manhã de todos os seres que acordam em asas de perfume e cântico ^(b). Em torno do teu corpo o ar é brando e escravo, alongado no êxtase da atitude...

Como o éter conserva a forma magnética da Terra, assim o meu coração mergulha na harmonia que te repete...

Nas montanhas, tenho eu visto árvores de exíguo corpo enraizadas em desolados e estéreis penhascos. A sua carne balsâmica ergue-se sobre um heróico tumulto de raízes.

É assim o teu corpo grácil, a caminhar neste mundo de aflição e morte. //

69 Sob a terra, a tragédia das raízes esboroando a rocha, asediadas de vizinhos famintos, rasgando caminho por entre fragas; em cima, carne de formosura e encanto, sinfonia de aroma e cor. Oh senhora deste inútil devotamento, como eu desejaria ser-te a obscura raiz de eternas e perfeitas alegrias! Sob a Terra caminhará o meu coração a abrandá-la e comovê-la, e muito baixinho, sob os teus pés, ficarão fontes a rezar...

— Aproxima-se o meu amado e toda me encho de confiança. O meu amado é a torre de marfim onde me acolheito do Vendaval, ele é como o Templo de Júpiter onde me abrigo do pavor dos relâmpagos.

Quando era pequena, sonhava recantos bem cerrados onde escondesse o temor, acalentadoras sombras onde acolhesse o frio dos meus sustos. De noite vinha o Medo a fantasmear o desconhecido e eu minguava-me tanto que caberia dentro duma só mão.

O meu amado é o sagrado recanto da minha alma, a sombra amorosa a que me abrigo, a mão onde, como pequena ave inquieta, toda palpito de confuso e misterioso anelo. Quando lhe

^(a) No mencionado artigo de *A Águia* figura «desejo» em vez de «o respirar».

^(b) No mencionado artigo de *A Águia*, em vez de «e em beijos, a manhã de todos os seres que acordam em asas de perfume e cântico», figura «a forma musical da rola».

abandono as minhas mãos esguias, eu as sinto perdidas entre as suas, // como luxuosas conchas na imensidade do Mar.

70

Ele aí vem, forte e dominador — o seu corpo é esbelto e a sua face ^(a) é um sol de inteligência.

Mas porque é triste o meu amado?

Só eu o sei — é que receia fundir-me no calor dos seus olhos, é que julga os seus braços demasiadamente fortes para tomarem a minha fragilidade. É que ele não pode saber como eu desejaria evoluar-me sob a sua luz, ser quebrada, torcida em torno da sua carne de bronze.

Pronta aos seus desejos, eu espero o meu amado, o meu senhor, o dono dos meus sentidos e dos meus pensamentos.

Quero ser a onda dobrada ao sopro da sua vontade, a relva amoldada ao descanso da sua estatura.

Eu vi o meu amado deitado entre boninas e lírios e desejei pôr na sua boca o aroma dos meus lábios. Eu vi o meu amado na encosta da colina, perdidos os olhos nos longes das terras, e quis ser levada na corrente dos seus sonhos, ao sabor dos seus caprichos, desmaiada e nula.

O meu corpo é pequeno e ligeiro; mas como ele importuna esta avidez de entrega // com que me dissolveria no querer do meu senhor! Vem, meu amado, toma-me entre os teus braços, leva-me à solidão da Montanha para ser só eu a servir-te de joelhos.

71

Esta manhã o Sol rompeu por entre névoa e logo se pôs a Terra a viver e a falar alto. Assim é, quando avança o meu amado; toda me encho de murmúrios e falas, que ecoam dentro em mim como água nas fragas, como as aves nos poços abandonados, melindrosos de avenca.

E, como a névoa se morre nos seios da luz, assim eu toda me morro na agilidade vencedora do meu bem-amado! Pelo delíquio da minha vontade eu sei a distância a que de mim mora o meu senhor. Eis que ele se aproxima e toda eu ardo no fogo que o circunda, os meus ossos se derretem em brandura, toda me abandono aos seus mais secretos intentos...

^(a) No mencionado artigo de *A Águia*, a partir deste ponto, em vez de «é um sol de inteligência», figura «é um sol de melancolia. O seu andar é dum triunfador pensativo, os seus olhos, destilam uma saudável tristeza, que consola e alegre».

— Dadas as mãos, vamos, amada minha, para a beira das águas correntes...

Este sítio é, para a minha alma, o teu par. Não sei recordar-te, oh minha amendoeira! sem esta terra das tuas raízes, sem esta água das tuas veias.

72 Este é o lugar das verdes ninfas, de alma // transparente e rumorosa; e a tua alma é como uma harpa abandonada ao vento da minha paixão. Este regato corre sobre tapetes de relva, sobre algas rubras, sobre agriões ardentes da volúpia dos teus lábios, e sob dosséis de verdura, por baixo de juncos, açucenas, narcisos e jacintos.

Assim bóia o teu olhar, à flor da Noite, sob os teus cabelos esfuziados soerguidos de lembradas marés, que os entregassem ao ardor das correrias bárbaras; ele bóia, no horizonte da Noite, sobre a aurora estival das tuas faces. E, através da sua profundidade, desdobra-se a sombra em delicadezas e afagos. Carinhos jamais dados, ternuras nunca faladas amaciam o poço dos teus olhos, de forma que a sua escuridão é transparência de amor, brandura e dádiva.

Ah! mas o teu olhar não tem fundo, através dele eu vejo o Universo.

Ele é para a minha alma uma janela donde olho Deus ^(a).

73 Olha, em cima, a nossa casa, pequena, abraçada e branca. Estende-se docemente, por um caminho de margaridas, até junto de nós, como se quisera haurir a frescura da corrente. É separada do mundo por uma parede de vida, pois a pedra não tem um // tamanho da tua boca, solitário e nu. Ali se abriu uma porta que é hoje de grinaldas de madressilva e colunas de hera.

São assim os teus olhos abertos para o céu, prolongados em funduras de amor e vida até que a vista se me perde num deslumbramento de diamante facetado.

Lá baixo, além dos moinhos, no fundo de água brilham melindrosos cristais ^(b) de ametista. No fundo dos teus olhos, cega-me um diamante de harmonia, que, abraçando o Universo, fulgura de luz íntima.

^(a) No mencionado artigo de *A Águia* figura a expressão «uma janela sobre Deus» em vez de «uma janela donde olho Deus».

^(b) No mencionado artigo de *A Águia* figura a palavra «palhetas» em vez de «cristais».

Aqui se encosta a Montanha seixosa. Pelos seus flancos trepam pinheiros e cedros, rescendentes dos sonhos da Sulamita.

Lembras-te, meu Amor, daquela voz nocturna e trágica, com que ontem a Terra implorava a memória dos vivos?

Que arrepio de mistério sulca a face da terra ^(α) e o coração do homem, quando, Noite côncava, as pedras repercutem o grito de «alerta, pela memória dos mortos!».

Parece que tudo acorda; é o instante da ressurreição.

Olha, meu tesouro, os teus olhos são um lago de memórias. Debruço-me e vejo os céus antigos, contemplo a graça das primavera mortas. //

Já viste, no inverno, a terra embalsamada de neve, o Marão refulgente como as asas dum Arcanjo? E, depois, reponta o Sol a lavar os ramos das árvores. ^(β) Há, então, um instante supremo de Génesis, há um momento em que os troncos se comovem; é o esto da seiva. 74

Quantas vezes eu me senti, de repente, paralisado de assombro, percorrido pela corrente da vida infinita, tumultuante de cósmicas ondas! Eu tenho sido a praia do Universo, batida das águas vivas do mistério. É a vida Universal que passa...

Os teus olhos trazem o perfume dos montes, os crepúsculos saudosos, os meus passados assombros, a minha (a nossa?) saudade edénica...

Eles possuem ainda o encanto dos meus sonhos juvenis.

Eu sonhava-me, então, em intermináveis quedas pela profundidade do Espaço, repassando estrelas, ao de leve envolvido num Éter enternecido.

Olhando-te, eu me sinto, de novo, numa queda sem fim, de sentidos apagados, em pura união de Amor ^(γ).

E, se os teus olhos fitam a minha miséria, ela se levanta gloriosa, do horizonte // oculto da minha alma. Sob o teu carinho, toda a minha alma incoercível se revela, em todos os recantos do meu ser penetra uma luz, que os exalta e anima, uma forma 75

^(α) No mencionado artigo de *A Águia* figura a palavra «terra» na forma maiúscula.

^(β) No mencionado artigo de *A Águia* figura a pontuação «?» em vez de «.».

^(γ) No mencionado artigo de *A Águia* usara a forma «em plena identificação» em vez de «em pura união de Amor».

de palavra se ergue de toda a minha ansiedade muda. As trevas exultam e cantam, ^(a) «o abismo fez ouvir a sua voz e a profundidade levantou as suas mãos».

Junto de ti morrem as disformidades, e é uma prece de harmonia, júbilo e gratidão todo o meu pensamento.

Quer o nosso povo que o arco-íris vá beber no sorvedouro, abraçando depois o Universo de lado a lado. São duas sedes que, buscando-se através do Espaço ^(b), se abraçam num beijo de Luz.

Tu és a Esperança, a minha ascensão para Deus, o arco-íris do meu Abismo!!...

^(a) O mencionado artigo de *A Águia* interpõe neste ponto a expressão «é que».

^(b) No mencionado artigo de *A Águia* figura «São duas misérias que, buscando-se através do Infinito» em vez de «São duas sedes que, buscando-se através do Espaço».

O NOSSO ENCONTRO



Desenho do artista
JOÃO PERALTA

Porto, Agosto de 1921

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



U canto a misteriosa *solidão* dos caminhos, o *milagre* do *encontro* em seus pontos de convergência, o reconhecimento e o pavor do *adeus* duma nova separação.

81

E canto a Alegria do Amor, que, em Deus, conquistou a sua própria imortalidade e é reencontro sem despedida, eterna *companhia* das almas...

Choque de nebulosas ardendo em sóis, morrendo em mundos e, perdidos, de novo errando para o novo *Encontro*.

Companhia das almas abrindo, no Infinito, a crescer para sempre, a branca rosa do Amor Eterno...

Já olhaste, meu Amor, para os caminhos que mordem de branco e pó a pele rugosa do planeta e além cortam na rocha aquele ziguezague do raio?

Há tantos caminhos na terra, oh meu amor tranquilo!

Sob a grinalda desta trepadeira de campânulas azuis abrindo à luz, olho em torno e só vejo os caminhos do vale e os caminhos talhados pelo pé do homem na rocha viva // das encostas, e, ao longe, os caminhos riscados pelas lágrimas da chuva na bruteza da rocha.

82

Olha aqui um caminho do Marão, feito pelas águas como se uma lágrima tivesse rolado numa caveira; além olha aquele laço de gravata estampado na penedia como o abraço do raio e aqui mais perto tantos e tantos caminhos por entre silveirais, à beira dos arroios e no sopé dos montes.

Tudo são caminhos, oh meu tranquilo amor! Olha o céu: a Via Láctea é um caminho de luz e o raio sideral que beijou tua fronte é um viajante do Espaço que há séculos e milénios na tua direção corria sem cessar.

Tudo são caminhos e nós só vemos a geometria desses caminhos.

Um astro não é mais que a forma dos caminhos de luz que dele partiram, e, se de joelhos adora a tua formosura, é porque para mim ela caminha nas ondas da luz que a desenhou.

O próprio Deus é a luz esparsa que embebe e inunda as trevas da nossa miséria, o ponto de encontro de todos os caminhos, o foco onde do Infinito todos os raios do Amor convergem. //

83 Dum ponto ideal do Espaço e do teu carinhoso regaço voaram pombas em todas as direções, e em rotas desconhecidas partiram, asas contentes, para logo saudosas das companhias perdidas, e seu roteiro de saudade é agora, à volta dos caminhos, a ansiedade de um novo encontro.

Do coração divino voaram as almas e na facilidade da alegria originária dispersaram-se na distância, e agora são muitos os caminhos por onde as almas erram no crepúsculo de suas removidas lembranças.

Vês, meu Amor, como escurece e, na sombra, mal destacam os caminhos?

Também a sombra é um caminho viajando sobre o planeta, veloz e sôfrega, a insinuar seus dentes, nos recantos que lhe deixa a luz.

Quantas sombras viajando no Espaço, meu Amor!

Caminhos de luz, caminhos de sombra: os teus olhos e os teus cabelos em minha alma, a tua vigília e o teu sono — os dias e as noites pelo Infinito!

84 A sombra cai como chuva sobre os caminhos do planeta (vais cerrando os olhos meu Amor que partes! onde será dia?) e os passageiros desses caminhos começam a // procurar na sombra, incertos e amedrontados, abrigos que os acolham.

A manhã sobe como o canto da cotovia (vais abrindo os olhos meu Amor que voltas!) e de seus abrigos todas as asas dos caminhos partem em cânticos de alegria pelos céus.

Há caminhos de flores e relva e caminhos de silva, espinheiros e lâminas de rocha; há caminhos de luz pelo Espaço e caminhos de sombras cobrindo os mundos.

E a Vida passa a cantar pelos caminhos, e vem a Morte, a cobrir de cinzas, a iridínea frescura de seus passos...

Caminhos de várzeas floridas e caminhos calcinantes e secos do deserto...

Raparigas (nos caminhos da aldeia e num soneto do Nobre) cantando, em oitavas, ao crepúsculo; e caravanas famintas, estropiadas, caindo de sede e desgraça na visão inacessível dum poço de águas frescas e duma árvore de folhas amigas.

Ai, meu Amor, os caminhos desta Vida!

E os que, de Noite, nos caminhos tentam vencer as trevas com a pobre luz da sua lâmpada?

E os que das trevas de seu caminho divisam a luz dum casal e mais se perdem porque tentam atingi-la? //

E os que do alto do céu se precipitaram para a luz que os atraiu e andam no Espaço em sua busca, perdidos e atormentados, como Pedro e Inês numa saudade de «até à fim do mundo»?

85

Somos todos ceguinhos para a luz do Amor, e, como nos caminhos da terra os cegos se perdem sem guias, também somos os ceguinhos do Amor nos caminhos das almas.

Imagina, meu Encanto, os homens feitos negra cegueira e, de repente, todos perdidos nas trevas dos caminhos da Vida: assim somos todos nós nos caminhos da alma.

Andamos no Infinito (em noite esquecida com uma ligeira orla de dia-lembrança) separados, perdidos uns dos outros sem olhos de amor que nos guiem e juntem.

Lembras-te da Coseta numa noite de Dezembro, luzindo dos vivos de lobos e do olhar do carrasco, à beira duma floresta, tentando, acima das suas forças, levantar o balde de água que lhe mandaram ir buscar à fonte do bosque.

A criança dobra-se ao vento da Noite e da Desgraça, ao frio de Dezembro e ao mais cortante frio da maldade dos seus tiranos; num esforço acima do seu sofrimento, // procura sair do terror que a prende ao ulular do vento nas entranhas da noite.

86

E, do invisível, a mão protectora de Valjean ampara aquela criança feita farrapo de toda a dor, folha tombada na indiferença do Vento que a leva e rola e esmaga.

Mas tudo é Noite para as almas: e de onde virá a mão invisível que nos tome e guie, e, iluminando os caminhos da alma, nos conduza com amor?

Olha, oh Santa da minha solidão, eu vi uma vez um conto cinematográfico que não pode esquecer-me.

Era uma criança de seis ou sete anos que ouvia anunciar a morte duma irmãzinha pelo cair das folhas no Outono.

E ela, como se tivesse surpreendido o segredo dum crime, dispõe-se heroicamente a impedi-lo.

Levanta-se de noite e corre ao bosque a levantar as folhas que vão tombando.

Aos biliões de folhas que tombam, ela tira as pobres dezenas que em suas mãozinhas de piedade podem caber e tenta colocá-las de novo nos ramos donde caíram.

Até que, exausta, é vencida pela Fatalidade do Outono e do Vento, que nem a ingenuidade de amor daquela alma conseguiu comover. //

87 E nós queremos o Amor, e, como não sabemos os seus caminhos, somos a grande criança a desafiar a Fatalidade, que nos leva indiferente na vertigem da sua loucura.

É Noite, meu Amor, nos Caminhos das Almas!

E eu vou perdido na Noite, em vão clamando...

O que será esta Noite em que me afundo e perco?

Se percorro os caminhos da Vida e me vou afastando do Sol do teu amor é um amortecimento de luz e de memória, da companhia das almas e das cousas, até um silêncio sem margens, onde a claridade morre nas praias duma infinita noite.

Como dessa Noite cheguei eu, meu Amor, ao dourado fio do teu cabelo feito luz, que nessas remotas praias da memória e dos mundos foi o sinal da tua Presença?

Rei Lear da grande, da única Noite do Abandono, não posso lembrar a mão que me conduziu; morre aí a minha memória: que eu não me lembro de Ti para além do teu nascimento e sei que nunca abandonaste a minha alma.

88 A Noite é a distância dos teus olhos, a // Noite é o afastamento de Deus e as estrelas são os abraços de milhares de almas errantes que se reencontraram na Noite.

Os astros são jubilosos himeneus, como o são os abraços nupciais das nebulosas antes do nascimento dos mundos...

As almas perderam-se na Noite e disso me relembro eu, oh meu Amor do Infinito!

Olha, meu grande amor de para além dos mundos, eu era criança num colégio frio e triste! Estava, de noite, na sala de estudo fitando amorosamente uma estrela longínqua; de repente fez-se em mim um brando delíquio íntimo e senti-me partir misteriosamente para o astro que me encantava.

Sem que o meu corpo se deslocasse vogava na Noite a minha imaginação (?) e vogava alegre ao rumo do astro amigo.

De pronto (como me lembro, oh meu Amor das Nebulosas!) senti um estremecimento de frio e medo; como o contacto da minha sensibilidade com tudo o que é feio na vida, aracnídio e molusco de gigantescos abraços sugadores.

89 E, em mim, no corpo infantil que eu fui, tombou, como ave moribunda no ninho, o meu próprio medo dobrando as asas da fuga, // mortas de fadiga, encolhidas, aconchegadas, feitas pequeninas dentro desse corpo infantil que eu fui.

Foi decerto assim que as almas se perderam até às praias da Infinita Noite, onde ficaram, porque sempre foram repelidas nos

primeiros voos para além dessas praias; nenhum navio sulcará jamais esse Mar do Nada.

Repelidas?

Atraídas por o olhar divino, remoto luar de amor, que enreda e fecha num abraço reaquecido a linha do horizonte das mais longínquas almas, que iam a sumir-se no abismo do Nada...

E numa melhor Noite repassada de auroras adormecidas é que as almas erram em procura do abraço que acorde todas as auroras e, com sóis, estrelas e mundos, se faça a divina luz de amor pela amplidão: harmonia das esferas, canto do rouxinol, palavra do homem, cristais de lágrimas tombando na dura peneira da Vida.

Tudo caminha para o *Milagre do Encontro*.

Os astros são beijos dos formidáveis caminheiros do Infinito, os ninhos são um encontro de asas e a lareira, que é altar da // Família, é o encontro das almas e tantas que, nas invernia dementadas, as orações dos que estão são estradas de luz a guiar à lareira as pobres almas penadas, sem Cordélia ou Antígona que as trouxesse pela mão.

90

E nessa Noite da Vida, oh meu Amor de além dos mundos, foste a Cordélia e a Antígona, o padre-nosso da minha alma, a mais pura luz dos mais santificados pensamentos, a correr direitinha em volta dos mundos à procura dos mendigos que pudessem socorrer.

E eu a sombra, alma errante; do outro lado dos mundos, o transviado da luz redentora do teu caminho.

Eras a Aurora de todos os mundos, e eu, dobrando a linha do horizonte, era a Noite que os envolvia!

De astro em astro, de nebulosa em nebulosa, luz das aglomerações cósmicas, levavas as estrelas cravadas em teu manto e eras de longe o Sol amanhecendo as almas.

Na minha cegueira triste, em meus olhos de pálpebras descidas, ia clareando, através dessas pálpebras, a manhã do grande Dia.

Pelo milagre da tua presença, por entre as pálpebras cerradas entrou o primeiro fio // de luz e meus olhos ceguinhos, nadando em luz, acordaram para o pressentimento do teu Amor...

91

Que suave deslumbramento!...

Ele aí vem o meu Amor: é lesto como o veado novo, saltando colinas, na glória da sua agilidade.

O meu amor é tímido como a gazelinha, e, em sua graça de antílope, eu o vejo ao longe a brincar nos prados.

O meu Amor subiu ao alto dos montes; o meu amor é o sol, que do alto dos montes, com os raios do seu olhar, suavemente beija a verde face da terra.

O meu Amor é o arroio que entre a rocha abriu seu coração e da Serra da Estrela sobre o coração de Portugal vai entornando os seus tesouros.

O meu Amor é o Tâmega, flor de ledícia, que corre, feminino e verde, a abismar-se no corpo tormentoso, barrento, fragaroso e trágico do Douro magoado.

O meu amor é a nuvem dos ares que lá no recreio daquele colégio brinca os seus folguedos, e, nos jogos da sua alegria, passam rebanhos contentes, figura-se o Adamastor e corças e veadinhos.

92 O céu é a grande tela onde todas as // imaginações livremente pintam o jogo das nuvens que trazemos na alma.

O meu amor é a chuva do estio, repintando a paisagem, empoadada e triste, da verdura duma nova vida, das marés vivas duma nova seiva.

Tudo morria de secura e velhice e a chuva que é sempre nova (a água é a infância da terra) pôs toda a terra a rir e a cantar em sua verde máscara de saúde.

O meu amor é o perfume do tomilho e da alfazema, do alecrim e do rosmaninho: o nevoeiro de aromas que sobe das queimadas do Marão.

O meu amor é um ramo de nardo que num só instante entregasse ao Vento toda a riqueza do seu perfume, é uma rosa de Alexandria penetrando de aroma todos os recôncavos do meu jardim.

Ele aí vem o meu amor, e que lindo é em sua frescura! Como Anfitriote a sair dum mar de leite, o meu amor tem uns olhos tão líquidos que se derramam em torno de si: o olhar do meu amor vive até para lá dos seus profundos olhos negros.

Como não hei-de encontrar o meu Amor, agora que um fio de luz se insinuou entre as minhas pálpebras e as vai abrindo para a sua luz que é a luz de toda a terra? //

93 Como não hei-de encontrar o meu amor, agora que carreiros de cordeirinhos me indicam os prados onde ele brinca, agora que as queimadas do Marão e o incêndio da lua nascente me indicam as suas moradas?

O meu amor me cerca de perfumes, e a aragem, que de encontro ao meu ouvido bate como no alto mar de encontro às velas, conta-me os segredos que em sua alma, para mim, e ungido de perfumes bravios traz o meu amor.

Vento do Levante vai espalhar pelo mundo os aromas de rosa e jasmim que são os leais companheiros do meu amor.

O meu amor vem andando para a minha alma, decidido, certo, refulgente e vitorioso como a espada de Alexandre.

O meu amor é um assalto de luz, o assalto dum exército de armas brancas ao Sol, deixando só ver as refulgências ofuscantes.

O meu amor é, do Himalaia dos mundos, um Ganges de luz tombando a lavar todos os negrumes.

E é também o humilde fio de água que, em menino, me aconchegava o sono, correndo a cantar em frente à casa onde eu nasci; a fonte, que, sob a laranjeira do meu // quintal, ainda hoje tem para a minha sede os mesmos carinhos antigos. 94

E é o Mar Alto onde, há anos, corri de velas pandas no entusiasmo da minha força juvenil; e a lua a entornar o sonho sobre esse Mar e aquele toque de *Angelus*, de descer a bandeira, que trouxe o mar aos meus olhos e fez correr em fonte o meu amor de Portugal.

És, meu amor, a boca fresca das furnas donde parece sair o próprio coração da terra em beijos de fetos que são mãos abertas de verdura, e aquela trepadeira japonesa que numa cidade à sede e, tendo tapado o poço das águas, os homens se não atreveram a tocar, e o espelho da lenda nipónica onde uma filha contemplava, revendo-se, a sua Mãe já morta e onde eu vejo passar todo o ciclo dos mundos e a curva dos teus olhos.

Que hei-de dizer ao meu amor, se toda a terra canta as suas virtudes, se todo o céu se move ao ritmo da sua Beleza?

Ela aí vem para mim e o fio de luz que abriu meus olhos é o relâmpago jorrando deslumbramento: à flor da água e do céu eu voo, desfeito em humildade, antevendo apenas a vaga forma alongada das minhas mãos erguidas. //

Flutuando, cantando, rezando, são minhas mãos erguidas a pobreza de dizer da minha alma, só adoração, enlevo, humildade, gratidão infinita ao meu Amor que se avizinha. 95

Os cânticos sobem de altura e, dentro em mim e em torno, tão alto subiu a oração que todas as vozes fundidas são a névoa do Verbo criador!...

Eis que o meu Amor toma a minha mão de criança e me leva a conhecer o mundo.

O que faz abrir às aves seus olhitos novos: é o calor do Sol ou o calor das penas e do canto de seus pais?

Eu vou pela mão do meu Amor invisível contar as margaridas dos carreirinhos dos montes, ver a alegria buliçosa dos in-

sectos fugindo sob as ervas, o canto do grilo e da cigarra, e, à beira dos regatos, o voo elegante da libélula.

Na mão do meu Amor eu me aquietava ao passar nos barrocais por entre o milho alto onde o criado da casa me tinha falado duns animais ferozes que eu supunha serem tigres e sei hoje serem texugos.

Pela mão do meu Amor eu corria ao regato, para lá dos Moínhos, a precipitar-me do amieiro grande no verde corpo das águas. //

96 O meu regato era um beijinho de água sobre a areia.

Os rios são relógios de água e as horas do meu regato eram silenciosas, altas, com a grande cúpula do céu, e no pinheiral ao lado a meiguice das rolas acalentando toda a encosta do Monte. Só de vez em quando quebrava a meia voz daquele silêncio Augusto a correria dum melro rascanhando as asas e o canto, por entre os loureiros e os silveirais das bordas.

E eu de olhos muito abertos de assombro olhava a paisagem como se uma misteriosa ninfa a habitasse, e tudo o que era tangível apenas fosse o vestuário dum grande ser oculto cujo bafo eu sentia de encontro às faces.

Esse sentimento de presença era tal que nas voltas dos caminhos da minha aldeia sempre esperava ver surgir do Ar a aparição que me acompanhava.

E, se hoje lá passo, vou de companhia com muitas crianças que são os cadáveres da minha infância ressuscitados em minha Memória.

97 Havia um caminho na orla do Seixoso que eu sempre pintava em minha mente imaginativa como terminando em suspensão // sobre o Abismo, onde, suspensa, acabava a terra.

E de lá, em pânico, fugiam as imagens do meu sonho até ao beiral de colmo, que era nosso e de toda a passada da aldeia.

Andei sempre, em minha vida infantil, duplicando o que via, do oculto da minha imaginação.

Que mundo era esse que se filtrava pela tangibilidade das cousas, permeando de sonho e íntima companhia a dureza do mundo visível?

A minha infância era um dilúvio de sonho a embeber o mundo, que eu pisava; como um jorramento de águas caudalosas a que todas as fontes e reservatórios não bastassem.

Alguém que viesse da cidade cheio de vida comunicativa e tivesse de adaptar toda essa opulência ao formulário duma velha casa provinciana, onde, há séculos, a vida tivesse estagnado!

Ai, a infância, oh meu infantil Amor!
Infância, crepusculozinho do Céu?

Quando o Sol dobra o horizonte em que mundo vivem os seres tocando, na luz, a linha da sombra?

A infância é, já na sombra, um fio de luz ainda. //

Essa luz é o Amor, simples presença invisível, que faz o as-sombro e os medos dos grandes olhos das crianças.

98

Pela mão invisível do meu Amor (teria ele já nascido para a terra?) eu andava pelos montes, pegureiro dos meus rebanhos de imaginação, louco duma cisma imaginada, capitão de ladrões duma quadrilha ideal que descesse ao povoado a trazer o bem às alminhas tristes.

E pela solidão dos montes da minha aldeia eu deixei tantos farrapos de sonho que talvez ainda hoje cubram, em manhãs de névoa, os tojos bravios e as urzes tristes.

Eu e o meu sonho!

E o meu sonho era o firmamento carregado de astros e a terra matizada de flores.

Caminhava pelas veredas da vida, só com o meu sonho, a sorrir e a cantar!

Como um louco que enche das flores dos caminhos o seu velho chapéu, assim eu andava vestido de estrelas e nelas via, em anúncio, o reflexo do teu olhar em lágrimas esparsas pelo Infinito.

Eu e o meu sonho! E vesti de sonho toda a terra que meus olhos abrangiam, e o céu e uma saudade misteriosa, que era a fonte inquieta desse Sonho. //

O meu Sonho doirava todas as montanhas que limitavam meus olhos, e eu não sabia distinguir os dedos da Aurora dos fios do meu Sonho!

99

Oh, meu infantil Amor!

Como é difícil a uma criança distinguir o seu sonho, que é a sua realidade, do que os homens já cristalizaram em realidade para eles!

As escolas, meu Deus, que tortura!

Fui dos montes da minha aldeia para a escola dos substantivos e advérbios e eu, que sabia amar as flores, as águas, as árvores e a vida, não podia entender o que era um substantivo.

Mas era lá ao longe, na Régua, e as casas tinham andorinhas e debaixo da ponte as andorinhas faziam ninhos de amor e ale-

gria, sobre o fragaroso ^(a) e barrento rio Douro; e, em curva graciosa do teu olhar divino, o Salgueiral era uma festa de árvores removendo as folhas adentro da minha alma.

Andava perdido, sempre sonhando na antemanhã deste grande Amor!

E, numa Páscoa, com um grande ramo de palmeira, bati a todas as portas, gritando uma Aleluia, que era em meu coração a presença da luz que nos outeirinhos da minha alma sempre ia crescendo... //

100 Para mim caminhava o meu Amor, e, em sua névoa indistinta, cada vez mais perto era o teu perfil de Santa.

Pelos montes sobranceiros, e, em escadarias, subiam as vinhas e as casas; os laranjais eram, em perfume, a tua casta Anunciação e, das bordas dos campos na proximidade das águas, os sabugueiros eram uma louca prodigalidade de aromas...

O leito do Rio é, mais abaixo, o campo duma tremenda batalha de Titãs, os cadáveres que o enchem são brutos corpos de pedra, membros partidos que a água morde.

E, abertos em asa, os montes do alto são o voo extático do Abutre sobre o rio: o grande Prometeu das águas.

A minha alma escarpou-se quando por meus olhos entrou a agonia dessa paisagem e nos meus olhos ela ficou chorando uma saudade mais velha que os mundos, e, em meus olhos de dor, bebem as árvores da serra as lágrimas da sua sede.

A lírica candura da minha aldeia e da minha alma queimou-se nos alcantilados daquelas serras e da minha saudade, e fiquei, em grita, a pedir socorro ao meu invisível Amor! //

101

É Noite, negra Noite, em minha alma e no Céu!

De meus olhos abertos fugiu a divina luz da tua presença e meus olhos rasgados de medo nada pressentem sem a luz do Sol!

Perdi o sentido do invisível, perdi a lembrança do meu Amor!

Socorro! É o grito que na Noite ecoa e é a voz dos mundos, das cousas, dos homens e da minha alma solitária.

Perdi-me na terra de tanto mergulhar em seu amor e não quero libertar-me em lembrança, abandonando as tristezas que se me aferraram da alma.

Meu Deus! meu Deus!

(a) Na 1.ª edição figura «fragoroso».

Como é negra a Noite e como os astros vacilam próximos da extinção!

Parece que o Vento do inverno chega aos céus e apaga, de companhia, as lâmpadas dos caminheiros da terra, os faróis dos Oceanos e os astros do Firmamento.

Navio, em destroço, corre ao largo, sem leme, na cerração duma Noite sem astros... Socorro!

As águas sepultam as vozes e o vento em fúria é tão louco que as vem trazer à praia... //

.....

102

Na esplanada da costa, a Oriente do Mar, surge uma claridade tão doce e amiga que a confiança reentrou nas almas dos velhos marujos onde as águas ululavam um raivoso cântico de Morte.

É o sol ou são os teus olhos, oh *Senhora da Bonança*?

Ele, o Sol, assoma de além das Montanhas e o teu vulto de luz cresce na esplanada da costa, oh farol dos Nautas, para a grande aurora das almas!

.....

E a música vem da profundidade da Terra, sobe pelos caules e desabrocha em gomos.

Vem do Oriente em asas e regaços de Luz.

Quem é, quem é?

Uma forma que cresce e se aproxima cometa errante, lembrança do fundo de alma, os olhos do meu Amor?

Os olhos do meu Amor!

Na esteira desses olhos os navios perdidos vêm ancorar na praia e as aves pressagas batem de encontro às janelas da sua casa na alucinação do Sol Levante.

A minha alma é uma caravela carregada // de alegria; ela voga, na estrada de teus olhos, oh minha *Senhora da Bonança*!

103

Mas para onde vou eu neste mar de luz?

.....

E são tantos os caminhos que correm ao encontro!

É nas encruzilhadas dos caminhos, na confluência de tantos cursos, que a imaginação do Povo levanta a branca aparição das fadas.

Para aí correm os mistérios de todos os pólos, os nautas de todos os rumos e, mais que no grande porto de mar onde se juntasse a Babel das gentes, é, na convergência dos caminhos da terra e do Céu, a verdadeira Babel do Infinito.

No alto dos Céus e nos longes de origem era o misterioso ser andrógino, onde a essência espiritual do feminino se unia em

pronta dádiva e ternura humilde à essência masculina, de conquista, lúcida compreensão e perfeito domínio.

O ser andrógino multiplicou em duas a sua consciência e esta duplicação separatista arrastou consigo o nascimento dos sexos.

104 Eis a gênese dos sexos no Infinito: ponto de desencontro dos caminheiros, que se // partem por caminhos diferentes a dar a volta aos mundos, para logo movidos duma saudade que lhes vai traçar os novos caminhos para o *Milagre do Encontro*.

E assim partiram, pelo Infinito, o homem e a mulher, em busca um do outro e por diferentes caminhos escabrosos sempre vêm ao *encontro* que os ilumine.

A metade dádiva ou sensibilidade e a metade conquista ou inteligência são as metades, mulher e homem, do primitivo ser andrógino.

Mas a vida não é só resgate, é também crescimento e beleza; se homem e mulher se separaram não foi para o simples trabalho do reencontro.

Eles não-de trocar de novo suas almas, mas sem fusão, pelo milagre mais alto do Amor.

E cada um traz do Infinito o saber e a lembrança de seus caminhos diferentes.

105 A mulher foi no Céu a nebulosa que recebe o ósculo masculino da nebulosa vertigem que sobre ela se precipita e de seu contacto brotam, a vibrar, a música e os mundos; ela foi o ninho que acolhe as asas da conquista, ela foi na caverna a cama de folhas afogada à espera do companheiro manchado do // sangue das feras abatidas, foi a flor dos caminhos e a renda e a espuma do Mar e tudo o que é fresco, leve, dadivoso e humilde, e foi o olhar do cego, o bálsamo do pobre e o próprio berço: Antígona, Madalena e Virgem Maria.

Foi no céu e na Terra o recolhimento e, silenciosa, a própria Saudade a recordar.

O homem vem do Infinito tombado como anjo rebelde querendo dominar pela força do seu braço e pela luz da sua inteligência, e, na Terra, relembrado ainda, aquece no amor dos homens a violência do seu combate, e é Hércules e Prometeu.

Cinturam os mundos e pelos seus caminhos em cânticos de guerra (por vezes de amor e saudade) eis que homem e mulher caminham para o grande milagre do encontro...

É manhãzinha, as aves fazem um halo de canto em torno do Sol ainda menino e na aragem desta manhã perpassa o mistério do

Génesis: a seiva vai acordar nos troncos aos quais o nevoeiro anda a lavar o sono e muitos botões de rosa vão abrir no meu jardim, que o Ar se afasta docemente na forma do teu seio virginal.

A música da terra vem de longe e numa // coreografia divina, eu vejo os pés da Mulher, Eva ideal, caminhando sobre o planeta a abrir com sua frescura os adormecidos cálices das flores.

E vejo o homem medindo o firmamento e a terra que pisa, melancólico duma vaga nostalgia, caminhar ao encontro da Eva ideal nas linhas em que a sua própria nostalgia o vai enredando e conduzindo.

A música sobe, tonturas de voz clamam, e, na oura dum violento meio-dia, os olhos se encontraram, reconheceram e, num relâmpago, em suas memórias repassaram os tempos: hora em que todos são Poetas, porque à compreensão conquistadora do Homem se deu a sensibilidade acolhedora da Mulher.

Dois olhares que se chocam, reconhecem e fundem em pura alegria originária...

.....

Cai docemente a tardinha e na orela da Noite, num lampejo aflitivo do Sol moribundo, toca o pavor dum adeus e caminhos fora vai de novo uma Saudade eterna.

Insectos errantes tocando-se em luz e logo perdidos na escuridão da Noite?

Para onde, para onde? Nebulosas que se beijaram e se morreram em sóis?

Até quando?... //

.....

Tinham-se *encontrado* as nossas almas e tão carregadinhas de sonho que só a Eternidade chegaria para a troca deste amor!

Conhecia-te de antes dos mundos, oh meu Amor Eterno!

Vamos lavar nossas almas do pecado do esquecimento, que cada um de nós é para o outro o poço de águas vivas dado por Cristo à sede da samaritana.

O adeus da separação não o podem ouvir nossas almas: não mais seremos os transviados do Amor.

Calou-se o Vento, é Dia no céu e nas almas, só porque nos *encontramos*, oh meu saudoso amor!

E agora seremos sempre juntos: sempre que dois corações se amem, no mais amoroso cantinho do seu amor nós estaremos presentes, de mãos erguidas, silenciosos, a orar.

Que importa a Morte?

Os namorados que hão-de vir nada poderão dizer do seu amor sem que nossas almas do além corram a juntar-se na verdade daquele amor.

Lembras-te, minha Senhora da Saudade, da alegoria da caverna do velho e sempre novo Platão? //

108 Também esta vida é uma caverna em que só vemos a sombra das almas, e, se as sombras se juntam em amor rezando, é porque na divina luz da eternidade perpassam unidas as claridades das almas.

Pode alguém amar na terra sem que no melhor do seu amor estejam presentes, orando, as grandes almas de amor no Infinito?

Pode a electricidade alumiar uma casa sem que venha do grande laboratório cósmico em que reside?

Pode hoje fazer-se um puro acto de caridade sem que do Além, serena e luminosa, assista a figura de Cristo?

A cor duma rosa é duplicada do seu perfume, a presença visível do amor é sempre duplicado do coro invisível das almas, que, em puro amor, subiram até Deus.

E só o amor eleva a Deus.

As almas fugiram do seio divino e só um grande sentimento de unidade dele as pode de novo aproximar.

Imagina, meu Amor, que dum pombal contente se partiram em fúria e guerra todas as aves e no fragor da luta se cegaram de ódio e não reencontram sua casa perdida.

109 No fragor da luta e dos voos de ódio e guerra, duas se encontram e aproximam em // amizade; a sua união é logo uma saudade do ninho, que as irá reconduzir ao seio carinhoso donde se partiram.

Duas almas *encontram-se*, entendem-se, amam-se; e logo se fez uma *unidade* que as abraça.

O Sol e a Terra encontram-se nos abraços da gravitação: alguma unidade os enlaça juntos no ritmo de seus movimentos.

Nossas almas se *encontraram* e *amaram*, é que o Amor lhes deu a unidade em que se abraçam.

Duas almas que se amam é porque se encontraram no puro Amor de Deus.

Eu sei, minha Saudade, que Satanás também imitou o amor; mas esse é um episódio do sexo a que o hábito pode colar, por favores trocados, um pouco de amizade.

O amor, de antes e para além dos mundos, é a pura unidade divina envolvendo as almas que se reencontram.

Que alegria, aleluias sem fim, vamos viver sempre juntos no eterno abraço deste eterno Amor!

Já reparaste, minha Saudade de Deus, como a Vida se comunica e junta?

Olha as fisionomias das pessoas que muito se estimam e tu hás-de ver que mãos // ocultas lhes modelam o acordo: a harmonia é o verbo e o verbo é a própria criação.

110

Põe a vibrar uma lâmina carregada de areia e verás o verbo-som fazendo nascer a geometria.

Põe dois corações de acordo e verás seus corpos a aproximarem suas formas. O amor de duas almas é a inserção de cada uma no mais íntimo da outra.

Lembras-te, meu Amor, daquele dia, de glória e ventura para a minha alma, em que de longe, descendo uma das ruas da cidade, senti a aura magnética do teu olhar para além dos teus olhos?

Como ofuscado busquei-te, e logo teus olhos poisaram nos meus um beijo de amor longo como os séculos, suave, macio e lento como as cortinas do meu berço.

Muitas horas depois me dizia um meu amigo Poeta: «que tens tu hoje nos olhos, nunca vi tanta alegria e brilho no teu olhar?!».

Era a esmolinha dos teus olhos que ficara a viver na luz do meu olhar, vestindo-o como o sol veste a pobre lua abandonada e triste...

Se o teu olhar de amor é semente, que, onde cai, vive e cresce — o que verá o nosso amor, raio da luz divina, entendimento das // nossas almas no próprio coração de Deus?

111

Tu és o meu eterno feminino, a luminosa metade da concha doirada onde dorme a eterna semente dos mundos, a terra lavradinha e pronta onde o beijo do sol de Deus fez crescer os trigos, a rocha profunda onde a chuva dos céus se acumula, como na concha das tuas mãos, para as sedes do estio.

Cristo dando a sua vida pelos homens sabia dum saber transcendente que a vida é *una* e no coração divino se há-de fazer o reencontro das almas perdidas. Nós podemos medir o grau da nossa sabedoria e do nosso amor pela grandeza da nossa capacidade de sacrifício.

Felizes de aqueles que encontraram uma alma para o qual são puros cristãos, capazes de serem lenha de sacrifício dando o seu corpo de miséria às labaredas do seu Amor!

Para eles se começou a contar o tempo do Resgate, eles caminham para o abismo em que se some o tempo e os relógios se fixam na hora eterna do Reencontro.

112 Se Orfeu não pôde arrancar Eurídice ao esquecimento do Inferno foi porque o pecado do seu olhar carnal fez desaparecer a Eurídice divina que era já espírito, pura presença // do Amor; mas ela subiu em beleza e presença espiritual, e, do alto dos céus, é a Beatriz de Dante abrindo ao Poeta os arcanos do Além.

Que o nosso Amor suba até Deus e aquele «para onde?» e aquele «até quando?» que, há pouco, gritou a minha carne, irão desaparecer em pura glória eterna.

E, no infinito, unidos, Orfeu e Eurídice, Beatriz e Dante, Pedro e Inês e todos quantos no Amor humano tocaram o mistério do Amor divino, seremos gloriosos cânticos de louvor, dadivas harmonias, a bondade profunda, que do firmamento suspende os mundos, remove os Mares e as Almas!...

ADORAÇÃO



CABOU a minha oração de palavras. Elas só valem para preparação do silêncio que as continue.

Vou calar-me e no silêncio que vai fazer-se é que melhor sentirás a profundidade do abismo de Alegria em que me afundaste.

Toma as minhas palavras e faz delas, pobres avezinhas quase mortas do esforço de voarem a este amor, seres vivos e contentes, oh minha Santa Isabel!

Em teu regaço deito a morte deste livro e sei que no calor do teu regaço, se um olhar de carinho o abençoar, ele será rosa de amor abrindo as pétalas imensas na escuridão da minha Vida.

E como rosa de amor é meu coração, abrindo as asas na penedia do meu peito...

Vi no Tâmega um penedo de cujo rude e duro corpo saía, a meio do rio, uma planta erguendo ao alto, como o lampadário dum templo, fusos de inquietas floritas róseas.

O rio lá tinha deixado a frescura de sua água e terra, agora de novo oculta pelo depósito dos granitos.

Assim dos fragaredos da minha alma sobe a flor desta adoração, porque lá ficou // para sempre a infinita frescura dos teus olhos...

As deusas da velha Índia apareciam aos videntes no cálice do *lotus* sobre os lagos cismáticos e tranquilos; tu ficarás para sempre vestida das pétalas da grande rosa do Amor e, no silêncio que vou fazer para melhor te adorar, há-de crescer sempre para a fragilidade da tua graça uma leal protecção, que será a coluna de mirra do meu sacrifício.

Se a tua Alegria exigir que me pises, só quero sabê-lo para não oferecer aos teus pés a dureza dos meus ossos e dar-lhes, para caminho, a brandura do meu coração, que morrerá contente a palpitar por ti.

É tarde, meu Amor, de mais falámos.

Faça-se o Silêncio e que tua alma escute como nesse silêncio nasce e cresce o infinito mar deste amor eterno...

Os mundos rolam na escuridão da Noite e nela arde, em astros, o silêncio da meditação divina.

Que lindo dia, humilde, de prata líquida pelos ares, meu Amor, este em que se finda em palavras a oferta da minha humildade ao encanto dos teus olhos!

115 É um dia de lágrimas suspensas como se // nos olhos de Deus boiasse o enternecimento deste nosso Amor...

Já viste sorrir uma criança adormecida?

É, como o movimento da água que na superfície ressoa do estremecimento do Abismo, o vestígio na terra dos seus folgueiros com os anjos.

Já viste uma casa abandonada por um rancho de crianças, que parte, em louca alegria, a correr nos prados sobre as borboletas que o Ar sulcam como brancas velas do oceano imenso?

... No silêncio dessa casa palpita ainda o remover da alegria que partiu correndo, abrindo ao Sol, rubras papoulas, a vermelha alegria dos seus risos...

Esta noite ouvi rir alto uma criança adormecida: foi como um grande jasmineiro que a brisa destoucasse e se fizesse alegre, murmurosa cascata de brancos jasmims tombando...

E o riso ecoava quebrando-se em horizontes sem fim...

A chuva de brancas asas do jasmineiro seguia, para longe do corpo adormecido, os misteriosos caminhos do Céu.

116 Assim, estátua do Amor, eu ficarei, de joelhos, na terra ingrata e pobre, enquanto // nossas almas irmãs, orando, vogam pelo Espaço.....

O Espaço é um infinito oceano de alvura.

Rios de luz correm em brancas reverberações e agora da boca das fontes e das almas cai, em cântico e murmúrio, um branco fio de luz...

Onde estamos nós?

.....
Que luz é esta, oh meu Amor dos Céus?.....



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LAUS VIRGINI

ERRATAS

Dos inevitáveis erros de composição não cuidou o Autor, que quis oferecer este livro ao coração e à inteligência.

Há de resto obrigações ortográficas, que, por inestéticas, o Autor não pôde receber neste livro.

Nota sobre a ideia de Tempo e a Física de Einstein

O final do último século e o princípio deste foram abalados pelo revolucionarismo científico de tal forma que a filosofia, que é a redução de todo o pensamento às categorias essenciais do pensamento colectivo, e portanto conservadora e burguesa, como diz Lenine, perdeu pé e uma onda de apelo fideísta e místico percorreu os povos.

É curioso comparar a velocidade de difusão e acomodação filosóficas às ideias evolucionistas vindas das ciências naturais com a lentidão e o inadaptativo ^(a) temor perante as ideias científicas vindas ultimamente das ciências geométricas e físicas.

Enquanto o revolucionismo mecanista se divulgava até ser arma de acção política, o não-euclidianismo do Espaço e o não-galileanismo do Tempo não conseguiram ainda impor-se aos próprios espíritos cultos e, por vezes, aos próprios sábios.

Quanto ao Espaço, é curioso observar o esforço dos gigantes para a demonstração do postulado de Euclides e os medos do próprio Gauss perante a categoria do pensamento colectivo de Espaço, em alarme.

E ainda, por cá, espíritos cultos pedem socorro para o grave perigo que ameaça o pensamento geométrico em crise.

Hoje o problema é simples e o pensamento vai-se adaptando à concepção dum *Espaço genérico* diferenciado em *espécies* por características peculiares, saindo do tronco genérico comum.

Quanto ao tempo, ainda não se fez a adaptação e há muitos espíritos, e bons, que ainda não acreditam na necessidade do tempo einsteiniano.

^(a) No artigo figura «anadaptativo».



Vejam os em que consiste a nova ideia do tempo.

Deixemos por agora a teoria com gravidade e vamos (o que basta para o caso) à teoria da relatividade restrita.

Para explicar a falência dum conjunto de experiências tendentes a provar o movimento em relação ao éter dum sistema físico, aparece a ideia da contracção Lorentz.

Acha depois Lorentz que a *transformação* precisa, para representar os fenómenos electro-ópticos passando dum sistema $S_1 (x_1 y_1 z_1 T_1)$ para um sistema $S_2 (x_2 y_2 z_2 T_2)$ em que os eixos $O_1 z_1$ e $O_2 x_2$ coincidam e os planos $y_1 O_1 z_1$ e $y_2 O_2 z_2$ fiquem paralelos e na mesma disposição quando os sistemas se deslocam um em relação ao outro, deve ser esta:

$$(1) \quad \begin{aligned} x_2 &= B (x_1 - ac_0 T_1); y_2 = y_1; \\ z_2 &= z_1; c_0 T_2 = B (c_0 T_1 - ax_1) \end{aligned} \quad (\alpha) \text{ onde}$$

$B_2 = \frac{1}{1 - a^2}$ e a dada por $v = ac_0$, sendo c_0 a velocidade da luz que é nesta teoria, sem gravidade, uma constante absoluta.

O ideal da teoria é achar que para todos os fenómenos físicos que se passam concomitantemente em S_1 e S_2 é possível encontrar uma relação *co-variante* referida à transformação Lorentz.

Isto explica todas as experiências que fizeram nascer a teoria, prevê certos fenómenos, ^(β) alguns já verificados, liberta da prisão do absoluto, e é, transformada e generalizada, nas mãos de Einstein, um método novo de síntese da fenomenologia física.



Vejam os que de particular acontece com a noção de tempo.

Das fórmulas (1) deduz-se, para o caso particular de $x_2 = 0$, a expressão:

$$T_2 = T_1 \sqrt{1 - a^2}$$

(α) A equação adoptada tem em conta a advertência da «Nota da redacção» constante no fim do artigo «Sobre o amor platónico», publicado in *A Nossa Revista*, Porto, ano I, n.º 4, de Outubro de 1921 (p. 309 da presente edição).

(β) O artigo omite a pontuação «,».

O que quer dizer que os tempos representados pelos TT' são diferentes para cada sistema.

Assim no caso particular em que S_2 se move em relação a S_1 com uma velocidade vizinha da velocidade¹ da luz, em que por exemplo, seja $a = 0,99995$, teremos para T_2 o número 2 e para T_1 o número 200.

Aqui começam as dificuldades de interpretação.

Os críticos costumam dizer 2 anos num caso e 200 anos no outro: Seria a autêntica fonte da Juventude, podendo a jovem mulher que partisse num sistema regressar ao fim de dois anos e encontrar na terra, onde deixara um loiro bebé, bisnetos, que, desconhecendo-a, dela ainda se enamorassem.

É assim?

Não será, como pretende Guillaume, a simples contagem do mesmo tempo em unidades diferentes?

Os corpos que viajassem com a velocidade da luz conquistariam a pura imortalidade?

Seja qual for o T_1 a fórmula dá, com efeito, para T_2 , no caso de

$$a = \frac{v}{c_0} = \frac{c_0}{c_0} = 1$$

um valor nulo.

Nota Guillaume nos seus estudos magistrais publicados na *Révue de Métaphysique et de Morale* que estas conclusões são contraditórias com o próprio espírito de relatividade da teoria e procura mostrar como a explicação do fenómeno dada pelos relativistas, sendo um apelo à *aceleração*, é indirectamente um recurso ao sistema absoluto de Newton.

A observação é subtil, mas os relativistas podem desdenhar explicações e dizer que isto é uma simples consequência dum princípio largamente verificado pela experiência.

O *mesmo* fenómeno-medida *visto* dum sistema ou do outro divide-se em 2 ou 200 partes da medida consoante o sistema de que é visto. Teremos, então, um tempo abstracto, *género lógico*, que é o tempo t de Galileu, e muitos tempos mensuráveis, físicos, experimentais, *espécies científicas*, que são os vários TT' de cada sistema.

Mas seriam possíveis estes TT' sem aquele t ?

¹ Ver Langevin e o nosso *Criacionismo*; Janeiro e Maio de 1912.

E não é sempre possível em cada sistema uma medida em t ?
É possível o metro sem o género quantidade e correlativa teoria das medidas?

São possíveis os espaços hiperbólicos, elípticos e parabólicos sem o género espaço: simples forma de exterioridade, como diz Russell?

E quando comparamos os TT , não o fazemos no regaço dum t que serviu para definir os movimentos e achar as equações que os traduzem e tomamos na base da própria teoria da relatividade?

Esse t , que é o limite onde morrem as variações e começa a pura uniformidade, entra implicitamente na constância da velocidade da luz.

A física de Einstein não vem, como as geometrias não-euclidianas, mais que a mostrar como o real obriga os conceitos limites a uma *especificação* adaptativa e também como conceitos separados ainda pela abstracção, como o Espaço e o Tempo, são solidários e indissolúveis na vida da Experiência. De resto, a própria teoria recebe o equivalente das antigas abstracções até aos limites, quando começando por tomar a absoluta constância da velocidade da luz no limite ideal (em relação ao mundo físico) dum campo inteiramente exaurido de gravitação, acaba por introduzir, com esta, as modificações adaptativas necessárias, fazendo desviar os raios luminosos e todas as perturbações electromagnéticas nos campos gravíticos.

Eis o resumo, em nota, do que desenvolveremos no livro sobre a «Teoria do conhecimento», que será a nossa preocupação intelectual deste ano lectivo, que vai começar.

Esta nota é apenas o bastante a mostrar a evolução experimental dos conceitos, de acordo com o pensamento, que vimos desenvolvendo *desde 1912*.

11-8-1921.

Empregam-se neste artigo letras latinas, em substituição das clássicas, porque estas últimas não as possui a tipografia onde esta revista é impressa. *Nota da Redacção*.

(*A Nossa Revista*, Mensário Fundado por Alunos da Faculdade de Letras do Porto, Porto, ano I, n.º 3, de Setembro de 1921.)

Sobre o amor platónico

(*Excerto do prefácio à tradução do Banquete de Platão
pelo Dr. Ângelo Ribeiro*) ^(a)

Vulgarizar é degradar. Quando encontramos, pois, vulgarizada uma ideia ou doutrina, é de contar que o seu alto significado de beleza ou verdade está bem longe do pensamento comum.

O nosso dever para com essa ideia e para o comum das gentes consiste precisamente em retomar a ideia do chão em que a encontramos e erguê-la de novo aos picos donde começara irradiando a sua luz imaculada. O platonismo foi na manhã do pensamento clássico uma doutrina tão alta que em breve tinha de descer para ficar ao nível das melhores inteligências planetárias. Foi assim que perdendo em altitude se foi espalhando por outeiros e planícies até à vulgaridade verbalista e oca a que na planície da chateza humana ficou reduzido.

É assim que o vulgo chama *platónico* a tudo o que do bem fica na fácil promessa de imaginação, a tudo o que de mal fica na *aparente inocência* de sonho irrealizado.

O que é incompleto, reduzido à parte sombra do pensamento ou sentimento sem chegar a ter raízes na experiência e na vida terrestre, chama-se platónico.

O Amor platónico, é, para o vulgo, o amor sem consequências experimentais, sem ciclones de vivo sentimento, sem desejos

^(a) A 1.^a edição da tradução do *Banquete*, de Platão, pelo Dr. Ângelo Ribeiro (Renascença Portuguesa, Março de 1924) não inclui o referido prefácio de Leonardo Coimbra. Aliás, também não se conhece que o texto integral de tal prefácio tenha sido publicado em qualquer obra ou periódico.

voluptuosos, sem beijos, sem posse física, sem fecundidade ou alegria criadora continuando a vida na linha ininterrupta das gerações. Eis o que é para todos os ignaros petulantes o significado do *amor platónico*.

A caricatura desta interpretação de platonismo daria o guerreiro platónico fazendo fogo de pólvora seca, o corredor sem pernas, o nadador sem pernas nem braços discursando sobre o princípio de Arquimedes, etc.

Claro é que ninguém de medíocre cultura poderá acreditar nesta entrudada do platonismo.

Busquemos, pois, melhor entendimento das doutrinas platónicas e, em especial, do *amor platónico*.



Por várias razões e caminhos tinham os homens chegado a olhar com melancolia a contradição fundamental da vida, isto é, a morte.

Não só a morte dos homens e dos seres vivos, mas a morte permanente, contínua de tudo o que *aparece*. À certeza e segurança dos ideais sempre respondia a imperfeição e a fulgurante transitoriedade das cousas e dos seres; à lealdade da palavra humana o incessante e indiferente desgaste do fluxo, fuga e morte do mundo; ao conhecimento dos sentidos o erro e a mobilidade das sensações; ao desejo da Beleza o envelhecimento, a disformidade e a podridão de todos os objectos belos.

Na velha Índia como no velho Egipto já o homem sentia o seu *exílio* de consciência que se *vê* e *deseja* imortal na natureza de morte que o assalta e constantemente desgasta e corrói.

Os hebreus só encontravam seguro abrigo nas promessas de Jeová à descendência de Abraão.

E na Grécia tranquila e risonha o sorriso se fez lágrima no abismo do olhar de Heraclito, medindo a vida pelo discorrer das águas, correndo a cantar nos rios para o seu destino de morte.

Em Platão, iniciado dos mistérios sagrados, alma desperta pelo sol de Osíris e pelas desilusões orientais, espírito acordado pelo ritmo das grandes harmonias cósmicas do revelador Pitágoras, fundem-se todos os cursos da ansiedade humana tentando em derrota demorar a vertigem que leva a vida para o insondável coração da Morte.

Em Platão (e lembrem a alegoria da caverna) dá-se um estado de alma que podemos comparar ao estado dum homem *can-*

didamente crente no valor dos seus olhos e a quem mostrassem as cousas através das refrações variáveis de prismas giratórios.

Este homem diria que o mundo vacila, estremece e se desfaz como um castelo de cartas que o vento impele.

Assim Platão dirá que, uma vez despertos seus olhos espirituais, o homem não *acredita* no mundo da *opinião* e da *aparência*, neste mundo de fuga e morte, porque *viu* o verdadeiro mundo dos *exemplares* ou modelos da verdadeira realidade, de que o mundo em que vivemos pelos sentidos é apenas um arremedo, uma imperfeita cópia.



A ciência para Platão será, pois, o processo de descobrir pela recordação em nossas almas as ideias puras, os tipos exemplares da realidade e reconstruir a *aparência* sensível pela combinação de seus elementos modelares. É, por isso, que a teoria platônica da ciência é um matematismo de acordo com a actual estrutura das ciências.

A *Arte* será a descoberta progressiva da parte de Beleza que *informa* os belos objectos, até que, de grau em grau, se chegue à Beleza pura.

E todas as ideias de verdade e beleza subindo, tendem para a suprema Unidade, donde dimanam como raios duma esfera luminosa de seu centro criador, e que é o Supremo Bem.

O que será o amor nesta cosmogonia, que é ao mesmo tempo uma ascensão para Deus?

O amor é a comunicação pela Beleza, é o pressentimento duma Unidade, que, dominando toda a separatividade, vai conduzindo os seres da superfície da esfera luminosa para o centro ideal, que é a pura unidade divina.

O amor, diz a mulher de Mantineia, é um intermediário entre a terra e o céu.

O amor é a ascensão da criatura para o criador, é sempre um caminho para Deus. Se dois namorados se perdem na mútua admiração da beleza que revelam, eles irão matar essa beleza se não pressentem em sua admiração a presença duma beleza maior e mais pura e se ficam na idolatria da maculada e impura beleza de seus corpos finitos ou de suas almas desatentas.

Não quer isto dizer que Platão condene os actos do amor humano, mas que o Amor exige que esses actos sejam aureolados dos fulgores da Beleza eterna e incriada.

Também na velha Índia a Bhagavad Gita deixava que o guerreiro fizesse o combate matando o inimigo, mas com a consciência de que era um momento ilusório da aparência, sabendo que, para além do acto, ele e o inimigo eram raios de amor da mesma Unidade e por essa consciência de amor se iriam reintegrar em Deus.

Platão não repudia o amor humano, nem sequer o amor animal; Platão sabe que, sendo simples momentos da pedagogia e da dialéctica amorosa, serão momentos de morte se sobre eles não paira o brilho eterno da Beleza Pura.

Actuar mas com a consciência de que os actos só valem pela sua participação no Supremo Bem.

A vida deixa de ser o caminho da Morte para ser a incessante descoberta da verdadeira vida da Eternidade.

O rasto do homem na Terra deixa de ser exclusivamente o sangue dos seus extermínios e o negrume das suas paixões, para ser tudo a arder e a purificar-se no seu esforço para o mundo das ideias, na sua luminosa escalada dos Céus.

O amor platónico não nega, pois, o amor genésico, a forma animal da transmissão da vida; nega-o sim como um absoluto que se baste mas mostra-o até, quando visto à luz da Verdade e da Beleza, como um caminho para a imaculada pureza do Amor Ideal ou União em Deus.

É certo que deixa lugar a um possível ascetismo em que a vontade amorosa pura se dirija ao Supremo Bem e se ponha de pronto no Amor toda a Beleza da União em Deus.

O mundo das ideias visto directamente, amado no encanto da sua própria beleza, sem que precise de ser descoberto e entrevisto no íntimo dos objectos sensíveis em que anda oculto.

Alguém que caminha na Terra, mas cuja fronte e pensamento os astros do céu engrinaldam...

Este o motivo profundo da *virgindade* como um alto valor religioso. Virgindade abrindo olhos de percepção espiritual, substituindo à cópia de imortalidade que é a duração das espécies a visão eterna das almas, substituindo aos filhos da carne as invenções do espírito, a eterna companhia do amor no seio carinhoso de Deus.

Ascetismo que Cristo tornou mais desejável ainda, porque substituiu aos ensinamentos antigos, iniciáticos e aristocratas, o próprio *exemplo*, público e para todos, do seu sacrifício em pura chama de amor divino.

Mas em Cristo menos ainda podia aparecer a negação violenta deste mundo e suas verdadeiras formas de amor.

O mundo de separação nega-se pela sua afirmação transcendente no seio do *pai celestial* e aí, levado pela vontade de amor de cada crente, será de pronto incendiado na grande *Unidade divina*.

Uns caminham a cantar nadando na grande luz dum Amor sem a separação do ódio, nem gritos da carne, sem a tara duma tenebrosa herança animal: são os santos.

Os outros podem caminhar através das rochas do pecado e da dor; mas, se não caem na idolatria e na mentira da carne e da morte que é a sua essência, vão sobrepondo à beleza efémera os esplendores da Beleza incriada e abrindo asas de ascensão para o grande oceano, onde vão dar todos os cursos das almas e é a suprema Unidade do Amor.

Também a ciência terá de arrancar dos arcanos longínquos da recordação os *tipos* com que faça a construção da realidade e para isso precisa de que o atrito do mundo sensível *acorde* o fogo que *dorme* oculto nas profundezas da Memória.

Assim o Amor irá de grau em grau pela florida escada do que é belo, que é também a do sonho de Jacob, subir até ao templo da Beleza eterna e incriada.

Mas, como a Ciência poderia *brotar* na alma sublime que se *lembrasse*, também a alma, que *soubesse* amar, poderia entrar, de pronto e sem demora nas camadas da atmosfera espiritual que tivesse de atravessar, no templo da pura Beleza.

Em qualquer caso o amor platónico sempre que desatenda o simples naturalismo fá-lo por *superação* e não por ignorância ou erro.

Como se vê, pois, o Amor e a Ciência (em Platão e em todos quantos abram em si a visão espiritual do que *é*, sobre este mundo dos sentidos que não *é*, mas foge, transita e morre permanentemente) são dois grandes faróis guiando as almas para o seio de Deus, para a Grande Unidade amorosa, Luz de todas as cores, Consciência de todas as ideias, gravitação de todos os astros, Sol de todas as terras, Amor de todas as almas.....

N. da R. — Do artigo anterior de Leonardo Coimbra, sobre a ideia de Tempo e a física de Einstein, na terceira das equações (1) saiu, por erro de revisão, o factor *B* multiplicando o primeiro membro, quando, na verdade, multiplica o segundo membro.

(*A Nossa Revista*, Mensário Fundado por Alunos da Faculdade de Letras do Porto, Porto, ano I, n.º 4, de Outubro de 1921.)

A boa ordem

Os partidos constitucionais da República fizeram agora o que há anos venho preconizando, o que, no último congresso do PRP, aconselhei ainda.

Aí, eu disse que todos os republicanos deviam concordar num corpo de doutrinas e de acção, que a todos fosse comum, não podendo haver *espécies* de republicanos sem que o *género* existisse.

Eu queria mais (e então o disse) que os partidos, além dos seus congressos partidários, em conjunto fizessem o seu congresso para continuada revisão do seu programa mínimo, e discussão, aperfeiçoamento e estudo da evolução da doutrina democrática.

Começa a fazer-se a primeira parte — o que é bom caminho para nos aproximarmos da realização da segunda.

O que nos garante, com efeito, que ainda estejam todos os republicanos de acordo em certas formas da doutrina democrática histórica e que a sociologia tenha mostrado errada ou diferente?

O que garante que ainda hoje o problema religioso possa ser olhado com os simples olhos indiferentes ou negativistas com que historicamente o foi num período de preconceito materialista e insuficiente cultura filosófica pela falta duma psicologia e duma sociologia, que o fenómeno religioso e o seu valor interpretassem, e ainda então não existiam?

Os partidos *constitucionais*, assim unidos e dispostos ao trabalho de boa administração e de boa e inteligente democratização de si e do país, constituirão o *organismo idóneo* para o verdadeiro progresso administrativo, democrático e moral da humanidade nesta sua parcela que é a nossa Pátria.

E assim serão evitados equívocos como os que aparecem ainda aí hoje, numa cegueira de inteligência e coração que confrange.

É o caso de pessoas de bem continuarem a olhar a *política* e os *políticos* com muita poeira de ódio e incompreensão em seus olhares, repetindo na *opinião pública* a deformação e a caricatura que permitiu fazer de almas heróicas e puras, como a de Antônio Granjo, imagens odientas e apontadas à vingança dos dementados e possessos do ódio assim nascido e espalhado.

Que direito tem, por exemplo, o general Sr. Gomes da Costa, ao esquecimento de todo o sacrifício de bens, honra e vida dos bons políticos deste país, para nos falar apenas dos maus políticos e da má política como a grande realidade republicana?

Não poderemos todos trabalhar em paz e concórdia?

Porque havemos de odiar-nos nesta *sanha* de bem servirmos a Pátria?

Parece, por vezes, que alguém em perigo solicita e pede o nosso socorro e nós queremos valer-lhe, mas entramos a discutir os meios de salvação e, enquanto a tiro nos trucidamos, a pobre vítima do nosso desvairado zelo, de excesso de socorro, vai morrendo ao abandono...

Custa muito ser justo, que o mesmo é que ser verdadeiro: já me tenho visto caricaturado na imprensa como analfabeto, imbecil, desequilibrado, estroina e batoteiro.

E sei ler e compreendo os que me não compreendem, e nunca entrei numa casa de jogo e, há anos, que vivo para a minha família, todas as horas que não vivo para a minha profissão e para os meus amigos.

Fácil é fornecer ao Estado a onnipotência e omnisciência providencialistas e dizer que a única existência do mal-estar demonstra a incompetência ou os crimes dos governantes.

E porque não é de governantes e governados?

E porque não chamam os Srs. Deus ao vosso incorruptível tribunal para o julgarem pelos crimes tamanhos que enchem o Universo: a morte das crianças, as torturas dos inocentes, a doença, o mal e a morte dos seres e dos mundos?

Sr. general Gomes da Costa: V. Ex.^a nunca cometeu erros, V. Ex.^a nunca viu flectidas as determinações da sua vontade pelos atritos das imprevistas circunstâncias, V. Ex.^a nunca teve o desgosto de ter magoado uma criança com o próprio gesto com que a queria acarinhar?

A Fatalidade existe:

Lá fora, no Espaço, os mundos rolam ao longo das linhas de declive energético para a imobilidade da morte; cá dentro, na

vida social, os instintos, a voz animal do passado, rugem e complicam a bondade de uma mistura de mal, que faz a vida violenta e dramática.

E V. Ex.^a bem o sabe, pois é um ilustre profissional da guerra. V. Ex.^a tem uma nobre qualidade: é a *generosidade*, o saber dar-se à Morte para enobrecer a Vida.

Mas esta qualidade perde-se no vazio de um mero formalismo de carácter, se não reflecte e estuda os processos desse enobrecimento, se não justifica os títulos de nobreza a que quer levantar a Vida.

Essa qualidade obriga, senhor general, a ser justo, e V. Ex.^a no seu discurso-homenagem a Machado dos Santos não foi justo para com os bons republicanos, portadores de Ideal, valentes e de sacrifício capazes, que constituem ainda a maioria das hostes republicanas.

E vós, meus amigos da «Seara Nova», semeai com vossas mãos limpas o pão do Ideal; mas não esqueçais a Justiça a que os outros, da «Velha Seara», têm direito: mesmo porque é de enternecer este amor que ainda temos ao velho campo de cujas leivas tirámos o primeiro pão do nosso espírito.

E vós, revolucionários de 19 de Outubro, que para a Revolução porventura fostes com uma ingénua crença de melhores dias, com a cegueira da onnipotência governativa dando-vos a providência salvadora do País, olhai que a Fatalidade se nos soltou por entre as débeis mãos que abriram as jaulas e foi encher de sangue, ignomínia e pecado a Pátria e as almas.

E as mãos, que involuntariamente soltaram o cutelo que vai em cega raiva levar o assassinato, só podem ter um gesto digno duma alma nobre, onde Deus possa habitar: erguidas em perdão para Deus, estendidas em auxílio para os homens, procurando, num bem fraterno esforço de resgate, curar as chagas por sua imprevidência abertas.

Falo-vos como amigo, como homem cujo ser metafísico é feito de fraternidade no seio de Deus, como uma alma que só acredita no resgate universal e que sabe não poder conquistar a plena luz da Consciência enquanto os outros se perderem nas trevas do erro e do pecado.

Não pode ser que homens honestos continuem a defender o cómico programa do *Há que*, embora convencidos de que ele é efectivamente um programa, quando, ao soltarem esse programa, lhe saíram pela jaula os jaguares e as hienas do ódio cravando no coração da Pátria a garra ignominiosa da protérvia assassina.

O que é preciso é cumprir um programa de democratização da Pátria, de honestidade e trabalho, de justiça e respeito pela verdadeira liberdade.

Esse programa não é no movimento revolucionário mais que uma lista de bons desejos de ordem e moralidade, que é a firme vontade, aliás, de todos os republicanos honestos.

Os partidos políticos unidos perante a desgraça da Pátria, serão o instrumento idóneo para tal programa sem que se corra o risco de, numa ansiedade de ordem, irmos cair na ordem, meramente formal, e sem alma nem liberdade, de qualquer ditadura extremista e de qualquer extremo.

Democracia quer dizer harmonia das liberdades dentro da Constituição, renovável e perfectível, que seja o seu acordo.

A ordem, mas a ordem que resulte do respeito desta Constituição; o progresso, mas o progresso que se faz pelo aperfeiçoamento e alargamento social da cooperação das liberdades na organização do Trabalho.

Nada da paz de Varsóvia, isto é, de ordem sob a pressão de pistolas indisciplinadas de bandos, ou das espingardas inconsistentes dum ditador.

À ordem!

É o grito que, para Lisboa e das Montanhas da Pátria, leva o falar heróico do amor de Portugal.

Ordem, senhores epilépticos; ordem, senhores visionários da felicidade a tiro e a punhal; ordem, senhores ditadores virtuais prontos na oferta de nos fazerem livres *à força!*

Ordem, que é a harmonia e a justiça, a proporção e a beleza; que é, por isso mesmo, a verdadeira e a única Liberdade.

Porto, 23-XI-1921.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 483, de 24 de Novembro de 1921.)

Emílio Boutroux

Chega-nos agora a notícia da morte do grande e extraordinário pensador, que foi, durante mais de meio século, um dos maiores guias e mestres do pensamento humano.

Foi Emílio Boutroux.

Emílio Boutroux!

Como poderão compreender os ignorantes da minha terra a comoção religiosa, que em minha alma levanta a evocação deste sagrado e imortal nome?

Alguém que está encarcerado e sabe que nenhuma esperança pode ter em sua libertação, como receberá o amigo que vem fazer tombar as negras paredes do cárcere em que para sempre se sentia sepultado?

Pois mais terrível que o cárcere da vida mortal era a morte que nos ia na alma, a nós todos que uma falsa concepção dos determinismos científicos tinha aprisionado ao cego fatalismo duma vida em que as acções sem liberdade, sem beleza e sem mérito tombavam com a necessidade de pedra rolando no declive da montanha.

Eu, como os rapazes do meu tempo, escravo fui deste determinismo de ligações totais que um Haeckel e um Dantec tinham, generalizando das ciências, feito tombar sobre as almas inquietas.

Fui e era, quando, de meu sono de morte, me acordou a voz amiga, clara e firme, honesta, medida, ponderosa e severamente comovida de Emílio Boutroux.

A sua notabilíssima tese sobre a «contingência das leis da natureza» foi a libertação do meu cárcere, daquele negro cárcere, onde agonizava a minha alma, inquieta de si, esmagada e perdida sob o peso dum preconceito cientista, que lhe gritava a sua única realidade de aparência de mero epifenómeno da verdadeira realidade material que era a *cerebralidade*.

Nessa tese, Emílio Boutroux toma em suas mãos a herança de Renouvier, sagrada herança de salvar a moral e a beleza, salvando a Liberdade.

Filósofo da descontinuidade, ele irá mostrar como não paira sobre o Ser a sombra da necessidade, e, do simples juízo lógico à matemática, à física, à vida, ao homem e à sociedade se eleva o corpo crescente da Liberdade, insinuando o *novo*, o *mais-valor*.

Tese retomada nas profundas análises da ideia de fenómeno, ela é a fonte do grande pensamento renovador das ciências e da filosofia.

Ela é o mesmo motivo oculto das ideias de Poincaré (a ele estreitamente unido por laços de família) vindo dos cumes das Ciências para a especulação filosófica; ela é ainda viva nas profundas críticas de Duhem, ela prolonga-se, alarga-se, aprofunda-se e cava um mar de novo pensamento na obra genial de Bergson.

É em Boutroux que o velho conceito de Razão imóvel, prefixa, absoluta e necessária se vê em desacordo com o carácter evolutivo, crescente e novo das ciências e de vida e toma de si consciência como Razão dinâmica, evolutiva e criadora.

O verdadeiro *evolucionismo criacionista* de Bergson balbucia em fonte na formidável tese da contingência.

Aí aparece até a noção de leis como automatismos^(a) do hábito e a possível evolução profunda dos seres que as leis relacionam.

O critério de «*passage of nature*» que Whitehead vê como irreduzível elemento da realidade natural, que Bergson através da alma humana vê no direccionismo do mundo em termos de *duração concreta*, refervem já nas profundezas do pensamento de Boutroux.

Tão longe vai sua preocupação neste sentido, que o problema de novo por ele é oferecido à sagacidade de Poincaré, como o problema da possível *evolução das leis em natureza*.

Sabe-se que Poincaré o resolveu, mostrando que, sendo tal problema indeterminado, nós devemos antes supor que o novo ajuste do pensamento aos fenómenos é devido não à sua intrínseca evolução mas à anterior deficiência do nosso conhecimento.

É, com efeito, a solução mais cómoda para a ciência; sê-lo-á para a metafísica?

^(a) No artigo figura «automismos».

Não; porque sabemos de imediata e certa sabedoria que nós *duramos* e até que a natureza de verdade evolui e *dura*.

Mas seja como for, ainda na hipótese de Poincaré, reponta a liberdade na escolha das leis que não recebemos passivamente como imagens duma necessidade natural, que se nos imponha.

É no critério de *convenção cômoda* que, em Poincaré, reaparece o contingencialismo de Boutroux.

Como historiador e crítico, pode dizer-se que iniciou uma forma nova (que, diga-se de passagem, deveríamos importar), consistindo na *penetração simpática* no coração da obra e do Autor, para, aí instalado o pensamento, partir desse centro para a periferia, na amiga *compreensão* do que analisa.

Os seus trabalhos sobre Sócrates, Aristóteles, o genial sapa-teiro místico, J. Böehme, Kant, etc., são duma beleza, segurança e amizade que vivifica os livros, ressuscitando as almas que os animam.

A sua crítica religiosa é, num livro precioso de informação e lealdade, a amplidão e profundidade de Razão criacionista, excedendo o pragmatismo de James e o sociologismo de Durkheim.

Livro donde se exala sobre o grande oceano da Ciência e da Realidade a névoa subtil e ascendente, até aos astros, dum Ideal, que, superando todas as obras, freme do espírito de que elas são frutos.

Espírito da maior beleza e justiça, ele ainda foi na grande guerra, que tantas perdas trouxe ao seu coração em sua família, pelo monstro maltratada, a grande voz da harmonia e da verdade, servindo até ao fim aquela liberdade social e política, que ele salvara em suas raízes metafísicas.

Para Portugal teve palavras amigas, aquele grande espírito que foi guia, bússola e farol, para a minha alma em naufrágio.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 485, de 26 de Novembro de 1921.)

A morte da Pena de Morte

Ela havia falecido há tempos: — despojada dos seus mantos de beleza: — das irisações que produzia no soturno da alma dos bárbaros: — dos bárbaros que Nero contentava nos grandes circos romanos.

Ela já deixara de frequentar as vielas da esquina da península: — onde ainda há vestígios do Seu domínio fatal.

Ela perdera a Sua beleza quando sobre a guilhotina revolucionária da França de 93 caiu a cabeça altiva: — a iluminada e revolta cabeça de Robespierre. E a cabeça saxe, a cabeça de quadro romântico de Maria Antonieta. Dir-se-ia que o invento do Dr. Guillotin não extraiu sangue destas cabeças: — sim vitríolo: — que foi abrir cicatrizes no rosto sensual d'Ela: — tão habituada a touradas humanas: — a frequentar os circos em que as feras bebiam sangue de homens.

Desde então Ela ficou horrível: — o rosto bexiguento: — esburacado: — como um favo de que se extraiu o mel... E o Seu prestígio: — aquele prestígio de sangue que fazia as multidões acorrerem aos espectáculos que Ela organizava com o consentimento público — na praça pública..., foi esmaecendo: — tenuizando-se e acabou por diluir-se ao primeiro hálito de um rebelde anónimo.

E quando Ela morreu, o ódio sentinelizava-lhe a porta: — o desprezo corujava-lhe sobre o telhado onde a alma dos decapitados vinha passear à meia-noite: — como sombras da Vingança prontas a materializarem-se para sufocar-lhe os últimos estertores... Porque Ela era ainda uma das mãos criminosas da Inquisição que o coveiro da Humanidade esqueceu-se de sepultar.

Alguém para quem o sucesso é vinho inebriante que se deve tomar a todos os momentos, foi até à lôbrega vala onde Ela fora sepultada: — e dessa vala imunda quis exumar o imundo esqueleto: — onde nas caríades terrosas ainda há lágrimas cristaliza-

das, injustiças a quem o silêncio dos sepulcros não conseguiu fazer calar... Ânias e lágrimas que o ergástulo sufocou!

Quando a ressurreição d'Ela se desse: — quando o cadáver escarnado se volvesse em lei: — quando sobre a praça pública o ergástulo fizesse momices trágicas à benevolência da Civilização: — um rebelde entraria no povoado — tinha o dever de entrar no povoado — e estilhaçaria com uma bala à cabeça do ressurreitor. E dessa cabeça de Miguel de Vasconcelos da humanidade faria o cilindro aplainador das calçadas: — levá-la-ia como um troféu pelo povoado afrontado.

E se esse rebelde não aparecesse... se uma bala vingadora não se fundisse... então Ela mesma abandonaria o povoado porque era grande de mais para tão grandes covardes.

Argumentos?

Protestar contra a legalidade do assassinio oficial para combater o assassinio particular?

Já se disse tudo.

A cabeça do mais humilde pensador e a alma do mais insignificante artista já pensaram e sentiram o absurdo de tal ressurreição. Da ressurreição aqui. Da continuidade nos países em que Ela ainda vive...

Oh, a tristeza de vermos ainda uma pseudomãe colectiva a decepar o braço individual. (α)

(*A Hora*, Lisboa, 1.^a colecção, n.º 2, 1921.)

(α) Imediatamente a seguir ao termo do artigo, e como se fizesse parte do mesmo, aparece um conjunto de citações, cuja transcrição configura ser da responsabilidade do jornal, mas cujo autor, de resto segundo o próprio jornal, é Leonardo Coimbra: «Frases de Leonardo Coimbra: / 'Não sei o que é a vida, não posso ser o senhor da morte.' / 'A pena de morte é um meio que *permite* o desvio moral dum braço assassino se poder olhar como um braço de justiça e resgate.' / 'Uma sociedade que num largo e nobre gesto de amor humano, os olhos ainda pávidos de pesadelos recentes, tendo há pouco visto as árvores de Deus, regaço das aves, sombra e lume do homem, feitas forcas sopesando cadáveres com grandes buracos por onde o Terror espreita; uma sociedade que acabando de esfregar seus olhos magoados de horroroso assombro para os clarear de madrugante bondade, decreta a abolição da pena de morte!!' / 'Pois bem: essa sociedade que ainda há pouco estremece de dúvida quando lhe falam da pena de morte durante a guerra e para os guerreiros traidores, pode pensar agora, receber agora o pensamento da restauração da *pena de morte?*' / 'Não é bem a impressão pânica de procurar uma tábua de salvação, custe o que custar, venha donde vier?' / 'No dia em que a minha boca se abra para votar a pena de morte sinto que o meu filho teria horror aos meus lábios.'»

O conhecimento teosófico ^(a)

A Teosofia aparece a alguns como uma teoria metafísica arbitrária e imaginosa: a orgia duma imaginação desenfreada resolvendo o problema do ser e da realidade ao capricho dos desejos ou das particularidades ideopáticas de seus adeptos.

Para outros é a Teosofia uma síntese filosófica do saber e do sentir, da realidade científica e da idealidade estética e moral, da natureza e da alma, dos mundos e do homem.

Será então uma hipótese geral sobre a Vida e seu significado, com mais ou menos valor que qualquer outra hipótese filosófica da mesma generalidade, consoante melhor ou pior fizer a unidade a todo o saber experimental.

Desde logo aparece, no entanto, como uma simples hipótese da imaginação poética, pois se os fenómenos a não desmentem inteiramente, de modo algum sugerem uma explicação tão aberrantemente do *tipo* alma, tão antropomórfica e familiar.

O Universo é antes e para a percepção humana, um deserto de almas, onde a voz humana se perde sem eco ou companhia.

^(a) A redacção da revista inscreve no início do artigo (após o título) o seguinte texto: «Leonardo Coimbra, Lente e Director da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, inicia hoje a sua colaboração na *Ísis* e diz de sua justiça acerca da atitude legítima do homem de ciência perante os dados da Teosofia. Não precisa de apresentação o nome do burilador das páginas de suave estesia d'*A Alegria, a Dor e a Graça*, do filósofo perfeito de *O Criacionismo* e d'*O Pensamento Criacionista*, do autor das páginas violentas e marcantes de impressão e espiritualismo d'*A Luta pela Imortalidade*. N'*O Conhecimento Teosófico* define, também, a sua atitude o eminente escritor, que adentro da Filosofia, da Literatura e da Política, em Portugal, marcou o seu lugar, energicamente, impavidamente.»

A concepção, que o homem possa fazer desse Universo pela elaboração dos seus dados percepçionais, é, quando muito, a de uma esperança heróica, esperança na realidade e no valor do espírito, que em si apreende como a actividade síntese, unidade do disperso da percepção na *viva* generalidade do conceito.

A percepção (em seu limite ideal, pois ela é sempre penetrada do conceito) seria a passiva matéria da realidade, que a actividade sintética da concepção *informa*.

E, como o homem actua, prevê e acerta, não pode inibir-se da suposição que a exterioridade da matéria de qualquer modo seja parente e amiga da interioridade do espírito, que a *informa*, organiza e prevê.

Mas só no *acto do conhecimento* se encontra este lugar de crença e esperança; pois, no *conhecido*, as almas são pontos singulares, parcos e minúsculos, na vasta imensidade da matéria.

Neste ponto de vista, a hipótese teosófica é o salto sobre o abismo da dúvida, em frente ao qual o pensamento humano *heroicamente* afirmava.

Salto da afirmação *heróica*, isto é, da afirmação apesar de tudo, de todas as aparências em contrário, para a afirmação tranquila, obesa e repousada.

Não nos agradaria, pois.

Deixemos os heróis frente à Morte, a Consciência frente à matéria, o ideal frente ao real afirmando ao menos o protesto da parte viva do *Ser* contra o imenso, o quase total corpo de matéria que O cadaveriza.



A *alma* foi crescendo pela meditação e agora mais rica de consciência e vida, volta a olhar o *Ser*, cujo *cadáver* diminui de quanto *esta* se aumentou.

É o terceiro momento da Teosofia, a sua grande afirmação, o seu valor próprio, a sua luminosa palavra na Vida.

E a Teosofia diz que a percepção comum é limitada, encoberta de véus, que é possível soerguer.

Assim como a ciência tem desvendado um pouco mais dos arcanos da natureza que a simples percepção, um novo conhecimento afirma que mais e mais é ainda possível desvendar.

A ciência não aumentou as nossas percepções por ter criado novos órgãos percepçionais.

A ciência, muito pelo contrário, em vez de *acelerar* a evolução do *ser humano* em possíveis direcções de novidade superior, em

vez de adaptar o homem a possíveis realidades superiores, *adaptou* as realidades ao homem (e porventura limitando-o), explorando em todos os sentidos possíveis a tradução da realidade no restrito campo das *actuais* percepções humanas.

É assim que não criou no homem um órgão da visão ultravioleta, antes traduziu as realidades ultravioletas em reacções químicas, visíveis pelo homem dentro da visão normal.

Pode dizer-se *dum certo modo* que a *ciência* é exactamente o processo que o homem inventou para se furtar à evolução ou, pelo menos, demorar e limitar o ritmo do seu caminho evolutivo na natureza. Os animais evoluem adaptando-se e, se à sua adaptação interessa nadar, hão-de criar os órgãos da natação; o homem inventa o barco e atravessa as águas.

Para o que, nestes, a evolução *cria órgãos*, o homem *inventa instrumentos*.

E porquê?

Talvez seja porque o homem se tem de adaptar a um destino diferente, a uma *natureza superior*.

A vida no homem não procura as adaptações mesológicas como nos outros animais, adapta antes o *meio* ao homem para que, liberto dessa adaptação, ele faça a outra adaptação à supervida, que *já* o interessa?

Se é assim, porque não apareceria a *nova* percepção adaptada à *nova*¹ realidade?

A *nova* percepção oferecia *novos dados* à teorização conceptual ou científica.

E assim teríamos um novo mundo da percepção em que mais ou menos concordariam os *novos* seres precipientes, e uma nova ciência em que as teorias seriam mais ou menos valiosas conforme melhor ou pior interpretavam esse mundo da nova percepção.

A nova percepção seria a dos videntes² iniciados e dos videntes espontâneos, a nova ciência e teorização daqueles que, entre os videntes, mais explicativas hipóteses soubessem construir.

A Teosofia seria a síntese filosófica que, resumindo o saber exotérico e esotérico, da percepção normal e da nova percepção, desse do Ser a mais compreensiva explicação.

¹ Este «nova» refere-se ao estágio actual, sem prejudicar dos antecedentes.

² No sentido amplo sem referência a particulares sentidos e distinguindo percepção, de alucinação.

O valor da Teosofia está, pois, na possibilidade ou impossibilidade das *novas* percepções.

Para disso julgar não temos nós, os não iniciados, categoria; como para julgar da nossa escala cromática não tem categoria um cego.

Eles, os iniciados, a afirmam; a nós somente resta o silêncio dos mudos ou o trabalho da experiência iniciática que nos apontam.

Mas, para sermos justos, devemos, no entanto, considerar que a vidência espontânea, a libertação mnésica, e muitos dos fenômenos por Boirac chamados espiritóides indicam a presença duma realidade, que nos embebe e não *percebemos* e que é bem parecida com a que os teósofos nos dizem aberta à percepção iniciática.

De modo que o dever dum espírito verdadeiramente científico, isto é: dum espírito de universal curiosidade e não de idolatria por qualquer *tipo* de realidade já construída, é de atenta simpatia para a nova luz, que se vem anunciando e pode muito bem ser de melhoramento e alegria para as almas.

(*Ísis*, Revista de Questões Teosóficas e de Ciências Espiritualistas, Lisboa, vol. I, n.^{os} 3 e 4, 1921.)

[Prefácio]

Meu caro Poeta:

Mais vale tarde que nunca. Só hoje me permitem os afazeres profissionais escrever-lhe para lhe dizer da sincera admiração que em mim produziu a leitura do seu inédito o *TÂNTALO*.

Tântalo dos instantes que fogem...

Para a sua Arte, o Mundo é uma corrente de sensações incoeríveis. Saber é repetir. A ciência é a banalização da vida: o que nesta se repete ou que nela se pode reduzir a repetições eis o que dizemos saber. O sábio é o herdeiro do Poeta. O Poeta olhou, correu, flutuou em pleno Mistério, mergulhou e entreviu o faiscar de pérolas fugidias. O sábio recolheu essa visão e ficou à espera que ela se repetisse.

Como não voltasse, o sábio começou a encher seus olhos dessa visão e emprestou-a às novidades que com ele tinham um vago ar de família. O Poeta vê, o sábio revê.

Eis porque o Poeta é o Tântalo sem cura ou redenção.

E como saber é repetir e para o Poeta tudo é novo, é Ele o eterno ignorante. Daí sua simplicidade primitiva. Parece imensa alga dos mares sobre a qual corresse toda a riqueza das águas...

Mas o Poeta é homem e consigo leva todo o destino anterior...

E o tempo não é colar de instantes e pulsa, em ondas, na frente cismática do Poeta...

Tântalo que vê fugir o instante que não torna, Tântalo que a si mesmo se foge sem regaço em que possa repousar sua cabeça.

Tântalo-sensitivo^(α) estende alongados braços no Mistério e foge: há pavores, medos, maldades invisíveis; regressa a casa, mas

^(α) No texto, com certeza por erro tipográfico, figura «Tântalo-sensitiva». Aliás, no texto do prefácio da 2.^a edição figura «Tântalo-sensitivo».

nenhum aconchego encontra, porque a Vida penetra-o, leva-o, e, de novo, braços alongados, procura no Mistério...

Topa abrigos que acalentam:

À flor do Mistério em que flutua encontra a parte de si mesmo que buscava, envolveu em seus braços a redondeza dos mares e ele, homem — a metade sombria da Natureza, encontra (reencontra?) a mulher, sua outra metade luminosa...

Adormece em Graça...

Mas a Vida corre e desperta-o, a posse desvirginizou o Mistério e uma grande lassidão diz que não vale a pena... Nenhum fruto vale o trabalho da colheita. A Vida passou e incoercível furtou-se-nos o aroma, que de tantas promessas enchera a nossa ansiedade de compreensão.

Não vale a pena. O que queríamos era saber o que vai nos outros, a faísca central, o fogo originário que os anima... e essa chama é-nos vedada para sempre. Se tentamos atingi-la é certo que vai apagar-se ao sopro da nossa ansiedade conquistadora. Não vale a pena... Somos jardins cerrados, moradias inacessíveis, um povo de homens sem linguagem, levando apenas nos olhos a ansiedade dum falar inatingível.

Frente a frente, como duas casas desertas e povoadas das ausências dos que se amaram... Impossibilidades, Tântalos sem remédio...

E uma infinita piedade enche a garganta do Poeta «Ad Humanos». E o que é a piedade, senão a monotonia das ondas que jamais mudarão os areais que beijam, em vida e rumor; compreensão e companhia?

Monotonia, solidão, uma Imensa Solidão feita de solidões sem conta...

O Instante não pode prender-se? Sejamos o instante.

E Tântalo canta com a onda que passa, repete gorjeios e murmúrios, vai à flor do Mistério sendo a própria Ilusão...

A «Primavera» é alma e novidade, alma que reinventa beijos e flores; e, novos e fugidios, jamais na Natureza se igualam os poentes...

Mas o «Outono» reaparece e com ele de novo a Impossibilidade — os beijos são já sombra de beijos — e tudo irá fenecer ao menor ruído da palavra.

Que as nossas bocas permaneçam mudas.

Todo o terror místico da palavra vive na quadra que este esplêndido verso inicia.

A máscara humana é um acaso da Natureza, é um milagre de equilíbrio, só a lembrança da palavra, acusando-a, faz tremer, e a mostra à beira do Abismo do Nada em que se erguera.

A força mística da palavra vem do primeiro homem até ao verbo do grande visionário de Patmos.

Aqui a palavra *acusando* o homem, milagre da Natureza, revela as forças destruidoras do Outono como a própria essência da Morte...

O meu amigo é esquiliano neste soneto.

Que visão de catástrofe maior que esta de dois amantes enlaçados na Universal Solidão pedindo-se silêncio no pavor da Morte que ronda!...

A Ilusão volta e é espuma, perfume de violeta, jasmineiros, alvuras pelos Céus...

E a Amada surge feita do próprio sonho que a concebe:

Na transparência azul desta manhã
Surges tão bela! — as pálpebras descidas

E na viagem da Ilusão há momentos de *triumfo*, de ascensão para Deus.

Mas Tântalo subira a sós e a dispersão em outros que não penetramos, de novo ergue o Impossível e o Tédio cai em chuva cinzenta e igual. A Dor é a sombra da nossa multiplicidade, ela vai em nós

e só porque em mim vai me não alcança

Nirvana dos Índios, de Schopenhauer e Antero, Infinito Mar-Morto onde todos os rios tranquilizam e confundem as águas!

E as *horas* passam, a vida passa (fugimos-lhe nós?), e ninguém responde e a Natureza convive e não *conversa!* Coexistimos e ninguém responde, coexistimos e tudo foge em aflitiva galopada: rios para o Mar, palavras para o Silêncio, planetas para os sóis, movimento para o repouso, calor comunicativo para a quietação mortal.

Alta, impassível, a minha alma assiste
À tragédia que em mim se desenrola!

A consciência do desaparecimento projectado para além das mortes, espelho reflectindo a desolação dos destroços!

Silêncio, Morte, Solidão; o Mundo apagou-se, é Noite.

E, lentamente, na grande Noite informe, a Presença divina afaga, embebe, e Tântalo pacificado *conversa*

A sós com Deus?

E na *Noite* imensa um grito lancinante chora:

Talvez a sós comigo...

No fluxo-refluxo da esperança é, meu querido Poeta, o seu livro um ser vivo, o seu coração anima-o, ouvimos bater a cadência do seu ritmo cardíaco.

Os versos ou são vasos de sangue oxigenado, carregam paisagens, alegria, vida, ou vasos de sangue mortal levando cinza, desânimos, ofélias, folhas do Outono.

O meu Poeta é um primitivo, para si tudo é participação mística no sangue que o anima.

Tem ato o seu animal totémico: é aquela cegonha que marca o *Abandono* na sua paisagem espraída e sonolenta.

A osmose entre a sua alma e a paisagem é tão continuada que o meu amigo terá de morrer tantas vezes quantas as mortes de cor e luz e som que em sua volta tombem.

Aquela balada em que o mar voluptuoso toma a cor dos olhos da Rainha é uma maravilha de confusão entre a alma e a terra, os olhos e o Mar.

E, se os nossos olhos mudam de cor à beira-mar, não comunicará o Mar da cor de nossos olhos?

Que irmandade tamanha que ainda o trazemos em nós, no sangue que nos anima e nas lágrimas que nos definem!

Não é a nossa máscara um penhasco talhado pela erosão das lágrimas?

Não é em nossos olhos que a paisagem chora uma *Saudade* tão velha como os mundos?

E na *Saudade* o meu amigo lembra, enquanto a Presença se vai levantando:

No jardim velho, a nossa laranjeira,
Desfez-se este ano em flor de tal maneira,
Que um instante julguei ver-te a meu lado...

O «Último Soneto» acaba o livro levando o Poeta como filho pródigo, que no limiar da casa paterna conta as suas dores e aventuras.

O Poeta foi grande na Desgraça, apagou o Sol para mergulhar até ao mais profundo da Dor, viveu na Noite e fecha em ogiva toda a história de seu coração.

Transpõe o limiar e, tombando no regaço materno, renasce para o Novo Sol, que, em bulícios e afagos, começa a despontar...

Nova manhã se anuncia, branda e amorosa, trazendo ao colo ninhos de andorinhas!

Seu

Leonardo Coimbra

Janeiro, de 1921.

(*In* Américo Durão, *Tântalo — Sonetos*, 1.^a edição, Lisboa, 1921, pp. I-VIII; *in* Américo Durão, *Tântalo — Sonetos*, 2.^a edição, Lisboa, 1946, pp. 11-18.)

**O PENSAMENTO FILOSÓFICO
DE ANTERO DE QUENTAL**

- 1.^a edição: J. Pereira da Silva, Porto, s. d. [1921].
- 2.^a edição: Lello & Irmão — Editores, Porto, 1983.
- 3.^a edição: Guimarães Editores, L.^{da}, Lisboa, 1991.
- 4.^a edição: a actual.

À Memória de meu PAI

INTRODUÇÃO

7

Desnecessário encarecer a razão dum trabalho da ordem do que vamos iniciar.

Nenhum povo tem o direito de abandonar os seus homens de mais alto espírito à simples admiração passiva dos que nas memórias somente trazem a lista de seus nomes.

Admirar um alto espírito é amá-lo, trazê-lo na melhor companhia das nossas almas; de modo que no calor dessa companhia exaltemos os nossos valores espirituais.

Antero é, nas letras portuguesas, um dos raros espíritos de ilimitado // anseio, de funda e universal emotividade. Fora das Escolas, de casa ou estrangeiras, em cujo formalismo já dessorado sempre circulou uma grande parte da literatura portuguesa, foi um grande escritor humano, sentindo e meditando todos os grandes problemas humanos, não só colocando-os em seu meio social, mas inserindo-os no coração do Universo, cujas linhas de architectura e alma queria desvendar. 8

Poeta e metafísico, cantou e interrogou; e, se muitas vezes o Universo respondeu em seus cantos, jamais deixou de querer heroicamente iluminar à luz da Razão o significado, para a alma e perante o Destino, da beleza desses cantos. //

Como Camilo, como Soares dos Reis, suicidou-se¹; e todos temos o dever de nos perguntarmos sobre a estranheza dum meio social que não tem carinho capaz de prender à vida os grandes que a atravessam, com o compasso e a lira, medindo e cantando. 9

Também Antero a quis medir; e, se em seus versos o número pitagórico já recebeu o tributo que toda a beleza lhe há-de

¹ Ver Durkeim, *Le Suicide*.

pagar, ele vai procurar ainda o largo tributo da verdade, isto é, a fronte cismática, cujo resplendor de sonho já fora o fulgor dos versos. //

10 Raro ainda em Portugal, esse namorado da Verdade, a quem não bastam os fantasmas de névoa e sonho da Poesia, como não bastam os esqueletos da ciência, e quer dar aos primeiros a solidez dos segundos e a estes a seiva, a vida interna e fremente daqueles.

É o seu pensamento filosófico, sistematicamente exposto em estudos, críticas e comentários que queremos agora expor e analisar.

Faremos primeiro a exposição sintética das suas doutrinas reveladas nos estudos a que nos referimos¹. //

11 A seguir procuraremos marcar o espírito filosófico de Antero e a propósito de cada um dos grandes problemas filosóficos mostrar aquela sua doutrina, que possa deduzir-se da exposição feita.

Por último faremos a crítica, e, à luz das nossas doutrinas «criacionistas», mostraremos como as opiniões de Antero, expurgadas de tendências contraditórias com o seu mobilismo activista, poderiam receber a complementar harmonia duma universal sociedade de seres, cuja origem e regaço é a concreta Unidade criacionista dum Deus, pura e continuada «Invenção de Amor».

¹ *Revista de Portugal, A Filosofia da Natureza dos Naturalistas, Arquivo dos Açores, Considerações sobre a Filosofia da História Literária Portuguesa, folhetos, jornais, etc.*

CAPÍTULO I
AS DOCTRINAS FILOSÓFICAS DE ANTERO

**TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA
NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

15

Em três números sucessivos da *Revista de Portugal*, de Janeiro, Fevereiro e Março de 1890, apresenta Antero de Quental o mais completo e sistemático dos seus estudos filosóficos sob o título de «Tendências Gerais de Filosofia na segunda metade do século XIX».

Neste trabalho, como nos outros que teremos que citar, Antero apresenta os seus pontos de vista sobre os mais importantes problemas filosóficos, como sejam o significado e valor da filosofia, o conhecimento científico e sua relação com a filosofia ou pensamento metafísico (envolvendo uma teoria da // ciência e da experiência), e o problema da Liberdade e Deus.

16

Apresentemos a exposição sumária, mas exacta no espírito que o anima, do estudo «Tendências Gerais de Filosofia na segunda metade do século XIX».

A filosofia é eterna como o pensamento humano, representa num *feri* incessante o que há de absoluto no pensamento humano e o que há de relativo na consciência que o pensamento humano tem de si mesmo. Não pode, pois, esperar-se dela uma verdade total e definitiva que acarretaria, aliás se possível fosse, a imobilidade ou morte do pensamento humano.

A sua verdade, sem ser total ou absoluta, é simplesmente simbólica, pois que a filosofia «é a equação do pensamento e da realidade numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período de conhecimento desta, é o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência: a adaptação possível em cada momento histórico (da história, // da ciência e do pensamento) dos factos conhecidos às ideias directoras da razão, e a definição correlativa dessas ideias, não por esses factos, mas em vista deles».

17

É por isso que cada período histórico tem a sua filosofia e os sistemas, repetindo certos tipos fundamentais, o fazem diversamente conforme as épocas, de acordo com a identidade da razão em todos os tempos e a variação contínua de experiência.

Por isso mesmo todos os sistemas duma época apresentam um certo ar de família.

Será, pois, possível uma síntese de todos os sistemas duma época, dando assim a sua essência filosófica?

A história mostra-nos apenas uma penetração recíproca dos sistemas, de modo que em certos períodos aparece um sincretismo de todas as doutrinas, como no período alexandrino e na *Summa* de Tomás de Aquino.

18 E hoje, ao fim de quatro séculos // de elaboração do pensamento moderno, parece dar-se o mesmo.

A história mostra-nos, com efeito, algumas noções capitais comuns aos sistemas e penetrando, até, todas as formas da espiritualidade moderna.

São as noções de *força*, *lei*, *imanência* ou *espontaneidade* e *desenvolvimento*.

Por estas noções se distingue essencialmente o pensamento moderno do antigo: se este nos dá a realidade como emanção do ser em si absoluto e só verdadeiramente existente, o pensamento moderno concebe a realidade como um *fieri* incessante dum ser em si só potencialmente existente e que só realizando-se atinge a plenitude.

Um ia buscar a unidade fora do Universo, o outro encontra a unidade somente na própria diversidade.

19 «O pensamento antigo fazia do universo uma máquina, cuja estrutura obedecia a um plano preconcebido: o pensamento moderno faz do Universo // um ser vivo, cuja forma de actividade não obedece senão às tendências espontâneas do seu próprio desenvolvimento».

O pensamento antigo fragmentava a realidade em divisões ou categorias, géneros ou espécies, substâncias incomunicáveis, onde cada categoria de seres se isolava sem influir nos outros; o pensamento moderno vê na realidade o acto único duma substância omnímota.

Do alvor da Renascença a Descartes, Espinosa e Leibniz, as noções de força e imanência vão-se afirmando.

O século XVIII dará a ideia de *desenvolvimento*, consequência e complemento natural das ideias de *força* e *imanência*.

E com a ideia de desenvolvimento aprofunda-se a nossa visão do Universo. «O Universo aparece-nos agora não já somente como o grande ser autónomo e eternamente activo, mas como o ser de ilimitada e infinita expansão, tirando de si mesmo, da sua inegostável virtualidade, de momento para // momento, criações cada vez mais completas, mais ricas de energia, vida e expressão, envolvendo-se e desdobrando-se, em voltas cada vez mais largas e sinuosas, na espiral sem termo do seu maravilhoso desenvolvimento. Divino e real ao mesmo tempo, manifesta a si mesmo a sua essência prodigiosa, contemplando-se numa infinidade de espelhos e em cada um sob um aspecto diverso, desenrolando a sua eterna existência numa série de panoramas desde as forças elementares e puramente mecânicas, às mil afinidades da matéria bruta, até ao instinto que sonha, à inteligência que observa e compara, à razão que ordena, ao sentimento que fecunda, até à contemplação e à virtude dos sábios e dos santos».

20

Mas o século XVIII não deu somente esta fecunda noção de desenvolvimento, foi também o grande século em que pela voz de Kant o pensamento se interrogou sobre a legitimidade e valor de seus direitos. //

Força? Leis?

21

Mas tudo isso são conhecimentos.

O que é, pois, o conhecimento?

Kant responde, «quer ele o saiba ou não», que o espírito «é o verdadeiro *noumenon*, o ser tipo, medida de todos os seres, revelação da sua mais íntima natureza».

«O Universo no kantismo reflui todo para a consciência e some-se nela, mas para de lá sair transfigurado, análogo ao espírito ou idêntico com o espírito. O subjectivismo de Kant ou é nada ou o reconhecimento da identidade do ser e do saber.

«Assim, a verdadeira significação histórica do kantismo é aquilo que legitimamente saiu dele, o realismo transcendental de Schelling e Hegel».

«A nova filosofia fundada sobre a identidade do ser e do saber leva as ideias fundamentais do espírito moderno, as ideias de *força*, de *imanência* e de *desenvolvimento* até ao máximo grau de condensação». //

«Com Schelling e Hegel a filosofia da natureza compenetra-se dos seus verdadeiros princípios metafísicos: o mecanismo dissolve-se no dinamismo, cujo último tipo é o espírito».

22

Mas em Hegel morre o último sistema dogmático.

O pensamento moderno é inimigo das monstruosas deduções abstractas, quer, em linha sinuosa, *contactar* o complexo das realidades. «Quer que a sua filosofia tenha alguma coisa de espontâneo e orgânico como a mesma natureza que a inspira».

Ao *apriorismo* da filosofia transcendental opunham as ciências os seus métodos de «paciente observação e indução cautelosa».

O dogmatismo filosófico «era efectivamente arrogância excessiva: era pior, era um profundo erro».

As relações entre a ciência e a filosofia são de irmandade e nunca de servidão.

23 A filosofia limita-se «aos primeiros // princípios das coisas e à análise das ideias fundamentais: o grande e variado mundo dos factos pertence inteiro à observação, à experiência e à indução».

A hipótese vinda da especulação não se impõe à ciência, alumia.

«A hipótese é pois simplesmente o ponto de contacto e de intersecção da filosofia com a ciência».

Pode a filosofia apropriar para *matéria* de suas especulações as ideias fundamentais das ciências; «mas o desenvolvimento *real* dessas ideias no mundo dos fenómenos só a ciência o pode seguir e determinar metodicamente, porque só ela tem instrumentos e autoridade para isso».

Depois o momento histórico era o menos propício a dogmatismos e apriorismos.

24 As ciências entravam, com efeito, numa florescência magnífica; enquanto as ciências físico-químicas iam no entusiasmo duma grande síntese *monista*, as outras ciências, do homem e da // sociedade à terra e ao céu, embebiavam-se na fecunda ideia de evolução, que vai penetrar as ciências biológicas e renovar-lhes completamente o espírito e os métodos.

A própria história, que a Razão hegeliana desenvolvia como momentos dialécticos da sua evolução, protesta contra o pobre esquematismo de tais deduções e mostra o irredutível¹ do seu contingencialismo.

Ao protesto das ciências junta-se o protesto da consciência moral, em sérios riscos de asfixia nesse Universo, onde a liberdade moral não encontraria espaço para insinuar o seu mérito.

¹ Aqui Antero toca o pensamento da Ucronia de Renouvier e abre-se a um possível irracionalismo do ser.

É a psicologia escocesa, é o espiritualismo francês à Cousin. De nímio ou nulo valor científico ¹ // valem, no entanto, como protestos do senso comum e da consciência moral contra os exa-
geros dum dogmatismo impassível.

25

«A verdade é que no fundo desta questão de filósofos, estava uma questão humana, da larga e fundamental importância humana.

A metafísica, na sua absorvente dialéctica, é atreita a esquecer que os indivíduos não são abstracções, simples determinações lógicas duma ideia, mas seres reais, autónomos, cujo princípio de acção reside nas profundezas da sua própria natureza, constituindo um verdadeiro *em si*, distinto e irreduzível, e não um momento transitório de alguma substância só e verdadeiramente existente na sua vaga universalidade».

Mas estes protestos da consciência moral não iam apenas de encontro aos dogmatismos apriorísticos, iam também de encontro ao necessitarismo das ciências, estruturalmente mecanicistas e deterministas. //

De modo que o estudo do movimento filosófico nos trouxe até ao problema da liberdade: ponto singular onde todas as dificuldades desse pensamento se reúnem e enlaçam.

26

A antítese mecanismo-determinismo:espiritualismo-liberdade, é o ponto nodal da questão; se é possível resolver este antagonismo numa síntese superior, estará resolvido o problema de encontrar a *síntese* do pensamento moderno.

Ora os dois factos mais notáveis da história da filosofia na segunda metade do século XIX foram a condenação de todo o *apriorismo* e, seguindo a reforma do espiritualismo pela crítica de Kant, a nova psicologia científica.

A condenação do apriorismo dogmático pela ciência não ia contra o valor da Razão, nem implicava uma renúncia à especulação e à filosofia.

Foi uma mudança de atitude: tentou-se uma filosofia da natureza de temperamento científico.

A objectividade científica, // desprezando as qualidades segundas, procura os factos últimos em simplicidade com que pudesse reconstruir o complexo do real; estes são determinações de espaço e tempo, eis porque o carácter da ciência é de ordem mecânica.

27

¹ É curioso observar que Antero recebe aqui a Crítica de Comte contra a psicologia.

«Mas do mecanismo sai necessariamente o determinismo, e é essa com efeito a segunda feição característica que a nova filosofia da natureza herdou da ciência, sua mãe».

Ora as séries de fenómenos sucedem-se numa certa ordem de complicações: a forma do Universo é, pois, evolucionista.

Aqui encontram-se duas formas de evolucionismo: a da filosofia idealista germânica, em que o superior requer e possui um *aumento de ser*, vindo da virtualidade infinita da ideia; a da filosofia mecanista em que o complexo resulta de meros arranjos cumulativos dos simples ou elementos.

28 «A evolução, neste ponto de vista, é propriamente um estado progressivo // de complicação e nada mais. É, por conseguinte, só formal. No fundo, a evolução, segundo a filosofia científica da natureza, é uma aparência e nada contém em si de substancial: o substancial e o verdadeiramente existente são só aqueles elementos mecânicos de que tudo é feito, em que tudo se resolve e cuja complicação gera a fantasmagoria do mundo fenomenal».

Esta concepção é, pois, incompleta.

Falta-lhe exactamente o que falta à *inteligência científica*.

«O mecanismo é o máximo grau de abstracção de que a inteligência é capaz dentro dos limites e com os dados da sensibilidade, mas é só isso».

«A verdadeira realidade, concreta, viva, espontânea, falta-lhe: faltam-lhe as ideias superiores, as que alumiam, interpretando-as, as inferiores, as fornecidas pela sensibilidade».

29 De modo que o mecanismo «é uma verdade fundamental, mas circunscrita, positiva dentro dos seus limites. Já // vimos que estes são os da mesma inteligência científica».

É «a síntese do espírito moderno no terreno do conhecimento científico».

Outros elementos do mesmo espírito a virão completar e ampliar.

O criticismo bem como a nova psicologia não podem «ver na alma essa substância de natureza excepcionalíssima e todavia real, mas apenas a unidade, quando não simplesmente a soma dos factos íntimos da consciência».

Desagregado o substancialismo da alma, fica o facto consciência «inabalável soberano» a mostrar como não é possível tudo reduzir a movimentos e composições de movimentos.

«A intensidade, a direcção e o encadeamento das forças que num dado momento actuam no universo, eis tudo quanto o meca-

nismo sabe, ou antes, quanto pode aspirar a saber. Ora nessa prodigiosa cadeia de movimentos matematicamente concatenados, o que o mecanismo ignora e ignorará sempre são // as vontades, os pensamentos, os sentimentos, numa palavra, a actividade interna de todos esses seres, elementares ou não elementares, arrastados no giro da causalidade mecânica».

30

A mecânica conhece, pois, «as acções dos seres, mas não a actividade interna que as produz».

O que a mecânica ignora e é condenada a sempre ignorar, conhece-o a consciência que se apreende, pois, como verdadeira *força-tipo*.

Na consciência sentimos que o espírito, da sensação à ideia e à volição, é sempre activo.

«... Uma sensação é uma modificação da sua substância ¹ assim como uma ideia é uma modificação dessa // substância, assim como uma volição é uma determinação do mesmo ser».

31

«Os factos são o ponto de partida das ideias, cuja virtualidade está no espírito: em si são inertes e inexpressivos».

«O conhecimento é pois um facto íntimo e próprio do espírito, e o universo conhecido o produto da sua espontânea actividade».

O mesmo acontece com a vontade: «a determinação da vontade nunca é assimilável à determinação mecânica, porque tem um fim, e esse fim (em última análise) está nela mesma».

«O espírito é pois uma força espontânea mas é, por cima disso, uma força consciente. É esse predicado que vem completar a sua plenitude e fazer dele a força-tipo».

«É assim que o espírito, sem sair de si, se cria e fecunda continuamente, compenetrando-se cada vez mais com a sua própria essência, extraíndo dela, da sua infinita virtualidade, momentos // cada vez mais complexos e ricos de ser, até atingir a mais alta consciência de si. Reconhece-se então idêntico com o *eu* absoluto e independente de toda a fenomenalidade: concebe Deus como o tipo da sua mesma plenitude, concebe e sente a vida moral como a esfera da realização de esse ideal.»

32

¹ A reintrodução das palavras «espírito» e «substância», depois de tudo pulverizado até ao simples facto da consciência, requeria melhor exame até legitimar um novo sentido em termos de actividade. Adiante veremos o valor desta nota.

«O espiritualismo resolve-se pois num dinamismo psíquico, assim como o materialismo da filosofia científica da natureza se resolvera num dinamismo mecânico.»¹

E aqui está a verdadeira síntese do pensamento moderno: O dinamismo psíquico como chave e explicação do dinamismo mecânico, como este é a exposição e desenvolvimento daquele.

Mas será legítima esta aproximação dos dois dinamismos e sua mútua penetração? //

33 A legitimidade de tal procedimento resulta da própria vida do pensamento.

«Pensar sobre o mundo é já supor nele alguma coisa de fundamentalmente análogo aos princípios da razão, é supô-lo racional. Ora esta suposição implica a da identidade fundamental do objecto e do sujeito».

Suposição que é a própria certeza dum facto último e irreductível.

«... Se pensar é afirmar a *racionalidade* do universo, e se, por outro lado, a razão está contida na unidade do espírito e é dela indissolúvel como o acto é indissolúvel da sua substância, a *racionalidade* do universo pressupõe necessariamente uma semelhante unidade. A razão do universo pressupõe por conseguinte uma substância de que seja acto, e essa substância não pode ser concebida senão como fundamentalmente análoga ao espírito.»

34 Reconstrução do melhor dos dogmatismos anteriormente condenados, mas // pelos processos indutivos das ciências, na experiência^{2 [1]} e pela experiência.

«Temos pois já conhecido o terreno da síntese do pensamento moderno, o dinamismo, e o processo adequado à realização dela, a interpretação do mecanismo pelo psiquismo».

Síntese que mais não é que a solução da antítese liberdade-determinismo na concepção da *força-causa*, quer dizer «força espontânea».

«A causa do fenómeno está na mesma natureza do ser onde ele se dá, ou antes, do qual ele é essencial modalidade. A necessidade de determinação é pois interna e a lei, na sua constância,

¹ O itálico é nosso.

² A razão metafísica da impossibilidade de deduzir racionalmente o Universo, está, em Antero, no facto do espírito se não conhecer com igual e perfeita consciência. Aqui a experiência *acorda* sucessivamente todas as virtualidades da Razão.

exprime apenas a constância daquele acordo do ser consigo mesmo, que, em // idênticas relações, se manifesta por idênticas modalidades».

35

A liberdade é a espontaneidade plena, isto é, o agente criando o próprio condicionalismo das suas acções finalistas, até que «o determinar-se já não é limitar-se: é expandir-se, é desdobrar-se indefinidamente numa actividade, que, criando um mundo seu, se cria ao mesmo tempo com esse mundo».

«Este ser, que está todo em cada um dos seus actos, cuja essência se substitui ao universo e cuja actividade não reconhece outros limites senão as leis da sua própria natureza, realiza por certo o ideal de ser livre. É por isso também que é um ser só ideal. Deus, se Deus fosse possível, seria esse ser absolutamente livre. Mas, por isso que não é *real*, é que é *verdadeiro*.»

A liberdade gradua-se, tendendo para esse limite ideal e «a cadeia universal das existências, na sua prodigiosa espiral de espirais, aparece-nos como a ascensão dos seres à // liberdade, na qual descobrimos a causa final de tudo».

36

Assim se desfaz a ilusão do mecanismo: «onde o mecanismo vê *transformação de forças*, vê a razão *correlação de estados*, que derivam de energias íntimas e as exprimem como modalidades suas, momentos lógicos do seu desenvolvimento».

«A evolução universal só agora é inteligível: parte duma verdadeira causa — a virtualidade infinita do ser; dirige-se a um fim — a realização dessa virtualidade, a plenitude e perfeição do ser.»

É pois reintroduzido o verdadeiro evolucionismo com *aumento de ser*, e o superior explica e dirige, seduzindo-o, o inferior.

A evolução é a espiritualização do Universo e a história é o teatro da liberdade.

O fim último da evolução, que deixa em seu caminho o direito e a moral, é o desenlace do drama divino do // universo: o dever feito pura atracção e puro amor.

37

«O *eu* limitado, refluindo, se assim se pode dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se nalguma coisa de absoluto, já não individualizado *mas ainda ligado ao indivíduo*¹: transição do ser para o não-ser, que equivale, *quanto cabe na realidade*, à plenitude e perfeição do ser».

¹ Os itálicos são nossos. Ponto importantíssimo para a crítica que fazemos adiante.

Só quem dissolve a própria vontade na vontade absoluta alcança a vida eterna.

«Confundido com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no ilimitado, no inalterável, e subsiste como ele eternamente.»

A sua existência será como a existência dum princípio universal, impessoal e absoluto. //

38 «A consciência do justo é o único templo do único Deus; e, nesse templo, a renúncia ao egoísmo é o único culto.»

«Essa pouca justiça que consegue penetrar neste mundo de luta, cegueira e egoísmo, vem toda dali, porque só ali tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a ciência e toda a especulação, só ela torna patente o íntimo segredo das coisas e é, em si mesma, a única verdade evidente, o único saber sem dúvidas nem obscuridades. Ela vence a morte, porque faz compreender a significação do êxito final e apreciar quanto ele vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim último do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. // O drama do ser termina na libertação final pelo bem.»¹

39 Eis a síntese que concilia o que há de profundo e verdadeiro nas tendências positivistas, realistas, idealistas e criticistas do pensamento moderno.

Síntese, cheia de tolerância, realizando a *unidade na diversidade*, única forma da beleza essencial.

Elaboração começada pelos filósofos mas que, sendo a própria alma da evolução, será continuada pela humanidade: categoria social irmanando os homens, o próprio espírito da civilização.

¹ Transcrevemos este trecho pelo seu valor filosófico e pela sua excepcional beleza, meditada e severa.

Em quatro artigos do jornal portuense *A Província*, de 1886, fez Antero, a propósito dum livro recentemente publicado, a crítica da chamada filosofia naturalista, tipo do monismo evolucionista de Haeckel.

No primeiro artigo começa Antero por citar a frase de Humboldt contra os naturalistas que pretendem fazer química sem molhar as pontas dos dedos, para, em paráfrase, falar dos singulares filósofos, «que, com os dedos mais que ensopados em química, pretendem fazer filosofia sem nunca se terem dado ao trabalho de reflectir».

E afirma que «a filosofia é, de sua natureza, especulativa, e a ciência // não pode ser para ela mais que uma matéria-prima».

41

As ciências levam postulados implícitos e são guiadas por princípios ordenadores.

Uns e outros penetram as ciências, furtando-se aos sábios, que, filosofando, supõem ser a filosofia uma simples acumulação dos factos do Universo.

Uma explicação racional do Universo envolve as ideias de *substância, causa e fim*.

Devemos pois analisar estas ideias.

Este trabalho pertence à metafísica.

A filosofia está no ponto de convergência das duas disciplinas — a ciência e a metafísica — tendo a primeira por matéria e a segunda por forma.

Quer isto dizer que falta ao simples naturalismo cientista uma crítica de seus próprios alicerces.

Mas, para além desta fundamental deficiência, vejamos tal naturalismo em acção. //

É dum discípulo de Haeckel o livro que se critica.

42

Pondo de parte as possíveis¹ inexactidões científicas apontadas por sábios eminentes, vejamos o valor das doutrinas.

As duas noções capitais da doutrina são a de *monismo* e de *evolução*.

A palavra monismo nada mais significa que a vaga abstracção da unidade da substância.

Mas como passar dessa abstracção para as múltiplas formas de experiência?

43 A matéria começa por ser para os monistas o que é *in situ*, tal qual se manifesta aos nossos sentidos; mas, como com tal complexo perceptual se ficaria abaixo do conhecimento científico², a matéria é outras vezes // definida em termos de movimento. De modo que o *monismo* é uma doutrina de contornos imprecisos e incapaz de explicar como a substância una e simples pode determinar-se em movimento e variedade. Os monistas protestam contra o atomismo, e, no entanto, ele impõe-se como um facto à sensação e como um postulado à ciência, para a possível determinação numérica³ [1].

Tal monismo não explica o movimento, desservindo a ciência, e ignora os direitos da crítica.

E admitido o movimento no homogéneo, ou até, dado já o heterogéneo, como compreender que apareça o movimento?

44 A matéria é dotada de espontaneidade ou é inerte? // Iguamente a doutrina se apresenta aqui duvidosa e ambígua: afirma vagamente e no todo a espontaneidade, mas, por necessidades científicas, afirma a inércia em cada um e em todos os casos particulares ou sistemas parcelares do Universo.

Como conciliar tal espontaneidade com a mais rigorosa aplicação do princípio de conservação do movimento?⁴ [1]

Eis o que não poderá fazer uma filosofia que dê aos princípios científicos valor de absoluto e se reduza a simples compiladora das generalidades das ciências.

E a ideia de evolução?

¹ Sabe-se como aumentaram tais acusações, chegando à acusação escandalosa de Cyon.

² E até vulgar.

³ Comparar com o notável e muito posterior estudo de Hannequin sobre a hipótese dos átomos e com o actual atomismo da ciência: mecânica, electromagnética e até energética.

⁴ Nome incorrecto do princípio de conservação da energia.

Será o evolucionismo naturalista o resumo, a conclusão do labor científico, como afirmam os seus defensores?

Para que tal fosse teria esse evolucionismo de explicar todos os // fenómenos de cada grupo e a passagem de grupo para grupo, isto é, teria de ser válido em cada ciência e capaz de estabelecer a ponte que de cada ciência levasse seriadamente às outras. 45

À segunda condição falha inteiramente o monismo evolucionista, pois que dos fenómenos só apreende e lhe interessa o aspecto comum em *termos de movimento*.

A primeira condição só é satisfeita nas ciências onde o elemento histórico desempenha proeminente papel: são excepções as ciências físicas e químicas, por exemplo.

A irredutibilidade dos elementos químicos e o paralelismo ¹ das energias físicas limitam esse evolucionismo. //

Tal evolucionismo será pois uma hipótese filosófica; é, como tal, que veremos agora o seu valor. 46

Se o evolucionismo não é simples constatação dum facto, mas exigência hipotética da razão filosofante, necessário será saber o que significa essa evolução.

Ora esta ideia de evolução implica a de finalidade e esta é exactamente a que os monistas pretendem negar e destruir como antropomórfica.

Os seus argumentos contra esta finalidade nada valem todavia contra uma finalidade imanente que daria a razão do evolucionismo.

Nem o movimento é compreensível sem finalidade imanente, nem muito menos uma evolução, desenvolvimento hierárquico para tipos superiores.

«O tipo é realizado na série, não é um produto dela: pois, se fosse um produto, como se explicaria a série?»

De toda esta crítica se conclui que esta filosofia dos naturalistas sem filosofia é inviável. // Mais se conclui que não pode haver uma filosofia positiva, simples armazém das ciências. 47

E isto porque o pensamento científico não é o tipo perfeito e definitivo do conhecimento humano, mas «... constitui apenas a

¹ Antero distingue aqui entre o que mais tarde Wundt chamará ciências fenomenológicas e ciências genéticas. No entanto já na física o princípio de Carnot-Clausius marcara directriz evolutiva e hoje os fenómenos de radioactividade vão mostrando a evolução dos corpos.

região média do conhecimento, entre o senso comum, dum lado, e o conhecimento metafísico do outro».

«O movimento não esgota o ser: o ser implica movimento e ideia.»

«Matéria e espírito, determinismo e liberdade, evolução e finalidade, não são ideias contraditórias senão na aparência: de facto, são só duas esferas diferentes da compreensão, tese e antítese, cuja síntese é a razão.»

Uma filosofia da natureza terá de receber como ponto de partida o determinismo e a evolução, mas há-de atender às ideias e às exigências da consciência humana.

48 Uma filosofia que fala de // positivismo e factos positivos não pode ignorar (ou fingir que explica por miraculosos epifenómenos) os fenómenos e as objectivações da consciência «desde os códigos até à poesia, e através de milhares de anos».

Uma filosofia, que ainda por cima se diz evolucionista, não pode esquecer que esses factos «constituem o ponto mais alto da série evolutiva das cousas».

Que diríamos duma filosofia em contradição com os factos da consciência, com o mais directo, imediato, irrefutável e implícito em tudo quanto afirmamos como existente?

Ilusões subjectivas?

Mas digam, pois, como duma combinação de movimentos sai, não já a vida superior do espírito, mas a mais simples e rudimentar sensação.

É este o título duma publicação póstuma feita no *Arquivo dos Açores* ¹ e composta de notas soltas e comentários.

Todas as nossas ideias se reduzem à ideia de Ser, pois são apenas ideias de modos de ser.

A ideia de ser é a condição mais geral das coisas; nela reside a lei primária das coisas ou dela tem de ser deduzida ². //

À metafísica pertence dar esta teoria geral do ser.

50

O que é o ser?

A experiência dirá: o mundo fenomenal.

A razão pura dirá: o que subsiste.

Eis uma antinomia ³ [1] que é um facto «e o facto mais importante da nossa vida consciente».

Antinomia insolúvel, que devemos aceitar como o primeiro dado da razão e que, se não é o *facto* em si, é com certeza o *nosso facto*.

«A razão, no seu maior esforço de análise, chegou a determinar isto: a existência, na ideia de Ser, de dois elementos irreductíveis contraditórios e ao mesmo tempo essenciais!»

Resta-lhe, pois, aceitar o facto e analisar os dois elementos, suas relações, etc.

«O que é o Absoluto? O que é a Realidade? Em que relação estão um para // com o outro estes dois elementos do Ser?»

51

¹ *Arquivo dos Açores* n.º 12. Interessando este estudo publica o *Arquivo* mais cartas de Antero, entre as quais a notável carta autobiográfica ao Dr. Storck.

² Comparar com Lachelier.

³ Compare-se com Renouvier.

Dadas estas relações, qual a razão do Universo, o que é a natureza e o espírito, a humanidade e a sua história, a causa, o fim, o processo?

A ideia de *Realidade* vem da experiência, é um *facto* que se impõe à Razão, *facto* extra-racional¹ a que se não pode atribuir *necessidade*, porque não só a razão «concebe como igualmente possível outro *mundo dado* qualquer, mas concebe ainda a possibilidade de nenhum *mundo dado*...».

A ideia de Realidade é, pois, a de um mundo concebido pela razão apenas como o possível, *fortuito, limitado, imperfeito, incompleto*, «um mundo cuja existência, comparada à plenitude do Ser, é como uma aparência e como se efectivamente não fosse».

Mas não será a *Lei* um absoluto?

Se o fosse, e em si necessária, reentraria o absoluto e o necessário no corpo contingente da Realidade. //

52 «A *Lei* não é um absoluto.»

Não tem uma necessidade apriorística, porque a *Lei* da Realidade é a *Lei* do possível, não tem necessidade *a posteriori* porque tal necessidade suporia absoluta constância² das leis naturais, que são apenas as leis dum *momento*, o que implicaria a universalização e eternização desse *momento*, que é o «*nosso mundo*».

Mas não será a força³ a substância da Realidade?

53 A força é por nós simplesmente apreendida como correlação dos movimentos, a permanência da sua // quantidade só *aparece* ligando a variabilidade incessante.

A Força é fenómeno e não substância, nada podemos conceber independentemente das actividades reais fenoménicas.

A Realidade é só fenómeno.

«A existência da Realidade, como tal, é pois uma existência incompleta, a si mesma insuficiente, efectiva só para si, mas absolutamente aparente, uma existência que só fundida com a sua mesma negação poderia ser plenamente.»

O mundo das ideias metafísicas reduz-se a duas categorias: a de Absoluto e a de Força.

Na última está a explicação fenoménica da realidade.

¹ Compare-se com o contingencialismo de Boutroux.

² Compare-se com o evolucionismo das leis estudado por Boutroux e brilhantemente criticado por H. Poincaré.

³ Esta força é Energia.

A primeira abrange a substância, a causa, a lei e o fim e dá a concepção do que existe por si e em si.

O facto irreductível é, pois, a antinomia da Realidade e do Absoluto.

A Realidade é contingente e nela teremos esferas concêntricas de Liberdade // fenoménica ¹ «ou ilusória», como: «A atracção e todas as forças físicas, os organismos, o instinto, a razão inconsciente ou a vida moral e social espontâneas, a razão consciente nos limites da Realidade (tendo ainda por fim a Realidade) — A Justiça, o Patriotismo, o Amor, o Saber, a Arte, etc., etc.».

54

Com o mesmo título e na mesma revista se publicam outras notas, algumas das quais aí são hipoteticamente relacionadas com as notas que acabamos de expor.

Veremos que elas (as que daremos a seguir) pertencem a outras reflexões do pensamento e pela carta autobiográfica veremos que algumas até se referem a outra atitude da alma, embora possam ligar-se, como unidas foram no Espírito de Antero. //

O MECANISMO

55

«1.º — Concepção atómica das cousas ou monadologia.

2.º — Psicologia atómica, ou monadologia transcendental.

1.º — A matéria, no fundo subjectiva, não é mais que a forma elementar e primordial da sensibilidade.

2.º — A sensibilidade não é mais que a forma elementar da representação — a representação que um ser tem de outro; a representação do limite que esse *outro* lhe opõe, isto é, a modificação geral do *eu* em frente do *não-eu*.»

Tudo se faz mecanicamente, menos o mesmo princípio do mecanismo.

«Matéria — Resistência; Resistência — Vontade (de ser o que é); Vontade — Consciência. Isto pode provar-se pelo simples princípio da contradição.»

Todo o movimento é provocado: nenhum movimento é *comunicado*. //

O movimento é uma correlação dos estados das mónadas.

56

Neste sentido, ele é ilusório; apenas existem os seres reais e seus estados.

¹ Antero diz «relativa»; parece mais de acordo com o seu pensamento a palavra que usamos.

O fortuito resulta da imperfeição das mónadas, se fossem perfeitamente livres, exprimindo inteiramente suas naturezas, as suas *correlações* seriam absolutas e harmónicas «entre todos os momentos de todas elas».

O fortuito resulta da falta de correlação, que apresenta o irracional e imprevisível por inexplicável pela natureza das mónadas.

TEORIA DA VIDA

Do animal ao homem há simples diferença de grau e não de essência: o predomínio de certa faculdade *reage* sobre as outras e dá aspectos novos.

O mesmo da química à vida: nesta tudo se faz por meios físico-químicos, mas o *tipo* é outro. //

FILOSOFIA DA MORTE

57

«A ideia da Morte é a base da vida moral.» A consciência da finitude é que leva o homem a viver não para o seu *eu* pessoal, «mas para algo de eterno».

«O cristianismo — Louvores da Morte. Explicação dos Sonetos, como não são um paradoxo.»

«Mot de la fin: Saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver.»

A METAFÍSICA DA MORTE

«Condorcet, etc. — Da estreita Filosofia do século XVIII não podia esperar-se mais. Mas a Morte tem uma razão metafísica, por conseguinte é *necessária*.

58

«Os seres são necessariamente // relativos, limitados e imperfeitos, por isso que são seres *reais*, visto que a realidade exclui o absoluto e a perfeição: absoluto e perfeição não se podem conceber senão como tipo ideal e não como actualidade e realidade. Mas por outro lado, a tendência desses seres relativos é realizarem, nos limites das suas condições, aquele tipo ou ideal e como essas condições são limitadas, limitada é essa realização, donde resulta que, realizado esse fim nos limites possíveis, o ser estaciona, deixa pois de ser apto para continuar a realizar o seu fim e perde por conseguinte a sua razão de ser.»

«A Morte não é mais do que a manifestação física desta necessidade metafísica.»

CAPÍTULO II

AS CORRENTES CONTRÁRIAS
NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO

(^α) AS CORRENTES CONTRÁRIAS
DO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO

61

Na carta autobiográfica ao Dr. Storck, modelo de lucidez, justiça, delicadeza intelectual e elegante sinceridade, mostra Antero a história do seu espírito encantado pelo naturalismo idealista de Hegel ao mesmo tempo que o seu temperamento o levava para as atitudes revolucionárias de parte da sua imortal obra poética.

A contemplação e a acção já aqui se apresentam digladiando o espírito de Antero.

O imanentismo aparentemente mobilista da Razão hegeliana é feito da tranquila certeza duma formidável massa em movimento, é quase ir // placidamente na imensa onda em cujo regaço nos sentimos embalados; a combatividade revolucionária é o inquieto receio que as sementes espirituais, que julgamos possuir, sendo apenas em nossas frágeis mãos humanas, venham a morrer se não lhes valem com esforço e tenacidade para que o momento não fuja e o futuro se não perca.

62

Já aqui apontam dois grandes caminhos da esperança: um de largo, repousado ritmo, seguro de si, em que vamos de companhia com um vasto todo que avança; outro exaltado, duvidoso, em que, porventura *sós*, subindo sobre a rasa campina da natureza, somos a única voz a que não responde nenhuma outra voz no Universo.

(^α) Leonardo Coimbra publicou in *Revista da Faculdade Letras da Universidade do Porto*, Porto, vol. 1, n.ºs 3 e 4, 1921, o texto que se segue até à p. 373 da presente edição («Mas o seu pensamento debate-se em heróico e divino combate [...], que o eleva até à ideia de liberdade transformada em pura atracção do Amor»).

Um é de esperança sonolenta, dormindo o cândido sonho do optimismo; o outro é de esperança porfiada, heróica, teimando inserir o bem e o justo, os ideais, na cósmica indiferença circundante.

63 Antero em 1875 achou-se em frente // ao seu naturalismo com as exigências metafísicas da sua consciência moral, vendo-o ou como o horror da «luta universal»¹, ou, se é transcendente, como numa dialéctica gelada e inerte.

A consciência moral protesta, não se compreende como único ser cuja voz «seja a única voz sem significação no meio das vozes inúmeras do Universo».

E, reflectindo, o naturalismo aparece-lhe como o simples exterior, a lei das aparências e a fenomenologia do ser.

O *Psiquismo*, a monadologia de Leibniz renovada, a liberdade dentro do determinismo realizada pela santidade, a natureza como vago arremedo do espírito, etc., eis uma invasão do primeiro caminho pelos heróicos caminheiros do segundo, deixando-o até como vestígio de seus passos. //

64 O volumoso monismo da evolução imanentista e naturalista parece vencido pelo pluralismo das consciências fazendo-se companhia, conquistando para a alma os mais obscuros meandros da natureza.

No entanto ainda aqui aparece a sedução contemplativa e inobilizante, esquecendo a sociedade e fazendo do Espírito (absoluto apreendido na Razão) o tipo da verdadeira Realidade.

Oliveira Martins classificara de budismo o pensamento de Antero, ele, sentindo ainda os protestos da consciência moral contra o vazio de alma dos naturalismos, dirá² que não é budismo oriental, mas um novo budismo ocidental que ele pressente e anuncia.

O budismo ocidentalista será crítico e sábio, o seu início é o novo psicodinamismo, que é o *oculto* do fisiodinamismo patente. //

65 Aqui, em toda a obra filosófica de Antero, correm, subterrânea e profundamente, duas correntes de ser e de pensamento:

O que com Renouvier se pode chamar antinomicamente a doutrina da *Cousa* ou a da *Pessoa*, e o que chamaremos a doutrina da *Duração* ou a da *Imobilidade*.

¹ Lembrem o livro de Dantec com este título, consequência extrema do naturalismo científico, como previra Antero.

² Carta autobiográfica.

Os nossos juízos de realidade atingem, no limite, formas de exterioridade e de interioridade.

A forma de exterioridade é o espaço¹: não que ele exista como pura forma, independentemente dos seres que se relacionem, mas estes podem marcar apenas a sua possível presença pela simples determinação do ponto.

A forma da interioridade é o tempo: que não é pura forma mas o abstracto da adaptação teleológica. Os juízos formais² de exterioridade dariam possibilidades de coisas, como os juízos // formais de interioridade dariam possibilidades de consciência³ [1].

67

Eis a opção entre a explicação do interior pelo exterior ou do exterior pelo interior e, com ela, a escolha do tipo *cousa* ou do tipo *consciência*, como possibilidades do real.

Mas estes juízos são simples limites ideais: os juízos de experiência que lhe correspondem dão claramente como tipo mínimo de exterioridade o átomo no sentido etimológico da palavra e a *pessoa* como tipo máximo de interioridade.

Ficam indiferentes estes dois *tipos*, estabelecendo um radical dualismo que fragmente a realidade de modo que a // palavra *universo* seja uma criação miraculosa, insensata e despejada? Se entram em relação, qual deles será tomado como modelo de ser?

68

¹ O Tempo quase o é também, quando social, ou socializado — o dos relógios.

² Só possíveis depois de criadas, como limite, as formas.

³ Veremos como a duração penetra também na *cousa* sendo, por isso, o tempo um abstracto que não se encontra só na vida e consciência mas também no que se chama Natureza. O Universo *dura*, todos os sistemas *duram*: na *duração* é, pois, o enlace do espírito e da matéria.

Conforme um ou outro, assim teremos a doutrina da *Cousa* ou a da *Pessoa*.

Ora, em Antero, o psicodinamismo começa por um protesto da *Pessoa*, mas realiza-se, expõe-se, vive com a dialéctica da *Cousa*.

É assim que o *panteísmo*, a *substância omnímota*, o *Inalterável*, o *Absoluto* são sempre termos da sua exposição, mesmo quando defende a liberdade, e, em seu louvor, levanta a sua bela e profunda palavra de santidade.

É certo que o pensamento hesita e encontramos também protestos contra a absorção dos indivíduos, encontramos até estes, embora reduzidos à mímica, marcados como pontos singulares na transição para o Absoluto. Mas esta mesma redução a quase pontos matemáticos bem mostra a concupiscência intelectual dum pensamento exteriorizante. //

69 Em concreto e flagrante se encontra esta dúvida, esta hesitação pendular, quando recebe o budismo, mas *renovado*, *ocidentalizado*. Como?

Penetrando-o da nova luz da ciência? Mas a ciência é o mais possível exteriorizante.

Da luz do cristianismo?

Veremos que é essa a solução, que Antero nunca aceitou inteiramente embora o seu cristianismo seja profundo e leal, como o mostra, no mesmo *Arquivo* aquela carta belíssima, de inefável brancura, de 1864, que acompanha uns versos para o *Átila*.

O seu enranhado hegelianismo assoberba e domina os voos das suas concepções.

Atinge, como limite da evolução das almas, a transformação do dever em pura atracção, em puro Amor.

Mas o Amor exige companhia, é o seu alimento. Amor sem troca, dádiva, crescimento, invenção de bondade e beleza não é Amor. //

70 Eis o coração da doutrina da *Pessoa*; mas aqui mesmo Antero deixa o *eu* dissolver-se em alguma coisa de Absoluto, ficando apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual do Autor.

Aqui *visionamos* quase materialmente o equilíbrio das duas correntes, confundindo-se, e deixando apenas como afirmação do que foram o centro do turbilhão que formaram.

A exposição de Antero atinge aqui um alto valor de verdade e beleza, porque conserva para interesse do Amor o processo espiritual que o realiza na universalização de cada *eu*; mas ainda a doutrina da *cousa* exerce um desvio sobre o seu pensamento,

que dirige cada *eu* e todos os *eus* para um universal abstracto da substância ou dum princípio e não para o universal concreto da troca e da companhia.

O seu drama divino é individual; por uma directa sobreposição de Deus ao *eu* é a fusão deste na formidável quietude daquele. //

Faltou-lhe a interposição dum *nós*, dum fraterno plural, que é a própria experiência, mas que sempre se furta às tendências monistas da razão. 71

A função *imobilizante* da Razão (função psicossocial) levou sempre Antero, encantado pela dialéctica do realismo idealista pós-kantiano, a tomar do real a feição *cousa*, como a mais própria às definições fixistas de identidade substancial e variedade de atributos ou modos.

É assim que, para ele, o contingente, o *fortuito*, resulta apenas da imperfeição das mónadas, que não exprimem perfeita e completamente a sua natureza.

O imprevisto é condicionado pela parcialidade da correlação das naturezas monadológicas, pois os seus graus de desenvolvimento são diversos e elas nunca são inteiramente determinadas por si e só por si.

Mas, se não são determinadas por si, qual é a determinante dos seus estados?

Sabemos que o movimento é a relação dos estados das mónadas. //

Mas há realmente *movimento*?

Pode sobrepor-se o percepçionalismo do movimento ao *eleatismo*¹ da Razão. 72

Leibniz não o quis fazer e a mónada *percebe* o movimento, *percebendo-se* a si, ao desenrolar da sua definição proposicional.

Antero acha também que o movimento é ilusório e subjectivo, simples modo de perceber relações dos seres, que são as mónadas.

Então teremos a harmonia preestabelecida de Leibniz ou o *Cousicismo* duma Substância que, sendo a mesma, se dá ao trabalho de tomar várias formas, *sentindo* em cada uma as *suas* relações com as *outras*.

É esta a solicitação naturalista e panteísta do espírito de Antero. //

¹ De que Antero recebe como equivalente — «O absoluto».

73 Então, como é que a *Substância* se dá graus, e sente mais ou menos confusamente, *percebe, compreende* e, por último, é a sedução do Bem, a pura Atração do Amor?

Porque se conhece imperfeitamente, pirâmide imensa, assente na lamacenta obscuridade da floresta, subindo a meio corpo na torva atmosfera da terra, erguendo o inacessível e luminoso vértice no sereno éter do infinito?

Pirâmide viva, imensa árvore de vida, que eleva, em seiva, à brancura do Alto, as podridões e obscuridades da base?

Bela imagem; mas penetrada da idolatria da *cousa*, pois porque seria impossível a pirâmide luminosa flutuando em pleno éter?

Porque não interrogou ainda os arcanos do seu ser a substância eterna e não requeimou ainda as trevas de baixo à luz das alturas?

74 E, se a substância conhece ou sente cada determinação monádica, porque // não as conhece todas e não é, pois, a unidade consciente do todo?

E, se é assim, as mónadas não existem: são ilusões e milagres que não sabemos de onde venham.

Não há aqui meio termo: ou vence o *eleatismo* da Razão e temos apenas Deus, que mesmo em Leibniz é a única realidade existente, pois as mónadas são proposições da sua tese dos compostíveis; ou vence o realismo perceptualista e o movimento existe, e com ele, as *cousas* são o *tipo* da realidade.

Antero debate-se entre os dois limites, tendo como pensamento dominante o hegelianismo onde as duas tendências tentam o equilíbrio pela concepção duma Razão que substitui à identidade *eleática* as oposições da sua dialéctica: seja uma Razão habilidosa, que recebeu o diverso da percepção e finge agora criá-lo pelos seus próprios movimentos de assimilação.

75 Concepção, que ainda o não satisfaz, indo a sua sede de substancialismo a // tomar como facto último, irredutível facto da filosofia, donde esta deve partir como pedra angular e eterno alicerce, a antinomia do que *subsiste* e é em si o *Absoluto* e do que flui, transita e se polimorfiza e é a *Realidade*. A *cousa* desdobrada no sujeito que subsiste e nos modos que, fluindo e refluindo, pintam o diverso da natureza?

Todas as suas simpatias espirituais vão para a *doutrina da Pessoa*, a sua dialéctica é toda embebida das sugestões da *doutrina da Cosa*.

Daí o seu budismo ocidentalista, que não conseguiu definir, embora nos deixe pressentir que mais seria antes um renovado cristianismo.

Quanto a nós, como veremos, a chave do enigma, a ideia que levaria o acordo às tendências contraditórias, é a da *Memória*¹, única unidade no // diverso, que sabemos existir, única subsistência com diversidade, que tem como limites a Razão Absoluta e a Percepção Instantânea² [1].

76

E aqui aparece a feição; imobilidade — duração: das duas correntes do pensamento de Antero.

¹ Ou Razão Experimental, que adiante definiremos.

² Limites que se tocam: sendo o primeiro a *pura identidade* e o segundo a *pura inércia*; ambos só modificáveis pelos consócios: contrários de Hegel — forças de Newton.

O fenómeno passa-se no tempo; mas é o tempo apenas um quadro da nossa sensibilidade ou do nosso entendimento, ou o próprio fenómeno *dura*?

O tempo é uma forma de adaptação teleológica no mundo fenomenológico; sê-lo-á também no mundo que *é* e *aparece* no fenómeno?

Mais: a teleologia não será uma *aparência* de segunda ordem mesmo dentro da *aparência fenoménica*?

É esta a explicação dos naturalistas que Antero criticou no trabalho que citámos ¹. //

78 Para estes só há movimentos e composições de movimentos; a adaptação é um *resultado* do condicionalismo mesológico e nada mais.

O tempo seria uma variável cómoda ² [1] para escrever certas funções matemáticas, ligando os fenómenos.

As ideias são originalmente actos da vontade; as tendências, obscuras no desejo, são *fim* e *meio* no acto lúcido da vontade consciente.

A ideia do tempo é penetrada da teleologia do desejo e da vontade, é o próprio caminho do querer iluminando o seu percurso, qualquer cousa como alguém que antes de saltar um fosso o mede e aprecia.

A irreversibilidade do mundo aparece-nos na consciência, revelada pela oposição dos fenómenos às direcções da vontade. //

¹ *A Filosofia da Natureza dos Naturalistas.*

² Cómoda: de comodidade pragmática para os nossos hábitos psicológicos e sociais.

Mais tarde as ideias afastam-se da sua imediação activista, meios de *acção* mediata e longínqua tornam-se *fins*, e a sua coe-rência recíproca e com os fundamentos da experiência são o único critério do seu valor e verdade.

79

É o momento do pensamento desinteressado, isto é, sem mais interesse que o de pensar.

Então a *irreversibilidade*, por exemplo, aparece *medida* pelo factor *entropia*, sem que isto signifique que se possa ter eliminado o tempo, mas tendo-o reduzido ao que fica de homogéneo, em relação ao mundo físico, no conflito dos indivíduos psicológicos: aquilo em que hoje se resume o *acordo social* sobre a forma geral dos *meios* de acção ¹. //

As acções sociais que interessam são as acções que podem propagar-se e repetir-se.

80

O próprio trabalho artístico pode reduzir as suas ondas de ressonância a um meio social limitado e estreito; mas, se não passasse do abalo inicial da origem, tombaria inerte, sem conseqüências.

O grande artista ou o santo, que se julgam incompreendidos, convivem com Deus, que, como transcendência da consciência social ou como consciência total, é sempre uma maior e melhor sociedade substituída àquela a que o artista ou o santo fugiram.

Se só interessa o que pode repetir-se, é claro que na ideia do tempo interessa essencialmente uma forma homogénea, a própria irreversibilidade formal da volição efectiva, para nesse esquema inserirmos o corpo de todas as acções, que serão desmontadas em *causa* e *efeito* melhor que em *meio* e *fim*, porque será assim mais seguro o // determinismo e mais liberta e dominadora a vontade.

81

Quanto mais científico é o pensamento mais se afasta da acção imediata e melhor pode a inteligência na demora da acção procurar o domínio dos meios pela incorporação da série no primeiro termo e na lei do seu desenvolvimento.

De modo que o corpo teleológico da ideia de tempo é cada vez mais esbatido, à medida que caminhamos em progresso científico sem que atinja o limite bergsonista de puras coincidências espaciais. A ideia de tempo implica sempre intervalo e limites,

¹ É tanto a forma social mais fácil que o problema económico do trabalho começa por se exprimir na *quantidade* do tempo para depois considerar as qualificações, que irá ainda *quantificar*, etc.

embora cada intervalo se fragmente por sua vez em novos intervalos pela posição de novos limites; mas jamais poderemos reduzir o tempo aos simples limites de instantes, sob pena de cairmos, por excessivo empobrecimento da ideia, em todas as contradições que o génio *eleático* previu e revelou.

Seria fazer o movimento por adição de imobilidades. //

82 O mesmo argumento de Bergson de que podemos multiplicar por n a variável t em todas as funções que exprimem a variação dos fenómenos, nada provaria, pois nada significa, se correlativamente tomarmos uma unidade n vezes mais pequena.

Mas a própria escolha da unidade não é inteiramente arbitrária e o sistema C. G. S. garante a sua legitimidade pela elegância global que o acompanha.

Mas o que nós, com efeito, fizemos para o tempo foi reduzi-lo o mais possível à pura forma de irreversibilidade, que, em lógica, chamamos forma de causalidade abstracta ou razão suficiente.

O tempo é a circulação num dado sentido de um ponto material em movimento uniforme.

E o que é movimento uniforme?

É aquele que, tendo só razão para a uniformidade, é o mais simples de todos e a todos subjacente como medida.

Este tempo é, por isso, a *quantificação* dos movimentos. //

83 Eis porque o tempo corre o perigo de deformar a realidade pela exclusão do que nela exceda o simples mecanismo.

Assim a imagem mecânica do Universo é a imagem dum Universo que não envelhece, que não tem imprevisto ou novidade, que não *dura*, que é, enfim, calculável pelo conhecimento de todas as velocidades actuais: à maneira do gigantesco sonho de Laplace. A mobilidade mecânica do Universo vem a ser um radical imobilismo, pois o Universo é *dado* no sistema dos seus momentos.

O artifício imobilista da ciência é reconhecido pela própria ciência que se completa, corrigindo o abstracto dos seus momentos inferiores.

É assim que, sendo o tempo a forma da irreversibilidade, a sua medida foi feita em mecânica por um movimento uniforme num *dado* sentido.

84 Simples forma de irreversibilidade fez-se quantidade algébrica contável em // dois sentidos opostos e a mecânica pôde introduzir no quadro da irreversibilidade os seus fenómenos reversíveis por uma simples mudança de sinal na variável tempo.

Mas a física vem e conta os fenómenos numa superior irreversibilidade, que não é limite abstracto e não pode por isso permitir mudanças de sentido.

A irreversibilidade física é medida pelo acréscimo de entropia dos sistemas em suas transformações energéticas.

E se, para evitar conflitos com a mecânica, sujeitamos essa forma a uma possível redução reversibilista, temos de achar a irreversibilidade não como o necessário da evolução física, mas como o infinitamente provável, o que é o mesmo, pois nenhuma lei científica tem outra necessidade que a da sua crescente probabilidade.

Quer dizer que a ciência repete o jeito *imobilista*, conservando as duas feições, mas não consegue todavia eliminar o concreto duma // irreversibilidade que teima em introduzir um relativo mobilismo. 85

Eis o imobilismo científico contra o qual aliás Antero irá protestar em nome da Liberdade, como, igualmente e pelos mesmos motivos, protesta contra o imobilismo duma Razão construtiva que desenrole o Universo em *momentos* do seu desenvolvimento dialéctico.

Este *imobilismo* da Razão construtiva desrespeita uma das condições da ideia do tempo: o seu finalismo mediato ou imediato.

A genética da evolução é um artificial oposicionismo da Razão construtiva, a não ser que, com Fichte¹, se ponha a Razão prática como norma e essência e o Universo mais não seja que // a criação da vontade moral para teatro do seu esforço e mérito. 86

Ora Antero é fundamentalmente hegeliano e a síntese que procura é a de Hegel com a ciência, isto é, de dois *imobilismos* diferentes, mas ambos bem longe da *duração*.

No entanto, Antero distingue o pensamento antigo do pensamento moderno por um carácter, que diríamos ser o da *vida* e da *duração*.

Com Goethe e Schelling, e com o esplendor das ciências naturais, Antero irá ver na natureza um processo de desenvolvimento e evolução que mais a aproxime dum ser vivo que da pobre vida duma Razão abstracta ou da morte duns apropositados arranjos mecânicos.

¹ Veremos que era Fichte o mais capaz de ter resolvido as tendências contraditórias que depois encontrara no pensamento de Antero sem que todavia tenha visto o grande clarão da luz que incendiara, tendo até acabado por cair no sono do Ser Absoluto.

A irreduzibilidade das séries fenoménicas, que é uma boa parte do pensamento de Comte a opor aos excessivos abusos dum precipitado monismo, revela a Antero um *aumento de ser* na passagem de umas para as outras. //

87 Mas o monismo naturalista tinha-o penetrado de mais, bem como o monismo idealista hegeliano, para poder escapar a uma doutrina da substância¹, que reintroduz o *imobilismo*.

A viva unidade da natureza, que o naturalismo idealista renovara, parecia, com a ideia da vida, introduzir a *herança*, isto é, a *duração* concreta e eficiente: a introdução no tempo uniforme da ciência dum *diversidade cumulativa* que lhe enchesse os intervalos, fazendo-os solidários, dum *solidariedade constitutiva* e orgânica e bem acima da simples *solidariedade formal* dum fluxo e limite desse fluxo.

88 É, com efeito, do lado da vida que Bergson procura a sua ideia de *duração* concreta, já na apreensão dos dados imediatos dum *consciência* ainda não socializada — a mais próxima, pois, da // *simples vida* —, já na própria *evolução* da vida como um todo que se esforça e conta o tempo pelas derrotas e glórias desse mesmo esforço.

Era natural de resto, e Cournot, com a sua habitual sagacidade, o vira.

A vida é herança, a experiência biológica é irreduzível por isso mesmo a uma *mecânica abstracta*, que hoje a própria física excede, onde o tempo fluía uniforme permitindo recompor a realidade com elementos e arranjos *fixos* e *eternos*.

Nada mais interessante que o malogrado esforço dos naturalistas filósofos para fingirem a herança da biologia com o *actualismo* ou *não-hereditariedade* da *mecânica*².

Esta falência vê e prevê muito bem Antero na sua *Filosofia da Natureza dos Naturalistas*.

89 Mas a substância embriaga-o e aquela // *duração* e até aquela *criação*³ [1] não são verídicas: não passam de *actualizações* dum *potência infinita*.

Estas noções de *Acto* e de *Potência* que vêm desde Aristóteles são fontes de *intermináveis equívocos*.

¹ O germanismo pós-kantiano é patentemente influenciado por Espinosa.

² São primaciais as aberrações de Dantec.

³ Chega a escrever a palavra *criação*.

Nós percebemos o que seja uma *potência finita* actualizando no tempo a sua riqueza potencial: mas isto mesmo só o percebermos numa sociedade de seres em que as posições relativas determinam as reacções dos consócios; ou idealisticamente com a harmonia preestabelecida de Leibniz ou realisticamente com a física de Newton ou do próprio Leibniz e hoje com a, no caso mais flagrante ainda, física de Einstein.

A relação entre o centro da terra e o centro de gravidade da bela fotografia de Antero que tenho na minha frente continua a existir, apesar da interposição da mesa; retiro a mesa, a // fotografia cai, *actualizando-se* parte daquela energia potencial que era a relação.

90

Mas potência infinita seria a própria confusão do centro de gravidade da terra e da fotografia.

Se fisicamente se *actualizassem* todas as energias potenciais, cairia a zero o potencial do Universo.

É curioso que, com efeito, neste canto do Universo que nos é dado conhecer, assim vá acontecendo: como se fosse o *desfazer* dum mundo, o acabar dum esforço que o vai abandonando.

A Potência Infinita seria o Acto Puro; o que de resto não admira, pois são conceitos superabstractos¹, limites dum movimento pendular do pensamento.

De resto o próprio Antero o afirma quando reconhece, como facto irreduzível, a contradição da verdade com a realidade, do que subsiste com o que // transita, do absoluto com a existência^{2 [1]}.

91

Deus, «se Deus fosse possível», seria a absoluta liberdade. Mas porque é Deus impossível?

Precisamente porque, sendo a potência infinita, seria o Acto puro e único e o Universo se iria afogar no insondável desse abismo.

Não é possível em *realidade*, é-o apenas em *verdade*; isto é, Deus e Universo não podem *coexistir* e é aqui a profunda razão^{3 [2]} do budismo filosófico de Antero.

A existência é a sombra^{4 [3]} que o Acto puro projecta nas consciências limitadas, que se negam, aprofundando-se até à Liberdade, onde, desfeita a // sombra, o Universo é o uno do Acto divino.

92

¹ Roberty.

² Ver o estudo do *Arquivo dos Açores* sobre a «Filosofia da Liberdade».

³ E não nas elegantes banalidades de Oliveira Martins.

⁴ Sombra aliás impossível, pois à luz divina do Acto nenhuma opacidade se opõe.

Duplo imobilismo: o dum Deus que é Acto puro, e o dum Universo que é a miraculosa refração e fragmentação no tempo da sombra desse Acto.

Mas que Acto? Acto de Amor?

Mas Amor, repetimos, exige companhia; o Acto puro é *criação* e recairíamos numa metafísica do amor e da companhia, que não cabe no vago panteísmo poético de Antero.

No entanto, Antero fala num incessante *fieri*, num activismo do ser que implica a *Invenção*, palavra que pode muito bem ser a chave do enigma.

Mas a *invenção* não lhe acode, porque o processo do Universo é do tipo *cousa*, substância desenrolando indefinidamente a virtualidade dos seus modos.

93 E assim somos levados da doutrina da *cousa* à doutrina da *imobilidade* e devolvidos desta àquela, sem que as dificuldades se resolvam fora do recurso // às doutrinas opostas da *pessoa* e da *duração*.

E aqui se completam as duas soluções achadas: a *Memória* e a *Invenção*.

E a palavra do enigma seria, então, a *Memória Inventiva*: unidade na diversidade, variando sem deixar de subsistir, *durando* para lá da identidade, sendo acto e potência, porque é em si mesma o *excesso* e a *criação*.

Memória inventiva que, de resto, é a imagem, que se nos impõe, quando queremos traduzir em termos de consciência o esforço teleológico da vida, que é a alma dos naturalismos de Schelling e Goethe tão íntimos e amigos do pensamento de Antero.

A vida é o meio termo entre a nudez do mineral e o verbalismo do homem.

O primeiro vive na treva da própria mudez, o segundo na sombra duma palavra quase reduzida a simples moeda do grande comércio das gentes.

94 É, com efeito, um dos grandes valores de filosofia francesa moderna ter // mostrado, contemporaneamente e por processos e caminhos diferentes, a pressão social modelando o pensamento e o verbo, e os dados imediatos da consciência correndo ainda puros ao deformador ¹ baptismo desses moldes e categorias.

¹ Durkheim, Bergson.

O pensamento foge da penumbra, requer a plena luz, e, como a mais pronta é a candeia da casa, ele irá tomar o inerte da matéria que se deixa tratar segundo a linha dos seus interesses animais e sociais ou essas próprias linhas, como os grandes contornos da arquitectura do Universo.

É realmente na *vida*, com seus instintos e funções, que o pensamento encontra mais dificuldades, talvez pela mesma razão que é impossível revelar o movimento de translação uniforme dum sistema por experiências interiores a esse sistema. //

Se, com efeito, o *princípio da relatividade*, que com Einstein invade toda a física, tem de abranger a vida, a ponto de modificar o actual critério de envelhecimento e morte, ele encontra aqui uma aplicação metafórica, que deve encobrir alguma profunda verdade porventura desvendável pela indagação dos séculos.

Antero marcara como carácter da filosofia moderna o seu critério vitalista da natureza, e o inconsciente de Hartmann, vivendo na meia luz desse vitalismo, é também presente ao seu pensamento.

Esse pensamento move-se, pois, numa atmosfera de *duração*, mas a dialéctica da *cousa* perturba-o, aprisionando-o.

O mundo anima-se por um universal psiquismo, mas esse psiquismo é a potência duma série de actos que a definem.

Acto *patente* na experiência que era já acto *oculto* na substância dessa experiência.

Para conservar este oculto é, pois, // necessário um ser que separe a substância dos seus modos e faça, destes, simples aparências ilusórias; daí o absoluto do não-ser, que Oliveira Martins encontra em Antero e até em todo o pensamento consciente do momento filosófico contemporâneo.

É esta, sim, uma das razões do chamado budismo de Antero — a razão da sua dialéctica da *cousa*; mas a principal causa é outra e ele a aponta principalmente nos trabalhos publicados no *Arquivo dos Açores*.

E esta causa é o seu *imobilismo*, poderíamos dizer o *eleatismo* da sua Razão.

É, com efeito, a antinomia do que subsiste e é o do que transita, *aparece e não é*, o facto irredutível da filosofia para Antero.

Sendo assim, nenhuma solução poderia aparecer para essa antinomia além da negação da verdade dum dos termos que evidentemente não pode ser aquele que subsiste e é, restando ao outro a simples realidade duma ilusão. //

95

96

97 Isto é a pura negação da *duração* em favor duma Razão de identidade, dum Absoluto que nenhum termo pode definir, mas do qual todos os qualificativos se podem negar como aparências ilusórias.

E, no entanto, ainda aqui o pensamento de Antero foi removido no bom sentido e, mais e melhor que o germanismo que ele amava, sentiu o valor das doutrinas da *pessoa* e da *duração*.

O germanismo naturalista-idealista pós-kantiano, tendo a missão de reunificar o racionalismo, o voluntarismo e o esteticismo de Kant, penetra-se de espinosismo e regressa a uma doutrina da substância e modos, incompatível com os fundamentos do criticismo deixado de pé e vitorioso.

Há, com efeito, em Espinosa um belo idealismo¹, que transcende a interpretação substancialista. //

98 Não é esse, no entanto, o que anima o germanismo naturalista.

É assim que Schelling mistura no fenómeno a realidade e a idealidade, aproximando-se duma metafísica de abstracções, que lembra o seco e o húmido dos primitivos gregos.

Em todo este germanismo, até mesmo em Schopenhauer e Hartmann, há o sentimento dum mal que é a dispersão pluralista e duma unidade anterior e final que é a fusão de todos os plurais e diversidades no que é em relação a eles como a Indiferença² [1].

Antero é menos *immanentista* e resolve a antinomia fundamental por uma evolução que hierarquicamente irá reintegrando os diversos. //

99 O diverso da realidade é ilusório; a verdade é, para lá da ilusão, a liberdade pela sedução do Amor.

Antero apreende o ideal, que, por medo à transcendência, não coloca inteiramente como a razão e a alma de todo o real. Aqui a doutrina da *duração* explicaria o transcendente, o oculto e profundo labor de *invenção*.

E ainda a *Memória Inventiva*, e só ela, poderia resolver a antinomia, guardando o idêntico qualitativo dum processo que vive,

¹ Ver Brunschwig.

² Schelling, etc. É curioso observar como tais abstracções têm, em Comte, o reflexo concreto dos três estados e encontram na moderna escola sociológica francesa o análogo da *Consciência Social* diferenciando-se e reintegrando-se numa nova consciência, cuja pressão sobre os indivíduos vai sendo mais consciente e livre.

a activa unificação dum diverso, a cumulativa síntese, que, sem nada perder da sua experiência, para enriquecimento dessa mesma experiência, passa à inconsciência funcional e ao subconsciente mnésico o que não interessa às grandes linhas da experiência que vai fazendo.

Eis definido o conflito interno do pensamento de Antero, não que o conflito seja simplesmente entre o sentimento e a razão, mas sim entre a razão imobilista e cusicista e a razão personalista e temporal. //

Conflito que se resolve na síntese duma Razão experimental, que é a própria memória inventiva dos seres e do Ser em troca e acordo social.

100

Bem longe do decreto de Oliveira Martins tripartindo os temperamentos pensantes em místicos, naturalistas e cépticos, a Razão é experimental e, se o acordo de Antero não é perfeito, não quer isso dizer que seja impossível tal acordo entre as correntes conflituosas do seu pensamento, mas simplesmente que ele não encontrou inteiramente a síntese precisa.

Mas o seu pensamento debate-se em heróico e divino combate, tendo por vezes os dois extremos do dilema quase ligados pela ideia de *criação*, unidos de verdade pela curva daquele voo, que o eleva até à ideia de liberdade transformada em pura atracção do Amor.

CAPÍTULO III
OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS EM ANTERO

O que é, afinal, para Antero, a filosofia?

A filosofia representa num incessante *fieri* «o que há de absoluto no pensamento humano e o que há de relativo na consciência que o pensamento humano tem de si mesmo: uma *potência* infinita e um *acto* limitado: o segredo sublime das coisas, gaguejado numa linguagem deficiente e bárbara, cheia de lacunas e obscuridades e esta sua incurável imperfeição é justamente a condição da sua indestrutível vitalidade, da sua fecunda e incansável actividade».

Esta definição de filosofia tem como implícito postulado a existência dum pensamento absoluto incomensurável // com a consciência que o vai *actualizando*.

104

O conhecimento consciente é a *actualização* duma potência infinita.

Admitamos agora que é possível a *actualização temporalmente* seriada da potência infinita, quando já, aliás, demonstrámos que *potência infinita* é intemporal *acto puro*.

Teríamos então como primeiro conceito de filosofia o de qualquer coisa como um Absoluto que chega à consciência em relativas e finitas parcelas. Como um imenso e oculto depósito de água que uma canalização apertada viesse mostrando pouco e pouco?

Mas, se assim fosse, ou no depósito oculto ou naquele que recebesse a água que vai chegando teríamos de admitir *nascentes*, sob pena do estancamento do curso das águas.

Porque não acontece assim com a filosofia, devendo de resto acontecer, pois Antero nos diz: «Saber tudo equivaleria a nada saber. Uma filosofia // definitiva, feita e assente uma vez para todo o sempre, implicaria a imobilidade do pensamento humano: o absoluto anestesiá-lo-ia?»

105

106 Ou «o ser e o saber» não são idênticos, contra o que quer Hegel e, com ele, Antero, e então o ser é irracional¹, gastando-se a Razão num quimérico combate sem eficiência nem termo; ou o Ser é a própria Razão *criadora* e, coincidindo com o saber e nenhuns limites existindo para uma plena Unidade, a intuição daria o pronto e completo saber; ou o Ser é a Razão experimental inventiva, o plural social dos seres e então são relações que nascem e *invenções* que se aprofundam de ser para ser num compreensível infinito de perfeição excedente. Se pois o saber (e o saber duma Razão não inventiva) e o ser coincidem, postulado de Hegel e Antero, não se compreende o // desenvolvimento temporal quer da filosofia quer da realidade.

O que se não compreende é, em suma, a *Experiência*.

Antero tenta justificá-la na argumentação da página 163 das *Tendências Gerais de Filosofia, etc.*

— «Não está tudo, com efeito, em admitir a 'identidade do ser e do saber', esse como que dogma da moderna metafísica.

Para que, em virtude dessa identidade, nos considerássemos autorizados a extrair do *saber* (a razão) dedutivamente e sem recorrer a outra fonte de conhecimento, o *ser* (o mundo objectivo), fora ainda necessário que essa razão, que se *sabe*, se soubesse completamente e com igual segurança e nitidez em todas as suas esferas, de tal sorte que não só visse em si mesma o *ser* (o que se admitia) mas o visse igualmente claro em todos os seus elementos e na ordem e relações necessárias deles. Ora era isso o que não se admitia... —». //

107 Quer dizer que a Razão, expressão superior do ser, se não lembra do interior: em pleno meio-dia da vida *esqueceu* o berço.

E o que se não compreende para uma Razão monista, para uma potência infinita que seria pronto e completo acto.

Razão que, de resto, «é em si, a mesma sempre e em todos os tempos».

Para o ser finito, *relacionado* com os outros seres, compreendemos muito bem não só o limite da consciência clara como o dinamismo duma *experiência*, que é o próprio relacionamento social dos seres.

Veremos mesmo como esta visão de Antero é perfeitamente de acordo com as modernas teorias do subconsciente e com os

¹ Incomensurável com a Razão.

modernos estudos sobre a memória, que é realmente qualquer coisa de virtualmente ilimitado, *actualizando-se* em experimental correlação consciente.

No «Ensaio sobre as bases // filosóficas de Moral, etc.» publicado no *Arquivo dos Açores* põe Antero como facto irredutível da consciência filosófica a antinomia do Ser nas ideias de *Absoluto* e de *Experiência*.

108

Aqui a *Experiência* é admitida como facto irredutível e não deduzida da Razão ¹.

As relações entre a *Experiência* e a *Razão* são, num primeiro e aproximado critério, as que existem entre a exposição quase indutiva duma ciência e a sua quase dedutiva exposição ².

Comecemos, por exemplo, a mecânica pelo estudo dos movimentos e // forças e chegaremos ao princípio dos trabalhos virtuais; começemos por este princípio e poderemos deduzir as regras do paralelogramo, etc., etc.

109

O princípio da *inércia* é um princípio da *Razão* ou da *Experiência*?

Conforme a *Razão* e conforme a *Experiência*; o que ele é, de certeza, é um princípio da *Razão Experimental* — quer dizer que quaisquer pensamentos humanos podem ser *experimentalmente* levados ao acordo sobre esse princípio ³ [1].

Admitida, com Antero, a *Experiência* como um facto ⁴ [2], vejamos o que é agora para Antero a filosofia.

«É a equação do pensamento e da realidade..., o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência...». //

Nesta primeira parte temos dois membros duma equação, onde, há pouco, tínhamos os dois membros duma identidade.

110

Quer isto dizer que a *experiência* entrou plenamente no pensamento do filósofo e, com ela, o *condicionalismo* do que, há pouco, era *incondicionalmente* verdadeiro.

¹ A tendência moderna é deduzir a Razão da Experiência, e, se os trabalhos nesse sentido não conseguem tal dedução, mostram, no entanto, a maior largueza de noção de Experiência. Só Spencer pensou inteiramente deduzir a Razão da Experiência.

² É claro que não há pura dedução como não há pura indução; são limites. Ver o nosso trabalho, publicado no primeiro número da *Revista da Faculdade de Letras do Porto*.

³ Desenvolveremos no capítulo seguinte esta doutrina da *Razão Experimental*.

⁴ Mostraremos depois que é um facto racional, dentro do nosso critério de Razão Experimental e da nossa metafísica.

A filosofia fez-se relativa e experimental, pois que nenhuma relação funcional poderíamos obter entre uma constante e uma variável, que não amarrasse logo o fluxo desta à imobilidade daquela.

Se, dum lado, pomos uma razão idêntica e de outro uma experiência variável, nenhuma equação poderemos estabelecer.

Mas será possível a equação se tudo é experiência, ou antes o que é o mesmo, consciência da experiência, razão experimental?

111 O pensamento não trabalha sem energia, a actividade interna do // pensamento leva-o para a vida experimental com antecipações teóricas que guiam essa experiência.

A equação do pensamento e da realidade é, sempre e apenas, o relacionamento do *novo* da realidade com o *adquirido* do pensamento (as forças da sua própria actividade) a assimilar e unir o *novo* da realidade.

Quando quantificamos procuramos o idêntico das qualidades, de modo que as possamos reconstruir pelas simples operações da nossa actividade pensante.

Se encontro nas qualidades químicas o *idêntico* dum espaço em que posso colocar o *idêntico* dos átomos, construo o esquema daquelas qualidades pela simples actividade geométrica do pensamento.

Eis a equação do pensamento e da realidade, que é, ao mesmo tempo, o equilíbrio móvel entre a reflexão e a experiência. //

112 Porque a reflexão, sendo a assimilação pela sintética actividade do pensamento de toda a experiência, é, em relação a cada experiência, uma antecipação hipotética, que sobre ela actua, a si mesma se modificando pela reacção actual oposta à acção do adquirido.

E, se assim é, é claro que, sendo a Experiência humana mais complexa e opulenta que a simples experiência científica, esta só pode ser matéria de assimilação para aquela, pois terá de se fundir no seu direccionismo, significado e riqueza.

É o que Antero muito bem observa quando dá as ciências como *matéria* à filosofia, quando atende nesta os protestos da consciência moral, quando, em suma, combate todos os exclusivismos de qualquer *singular* experiência, que tentem dominar e dar o *tipo* da verdade filosófica e universal.

113 Antero faz a crítica desses exclusivismos, e, como quer a ciência mecanista quer a filosofia dogmática tinham // levado o pensamento à crise do fatalismo, ele, na procura da solução, síntese da ciência e da experiência moral, vai fazer uma teoria da ciência e suas relações com a filosofia, bem como dos apriorismos filosóficos e da mesma experiência moral e científica.

«A Ciência é irmã da filosofia, não sua serva. O terreno da especulação está limitado aos primeiros princípios das coisas e à análise das ideias fundamentais: o grande e variado mundo dos factos pertence inteiro à observação, à experiência e à indução...»

«A cada ciência, isto é, ao estudo de cada ordem de fenómenos, preside uma ideia fundamental. Pode a filosofia, e é essa uma das suas funções, apropriar-se dessa ideia e de todas elas, para as tornar matéria das suas especulações: mas o desenvolvimento *real* dessas ideias no mundo dos fenómenos só a ciência o pode seguir e determinar metodicamente, porque só // ela tem instrumentos e autoridade para isso. À ciência, a missão de desenhar, com os traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade fenomenal: à filosofia, a missão de interpretar superiormente a significação desse quadro e de descobrir ou tentar descobrir a chave do grande enigma.»

115

Já tínhamos visto que a filosofia era o equilíbrio móvel entre a reflexão e a experiência: sendo pois a ciência uma das formas da experiência, há-de manter com a reflexão as relações dinâmicas que tal equilíbrio exija.

Quais são essas relações?

Nos artigos da *Província* de 80 já Antero define nestes termos essas relações:

«A filosofia tem pois por matéria a ciência, por forma a metafísica; ou ainda, a filosofia é a observação (quero dizer, os seus resultados) considerada no ponto de vista absoluto da Razão». //

A ciência *informada* pelas ideias últimas e fundamentais da Razão dá a filosofia.

116

Há aqui ainda o mesmo postulado dum absolutismo da Razão (ideias de *substância*, *causa* e *fim*) e dum absolutismo do facto dando por simples observação a ciência.

Nas *Tendências Gerais de Filosofia, etc.* põe ainda dum lado os primeiros princípios das coisas e as ideias fundamentais e do outro o mundo dos factos pertencendo à observação, à experiência e à indução. É claro que estes dois absolutos jamais se poderiam reunir, uma vez separados.

De nada serve dizer que são duas ordens *convergentes* partindo de pontos opostos, mas, pela sua convergência, destinadas ao encontro na filosofia.

De onde vem tal convergência, e como é possível?

117 Tal impossibilidade é geral para todas as tentativas de união duma matéria pura com uma pura forma, a menos // que a matéria não seja a simples possibilidade que a forma actualiza ¹, ou num *menos-ser* a sua aspiração de *mais-ser*.

É, de resto, o que acontece: o menos-ser da percepção aspira ao mais-ser do conceito científico que, por sua vez, anseia ao mais-ser, em certeza e vastidão, da ideia filosófica; mas a percepção é já uma selecção de sensibilidade e por imposições biológicas e sociais.

A modelação social das sensibilidades, de que a moda é frustrâneo exemplo e a arte é mais pura revelação, é o aparecimento da Razão no vestíbulo do conhecimento.

Eis a *Razão* penetrando o *facto* e só isso explica que este se *fixe* e que aquela nos *conduza*.

O que seria de outro modo o que Antero chama a experiência e a indução? //

118 Quanto à simples observação ainda é talvez fácil o equívoco da existência de factos brutos e nus que a percepção *recebe*; mas o que é a experiência e a indução?

Experimentar é pelo menos *pôr* problemas, *ensaiar* hipóteses; induzir é, pelo menos, *concluir* de a, b, c... a *lei* da sua série, exceder os termos pela *lei* do seu aparecimento.

Donde viria este excesso dos factos sobre os factos?

Como passar dos factos que são *fortuitos*, para outros *factos* igualmente fortuitos?

E para que serviria a hipótese «filha legítima de especulação», «ponto de contacto e de intersecção da filosofia com a ciência»?

Intersecção? Seria então o condicionalismo que transforma aquela equação entre o pensamento e a realidade na identidade do ser e do saber.

¹ Aristóteles.

Seria e *é*; mas como é possível tal hipótese se os factos vão numa série e // o pensamento especulativo, que gera a hipótese, vai noutra série? 119

Séries, para o caso, declaradas convergentes; mas que o não poderiam ser, pois que em última análise elas constituem o desenvolvimento natural daquela irreduzível antinomia do que subsiste e do que transita, do Absoluto e da Realidade.

A hipótese é filha da ciência, não vem de fora; o físico não pede hipóteses ao filósofo — elas são a selecção aumentativa feita no saber adquirido para levar ao encontro do que se pretende adquirir a melhor garra que o prenda, a melhor luz que o ilumine.

A hipótese é a intrínseca medula do saber científico; é mesmo o que lhe dá a grande liberdade renovadora, o seu revolucionarismo criador. A ciência é mais revolucionária que a filosofia, embora, por vezes, se suponha que as grandes revoluções ideológicas vieram das filosofias.

No entanto é fácil observar que o // Copérnico da crítica, Kant, é posterior e dependente, por Descartes, Leibniz, Newton, etc., do Copérnico dos mundos. 120

É que a filosofia é essencialmente conservadora e é-o porque, sendo a racionalização máxima do saber, é feita em termos da Razão, que é sempre e em cada momento o que há de mais estável no pensamento humano, duma estabilidade que até os revolucionários como Kant tomam por *eterna*.

A ciência é analítica e hipotética, é um nominalismo sistemático e realista.

Analisa, denomina e define os elementos da análise e sobre a hipótese da existência de tais elementos e certas relações constrói toda uma imensa arquitectura de novas relações funcionais.

A filosofia é sintética e a sua certeza é de outra ordem ¹. //

A ciência feita de juízos hipotéticos sobre elementos nominais é certa nas conclusões, hipotética nas bases; a filosofia fundada sobre juízos categóricos sobre as realidades da ciência e da vida (que aceita como tais) é certa (para aquela ciência) nas suas bases, hipotética nas suas conclusões, pois não pode ter a certeza de que a sua síntese é a única ou a melhor unificação do material que lhe é fornecido. 121

¹ Sintética e apodíctica, diz Roberty quando expõe o *quadrinómio* da série pensamento.

Se encararmos a evolução social do conhecimento, libertando-se do *sagrado* social e refazendo-se para causa da mesma evolução social, teríamos de encarar a razão científica como a mais genial descoberta da liberdade. «Tudo se passa como se a terra fosse móvel, ou suponhamos que a terra tem um certo movimento, então vou encontrar como consequência a aparência dos fenómenos celestes», eis uma subtil descoberta da liberdade para, equilibrando a *pressão social*, fazer inserir a novidade revolucionária. //

122 A filosofia só é revolucionária quando é ciência¹ que começa; mas a filosofia-síntese é a adaptação do *novo* científico às mais estáveis formas e ideias da Razão.

É a parte mais evolutiva e livre desta Razão, mergulhando até ao fundo sólido e estável para tanto quanto possível lhe tomar os moldes.

O movimento que comunica ao todo da Razão é a partilha do seu grande movimento de pequena massa à grande massa desse todo.

123 Antero, saindo do limite paralisador da antinomia do Absoluto e da Realidade, encontra na experiência a volubilidade dos *factos*, na *Razão* a estabilidade dos princípios e na *Ciência* pela *hipótese* a ligação dos factos sob a unidade dos princípios: unificação sujeita à // comprovação dos factos e cujo desenvolvimento *real* pertence a cada ciência.

O que há de interessante em tal ponto de vista é o que acabamos de ver e criticar.

Mas há um outro problema, que Antero estudou, e é o problema do valor de realidade do conhecimento científico; problema que, de resto, não pode ser esquecido, pois dele depende inteiramente o sentido da síntese filosófica a fazer.

É o pensamento científico exaustivo da realidade?

As realidades estéticas e morais devem subordinar-se à realidade científica?

Que relações hão-de manter?

Os postulados ou definições nominalistas das ciências até onde desprezam o complexo do real?

Que pensamento implícito existe na metodologia científica?

¹ O revolucionarismo do pensamento bergsonista é essencialmente científico-psicológico. Ver o artigo do 1.º número da *Revista da Faculdade de Letras*.

Tudo isto constitui o *problema da ciência*, que vamos estudar. //

Antero apresentou as anteriores considerações sobre a relação entre a ciência e a filosofia, quando expunha os protestos daquela contra os dogmatismos absorventes da filosofia.

124

Como vimos apresentou estes justos protestos ao mesmo tempo que os protestos da consciência moral contra o necessitarismo da dialéctica hegeliana.

Mas a mesma ciência vai levar por outras veredas à crise do Fatalismo e contra ela pretendem agora valer os mesmos protestos de consciência moral.

É a esse respeito que Antero faz a análise da «inteligência científica».

A feição fundamental da ciência é o mecanismo, diz Antero:

«A ciência é levada, pela mesma natureza das faculdades que a geram, a procurar os elementos irreduzíveis dos fenómenos complexos, decompondo a aparência enganosa das coisas e resolvendo-a em factos últimos, os únicos que podem ser apreciados com rigor, até ao ponto de entrarem // em fórmulas matemáticas, expressão completa da perfeição científica...»

125

«O resíduo objectivo de toda a sensação é sempre, em última análise, um movimento: os factos últimos da ciência são pois simples movimentos, forças elementares, nada mais.»

Tudo se reduz às relações de movimentos, que *leis* precisas regulam: tudo é necessário, previsto e determinado.

As séries ordenadas dos fenómenos sucedem-se, não por um aumento de ser dumas para as outras: são apenas adições de simples resultados cumulativos de necessárias integrações de movimento: «O universo, agregado uniforme regido por leis matemáticas, dissolve-se numa vasta mecânica de forças elementares.»

Eis a concepção científica do Universo.

É definitiva, é completa?

Não; falta-lhe exactamente, diz Antero, o que falta à inteligência científica.

Quais são estes limites? //

Os dados da sensibilidade.

126

«Reduzindo tudo, por este processo, a elementos mecânicos, reduziu tudo aos elementos primitivos da sensibilidade e nada mais.

Limitou por conseguinte o ser à sua esfera primeira e inferior.»

Falta-lhe, pois, a realidade «concreta, viva e espontânea: faltam-lhe as ideias superiores, as que alumiam, interpretando-as, as inferiores, as fornecidas pela sensibilidade».

A realidade concreta, viva e espontânea poderíamos dizer que não lhe falta: o mecanismo pretende ter demonstrado que nada disso existe mais que como ilusão subjectiva, epifenómeno consciencial do verdadeiro e objectivo fenómeno mecânico.

O que falta não é, pois, do lado da pretendida realidade objectiva, mas do lado do espírito.

O espírito tem indefinidos graus de consciência; da sensibilidade à Razão vai todo o Ser. //

127 Mas isto seria regressar a um idealismo que apenas visse na ciência um momento dialéctico da grande Razão construtiva.

Depois o grande movimento científico que deu o mecanismo, deu também a dissolução do espiritualismo. O mecanismo moderno é o final dum grande movimento de dissolução de substancialismos qualitativos que começa na Renascença com a fusão das *qualidades segundas*.

Igualmente, e do lado da fenomenologia psíquica, começa a mesma obra de dissolução, que Hume leva às últimas consequências e a que Kant quer determinar as legítimas barreiras.

De modo que não parece viável acudir ao necessitarismo mecânico com a introdução daquilo que os outros «elementos do espírito», para lá da sensibilidade, possam trazer.

128 Se os elementos mecânicos são objectivos o que os obriga ao consentimento de outros elementos, que podem // muito bem trazer uma incurável incompatibilidade?

Se os elementos mecânicos são os elementos da sensibilidade e esta existe em si, como e em obediência a que poder transcendente irão eles receber os elementos superiores da Razão?

Os substancialismos mitológicos, como diz Antero, caíam ao camartelo da Crítica; mas ficou de pé um facto irreductível — a consciência.

É este facto, a consciência, que vai insinuar por entre o necessitarismo mecânico a melindrosa flor da liberdade e, resolvendo a crise do Fatalismo, deu o que faltava à inteligência científica.

Aqui Antero supõe que a ciência é fundamentalmente *ontológica*¹, que tende a realizar os seus conceitos.

129 Assim o mecanismo é agora materialismo e fácil é mostrar como da // matéria realizada num *em si* vazio, jamais sairá a mais elementar sensação.

¹ É-o, com efeito. Ver Meyerson. Mas o seu ontologismo é hipotético e não categórico, como já mostrámos.

Logo o materialismo, que provém da sensibilidade, implica já espírito.

Há aqui um salto para um espírito já dissolvido em elementos de consciência.

Seria preciso reconstruir o espírito como actividade funcional, síntese viva da memória, deixando o tempo como criação do seu ser social e não como forma absoluta que o fragmente em poeira de ser e impossibilite o dinamismo do seu crescimento.

É o que, com efeito, Antero procura fazer e pretende ter feito, quando nos dá o espírito como «actividade que se percebe no íntimo do seu próprio ser» e «é uma força consciente e na plenitude da sua realidade, a força tipo».

«Na consciência temos o sentimento claro e evidente de que a nossa verdadeira individualidade é essa energia simples, autónoma e espontânea: sentimos que em esfera alguma do seu ser, // ainda nas mais inferiores, em movimento algum do seu desenvolvimento, ainda nos mais elementares, o espírito é puramente passivo.»

130

É aqui que se insinua a possibilidade da iluminação do sensível pelo racional: nunca o espírito é puramente passivo, a sensibilidade pura é um limite que não existe, tudo é movimento racionalizante; eis o que se pode tirar do que acima transcrevemos.

Então o que falta à inteligência científica não é nenhum novo elemento do espírito que ela desprezasse; será antes a atenção no sentido que a ela menos interessa pelo espírito do seu método e pela finalidade do seu destino.

A ciência, e todo o pensamento, move-se entre dois compromissos: ligar o mais intimamente possível os fenómenos, atender o mais possível à variedade e riqueza desses fenómenos.

São dois jeitos opostos.

O primeiro tem todo o interesse // posto no máximo de identidade: o seu limite de perfeição seria o célebre axioma universal de Taine: $A = a_1 + a_2 + a_3 \dots$; o Universo desenrolado em série cujos termos e cuja sucessão implicitamente estão em A .

131

É este primeiro jeito que leva a quantificação a todo o campo dos fenómenos; é ele que dá o mecanicismo universal, como dá em termos de lógica, o atomismo logístico, como deu em termos de metafísica o *eleatismo* na Grécia e a teoria dos átomos de ser, simples, fixos e eternos, os «*Realen*» de Herbart.

O segundo jeito do pensamento e da ciência move-se no sentido da variação, do novo, da qualidade; é ele que quebra os moldes estéreis e gastos, que dá o fluxo dos fenómenos e a va-

132 riação dos seres. É ele que fragmenta as categorias da mecânica e introduz a energética; onde de novo o primeiro vai inserir a quantificação, mas onde uma desigualdade // irreduzível sempre fica afirmando a subsistência da qualidade.

Nas mais simples ciências se digladiam estas duas tendências e nessa guerra se completam e aperfeiçoam as ciências.

Na matemática, uma procura a continuidade, outra a descontinuidade, uma aritmetiza o mais possível, a outra geometriza.

No problema da geometria geral o jeito da identidade escandaliza-se com os postulados e querendo tudo demonstrar revela o complexo daquilo que o jeito do diverso tinha recebido como simples.

133 O postulado de Euclides dá ao esforço identificador a ocasião para um conjunto de definições ou postulados que bastem a uma geometria geral ¹ *comum a todas as geometrias*; dá ao // esforço de compreensão do diverso o poder de, sobre este corpo geométrico comum, construir, por uma opção das *novas* determinações, as várias geometrias. Mas, em suma, dado o essencial valor pragmático das ciências sempre nelas predomina o jeito identificador.

As ciências não são pragmáticas à maneira de James, mas são pragmáticas à maneira de Bergson, porque são a mais alta forma da intelectualidade e a intelectualidade é uma acção pronta ou retardada, mas sempre uma acção.

A ciência não escapa às leis da adaptação biológica senão pelas leis de adaptação social; mas esta, se pode demorar e modificar aquela, claro é que jamais a poderá suprimir.

134 Por isso a ciência é idealmente mecanista, e quando mesmo excede o mecanismo, é ainda em demanda dum determinismo, que aquele por demasiadamente pobre não lhe sabia fornecer; mas ainda neste caso tentará explicar // esse determinismo por um oculto mecanismo ² [1].

As ciências fenomenológicas pendem para o mecanismo em toda a força das suas explicações.

As ciências sistemáticas, sendo penetradas de esquematismo identificador no artifício das suas classificações e catálogos, são

¹ Este é o significado para a «Gnosiologia» do problema das geometrias não-euclidianas.

² O princípio de Carnot-Clausius reduzido ao oculto mecanismo dos demónios de Maxwell, dando-o em termos de probabilidade estatística.

mais movidas da curiosidade do diferente, partindo os quadros dos géneros com as espécies, destas com as variedades até que chegam aos indivíduos como início de transformações bruscas.

O naturalista Agassiz diz que entre 27 000 exemplares duma mesma concha, Neretina, por ele cuidadosamente comparados, não encontrou dois idênticos. //

Aqui temos o *idêntico* e o *diverso* atendidos: o primeiro na- 135
quela *mesma* concha que se repete por entre 27 000 exemplares, o segundo naqueles 27 000 exemplares que *diversificam* a *mesma* concha.

Mas estas ciências, quando deixam a pura descrição estática e procuram as verdadeiras ligações dinâmicas dos seres, quando, em suma, são ou pretendem ser explicativas, tendem de novo para o máximo de explicações mecanistas, embora estas nunca consigam haver-se com o complexo da realidade a explicar.

A mesologia e a selecção natural são tanto quanto possível de ordem mecânica, sem que a adaptação possa eliminar uma particular actividade do que se adapta, sem que a selecção explique o aparecimento do seleccionado.

Este irreductível é a própria actividade da vida, que não é mais que um idêntico verbalista, pois sempre lhe vamos descobrindo *novidade*. //

Mas, dando o nome de hereditariedade ao conjunto de qua- 136
lidades com que um ser se apresenta na experiência actual, envolve-se o *quid* irreductível na história anterior do indivíduo e da espécie e procede-se como se esta história fosse a razão bastante das actuais qualidades.

Embora nada justifique este raciocínio, pois certas qualidades actuais, como a de adquirir certas imunidades por vacinações, são de ordem experimental e jamais calculáveis no seu estrito condicionalismo pela história anterior dos seres vivos.

A herança é o conceito onde melhor se vê o esforço para o equilíbrio da tendência identificadora com a capacidade de diverso.

A herança é a negação do mecanismo; é, no entanto, um arremedo dos processos do mecanismo.

Em mecânica só há velocidades actuais, a herança biológica é a direcção actual duma tendência que o // passado organizou. 137
Mas há ainda um outro critério mais determinista da herança: o critério mendeliano e o critério vulgar de repetição em linhas de família de certas propriedades comuns ou a transmissão de propriedades *correlativas* a uma dada propriedade ancestral.

Tudo isto mostra o esforço daquela primeira tendência da Razão científica para a identificação, mostrando, aliás, contemporaneamente, a resistência a essa identificação e a capacidade de diverso que naquela Razão vai de par com a primeira tendência. É a própria ciência, pois, que marca a necessidade de atenção para as actividades internas e próprias dos seres.

E se formos para a psicologia é, então, como diz Antero, uma actividade que se percebe no íntimo do seu próprio ser, o que apreendemos.

Nenhuma substância pensante, mas a actividade sintética do pensamento.

138 O pensamento científico não é limitado ao tipo mecânico, e, se é sempre // determinista, o seu determinismo não é exclusivo de espontaneidade senão para os tipos de realidade que sejam dados como inertes.

Não há oposição entre o pensamento científico ou de inércia e o pensamento metafísico ou de espontaneidade; há apenas pensamento científico que tende para o limite ideal da inércia como o há que admite a espontaneidade dos seres que estude embora esta pelas solicitações do jeito identificador do pensamento fique apenas como um vago *quid* envolto e oculto nas obras da adaptação e da selecção.

A mecânica «conhece as acções dos seres, mas não a actividade interna que as produz».

As outras ciências admitem algumas dessas actividades, conhecem-nas as restantes.

É aqui a relação entre a ciência e a filosofia, porque esta irá agora comparar estes *tipos* de realidade e ver qual a síntese que melhor os compreenda sem bárbaras amputações.

As ciências, a moral, a arte, a vida em suma, eis o que dá material à elaboração duma teoria geral do ser, que é a síntese metafísica que procuramos.

As ciências, sem se contraditarem, falam diferentemente sobre a realidade: umas em termos de inércia, outras admitindo ou conhecendo a espontaneidade.

Se as deixássemos em conflito, ou as segundas seriam absorvidas por uma metafísica, simples prolongamento do pensamento que anima as primeiras, ou as primeiras seriam consideradas como limite abstracto das segundas.

É assim que o naturalismo ¹ começa // por não admitir a *inércia* 140 e vai até por vezes a pôr rudimentos de consciência nos átomos.

É assim que o naturalismo acaba, em Dantec, por uma dialéctica verbalista de *tipo* mecânico, não inteiramente atingido senão por ficções matemáticas do tipo *cousa*, como o célebre ϕ ($A \times B$) representando a consciência.

Mas o conflito não deve passar-se entre as tendências científicas sem apelação para superior autoridade.

E não passa.

A consciência moral protesta e ela que se sabe existente não aceita que a sua realidade seja simples ilusão, epifenómeno de arranjos mecânicos: quer saber como uma evolução da mecânica, encontros e composições de forças, daria um resultado com ela incomensurável.

É preciso explicar os factos da consciência humana que são «não só factos positivos, mas os factos positivos culminantes». //

¹ *A Filosofia da Natureza dos Naturalistas.*

141 É preciso não esquecer que o Universo é conhecido em termos de consciência: o que implica a possibilidade dum radical dualismo da matéria e do espírito.

Não é preciso tratar o problema da existência dum mundo exterior. É claro que o imediatamente dado a uma consciência superior são as suas representações, para ela o Universo é um sistema de representações: assim não há mais que a consciência e as suas representações.

Nem sequer se levanta o problema da causa dessas representações: a causa é um laço de identificação entre as representações da mesma consciência, nada tem com os termos representação-consciência. O idealismo solipsista é para as consciências despertas a mais filosófica das atitudes.

142 Mas antes da consciência do adulto, existe a consciência da criança e o mundo exterior é a parte que a nossa actividade pensante talhou num bloco que // era primitivamente o mundo dado: interior e exterior.

Não discutamos, pois, se a necessidade de coerência impõe o idealismo solipsista, como impõe a refração da luz em vez da quebra elástica e regresso ao normal da vara, que seguidamente mergulhamos e retiramos da água.

O certo é que aquele mundo que talhamos como exterior e chamamos da matéria se traduz, revela e deixa adivinhar por este outro mundo interior, que chamamos do espírito: eis o que basta para implicar uma relação de família entre os dois mundos.

E se o segundo é o mais directo e incontestável, justo é que seja ele a dar o *tipo* comum da realidade.

É assim que o pensamento toma conta do Universo em que vive e actua.

É um raciocínio por analogia, que é a forma psicológica de onde como limites saem todos os raciocínios lógicos. //

143 A analogia¹ não é um método lógico, mas é o grande motivo psicológico das descobertas científicas.

¹ A analogia é o reconhecimento de semelhança. Quando a semelhança é redutível à identidade pela simples majoração ou minoração, produto por uma constante, a analogia é construção lógica. // A analogia formal é a identidade: $\frac{a}{b} = \frac{c}{d}$; de *a* fiz *b* pelo mesmo processo de espírito pelo qual de *c* faço *d*.

A analogia vive muito longe das certezas *nominalistas* da ciência; muito perto da riqueza concreta do Real, dos processos da vida e do Universo físico ¹ [2].

Como tal a analogia é legítima, somente não pode definir mais que linhas gerais, sem *determinar* o pormenor dos fenómenos.

Podemos concluir que o Universo físico é penetrado de *consciencialidade*; // como, em que grau, qual é a hierarquia psíquica dos sistemas físicos é o que não é possível, sem cairmos no vago duma mitologia dos astros que pode ser muito poética, que é metaforicamente muito verdadeira, mas que o não é certamente no rigor dos termos e das expressões ² [1].

144

A *consciencialidade* do mundo físico revela-se exactamente naquele dado inicial que a actividade pensante partiu em mundo exterior e interior; revela-se na vida inconsciente dos órgãos tornada consciente em certos fenómenos de autoscopia; no hábito, nos instintos e em todos os importantísimos e hoje numerosos fenómenos de criptopsiquia.

Eis portanto o ponto de união da espontaneidade da vida com a inércia da mecânica.

A mecânica é a aparência dos seres, // a tradução, na língua comum do movimento, dos estados das mónadas ³ [1].

145

E Antero dirá que o *tipo* de realidade é a *força*, sendo o espírito a força-tipo.

A massa mecânica suposta reduzida a mónada ⁴ [2] não recebe nem comunica movimento, percebe as mudanças de estado das mónadas pela reacção da sua *força*.

E se reage sempre da mesma maneira (inércia) é pela constância da sua natureza interior e não por uma *idêntica* transposição de movimento. E assim se resolveria o fatalismo do ser na aparente inércia das mónadas e na sua real espontaneidade, que sobe da // simples afirmação da mecânica à vida e à liberdade.

146

Bela solução que levanta a voz do Poeta e do Filósofo numa surpreendente apoteose e que já transcrevemos para a alegria espiritual da nossa admiração.

¹ A generalidade dos fenómenos da «ressonância», da «radiação», etc., etc.

² Fechner.

³ Claro é que a analogia não nos permite determinar as mónadas: responder, por exemplo, a esta pergunta: «é o átomo uma mónada?». Sabemos apenas que em nós há actividades de unificação: monádicas, portanto.

⁴ É claro que a analogia não permite dizer onde começa a mónada elementar.

Mas as tendências contraditórias do pensamento de Antero não irão acumular aqui as nuvens da sua grande tempestade, daquela tempestade de alma que fez do Poeta e do Filósofo um mártir da Verdade e da Beleza?

Como comunicam as mónadas para provocarem as reacções-forças?

O movimento não se comunica; é, de resto, subjectivo e ilusório.

Uma única saída haverá: a da harmonia preestabelecida de Leibniz, que, parecendo respeitar as mónadas, tudo reduz a Deus pensando a sua tese dos compostíveis.

Mas é essa mesma a solução de Antero, com a outra forma do seu intrínseco substancialismo imanentista. //

147 As mónadas não existem, são actos parcelares da infinita potência, são os conhecimentos confusos da separatividade dada, subindo ao *eu*, voando, voando, e, como a cotovia de Shelley, desfazendo-se na plena e solitária luz do «*Eu* impessoal, absoluto, todo razão e vontade pura».

E então temos o desenvolvimento de Deus no mundo e a involução do mundo em Deus: miraculosa, absurda actualização finita do ilimitado poder infinito.

Mas o vício *cousicista* fará maiores desastres: se a realidade é o ser percebendo-se, compreendendo-se, amando e dissolvendo-se no Absoluto, como pode a *cousa* inerte exceder-se tendo de negar-se?

Eu compreendo que o ser que possua o *oculto* do pensamento seja livre na escolha, embora os movimentos que traduzam essa escolha sejam depois, e como movimentos, subordinados a leis próprias. //

148 Mas se o movimento é a expressão exacta da natureza do ser, se há coincidência entre o que ele é e nos diz ser pelo movimento, como é que as leis deste não abrangem a própria natureza daquele?

O movimento seria como uma projecção dum desenho, e as leis do movimento seriam a tradução projectiva das leis da essência dos seres.

E tanto é assim que Antero explica o fortuito pela imperfeição das mónadas, que nunca são inteiramente «condicionadas¹ só por si mesmas».

¹ Já veremos que isto é impossível. *Arquivo dos Açores*.

Se o fossem, desapareceria o fortuito, e as mónadas, exprimindo inteiramente a sua natureza, seriam então livres. Mas as mónadas não recebendo nada de fora não podem receber condicionalismos estranhos e no substancialismo de Antero menos se percebe que haja // outra coisa que o *momento* de apercepção que é agora esta ou aquela mónada. 149

De onde vem este condicionalismo estranho?

E como é que a mónada pode não traduzir inteiramente a sua natureza?

As mónadas ou são seres em si e têm de traduzir a sua natureza, ou são momentos da Substância e igualmente nada pode limitar a explanação desse momento. Tudo se compreende se a vida é *invenção*; é, então, no *oculto* da invenção que nascem as novidades e que a mónada encontra sempre um excesso sobre o traduzido em acção.

E ainda fica por explicar ¹ a comunicação das mónadas, que afinal em Antero não existem mais que como momentos de negação do *Real* a caminho do *Absoluto*. //

No entanto ainda aqui o seu pensamento não é inteiramente preso da imobilidade, pois nos fala da evolução como a «espiritualização gradual e sistemática do Universo». 150

Logo o ideal, cuja infinita exponenciação é Deus, penetra o real, afeiçoando-o; não é este, então, inteiramente ilusório e fluente, pois se deixa embeber do espírito, que é, no fim, a verdadeira realidade noumenal.

O seu ser é qualquer coisa como um combustível difícil que vai sendo chama de ideal, deixando tombar resíduos e cinzas, que voltarão à chama, até que tudo arda em fogo de pura e imaculada luz.

Quando tudo é Luz, o real ardeu inteiramente e é agora somente o ideal ou Deus.

Imagem do sofrimento da Luz na diversidade da Cor, da agonia de separatividade morrendo na união devocional com o Todo, é a mais bela e a mais pura que possamos encontrar, porque // implica o sacrifício dos egoísmos numa onda de Amor que nos invade e vai de mansinho pedir a fraterna união com os outros! 151

¹ Tentaremos, no subsequente capítulo, a hipótese Memória Inventiva para resolver o problema da comunicação.

Momento em que o processo espiritual do Amor dissolveu as hostilidades ruins que separam, a que tem de seguir-se o momento em que desse Silêncio brotem as bondades religiosas que nos *reúnem*.

E reaparecem as mónadas e, com elas, o convívio naquele Amor em pureza atingido e que é a generosa dádiva de Deus.

152 Só assim haverá espiritualização¹ do Universo; de outro modo teríamos apenas a dialéctica duma Substância que à claridade do conhecimento consciente // vem iluminando o crepúsculo dos instintos e longínquas aspirações.

Dialéctica impossível pelo absurdo já demonstrado duma parcelar e seriada actualização do que é infinita potência.

A comunicação das mónadas, sem o subterfúgio de as fingir pelos momentos da Substância, ou pensamentos de Deus, é impossibilitada pela própria doutrina de Leibniz procurando os *singulares* com que reconstrua a realidade.

É assim que a doutrina da força como característica da natureza das mónadas é um prolongamento do erro de Leibniz, de formar o composto por adição dos simples, e, como tal, não poderia efectivamente dar mais que uma aparência de mónadas, dissolvidas logo no pensamento dum Deus transcendente ou na imanência do Absoluto.

A força está muito longe de marcar a singularidade no Universo físico. A força significa, muito pelo contrário, a pluralidade desse Universo. //

153 Uma só massa material seria em permanente repouso, ou eterno movimento uniforme; é o que diz o princípio da inércia, que mais não é que a afirmação da fixidez do idêntico.

A força é antes a presença em cada massa das outras massas do sistema. *A força é a afirmação da sociabilidade do próprio Universo físico.*

O que marca o singular em cada massa é o seu característico próprio de inércia, bem que não seja possível no mundo físico, como o não é no mundo espiritual, separar o singular do plural, desfazer o social para arbitrariamente o recompor com os simples abstractos tomados para elementos. Sob este ponto de vista

¹ Espiritualização do Universo só é possível, de resto, por virtude dum ideal excessivo, que aumenta sempre a realidade, das suas novas invenções de bondade e beleza. Só assim, de resto, se compreende que o Mal (admitido como um facto por toda a alma severa) possa ser vencido.

é curioso observar que a *massa* mecânica, que era o mais perfeito singular atingido, se desfez em massa electromagnética e criou solidariedades com o éter ¹, que lhe // modificaram inteiramente o condicionalismo, tornando-a função da velocidade.

154

A própria inércia nas recentes teorias de Einstein é função da posição relativa dos corpos, porque depende da energia destes; a massa dum corpo depende também da sua temperatura, é, em suma, o quociente da sua energia pelo quadrado da velocidade da luz.

Quer dizer que não é fácil, não é mesmo possível, cindir o que há de social e o que há de singular nas manifestações de Universo físico.

A disjunção vai até ao electrónio e aos *quanta* de energia, mas estes são solidários, consócios e co-variantes.

Seja como for, não é a força newtoniana de forma alguma o melhor equivalente da *singularidade* no universo físico; não é, pois, ela que devemos encontrar como a natureza das mónadas.

A explicação de Leibniz, que Antero recebe, é ainda cousicista e imobilista neste sentido de procurar refazer o complexo pela acumulação dos simples. //

É assim que a mónada seria o centro de irradiação dum campo de força e os corpos seriam compostos por adição destes pontos.

155

Mas o que é que prova que muito pelo contrário não sejam os simples o produto de desagregação dum todo e o que queremos encontrar como seres de interna actividade monadológica mais não sejam que os «disjecta membra» dum ser real de que tombaram, degradando-se?

A analogia não nos pode responder com certezas.

Ela simplesmente nos afirma o parentesco entre o espírito e a matéria ², sendo a vida como o campo intermediário em que por caminhos diferentes e em direcções opostas as duas actividades se encontram.

Mas mesmo já na vida é difícil // saber se a unidade dum ser vivo resulta do sinérgico acordo das células que o constituem ou da divisão em células duma unidade original ³ [1].

156

As correntes equatoriais que cercam o planeta e se traduzem pelo magnetismo terrestre são resultado de parcelares circula-

¹ Ou o seu equivalente, como em Einstein por exemplo.

² Actividade de consciência e actividade energética.

³ E. Perrier, Delage.

ções eléctricas, ou são o todo dum como abraço com que o planeta se cinge e corresponde globalmente às variações atmosféricas do Sol?

No planeta, por exemplo, a actividade ou tendência de todos os movimentos num dado sentido é *resultado*, ou é como uma vontade elementar presente em todas as parcelas do planeta, mostrando uma original unidade activa anterior à fragmentação em dispersos e pulverizados membros?

157 Ainda aqui a teoria mecânica substitui à riqueza do concreto o esquema // duma esfera homogénea para cujas camadas demonstra que a acção sobre um ponto interior é nula e sobre um ponto exterior se exerce como se toda a sua massa estivesse no centro.

Mas como seria possível esta simplificação, se a unidade fosse o resultado cumulativo de incontáveis acções e reacções, tantas que só um atomismo ¹ mecânico ou de ordem electromagnética poderia limitar?

No abstracto dum simples esquematismo da extensão esses elementos seriam incontáveis e indeterminados portanto.

É claro que não implica isto a impossibilidade duma explicação física da gravidade: mas nas próprias dificuldades ² de o fazer não estará a prova de que nos aproximamos duma unidade refractária à recomposição científica? //

158 A analogia pouco pode guiar-nos mais para lá da simples consciencialização indeterminada do Universo físico; mas uma probabilidade de beleza, de mais acordo com o resto do nosso saber e sentir, fala em favor de actividades unificadoras onde muitas vezes a abstracção mecanista prefere ver efeitos cumulativos, resultantes necessárias.

De resto é o que de todos os tempos sentiram os homens diante dos grandes fenómenos da Natureza:

Desde as imagens obsidiantes do fluxo de Heraclito, vendo as águas dos rios fluindo a contar o tempo, a marcá-lo do irreparável, os exilados postos de assento nas margens dos rios da Babilónia que em seus olhos de morte choram as ruínas de Sião, até ao discorrer do mais ingénuo pensamento de mulher debru-

¹ No sentido etimológico.

² A teoria da relatividade generalizada de Einstein não explica a gravidade: toma-a.

çada sobre o regato que, crescendo num beijo sobre a rocha, vai em canções sumir-se no Mar...

Todos sentiram ou sentem perpassar uma oculta vontade, repousada e // sem caprichos, vagarosa, solene, irreparável, fatal.

159

Seguindo a folha que bóia ao sabor das correntes bem sabemos que há-de seguir *um caminho e só um*: aquele em que a unidade gravítica fragmentada nas mil sinuosidades do caminho, envolvida em mil conflitos, se reencontra, recomposta e una, para lá de todos os conflitos.

Olhando as estrelas, que no firmamento bóiam como a folha à flor da água, bem sabemos que uma *tendência* formidável, maior que os trabalhos de Hércules e a vitória de Prometeu, impele os astros vivos e mortos como as folhas da primavera ou do outono *no mesmo declive da corrente*.

Diante da *direcção* dos grandes fenómenos naturais, que a vontade do homem pode modificar num sítio e num momento para com maior despesa o pagar no tempo e no espaço, é que parece mais verosímil a hipótese de unidades anteriores de cujos fragmentos // procurando-se nós somos os impotentes espectadores, sem remédio nem socorro, que bastem à fatalidade que os leva.

160

A distinção dos seres vivos e dos simples seres físicos está exactamente em que a unidade orgânica quase se repete do todo à parte, e, por mais fragmentada que seja a matéria viva, ela é ainda organizada, funcionalmente una; ao passo que a matéria física só apresenta arremedos de organização em vastos conjuntos, cujos fragmentos parecem o prolongamento artificial da nossa percepção descontínua, que já tinha, no entanto, cortado as linhas de clivagem duma unidade anterior.

A própria invasão na vida da matéria orgânica pela progressiva avançada da matéria mineral lembra a intersecção na vida de dois planos diferentes de actividade, e o fenómeno da Morte ¹ // como um *processus* cósmico de libertação dum compromisso, que se ia tornando um perigo para o mais nobre e precioso dos aliados.

161

Mas não sigamos atrás do assunto intercorrente que aqui se levanta e adiante voltaremos a tratar.

O erro fundamental de Leibniz, e com ele o de Antero, consistiu não só em tomar a força como um singular, a actividade

¹ Veja-se o critério de Antero sobre a Morte.

interna dum ser, mas também em supor que as aparências do composto são o resultado da adição dos simples.

Leibniz, substituindo ao teorema de Descartes o seu teorema da conservação da força, quis ver nesta alguma coisa de essencial, diferente da grandeza, figura e movimento, restabelecendo os seres ou formas aristotélicas que tinham sido banidas.

Mas exactamente o invariante de Leibniz é a constância duma relação e não dum ser ou dos seres.

162 No próprio exemplo com que // Leibniz discute o invariante de Descartes há dois postulados que resumem a própria definição do trabalho e o trabalho claramente implica a posição *relativa* dos corpos.

Mas o próprio nervo do argumento está na aplicação das leis de Galileu sobre a queda dos graves, recebendo a definição da força pela aceleração: o que implica o princípio da inércia, ou da relatividade social do Universo físico.

As forças como inextensos pontos de actividade monadológica teriam de dar pela correlação dos seus estados, unidos pelo fio interno da *mesma* substância em Antero, unidos pela harmonia preestabelecida no pensamento divino em Leibniz, a explicação da aparência cinemática do Universo.

O mundo do movimento abisma-se na aparência e fica apenas, num caso, o pensamento divino, no outro a intraduzível quietude do Absoluto.

163 Se na força virmos antes a afirmação social dos seres, sem que se possa // dissolver o singular para, adicionando, formar o plural, mas sempre vendo o *social* (uno-plural), então desaparecem os insolúveis problemas da comunicação e da harmonia sem abismar e apagar o Universo na fornalha ardente do Absoluto.

De acordo com a ciência e com a própria actividade do nosso pensamento, teremos somente de procurar à luz da Analogia uma realidade que explique e resuma a fraterna existência social do Universo.

164 E o problema da Liberdade, que, em Antero, começa com a consciência espinosista que a mónada pode atingir do seu universalismo e sobe pela negação dos particularismos até à dissolução em puro Amor, encontrará, nesse Amor, companhia, invenção, progresso, aprofundamento infinito em vez dum mergulho no Absoluto, que para sempre o deixe sem voz, nem gesto de caritativa e fraternal bondade. O problema da Liberdade, que é o próprio // problema de Deus, resolve-se, como este, em Amor. *Ser livre é chegar a Deus pelo fraterno amor do todo.*

Basta vencer o formalismo da Razão identificadora, que levando ao limite a exaustão das qualidades fez a extensão pura e nesta ainda, em limite, marcou a pontos inextensos o final do seu esforço simplificador.

A metafísica geométrica de recompor a extensão com o inextenso não é estranha ao pensamento cartesiano que exilou a consciência do Universo físico, nem à doutrina de Leibniz de refazer esse Universo, composto, múltiplo e extenso, com os pontos geométricos e metafísicos das actividades monadológicas.

No entanto na própria razão geométrica o ponto é o limite ideal do ser, marcando o singular, como a linha já é a lei social duma coexistência de pontos.

A geometria é a forma da coexistência exterior dos seres, a física esboça // a coexistência interna, que a biologia exalta, a moral engrandece e o Amor sublima e santifica. 165

Deus, deixando de ser um Absoluto em que como borboletas tontas de luz se vêem absorver as almas, será o vivo Amor da convivência, a palavra do entendimento, o coração de inventiva bondade, onde as almas bebem a pura essência da sua beleza.

É Verdade e é Realidade:

Verdade, porque só nele o pensamento encontra a harmonia plena, a luz sem sombras que a martirizem, olhos que as lágrimas não magoam antes lavam de serena brancura imarcescível; Realidade porque ele é o centro ideal de inventivo amor, em cuja órbita almas e mundo vogam, haurindo o alento e a vida da sua intrínseca vontade de ser.

Embora Antero não tenha aplicado a este problema a argúcia da sua indagação e a probidade da sua lúcida inteligência tanto quanto a grandeza da sua emoção poética, pode dizer-se que toda a sua filosofia é uma metafísica do mal e sua redenção.

Aqui lembram as estranhas palavras de Oliveira Martins, cuja violência de incrítica cegueira bem provam o quanto as ideias que pretende revelar eram preocupação intelectual dominante. São elas as seguintes:

167 «... por paradoxal que isto pareça, o Não-Ser é, segundo a metafísica contemporânea, a essência de tudo o que existe. O Absoluto é o Nada. O Universo, a realidade inteira, são // modalidades, aspectos fugitivos, que só se tornam verdades racionais quando nos aparecem despidas de todos os acidentes.

E como é pelos acidentes apenas que nós, distinguindo-as, as conhecemos, a realidade verdadeiramente em si é Nada.»

Preocupação *intelectual*, escrevemos; claro é que Antero em pensamentos desta natureza interessava toda a alma, sofrendo, amando, interrogando.

Tal não se dava com Oliveira Martins, cuja alma não foi aqui para além da elegância da frase, do picante, do paradoxo e da alargada curiosidade intelectual que o levava à filosofia *também*.

Antero apresenta como facto irreduzível da filosofia a contradição entre a realidade de fugitivos, transitórios aspectos ou modalidades e o que *subsiste, é*, e denomina Absoluto.

168 Não quer isto dizer, pois, que o segundo termo se obtenha pela simples negação do primeiro; mas que // ambos ¹ permanecem de pé diante da verdadeira meditação filosófica.

¹ Ver o *Arquivo dos Açores*, texto citado no 1.º capítulo.

Daí a fazer do Não-Ser o verdadeiro Ser, pela simples negação das modalidades da experiência, vai a distância duma dolorosa fisionomia vivendo junto de nós um sofrimento para uma caricatura que mobilize os mesmos músculos.

No entanto parece que, com efeito, se esse Real é fonte de Ilusões, aquele Absoluto seria atingível para lá da negação *consciente e activa* do real.

O ilusionismo moderno vem da divisão kantista do Universo em essência e aparência; só conhecemos o que dum inacessível *x* pode *aparecer* em nossas formas de sentir e pensar. Eis o véu de Maia lançado sobre o Ser e pelas malhas da sua transparência a Unidade inacessível, vista em fragmentados e dispersos vultos. //

O Tempo é aqui esse véu, dá-nos o que transita e muda; o que será, pois, o além dessa fuga, o firmamento desses astros errantes, o rochoso leito das escorregadias águas?

169

O Tempo (*cousa* bruta ou forma *dada*) refracta o que é na pulverização do que aparece. Já vimos que a Memória conserva no tempo a subsistência do que é.

Mas não o pensou assim Antero e socraticamente o mal será para ele a eternização do que é ilusão temporal, do que em relação à Unidade do Ser é a pulverização dos indivíduos.

O mal é o egoísmo e o erro; o erro é possível porque as mónadas não actualizam inteiramente as suas naturezas, o egoísmo é possível porque a mónada se ignora e não sobe à consciência da universalidade em que se funde e dissolve em Amor.

Mas o Mal não é radical, porque o Universo se vai espiritualizando e nós podemos acreditar que no limite as // mónadas se conhecerão inteiramente, desaparecendo o erro, o imprevisto e o fortuito.

170

Por outro lado, e admitindo a coexistência das mónadas, tudo saber traria a imobilidade — o que é uma boa imagem daquele subsistente Absoluto, que mais não é, como vimos, que a feição identidade da Razão.

Unicamente as mónadas mais não são que modos ou momentos da Substância e é nesta, pois, que se dará o processo da espiritualização.

Conhecendo imperfeitamente os arcanos do seu mistério, ela, potência infinita, vai-os actualizando até que chegada à visão consciente, ao puro amor intelectual, será o próprio Deus. Esta espiritualização não poderia, no entanto, ser temporal, pois já vimos que nada pode, do Acto, separar a Potência Infinita.

171 O caminho de Deus para Deus não suporta delongas nem distâncias; Deus é presente a si mesmo, nenhuma // distância o poderá separar de si mesmo a menos que, sendo a Memória Inventiva, *o seu Ser seja a própria criação infinita de mais ser*. E, sendo assim, o Mal não existiria, mas somente um Bem sempre maior.

Ora o Mal existe, é imoral negá-lo; logo é precisa efectiva distância entre o real e o ideal para que aí tome lugar esse mal.

Se as mónadas existem, coexistindo, o Mal poderia ser o afastamento das mónadas daquele centro de amor, que é o céu de que são astros, é a chuva de que são fontes, e é a própria fraternidade que as envolve, a qual, com esse afastamento, tentariam empobrecer.

Como se afastariam as mónadas da sua divina órbita de Amor?

É o mais trágico problema da alma humana, sobre o qual tentaremos logo o esforço de alguma luz.

172 Mas é compreensível a existência do Mal uma vez aparecido; em qualquer doutrina substancialista nem poderia // aparecer, nem, supondo que miraculosamente tivesse aparecido, poderia subsistir um só instante.

A piedade universal envolvendo os seres que são ilusórias fragmentações da vontade impessoal, até que por essa piedade, feita consciência intelectual, neguemos o nosso concurso à Ilusão, é o processo de redenção de Schopenhauer: processo místico a que não são estranhas as práticas místicas de certas religiões orientais.

O processo de Antero é aquela Liberdade do *eu* que se faz «princípio universal, impessoal, absoluto».

Mas Antero admite que uma «pouca justiça» vinda desta renúncia do egoísmo consegue penetrar neste mundo de luta e cegueira.

Se consegue penetrar e viver, eis que não é impossível espiritualizar o Universo sem esperar que ele se dissolva num insondável Absoluto.

173 E, se assim é, se o Bem penetra na experiência e nela se realiza, porque // havemos de negar como ilusório o mundo da aparência, onde afinal o *ser*, a sua melhor actividade de amor, se inscreve no puro ouro das virtudes?

A história e a civilização adquirem um valor próprio mais que meros momentos duma evolução, que é por último a sua total negação, pois a evolução do Espírito seria a involução da mesma realidade histórica no absoluto imóvel do Espírito totalmente consciencializado.

E a filosofia social de Antero ¹ mais de acordo estaria com a intimidade do seu pensamento filosófico.

Em vez dum pessimismo da sensibilidade que faz sentir a vida como o louco galopar das ilusões a par dum optimismo de pensamento que se sabe garantido pela necessária evolução ² // para o Inalterável, teríamos um heróico optimismo que, reconhecendo o mal, o supõe susceptível de diminuição pelas virtudes humanas, e, porventura, de fim, pelo resgate duma santidade, que se eleva até a Deus, pura atracção do Amor, mas a ele chegando na fraterna companhia de tudo o que sofre e que ama.

174

Não que pensemos que o homem possa inteiramente espiritualizar o // plano de vida em que se encontra; mas pensando, sim, que o direito a subir na atmosfera espiritual da Vida implica o dever de criar as asas ³, que nos hão-de levar em seu voo redentor.

175

¹ Ver a crítica à *Teoria do Socialismo, etc.*, de Oliveira Martins.

² Se a evolução tem um fim e é o caminhar do Ser para esse fim, em nada podemos alterar a dialéctica da Razão que progride ou do Inconsciente que se reconhece. E, se pudermos (única garantia do mérito), não somos, então, seres meramente fenoménicos; mas, reais e verdadeiros, restauramos a coexistência efectiva das mónadas. Assim, na história não haverá a necessidade dum desenvolvimento ideológico mas o esforço de consciências criadoras. / É, de resto, o que Antero afirma em nome dos direitos da consciência moral. / Pelo crescimento da sua vida interior em poder de amorosa compreensão as mónadas chegariam a Deus, não para se negarem em favor dum princípio universal, mas para se afirmarem nunia universal e concreta solidariedade tecida da própria divina luz que as banha.

³ *Fedro* de Platão.

CONCLUSÃO

O pensamento filosófico de Antero recebe directa ou indirectamente influências do pensamento alemão da Crítica de Kant e do subsequente idealismo, principalmente o de Hegel e Schelling, da preponderância da mecânica e das ciências da natureza, do dinamismo de Leibniz e do cientismo da forma positivista de Comte.

Subjacente ao idealismo germânico vivia um espinosismo cóns-cio por vezes do seu papel, bem como um arremedo da sua forma externa, o seu monismo, animava já as teorias da evolução que iam aparecendo nas ciências da natureza. //

Este espinosismo dava a ideia de Substância determinando-se progressivamente no tempo da *evolução* que cada ser realiza em si e o todo vai realizando; evolução cujo fim as ciências naturais ignoram mas que o idealismo afirma e justifica.

180

Esta finalidade existe apenas no Todo ou realiza-se pela evolução dos seres que são particulares determinações do pensamento divino?

O grau de evolução a que chegou a humanidade é o resultado da evolução total da Substância, ou é o resultado da evolução de cada homem, momento ou particular determinação da Substância?

A intelecção sob a forma de eternidade é o exercício da parte eterna das almas, acabando no amor intelectual de Deus.

Mas este final é-o completamente, ou sempre a Substância prolifera em pontos de vista particulares que subindo ao terceiro grau do conhecimento // se abismam no amor intelectual de Deus?

181

Em Antero: o processo espiritual, que leva a alma até à fusão num princípio ou forma de Universalidade, irá passando no tempo todas as mónadas pelo seu fogo purificador, até que, como meteo-

ros, que, atravessando a atmosfera terrestre, vencendo a gravidade, aparecessem do outro lado do firmamento, assim sejam as mónadas para lá da experiência no seio amoroso do Absoluto?

Não é, no final, tudo isto muito próximo do pensamento religioso duma terra, lugar de exílio e provação, como ardente deserto atravessado em sofrimento para atingir de lá um murmuroso Nilo de águas frescas e frondosas árvores amigas?

Unicamente, aqui, e com o Absoluto no fim, é antes o sono formidável das Pirâmides que silenciosamente espera.

182 Mas como explicar a evolução que se realiza na Experiência? //
É, como ela, ilusória?

Mas então de onde tiramos o valor da ideia de evolução?
Não; a evolução existe, o universo *vive* evoluindo.

Então teremos de supor que a evolução é progresso no sentido de espiritualização e que a parte do universo que conhecemos veio até nós no caminho duma espiritualização, que nos compete acabar em puro amor de Deus.

Mas os resíduos dessa evolução: os seres que ficaram ao lado desse esforço evolutivo, vítimas dele e servindo-o com a sua miséria, escravidão e vida — as plantas, os animais?

Momentos da Substância: quando irão subir à Liberdade?

Mónadas existentes: quando subirão a Deus?

183 Demora trágica a dessa Substância que esqueceu a longínqua infância de instinto e cegas tendências, e, cheia da aristocracia da consciência lúcida, // não pode erguer à altura dos seus olhos a obscura humildade do berço.

O positivismo deu a Antero a noção filosófica de descontinuidade, como, por outro lado e na matéria, já o fizera o atomismo dos químicos. Descontinuidade que lhe permite separar a realidade em séries hierárquicas e criticar um evolucionismo mecanista, que não explique o *aumento de ser* no transporte dos horizontes de cada série; mas o intrínseco fulgor do imanentismo substancial de novo une as séries pelo desenvolvimento interior da *mesma* potência actualizando-se.

O mesmo acontece com as mónadas marcadas em cada força e vistas por analogia na apreensão do exemplar consciência, que, sendo a força tipo, dá o seu tipo para modelo de todas as forças.

Forças que são simples modos ou singularidades, que, em sua evolução, se deu a Substância.

—

Temos um pensamento fremente de aumentativo ser e que, no entanto, pelas leis fundamentais que o governam e pelo absolutismo dos postulados que o organizam, é condenado à *imobilidade* da *cousa*, que nenhum anseio agita.

Resta desfazer o absolutismo de tais postulados e princípios e deixar que livremente voem os mal contidos frémits de beleza e liberdade que interiormente aquele pensamento animam.

Os princípios fundamentais e os postulados organizadores do pensamento resultaram dum certo critério de Razão, que vamos estudar.

A Razão é a função da certeza, o problema gnosiológico da razão envolve o problema psicológico e histórico da certeza.

Não sabemos o que seria a certeza para um homem solitário, mas, se tal // homem fosse possível, deveria ficar por certos instintos e reflexos, vagos sentimentos cinestésicos de adaptação ou inadaptação.

Para o homem real, a certeza é de ordem social; as nossas certezas começam por ser as da nossa sociedade doméstica, sofrem o embate das certezas da sociedade escolar em que vivemos e da grande sociedade variável por que vamos passando.

O problema da Razão é um problema social.

A Razão é filha da cidade, diz um notável sociólogo russo, e os estudos da escola sociológica de Durkheim plenamente o demonstraram.

Não que o indivíduo se apague e não possa iniciar modificações, mas modifica a obra social anterior.

Lévy-Bruhl, num precioso livro ¹, // mostra-nos o que é o pensamento nas sociedades inferiores.

Se designarmos pelo termo genérico de Razão a função do pensamento colectivo, isto é, daquele pensamento em que os indivíduos sociais estão ou podem estar de acordo, diremos que nas sociedades inferiores encontramos uma Razão pré-lógica, de participações místicas, envolvendo um acordo social comparável ao que hoje se dá numa nação de grande patriotismo no momento dum grave perigo para a sua existência.

A razão pré-lógica caracteriza-se por uma sistemática de qualidades, repartindo os seres de harmonia com a sua *participação*

¹ Lévy-Bruhl, *Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*.

dum ser comum, que é a qualidade, a seiva e o sangue, de todos os seres da mesma categoria.

O *tótem* é uma categoria social e todo um grupo *totémico* comunica do seu *tótem*: todo o homem do grupo Canguru é misticamente um Canguru.

187 As cerimónias do *intichiuma* para // assegurar a chuva, feitas pelos povos da Austrália Central, e semelhantemente pelos Zuñi, os Arapahos, e em geral pelos *pueblos* da América do Norte, revelam o dinamismo de tais participações místicas.

A solenidade é uma pantomima em que entram decorações representando o arco-íris e o actor leva no seu escudo o zigzague do relâmpago.

Na Austrália a cerimónia é desempenhada por membros do *tótem* da chuva, assegurando uma mais íntima participação.

A cerimónia não se dirige a nenhum deus ou antepassado: dos primeiros parece não haver alguma noção, dos segundos não existe o seu culto, porque se admite a sua continuada reincarnação.

188 Todos os actos públicos são feitos dentro dos moldes da *participação*, bem como as relações de família. Sobre a mãe e até sobre o pai dum recém-nascido pesam muitos *tabus*, filhos da // mística *participação* entre os pais e o filho.

Assim uma mulher não poderá fumar depois do parto, porque o filho ficaria enegrecido por dentro e morreria. Nós, povos de Razão lógica, temos ainda resíduos de tais participações, como é bem conhecido.

A Razão mística dos primitivos, como a presença oculta da consciência social¹, abrange a função conhecimento num indiferenciado sincretismo com outras funções, que, nos povos lógicos, já se separaram.

As representações colectivas de ordem emocional, como as crises de agudo patriotismo, revelam a presença da função mística nos povos civilizados.

A certeza da Razão mística é perfeita, como perfeita é a sua homogeneidade social; perfeitas por pobreza, é claro.

189 A divisão do trabalho social² // criando a heterogeneidade desfaz o fácil acordo primitivo e as certezas sociais serão menos espontâneas e prontas.

¹ Durkheim.

² Durkheim.

Da percepção mística vai-se passando para o conceito e, achado o conceito, ele vai prestar a sua fixidez às necessidades de certeza e acordo social.

O excessivo respeito pela fixidez conceptual pode dar o formalismo hierático duma sociedade que, como a chinesa, vive e ruma a escolástica dos seus conceitos.

A luta dos conceptualismos numa sociedade activa, em que várias correntes de actividade social se combatem e encontram, dará o dinamismo da vida a um pensamento que tem de sobrepor às contradições o acordo superior da nova ideia.

Assim foi na Grécia, sobretudo na irrequieta Atenas, de comerciantes, advogados, sofistas e filósofos. A relação da lógica com a retórica dos // sofistas revela, melhor que outro qualquer motivo, o carácter social da Razão. Vai aparecer o que é a Razão lógica que adquire a sua consciência de vida conceptual no esforço socrático, depois de ter vivido e criado a matemática de Tales de Mileto e Pitágoras.

190

Por Platão e Aristóteles a Razão lógica eleva o seu formidável edifício. Mas já antes a crise da lógica se tinha revelado na Escola de Eleia.

Isto quer dizer que os conceitos fundamentais de movimento, espaço e tempo, já tinham adquirido uma tal certeza lógica que, sendo categorias do pensamento colectivo, pesavam como absolutos sobre todo o pensamento individual.

Já então aparece o *ilusionismo* do pensamento a restabelecer o acordo que se tinha quebrado.

As noções de espaço e tempo dão o movimento como impossível por absurdo; este será, pois, apenas a ilusória aparência dum Ser que é em si. //

Os argumentos de Zenão de Eleia contra o movimento marcam uma crise, que, bem interpretada, poderá explicar todas as crises posteriores do pensamento.

191

O motivo dessa crise está na absolutização dos conceitos de espaço e de tempo, opondo seus rígidos corpos de causas ao determinismo duma construção racional posterior.

Nenhuma resposta encontrarão tais argumentos, enquanto o pensamento admitir o absoluto (da Razão lógica: categorização social) do espaço e o absoluto do tempo.

Hoje, parafraseando, poderíamos falar da crise da geometria e da física, pois, tomando o espaço euclidiano ou o tempo galiliano por absolutos, teremos o absurdo das geometrias não-euclidianas e o absurdo da física einsteiniana.

192 Crise que se resolve do mesmo modo procurando no espaço e no // tempo ¹ as formas comuns a todas as geometrias e a todas as mecânicas e diferenciando depois por *características* próprias os *especiais* tempos e espaços.

193 O que só por si prova que tais noções de espaço e de tempo são resíduos experimentais que à inteligência comum satisfaziam, mas onde a sagacidade individual dum sábio foi descobrir um corpo de identidade que é o *genérico* // do conceito e as *especificações* que o sábio propõe e são as novas construções científicas.

Este trabalho não foi mais que um maior aprofundamento duma noção comum, tornando explícitas as suas implicações experimentais de modo que a certeza seja cada vez mais completa e perfeita.

A diferença entre os dois processos de resolver a crise é a diferença que há entre a pura Razão lógica, absolutista, e a Razão experimental, relativista e livre.

A primeira mantém as exigências do seu absolutismo, e, como se não pode contradizer, declara ilusório o mundo onde os seres absolutos mutuamente se impossibilitam.

A segunda tem consciência do seu relativismo experimentalista e condiciona os seus conceitos adentro das novas formas que a experiência sugere.

194 Se pudéssemos entregar o caso das geometrias novas (não-euclidianas, não-arquimedeanas, etc.), à crítica da // primeira, ela proclamaria, em sua ignorância, a *ilusão* da geometria.

É, de resto, o que acontece às vezes, mesmo depois da crítica de Poincaré, para o caso brilhante e suficiente.

Cada uma é verdadeira dentro dos seus princípios, e, implicando todas um corpo comum de princípios, existe uma geometria genérica de que elas são as espécies.

¹ No espaço e no tempo separados ou na conjunção espaço-tempo, quando a sua disjunção tenha sido (para maior certeza formal) uma arbitrária e exagerada abstracção contrária às criações da Razão Experimental. / É o caso da física dos *acontecimentos*, tomando como última entidade existencial, átomo de conhecimento, o *acontecimento* espacial-temporal. / É este, o acontecimento como elemento, o nódulo das teorias relativistas e da elegante exposição de Minkowski. / Como se vê é um regresso ao concreto experimental — o *acontecimento* — em protesto contra uma exagerada e abstracta disjunção de Razão lógica.

A noção de espaço não era uniforme¹; daí a análise das formas que continha.

Entre as duas pretendidas crises que apontamos estão muitos séculos, e toda uma vida da Razão lógica, tentando conhecer-se e tomar consciência do dinamismo das suas construções.

Passa pela lógica das categorias gramaticais, pela lógica da prova ou silogística, pela lógica transcendental de // Kant, pela lógica da invenção ou descoberta até que tomará consciência de si na metodologia das ciências, descobrindo-se como *Razão Experimental*.

195

A análise gramatical das proposições precede a análise lógica dos juízos e as funções lógicas são implicitamente recebidas com a língua que falamos. A gramática, sendo a análise da língua, é também um estudo das funções lógicas que a constituem.

As definições e as dicotomias em parte do trabalho platónico^{2 [1]} revelam o esforço de análise gramatical, como ainda e melhor o revelam as categorias de Aristóteles.

A chamada lógica das línguas mostra bem o carácter social da Razão e como a Razão lógica se vai diferenciando dum conjunto mais vasto que a abrange. //

A passagem da analogia para a indução e sobretudo para a dedução é o melhor caminho para encontrarmos a passagem duma lógica das categorias gramaticais para a lógica formal da prova.

196

É essa que nos aparece em Aristóteles com a teoria do silogismo. Chegados à *lógica formal* quase podemos dizer que chegamos à *técnica do acordo*.

Dois adversários aceitam premissas comuns e ei-los que, de silogismo em silogismo, vão fazer o acordo^{3 [1]}, onde primitivamente era a hostilidade surda ou a guerra latente.

O carácter social da Razão aparece sempre que em face de lutas de homens // ou de povos, de rebeliões ou guerras, se faz instintivamente um apelo à Razão.

197

¹ Ver o trabalho de Hilbert, onde as geometrias se fazem por grupos de axiomas.

² Em Platão aparece um idealismo de reconstrução matemática, que o aproxima de Espinosa.

³ Em qualquer discussão nós podemos ver hoje ainda os duelistas que esgrimem quase sempre em busca duma técnica que resolva a contenda. Sob este ponto de vista poderia dizer-se que a lógica foi inventada pelos prudentes ou pelos bons, se não fosse, com efeito, obra da redutível mas indestrutível pressão social. Lembrem os duelos filosóficos da Idade Média.

«Ter razão dá muita força»: eis um axioma do saber popular que bem mostra que quem tem razão tem por seu lado a enchê-lo, por mística participação, a força da pressão social, como o adversário já sente a dominá-lo a mesma pressão social, censurando e castigando-o.

O tribunal das nações seria aquele que instituísse as normas duma Razão social, que fosse o imperativo de tudo o que é hoje humanamente certo e desejável.

198 *A Razão será, pois, evolutiva e, de facto, nós a vemos evoluindo;* mas como é o órgão da certeza tenderá a exagerar a sua função substituindo às provisórias e progressivas probabilidades dos seus juízos as estáticas e imóveis certezas dos seus conceitos. Limite que constitui a lógica formal em que apenas se atende às relações de extensão e // compreensão dos conceitos ou classes; o que, na moderna logística, atinge a máxima perfeição do esforço tentado desde a silogística de Aristóteles.

Mas a experiência dinamiza e os conceitos fundamentais empedernidos em frios preconceitos começaram a dissolver-se nas águas corrosivas da Crítica.

Leonardo da Vinci ^(a) retoma o matematismo experimentalista, iniciado em Platão, e, com ele, as categorias da lógica vão estalar à riqueza e pressão interior da experiência.

O movimento progride e, em Descartes, a Razão interroga-se sobre o valor e significado das suas certezas.

O substancialismo, que era o fundo do pensamento e do ser, desfaz-se em poeira fenoménica e, com Berkeley e Hume, a Razão é fundamentalmente abalada da sua dogmática sonolência.

Kant repete, mais fundo, a indagação de Descartes e desmonta a Razão em suas peças arquitectónicas. //

199 E para garantir as certezas da Razão vai encontrar a objectividade (necessário acordo social) nas formas e categorias da sua lógica transcendental.

Ao absolutismo da Razão pesando sobre a experiência substitui um absolutismo meramente formal a que a experiência há-de fornecer alimento, matéria e conteúdo.

O *ilusionismo* aparece de novo e de formidável jeito, pois, recebido o facto da comunidade humana das formas, o ser conhecido é só o aspecto que o ser inominado e inatingível ofereça à modelação daquelas formas.

^(a) O autor usa «Leonardo de Vinci».

Dois caminhos se ofereciam para sair do ilusionismo: ou tirar da Razão forma e matéria, ou da experiência, que dá a matéria, tirar igualmente a forma que a organiza.

O primeiro caminho deu os idealismos germânicos; o segundo deu as grandes tentativas materialistas e positivistas do século XIX. //

Para os primeiros a Razão que recebeu a experiência e a quer produzir terá de ser a mesma realidade evoluindo. 200

Ao fixismo das categorias terá de opor o evolucionismo da experiência; daí a sua vida antitética, de permanente vitória sobre os conflitos internos.

No entanto, como é Razão, e não pode furtar-se ao seu funcional dever de *certeza*, terá de encontrar uma lei que em si contenha a virtualidade da série dialéctica e é a lei das oposições. Do aparente mobilismo da experiência faz o real imobilismo da dialéctica.

Os segundos ou caem de novo no substancialismo da matéria ou na idolatria do facto, como se um e outro não fossem já reduzidos a termos de consciência e pensamento, e acabam pelo imobilismo dum Spencer em que tudo se resolve pela divisão do universo em exterioridade física e interioridade consciência, sendo esta a cópia adaptada dos arranjos daquela. Qualquer coisa // como uma experiência que antes de se fazer já existe, pois o Universo é dado por leis que o deixam prever e é, portanto ¹ e em si, o sistema dessas mesmas leis que o determinam: coincidência perfeita com o idealismo anterior, resumindo-se ambos na fórmula de igualdade do real e do racional. *O mesmo absolutismo da Razão dominando inteiramente.* 201

Aliás é simples o motivo de tal acontecimento: a Razão é a função do acordo objectivo, a admissão do facto como *dado* objectivo substitui ao absolutismo dos conceitos o absolutismo da percepção.

Unicamente como os factos são sempre diferentes a Razão substitui ao facto perceptual um esquema de facto, que vem a ser o exemplar duma série, cuja lei lhe determina o valor e a ordem. //

A experiência, que, em Kant, era o indispensável material para o formalismo da Razão, é, em Hegel, a própria evolução dialéctica da Razão, é, em Spencer, a simples *ocasião* para a descoberta da *lei* que a abrange e esgota. 202

¹ O interior é a imagem do exterior.

No entanto, o progresso da Razão experimental continua no trabalho das ciências que não se escravizam ao facto, nem o desprezam, trocando-o pelas deduções da sua Razão.

A ciência, já noutro capítulo o mostrámos, é, com efeito, a grande actividade revolucionária que destrói as muralhas da Imobilidade.

E, se o pensamento de Kant se imobiliza no formalismo da Razão, é porque ele tomou a ciência como um absoluto a explicar e fez da geometria de Euclides, da mecânica de Galileu e da física de Newton, modelos eternos e intangíveis da construção científica.

203 Mas as ciências progridem e as suas chamadas crises são o momento para o // pensamento interrogar de novo os arcanos da Razão.

Já a lógica das ciências tinha levantado o problema da indução e da descoberta, que excede o imobilismo da Razão dedutiva; mas Stuart Mill tinha-se enredado na idolatria do facto, sem ter podido justificar a mais ligeira indução.

No entanto Leonardo da Vinci ^(a) já tinha visto o grande papel da matemática em toda a construção científica, como Espinosa tinha tentado fazer a exposição geométrica da sua metafísica.

É, com efeito, a matemática a grande ciência das relações e, como tal, a ciência que há-de fornecer as formas a toda a experiência relativista.

No idealismo de Espinosa está contida uma doutrina da Razão que a aproxima do critério da Razão Experimental.

Espinosa põe os seus axiomas e definições, e faz a sua construção.

204 É esta a forma matemática das // ciências, e todas dela mais ou menos tentam aproximar-se. Unicamente Espinosa admitia os seus pontos de partida como reais e verdadeiros e a ciência moderna os toma como postulados de ser.

De modo que, como já vimos, todos os juízos da ciência são hipotéticos; ao passo que os de Espinosa são categóricos.

A ciência dirá que, se chamar a uma dada função a energia dum sistema (e definido o sistema físico), essa função se equilibra por compensações das variáveis de tal modo que fica sempre a mesma em todas as transformações do sistema.

^(a) O autor usa «Leonardo de Vinci».

Espinosa diz que Deus existe necessariamente porque: suponhamos que Deus não existe então é porque (axioma 7) a sua essência não envolve a sua existência, o que é absurdo (teorema 7) — logo Deus existe.

No primeiro caso podemos a todo o tempo refundir as suposições iniciais, // no segundo caso elas são absolutas e eternas ¹.

205

O que significa que a ética de Espinosa é um monumento renovável pondo nas definições e nos axiomas os princípios que hoje pela ciência e pela crítica sejam os mais aceitáveis.

Eis pois o modelo da metafísica — a Ética de Espinosa, com a consciência de que os seus teoremas são construções sobre postulados ou hipóteses.

É este, com efeito, o critério profundo da Razão experimental. Porque é Razão, é actividade e actividade espiritual, mas nem o espírito, nem a matéria, nem qualquer dos produtos da sua actividade pode pesar sobre a sua liberdade criadora com o absolutismo do seu corpo. Esta a alma do que // chamamos *criacionismo* e que é a própria vida da Razão.

206

A conciliação dos subjectivismos, o acordo social ou certeza, faz-se na parte construtiva da Razão pela metodologia científica, faz-se na parte inicial dos postulados pelo acordo livre, convenção cómoda dirá Poincaré, na escolha desses princípios.

Como que o «Contrato Social» estabelecido por e para a Razão. O génio do sábio está exactamente em escolher aqueles postulados que permitam a construção da ciência, a mais coerente, a mais rica e de melhor e mais completa harmonia interior.

O Absolutismo da Razão deu lugar ao relativismo elegante do acordo nos princípios e à repetição das mesmas operações de espírito no acordo construtivo do corpo doutrinário.

De caminho a Razão perdeu a imobilidade, e conceitos fundamentais, arquitectónicos, como os de espaço, tempo, causalidade, etc., vão-se modificando // permitindo novos postulados que melhor satisfaçam à harmonia e proporção das construções.

207

A certeza é perfeita, embora hipotética — o que é o característico da tolerância relativista da moderna Razão.

¹ O primeiro é um nominalismo realista, vivo e experimental; o segundo um nominalismo meramente formal — o que, diga-se em a-propósito, mostra Espinosa precursor de Kant.

Certeza, aliás, mais rica de verdade porque marcha e cresce em vez de subordinar ao imobilismo dos preconceitos a mobilidade e a opulência da Experiência.

Razão decerto desagradável a todos os fixistas que desejaríamos repousar os olhos num panorama imóvel e sempre o mesmo; mas Razão que é o próprio pensamento dos que, desejando o mérito das suas acções, desejam que estes se insiram numa realidade evolutiva, aí inscrevendo o esforço e o valor do Ideal que os conduz.

E assim será possível e eficiente a espiritualização do Universo, pelas forças de espiritualidade que nele vivam e trabalhem.

208 A maior dificuldade que encontramos foi compatibilizar entre si os // absolutos da Razão e explicar a coexistência desta Razão imóvel com o fluxo da Experiência.

Os eleatas e Heraclito de Efésio polarizam já os dois rumos opostos do pensamento humano: um dirigindo-se à imobilidade do Ser, outro ao fluídico da experiência que a lei dos ciclos atarda e domina, deixando-a, no entanto, palpitar como a respiração dum Ser que fosse o abrir e fechar duma imensa rosa de fogo cujas pétalas encham o espaço e são os mundos.

Fogo princípio, fogo inteligência, que dá ao Ser uma vida inteira de vigília e sono, de meditação e acção, onde, apesar das pausas e ritmos, mais aparece a Vida que no Absoluto Sono da Razão eleática.

Não pode, no entanto, este Universo, que é a Fénix das cinzas renascendo, receber a possibilidade duma efectiva espiritualização, nem do mais ligeiro acréscimo em beleza, que quebraria os moldes das suas repetições cíclicas. //

209 É, porém, uma das mais geniais intuições dos tempos, pois não só apreende no Universo um sopro de vida, mas toma-o naquele jeito de *desfazer-se* fluindo, que é a mais formidável e segura visão da ciência moderna.

A união da experiência com a Razão será completamente impossível sempre *que dum lado deixemos a Razão como função do absoluto e do outro a experiência como a percepção duma realidade transitória.*

É o facto irreductível da filosofia, como diz Antero, mas somente se fizermos tal irreparável disjunção.

Se tomarmos a *Razão Experimental*, como a encontramos na actividade científica, teremos uma Experiência, que é a relação das relações dos seres, qualquer coisa que simbolicamente poderíamos representar por uma função em que entram as traduções

quantitativas, em movimento, das actividades dos seres e a reacção x com que responde a nossa actividade: $F(x, y, z...) = 0$. //

Somente essa função perderia ainda da realidade tudo o que não é a sua simples quantidade, isto é, o que há de homogêneo em todas as qualidades: como se dum ser ignorássemos inteiramente toda a alma e vida, reduzindo-o à medida da área da sua pele.

Mas, como a pele delimitando um corpo é só por si bastante a mostrar que uma sinergia de órgãos deve existir nesse corpo, também a possibilidade de encontrar uma comum expressão em movimento revela a solidariedade de todas as actividades que constituem a Experiência.

A Razão é o que o esforço colectivo, hoje guiado pelos sábios, vai organizando em vida própria na actividade de conhecimento que é implícita em toda a experiência de que aquele x da fórmula é a tradução em actos ou movimento.

Seja $F(x, y, z...) = 0$ a representação da relação de movimentos ou possibilidades de movimento, isto é, $y, z...$ // todas as quantidades científicas que apreendemos no mundo perceptual e x a reacção em movimento do nosso conhecimento dos $y, z...$

O trabalho experimental, evolutivo, da Razão consiste, para lá do obscuro e profundo trabalho que no mesmo sentido fez o corte perceptual, na escolha dos yy, zz , etc., de tal modo que seja possível achar uma função que os ligue com os xx de molde que sendo $x_1 = \phi(y, z...)^1$, tenhamos $x_1 = \phi(y_1, z_1...)$, $x_2 = \phi(y_2, z_2...)$, etc. Estas funções, variáveis com o progresso da Experiência, são o que momentaneamente subsiste e a filosofia tem tomado como eterno. //

A Razão é uma actividade que, de resto, jamais funcionará a sós e apenas no *convívio* se há-de actualizar.

É, pois, o que na experiência *subsiste*, e de tal modo que a experiência do futuro não seria a mesma: embora todas as outras actividades se oferecessem nos mesmos modos e posições, o instrumento de reacção era outro e permitiria outras acções sobre o exterior; o universo seria analisado em novas, até aí ocultas, dimensões.

¹ É claro que aplicamos a fórmula a quantidades para que ela não fosse apenas uma metáfora insignificante; mas estes últimos xx representam antes o conhecimento que a sua exteriorização motora. E agora as fórmulas só *valem* como *metáforas* cómodas para a sugestão do que se quer dizer.

Já na biologia a experiência actual depende claramente do adquirido anterior; na consciência é tal o predomínio das antecipações, que Kant pretende marcar *a priori* princípios a essa experiência, e idealistas e materialistas extremos pretendem tirar inteiramente esta experiência das antecipações ou do adquirido daquela Razão.

213 Mas essas antecipações, se não se perdem, podem modificar-se para melhor harmonia das novas experiências e pela *invenção* de novos arranjos // ideais¹ que iluminem todo o campo da experiência.

Essa Razão começa na própria experiência perceptual e prolonga-se, acertando, no esforço magnífico das ciências, parece que seguindo mais ou menos as linhas da pura percepção, conforme menos ou mais nos aproximamos das actividades internas² dos seres.

Como nas ciências nos foi impossível sair duma realidade social e separar o singular do social, também aqui é impossível separar a Razão da Experiência, isto é, a pura actividade solitária do seu social exercício *convivente*.

O que há na Razão penetra a Experiência, como esta é toda a vida de aquela. //

214 O facto irreductível não é a oposição da Razão e da Experiência, como não é a oposição do que *subsiste* e do que transita; o facto irreductível é o carácter experimental da Razão, ou o carácter racional da Experiência que é o mesmo, é o que *subsiste evoluindo*, seja a própria Razão Experimental ou a Memória Inventiva.

A experiência existe e tem a sua razão de ser: o eleatismo só se compreende num absoluto monismo, que, em si, nos abismos insondáveis do seu Nada, tudo afogasse.

A Razão existe e a pura Experiência, cópia passiva de factos, dispersaria o Ser em instantes e pontos sem nexos ou abraço que, ligando-os, os fizesse reais.

O plural puro nada é mais que um nome — o caos; a pura unidade nada mais é que o vazio, o puro abstracto, a ausência completa do Amor.

¹ O papel do sábio na invenção das novas teorias é duma liberdade que só a palavra beleza pode traduzir.

² A metáfora anterior da consciencialização dos seres, é, paralelamente, mais ou menos exacta.

Incendiai o mundo e não tereis na visão desse incêndio a redução à // unidade: a chama há-de gritar em cor as notas da diversidade que a alimenta. 215

O fogo de Heraclito era inteligência, o fogo de Francisco de Assis era Amor: no primeiro ardia a diversidade dos mundos, no segundo estremecia a dolorosa piedade das criaturas.

Monismo e pluralismo são os dois extremos dum abraço, que, em fraternidade e convívio, só o Amor pode fechar.

É com este dado científico — a Razão Experimental — que temos de partir para a grande analogia do Ser.

Já vimos que Antero fez uso da analogia para, partindo da força-tipo, que é a consciência, encher o mundo de forças monádicas.

O psicodinamismo^(a) é a sua visão do Universo. Assim é, para todos os filósofos, este uso da analogia, o processo eterno das suas explicações.

A analogia é o grande processo de invenção científica, como é o processo // da evolução linguística, como é o eterno processo da criação artística. 216

A indução não é mais que uma analogia mitigada pelas exigências duma Razão identificadora.

Não é, pois, processo que se possa desprezar; mas na sua aplicação é que está o valor do sábio, do filósofo e do artista.

A simetria e a semelhança são os primeiros esboços da criação artística, por isso mesmo que são a simples analogia geométrica. Aqui aparece o *naturalismo* da geometria euclidiana.

É curioso realmente observar como a Natureza nisto se aproxima dos artistas: é que já vimos ser a quantidade o próprio fio de irmandade ligando os seres.

A Natureza trabalha como o artista: é, com Schelling, uma poesia inconsciente; por isso, e para Schelling, a intuição artística mostra a unidade do // espírito e da Natureza, do sujeito e do objecto¹. 217

A analogia científica é de outra ordem, penetrando melhor a arquitectura exterior da natureza e menos a sua presumível interioridade.

^(a) O autor usa «psiquo-dinamismo».

¹ É o desenvolvimento deste ponto de vista que constitui a recente tese de Baldwin *O Panalismo*.

Mas sempre a analogia é condicionada pelos limites da Razão Experimental, e, se um sábio não pode supor os planetas habitados só porque são no mesmo sistema com a terra, não pode também um poeta cantar a simpatia que o prende ao mudo sofrimento do calhau que vai pisando.

Os saltos exagerados são erros, que a Razão não consente.

218 Pode o sábio usar analogias ¹ fecundas, pode o poeta cantar a sua *universal* simpatia, mas será exagero // desmedido concentrar a piedade da sua alma sobre o pobre calhau ^{2 [1]} que é calcado: o calhau é uma parcela do planeta, pode servir para início do amor à terra em que vivemos, como o osso abandonado pode lembrar o destino de Morte que paira sobre os seres.

219 O uso da analogia para as conclusões do psicodinamismo de Leibniz ou de Hegel ^{3 [2]} é legítimo enquanto se limita a afirmar o parentesco da Natureza e do Espírito, a consciencialidade universal, portanto; mas não dá direito a uma determinação precisa do que sejam as mónadas, seus limites e interacções. Quando Leibniz encontra na // força a essência monádica é claro que não localiza essa força, que é inextensa e intemporal; mas encontra a complicação dos corpos pela sua infinita composição monádica.

Mas pode, mesmo no pensamento de Deus, ser *dado* o infinito?

E se Deus pensa os *compossíveis* não os *reúne* só porque os pensa? De onde vem, pois, este *infinito* ⁴, que, introduzido, impossibilitaria aquela reunião?

Aqui aparece uma nova forma de contradição entre o absoluto da Razão e a contingência do Real.

A Razão que trabalha com o princípio da contradição e dá o necessário e a percepção que dá os factos recebidos como verdadeiros pelo princípio da razão suficiente. //

220 As verdades de facto não são demonstráveis pelo primeiro princípio porque os motivos são inesgotáveis, indo ao infinito e

¹ Todas as teorias vibratórias são analógicas.

² A não ser que se dê o desvio curioso da piedade para os pés de desgraça e morte, que, pelos caminhos, se tenham pisado em suas pedras agudas: então o calhau é testemunha.

³ Já vimos que a diferença está apenas em que em Leibniz tudo se reduz ao pensamento divino dos compossíveis e, em Hegel, à actualização dialéctica da Razão.

⁴ A crítica de Renouvier acerta aqui inteiramente, pois o princípio da contradição é a primeira necessidade da Razão.

por isso é que o são pelo segundo princípio da razão suficiente, sendo a última razão das coisas a substância em que elas estejam eminentemente ou Deus.

E pela introdução do infinito actual nada mais lucrou Leibniz que uma contradição manifesta, pois o infinito das mónadas em nada explica o espaço, o tempo e o movimento: todas as aparências percepçionais que pretendemos explicar.

O inextenso não pode gerar o extenso.

O espaço é a forma da exterioridade e, como tal, todos os espaços são indefinidamente decomponíveis em elementos exteriores. É por isso que uma linha é indefinidamente decomponível em elementos exteriores, uns em relação aos outros; mas, se *marcamos* esses elementos como pequenas partes da linha, é-nos sempre possível esgotá-la com // esses elementos, o que é contra a definição da forma de exterioridade.

221

É que o espaço é só a *possibilidade* de relações exteriores: é *esse* o seu infinito. Não é infinito porque uma linha *realize* em pontos um número infinito; é infinito porque a mínima porção da linha é ainda uma forma de exterioridade:

O ponto é apenas a afirmação deste infinito.

Mas quando assim não fosse o pensamento de Leibniz era colhido nos seus próprios argumentos: se os corpos se formam pela actualização de infinitos pontos seriam contingentes e as verdades que lhes dizem respeito seriam simples verdades de facto inacessíveis ao princípio da contradição; ora a geometria é uma ciência de construção a partir dos elementos simples e de verdade necessária ¹, não poderia por isso envolver uma regressão infinita. //

Com o inextenso jamais faríamos o extenso. Mas dirá Leibniz que tudo se passa em Deus; espaço, tempo e movimento são apenas correlações das mónadas, que cada uma apercebe no desenvolvimento da sua série aperceptiva.

222

A distinção entre os dois princípios existe apenas em nosso pensamento limitado; em Deus tudo é dado na sua tese dos compostíveis.

Existe então dado em Deus o que para nós é actualmente infinito?

¹ Não era tão necessário que as geometrias não-euclidianas não viessem a nascer.

A diferença é então de quantidade: Deus pensando a série pela lei dos seus termos; cada termo perdendo-se na percepção do infinito dos termos, sem se erguer à concepção da lei.

Esta última diferença é a que vai do conceito para a percepção; *mas o conceito supõe o ser e o pensamento divino tem de o criar.*

Criou então Deus um número infinito de mónadas?

Eis o absurdo no próprio coração divino. //

223 E, no entanto, basta que Deus seja pura invenção amorosa para um infinito verdadeiro encher de claridade toda a existência.

Antero toma o psicodinamismo de Leibniz e num critério ontologista parece internar uma mónada aí onde lhe aparece um átomo de matéria movendo-se.

A ciência é ontológica ¹, como muito bem o demonstra Meyerson, mas a crítica da ciência é tudo quanto há de menos ontológico, tendendo para a definição de Russell para as matemáticas: uma teoria de implicações sem querer saber do que sejam os termos dessas implicações.

224 Com efeito as implicações // aritméticas tanto valem para flores, como para mulheres ou astros.

No pendor ontologista das ciências teríamos uma física de átomos e electrónios e nestes a mónada elementar regulando pela constância da sua natureza o seu comportamento mecânico.

Mas não só aqui é mais difícil que nunca descobrir o que seja o *singular* deste ser, pois a *massa* se divide em transversal e longitudinal mostrando o seu relativismo como dependente das velocidades, etc., mas também com a teoria electromagnética metemos a matéria em pleno evolucionismo.

Não podemos, pois, nem com Leibniz nem com Antero, levar a analogia até à determinação do que no mundo físico sejam as actividades monadológicas, porventura até como já dissemos elas estejam nos que nos parecem vastos, imensos sistemas, que a nossa percepção fragmenta em inúmeros, incontáveis corpos.

225 Deixando, pois, a analogia onde ela // é lícita, diremos que o Universo é uma sociedade de actividades ou mónadas, de que em nós temos o vago dum exemplar.

Como são possíveis essas mónadas?

¹ É o que explica que o simples sábio que nunca fez ciência, nem sobre ela faz crítica, seja mais fóssil e retrógrado que o primeiro analfabeto. / Veja-se a fóssil oratória dos congressos de sábios desta espécie.

No fim de contas vimo-las sempre, em Leibniz, em Herbart, etc., ou abismadas na consciência de Deus, ou no absoluto da Razão, ou perdidas num pluralismo radical e niilista.

É o problema da coexistência dos seres e de Deus: pois os seres sem Deus perdem-se em pura exterioridade sem sequer o nexu da geometria¹, e Deus sem os seres é Solidão sem Amor.

Se há só seres, como existe o bem, a harmonia e a beleza?

Se há só Deus, como existe o mal, o sofrimento, o heroísmo, a luta e a dor? //

É também o problema da continuidade ou da descontinuidade... 226

Se a realidade é contínua como explicar a *individuação*, como não é tudo a pura identidade onde nenhuma determinação pode aparecer, nenhuma aparência sequer de conhecimento e consciência?

Se é descontínua donde vem o nexu, a união que relaciona e prende, o tendencioso sistematismo da realidade?

É que o despertar da consciência é irregular e contínuo: irregular porque depende do estado da testemunha² [1], contínuo porque estas mesmas variações internas servem para unificar aquelas irregularidades.

Este despertar de consciência ou mundo subperceptual é, pois, já // qualquer coisa como a continuidade duma muda actividade que liga o pluralismo que se lhe depara. 227

Não que haja distinção clara entre a actividade e as posições em que se afirma: mas a própria vida pela sua evolução traçou os cortes dos sentidos na realidade que os excede.

Da base preperceptual ao vértice conceptual do pensamento nós encontramos sempre a continuidade fazendo-se por entre o descontínuo de pluralidades.

Continuidade e descontinuidade são depois dois limites que marcam as duas direcções opostas do pensamento científico: a identificação e reconstrução dos diversos por arranjos dos idênticos e a capacidade do diverso marcando os *irredutíveis*, que artificiais reconstruções de realidade não podem fingir.

Mas jamais a continuidade totalmente identifica, como nunca a descontinuidade pulveriza em absolutos plurais sem nexu: a

¹ É a visão genial de Platão do Deus géometra.

² No sincretismo inicial da percepção chamamos testemunha ao que mais tarde o pensamento descriminará do meio pelo nome de corpo, abrangendo o que mais tarde a ciência dirá ser o sistema nervoso.

228 continuidade // matemática requer a diversidade duma função que não se confunde com a própria variável e a *relação* dos modos de acréscimo da função e da variável.

É neste sentido que a ciência implica um atomismo ¹ lógico, embora esse atomismo seja, como já mostrámos, hipotético e variável na sua actualização, isto é, na determinação actual de seus átomos.

E de tal modo contém a ciência esse atomismo que a matemática pura não pode furtar-se ao plural dos *elementos* que entrem nas suas *implicações* ².

229 Portanto, nem o «despertar de consciência» ou mundo pre-percepcional, nem o mais alto mundo científico // justificam uma teoria do pleno ou do vazio, do contínuo ou do descontínuo, do uno ou dos plurais; mas, sim, em vez de monismo ou pluralismo, implicam ambos uma *diversidade unificada*, subindo desde o vago conjunto ou sincretismo percepcional ao puro sistematismo científico.

O Absoluto e o Relativo não são opostos irreconciliáveis como o não são a Razão e a Realidade; mas encontram-se na Experiência, como, e igualmente, na Memória se encontra o idêntico e o diverso, o subsistente e o transitório.

Eis-nos, pois, em melhores condições para tentarmos uma compreensão experimental, analógica dentro dum selecto condicionalismo, da coexistência do bem e do mal, de Deus e dos seres.

Compreensão que nos é não só necessária por si, mas porque sem ela a evolução e a moral nenhum significado poderiam possuir. //

230 A moral ou é uma experiência a que damos um profundo valor de realidade e teremos então de procurar uma metafísica em que se possa fazer o acordo da Razão teórica e da Razão prática, como dizia Kant, dos juízos de existência com os juízos de valor; ou teremos então de explicar os segundos por ilusões criadas pelos primeiros — o que é a negação da própria moral.

Se, com efeito, e é aqui a eterna glória de Kant, deixamos que a moral se reduza a um sistema de afirmações condicionais ao sistema hipotético-dedutivo das ciências, a moral perde-se

¹ Bertrand Russell, Whitehead.

² A forma $x_e a \supset \phi(x) \supset \psi(x)$ a que se podem reduzir em alfabeto logístico as proposições matemáticas, sendo os $\phi\phi$ e os $\psi\psi$ o que Russell chama funções lógicas, postula a diversidade unificada de que falamos.

inteiramente, pois ela é o único absoluto que conhecemos, o da autonomia¹ afirmativa do nosso querer.

É, de resto, o que acontece em todos os *ilusionismos*, onde a vontade // cria processos de negar a ilusão: em Schopenhauer e em Antero. 231

Duplo milagre duma vontade que pode negar a Realidade e não pode modificá-la de acordo com os seus íntimos desejos de bem.

O que é a *moral* em Antero?

O processo de espiritualização até ao inteiro desaparecimento no Absoluto dum princípio universal.

Mas esse processo é também o processo do Amor, e, quando o indivíduo chega ao puro Amor, é que, rico da comunicação com todos os outros, desaparece, negando-se.

E não negará consigo todos os outros seres? E, fazendo-o, não irá queimar, não em amor mas em fumo e cinza, tudo o que era a essência desse processo espiritual, tudo o que constituía a própria vontade moral?

Ou a moral é o *absoluto bem querer* da vontade ou é apenas um meio, um processo e progresso para o Absoluto e não é então moral. //

No panteísmo não pode haver moral, mas apenas a forma exterior do seu processo espiritual. 232

O panteísta na sua unificação com o todo pode subir em altura religiosa, porque em sua consciência leva a representação social dos seres e o processo por que se unifica é um abrasamento de amor em cuja chama todos os seres apagam as suas cores para ficar o pleno entendimento da Luz.

Mas não os aniquila essa Luz, porque não perdeu a cor por ser mais pobre mas antes a contém na unidade superior da sua plenitude.

Mas, se tenta apagá-la para tudo cair na imobilidade dum terrível Absoluto, o Amor desaparece e morre como ténue fio de água que as chuvas jamais alimentassem.

Alguém que, com mendigos de pão e de amor, com todas as bocas mudas que os corações querem rasgar em verbo, vai de companhia pedir amparo e, quando se aproxima da fonte de // todas as sedes, perde os companheiros, para, solitário fantasma duma sede que morreu, se empedernir junto à fonte das eternas águas vivas! 233

¹ Esta autonomia não significa solitária independência: a vontade é solidária; mas, na sociedade de sua convivência, *afirma-se*.

O pântano é a interpretação metafísica do Ser pela doutrina do tipo *cousa*.

O Teísmo é uma metafísica da pessoa: o primeiro processo de espiritualização não pode dar mais que uma fusão na Substância, a reentrada de seus agitados modos na tranquilidade da essência: o segundo processo de espiritualização é a perfectibilidade do convívio, romarias de almas cantando a caminho de Deus inacessível.

Na Substância, dissolução e abismo; em Deus, pura atração e amor, que nunca se esgotando, liberta a órbita infinita dos seres sem tombarem em chama que os devore.

234 Há, no entanto, um panteísmo que toca os encantos do teísmo: é mesmo muito maior a comoção religiosa que *nos* agita quando pensamos no amor // *intelectual de Deus* de Espinosa do que nas melhores manifestações de teísmo que vulgarmente encontramos.

Resultará isso somente de que tal amor intelectual chega a Deus depois de profunda meditação: raio de luz que vem a agitar-se dos arcanos mais Íntimos do Ser até que, depois de poalhar de oiro todo o firmamento, se ergue no Infinito em flecha dardejante e ansiosa?

Da vasa ao cristal, ao choupo e ao antílope, à fera que rugue e ao homem que blasfema e canta, purificando-se e ascendendo até, dilúvio de luz, penetrar as trevas que ficam a estremecer da divina comoção do incêndio.

Não resultará também de que esse caminho do pensamento até à visão em Deus é uma proliferação infinita da consciência, de tal modo que a visão intelectual é um cântico de luz de todas as consciências?

235 O pensamento espinosista chegado à visão eterna deixa cair do Alto // catadupas de luz que enchem de cintilas as escuridões anteriores e a Luz deixa de ser clarão imóvel e é rumoroso oceano com frémitos de vaga...

O ser desdobra-se como imenso manto de luz, ondulando, faiscante e múltiplo: poeiras de oiro ao clarão do olhar divino...

Uma escalada para o Sol, sem que a visão do alto afogue em luz a multiplicidade da vida que atravessamos.

O valor desse panteísmo em frente aos vulgares teísmos está em que consente, embora quase em silêncio, um murmúrio de almas pelo Espaço; enquanto o vulgar teísmo é muitas vezes um trágico solipsismo da pessoa divina expulsando os seres pela obesidade inoportável de seu vulto. Mas se a beleza de tal

panteísmo resulta dum infinito proliferamento de consciência, porque não havemos de tomar um teísmo consciente da sua interior riqueza de amor inesgotável e, portanto, social, fraterno e convivente?

É, de resto, o que todos os panteísmos implicam num primeiro momento ou grau de conhecimento, embora depois o neguem, mentindo à origem, ao berço de onde partiram.

Como momentos dialécticos duma Razão que se realiza, como modos duma Substância que os expõe e reabsorve, sempre o pluralismo social do início é patente em todos os panteísmos.

Igualmente em todos os teísmos esse plural existe: ou num resíduo de matéria que mesmo no pensamento divino *resiste* e limita as possibilidades até ao *único* universo dos *compossíveis*; ou num pensamento absolutamente criador que inventa e tira da sua solidão // infinita o mundo das ideias ou almas que lhe serão companhia afastada, perdida ou próxima, conforme a temperatura de amor que as anime.

É que ainda aqui só por analogia poderemos vagamente guiar o *nosso* entendimento.

E a Razão experimental ou Memória Inventiva é a grande analogia que pode guiar-nos; mais concretamente, é a estrutura íntima da *pessoa*¹ que pode, ela e só ela, dar-nos ainda um esboço da divindade.

Ora a pessoa é um todo concreto, encerra em si o abraço do universo: é unidade moral por entre os estorvos e resistências das paixões que são a voz dos mais longínquos companheiros resistindo à unidade moral pelas divergentes tendências separatistas de inferiores unificações. //

Uma consciência é a unidade de indefinidas subconsciências tentando a independência; que a *atenção à vida* falte e eis a pro-

¹ Renouvier e sobretudo o belo, adorável espírito de Hamelin.

liferação das subconsciências que o amor diminui e eis a fragmentação passional da pessoa.

Em nós apreendemos, pois, uma social unidade, que, subindo, torna cada *eu* mais afirmativamente social, em beleza e harmonia, que, descendo, liberta para a divergência, a caminho do caos, tendências mais pobres, menos sociais, egoísmos elementares tendenciosamente materializantes.

Se em Deus temos a Consciência, se nela hemos de ter em ideias a pluralidade, porque não havemos de ter, de pronto e em bondade, as subconsciências que são o concreto do Amor, a própria Invenção fazendo-se infinito centro de invenção para poder realizar, viver aquele Amor?

Para que faria um Deus Solitário um Universo pronto e finito?

Não é em qualquer teísmo este // finito da criatura socorrido posteriormente pela bondade divina que pode dar-lhe a imortalidade? 239

Porque então estas criações tateantes, e não a invenção amorosa dando-se em amor a infinitos centros de invenção que aumentem aquele amor?

Compreende alguém o amor como uma quantidade finita e dada por uma só vez?

Poderiam existir as mais simples relações humanas, se o amor fosse a quantidade que cada alma oferece e de pronto se esgota, sem bondade oculta e excedente para o perdão de todo o mal cotidiano?

Pode o amor existir, sem se exceder?

As relações entre os sexos, pálido esboço da paz na guerra que é este mundo de amor dramático, poderão existir em verdade e beleza se o amor de marido e pai não exceder em sacrifício de si, de seus cúpidos egoísmos, o melhor amor dum noivo? //

Aqui é o próprio coração do *criacionismo*¹: ou há criação, excesso inventivo do ser; ou o amor se reduz, melhor ou pior, às elegantes pornografias de certos poetas e naturalistas. 240

Deus, sendo a Invenção, tem de o *ser* repercutindo-se em infinitos centros de invenção; Deus, sendo o Amor, tem de o ser na infinita bondade duma perfeita convivência.

¹ Corpo de doutrinas filosóficas que o Autor vem expondo desde 1912 na terra mais antifilosófica do Planeta.

Todos os teísmos implicam esta concepção e, se a não dizem, é porque são gogos, hipnotizados pela idolatria da *Cousa* e da Imobilidade.

241 Aquele Deus de Aristóteles ficou a morrer de saudade dos filhos abandonados: a saudade da terra subindo uniu-se com a saudade do céu que descia e, coluna de amor, foi Cristo, apagando o mal, queimando as tristezas e // desânimos duma multidão errando perdida no Deserto, dando água eterna às sedes do imenso areal sem fim, palmeira de sombra, fonte de Jacob, poço de águas vivas, góticas ogivas de choupos, carinhosas asas de frescura, voando...

Deus sem almas é espírito sem ideias, corpo sem sangue, árvore sem seiva, noite sem astros de mistério, rio sem águas tumultuando, rumorosas de velas que palpitem.

As almas sem Deus seriam sóis tombando sem *órbitas*, pétalas de imensa rosa dispersas e perdidas, águas sem leite, órfãos, exilados, cegueiras, mudezas e caminho do apagado silêncio da Morte.

Consciência das consciências, invenção proliferando em amor, luz difundida e reencontrada em focos que se iluminam, é Deus um infinito campo de consciência em que sem atritos vogam os seres e os mundos.

242 O físico enche o Universo de // campos de força que se camam numa superior unidade; há, pois, uma compreensão de todos num só: é o campo de consciência a luz que penetra e une todas as actividades do Universo que nesta órbita de amor *convivem*.

Eis a última analogia que nos é permitido supor: um campo de consciência, onde as consciências se trocam.

Só a troca das consciências, como termos duma consciência, nos pode arredar dum fatal *solipsismo* duma Substância imóvel ou do *solipsismo* de cada um para quem os outros apenas são representações do seu e para o seu egoísmo.

Busquem como quiserem, só esta hipótese podem encontrar no fundo da compreensão que se suponham do Universo.

243 Vimos já que era impossível evitar a ideia de que o Universo físico, que se exprime no pensamento para se oferecer à acção do ser pensante, fosse íntimo parente e amigo do pensamento // que o penetra: vemos agora que esse parentesco é dado pela analogia das relações das subconsciências para a Consciência em que existem.

Relações estas que ainda se nos revelam pela experiência: as subconsciências duma consciência interferem e *convivem*; as cons-

ciências exteriores umas às outras interferem, comunicam-se, *telepatizam*, como o demonstra o extraordinário fenómeno da transmissão do pensamento ¹.

Quer isto dizer que exterior e interior só significa artificialmente e para // os interesses da acção, como as fronteiras convencionais dum país; mas, de verdade, o Universo é uma *interiorização*.

244

Eis a grande analogia que não nos permitirá delimitar em termos da percepção o lugar metafísico das mônadas; mas nos deve explicar a sua comunicação efectiva e a sua intrínseca evolução e, com esta, o problema do bem e do mal, trágico problema cuja ignorância numa filosofia pouco abona da honestidade moral e intelectual do seu pensamento construtivo.

A comunicação das mônadas nunca existiu em qualquer sistema fora do pensamento de Deus ou da essência da Substância de que elas são simples modalidades; ora tal comunicação dá sempre o solipsismo de Deus ou da Substância com o milagre brutal duma manifestação insensata e ilusória.

Para que serviria realmente a Deus pensar os compostíveis para os deixar abandonados ao puro desenvolvimento // lógico das suas pré-harmonizadas fórmulas?

245

Não ficaria Deus limitado pelo pensamento como alguém cujas palavras congelassem o ar e ficasse sem mais nada poder dizer por falta de meio elástico que as suas palavras recebesse?

Imaginemos que a cerebralidade de um homem pela herança e pela educação é num certo momento constituída de centros bem determinados, de conexões perfeitas e imutáveis, que as reacções neuropsíquicas de Bechterew estão estabilizadas e nenhum *indeterminismo* existe ainda em reserva, mas tudo está integralmente *instrumentalizado*.

Eis uma máquina que não conheceríamos inteiramente, pois que nenhum determinismo marca o psiquismo correspondente a cada cerebralidade, pois não são sistemas de correspondências biunívocas e recíprocas. //

¹ Aqui é que a explicação dos materialistas atinge a loucura da estupidez. Para eles matéria é o que é estranho ao pensamento, termos exclusivos do objecto; pois bem, eles vão agora explicar os fenómenos do sujeito (pensamentos transmissíveis) por vibrações, radiações do objecto, que eles declaram incomensurável com o sujeito! Fica um epifenómeno que dá entrada na causalidade só pelo lado efeito, sem a reciprocidade que constitui a causalidade científica!

A uma dada *cerebralidade*¹ poderiam corresponder indefinidos psiquismos e, se não se demonstra que assim seja, muito menos está demonstrado que assim não possa ser.

Os inúmeros e incontestáveis fenómenos de *suplência* mostram mesmo a existência duma actividade potencial não *instrumentalizada* capaz de refazer o seu instrumentalismo.

247 A ablação² das zonas sensitivo-motoras feita em dois cães em condições diferentes, isto é, feita unilateralmente num deles aos quinze dias de // idade e completada na idade de seis semanas deixa o animal sem perturbações; feita bilateralmente, na mesma idade, no outro cão, provoca perturbações de motilidade.

Eis um caso evidente de suplência mostrando a presença da actividade em excesso sobre o instrumentalismo realizado.

De resto, a própria evolução da vida seria incompreensível sem este excesso da actividade sobre os instrumentalismos (órgãos no sentido lato) herdados ou feitos pela educação anterior.

O caso ideal que queremos imaginar não existe; mas suponhamos que existe e que a cada *cerebralidade* corresponde um e um só psiquismo e reciprocamente é então esta a verdadeira imagem daquele Deus material que estagnasse na tese dos compostíveis uma vez achada.

Temos, portanto, de admitir que os pensamentos de Deus são fontes de pensamentos, isto é, são almas. //

248 Eis reintroduzida a relação subconsciências-Consciência, que é o implícito postulado de todo o teísmo.

Tinha de ser: as ideias são criações da actividade consciencial, não poderiam servir como objectos para recompor a actividade de que nasceram, e, se não podem substituir a consciência humana, como poderiam substituir a consciência divina?

Este Deus é o que agita o fundo de todas as almas, como a lua agita as águas do mar sem que, no entanto, a sua profundidade por ela seja iluminada.

¹ Estendamos o termo a todo o aspecto traduzível em movimentos do nosso corpo: do sistema nervoso aos movimentos parciais ou de conjunto do organismo.

² Arthus, *Physiologie* (Précis). Ainda sobre a suplência ver James e sobre funcionamento psíquico em condições fisiológicas extraordinárias ver E. Perrier e os recentes casos de guerra. O Dr. Couto Soares, ilustre clínico dos hospitais, tem alguns destes casos notáveis.

A comunicação é, pois, num campo de consciência, o que conhecemos experimentalmente no mais íntimo da nossa vida.

Como explicar a existência dos *invariantes* como a energia?

Antero explicava pela constância da natureza da mónada-força; explicação de resto incompleta porque o fortuito aparecia numa miraculosa actualização parcial das naturezas das mónadas. //

Quer dizer que o *invariante* só existiria quando cada mónada e todas as mónadas chegadas à perfeita liberdade se absorvessem no Absoluto. 249

Os invariantes mecânicos eram, pois, aproximados e contingentes¹; só a plena liberdade dá o perfeito invariante — o Absoluto.

Nós teremos de compreender a *real* existência de invariantes à superfície da *real* existência da duração e do mobilismo.

O que é a duração?

A duração dum fenómeno — a vaporização duma porção de água — é uma dada seriação² da *passagem* de certos fenómenos.

Quer dizer que uma duração // envolve sempre outras durações e só deixaria de tal acontecer quando chegássemos ao fenómeno absolutamente elementar. 250

Há, pois, grupos de durações no Universo, como há sistemas físicos por exemplo.

Se cada sistema físico, embora mais ou menos artificialmente isolado, *dura* é porque o Universo é *duração, processus*, «*passage of nature*»³.

Aqui é um dos mais graves problemas da conceptualização simplificadora da experiência perceptual. O primeiro dado da percepção é um complexo que *dura*, a última conclusão da ciência é a dum Universo que *dura*: como se pode, pois, a meio caminho da ciência e da filosofia ficar na concepção dum Universo imóvel?

A filosofia, como já vimos, resolveu o problema pelo ilusório do fenómeno // que muda e o absoluto da Substância que permanece. 251

Mas a ciência?

¹ Ver Boutroux.

² Se pudéssemos inverter a série, teríamos uma duração? A consciência meramente especulativa que olhasse a natureza, teria a ideia de duração se não fora a irreversibilidade dos fenómenos?

³ *The concept of Nature*, Whitehead.

A ciência substituiu, e muito bem, à duração dos acontecimentos a passagem dos movimentos.

Se, com efeito, nos é dado o movimento e o espaço nós podemos *saltar* da *duração* para o *tempo*, isto é, da infinidade possível das durações para o esquema abstracto do tempo.

E de caminho fizemos o salto do inesgotável de percepção para o definido do conceito, *desocultámos* a natureza.

Qualquer duração implica indefinidas durações, isto é, a actividade interna, o processo, a «*passage of nature*», é inesgotável; o tempo é a simples passagem dum movimento uniforme, que ainda assim exigiu uma força inicial determinante. Se perdermos a noção desta unidade do movimento na determinação da velocidade, o espaço e o tempo separam-se e vão ficar de pé e //
252 válidos os argumentos de Zenão de Eleia contra o movimento: ele seria, com efeito, impossível num Universo em que o espaço e o tempo fossem *cousas*.

A percepção só por si é inesgotável; é este o motivo profundo do religioso assombro de Pascal diante do infinitamente grande como diante do infinitamente pequeno.

A ciência desmonta o Universo em átomos que a percepção vai quase atingir; mas o átomo turbilhona de electrónios, que envolvem o *oculto* de suas relações eléctricas.

A natureza corre em indefinidas *durações*, que reduzimos a famílias, e, a cada família e a todas as famílias, vamos substituir um abstracto que seja como um limite em todas implícito — o movimento uniforme do tempo.

É este a grande reforma da renascença e de Descartes na compreensão da Natureza.

Os artifícios dialécticos da Razão eleática foram substituídos por // artifícios experimentais de modo que a variável *t* das fórmulas fica ainda a afirmar a *duração*, ainda que apenas na sombra da sua *passagem*: este o carácter dinâmico da ciência moderna.

E por que pode ciência moderna apreender a *passagem* da natureza no movimento?

Evidentemente porque o simples movimento mecânico, limite ideal da *duração*, é uma tendência da matéria.

Já de resto a percepção humana, que encontra o inesgotável à medida que se aumenta pelo uso de novos instrumentos, não teria cortado o Universo segundo certas linhas que se lhe oferecem, se não fossem estas como que as linhas de clivagem desse mesmo Universo.

O limite ideal da matéria é o desfazer do diverso pelo bombardeamento cinético das partículas até ao equilíbrio estatístico.

O Universo *dura* como que desfazendo uma *duração*, isto é, as *durações* // físicas, medidas em cada sistema pelo acréscimo¹ de entropia, tendem para o equilíbrio da pura intransformabilidade.

254

Memória que se vai esquecendo até à pura inércia em que cada singular só *corresponde* socialmente com um idêntico e sempre repetido presente: eis, pois, que o limite degradado da memória é o puro mecanismo.

A Morte e a Mecânica do Universo veremos que por isso mesmo são também a condição da própria Vida.

O mecanismo é então o limite ideal de matéria como o limite decrescente da memória e da invenção. Mas o superior não dispensa, nem nega o inferior: a mecânica é a ossatura da // memória, porque é o próprio esboço da permanência.

255

Tudo o que existe é de ordem social: como nas sociedades humanas há imperativos que são as próprias condições de existência das sociedades, também na sociedade cósmica há como condicionalismo irreductível a própria afirmação social, isto é, a afirmação de presença do todo em cada um, da Consciência social em cada mónada — que é exactamente o puro equilíbrio mecânico do Universo.

Eis porque Deus é géometra: porque, sendo o amor o vértice da Pirâmide do Ser, é a Mecânica a solidez e a firmeza da base.

A mecânica é o subconsciente de todas as mónadas até que no limite ideal seria a própria mónada só afirmando Deus na permanente singularidade da sua social reacção de inércia.

Daí os invariantes do mundo físico: invariantes mecânicos de Descartes no limite ideal da matéria; invariantes // *múltiplos*² e *diversos* nos sistemas físicos mais ou menos concretos ou com duração, hábitos, reflexos e instintos nos seres vivos, memória e lealdade nos seres conscientes.

256

¹ Lado mais exterior da *duração* — esquema abstracto do que se pode apreender em todas; mas que só por si não basta a conhecer e determinar cada sistema, pois cada um tem a sua estrutura própria e diferenciada.

² O sistema físico abstracto, onde o nominalismo científico possa aplicar-se, dá *invariantes* determinados. O sistema físico real (?) dá, com Poincaré, a vaga imagem de que *algo* (!) permanece.

Eis a escala dos invariantes que logo no mundo físico se reduz vagamente a alguma coisa que permanece, como o demonstrou Poincaré para o princípio da conservação da energia.

Eis como se compreende a comunicação e a *permanência* na correlação subconscencial das mónadas.

E a evolução?

Se tudo *dura*, tudo evolui num sentido ou noutro.

257 A evolução dos seres é evidente no mundo vivo, que, da mais fácil e pronta adaptação duma quase homogeneidade primitiva em meio por assim dizer // ilimitado, *subiu*, por aparentes razões de beleza e invenção, às complicações menos adaptadas dos seres superiores, introduzindo correlativamente o fenómeno maravilhoso da Morte.

A evolução é evidente no mundo físico nos fenómenos da radioactividade e no caminho entrópico dos sistemas.

Evoluções que se cruzam e interceptam, deixando no ponto de intersecção o fenómeno da Morte, e, mostrando, com Bergson, a fisionomia da natureza como a luta dos vivos ascendendo contra as tendências descendentes da matéria.

Os vivos subindo para a inventiva memória, a matéria ficando ao fim da queda no esquecimento.

O evolucionismo do Universo deve ser procurado no próprio Universo e não nas chamadas leis da Natureza, como o tentou fazer Boutroux¹. //

258 As leis da Natureza são produto da nossa Razão experimental, isto é, da nossa interacção social: a sua mutabilidade tanto pode ser atribuída a uma modificação radical dos seres como à nossa progressiva apreensão da realidade e é natural ao espírito científico, como o mostrou Poincaré, atribuir sempre a mudança ao progresso do nosso conhecimento científico.

O evolucionismo das leis da Natureza é um problema indeterminado (uma equação com duas incógnitas) é sempre possível resolvê-lo pelo lado do progresso do conhecimento.

Os seres são radicalmente evolutivos, porque *duram* e o espírito instantâneo, que é no genial dizer de Leibniz a matéria, é apenas o limite inacessível de uma queda porventura resgatável.

Eis o *problema do Mal*.

¹ De resto Boutroux já o tinha feito no seu profundo trabalho sobre a contingência; mas ainda aí se preocupa mais com as leis.

Vimos já que a evolução tem duas tendências marcadas e opostas aliás interferindo na recíproca penetração, que // é a vida das subconsciências na Consciência.

259

Estas interferências são ainda de ordem experimental nos fenómenos das múltiplas personalidades e dão ainda a melhor imagem dos sistemas *quase* isolados e cujo isolamento é variável.

Estas interferências dão a ideia de planos de Vida, sem que, com isto, se queira significar o materialismo duma separação da vida em camadas, mas antes o idealismo da possível penetração de várias tendências.

Vou para servir à tendência surda do meu desejo vil a vida duma mulher, lembro-me que é uma pessoa moral, como tal sagrada e divina, e as tendências bondosas da minha alma penetram a vileza dos meus desejos: eis que dois planos de vida se penetraram. A atenção moral abandona-me e os hábitos automatizam as minhas reacções inferiores tornadas inconscientes: eis que deixei degradar, inferiorizar uma tendência.

Eis o mal e o bem. //

Mas consente Deus o mal?

260

Este é que é o trágico problema que Leibniz resolve pela impossibilidade lógica dum mundo melhor.

De modo que temos a Fatalidade da Lógica dos compostíveis pairando de asas negras sobre tudo que sofre e agoniza.

É de notar que o sofrimento é um sentimento de Ausência; a dor é a Ausência de Deus.

O problema é este: porque se ausentaram as mónadas do seu coração divino?

Aquelas que fugiram no esquecimento até quase à matéria não sofrem; mesmo na mecânica nós encontramos a Presença.

O sofrimento das mónadas vivas é então um desejo surdo ou consciente de mais e melhor Presença.

Vemos como que uma queda para a Matéria, mas a meio caminho a *saudade* retoma as mónadas em asas de ascensão.

O Mal é a menor Presença de Deus. //

A Presença de Deus é o concreto Amor universal.

261

Mas vejamos o tamanho do Mal.

O maior mal é aquele a que o coração mais alto que nos é dado conhecer na experiência não pode acudir. O maior mal é, pois, a Morte.

A Morte é uma cósmica função da Memória inventiva. A morte aparece no planeta ao lado da ascensão da vida em beleza e em

amor; sempre foi a Morte o mais leal companheiro do Amor, é como que a sua sombra fatal.

E tanto assim que as teorias do Resgate, sempre nos apontam a tranquilidade da Morte, o Inalterável, o Nirvana como o fim da Evolução: quer isto dizer que a Vida veio inserir o mal do diverso onde existia o bem da unidade.

Mas, se a consciência é, para nós, o supremo bem, não quereremos este resgate e é no acréscimo do Amor que procuraremos o fim.

262 Se a Morte sempre acompanhou o Amor, irá deixá-lo agora que o // queremos aumentado, como a verdadeira razão da nossa coexistência?

Poderíamos dizer que já a Morte trouxe mais amor e mais vida aos homens, que a viram como sacrifício do amor eterno descido a alumiar os vacilantes corações humanos. Mas é cedo para a legitimidade deste entusiasmo; antes que as pérolas brinquem no colo da mulher formosa foi preciso o trabalho do mergulhador que as foi buscar.

A Morte aparece com o acréscimo da vida para que esta suba em beleza e as tendências ascensionais cresçam.

A Morte é, pois, no planeta uma interferência da Invenção na luta contra a degradação materialista; é um bem relativo.

263 Torna-se um mal, quando as consciências que por sua virtude conseguem surgir no planeta verificam o incompleto da sua vida e é então que a Morte se torna feia e pesa com a fatalidade do seu horror sobre a humilde consciência humana — pequena luz que // mal se conhece logo o Vento da Fatalidade tenta apagar.

Mas não será ainda o mesmo motivo de invenção que a fez seguir sempre o homem?

Aqui diz-nos Antero, o bom, o santo, o meditativo Antero, que os seres finitos tendo realizado quanto possível o seu ideal de perfeição *estacionária* deixam de ser aptos para realizar aquele fim e, por isso, *morrem*.

Morrer é aqui regressar ao infinito de onde partiram pela impossibilidade de, no exílio em que se encontravam, realizarem mais a finalidade de Amor que os trouxera.

Sim; já vimos que toda a vida é um compromisso entre duas tendências, a ascendente e a descendente.

A Morte verdadeira seria a derrota completa da tendência ascensional; *a Morte fenoménica é a retirada das tendências ascensionais inferiorizadas na luta para que cheguem novas forças de espiritualização. //*

Em grosso e para o grande público: as almas penetrando a matéria ¹ degradam-se, esquecem-se; a Morte é um recurso à fonte original da lembrança e do amor.

Suponhamos uma sociedade humana sem *Morte*, de pronto seria no *Planeta* a mineralização da Vida e a vitória das tendências materializantes.

Aqui, Antero encontra de vez a Invenção, o Infinito que não poderá ser o nada da Inconsciência.

A Morte é um compromisso entre o bem e o mal; deixai dominar o mal não haverá Morte; deixai que inteiramente domine o bem a Morte vai desaparecer igualmente.

A Morte é o esquecimento e este é virtual, imposto ² pelas necessidades // da acção no mundo opressivo das tendências; o sonho, a desatenção à vida prática libertam lembranças que inteiramente deslumbra, os fenómenos da criptomnésia ³ [1] reclamam a hipótese duma virtual perfeição da Memória.

265

O problema do Mal não está, pois, na Morte; antes este é uma demonstração do socorro de cima à miséria de baixo.

O Mal está na queda que permitir a existência da tendência descendente.

Como *consentiu* Deus este afastamento das mónadas do seu seio de amor?

Aqui é que o mais grave dos problemas se enraíza: é o problema da individuação satânica. Os indivíduos eram subconsciências de Deus, viviam em // pleno Amor; como se afastaram desse seio de Amor e como não lhes foi prestado pronto socorro? Mistério, a que só com outro mistério poderemos responder:

266

Deus, por um excesso de amor e confiança deixou-se trair; daí o Mal e a Noite negra em que a própria luz estremece e vacila.

Sim: se o Universo fosse só Amor, seria dia pleno, alto meio-dia em que em jorros de luz vogassem as almas cantando.

Mas Deus não abandonou o mundo e a Noite é cheia de astros, rumorosa de Luz; mas, que tremendo esquecimento, que

¹ Alma e matéria são nomes globais de dois conjuntos de tendências opostas.

² Ver as geniais explicações de Bergson no livro *Matière et Mémoire*.

³ Ver Boirac e as curiosas hipóteses, cheias de interesse para a Arte, do subconsciente lúdico de Flournoy e os *Proceedings* da Sociedade para os estudos psíquicos.

formidável ingratidão e pecado não foi aquele que gerou as trevas da Noite imensa, onde a própria luz divina vacila e por vezes como se apaga nos céus e no fundo das almas?

267 Mónadas que se julgaram bastantes e quiseram servir a existência ao absolutismo do seu indivíduo, e, às escuras, transviadas fora dos caminhos divinos, // vieram à negra escuridão animal, ao esquecimento da matéria bruta?

E Deus que é puro Amor e Memória jamais *esqueceu* a traição de seus filhos.

Eles pediram socorro nas trevas em que se perdiam e o socorro chegou em labaredas de Amor, que incendeiam os astros do firmamento e (se o número valesse) milhões de almas, legiões angélicas voam e cantam em procura dos cegos vagabundos, transviados dos caminhos do Amor.

O socorro entranhou-se em toda a profundidade da desgraça e foi levada companhia às almas mais afastadas; daí a ascensão que é a névoa desta vida, as asas que sempre nos comovem na liberdade ascensional dos seus rumores. O animal fez-se homem, o homem é, em sonho, um vago remover de asas angélicas.

268 Tão fundo penetrou o socorro que a matéria se animou e subiu em luz, em calor, em vida até à frente do homem // em saudoso exílio do seu sonho angélico!

As tendências exteriorizantes da matéria são penetradas ainda do grande amor divino: na solidariedade total dos seres é ainda Deus que se afirma. Os últimos seres corriam ao esquecimento, ao Nada; mas o socorro foi até cingir de novo todas as mónadas afastadas e na última linha do afastamento repassa ainda o abraço divino.

Os seres coexistem e a mecânica é o último reduto da Vida, a forma última da coexistência da matéria, quase a aniquilar-se no total esquecimento.

O mecanismo, é, pois, o socorro de Deus levado ao Nada.

O Mal é a menor Presença, a menor Presença é o menos Amor; amemos, daquele amor intelectual de Deus, mas levando em nosso amor a companhia de tudo o que convive até que de novo, lume vivo de amor, as almas sejam em suas órbitas divinas, cânticos de Luz e Alegria! //

269 Nada mais precisamos que volver as almas para o eterno Sol imperecível de onde, em amorosas invenções sem termo, voam sem cessar alados socorros, místicas torrentes de luz e bondade, a inundar de amor as incertezas dos que, ainda perdidos, sofrem e hesitam.

Na alma um cântico e a rosa de amor desabrochando em cada coração há-de crescer, em penetração amorosa com as outras, enchendo de aroma e luz todo o frio espaço sem voz.

A Morte será bela e a alma alargada num sorriso crescerá como as águas contentes das levadas cantando para morrer.

E como águas tombadas do Céu, que atravessassem o planeta para, de novo e do outro lado, abrirem em asas de névoa de encontro ao fogo em que se precipitam, também atravessem as almas a terra de dor e negrura para do outro lado surgirem radiosas em seu manto de luz incandescente!

AUTÓGRAFO DE ANTERO

Damos este pequeno autógrafo pelo interesse de revelar ao público o modo de trabalho do Poeta e para que da viva presença do Filósofo aqui fique alguma beleza.

em tempo e no espaço, com o decorrer da vida
 temperamento, pela raça, pela idade, pelo
 período histórico, pela educação, por mil
 circunstâncias fortuitas: mas: a essência
 a existência é um princípio universal,
 impessoal, absoluto, actuando indiffe-
 rentemente n' um ponto do espaço, e a
 sua obra, a virtude, não é também
 uma obra particular e transitória mas
 universal e absoluta. A virtude, portanto,
 suprema, é por isso a realidade por excel-
 lência, a única realidade plena. Toda
 outra coisa, ~~mas~~ ^{mas} ~~é~~ ^é ~~uma~~ ^{uma} ~~aproximação~~ ^{aproximação}
~~do~~ ^{do} ~~ideal~~ ^{ideal}, ~~uma~~ ^{uma} ~~imagem~~ ^{imagem}, ~~uma~~ ^{uma} ~~aproximação~~ ^{aproximação}
 do ser verdadeiro. A consciência do justo
 é o único templo do único Deus; e, nesse
 templo, a renúncia ao egoísmo é o único
 culto. Cessasse um só instante esse
 culto, esse roboramento do egoísmo no
 Deus do ideal, e imediatamente toda a
 vida moral se esfacelaria: no im-
 pundo seguinte ter-se-ia desolado o
 mundo moral e subsistiria por este
 mundo. Ela encerra a integridade, como
 os heróis, a constância a vontade de jus-
 tos, a união a alma dos santos. Ela não é
 simples a candura e a graça: mas a hu-

análises a cada coisa em si mesma: a mais a
 outros o perfume da virtude que se ignora.
 Ela é a inspiradora secreta da grande
 arte como do grande pensamento. Ela possui
 justiça, que consegue penetrar neste
 mundo de tenebras, de ignorancia e de erros, e
 toda ali, porque ali tem a sua raiz
 profunda. Superior ao destino, succedora
 da fatalidade, mais profunda do que toda
 a sciencia e toda a especulacão, ella
 torna patente o intuitivo segredo das coisas
 e é, em si mesma, a unica verdade
 evidente, o unico saber em suas
 obscuridades. Ela vence a morte,
 porque foi conquistadora a significacão
 do estado final e especifico de ella sobre
 de pois de a perfeita virtude, a renuncia
 a todos os episódios, de fine completamente
 liberdade, e se a liberdade é a espinha
 da secreta das coisas e o fim ultimo de
 universo, conclua-se que a santidade
 é o termo de toda a evoluçãõ e que omni-
 verso não existe nem se move se
 não para chegar a este supremo resultado.
 O drama do ser termina na libertacão final
 do bem.

TRANSCRIÇÃO DO «AUTÓGRAFO DE ANTERO» ^(a)

no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo período histórico, pela educação, por mil circunstâncias fortuitas: não: é como que a existência d'um princípio universal, impessoal, absoluto, actuando indiferentemente n'um ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é também uma obra particular e transitória, mas universal e absoluta. A virtude, liberd.^e suprema, é por isso a realid.^e por excelência, a única realid.^e plena. Tudo mais são vagas, incertas aproximações do ideal, pálidas imagens, grosseiros símbolos do ser verdade.^{to} A consciência do justo é o único templo do único Deus; e, nesse templo, a renúncia ao egoísmo é o único culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoísmo nas aras do ideal, e imediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-ia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ela enche d'intrepidez o coração dos heróis, de constância a vontade dos justos, de unção a alma dos santos. Ela dá aos simples a candura e a graça, dá aos humildes a dedicação sem alarde: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ela é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensam.^{to} Essa pouca justiça, que consegue penetrar neste mundo de luta, cegueira e egoísmo, vem toda d'ali, porque só ali tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda que toda a ciência e toda a especulação, só ela torna patente o íntimo segredo das cousas e é, em si mesma, a única verdade evidente, o único saber sem dúvida nem obscuridade. Ela vence a morte, porque faz compreender a significação do êxito final e apreciar q.^{to} ele vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoísmo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das cousas e o fim último do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do ser termina na libertação final pelo bem.

^(a) A transcrição do texto que a seguir se menciona não consta da 1.^a edição. Nós tomamos a iniciativa de a apresentar, com vista a facilitar a leitura do respectivo manuscrito.

O espírito do cristianismo

Há, na história humana, e até hoje, algumas atitudes do homem perante a Vida, severas, nobres e majestosas. O epicurismo, o cepticismo, o socratismo, o estoicismo, o zoroastrismo, o budismo e o cristianismo são atitudes do homem diante da Vida, subindo em escalada até serem, por último, atitudes das almas perante o Infinito.

Começando por disciplinar os prazeres e indo até a um necessário ascetismo para fuga do mal; subindo à humildade da dúvida respeitosa, interrogadora e activa; chegando à subordinação do inferior ao superior, do capricho à vontade, da sensação ao conceito, do facto à lei; acendendo a estrela inalterável, fixa e imperiosa do dever; querendo com o fogo do dever, e com a luz do Sol imaculado, queimar as infectas habitações do mal; suprimindo a separatividade pela meditação da aparência, penetrando no íntimo até ao caminho da pura Unidade absorvente; vencendo a separação, sem sacrifício das almas, na perfeita comunhão do mesmo entendimento e do mesmo amor. Sete estações da alma humana contemplando a vida em seu percurso pelo Infinito.

Que novas atitudes encontrará a curiosa, formidável interrogação das almas?

Como reacção global à Vida terão sido esgotadas todas as possibilidades do entendimento e do amor?

Vão longe nos séculos as auroras destas *formas* da vida espiritual e nada de essencialmente novo, irreduzível a qualquer delas, conseguiu nascer.

A última revelação (pois é revelação a dádiva duma *forma* de Vida) foi a de Cristo.

Bastará ela à eterna sede das almas?

Sob o ponto de vista filosófico (metafísica e moral) o cristianismo aparece em face do helenismo como a renascença do velho orientalismo hindu.

O helenismo era, como atitude, penetrado dum verdadeiro amor da natureza sem que o trágico dualismo da vida sensível e mortal e da vida intelectual e eterna obrigasse ao desespero duma opção violenta.

É certo que o pensamento grego tivera, desde o seu primeiro alvor, de cindir o real em real sensível, fugitivo e real inteligível, fixo e perfeito; mas a comunicação entre os dois mundos faz-se com relativa facilidade. Os deuses falam pela boca profética das pitonisas em sagrado furor e suas modelações estatuárias repetem, excedendo-a, a harmonia e proporção de formas, a agilidade e graça dos mortais sadios, de si contentes e orgulhosos.

Nas lutas de Sócrates entre o dever e as paixões há como o alegre espectáculo da força dum campeão, dominando os corcéis nos Jogos Olímpicos.

É certo que o *pensamento*, de que o movimento, o sensível e o diverso são ilusões, aparece em plena florescência do helenismo.

Parménides, Melisso, Zenão de Eleia.

Mas tais pensamentos são um natural incidente da vida de Razão na lógica do seu compreensivo esforço, tomando o inatingível limite ideal da identidade como a melhor e verdadeira essência do Ser.

É, na terminologia de Meyerson, o carácter antinómico da Razão científica que em seu esforço de racionalização se move entre os dois limites ideais da identidade pura, seja do absoluto monismo, e da pura diversidade ou radical pluralismo.

O primeiro limite dá o Ser de Parménides, o segundo a radical incoordenação do absoluto cepticismo.

Mas nem uns, nem outros aparecem tocados de suas doutrinas na íntima essência de seus espíritos, em pleno coração de suas vidas, na medula de seus seres morais.

São meros fenómenos de inteligência discursiva, à superfície e flor de suas almas, sem comprometer ainda a tranquilidade das camadas mais profundas.

Em relação ao espírito vivo e profundo, à global atitude das almas, pode, com efeito, fazer-se a já banal afirmação do equilíbrio entre o céu e a terra, que, na vida helénica, se fez quase perfeito.

A voz solitária dos filósofos mal perturba suas próprias consciências...

O *budismo* sabe-se que, pelo contrário, fora essencialmente uma reacção total da vida, sensibilidade, vontade e inteligência, contra a miséria, a dor, o envelhecimento e a morte.

É como o movimento de recuo do animal que saindo da concha encontra a dureza dum obstáculo que o hostiliza.

De modo que o movimento de pensamento, que nos gregos deu o *eleatismo* interfere aqui com um paralelo movimento da sensibilidade, dando uma atitude de reacção contra a Aparência, negando-a pela negação da separatividade, do pluralismo da Ilusão, e reentrada dissolução na absorvente quietitude originária da Unidade essencial.

O *cristianismo* tem um primeiro aspecto de renascença deste orientalismo negativista, pois também para ele este mundo é por sua preparação judaica, filho se não da ilusão, pelo menos do pecado.

O judaísmo tomara o mito da queda para explicação das incoordenações do sensível, do erro e do mal.

Este mundo é, pois, por herança, um alterado e caótico mundo de erro, proveniente da desordem introduzida no estado *adâmico* pela indisciplina das vontades rebeldes, que é, ao mesmo tempo, a guerra de forças misteriosas que uma curiosidade imprudente libertara.

De modo que o mundo é, sobretudo depois de S. Paulo, o ponto de partida para um *segundo nascimento* em Cristo, que, negando-o, o transponha.

É, no entanto, certo que ele é preciso para teatro do esforço do novo nascimento (que é o verdadeiro baptismo) e matéria da negação, que, excedendo, o transpõe.

O mundo mortal perde o valor, que, apesar de tudo, sempre conservara para os gregos e o carácter da negação acentua-se por vezes na história do cristianismo, tendo não somente um menor ou nulo valor, mas até um significado de voluntária hostilidade, de guerra contra o *reino dos céus*, movida por Satanás e seus exércitos.

Deste modo o cristianismo toma semelhanças com a velha doutrina persa, correndo o perigo dum dualismo que aparece, com efeito, em heresias, que solicitaram até o génio de Santo Agostinho.

A existência do espírito do mal, é, no entanto, uma obstinação do pensamento cristão e talvez o motivo principal da sua capaci-

dade de proselitismo guerreiro, ofensivo e conquistador. Se os primeiros mártires do cristianismo, insensíveis ao mundo, removidos da amorosa atracção das alturas, vão a cantar para o seio de Cristo, os guerreiros cristãos talam os campos, as fazendas e as carnes dos infiéis, acoessando com estes o próprio Satanás que é o seu invisível general.

Os que não receiem a aventura hegeliana de admitir um *espírito de raça* poderiam dizer que o espírito semita chofrando de encontro às grandes massas arianas delas recebeu o ligeiro desvio, que o fez mais capaz de acção e combate contra este mundo em ^(a) favor do verdadeiro mundo celestial.

E esta corrente, interferindo com a corrente inicial, originária do próprio Cristo, teria dado carácter à sociedade cristã.

A corrente originária unia os homens pelo Amor, e, assim unidos, com eles, teriam o próprio Cristo. Enquanto esperavam a Morte como total libertação unidos em prece e obras de amor conviviam em Cristo.

É o carácter familiar das primitivas associações.

A segunda corrente tende a fazer da espera neste mundo um acampamento, o quartel do estado-maior dos exércitos da grande ofensiva, com a codificação dos direitos dos conquistadores e deveres dos vencidos.

Criada uma organização, ela tende a subsistir e, por vezes, ela será até mais directamente interessando a atenção dos associados que o próprio *fim* para que, como meio e instrumento, fora criada.

São os exageros das Igrejas com suas aspirações de temporal domínio e, na consequência de tal aspiração, com suas intromissões de ordem política.

O que era um mínimo tempo de espera para o próximo *reino dos céus* foi-se alongando e o provisório acampamento fez-se estação, abrigo murado, cidade fortificada com carácter de permanência pelos séculos.

O *meio* feito *fim*, o provisório acampamento feito segura morada deram a Igreja, em sua sólida rigidez exterior.

Mas o que habita dentro da grandeza do edifício, qual a alma que vai erguer o próprio granito em enlevo de graça tentando os céus?

^(a) No artigo, com certeza por erro tipográfico, figura «um» em vez de «em».

Procuremos ser justos e íntegros respeitadores da beleza e verdade e tanto mais quanto muitos dos outros (que se arrogam a herança de Cristo) são para nós a vil calúnia, a ignara solércia, a maciça estupidez.

O verdadeiro espírito do cristianismo, é o puro amor, tudo amando, tudo compreendendo, tudo sabendo perdoar.

As Igrejas, no que têm de cristão, são de tal modo amor e verdade que os próprios templos são a imponderalização dos brutos penhascos, subindo em rendas, flechas e espumas como se uma maré de invisível astro tomasse de comoção as próprias rochas.

Onde está o verdadeiro amor dos homens está Cristo; onde o ódio, as ambições, as calúnias moram, tudo é morte, e, se numa Igreja elas se acolhem, seus templos deixam de ser orações estáticas, místicos enlevos da graça para serem sinistros e regelados túmulos.

A Igreja, associação de oração e obras da caridade cristã, é templo e lar da grande família de Cristo. Pelo que em qualquer Igreja haja de este espírito, ela é a forma visível do oculto, mas presente e vivo, coração da divindade.

O que, nas Igrejas, haja de simples burocratismo ou organização guerreira de conquista é o desvio do verdadeiro amor cristão pelas correntes espirituais e psicológicas já apontadas.



Mas regressemos ao *cristianismo originário*, olhemos a amora-rosa figura de Cristo.

Cristo é como o ponto de encontro de duas saudades, fazendo-se perfeita companhia em sua alma. O mundo ideal, levado pelo céu das fixas para lá do mundo sensível, motor imóvel e impassível, e o pobre mundo sensível apenas comunicando com aquele pela parte de *universalismo*, que na razão humana é a presença da razão divina.

Duas separações: a solidão de Deus e a desgraça e o abandono dos homens.

Como a avidez dum deserto onde restos de vegetação se morrem à minguada dum beijo do orvalho, a alma humana chama em angústia o socorro duma companhia.

Um povo, cuja história é uma permanente ansiedade de Deus, cheia de perseguições e catástrofes sociais, chorando na desgraça o abandono do seu Deus, é a mais desolada areia, a maior avidez de chuva salvadora.

Se a piedade do Deus longínquo tem de despertar pela intensidade dos desejos e das angústias que o chamam, é por esse povo que Ele virá em socorro aos homens.

Deus tocado de piedade é Deus saudoso dos remotos mundos da matéria, estes erguidos pelo coração do homem em oração e súplica são a saudosa lembrança daquela amorosa companhia.

O amor de Cristo é a grande unidade em que o amor dos homens se confunde com o próprio amor de Deus.

Cristo é o amor vivo, excedente e comunicativo, é incoercível como o calor e como ele sempre inundando, e como calor, que de si próprio e em excesso renascesse, saltando do interior de sua alma a penetrar os que o cercam, submergindo, no vórtice de seus insondáveis abismos, as almas, imperiosamente atraídas pelo turbilhão daquela Luz.

Cristo não é uma doutrina que se expõe, é um sol que irradia docemente e a cujo alvor as almas abrem como, no azul do ar, os botões das rosas.

O seu império não vai da sua doutrina para as almas; mas é a sua presença que abre, nas almas, a compreensão e o amor.

A noção de escravo e de senhor são excedidas e um acto aparente de escravo é um acto real da liberdade.

Cada alma pela essência de amor que em si renasce é de pronto o infinito desejo de dádiva perfeita; compreende-se, *vê-se*, infinitamente crescendo para lá de cada sacrifício, como poço cujas águas aumentam, multiplicando-se, à medida que são tiradas para as sedes da terra.

Uma alma cristã é aquele poço, que numa invisível dimensão recebesse ondas sem limites por cada gota de água, que a sede numa andorinha levasse em seu bico.

Na fonte de Jacob, à borda de Sicar, Ele diz «Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede: mas o que bebeu da água, que eu lhe hei-de dar, nunca jamais terá sede. Mas a água, que eu lhe der, virá a ser nele uma fonte de água, que salta para a vida eterna».

Quer dizer que suas doutrinas não são ensinamentos explícitos e discretos que se recebam e possuam como os dracmas numa fortuna; mas seu ensinamento é antes a revelação dum poço de eternas águas vivas, infinito caudal de amor, do invisível jorrando através dos corações humanos.

A Vida é um infinito oceano de que as almas são as fontes ocultas *dando-se* eternamente em humildes alegrias de água murmurosa.

Este carácter da revelação cristã dá-lhe um aspecto de *permanente novidade*, de *verdadeiro infinito*: tudo abraçando e tudo excedendo, contendo as almas e sendo o Amor em que elas, comunicando, se aumentam.

O cristianismo é a superabundância, nele a prodigalidade é a economia.

Ser económico é poupar os gastos para que a produção os exceda, mas que há-de fazer o produtor que sabe aumentada a sua produção à medida que mais rápida e generosamente a vai gastando?

Desperdiçai o amor cristão, sede viva, caridade universal: maiores serão as ondas avassalantes de amor que apressadamente acorrem ao coração, que o amor espalhara.

A graça de Cristo é a presença desta infinita superabundância, deste permanente excesso de vida e amor, de caridade e ternura.

A parábola do sementeiro contada, perguntam os discípulos a Jesus a razão do seu falar em parábolas e ele respondendo lhes diz:

«Porque a vós outros vos é dado saber os mistérios dos reinos dos céus: mas a eles não lhes é concedido.

Porque ao que tem se lhe dará e terá em abundância: mas ao que não tem, até o que tem¹ lhe será tirado».

Os que abriram suas almas ao primeiro beijo do sol cristão entrarão a receber em excesso, pois são desde logo inesgotáveis, infinitas nascentes de bondade.

O reino dos céus é o amor de Cristo e é «semelhante a um tesouro escondido no campo, que quando um homem o acha, o esconde, e, pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquele campo».

O gosto que sente de o achar está em que o tesouro não é qualquer, mas é um tesouro pelo qual vendemos todos os outros: cofre e fábrica de todos os tesouros, mais vale que todos eles, como mais que mil ânforas de água vale uma boa nascente.

Esse tesouro é fonte de vida eterna: «Vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu».

Este significado de *interioridade criadora*, de *vontade criacionista*, que é a alma do ensino de Cristo, escapa, é claro, a todos os que, nenhuma comunicação tendo com o Infinito são desoculta-

¹ «Parece que tem», S. Mateus, v. 29, cap. xxv.

dos, *planificados*, no oco formalismo dos rituais, na morta ressonância dos credos aprendidos de cor.

«Onde está o vosso tesouro aí estará também o vosso coração.»

Superabundância que não permite confundir Cristo com Buda, nem com qualquer outro grande revelador.

A *união devocional* com o Todo faz-se no budismo para lá das obras e pela meditação.

Em Cristo a *união devocional* faz-se em seu próprio seio, onde se acolheram as criancinhas, as anémonas de Jericó e os lírios da Galileia, as avezinhas do Céu, os corações magoados de impossíveis dedicações das mulheres pecadoras, os lunáticos, os cegos de corpo e da alma e todos quantos de sede se morriam neste infinito deserto da vida sem amor.

A negação desta vida pela ascensão faz-se, no budismo, pela consciência da Ilusão que ela é: as obras são realizadas e excedidas pela consciência do seu nulo significado.

Em Cristo em cada obra de *caridade está o Céu*, «porque onde se acham dois ou três congregados em meu Nome, aí estou eu no meio deles», porque «na verdade vos digo que quantas vezes vós fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes».

Como fumo de lar que fosse a ascensão das próprias almas e tocasse a face do firmamento, Cristo é coluna de mirra, mãos erguidas tocando o céu, a união amorosa do céu e da terra.

A terra não desaparece: arde no incêndio do amor cristão e é também céu.

Por isso e para Cristo este mundo é ingênuo, gracioso e amável.

«Não andeis solícitos para a vossa vida, com que a sustentareis: nem para o corpo com que o vestireis. A vida vale mais que o sustento e o corpo mais do que o vestido.»

«Olhai como crescem as açucenas: elas não trabalham, nem fiam: e contudo eu vos afirmo que nem Salomão em toda a sua glória se vestia como uma delas.»

«Buscai logo primeiro o Reino de Deus e a sua justiça: e em cima dar-se-vos-ão todas estas cousas como acessórias.»

Nenhum poeta abraçaria com mais amor a candura da natureza, nenhum a teria iluminado com mais pura e suave luz.

A esta luz de perpétua manhã todos os jardins da terra são contemporaneamente os jardins das almas.

As flores acrescentam de graça o trabalho das plantas, é nessa graça que, voando, zumbe a alegria das abelhas.

O Amor acrescenta de graça o trabalho dos homens e nessa graça, que é o Reino de Deus, o trabalho faz-se cântico de alegria, oração e louvor.

Onde existe a graça está a infinita fonte de eternas águas vivas, não poderá haver sedes.

Abri em vossas almas a rosa do amor e o resto será por si: ou porque o dispenseis, ou porque sairá, e em excesso, do cálice entreaberto dessa divina rosa.

Prodigalidade de amor é todo o cristianismo.

Ele toca o coração da mulher pecadora e ela é um tal arrebatamento de amor que, redoma de alabastro, seu coração se derrete em bálsamos...

O fogo cresce com a combustibilidade dos materiais que o alimentam, o furor das águas com os obstáculos que se lhe opõem: o Amor de Cristo aprofunda-se, ameiga-se, comove-se com a grandeza dos pecados que se lhe deparam.

O julgamento da mulher adúltera mostra ainda o infinito do amor que sabe ir direito ao coração rebelde e, excedendo a pura justiça, queimar à força de bondade o que nesse coração existe de pecado.

Como o rio que, em Homero, a cólera faz sair do leito, é aqui o rio que um misterioso coração profundo soerguesse além das escarpadas rochas marginais até às raízes dos salgueiros moribundos.

«O que de vós outros está sem pecado seja o primeiro que a apedreje.»

«Vai e não peques mais».

E jamais pecará esta mulher, porque o Amor nasceu adentro da sua alma pávida.

O pastor, que tem cem ovelhas e perde uma, deixa as noventa e nove para procurar a pobre extraviada.

«E se acontecer achá-la: digo-vos em verdade que maior contentamento recebe ele por esta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.»

A mão que ampara será mais firme e pronta quanto maior for a queda a evitar, os mais abandonados terão o maior apoio.

E, quando em face da Morte quer Cristo revelar a vitória do Amor, é tamanha a sua exaltação amorosa que ele é um cósmico Vesúvio de vivo fogo de amor.

Lázaro está no sepulcro, as mulheres choram, Maria olha Jesus por entre as lágrimas da sua infinita dedicação e fé.

«Jesus porém tanto que viu chorar a ela, e chorar os judeus, que tinham vindo com ela, bramiu em seu espírito e turbou-se a si mesmo.»

Lago de límpidas águas cristalinas que uma maré de amor convulsiona e levanta, imenso oceano de brancura que vemos tomar o caminho das almas e, manto infinito de luz, estremece convulso em cariciosas ondulações, que são os afagos para cada alma!

Experiência de amor, comunicação do amor a todas as almas, socorro de bondade a todas as misérias, não pode ser o tranquilo lago, mas a tumultuosa nascente de fogo para, alargando e subindo, em seu seio de amor aquecer todos os frios.

O cristianismo é um permanente exercício do *amor eficaz*; é a pura invenção: fonte de águas, nascente de nebulosas e almas.

O contacto entre o mundo criado e o Deus criador só podia fazer-se, claramente, em termos de criação.

Cristo teria de aumentar as almas, elas teriam de *renascer* para a vida eterna.

Aqueles que pretendem compreender a *Criação* como um acto no tempo, esbarram num absurdo inamovível.

A *Criação* é contínua e o tempo, esquema abstracto das durações, só existe por virtude dessa mesma criação.

O dado irredutível da percepção e da ciência é o *acontecimento*, que, por seu ser e relações, gera o espaço e o tempo.

Daí a impossibilidade dum tempo vazio precedendo a vida sensível, onde esta por um acto dum querer soberano introduzida fosse e para logo abandonada à sua existência de inércia.

A criação, sendo permanente e contínua, é uma pura assistência amorosa.

A nossa mesma interpretação de Cristo como a saudade da terra e do céu, das criaturas e do criador, só foi possível por isso mesmo que envolve um oculto e profundo trabalho de presença, subindo em vida até à corpórea presença do meigo Jesus.

Quer dizer que o movimento e o motor imóvel jamais foram de verdade separados, mas apenas de aparência e até que a saudade, crescendo, rasgou essa aparência para que, como a haste do lírio por entre as ervas da Galileia, por entre os homens, o corpo de Jesus se erguesse.

No velho budismo o processo antinómico da Razão procurando o *idêntico* por entre o *diverso*, processo dinâmico ou tendência, *caiu, degradou-se* para o limite inferior do idêntico e negou o pluralismo da aparência pela absorção unitária do Nir-

vana. Não que suponhamos esse Nirvana o nada; mas é, no entanto, a Unidade, onde as pluralidades se apagam, porventura viva chama, mas monocromática, sem que nela brilhe o fogo de *cada* alma.

Este carácter antinómico da Razão explica todo o esforço dos homens entre os dois limites de pura identidade dos eleatas e de radical pluralismo dos cépticos e agnósticos; é ele que Antero de Quental punha na base de todo o pensamento como fundamental contradição deste, insolúvel e eterno, e que ele representava como antinomia entre a pura experiência (pluralismo radical) e a pura Razão (radical identidade).

Nós¹ resolvemos precisamente esta antinomia pelo nosso conceito de *Razão* experimental, onde nem experiência nem razão existem, mais que como os dois limites ideais duma tendência (única real) que *adormece* no idêntico e se *perde* enlouquecida na pura diversidade.

Razão experimental que é a unificação do plural, que é, pois, (como o é ainda o último esquema, o esquema mecânico da realidade) a própria essência *social* do Universo.

O cristianismo é exactamente a solução da antinomia pelo acordo social perfeito, pela convivência das criaturas no seio de seu Pai celestial.

Como um coração invisível, aberto em infinitos caudais de fogo a abrasar de amor todos os seres que *convivem*.

Cristo é a pura invenção de amor. De resto o Amor só existe excedendo-se, porque cada abraço de compreensão, que vai a cingir o mundo, encontra-o já aumentado só pelo início de seu gesto, só pela universal comoção que seu pensamento de amor espalhara.

De outro lado, do lado da Fatalidade ainda existente, daqueles recantos de sombra, onde ainda não se abriram janelas para o *Sol do Amor*, levantam-se novas hostilidades que um novo amor terá de vencer.

O amor só existe *criando-se* e em permanente excesso.

É este o grande significado *criacionista* do cristianismo: infinita criação de amor e, qualquer que seja o estado de vida

¹ O *Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, capítulo: «Conclusão» e O *Criacionismo*, 1912.

substancial e puro que nos seja dado atingir, ele será «Reino de Deus», isto é, o perfeito amor, a pura e leal companhia.

Esta criação contínua é o contacto permanentemente possível entre o céu e a terra, entre o *estado* angélico ou adâmico e o *estado* de pecado e morte. A pureza de coração, o estado de humildade e fé é já a pequenez de nosso ser quotidiano medido pelo infinito invisível, que em silêncio está connosco.

«E quando vos levarem, não cuideis como, ou o que haveis de falar: porque naquela hora vos será inspirado o que haveis de dizer.

Porque não ¹ sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é o que fala em vós».

Esta permeação da vida eterna, inserindo-se nos interstícios, que a humildade abra na bruta penedia da nossa vida mundana, com a vida terrestre, mostra bem que o Espaço não vale para o cristianismo, porventura inteiramente até redutível a termos de Tempo pela condensação atractiva do Amor.

É claro que a linguagem dos discípulos e até dos evangelistas virá a falar-nos dum *cá* e dum *lá*, como lugares; mas eles são *estados* de amor, seja de divina e universal presença, seja de menos presença, desamor, fragmentação ou ódio.

Como um imenso corpo que uma palpação cardíaca vai irrigar do mesmo sangue, falando em cada órgão o mesmo coração noticioso; ou como o corpo onde o coração parou e, membros esparsos, fragmentando-se em poeira, é o caos onde a Vida não pode insinuar sequer suas famintas raízes de eternidade.

O cristianismo é, pois, realizável na terra?

Se o *estado* cristão não é função do espaço, claro é que ele será em toda a parte realizável.

E não será antes o espaço função do *estado* cristão?

O espaço, simples forma de coexistência e exterioridade, pouco interessa, embora a palavra *exterioridade* seja relativa a uma forma de coexistência diferente da *interioridade* da *coexistência amorosa* em Deus; mas o espaço heterogéneo da diversidade, do pluralismo materialista, claro é que só o podemos conceber como *aparência* ou vestido do *estado* separatista e *pecaminoso* das almas. De modo que o cristianismo não é uma fuga da terra, cujo *reino*

¹ A consciência social de Durkheim em termos de infinito e amor.

não é de Cristo; mas, antes e muito diferentemente, o desaparecimento das terras de mal e separação incendiadas no fogo do perfeito amor, que é Cristo.

Ser cristão é renascer para *outra vida*; não é mudar, viajando, de simples lugar no Espaço.

Eis o significado profundo dos termos de céu e inferno, de mundo e eternidade.

Deus não é o chefe das regiões celestes; mas Amor, Espírito e Verdade.

Schopenhauer que era fundamentalmente um orientalista, cujo pensamento metafísico é filho dos *Upanixadas*, também ensinava que a negação ascética deste mundo, horrível flor da nossa representação, daria um *estado consciencial* puro, liberto da representatividade separatista, onde, portanto, o mal sucumbia.

É, por isso, que, contra os ignaros vulgarizadores, é Schopenhauer o grande otimista da filosofia, o que, por virtude dum fechar de olhos da vontade, *crê* na supressão eterna do mal.

No cristianismo agradava-lhe o aspecto, antes, o momento de negação do *estado* mundano, pós-adâmico ou pecador; mas ficava adormecido na negação, sem abrir, *renascendo*, os *novos* olhos do amor perfeito.

Para isso é necessário que o homem não seja escravo de suas obras, e sempre anime suas leis finitas dum infinito espírito de amor:

«Porque o filho do Homem é Senhor até do sábado mesmo».

«Deus é espírito: e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram».

Pelo Espírito a vida pode subir e o *estado* edênico atingido (reatingido?) pelo renascimento em Cristo.

O caminho de Damasco não é vedado a nenhuma alma e todas podem perante o assombro da luz, que feche os olhos do corpo, abrir os *novos* e profundos olhos da percepção espiritual.

E a consumpção dos tempos, desgastando, sendo o próprio sentimento íntimo da nossa duração?

O tempo é já, por nossa Memória, a diferença entre o fluxo contínuo deste mundo e a conservação da consciência.

A ideia de alma vem da diferença de ritmo de duração entre o corpo e a consciência, da medida da «*passage of nature*» pela contemplação superior da nossa memória.

O corpo é o espírito instantâneo, dizia Leibniz; o espírito será, pois, incomensurável com o corpo.

Este abismo é grande; será infinito?

Quer dizer: a espiritualização amorosa que *desfaz* o espaço porá no tempo o selo da eternidade?

«Chegada porém que foi a tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana e estando fechadas as portas da casa, onde os discípulos se achavam juntos, por medo que tinham dos judeus; veio Jesus, e pôs-se em pé no meio deles e disse-lhes: 'Paz seja convosco'.»

Isto fez aos discípulos depois já de ter aparecido, para além da Morte, à mulher que salvara do mais fundo abismo do pecado.

O primeiro encontro devia ser para o amor mais ansioso de sacrifício e dádiva, para os olhos mais magoados de lágrimas, mais lavados em suas águas purificadoras.

O cristianismo é a ciência do amor, o seu drama é a sua história.

Drama desfechado em pura glória eterna?

A mais profunda compreensão da Vida, revelando no amor eficaz e activo a força única, as profundas raízes da vida universal, poderia enganar-se, substituindo à vida de esquecimento e morte a mais alta vida do amor para apenas acrescentar de dias a duração dos tempos?

O Oceano que de si mesmo renasce e se excede, que inunda das águas vivas, e tumultua de encontro à Esfinge pondo, em seus lábios crestados do vento do Deserto, jasmínados sorrisos de criança, poderá extinguir-se?

Eternidade, eternidade, como serias inútil no pesado Silêncio da matéria em equilíbrio, infinito lago de águas mortas, sem uma voz, raio de luz, sem movimento, sem tombar de orvalho, o bulício dum regato ou de asas pelos céus!

Eternidade, eternidade, pura *invenção do Amor*, compreensão para lá de todos os ódios, abraço que não aniquila os corações estremecidos, conversa das almas em sinfonias de luz, beijo feito de todos os beijos maternos, berço e regaço de todos os carinhos, as bondades fluindo dos corações, tudo o que *foi* em beleza e amor, e tudo excedido em *novas* invenções dum amor, que só *vive* e *convive* no permanente excesso de Si Mesmo!

Só tu és Viva!

Natal! Natal!

Nascer e renascer em bondade, em carinho, em novos entusiasmos, em visões de novos mundos de beleza saindo das fornalhas da imaginação amorosa; estradas de luz, cânticos de luz, imenso oceano de alvura, infinito manto de luz suspenso a dar-

dejar brancuras, repetindo em cada faiscar de sua luz o contorno inventivo das almas, que se deram em puro Amor!...

E no Infinito seio de Montanha, o Silêncio da criação que sobe!...

(*A Nossa Revista*, Mensário Fundado por Alunos da Faculdade de Letras do Porto, Porto, ano I, n.^{os} 6 e 7, Dezembro de 1921 e Janeiro de 1922.)

APÊNDICE

CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS
NA IMPRENSA

O Ensino e a República

É preciso dignificar o professor primário ^(a)

*O ministro da Instrução deveria dirigir todos os serviços de ensino —
Da aliança do ensino primário com as universidades populares*

Sou do parecer — ele nos declara — que no ministério da Instrução se deveriam concentrar todos os serviços do ensino, agora distribuídos por outros ministérios. A cada um dos vários ramos desse ensino caberia um director técnico, sem todavia o conjunto se furtar à direcção superior.

^(a) No jornal *O Mundo*, após o título que atribui à entrevista («O Ensino e a República / É preciso dignificar o professor primário»), figuram, como introdução à referida entrevista, as seguintes palavras: «Da coordenação da Instrução oficial com a Instrução particular — A obrigatoriedade da frequência à escola, função da assistência — O novo ensino normal e o ensino universitário / De todos estes pontos fala o Sr. Dr. Leonardo Coimbra, Ilustre ministro da Instrução. / Estamos em face de uma alta figura mental — o Dr. Leonardo Coimbra. Não se tornou precisa a eminência do Poder para que se destacasse. Reúne em si as qualidades máximas para ser Alguém — sem a dependência dos atributos e prestígio do mando. A uma profunda cultura associa a vastidão de um grande pensamento criador. Os que em Portugal lêem por cima da letra conhecem-lhe a obra e seria estulto o descambar, para eles, em citações de catálogo. E todos, nesta terra, sabendo-lhe o nome, o aliam a uma generosa tradição de mocidade e inteligência, postas com devoção e ardor ao bom serviço de Portugal e das ideias e avanços que constituem o progresso humano na sua mais elevada expressão. / Ora, uma destas tardes, em desprendida palestra, o Dr. Leonardo Coimbra, que é ministro e, sem se vandijar o adjectivo, ministro ilustre, disse-nos, sobre os negócios da sua pasta, algumas das suas ideias. Por nossa banda quase não interrogámos, dispostos como éramos a escutar-lhe apenas a exposição.»

E expendida esta opinião, a que acrescentou argumentos de defesa, o Dr. Leonardo Coimbra acentua que não só ao ministro incumbe o dirigir o ensino oficial, mas também o tomar conhecimento das iniciativas particulares coordenando estas com aquele. Assim, por exemplo, no ensino primário, há dois aspectos a encarar — um urgente, imediato, que é o da guerra ao analfabetismo, o outro, que é o do valor desse ensino como instrumento capaz de criar cidadãos, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, o mínimo de conhecimentos que o habilitem para a sua actividade técnica social e em harmonia com os interesses e necessidades regionais. E seria interessante que a essas escolas, a que se atribui o ensino elementar, o governo as ligasse com os esboços de universidades populares já existentes. Sem esta conjugação, possível é dar-se a circunstância de se intensificar em certos meios a cultura pública, com pleno esquecimento de populações desamparadas do auxílio dos beneméritos.

Mas, estabelecido o acordo, tornar-se-á viável alargar a uma maior área, com o menor dispêndio de esforço e dinheiro, os benefícios daquelas universidades. E neste propósito ando em entendimentos com os organizadores de uma magnífica tentativa prestes a realizar-se em Lisboa.

*As condições de debilidade para a instrução obrigatória
são várias e estão por efectuar*

Reputo ainda muito importante — diz-nos o ministro — a elaboração dos gráficos da população escolar do país, indicando as suas condições económicas, pois essa é a base para efectivar, com consciência e probabilidades de vencimento, a instrução primária obrigatória.

— Pensa também, certamente, na assistência às crianças?

— É claro que sim. Sem a assistência material é impossível a um grande número de crianças o frequentarem as escolas por insuficiência de recursos dos pais e porque estes são forçados a lançá-las muito cedo no trabalho. Este problema liga-se intimamente com a distribuição das escolas para adultos, pois que da incultura destes deriva uma grande parte da resistência a enviarem os filhos às aulas. Cuido, pois, que a resolução deste assunto, de tão diversos aspectos, tem de ser encarada com espírito de conjunto e na disposição de dela tomar, superiormente, os encargos de o promover, a estimular, a dirigir.

*A descentralização é um excelente princípio
que tem de realizar-se cautelosamente*

— E em matéria de descentralização... — atalhámos, interrompendo.

— Em princípio é excelente. Mas, no ensino como em outros ramos da actividade nacional, ela não deve impedir uma força coordenadora, formando a síntese de toda a obra, mas não, evidentemente, uma síntese abstracta, desconhecendo o que se resume. Há-de, sem dúvida, a autonomia do ensino atingir o máximo, porém com a condição de ir apurando os recursos das regiões e a sua capacidade de direcção pedagógica.

Por agora, um grande número das nossas câmaras tem o grave inconveniente da pouca cultura social e cívica, que é, de resto, lepra muito generalizada no país. De maneira que, a meu parecer, municípios como o do Porto, afirmados em provas brilhantes de devoção inteligente pelas coisas da instrução, tem, desde já, direito à autonomia. Os outros irão conquistando essa regalia à medida que demonstrem o seu desejo de administrar o ensino, permitindo-se-lhe que o façam a título de experiência, e tornando efectiva a autonomia logo que provem a sua capacidade.

O serviço das inspecções tem de ser remodelado

O Dr. Leonardo Coimbra aborda em seguida o problema das inspecções.

O serviço é péssimo, apesar da boa vontade de um grande número dos seus funcionários.

— Eu conheço pessoalmente alguns professores, refere o ministro, que já deviam ter sido eliminados perante uma inspecção rigorosa e acertada. Dois defeitos capitais existiam para a fiscalização do ensino: — o pequeno número de inspectores e a má distribuição deles. Ambos os remediei, em parte, fazendo, por um lado, uma melhor distribuição e aumentando, por outro lado, o quadro.

Mas um outro inconveniente consistia em ser só o inspector a valorizar o serviço dos professores. Era uma responsabilidade tremenda para um homem apenas.

Há em cada indivíduo o *coeficiente pessoal*, que em julgamentos é eliminado pela discussão com outros.

Vejamos: um inspector demasiado afectivo, diante de um mau professor, mas carregado de filhos, deixa-se guiar pela sua affectividade. Outro, feroz, guia-se apenas pela tendência de fazer mal. E quantos exemplos como estes! Além disso, a tranquillidade dos inspeccionados em face do inspector, só existe partindo do postulado de que é um santo.

Mas de que injustiças alguns cometeram, parece fora de dúvida, atestam as centenas de reclamações de professores contra a maneira como foram valorizados.

Parece, pois — e uma comissão por mim nomeada está estudando o assunto — que essa valorização deve ser feita por um corpo inspectorial convenientemente escolhido.

Reputo muito interessante — talvez seja um erro, o meu coeficiente pessoal, a visita de inspectores ou outras pessoas competentes a vários pontos do país, levando a professores e alunos os mais recentes conhecimentos pedagógicos, lições, modelos e, até, a sua simples presença, revelando assim o carinho com que a Pátria os considera e a certeza de que as estâncias superiores os não esquecem. O Estado lucrará também com essas vantagens, pois, graças aos seus delegados e aos boletins por eles elaborados, conhecerá as realidades pedagógicas com que o ensino tem a entrar em conta para o seu sucessivo aperfeiçoamento.

*Cobrir o país de novas escolas que sejam a adaptação
da casa portuguesa*

— De facto, pensei na possibilidade de povoar o país de novos e muitos edifícios escolares. Para realizar esse pensamento verei se é viável atribuir ao empréstimo de alguns milhares de contos levantados na Caixa Geral de Depósitos, as somas actualmente dispendidas com o aluguer de algumas centenas de casas impróprias, onde imprópriamente se ministra o ensino. Essas construções seriam feitas segundo os planos dos architectos nacionais, planos enviados a um concurso, e para os quais se estabeleceriam prémios. É a minha opinião pessoal que seriam de preferir aquelas casas que, satisfazendo a todas as condições da hygiene e da pedagogia, fossem a melhor adaptação da casa portuguesa. A realização deste pensamento libertaria o país da vergonha de pocilgas servindo de escolas, e seria ainda um meio de drenar alguns milhares de operários para os trabalhos de construção.

Dignifiquemos o professor — o padre e o mestre-escola

O ministro, que é também um mestre prestigioso da Escola Normal Superior, fala agora na obrigação de elevar à dignidade da sua missão o professor primário.

Quando, em 5 de Outubro de 1910, se implantou a República, era fácil prever que o padre católico seria o seu irreduzível inimigo. Deixe-me explicar, visto que sou religioso. A incompatibilidade nunca viria, em minha consciência, da religiosidade dos padres contra a neutralidade da República. Ela viria, e veio, do materialismo, fanatismo e preocupação de domínio dos clérigos católicos que, pelo menos no Norte, eram os máximos caciques eleitorais. Portanto, pessoalmente, e sob o ponto de vista religioso, eu sou inimigo dos padres católicos portugueses, por isso mesmo que sou religioso — o que quer dizer, apenas, que me sinto solidário com todos os seres do Universo, enquanto eles apenas são solidários com as suculências da cônica e das ucharias.

Dizia eu que a República tinha de contar com a sua hostilidade, por isso mesmo que a onda republicana, sendo uma indefinida aspiração de bondade e justiça, é sinceramente religiosa. Era, pois, natural que a República pensasse num bom amigo ao lado desse mau inimigo — amigo que fosse, junto do Povo, sempre alerta a defendê-la de inimigos, embustes e calúnias. E como o Povo é sempre idealista, se esse homem tivesse mais beleza nas suas palavras, as tivesse mais comovidas de fraternidade, melhor soubesse incendiar a esperança de uma mais perfeita justiça social, ele seria vencedor. Mas a República não tomou de pronto o professor primário para, da altura do seu seio, o mostrar ao Povo, cheio de dignidade e de prestígio. É preciso remediar essa falta.

Deu-se-lhe a condição de vida material independente. É preciso agora encher-lhe o cérebro de ideal, dar-lhe aquela alegria, aquele legítimo orgulho que tem todo o homem portador dos mais altos valores espirituais da humanidade. Para isso estou estudando a organização das Escolas Normais, de que já lhe falarei.

Por enquanto, o professor, vindo, nas dezenas de anos, numa atitude de protesto contra o desprezo a que era votado, é, por vezes, áspero. Assim, sem que nunca faltasse ao respeito hierárquico, noto, não raro, nas suas reclamações, um tom de acrimónia — o que está bem longe da magnanimidade das almas superiores. Essa harmonia interior da vida moral, essa atitude

socrática, a eterna e única atitude de um verdadeiro mestre, eles a não-de conseguir quando, de cima, do alto, das escolas que os educam, descer uma torrente de idealismo.

— E essas escolas?

— Essas escolas começarão pelo contacto estético do homem com a vida e assim os trabalhos manuais, em que a simples utilidade já é excedida por uma ténue aspiração de beleza, constituem o início dessa educação. O desenho, perfeitamente em bases novas, fora da possibilidade da cópia, dentro da interpretação da natureza, levando o aluno a sentir, na mão que desenha uma árvore, como que o frémido da seiva que a alimenta e lhe percorre as formas. A música, repetindo um movimento de alma, o movimento dos seres naturais que, percutidos, são a imensa sinfonia de um crepúsculo de uma manhã. O canto, que é o melhor acto de amizade da natureza e do homem: nele a palavra humana se casa com a ingénua voz da natureza; nele se faz o acordo da inconsciente vibração musical com o intencional desejo do homem.

Esta iniciação estética fará da Escola Normal um templo moderno, onde todas as almas vivam no esplendor do ideal presente.

Depois virá a educação intelectual — note que está depois; é para comodidade da exposição — a mesma vida, fora das páginas dos livros, de olhos na natureza, em modo que quando se faz a consulta ao livro as suas páginas já brilham como o sol, porque os olhos já de sol estão cheios. A cooperação com a natureza pela experiência, a cooperação com os homens pelo convívio dos laboratórios, dariam imediatamente ao aluno a noção concreta e viva da solidariedade humana. E assim, pelo conhecimento pessoal do que é a obra da ciência, o aluno acharia o justo meio entre um gregarismo absorvente e o individualismo anárquico. Repare que é aqui o ponto da crise social moderna, Cila e Caríbdis — a tirania alemã e a subversão de todos os valores sociais.

O ensino da história daria a convivência com os antepassados, formaria essa continuidade social que é o único ponto de génio de Augusto Comte — a religião da humanidade. E não se chegaria a um humanismo abstracto, como esse humanismo de muitos teóricos da sociologia, em que o mundo fica sem pátrias e a humanidade sem homens, mas sim um humanismo em que cada pátria, começando por impor os seus valores em guerra com os outros, cada vez mais se aproxima de um ideal de colaboração em que os seus valores mútuos se auxiliam e multiplicam.

O ministro diz ainda, com a alta e ardente eloquência em que a sua palavra palpita e vibra, do ensino da língua, da utilidade das visitas frequentes aos monumentos, secções da vida cívica nacional, e às fábricas e oficinas, centros da actividade colectiva.

No seu conjunto a Universidade portuguesa não é, como devia, a parte mais lúcida e nobre da consciência nacional

O ministro, que reserva para outro momento o tratar do ensino secundário, refere-se agora às Universidades.

— Reconheço na Universidade portuguesa competências que altamente honram o país. No entanto, devemos ter a coragem de afirmar que essa Universidade, no seu conjunto, não é, como devia ser, a parte mais lúcida e nobre da consciência nacional! Basta reparar na sua atitude perante a guerra europeia que foi, incontestavelmente, o facto mais notável da nossa história moderna. A sua atitude colectiva foi de indiferença. E se elementos da Universidade tiveram a consciência do momento, outros, e em maior número, foram francamente propagandistas duma neutralidade impossível e, até, de puro germanofilismo. Eu sei que a organização científica da Alemanha tinha criado novas falsas idolatrias. Mas a uma Universidade não é desculpável a idolatria, que é sempre a adoração da aparência das vestes, em lugar do espírito.

— Como reformá-la?

— Se o ministério tivesse recursos financeiros, aproveitados os magníficos elementos nacionais, chamaria verdadeiros criadores da ciência que, em torno de si, formariam núcleos de aperfeiçoamento, dando à vida universitária a fecundidade científica que lhe compete. Dentro do que é possível fazer-se, tenciono convidar essas personalidades notáveis, a que me referi, para estudarem um programa de remodelação da Universidade.

Das coisas da minha especial competência antecipadamente vou tratando; e assim, já reformei o curso de filosofia, de molde a actividade filosófica ser alguma coisa de sério em Portugal. Embora haja prevenções justificadas pelo mau passado duma causa a que imprópriamente se chamava filosofia, essa actividade de pensamento é a imediatamente anterior e determinante da actividade técnica social. Creio, pois, que essa simples reforma nos dará em breve pontos onde começa uma vibração espiritual a inundar de beleza e entusiasmo a vida da Pátria.

E aqui volveu o ministro aos papéis erguidos em resma sobre a banca, e deu por finda a palestra, aqui reproduzida sem minúcia e apagadamente.

(*O Mundo*, Lisboa, ano xviii, n.º 6532, de 27 de Abril de 1919.)

[Conferência em Felgueiras] ^(a)

Convidado pelo Dr. Luís Gonzaga da Fonseca a fazer uma conferência nessa risonha vila, o autor de *O Criacionismo* e *d'A Alegria, a Dor e a Graça*, escolheu para tema desse trabalho que, como todos do ilustre Professor, resultará brilhantíssimo, estas importantíssimas e transcendentas questões:

«A morte dos mundos físicos e a libertação dos espíritos.»

«A ideia popular do fim do mundo, as ideias religiosas e filosóficas dos ciclos da morte e da vida.»

«O problema da morte dos mundos físicos perante a ciência moderna.»

«O princípio de Carnot e as teorias de Einstein.»

«O conceito moderno de espírito: evolução espiritual.»

«A contradição das duas evoluções.»

«A hipótese do pecado original ou duma queda espiritual na origem das evoluções. O Resgate.» ^(b)

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 597, de 9 de Abril de 1922.)

^(a) O registo dos tópicos da aludida conferência são introduzidos pelo jornal com o seguinte cabeçalho e palavras: «Leonardo Coimbra / O ilustre Director da Faculdade de Letras do Porto realiza hoje uma conferência em Felgueiras. / O povo de Felgueiras vai ter mais uma vez ocasião de ouvir a palavra eloquentíssima e cheia de ardor do eminente catedrático, já hoje uma autêntica glória da nossa Terra, que é o Dr. Leonardo Coimbra.»

^(b) O jornal termina o elencamento dos tópicos da conferência com as seguintes palavras: «A conferência realizar-se-á pelas 16 horas, no Teatro Fonseca Moreira, havendo uma grande ansiedade e justificado entusiasmo entre o povo de Felgueiras e da Lixa por ouvir o grande tribuno e simultaneamente o saudar pelo triunfo obtido em Espanha, quando da sua viagem realizada ultimamente. Depois da conferência, o Dr. Leonardo Coimbra partirá para Guimarães.»

Portugueses em Espanha

*Uma entrevista com o Sr. Dr. Leonardo Coimbra
Impressões a propósito da sua última viagem à Galiza
A arte portuguesa e o seu triunfo
O Orfeão do Porto e os pintores*

Encontram-se já no Porto os membros do Orfeão, os pintores Peralta e Sérgio e o nosso ilustre amigo Sr. Dr. Leonardo Coimbra que foram em peregrinação artística à Galiza, onde conquistaram merecidos aplausos.

Resolvemos entrevistar sobre a importância do intercâmbio intelectual galaico-lusitano o director da nossa Faculdade de Letras.

Da conversa havida, eis a seguir as rápidas notas:

— Desejávamos ouvi-lo sobre a viagem magnífica que fez à Galiza. Sabemos dos triunfos colhidos, queríamos saber minúcias que aos nossos leitores pudessemos contar.

— Olhe, meu amigo — diz o Sr. Dr. Leonardo Coimbra. — Sim, foi um triunfo da arte portuguesa, da arte e da amizade dos galegos.

O orfeão foi magnífico. Raul Casimiro é um grande artista, os orfeonistas foram de uma correcção que me encheu de orgulho patriótico.

Os artistas Peralta e Sérgio, admiráveis.

— E V. Ex.^a? É mesmo a V. Ex.^a que se atribuem os maiores triunfos.

— Fiz o melhor que soube e pude. Não fui infeliz, porque fui leal, sincero e espontâneo. Mas as minhas relações intelectuais davam-me todas as facilidades. E os pintores e o Orfeão estavam num meio notavelmente especializado em suas artes; e, apesar disso, foram grandes, admiráveis.

— Diz-se que a amizade da Galiza para Portugal toca os limites de verdadeira fraternidade, julgam-nos da família.

— Julgam e somos. A paisagem é a mesma. Eu vi o Minho a prolongar-se em sorrisos de verdura e farta alegria e vi no Cape e no Sil a ascensão rochosa de Trás-os-Montes a ensinar a altitude às almas.

A língua é tão irmãzinha, que as duas parecem irmãs que há tempos se separaram e se reencontram com comuns vocábulos e recordações. O revelador poético é para os galegos Pascoaes, porque falou da Saudade, que é a própria alma de Rosalia de Castro voando sobre os montes e campos da Galiza encantada.

Ouçã Rosalia:

Adiós, rios; adiós, fontes
Adiós, regatos pequenos
Adiós, vista dos meus olhos,
Non sei cândo nos veremos.

Miña terra, miña terra,
Terra donde m'eu criei
Hortiña que quero tanto,
Figueiriñas que pranteio
.....
.....

Amorinas d'ás silveiras
Qu'en lle dab'ó meu amor,
Caminiños antr'ó milho,
Adiós para sempr'adiós!

Adiós, adiós que me vou
Herbiñas do campo santo,
Donde meu pay s'enterrou,
Herbiñas que biquey tanto,
Terriña que nos criou.
.....

Adiós tamén, queridiña...
Adiós, por sempre quizais!...
Digoch'eets adiós chorando
Desd'á veiriña do mar.
Non me olvides, queridiña
Si morro de soidás...
Tantas leguas mar adentro...
Miña casiña; meu lar!
.....

Diga-me se isto não é como o melhor do lirismo português? Irmãos e bem irmãos pela paisagem que é o espírito da terra, pelo céu de «bretemas», como eles dizem, pelas fadas, pelos santos e até pelo humor.

Leiam a Santa Rosalia que é um dos maiores poetas líricos do mundo, e Pondal e Curros e Cabanillas e em todos hão-de encontrar a nossa própria alma de saudade, ternura e comoção religiosa.

Há então maior proximidade entre nós que entre quaisquer outros povos da Península?

— Evidentemente. Veja os cumprimentos com que das janelas nos recebiam:

VIVA PORTUGAL!

Um rapaz galego, olhando desde a beira d'acó do Mino para a paisage da outra beira, perguntoulle a un vello que perto d'elle achábase: «Os habitantes d'alem do rio son mais estranxeiros para nós que os de Castela?»

O vello non soubo que lle responderere.

Nós. Si, saberiamos-lo. Nós saberiamos o decirlle aquele rapaz, andamos a llo diser a tódol'os rapaces da Nosa Terra, que o glorioso Portugal, o povo europeo dos de estensión territorial mais pequeno coa historia mais grande, é entre quantos povos formam a Peninsula, o unico verdadeiro irmão da Galiza. Irmão pela lingua, irmao pol'o lirismo, pol'o comun sentimento da saudade — requintada flor da Raza — e pol'a identidade da paisage maravilhosa.

Ora, pois, a Cruna, capital da Galiza que anseia a sua liberdade, com un abraço cheio d'amore, aperta hoje estreitamente, n'essas esplendidas representacóns artisticas e culturais, ao povo portuguez inteiro, facendo votos porque isa aperta seia transcendente.

Somos a gente Atlântica da Península; eu disse lá num discurso que, lenda ou verdade, houve uma civilização atlântica que se submergiu e o melhor dela subiu à superfície e veio na última vaga do mar exaltado morrer em beijo na nossa costa atlântica, «Galiza e Portugal são o beijo saudoso da Atlântida submersa».

E o carinho com que foram recebidos parece bem o demonstrar. Sei que o governador da província foi buscar V. Ex.^a e sua Ex.^{ma} esposa no seu coche, que lhe foram oferecidos banquetes

por várias colectividades, que à chegada era esperado por deputações de catedráticos desde Orense, etc., etc. Mas de todas as festas qual sensibilizou mais o seu coração?

— Os cantos populares e a despedida. Eu lhe conto.

A seguir à minha principal conferência, dirigiu-se a multidão para o meu hotel e no largo do Obelisco dentro em pouco milhares de pessoas acompanhavam os cantos populares galegos, cantados por senhoras e homens com os costumes regionais.

Isto durou até às três horas da manhã, para a que não podendo conter mais a emoção, agradei tanto carinho.

No final do meu discurso não pôde V. imaginar o entusiasmo com que todo o povo aclamava o Portugal irmão.

A despedida foi bem a festa da «Saudade». As senhoras portuguesas e galegas tinham lágrimas nos olhos, e os lenços brancos voavam, voavam durante quatro ou cinco estações mais próximas e ao longo do trajecto, de modo que pareciam um bando de gaivotas sobre uma tempestade. Nunca saí duma terra, depois da minha e quando ia para o colégio, com tamanha saudade a encher-me a alma.

— Um triunfo imenso?!

— Sim: triunfo da amizade dos homens e dos povos: de uma grande saudade secular que vive em nossas almas e são os versos de Pondal, Rosalia, Camões e Nobre.

(*Jornal de Notícias*, Porto, ano 34, n.º 216, de 13 de Setembro de 1921.)

No Centro Republicano Democrático

Uma brilhante conferência do Dr. Leonardo Coimbra ^(a)

O conferente começa por dizer que não faz conferências *anti*.

Os republicanos, principalmente os homens públicos, têm obrigação de dizer a sua atitude perante os grandes problemas. Devem viver dos seus próprios valores sem precisarem de espantalhos para derrubar.

Que, seja qual for o indivíduo que se apresente, seja a sua atitude honesta, e ele o convencerá da treva em que deseja viver por não conhecer a verdadeira luz.

Vai, pois, falar do fenómeno religioso que ninguém pode desconhecer. Nas sociedades primitivas não havia necessidade de diferenciação do trabalho. Daí, segundo o grande democrata Durkheim, uma vida simples e fácil de tabelar. Os indivíduos eram quase que a reprodução de um tipo único, subordinado à divindade.

Alarga-se depois o orador a mostrar a evolução deste fenómeno através as sociedades, o aparecimento do politeísmo, e a volta ao monoteísmo. Depois, procura o significado do actual fenómeno religioso.

^(a) De acordo com o jornal, a conferência, realizada com a presença do ministro do Trabalho, de parlamentares e de professores da Universidade, dos liceus, das escolas industriais e das escolas primárias superiores, obedeceu ao seguinte sumário: «O fenómeno religioso: — Teorias da escola Durkheim. Seu valor de explicação do aparecimento do fenómeno; insuficiência destas teorias para a explicação do fenómeno no seu desenvolvimento ulterior. / O significado actual do fenómeno religioso: — O problema dos valores. Juízos de existência e juízos de valor; sua relação; o real e o ideal; suas selecções. / O pensamento experimental. A experiência religiosa. O Budismo. O Cristianismo. As doenças religiosas: a Idolatria. Estado actual do problema religioso. Do possível acordo entre as várias formas da experiência. Religião e Educação. O conceito de Deus».

E, numa exposição clara, diz o que se entende por juízos de existência e juízos de valor. Mostra como a vida é continuada criação, como a selecção natural é inferior para dar uma verídica atitude perante a vida.

Nesta altura mostra como a lealdade, juízo de valor, é uma característica da atitude religiosa do homem, exaltando a figura do Conde de Abranches quando oferece a sua vida na batalha de Alfarrobeira em nome da Amizade, da Lealdade.

Faz a seguir uma exposição das duas religiões que alargaram o indivíduo até à humanidade: o budismo e o cristianismo.

Mostra como esta última é profundamente democrática e como devem ser entendidas certas passagens do Evangelho.

Passa depois às doenças religiosas, mostrando como todos os fanatismos pretendem escravizar o homem. A este propósito alarga-se em considerações sobre a educação.

Ri-se dos pedagogos de muitos óculos que trazem o futuro das crianças completamente resolvido.

O homem que nunca pressentiu o que há de novo numa criança, o homem que pretende ter descoberto o verdadeiro futuro de uma criança que começa a interrogar a Natureza, faz-lhe lembrar o indivíduo vesgo e cambaio que procurasse as trevas intensas para ir envenenar as fontes límpidas que não de desdentar todos os outros.

Ao vê-los tem a impressão que os seus dedos grosseiros apertam os tenros anos infantis, para não consentirem no desenvolvimento livre do cérebro.

O verdadeiro educador tem de procurar entender qual o ideal de vida, qual a vida religiosa que a criança procura, e só depois sugerir os melhores caminhos. Ai de quem nunca teve a ternura suficiente para atingir a beleza das crianças!

A melhor definição de Arte que conhece, foi uma criança que lha ensinou. Conta, depois, um episódio dos *Miseráveis*, de Vitor Hugo, que lera a essa criança. Perguntando-lhe essa criança, se tudo aquilo era verdade, como respondesse negativamente, a criança, a chorar, diz:

«Antes queria que fosse verdade».

Eis como se compreende como a Arte nos encaminha para um mundo melhor, mais perfeito e que será a própria realidade religiosa.

A seguir mostra como a ciência trabalha, mostrando que só uma experiência atenta e continuada a faz caminhar e é a sua única garantia.

É esta a atitude também da sociedade. Só por experiência continuada, com o esforço dirigido para uma maior compreensão, não desprezando nada, trabalhando sempre para que a vida seja mais bela, mais justa, maior, querendo que os outros aproveitem a altura conquistada.

A este propósito faz uma esplêndida caricatura dos integralistas, que voltaram os olhos para trás, para não verem as estrelas, e observarem a podridão dos cemitérios, julgando que são essas podridões que garantem certos mortos que lá querem encontrar.

O orador termina dando-nos o seu conceito de Deus.

Não pretendemos dar a conferência, pois era impossível acompanhá-lo nos seus verdadeiros reptos de oratória e na profunda análise que fez à ciência, à arte e à religião.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 1, n.º 288, de 25 de Março de 1921.)

Fala o Dr. Leonardo Coimbra ^(a)

E S. Ex.^a disse-nos:

«— Viu V. Ex.^a o *Século* de ontem? Numa entrevista do Dr. Magalhães Lima aparece o nome de V. Ex.^a para uma comissão de salvação pública. Quer V. Ex.^a dizer-nos alguma coisa sobre o assunto?

— Tinha acabado de receber um telegrama convidando-me para uma reunião em casa do Dr. Magalhães Lima, quando um amigo me veio mostrar no *Século* a entrevista a que se refere.

Respondi ao Dr. Magalhães Lima que iria à reunião para que era convidado, se os meus afazeres profissionais o consentissem.

^(a) O jornal introduz o registo-relato da entrevista com estas palavras: «O *Século* trazia anteontem uma entrevista com o Sr. Dr. Magalhães Lima. A entrevista produziu uma certa sensação, já pelas afirmações nela contidas, já pela situação especial da pessoa que a autorizara. / Malograra-se há dias uma tentativa revolucionária. E logo a seguir, como sua sequência lógica, aparecia a ideia de organizar um grande movimento pacífico tendente a exigir a constituição de um governo fora dos partidos. / O Sr. Dr. Magalhães Lima indicara os nomes das pessoas que deveriam ser os seus auxiliares nessa árdua tarefa de governar fora dos partidos e talvez contra eles. / Entre esses nomes aparecia o do nosso querido amigo e ilustre director da Faculdade de Letras, Sr. Dr. Leonardo Coimbra. Espírito cintilante, nem por isso se sente apoucado enfileirando no P. R. P. que o conta entre o número dos seus mais ilustres e mais disciplinados membros. / A indicação do seu nome havia sido feita por algum dos seus muitos admiradores. / Sabíamos-lo antecipadamente. Filiado num partido não colaboraria em uma tentativa que envolvia o descrédito desse partido. Quando perdesse a fé nas virtudes e nos destinos do partido a que pertence, não esperaria que outros lhe indicassem o caminho a seguir. / O conhecimento que temos do seu carácter e do seu talento incontestável, garantiam-nos antecipadamente que outro não seria o seu pensamento. Mas, para elucidar a opinião republicana, achámos interessante e oportuno ouvi-lo.»

— Que iria! Então V. Ex.^a concorda com os termos da entrevista?

— Devagar, meu amigo. Eu podia ir lá precisamente dizer os motivos da minha discordância.

— E quer V. Ex.^a dizer-mos?

— Porque não? Olhe, em Portugal aparecem de vez em quando uns preconceitos da opinião que são muito interessantes.

Lançados a correr por observadores superficiais, eles aí vão correndo, fazendo a bola de neve pelo país fora.

O mais interessante é o preconceito da *não-política* para governar os povos.

A política, sendo uma técnica, isto é, uma aplicação, traz, como todas as técnicas, os erros correlativos à passagem da teoria à prática, a par dos erros que possam provir duma incompleta teorização.

Ao lado destes erros podem aparecer os crimes dos técnicos que sirvam os seus interesses particulares em vez dos mais vastos interesses colectivos.

Para estes existem as sanções penais, e não me consta que a República se tenha furtado a fazê-las pesar sobre aqueles que tenham delinquido.

Para os erros políticos existe a livre crítica que é a correcção negativa e a formação dum novo corpo de técnicos com melhor teoria e com mais aperfeiçoada aplicação.

Ora isto é apenas o aparecimento dum *novo partido político*.

Quer dizer que para os crimes existe o código penal e para os erros existe a crítica e sobretudo a *melhor prática de melhores programas*.

Eis o que penso sobre o preconceito da *não-política* para governo dos povos.

É uma contradição, pois tem de acabar pela criação de mais um partido político, que, aliás, pode ser melhor que qualquer dos existentes...

— Melhor?

— Pode; as grandes criações da natureza são inconscientes. E o homem que imagina *dirigir* os acontecimentos pode ser apenas um episódio desses acontecimentos, *imaginando* uma justificação finalista do seu papel, quando é um simples efeito na fenomenalidade social.

Mas como o homem deve guiar-se pelo que de mais claro existe em sua consciência, é sempre um perigo confiar-se cegamente ao determinismo que o leve a viver em pleno misticismo sociológico.

Eis porque, estando eu num partido político que ainda não demonstrou a sua nulidade, que é ainda um promessa de capacidade governativa, não posso ir de ânimo leve tentar a aventura dum probabilismo optimista, confiando *candidamente* que dum desejo de *não-política* irá sair o melhor e o autêntico *partido político* da República.

— Então V. Ex.^a não acredita na viabilidade da tentativa do Dr. Magalhães Lima?

— Entendamo-nos. Eu, a despeito da idolatria de uns e da caluniosa malevolência de outros, tenho pela figura moral do Dr. Magalhães Lima a mais alta consideração. Creio que do esforço da sua boa vontade pode resultar alguma cousa de benéfico, mas não com a forma ingénua e contraditória com que *aparece* na sua primeira manifestação, na entrevista do *Século*.

O erro está em querer actuar de pronto com um governo *imposto* pelas vagas e indemonstradas considerações da falência de todos os partidos e de todos os políticos.

— Imposto!?

— Na entrevista lê-se: — ‘*Exigir* a constituição imediata de um governo de salvação pública...’. Aí tem. Mas há uma confissão mais grave: é que o tal governo é que tem de *organizar* e executar o programa da salvação.

Parece, pois, que o governo vai ao poder por *palpite* e *crença* e depois é que *estuda* o programa que há-de oferecer ao país.

Mas por quem palpar, em quem acreditar, se partidos e políticos estão falidos?

— Então V. Ex.^a, parece, contra o que há pouco afirmou, não dá nenhum valor à tentativa Magalhães Lima?

— Desfaço o equívoco da *não-política* não-política.

Mas acredito sempre no valor de forças livres, não presas ainda a formas e dogmas partidários. Olhe: acima dos técnicos está a ciência pura, acima dos órgãos dum organismo diferenciado estão as próprias forças da evolução que trouxeram a vida em complicação crescente, e, num dado organismo, reparam a usura dos órgãos, e, quando os não podem restaurar, produzem os fenómenos de *suplência*.

Acima do direito está a moral, que é mais profunda e mais alta que esse direito: é o seu alicerce e é também a sua evolução perfectível.

Suponha o meu amigo que em Portugal alguém tinha autoridade para fundar uma Associação chamada a ‘União moral dos portugueses’, que soubesse criar a consciência de justiça para

amigos e inimigos, que soubesse espalhar o sentimento da solidariedade humana de modo que cada homem considerasse os outros como templos de uma divindade — a liberdade moral; suponha que essa 'União', passando sobre as bandeiras, ensinava a cada um que cada um dos outros, antes e depois de ser monárquico, republicano, etc., etc., é *essencialmente homem* e diga-me, meu amigo, se a salvação pública não seria bem servida, mais profundamente que com a criação de um novo órgão diferenciado da técnica política.

Este órgão seria como que mais um canal onde circulasse, melhor ou pior, o sangue da vida social; mas a 'União moral dos portugueses' seria o próprio coração irrigando todos os vasos do organismo nacional.

— E V. Ex.^a nunca se lembrou dessa tentativa?

— Muitas vezes; mas eu já disse que era preciso alguém com uma autoridade moral que eu não tenho: seria preciso quase um santo, para dominar os ódios, as desconfianças e as ruins paixões que nos separam.

— E poderá isso sair da reunião para que foi convidado?

— Não sei; mas eu apontei um Ideal — É possível que saia uma tendência, uma aproximação desse Ideal. Se tal acontecesse, e eu sentisse que aí estaria em melhor serviço aos homens, sairia do meu partido, onde nenhuma falta fazia (pois não sou um político, não o digo por orgulho: não o sou por insuficiência de aptidões práticas) e iria levar, onde me indicassem, o calor da minha convicção na verdadeira fraternidade dos homens.

Mas, dentro de um partido político, aceitar um vago projecto de governação fora dos políticos e dos partidos, seria confessar que os partidos são arranjos de sócios, sem programa, sem destino superior, sem rumo patriótico que os guie.

Essa confissão, quando a fizesse a mim mesmo, obrigava-me a sair sem solicitações estranhas e a procurar novos partidos que, por certo, tomariam para si o encargo de serem órgãos dum Ideal e não simples agrupamentos de interesses inferiores.

Se é para isso que me convidam, prestem provas, homens, programas e actos, e eu irei para eles se tais provas sobrelevarem a capacidade de bem servir a Pátria e a República que eu acredito viva no partido a que dou o meu invalioso concurso.

Mais: apontem soluções com que se tenha de concordar, soluções que ofereçam altas probabilidades de êxito e eu serei perante o meu partido o porta-voz dessas soluções, que, de resto, todos os partidos terão de aceitar, sob pena de abrirem então

evidente falência pela contumácia de não quererem receber a luz que generosamente sobre eles dimana do novo astro em zénite.

O resto, sem desrespeito por tantos nomes para mim amigos veneráveis, antes me parece uma carta a mais e fora do baralho, complicando o já complexo jogo da vida política.

— E se de tal reunião saísse a tentativa de união de todos os republicanos? — Seria óptimo, se fosse dentro do meu critério de 'União moral'; é uma impossibilidade e um erro se quer significar o desaparecimento dos partidos. A unidade na vida e nas almas faz-se pelo acordo das diversidades e nunca pela tirânica identificação do que é diverso a um padrão que a vontade de domínio dum homem ou de um grupo sonhou e deseja.

Essa 'União moral' seria admirável, e não estou muito longe de acreditar que um dia virá em que as melhores almas de todos os grupos a comecem em desejo e aspiração.

O ódio que separa é como o vento do estio que seca a terra e a abre à sede da chuva que a renova e acorda. As almas separadas estiolam-se, e, na estiagem da sua solidão, acordam sempre as profundas nascentes da bondade. Em Portugal tem-se espalhado muito ódio, é tempo de abrir caminho às águas vivas do Amor...»

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 449, de 7 de Outubro de 1921.)

TRADUÇÕES ^(a)

^(a) Os textos que a seguir se apresentam são tradução de obras de Émile Boutroux e de Léon Brunschwig. A tradução de tais textos, que não foi formalmente subscrita por Leonardo Coimbra nem a breve introdução que a precede, foi atribuída a Leonardo Coimbra por Álvaro Ribeiro em 1945 (*Leonardo Coimbra. Apontamentos de Biografia e de Bibliografia*, Lisboa, 1945, p. 73), sem fundamentação. Seguidamente todos os estudiosos da bibliografia do Filósofo português repetem a atribuição sem a fundamentar. Porque tanto Émile Boutroux, como Léon Brunschwig, são filósofos preferidos e citados por Leonardo Coimbra e a breve introdução tem o seu estilo, aqui se recolhem estes textos.

Moral e Democracia ^(a)

Parece, à primeira vista, que a questão proposta, «Moral e Democracia», tem uma solução imediata. Pois o que é a Moral? Para Sócrates, é a arte do indivíduo se dominar, de se governar. A virtude fundamental, ensina ele, é o império sobre a própria pessoa. E o que significa a palavra Democracia? Significa império do povo sobre si, governo do povo pelo povo. A democracia não será, expressamente, a aplicação da ideia moral à política? Governo democrático e governo fundado sobre a moral é, parece, uma só e mesma coisa.

A realidade histórica confirmará esta dedução fundada sobre a etimologia? Um facto nos impressiona imediatamente: a extrema variedade dos governos denominados democracias. Os dois elementos do conceito de democracia são a noção de povo e a de governo, e cada uma destas duas noções tem sido entendida de maneiras muito diversas.

Podemos, dum modo geral, distinguir três acepções da palavra governo. Na primeira, governar é exercer uma autoridade absoluta. O governante é, à letra, soberano, qualquer que seja a

^(a) Na sequência do afirmado anteriormente, será de ter em atenção que o texto «Moral e Democracia», publicado em oito números seguidos (salvo quanto ao último artigo) de *A Tribuna*, corresponde à tradução de um excerto da obra de Émile Boutroux *Morale et Religion*, pp. 197-219, segundo a edição da Ernest Flammarion, Éditeur, Paris, 1925. Esta tradução é apresentada pelo jornal com as seguintes palavras introdutórias: «Este notável artigo é um estudo do eminente filósofo francês Emílio Boutroux, o filósofo do contingencialismo; aquele que no pensamento francês contemporâneo maior influência tem exercido, fazendo-se sentir a sua influência nos dois grandes génios, Bergson e H. Poincaré.»

origem ou o fundamento que se atribui a essa soberania; possui todos os direitos, e não é, em caso algum, responsável pelos seus actos perante os governados. Numa segunda doutrina, o governo tem o seu princípio num contrato, explícito ou tácito, entre governante e governados. A expressão deste contrato é uma constituição, que formula as condições gerais em que o governo deve exercer-se, e obriga igualmente as duas partes. Segundo uma terceira doutrina, o governo, independentemente de qualquer contrato, deve, representando a nação, reconhecer-lhe e respeitar nela certos direitos, havidos por naturalmente inerentes às pessoas e às sociedades humanas, e, portanto, superiores a qualquer instituição, e inalienáveis.

A primeira forma de governo pode dizer-se absolutismo; a segunda, constitucionalismo; a terceira, liberalismo.

Se a palavra governo é entendida de maneiras tão diferentes, o mesmo acontece com a palavra povo. Podemos conceber o povo como formando um todo uno e indivisível. Neste caso, não há a considerar direitos próprios aos indivíduos, aos grupos ou à sociedade, desde que sejam distintos do Estado: os direitos atribuídos às partes não podem ser senão reflexos, provenientes da soberania do todo. Podemos, ao contrário, entender por povo o agrupamento puro e simples dos indivíduos: só eles são realidades, só eles têm existência natural e efectiva. Neste caso, o povo, como unidade, é pura abstracção. Nenhum artifício consegue transformar a realidade, o direito, a inviolabilidade da unidade concreta em unidade abstracta, do ser natural em ser artificial, do indivíduo em Estado. O Estado não tem neste sistema senão um direito de empréstimo.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 391, de 30 de Julho de 1921.)

Também podemos considerar que os indivíduos, de facto, não são independentes uns dos outros, têm relações de solidariedade, que não podem desprezar, sob pena de tornar impossível o progresso e até a existência.

Serão então verdadeiras unidades os grupos formados por indivíduos estreitamente solidários; os grupos políticos ou os grupos profissionais, por exemplo. E o povo será o conjunto de grupos ligados por uma vida nacional comum. Poderemos, de resto, atribuir

aos diferentes grupos, na representação, partes desiguais, proporcionadas à importância de cada um dos grupos. Mas ainda podemos estabelecer entre estes grupos uma distinção profunda, conforme eles se apresentam como activos, produtores, trabalhadores úteis, ou como estéreis, parasitas, exploradores do trabalho dos outros!

Neste caso, afirmaremos que o povo, sob o ponto de vista político, não pode confundir-se com o conjunto dos habitantes, embora permanentes e indígenas, dum dado país, mas que consiste exclusivamente naquela classe de cidadãos que merece verdadeiramente o nome de trabalhadores, a saber: os proletários conscientes, compreendendo a necessidade de se solidarizarem, a fim de eliminarem os inúteis e os parasitas. As classes distintas das dos trabalhadores propriamente ditos, são consideradas, nesta concepção, como restos dum passado condenado pela evolução da humanidade e destinados a desaparecer. O dever das sociedades bem organizadas é apressar esse desaparecimento.

As observações que acabamos de fazer a propósito das acepções diferentes da palavra povo, quando se trata duma determinada nação, tal como a França, aplicam-se às Sociedades das Nações que, desde o século XVIII, altos espíritos desejam ver constituídas. É fácil de conceber, pelo menos como um ideal, uma democracia internacional. E quais devem ser, nos agrupamentos internacionais inspirados por este ideal, os elementos considerados como unidades substanciais, contendo em si o princípio e o fim da sua organização?

Segundo uns, cada nação constitui uma unidade absoluta, independente, possuindo o direito intangível de dispor de si e de regular os seus destinos.

Segundo outros, as nações, cada vez mais, têm entre si relações de solidariedade, que importa respeitar e formular; para esses, a ideia de democracia internacional corresponde à de federação mais ou menos estreita, ou mesmo à de Estado internacional.

Mas não é tudo: na humanidade em geral, da mesma maneira que numa nação isolada, há quem considere como fundamental a distinção das duas categorias de indivíduos, os trabalhadores e os parasitas, e pense que, na democracia internacional, como em qualquer democracia particular, uma só destas duas classes tem qualidade para possuir o direito de cidade.

Será, então, a classe internacional dos proletários, isto é, dos homens que vivem unicamente do seu trabalho quotidiano, que merece o nome e os direitos de cidadãos da República Universal. Fora

desta classe, não haverá nenhuma categoria de homens a quem se possa atribuir, legitimamente, qualquer direito internacional.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 392, de 31 de Julho de 1921.)

Que pensar desta extrema diversidade na maneira de conceber a democracia? Será determinada pelo sentimento do significado moral do régimen democrático, e pelo desejo de nos aproximarmos o mais possível, na prática, da forma ideal desse régimen?

Se investigarmos qual o princípio que os políticos geralmente invocam para definir a democracia, achamos que esse princípio é a ideia de direito. E se examinarmos as razões que levam a falar de direito, de preferência a dever, e a definir o dever pelo direito em vez do direito pelo dever, notamos, entre os teóricos, a preocupação de afastar quaisquer noções suspeitas de tendências metafísicas ou religiosas, prendendo-se unicamente com aquelas que podem ser consideradas como rigorosamente positivas e científicas.

O conceito de direito parece, neste sentido, absolutamente satisfatório, porque tem o aspecto de um conceito matemático, e presta-se, admiravelmente, à definição e à dedução. De facto, a ciência do direito toma facilmente o aspecto de uma ciência racional, onde domina, como senhor absoluto, o silogismo.

Não haverá nisto uma ilusão?

Se, como é necessário, distinguirmos no conceito de direito a forma e a matéria, o elemento lógico e o conteúdo real, poderemos aceitar, como clara e certa, à maneira de uma doutrina científica, a doutrina do direito como primeiro princípio da política?

Os homens concebem de maneiras muito diversas aquilo a que eles chamam o seu direito. E, como a noção de direito implica a ideia de exigir, desde que um homem se atribui um direito, crê que nada no mundo pode prevalecer contra as reivindicações que ele faz como consequência desse direito. Tenho o direito, diz um, de possuir o meu quinhão de felicidade: portanto, a sociedade deve estar organizada de maneira que esse homem possa considerar-se feliz. Tais liberdades, declara um grupo de cidadãos, são um direito nosso: portanto, as vossas leis serão más enquanto não nos garantirem o gozo dessas liberdades.

Qual será o fundamento deste ou daquele direito? Ou não se faz essa averiguação, ou se resolve apressadamente a questão. De uma maneira geral, os homens têm como um direito aquilo que eles julgam necessário à sua existência tal como eles a concebem. E a evidência da ideia considerada na forma é facilmente transportada para a matéria. Esta tendência do espírito é conhecida e classificada, gera o sofisma chamado ontológico que, da evidência do conceito considerado sob o ponto de vista lógico, conclui verdade objectiva do conteúdo.

De facto, os homens, nas suas maneiras diferentes de entender a democracia, não se inspiram na noção de direito puro e simples.

Eles sentem mais ou menos distintamente que essa noção quer ser completada e determinada, e, para isso, combinam-na com qualquer outra que lhes apareça como dada ao mesmo tempo que aquela.

Deixemos de lado a noção de necessidade, real ou imaginária, ou de desejo, ou de vontade arbitrária, que nunca os teóricos confessam. Uma noção a que se faz apelo constante em nome dos princípios, é a de igualdade. O direito, afirma-se, é igual para todos os homens.

Qual é o sentido desta asserção?

Estais resolvidos, como afirmais, a não aceitar senão noções experimentais, com a significação que esta palavra tem nas ciências experimentais? Então a asserção de que se trata é insustentável. A natureza não nos oferece duas coisas iguais entre si; e a desigualdade dos seres é precisamente a circunstância donde resulta o movimento, a mudança, que é o fenómeno essencial do nosso mundo.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 393, de 2 de Agosto de 1921.)

A igualdade só se concebe entre as partículas dum mundo que atingiu a homogeneidade, isto é, a dispersão, a imobilidade e a morte absoluta.

E como seria a noção de igualdade, considerada como dada na vida real com a noção de direito? O direito não deverá aferir-se pelo valor? E será lógico que o ignorante, o preguiçoso, o mau, tenham os mesmos direitos que o sábio, o trabalhador, o homem de bem?

Certamente que a noção de igualdade dos direitos é justa e bela; mas é uma noção ideal e especial. Ela não está implícita na noção de direito, nem é imposta pela natureza. Representa um certo voto, uma certa determinação da consciência. E se a consciência reclama um estado de coisas tão contrário aos factos, e mesmo, em certo sentido, ao curso geral da natureza, é porque ela entende que se deve colocar, não sob o ponto de vista natural, puro e simples, mas sob o ponto de vista moral propriamente dito, e porque, segundo a ordem moral, todos os seres racionais devem ser admitidos a obrar segundo a razão e a cumprir o seu destino. Ou puramente positiva, e então falsa e vã; ou verdadeira e fecunda, e, neste caso, especificamente moral: tal é a noção de igualdade na sua aplicação à noção de direito.

Acontece o mesmo com a noção de solidariedade, por meio da qual muitos julgam poder, sem renunciar ao individualismo, determinar o indivíduo a transportar-se para fora de si e interessar-se pelos seus semelhantes. Se esta noção é tomada no sentido precisamente objectivo e positivo, ela é incapaz de fornecer a regra que se lhe pede. É certo que a natureza nos apresenta relações de solidariedade às quais é impossível ou prejudicial subtrairmo-nos; mas também é verdade que ela cria relações que, com todas as nossas forças, procuramos, devemos procurar desfazer. A solidariedade do filho e da mãe nunca será demasiada e deverá ser zelosamente alimentada e cultivada; a dos homens sãos e dos doentes, dos bons e dos maus, dos ajuizados e dos doidos, é um mal que nós combatemos com toda a justiça. Um ser vivo é em parte solidário, em parte independente do meio em que vive. A civilização é a abolição de mil solidariedades naturais. A solidariedade que se invoca, para determinar e orientar a noção de direito, é na realidade um conceito moral. A moral quer que os homens se unam e obrem como membros do mesmo corpo, para que, da conjugação dos seus esforços, resultem criações mais belas, mais estáveis, mais dignas da humanidade do que aquelas que a natureza por si só é capaz de produzir. É por isso que o indivíduo tem o dever de procurar o seu desenvolvimento próprio numa forma de vida que assegure igualmente o desenvolvimento dos outros indivíduos.

Para determinar a noção de direito, muitos recorrem à história.

O que valem, dizem, essas noções de direito natural, ou inato, ou ideal, sobre as quais se apoiam o vulgo ou os metafísicos para justificar estas ou aquelas instituições políticas?

São quimeras essas abstracções. Como defendê-las contra aquele que entender dum modo diferente o natural, o inato, o ideal? Só há uma forma do direito definida, demonstrável, relativamente estável e capaz dum progresso que se imponha a todas as inteligências: é o direito histórico. A história fornece à noção de direito, como uma autoridade incontestável, a matéria, sem a qual essa noção seria uma forma vazia.

Aqueles que assim falam esquecem que a noção de direito tem precisamente por objecto opor ao facto — o único objecto que a história pode atingir — um possível cuja realização a história talvez nunca registre.

Como, daquilo que foi, se concluirá o que tem o direito de ser? Até que data se retrogradará? Quais os sinais por que distinguiremos os factos que merecem subsistir ou ressuscitar daqueles que convém aniquilar? Como se provará que um gérmen que, até hoje, se não desenvolveu é condenado a ficar eternamente improdutivo? A estas questões, a história não dará uma resposta, ou responderá segundo ideias preconcebidas. Temos um exemplo desta atitude na maneira como os historiadores d'Além-Reno demonstrem que o novo Império tem o direito de reivindicar a margem esquerda do Reno até ao Mosa. Eis a prova que eles dão: — pelo Tratado de Verdun, em 843, Luís, o Germânico, recebeu em partilha o país situado sobre a margem direita do Reno; Carlos, o Calvo, o país situado na margem esquerda do Mosa, e Lotário, o país situado entre o Mosa e o Reno; portanto, destas três partes, duas devem pertencer à Alemanha.

O mais poderoso esforço feito para dar um conteúdo à ideia de direito, sem recorrer a noções extracientíficas, é, indubitavelmente, o esforço da sociologia, baseando o direito sobre a evolução das nações, ou mesmo da humanidade.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 394, de 3 de Agosto de 1921.)

A evolução, alegam certos sociólogos, não é somente um facto, é um princípio, porque esse facto não pertence exclusivamente ao passado; ele determina o futuro nas suas criações concretas e fornece assim regras de conduta e, simultaneamente, classificações racionais dos acontecimentos passados.

Evidentemente não pretendemos discutir a legitimidade e o valor científico das diferentes doutrinas de evolução propostas

pelos sociólogos. Parece-nos, contudo, que a noção de direito domina a de evolução e de orientação sociológica.

Primeiro, por mais cuidadosamente estabelecida que pareça estar uma lei de evolução em matéria de fenómenos humanos, não vemos como se poderá provar que esta evolução é fatal e que nenhuma influência surgirá para lhe modificar o curso.

Depois, sem negar de qualquer modo que o direito comporte desenvolvimento, mudança, progresso, não lhe reconhecemos um carácter racional, que o torna respeitável directamente e em si independentemente da evolução a que pode ligar-se? O imperador alemão mostra-nos como a história inteira da humanidade se torna o mais claro e o mais bem ordenado dos dramas, desde que se note que todas as suas peripécias são orientadas para este fim único: a dominação e a exploração do universo pela Alemanha. Ora, ainda que uma tal conclusão fosse garantida pela ciência, quem quererá subordinar-lhe a noção do direito?

A razão não se sente presa pelas deduções, embora rigorosas, da sociologia! Para acordar na incorporação desses resultados na sua noção de direito, a razão tem necessidade de apreciar por si e com a norma que lhe é própria, o valor de tais resultados.

Que há a dizer, senão que a noção de direito, que se tornou a ideia directriz da democracia, somente adquire um conteúdo preciso, justificado, conforme com as exigências da razão, quando está bem integrada na moral, donde, de facto, ela provém? Entre os Romanos e entre os Gregos a noção de direito era essencialmente a expressão daquela lei, suprema de justiça, que se opunha invencivelmente à soberania da força e do arbítrio.

Por detrás das leis escritas do direito havia, ensinava-se, as leis não escritas da moral.

Ou entregar a democracia, sob o pretexto de positivismo científico, aos acasos do espírito de sistema e aos furores das paixões desencadeadas; ou defini-la, regulá-la e idealizá-la submetendo-a ao princípio moral: tal é a alternativa posta perante nós. Poderá, acaso, ser duvidosa a nossa escolha, tendo estudado conscienciosamente a questão?

Notemos, no entretanto, que, para satisfazer às condições do problema, a moral deve ser entendida num sentido lato que nem sempre lhe é atribuído.

Os filósofos gregos concebiam a moral abrangendo a política, não menos que a vida individual. Se Aristóteles distingue a política da ética propriamente dita, não é para a colocar fora da moral. É, ao contrário, porque ele julga que o seu princípio, si-

tuado mais alto ainda que o da moral individual, lhe permite levar mais longe do que esta o aperfeiçoamento do homem, que é o fim da moral política. A política, segundo Aristóteles, é uma moral mais ampla e mais perfeita, que abrange a moral individual como o acto abrange a potência.

Mas hoje ouvimos professar que, sendo somente o indivíduo quem possui uma consciência e que a expressão de ou social ou nacional não podendo ser considerada senão como uma metáfora, a moral, que, aparentemente, só se dirige às consciências, não pode entender-se senão com os indivíduos. É verdade que há quem, tomando este ponto de vista, se tenha alarmado com a ideia de isolar o indivíduo numa independência egoísta e contra natura. Mas julgou-se fazer o bastante para decidir o indivíduo a sair de si, distinguindo um individualismo abstracto ou atónico, que põe os indivíduos fora uns dos outros como unidades aritméticas, e um individualismo concreto, que constata no seio do indivíduo tendências que não podem desenvolver-se desde que este não entre em relações com os seus semelhantes: é o princípio da moral chamada solidarista.

Não hesitemos em reconhecer que estes sistemas impõem à moral restrições arbitrárias.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 395, de 4 de Agosto de 1921.)

Porque hão-de ser os limites da moral os mesmos da consciência individual? A moral é a ciência da forma que convém dar à vida humana para que ela realize o melhor possível a ideia de homem. E não é evidente que as sociedades, as nações, os Estados apresentam caracteres próprios, que os diferenciam dos indivíduos e que comportam formas de perfeição de que a vida individual não é capaz?

Qual é, nesta acepção, o princípio da moral política? É, parece, a ideia de dignidade nacional. Mas o que é uma nação?

O protótipo da sociedade humana é a família. E este tipo esgota a ideia de comunidade humana, no sentido restrito da palavra?

Os membros duma mesma família, além de serem pouco numerosos, são, duma maneira geral, muito semelhantes entre si: têm o mesmo sangue, a mesma língua, os mesmos costumes, a mesma educação, o mesmo fundo de ideias.

Na outra extremidade da escala das sociedades humanas encontra-se a comunidade que a natureza estabeleceu, ou a imaginação sonha, entre todos os homens, qualquer que seja a raça e o género de vida. Nesta comunidade imensa, as diferenças são extremas, o sentimento de formar do conjunto um só corpo, característica da família, já não existe.

Mas nós podemos conceber uma sociedade intermediária entre a família e a comunidade humana universal: esta sociedade comportaria não só a aproximação de homens notavelmente diferentes uns aos outros, tais como os apresenta o género humano tomado no seu conjunto, mas também a existência de um laço de simpatia, de afeição instintiva, recordando o que resulta do parentesco. Como seria infinita a beleza de uma tal sociedade, conciliando e combinando um máximo de amor com um máximo de ser e de diversidade!

Seria a união harmoniosa do um e do múltiplo, do sentimento e da razão, da originalidade e da riqueza. Seria a síntese mais perfeita possível da natureza e da arte, daquilo que, com muita felicidade, se exprime em inglês por «growth» e «manufacture». A família é uma manifestação da natureza. As organizações que se estabelecem entre pessoas estranhas umas às outras são criações mais ou menos artificiais. Uma organização cimentada, ao mesmo tempo e nas mais felizes proporções, pela solidariedade externa e pela afinidade natural, pela utilidade e pelo instinto, não seria a obra-prima do nosso universo?

Uma tal sociedade é precisamente o que se encontra realizada numa nação completamente digna desse nome, segundo Aristóteles. Uma nação não é uma falange, ou uma corporação profissional, composta de indivíduos semelhantes entre si: é um todo, feito de partes dissemelhantes. Por outro lado, uma nação não é um agregado exterior e artificial de indivíduos estranhos uns aos outros: é uma criação viva da própria natureza.

Nós temos presente, neste mesmo instante, um exemplo frisante deste duplo carácter do laço nacional: é o da Alsácia-Lorena nas suas relações com a França. Os alsacianos-lorenos possuem a sua originalidade própria, que a França, religiosamente, sempre acarinhou e respeitou. E, por outro lado, este carácter harmoniza-se em perfeição com o das outras províncias francesas. A Alsácia ou a Lorena não são uma nação, do mesmo modo que a Normandia ou o Franco Condado. É a França que é a nação: a sua multiplicidade é uma unidade, e a sua unidade é uma multiplicidade. E, ao mesmo tempo que uma solidariedade de interesse,

solidariedade externa e um tanto material, liga a Alsácia-Lorena às outras províncias da França, um laço de amor recíproco exprime o parentesco natural e moral dos Alsacianos-Lorenos e dos outros franceses. De modo que, destacada da França, a Alsácia-Lorena não só perderia a sua grande pátria, mas veria atrofiar-se a faculdade de desenvolver o seu génio próprio; e a França, privada da Alsácia-Lorena, ficaria gravemente diminuída quanto à plenitude e ao equilíbrio do seu carácter nacional. Uma mutilação tal como a violência desejaria manter, seria um prejuízo para a Alsácia-Lorena, para a França, para a Humanidade.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 396, de 5 de Agosto de 1921.)

Sendo dada a ideia de dignidade nacional como princípio da moral política, como definiremos, sob o ponto de vista democrático, os dois elementos da democracia: o povo e o governo?

O povo não poderia ser um simples agregado de indivíduos independentes uns dos outros, nem um todo transcendente de que esses indivíduos não seriam senão os delegados passivos e os instrumentos. Nem uma nem outra destas duas concepções corresponde à ideia da nação, como todo simultaneamente uno e heterogéneo, natural e instituído.

O povo, sob o ponto de vista democrático, deve ser definido como um conjunto de indivíduos unidos de tal modo uns aos outros que a sua multiplicidade, variedade e liberdade se subordinem espontaneamente às condições da unidade e que a sua unidade garanta a sua individualidade e liberdade. Por um lado, o todo é uma coisa diferente da soma dos indivíduos, porque ele visa um ideal que os indivíduos, entregues a si próprios, não conceberiam ou tratariam como quimera. Por outro lado, são os indivíduos que dão a realidade ao todo, e este não deve procurar outros fins senão os capazes de assegurar, engrandecer ou nobilitar a sua existência.

O povo é, portanto, um ser simultaneamente uno e múltiplo, uma multiplicidade diversa de cidadãos que se propõem em comum a grandeza da pátria comum: duma maior família una e indivisível, que conserva ciosamente o seu património de honra e de ideal, para ser aproveitado por todos os seus membros. A unidade é realizada pela dedicação dos indivíduos à causa comum; é a coisa pública, é o bem de todos os indivíduos.

A segunda noção implicada na ideia de democracia, a noção do governo, recebe igualmente de princípio moral uma determinação notável.

Não é possível, desde que nos coloquemos sob o ponto de vista moral, aderir nem à tese do governo absoluto, impondo-se aos indivíduos, nem à da soberania inerente aos indivíduos. Qualquer que seja a sua origem, qualquer que seja o seu objecto, um governo sem fiscalização, um governo absoluto, está em contradição com a ideia da dignidade nacional. Importa pouco que esta soberania seja transferida do príncipe para os cidadãos como indivíduos. Um individualismo que não limite de qualquer maneira o direito atribuído ao indivíduo de se governar a si, será também um absolutismo.

Na realidade, os nomes de governantes e de governados, são impróprios. Num Estado normal, como dizia a sabedoria antiga, o verdadeiro, o único governante, é a lei:

«Quem mandará naquele que manda? — A lei». As palavras governantes e governados, que podemos conservar na prática como tantas outras, cujo sentido foi modificado pelo uso, não devem de maneira alguma significar relação de hierarquia, mas simplesmente uma diferença de função. Todo o cidadão é governante quando toma parte na confecção e execução das leis. E governantes e governados são iguais perante a lei suprema: a Justiça. Iniciativa e obediência: estas duas qualidades convêm a todos, são necessárias a todos, fazem a força, a prosperidade, a dignidade de todos. Quer se trate do Estado, quer se trate dos indivíduos, governar-se a si, no verdadeiro sentido da palavra, não é governar-se segundo as suas ideias e desejos pessoais, é governar-se segundo os ditames da justiça e da verdade. Para que um tal ideal possa ser atingido, é indispensável uma estreita cooperação do Estado e dos indivíduos, da organização e da liberdade, da arte e da natureza.

Se, alargando a noção de democracia, tentarmos aplicá-la a sociedades de nações mais ou menos numerosas, somos levados a concepções análogas.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 397, de 6 de Agosto de 1921.)

As nações que entrassem numa tal sociedade, não poderiam ser consideradas nem como indivíduos bastando-se a si e tendo

direito a uma independência absoluta, nem como simples instrumentos de um poder central soberano. Também aqui, entre o Todo e as partes, entre a organização e a liberdade, deve existir uma harmoniosa relação recíproca. Mas é claro que o Todo, o uno, a comunidade, tem muito menos realidade e possui um direito muito menos extenso do que uma nação solidamente fundada e constituída, na qual a organização política é reforçada por uma comunhão estreita de tradições e aspirações, por uma simpatia instintiva e por uma profunda unidade moral. Uma democracia internacional não se concebe senão como uma aproximação relativa entre certas nações, tendo por fundamento a justiça e o interesse comum.

Nunca essa aproximação poderá lesar a integridade moral das nações que, combinando da maneira mais perfeita possível, graças às suas proporções definidas e restritas, e graças às suas origens, a identidade e a diversidade, a razão e o sentimento, a arte e a natureza, representam de certo modo a mais bela, a mais una e, ao mesmo tempo, a mais rica criação que o homem pode realizar. Conservemos zelosamente as nações, mães e guardas da arte, da literatura, da cultura, isto é, da variedade, do interesse, da beleza, da humanidade, da vida humana!

Tal é, determinada segundo o seu princípio moral, a ideia geral de democracia. Desde que seja adoptado este ponto de vista, as dificuldades apontadas sobre as noções de direito, de igualdade ou de solidariedade, e sobre o valor prático dos dados da história ou da sociologia, caem por si. A noção de direito recupera toda a sua precisão, a sua autoridade e a sua pureza, desde que o direito verdadeiro, o direito moral, seja nitidamente distinguido das reivindicações arbitrárias dos indivíduos, dos partidos, dos grupos ou das classes. E as noções de igualdade e de solidariedade oferecem-nos, para determinar a noção de direito, pontos de apoio sólidos, quando exprimam o ideal concebido pela razão, e não a pretensão de fundar, sobre princípios científicos, ambições que, muitas vezes, não representam, de facto, senão paixões ou apetites.

Por outro lado, a história e aquilo que ela fornece como verdadeiramente científico, a sociologia, oferecem à política dados indispensáveis, e aparecem como guias, cujas indicações nunca serão atendidas com atenção demasiada desde que o espírito as contemple e critique os seus ensinamentos à luz da justiça ideal.

As instituições humanas são uma acomodação do facto à ideia. Esta acomodação só é possível pelo conhecimento dos dois termos. A razão ilumina a ideia; a história e a sociologia fornecem o facto.

Em resumo, a noção de democracia, considerada em si, é uma noção formal e abstracta. Significa: — o povo governando-se a si. Esta expressão não tem um significado sério e elevado senão quando é entendida na sua acepção moral. Tomada à letra, ela não indica se o povo ao qual é conferido o dispor livremente de si, deve tomar para lei a justiça ou a fantasia. Imaginai que uma nação está imbuída da ideia de que é todo-poderosa, que possui uma cultura e que foi dotada pela Providência do direito de tratar as outras nações como bestas de carga; bastará que esta nação seja chamada a governar-se a si para que se considere obrigada a respeitar as outras nações? Um animal feroz fica animal feroz ainda quando seja posto em liberdade.

A democracia, para ser digna do seu renome clássico, pressupõe espírito democrático, virtudes democráticas, alma democrática.

A forma nada é sem o fundo, e não pode por si criar o fundo.

A liberdade externa, a ausência de inibição, só é benéfica e admissível quando aquele que dela goza é capaz de liberdade interior e moral.

Tal é, desde que o homem pensa, a doutrina da humanidade. Estas ideias são expressas, em termos quase idênticos, pela sabedoria clássica e pela doutrina cristã.

Lemos em Isócrates: «A condição dum bom governo não é cobrirem-se os pórticos de decretos, mas sim a justiça habitar na alma dos homens.»

Por outro lado, no número das belas e nobres divisas adoptadas pelos diferentes Estados da grande democracia que se chama Estados Unidos da América, figura esta, que pertence ao Estado de Dakota Sul e que tem uma inspiração eminentemente cristã: *Under God the people rule*. «Na lei de Deus o povo reina».

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 400, de 10 de Agosto de 1921.)

Questões de Ensino (o Ensino Secundário) ^(α)

A Educação da Liberdade

Qual é o papel que na *Universidade Francesa*, e em especial no ensino secundário, desempenha a ideia de Liberdade? As polémicas de ordem política ou religiosa desnaturam o problema, quando dão a essa liberdade um significado económico e material, definindo a liberdade do ensino secundário como uma liberdade de concorrência.

A criança seria uma matéria bruta que se trata de «manufaturar», com o selo dum partido ou duma igreja.

Uma tal liberdade seria a morte da liberdade espiritual — única que nos interessa.

^(α) Este texto, publicado no jornal *A Tribuna* em três dias sucessivos, corresponde à tradução de um excerto da obra de Léon Brunschwig *Nature et Liberté*, pp. 115-125, segundo a edição da Ernest Flammarion, Éditeur, Paris, 1921. A tradução de Léon Brunschwig, para além de referir no termo do último artigo o seu nome como autor, aparece no jornal *A Tribuna* com as seguintes palavras introdutórias: «Damos hoje o princípio dum notável estudo do filósofo francês Léon Brunschwig, membro do Instituto e o maior dos tratadistas da história crítica das matemáticas. / Esse estudo, que se refere ao ensino francês, aplica-se a todo o mundo com a mesma profunda verdade. / É, além disso, uma magnífica crítica do conceito de tradição, distinguindo entre a tradição viva do espírito e a morta tradição das fórmulas. / A todos os democratas interessa ver como os mais altos espíritos do mundo sabem fazer democracia e como a todos compete ver a altura dos seus ideais, para que não sejam atingidos por uma crítica, que, ignorando-as, apenas ataca a sua caricatura degenerada. / Aos professores portugueses chamamos a atenção para esta superior definição do verdadeiro espírito do ensino e, em particular, para o que se diz do ensino secundário, por cuja reforma, entre nós, urge que todos se interessem.»

É para dar um foco à liberdade de espírito que desejamos uma Universidade que seja ao mesmo tempo um corpo público e uma organização autónoma, que se torne a consciência intelectual e moral da nação.

É supérfluo insistir sobre a gravidade do problema da educação nacional: todos os dias diminui a parte de herança social que o pai deixa aos filhos; eles não devem mais contar com o seu nome ou funções para se dispensarem de marcar o seu lugar e de o desempenhar pelo mérito próprio; mais ainda, não terão ocasião de esperar que a sua vocação se consolide e que as suas aptidões se desenvolvam — é-lhes preciso começar muito cedo a aprendizagem da vida, porque na multidão dos concorrentes só terão probabilidades de vitória os que cedo definiram o sentido e o fim do seu caminho.

Diante desta necessidade cada vez mais opressiva, não seria prudente escutar os conselhos do interesse e organizar um ensino exactamente apropriado ao estado e exigências da sociedade contemporânea?

Se sabemos de uma maneira precisa como se pratica hoje a divisão do trabalho, faremos um quadro das ocupações resultantes e a ele adaptaremos os indivíduos, especialidade por especialidade, cada um estando assim preparado para encontrar o justo emprego das suas faculdades, e mantido seria o equilíbrio económico e moral da humanidade.

É, contudo, verdade que a concepção utilitária é, na Universidade francesa, excluída do nosso ensino clássico, mesmo sob os múltiplos aspectos que ele sonha para o futuro.

Mais dum inimigo piedoso — temos muitos destes — nos há-de lastimar, deplorando o nosso gosto do passado, o nosso culto das tradições.

Mas eu quero aqui dissipar um prejuízo que seria funesto para o nosso país e para nós; enganam-se, senão sobre a nossa obra, pelo menos sobre as nossas intenções.

Se afastamos a concepção utilitária, não é por medo das novidades, é, pelo contrário, por que o utilitarismo nos parece já atrasado e muito.

Abram os olhos e reconhecerão com uma grosseira evidência que a característica da sociedade moderna é a velocidade do progresso, ou, se preferem, a rapidez da evolução.

Depois da Idade Média, período multissecular, os séculos XVI, XVII e XVIII correspondem a divisões consagradas da história, por-

que correspondem bem à maneira particular que os homens tinham de trabalho, de governo e de pensamento.

Mas o século XIX, que começa em 1789 — é um século único, ou muitos séculos ao mesmo tempo?

Uma só geração viu duas ou três vezes renovarem-se as forças, que triunfam do espaço e do tempo, os focos de calor e as fontes de luz.

Viu literalmente decuplicar-se, com a extensão das regiões abertas à nossa civilização, o campo das nossas preocupações económicas e políticas.

Será preciso, por fim, enumerar as revoluções no domínio da arte ou do pensamento, que nos tornaram acessíveis novas formas de beleza, que tão felizmente alargaram a nossa inteligência de verdade, e o nosso sentido da humanidade?

Aconselhando-nos a utilidade imediata, o utilitarismo teria portanto aconselhado à mais inútil das tarefas.

Trabalhar sobre um modelo do qual teríamos a certeza que estaria velho no momento em que fosse acabado.

Eis porque vos recusaríeis a prender a criança, desde os primeiros anos, ao *mecanismo da sociedade actual*, de a encerrar no lugar preciso que lhe marcasse a divisão do trabalho social; o especialista é prisioneiro da sua especialidade, é preciso poupar àqueles que amais a sorte dos seres que devem sobreviver à função para que foram preparados e que apenas subsistem como órgãos atrofiados.

Resistireis à tentação de livrar a criança de tudo o que excede o horizonte da hora presente; pedireis ao professor que não seja míope, para que o aluno se não torne cego.

O dever para com os nossos filhos é bem mais amplo, mais difícil de cumprir: *devemos reservar, para eles e neles, a liberdade do futuro.*

Queremos que sejam realmente, *em espírito e em verdade*, os contemporâneos da humanidade em que viverem; faltaríamos ao nosso intento se tivéssemos a presunção de os adaptar de antemão a um meio que se modifica sem cessar.

O que importa é comunicar-lhe a força de, por si, se adaptarem; é fazer nascer neles, uma provisão de riqueza intelectual e de energia moral, onde possam ir buscar a facilidade do conceber e a potência de se transformarem.

Em vez de terem sido fabricados como autómatos com destino a certas funções económicas ou a uma certa disciplina social, eles terão criado, por si, o instrumento que lhes permita domi-

nar a nova ordem de cousas, serem dela árbitros, pela independência de julgar, nela colaborarem pelo esforço reflectido da vontade.

A aprendizagem dos hábitos, tão admirável pela habilidade e rapidez, que, numa dada especialidade, o artífice atinge, faz do homem o escravo do passado; mas a *Universidade*, porque tem em conta o futuro, porque quer assegurar as condições necessárias ao progresso, *propõe-se, acima de tudo, desenvolver, no que ela tem de espontâneo, de original, de imprevisível, a potência interior que é o espírito.*

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 406, de 17 de Agosto de 1921.)

II

Como pode o espírito crescer em cada um de nós?

É uma questão posta pelos filósofos, mas que nem só eles são chamados a resolver — felizmente para a filosofia, que se tornaria então uma especialidade, *ela que é a negação de toda a especialidade* — felizmente para a *Universidade*, que não seria o que o seu nome a obriga a ser: uma convergência de estudos múltiplos, uma solidariedade de esforços fundada sobre a própria *unidade do espírito* e levando a esse fim comum, que é a *formação do espírito.*

O Ensino Secundário. — É preciso não nos cansarmos de o dizer, porque os outros se não cansam de o esquecer — é caracterizado por um método geral e *esse método consiste, qualquer que seja a matéria ensinada, em fazer surgir da matéria o espírito.*

A História: Assim, a matéria da história é o passado; ora, que proveito imediato poderemos tirar de experiências feitas por homens que não nos são muito parecidos, em épocas diferentes da nossa, *experiências de resto tão numerosas e tão contraditórias que autorizam todas as interpretações?*

Mas a história dirige-se ao espírito e liberta-nos do passado, porque no-lo faz conhecer!

Se por ela não fôramos avisados, seríamos o natural joguete da sociedade que nos cerca, porque *não saberíamos fazer a destrinça entre as sobrevivências das idades mortas e as ideias que têm força e juventude*, iríamos aceitá-las todas ao acaso como se fossem todas da mesma idade e, então, diante de tal desordem moral e anarquia mental, restar-nos-ia apenas a lástima das nossas cisões e a passiva resignação ao caos.

Mas, em realidade, e segundo uma frase célebre, nós temos poucos contemporâneos.

Poucos homens deixam penetrar nas suas inteligências os acontecimentos que se dão à sua vista, poucos abrem a sua vontade às novas aspirações do seu tempo.

Há pessoas que parecem novas e cujo espírito dorme há muitos anos e, para alguns, há muitos séculos; deixaram de pensar há tantos séculos e a tal ponto, que até se esqueceram de morrer.

A história lembra-se por eles; diz em que época se formou uma ideia, em acordo com esta ou aquela concepção científica ou moral, sob esta ou aquela necessidade política ou económica; marca assim o estado de cada espírito, anima-lhe a data do nascimento, coloca-o no seu verdadeiro quadro.

Dissipa-se o caos aparente das opiniões, resolvendo-se numa sucessão harmoniosa de doutrinas, vindas cada uma na hora própria aflorar na sociedade.

E igualmente se dissipa o equívoco que tem sido até hoje o maior obstáculo das civilizações: *a miragem que transpõe as concepções do passado numa ilusória perspectiva e lhe dá, com a atracção da novidade, as promessas do futuro.*

Se os homens conhecem a história, a história jamais recomeçará.*

O ensino da história dá espaço ao espírito para lhe assegurar o *élan*; encosta, apoia a criança à humanidade passada para lhe firmar o domínio sobre a humanidade futura.

As *Ciências*: a interpretação da história faz-se pela ciência.

A ciência vista de fora, parece um corpo de doutrinas, impondo-se por uma espécie de pressão material; não é ela constituída por conclusões que não é permitido contestar?

Não prescreve ela métodos universais dentro dos quais a inteligência se sente, a pesar seu, arrastada e presa nas rodas dum mecanismo?

De facto, e para quem o praticou, o ensino da ciência é o próprio ensino do espírito, sob a sua forma viva, direi mesmo quase sob a sua forma dramática.

Porque é verdade que toda a descoberta, toda a demonstração nova, se apresentou primeiro como o resultado dum duelo.

Foi na polémica e na controvérsia que foram edificadas as grandes obras do pensamento humano.

* É o indestrutível argumento contra o «Eterno Retorno», de Nietzsche, etc. (Nota do Tradutor).

Deveria relembrar toda a história da física no século xvii, da biologia no século xix: evocarei somente a recordação dum Pasteur.

A contradição foi o acicate dos seus mais belos trabalhos, ela acabou por ensombrar, mais que era justo, a radiação da sua glória nas últimas horas da sua carreira.

Ora cada vez que pomos um problema ao aluno, nós o colocamos nas condições em que pela primeira vez se fez essa conquista, nós o chamamos às fileiras do combate para lutar contra o preconceito e em favor da verdade.

No dia em que ele se apossa do método para distinguir entre aquele e esta, *deixa de ser uma simples testemunha da história para se tornar em seu árbitro.*

Ele saberá extrair da *realidade histórica* a verdade que *sempre subsiste*; em cada progresso realizado segundo a Razão, lê o juízo de Deus, que se pronuncia pelo seu espírito.

A ciência ensina a virtude religiosa, que é a sinceridade absoluta: quem no silêncio da meditação científica se fez a impossibilidade de se mentir, jamais mentirá aos outros.

Se esta disciplina toda racional é *uma condição essencial do nosso ensino secundário*, se ela nada tem que repugne à cultura literária (qual será o exercício de estilo mais honesto e proveitoso que a exacta redacção dum trabalho científico?), *não constitui, no entanto, por ela só, todo o espírito crítico.*

A liberdade de julgar não se esgota no exame metódico e na apreciação rigorosa dos resultados positivos; *de outro modo, o espírito dos nossos filhos correria o risco de parar prematuramente nos limites que lhe fixámos e teríamos de novo a obra comprometida.*

É preciso que eles tenham na alma um foco e como que uma reserva de calor donde ele receba o *élan* para um mundo desconhecido; *donde salte ao encontro da verdade, ainda só pressentida e que surge no horizonte como um simples luar indeciso.*

Tal é o papel do ensino estético.

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 407, de 18 de Agosto de 1921.)

O *Ensino Estético* — no tempo das *Artes Poéticas*, este ensino limitava-se a um sistema de fórmulas rígidas e de preceitos literais; mas o próprio tempo lhe fez justiça: para nós, os românticos são clássicos pelos mesmos títulos dos próprios clássicos: Shakespeare, Goethe ou Lamartine, estão na tradição como Sófocles, Virgílio ou Racine.

A cultura do gosto não consiste em observar as regras, *mas em sabermos subir acima delas, para desenvolvermos, na intimidade das grandes obras, a faculdade da admiração.*

Os retóricos latinos serviam a sua pátria formando o homem de bem, hábil no falar; os seus sucessores tiveram um papel social que é difícil de exagerar: formaram o homem de bem que sabe admirar.

O verso célebre «*La critique est aisée, et l'art est difficile*» passou a provérbio e é falso como um provérbio.

Toda a nossa história o atesta, desde *Polyeucte* ou *Fhèdre*, até aos quadros de Millet ou às sinfonias de Berlioz; não são os artistas que faltaram à crítica, mas a crítica que faltou aos artistas.

O génio tem menos dificuldade em criar uma obra-prima que certos críticos de profissão em abrir os olhos ou os ouvidos e em compreender.

Até aqui, em França — e a nota é só talvez verdadeira para o domínio estético — houve sempre alguém em avanço para inventar e uma multidão em atraso para aplaudir: deixa-se passar em silêncio, a não ser que brutalmente se escorrace do caminho, o grande homem autêntico e espera-se o hábil simulador, cuja principal faculdade é a ciência da publicidade.

Qual é, portanto, o ensino mais necessário ao levantamento moral da nação, senão aquele que saiba preparar «ouvidos novos para uma nova música, olhos novos para as cousas mais longínquas, uma nova consciência para as verdades até hoje emudecidas?».

Filosofia: — A filosofia não tem matéria que lhe seja peculiar e própria, porque a sua matéria é o espírito, tal qual vem de ser formado pelo estudo da *história, a disciplina da ciência e a cultura estética: é sobre este espírito que ela exerce a sua reflexão para lhe fazer mostrar a Unidade.*

Enquanto fechamos os olhos ao que somos no mais profundo do nosso ser, o espírito é para nós uma potência misteriosa; a maior parte dos homens aceita que eles são seja o que for, bocados de lava na lua, como dizia Fichte, antes que ousem ser eles próprios, antes que se façam uma convicção pelo esforço do pensamento e imprimam à sua conduta a marca da sua personalidade moral.

É, contudo, um facto, que toda a razão humana é aberta à infinidade de ideias que se desenrolam e encadeiam para construir a verdade; é, contudo, um facto, que pertence a cada um, por um escrupuloso exame, desenredar o emaranhado das suas vontades e reconquistar, para a luz da consciência, uma parte

cada vez maior do seu ser íntimo, até que finalmente desenraíze a parcialidade e o egoísmo da natureza.

Sem dúvida se queixarão de serem *déracinés* os que têm saudades da vida vegetativa; mas — a frase está já em Aristóteles — é preciso optar por ser planta ou por ser homem.

A filosofia consagra o homem, elevando-o à dignidade da liberdade, fazendo-lhe ver, igual a essa liberdade, a sua responsabilidade em frente aos outros.

Se a filosofia — que quer ser julgada, não pelo que foi em certas épocas e em certos sistemas, mas pelo que é hoje na nossa Universidade nacional — reivindica para si a tarefa de coroar o ensino, é porque ela põe, em termos claros e decisivos, o problema do destino moral de que todos os estudos anteriores tinham preparado a solução.

Estes associaram a criança a todos os esforços colectivos que quebraram uma a uma as cadeias da natureza e as tradições da sociedade, fizeram passar em cada homem a humanidade inteira; para que teriam servido se ninguém viesse a fazer a síntese e tirar a conclusão, para mostrar que todos nos devemos ao serviço da humanidade, dando-lhe o que dela recebemos: a luz da nossa razão e a pureza da nossa vontade?

Para que traçar as origens seculares do progresso, se os nossos filhos não se quisessem associar à obra que ele continuará indefinidamente? É preciso que eles o queiram, é preciso que saibamos libertar as suas energias do preconceito que obscurece e do ódio que entrava, que fundemos sobre a rectidão da inteligência e a generosidade do coração a unidade moral da pátria. Em definitivo, o mais alto pensamento de que se inspira a Universidade é a frase inesquecível do Evangelho: «Deixareis os mortos sepultar os mortos. E nós trabalharemos na prática da Caridade que é o dever dos vivos para com os vivos.»

Os que têm necessidade de nós reclamam todas as nossas forças e todo o nosso tempo: iremos para eles e connosco levaremos os nossos mortos; faremos florescer de novo o que eles tiveram de melhor, aquilo por que os amamos: o seu desejo de verdade, o seu respeito do direito e a sua bondade.

Os Arquimedes, Lavoisier, Corneille, Hugo, Marco Aurélio, Descartes, são verdadeiros professores de nossos filhos; a eles levamos os alunos do nosso Ensino nacional.

Por eles se explica a *neutralidade da Universidade, que é a forma exterior da sua existência, visto que ela é a condição da sua independência espiritual.*

A Universidade é neutra neste sentido: ela refere ao passado todas as doutrinas que do passado recebe, coloca-as na perspectiva da sua verdade e destaca esta cousa que as excede — O MÉTODO DA LIBERDADE QUE PREPARA O FUTURO.

A censura de não termos doutrina imóvel aceitamo-la, e dela fazemos o nosso elogio.

Porque há duas espécies de educadores:

Uns partem dum sistema fixo de antemão sobre o qual querem modelar a inteligência e a vontade dos alunos; terão vencido quando conseguirem, debruçados sobre os cérebros dos jovens, contemplar a imagem dos seus próprios pensamentos, estagnados em autocontemplação.

Mas nós tentamos não misturar na nossa obra nem uma suspeita de egoísmo ou estreiteza intelectual; instruiremos os nossos filhos, não para nós, mas para eles.

E se eles nos contradisserem, se eles chegarem a organizar novas disciplinas de verdade e de moralidade, reconheceremos, por esse sinal, que formamos não alunos mas mestres, não crianças, mas homens.

(De Léon Brunschwig)

(*A Tribuna*, Diário Republicano da Manhã, Porto, ano II, n.º 408, de 19 de Agosto de 1921.)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abramowski, E., 160
Agassiz, Louis, 389
Agostinho (Santo), 451
Althusius, 180
Ampère, 195
Apolonius, 195
Aquino, Tomás de, 338
Aristóteles, 21, 183, 316, 368, 382, 415-416, 434
Arquimedes, 77, 306

Bentham, Jeremy, 87
Bergson, 70, 99, 108, 141-142, 155, 156-161, 163-165, 210, 315, 366, 368, 388, 440, 443
Berkeley, Georg, 416
Betchterew, 435
Binet, Alfred, 160, 162-163, 165
Blaringhen, 210
Bocage, 128
Böhme, Jacob, 316
Boirac, 160, 322, 443
Borel, Émile, 146
Boutroux, Émile, 108, 158, 210, 314-316, 352, 437, 440, 491
Braga, Alexandre, 200, 202-204
Bruno, Giordano, 107, 170
Bruno, Sampaio, 196
Brunschwig, Léon, 372, 491
Budha, 456
Byron, George, 90

Cabanillas, Ramón, 480
Camões, 43, 70, 75, 79-80, 86, 126-128, 195, 218, 255, 481

Cantor, Georg, 146
Carnot-Clausius, 349, 388, 477
Castro, Rosalia de, 479, 481
Cervantes, 79, 114
Comte, Auguste, 108, 165, 167, 188, 341, 368, 372, 409, 474
Condorcet, Antoine, 354
Copérnico, 107, 155, 383
Cournot, Antoine, 148, 368
Cousin, Vitor, 341
Cristo/Jesus, 28, 38, 50, 59, 66, 79, 85, 91, 107, 114, 127, 175, 184, 217, 243, 256, 289, 290-291, 309, 434, 449, 451-459
Cruz, Frei Agostinho da, 128
Curie, 195
Curros, Manuel, 480
Cyon, Elie de, 348

Da Vinci, Leonardo, 107, 185, 416, 418
Dante, 66, 70, 77, 235, 292
Darwin, Charles, 153
Delage, Yves, 163, 397
Descartes, 141, 150, 154, 161, 186, 338, 383, 400, 401, 416, 438
Deus, João de, 124, 128
Diógenes, 29
Du Bois-Reymond, Emil, 146
Duhem, Pierre-Maurice, 21, 153, 169, 315
Dumas, Georges, 163
Durkheim, Émile, 49, 157, 170, 181, 316, 333, 370, 411-412, 460, 482

- Einstein, 190, 195, 210, 301-302, 304, 309, 369, 371, 397-398, 477
- Eleia, Zenão de, 413, 438, 450
- Empédocles, 29, 153
- Espinosa, 161, 338, 368, 372, 415, 418-419, 430
- Ésquilo, 70, 80, 114-115
- Euclides, 149, 301, 388, 418
- Faraday, 190
- Fechner, Gustav, 393
- Ferrer, Francisco, 113
- Fichte, 141, 367
- Freud, 160
- Galileu, 107, 170, 400, 418
- Garrett, Almeida, 128
- Gauss, Carl, 301
- Goethe, 129, 130, 367, 370
- Grassman, 147
- Grotius, 180
- Guillaume, Charles Édouard, 303
- Guillemot, 154
- Guyau, Jean-Marie, 39
- Haeckel, Ernst, 63, 206, 314, 347
- Hamelin, Octave, 108, 137, 142, 432
- Hannequin Arthur, 348
- Hartmann, Eduard von, 371-372
- Hegel, 97, 137, 141, 206, 339, 357, 363, 367, 378, 409, 417, 424
- Heraclito, 19, 28-30, 127, 203, 206, 306, 398, 420, 422
- Herbart, Johan Friedrich, 387, 427
- Hermite, Charles, 148
- Hesíodo, 80, 105
- Hilbert, David, 415
- Hugo, Vítor, 279, 301, 483
- Humboldt, Karl Wilhelm, 347
- Hume, David, 133, 386, 416
- Huxley, Thomas, 155
- James, William, 158, 210, 316, 388, 436
- Janet, Paul, 160
- Kant, 50, 70, 107, 134, 141, 155, 182, 186, 316, 339, 341, 368, 372, 383, 386, 415-419, 422, 428
- Kepler, 107
- Lachelier, Jules, 134-137, 169, 351
- Lagrange, M. J.-L., 61
- Lamarck, Jean-Baptiste, 153
- Langevin, Paul, 303
- Laplace, 366
- Le Bon, Gustave, 54
- Le Dantec, Félix, 63, 154-155, 169, 314, 358, 368, 391
- Le Roy, 173, 175
- Leibniz, 61, 195, 210, 338, 358, 361-362, 369, 383, 396-397, 399-401, 409, 424-427, 440-441, 461
- Lenine, 95, 99, 301
- Leopardi, Giacomo, 90
- Lévy-Bruhl, Lucien, 136, 144, 172, 182, 411
- Lindemann, 148-149
- Liouville, Joseph, 148-149
- Lorentz, Hendrik, 302
- Martins, J. Oliveira, 358, 371, 373, 402, 404
- Marx, 97, 187
- Maspero, Gaston, 175
- Maxwell, James, 170, 190, 195, 388
- Melisso, 450
- Mendel, Johan Gregor, 154
- Metchnikoff, Elijah, 174
- Meyerson, Émile, 386, 426, 450,
- Mileto, Tales de, 413
- Mill, John Stuart, 133, 136, 141, 152, 162, 196, 418
- Minkowski, Hermann, 414
- Miranda, Sá de, 128
- Morais, Ângelo de, 46
- Mourgue, 164
- Naville, 153
- Newton, 61, 70, 77, 107, 186, 195, 303, 363, 369, 383, 418
- Nietzsche, 42, 54, 97, 141
- Nobre, António, 122, 128, 130, 255, 277-278, 481
- Ostwald, Wilhelm, 171
- Parménides, 450
- Pascal, 438

- Pascoaes, 479
Pasteur, 92
Paulo (São), 451
Peralta, João, 227, 253, 275, 297, 478
Perrier, Edmond, 163, 397, 436
Pitágoras, 20, 29, 185, 248, 306, 413
Planck, Max, 210
Platão, 19-22, 70, 80, 105, 183, 185, 290,
305-309, 405, 413, 415, 422
Poincaré, Henri, 108, 144, 147, 153,
173, 187, 210, 315-316, 352, 414,
419, 439, 440
Pondal, Eduardo, 480-481
- Quental, Antero de, 106, 124, 128, 325,
329, 333-335, 337, 340, 347, 349,
351, 353, 357-358, 360-361, 363-
-364, 367-373, 377-382, 384-387,
390, 393-395, 397, 399-400, 402-
-405, 409-410, 423, 426, 429, 437,
442-443, 447, 459
- Reis, Soares dos, 81, 106, 333
Renouvier, Charles, 105, 108, 147, 210,
315, 351, 358, 424, 432
Ribeiro, Bernardim, 124, 127-128
Ribeiro, Álvaro, 491
Ribeiro, Ângelo, 23, 27, 30, 305
Ribot, Théodule, 160
Roberty, 140, 165, 170-171, 369, 383
- Rousseau, 87-88, 180, 186, 215
Russell, Bertrand, 426, 428
- Schelling, 339, 367, 370, 372, 409, 423
Schopenhauer, 55, 90, 105, 325, 372,
404, 429, 461
Shelley, Percy, 394
Sócrates, 22, 28, 80, 105, 116-117, 144,
171, 316, 403, 413, 450
Sollier, 163
Sorel, Georges, 42, 99, 211
Spencer, Herbert, 136, 170, 379, 417
- Taine, Hippolyte, 187, 387
Tarde, Gabriel, 54, 66
Tolstoi, Leão, 59
Torricelli, Evangelista, 180-181
- Unamuno, Miguel de, 113-115
- Vicente, Gil, 128
Virgílio, 127
Vries, Hugo de, 210
- Wagner, 41
Weissmann, August, 174
Wells, 70, 157
Whitehead, 210, 315, 428
Wundt, Wilhelm, 151, 349

ÍNDICE SISTEMÁTICO

- A Divina Comédia*, 80
Abandono, 264, 280, 326
Abismo, 272, 284, 292, 296, 369, 430, 462; abismo de Alegria, 295; abismo do meu mada, 255; abismo do Nada, 281, 325
Absolutismo, 87-88, 411, 414
Absoluto, 302, 337, 345, 351-354, 358, 360, 362, 369, 371-372, 377, 379, 382-384, 394-396, 400-404, 410, 413, 418, 428-429, 437; absoluta constância, 304, 352; constante absoluta, 302; pouco de absoluto, 139
Abstracção, 341-342; abstracção formalista, 21; abstracto, 21; síntese de abstractos sensoriais, 137
Acaso, 90, 93, 113, 137-138, 148, 211
Acção, 62, 95, 99, 102, 157, 159, 167, 177, 211, 213, 365, 388, 390, 395, 435; princípio de acção: actividade revolucionária, 418
Acidente, 183, 402
Acontecimento, 458
Acosmismo, 154
Actividade, 157, 320, 343, 390, 393, 399, 421; actividade da vida, 389; actividade de consciência, 397; actividade do pensamento, 400-401; actividade energética, 397; actividade funcional, 387; actividade interna, 438; actividade monadológica, 397, 400, 426; actividade pensante, 380; actividade sintética do pensamento, 390
Acto, 191, 344-345, 370-371, 377, 403, 421; Acto de Amor, 370; Acto Puro, 369-370, 377-378
Actualismo, 211, 368
Adoração, 221, 231, 267, 295
Agnosticismo, 459
Água, 243, 249
Alegoria da Caverna, 80, 290, 306
Alegria, 23, 25, 30, 48, 58, 90, 108, 120, 243, 248, 277
Além, 292
Alma, 22, 29, 76, 83, 120, 320, 342, 436, 443; alma epifenómeno, 161; alma humana, 20, 30, 37; alma portuguesa, 43; alma substancial, 161
Alturas, 262
Alucinação, 321
Amada, 270, 325
Amado, 268-269
Amizade, 483
Amor, 26, 29, 58-59, 73, 78, 94, 96, 107-108, 111-112, 117, 127, 192, 217, 290, 307-309, 360, 362, 370, 373, 395-396, 400-401, 404-405, 423, 429-430, 433, 439, 442, 457; a caridade do teu Amor, 258; Amor: a Grande Presença Universal, 85; amor da Pátria, 48, 81; amor da Verdade, 116; amor/

- Amor de Deus, 81, 290; amor do meu desvairo, 235; amor do meu Exílio, 248; Amor Eterno, 277, 289, 291, 296; amor genésico, 308; amor/Amor humano, 292, 307; Amor Ideal/União com Deus, 308; Amor infinito, 79; amor intelectual, 30; amor intelectual de Deus; Amor piedoso, 248; amor platônico, 302, 305-306, 308-309; amor: saudade de Deus, 257; amor saudoso, 83; Amor transcendente, 114; amor unificante, 184; Amor violento, 235; canto ao Amor desconhecido, 258; ceguinhos do Amor, 279; Estátua do Amor, 296; em pura união de Amor, 271; infinita fome do meu Amor, 264; luz do Amor, 279; Meu Amor, 229-231, 236, 241, 255-256, 261-263, 271, 278, 280, 285, 290-291, 295; meu abençoado Amor, 231; meu Amor com asas, 250; meu amor divino, 236; meu Amor do além dos mundos, 281; meu Amor do Infinito, 280; Meu Amor dos Céus, 296; Meu Amor santíssimo, 243, 262-263; Meu Amor saudoso, 237, 243; meu piedoso amor/Amor, 256-258; Mistério do Amor divino, 292; o Amor, 280, 285, 290; O meu Amor, 281-285; o meu Amor é o Tâmega, 282; os olhos do meu Amor, 287; puro amor, 345, 429, 463
- Analfabetismo, 470
- Analítico, 383
- Analogia, 129, 136, 138, 167-168, 172, 177, 189, 344, 392-393, 397, 400, 410, 415, 423-424, 426, 432, 434-435; analogia científica, 423; analogia do pensamento e do ser, 178; analogia do Ser, 423
- Anarquismo, 97
- Andrógino, 288
- Anticristo, 59
- Antinomia, 97-99, 110, 351, 353, 358, 362, 371-372, 379, 383-384, 459
- Antítese/Antagonismo, 97, 341, 350; antítese liberdade-determinismo, 344
- Aparência, 20, 202, 307, 342, 352, 364, 371, 403, 413, 425, 451; aparecimento, 156; aparência fenomênica, 364; aparição, 247
- Apolíneo, 29
- Apostolado da Oração, 44
- Apriorismo, 21, 34, 141, 340-341; *a priori*, 139; apriorismo dogmático, 341
- Arco-íris, 272
- Arte, 28, 79-80, 82, 91, 111, 166, 178, 195, 197, 200, 208-210, 307, 323, 391, 443, 483; artista, 28, 50, 56, 80, 202-204, 208, 217, 365, 423; obra de arte, 82
- Ascetismo, 77, 308, 449
- Assimilação/Adaptação, 62, 142-143, 154, 157, 364, 380, 388, 390
- Associação/Dissociação, 34, 37, 42; leis da associação, 158
- Associações, 93; Associação católica, 45; associações clericais, 44; primitivas associações, 452
- Associonismo, 34, 36
- Atomismo, 158, 210, 348, 353, 398, 410, 428; atomismo do ser, 55; atomismo lógico, 428; atomismo logístico, 387
- Átomo, 359, 387, 391, 393, 426, 428, 438
- Atributos, 361
- Aurora, 263, 281
- Ausência, 441
- Autonomia, 38, 186, 429
- Autoridade, 62, 109, 206
- Autoritarismo, 206; autoritarismo dogmático, 62, 209; autoritarismo económico, 96; autoritarismo político, 96
- Axiomas, 187, 415, 418-419
- Beatriz, 247, 292
- Beleza, 20-22, 29, 39, 48-49, 60, 72, 79, 82-83, 86, 102, 111, 115, 185, 197, 199, 201, 203, 208, 216, 219, 232, 264, 288, 305-307, 315, 394, 396;

- Beleza da União com Deus, 308;
 Beleza pura, 307-308; Pura Beleza, 309
- Bem, 83, 362, 404, 428, 441-443; forças de bem e de mal, 85; Supremo Bem, 22, 307-308, 442
- Bergsonismo, 42, 142, 155-156, 163, 365, 384
- Bíblia, 70, 182; bíblias, 78
- Biologia, 109, 152, 159, 165, 368, 401
- Bolchevismo, 209, 212-213; crise bolchevista, 216
- Bondade, 22, 102, 208, 242, 251, 255-256, 258, 396
- Budismo, 105, 124, 358, 360, 363, 369, 371, 449, 451, 456, 458, 483
- Cabala, 126
- Cabelos, 233, 235-237, 247, 267, 277
- Calúnia, 57-59, 73
- Caminhos da aldeia, 262
- Caminhos da Vida, 280
- Caminhos das Almas, 280
- Cantares, 265
- Caos, 59
- Catastrofismo, 211; catastrofismo social, 94-95
- Categoria, 21, 107, 134, 183, 186, 189, 338, 417; categorias colectivas, 209; categorias de pensamento, 183; categorias do ideal, 213; categorias do real, 213; categorias imperativas, 186; categorias racionais, 189; categorias sociais, 182, 186-187, 212
- Causa, 155, 162, 171, 177, 344-345, 347, 352-353, 365, 381, 435; causa final, 135, 345; causas eficientes, 139; lei da seriação causal, 134-135; lei das causas eficientes, 135
- Causalidade, 133, 136-138, 151, 153, 155, 160-161, 166, 170, 177, 183; causalidade abstracta, 366; causalidade científica, 435; causalidade eficiente, 162; causalidade finalista, 176; causalidade física, 149, 160, 162, 179; causalidade mecânica, 136-138
- Cavalaria, 114
- Centenário, 218
- Cepticismo, 449-450, 459
- Cérebro, 160-161; cerebração, 161; cerebralidade, 314, 435-436
- Certeza, 170-174, 176, 383, 411, 414, 416-417, 419; certeza científica, 170, 172-173
- Céu, 461
- Ciência, 21, 49, 77, 79, 82, 91, 107-111, 139, 152, 161, 166, 178, 180, 187, 190, 195, 197, 209-210, 212, 307, 309, 315-316, 320-321, 323, 334, 337, 340-342, 347-348, 360, 366-367, 380-381, 383-388, 390-391, 393, 400, 418, 437-438; ciência: coisa realidade exterior, 190; ciência: irmã da filosofia, 381; ciência: matéria-prima da filosofia, 347; ciência moderna, 107-108, 110; ciência: obra da liberdade, 108; ciência ontológica, 386; científico, 365; concepção científica, 385; idolatria da ciência, 108; metodologia científica, 384; teoria da ciência, 381
- Cinesesia, 155, 163
- Civilização, 90, 318, 346, 404
- Classes, 98, 216; luta de classes, 38
- Clericalismo, 219
- Comédia, 114; cómico, 114
- Complexidade/Complexo, 21, 341-342, 396-397, 399
- Compossíveis, 394, 424-425, 432, 435-436, 441
- Comunicação, 185-186, 353, 396, 435, 437, 440; comunicação mística, 181; comunicação universal, 29
- Comunismo, 213; burguesia/proletariado, 215
- Conceito, 106-107, 165, 176, 206, 304, 320, 386, 413-414, 416, 426, 438, 449; conceito: produto espontâneo da razão social, 107; conceitos objectivos, sociais, 106; conceptual, 21
- Concepção, 320, 362
- Congreganismo, 46-47
- Conhecimento, 20, 22, 55, 136, 141, 165, 188, 339, 343, 350, 377, 384;

- acto de conhecimento, 163, 320;
a priori do conhecimento, 21;
 conhecer: relacionar, 82; conhe-
 cido, 320; conhecimento cientí-
 fico, 107, 337, 342, 348, 384;
 conhecimento: criação da Vonta-
 de, 55; conhecimento de Deus,
 120; conhecimento experimental,
 161; conhecimento geométrico,
 20; conhecimento humano, 20;
 conhecimento metafísico, 350;
 conhecimento teosófico, 319; co-
 nhecimento: vida concreta e real
 do pensamento, 138; objecto de
 conhecimento, 163; teoria do
 conhecimento, 20-21, 133, 166,
 304
- Consciência, 21-22, 25, 27-28, 37, 49,
 56, 70, 76-77, 79-80, 105, 111-112,
 123, 126, 132, 155, 160-163, 197-
 -198, 309, 312, 320, 337, 339, 342-
 -343, 346, 353, 364, 372, 380, 386-
 -387, 391-392, 417, 422, 427, 430,
 432, 442; campo de Consciência,
 178, 203; consciência do dever,
 116; consciência bolchevista, 95;
 consciência científica, 77; consci-
 ência colectiva, 94-95, 181, 184,
 187; consciência epifenómeno,
 155; consciência: força-tipo, 423;
 consciência humana, 350; cons-
 ciência individual, 182; cons-
 ciência inventiva, 196; consciên-
 cia-memória, 160; consciência
 moral, 58, 340-341, 358, 380, 385,
 391, 405; Consciência poética,
 132; consciência social, 94, 96,
 182-183, 195-196, 365, 372, 412,
 439; Consciência total, 365; cons-
 ciência criadora, 167, 405; cons-
 ciência, 158; sanções da cons-
 ciência, 181; elementos de
 consciência, 387; factos da cons-
 ciência, 391
- Consciencialidade, 393, 424
- Contemplação, 339
- Contingência, 134, 315, 352-353, 424;
 contingência das leis da natu-
 reza, 314; contingente, 361, 437
- Contingencialismo, 158, 316, 340, 352
- Continuidade/Contínuo, 132, 134,
 158, 210-211, 388, 427-428; conti-
 nuidade matemática, 428; conti-
 nuidade moral, 126
- Contrários, 363
- Contrato Social, 186, 419
- Convívio/Convivência/Convivente,
 421-422, 429, 431, 434, 459
- Cooperação económica, 110
- Cooperativa, 93
- Coração, 300
- Corpo, 22, 29, 117, 201, 421, 427; cor-
 po de bárbaro, 235; corpo: espí-
 rito instantâneo, 461
- Cosmogonia, 105, 307
- Cousa, 21, 29, 84, 122, 135, 138, 190,
 241, 350, 358-362, 370-371, 391,
 394, 403, 411, 430, 434, 438; dia-
 léctica da cousa, 371
- Cousicismo, 361, 394, 397
- Crença, 34, 94, 96
- Criação, 42, 108, 207, 368, 370, 373,
 378, 458-459, 463, 483; criação
 artística, 423; criações, 339, 436
- Criacionismo, 110, 133, 156, 173, 303,
 419, 433, 459, 477; criacionismo:
 vida da Razão, 419; criacionista,
 70, 77, 99, 156, 167, 319, 334, 455;
 evolucionismo criacionista, 315;
 Razão criacionista, 378; Unidade
 criacionista, 334
- Criança, 50, 215, 229, 243, 296
- Crise, 211; crise de crescimento, 211;
 crise de morte, 211
- Cristianismo, 96, 105, 107-108, 110,
 184-186, 360, 363, 449-452, 455-
 -460, 462, 483; cristão, 460-461;
 cristianismo originário, 453; ensi-
 no de Cristo, 455; espírito do
 cristianismo, 449, 453; novo nas-
 cimento 451; renascimento em
 Cristo, 461; segundo nascimen-
 to em Cristo, 451; significado
 criacionista do cristianismo, 459
- Crítica/Criticismo, 166, 341-342, 346,
 348, 372, 386, 409, 416
- Culto da deusa Razão, 186
- Culto do Ente supremo, 186

- Dado, 156; dado objectivo, 417
- Darwinismo, 39, 162
- Dedução, 140, 143-144, 155, 168-169, 340, 379, 415, 418
- Definições, 419
- Democracia, 63, 67, 108-110, 166, 191-192, 196, 208-209, 212-213, 219, 310, 313; democracia progressiva e reformista, 216; democracia solidarista, 217; democrata, 219; democratização da Pátria, 313
- Descontinuidade / Descontínuo, 134, 210-211, 315, 388, 410, 427-428
- Desejo, 102, 119, 236, 364
- Desenvolvimento, 338-339; desenvolvimento dialéctico, 367
- Deserto, 243, 256, 434
- Destino, 59, 109, 126-127, 333
- Determinismo, 108, 113, 136, 138, 153, 176, 210-211, 314, 341-342, 350, 365, 388, 390, 413, 435; determinismo causal, 135; determinismo mecânico, 138; determinismo lógico, 341
- Deus, 19, 24, 30, 58, 76, 79, 85, 117, 129, 157, 167, 181, 187, 199, 202, 213, 229-232, 243, 248, 326, 334, 337, 345, 362, 365, 369, 394-396, 401, 403-405, 419, 425, 427, 433-434, 436, 444, 461; amor de Deus, 218; Deus: campo de consciência, 434; Deus: consciência das consciências, 434; Deus de infinito amor, 85; Deus: espírito, 461; Deus geometra, 427, 439; Deus incompleto e imperfeito, 196; Deus: Memória, 444; Deus: pura e continuada «Invenção de Amor», 334; Deus: puro Amor, 444; Deus-relação das almas, 186; Deus saudoso, 454; Deus-seres, 428, 432; Deus-solidão, 427, 433; Deus transcendente, 396; Deus: Unidade da Experiência, 196; Jeová, 28; ideia de Deus, 196; noção de Deus, 213; pensamento de Deus, 435; Pensamentos de Deus: almas, 436
- Dever, 213, 345, 449-450
- Dia, 289
- Dialéctica, 21, 42, 106, 141, 157, 159, 169, 340-341, 358, 361-362, 367, 371, 386, 391, 396, 417, 424, 432, 438; dialéctica bergsonista, 157; dialéctica científica, 21; dialéctica da Razão, 405; dialéctica darwinista, 157; dialéctica experimental: alma das ciências, 97; dialéctica hegeliana, 97, 385; dialéctica indutiva, 176; dialéctica platónica, 21; dialéctica sociológica, 98; dialéctica socrática, 106; momento dialéctico, 106; movimento dialéctico do pensamento, 140-141
- Diferença/Diferente, 139, 143, 145, 154
- Dinamismo, 339, 344, 409; dinamismo mecânico, 344; dinamismo psíquico, 344; fisiodinamismo, 358; psicodinamismo, 358, 360, 423-424, 426
- Direccionismo/Direcção, 315, 399
- Direito, 181-182, 345, 487; direito da força, 41; novo direito, 99
- Distância, 258
- Ditadura, 313
- Diversidade, 26, 143, 145, 147, 338, 346, 363, 370; diverso, 140, 144, 148, 150, 168, 173, 363, 372-373, 389, 427-428, 442, 450, 458; diversidade unificada, 428
- Divindade, 432, 488; *laus Divo*, 223
- Dogmatismo, 340-341, 344, 380, 385; dogmatismo apriorístico, 341; dogmatismo filosófico, 340
- Dor, 105, 114, 117, 119, 120, 125-127, 267, 325, 327, 441; dor Humana, 125
- Dualismo, 136, 138, 161, 359, 392, 450-451
- Duração, 358, 363-364, 367-368, 370-372, 437-440
- Educação, 435-436, 483
- Efeito, 155, 171, 365, 435
- Eleatismo, 19, 29, 366, 371, 387, 420, 422, 451, 459; eleatismo da Ra-

- ção, 361-362, 371; escola de Eleia, 413; imobilidade eleática, 29
- Electromagnética, 151, 176, 397, 426
- Elemento, 396, 414, 425
- Eloquência, 203
- Emanação, 218, 338
- Emoção, 185; emoção intelectual, 29
- Empirismo, 62, 134, 136, 139-140, 166-167
- Encanto, 279
- Enciclopédia, 186; homens da Enciclopédia, 186
- Encontro, 272-273, 289-290, 277, 281, 288
- Energética, 388
- Energia, 151, 171, 195, 205, 210, 352, 397, 437, 440
- Enigma, 363, 370, 381
- Ensino, 35, 195, 469, 471-472; descentralização do ensino, 471; ensino estético, 48; ensino universitário, 47; ensino técnico, 48; Escola Normal Superior, 473-474; escolas, 472; Escolas primárias superiores, 49; professor primário, 473; serviço dos professores, 471
- Entendimento, 364
- Entropia, 151, 154, 365, 367, 439
- Epicurismo, 449
- Epifenomenismo, 55, 161-162; epifenomenismo de consciência, 55, 386; epifenomenismo psíquico, 55
- Epifenômeno, 22, 155, 161, 314, 386, 391, 435
- Epistemologia, 152
- Epopéia, 85, 122
- Equilíbrio, 109; equilíbrio dinâmico, 109; equilíbrio estático, 109
- Erro, 20, 403
- Escolas: escola de Comte, 108; escola Durkheim, 157
- Escolástica, 166, 185-186, 206; escolasticismo, 167, 206
- Esoterismo: esotérico, 321; exotérico, 321; experiência iniciática, 322; iniciados/não iniciados, 321-322
- Espaço, 106, 125, 150, 170, 183, 213, 261, 264, 268, 271, 301, 304, 311, 341, 359, 413-414, 419, 425, 438, 460; espaço: forma de exterioridade, 304; espaço euclidiano, 413; Espaço Imenso, 126; espaços hiperbólicos/elípticos/parabólicos, 304; não-euclidianismo do Espaço, 301
- Espécie, 183, 310, 338
- Especulação, 340-341, 347, 381
- Esperança, 272
- Espinosismo, 372, 400, 409
- Espiritismo, 155, 210
- Espírito, 42, 134, 136, 156, 201, 205, 208, 320, 339, 343-344, 350, 352, 358, 359, 386-387, 392-393, 395, 419, 423-424; espírito científico, 190; espírito cristão, 190; espírito de raça, 452; espírito instantâneo: inatéria, 440; espírito social, 196; evolução do Espírito, 404; valores do espírito, 42
- Espiritualismo, 63, 206, 341, 344, 386; espiritualismo francês, 341; espiritualismo profundo: vida da Razão, 217
- Espontaneidade, 338, 343, 348, 390-391, 393
- Essência, 20-21, 34, 403, 419, 430, 450
- Estado, 213, 311; estado cristão, 460; estados de amor, 460; razão de Estado, 113
- Estética, 39, 49; estetismo, 372; inestéticas, 300
- Estoicismo, 449
- Éter, 104, 128, 130, 151, 190, 201, 210, 248, 302, 362, 397; éter envolvente, 83; éter interior, 83
- Eternidade, 76, 82, 114, 123, 157, 289, 308, 409, 461-462; eterna, 383; eternidade imóvel, 196-197
- Eterno feminino, 291
- Eterno retorno, 55
- Ética, 20, 419
- Eu, 136, 141, 353, 360-361, 394, 404, 433; eu absoluto, 343; eu limitado, 345
- Eurídice, 292
- Evangelho, 79, 483; Evangelho de S. João, 261

- Evolução, 108-109, 181, 196, 210-211, 316, 320-321, 340, 342, 345-346, 348-350, 367, 395, 404-405, 409-410, 428, 440-442; Evolução Criadora, 159-160; evolução das leis em natureza, 315; evolução das plantas, 410; evolução dialéctica da Razão, 417; evolução dos animais, 410; evolução: espiritualização do Universo, 345; evolução imanentista, 358; evolução individual, 409; evolução: questão de grau, 354; evolução total, 409; evolução universal, 345
- Evolucionismo, 342, 349, 352, 417, 426, 440; evolucionismo como aumento de ser, 345; evolucionismo criacionista, 315; evolucionismo mecanista, 410; evolucionismo naturalista, 349; evolucionismo progressivo, 94
- Excesso/Excedência/Excedente, 40, 51-52, 57-60, 70, 77, 80-81, 97-98, 109, 114, 119, 130, 146, 158, 160, 167, 173, 176, 196, 205, 214, 368, 370, 378, 382, 394-396, 427, 433, 436, 451, 454-455, 459
- Exílio, 248, 306, 442; flor do meu exílio, 258
- Existência, 124, 135-136, 140, 156, 345, 369, 419; direito lógico de existência, 162; drama da Existência, 123; existência: cognoscível irreal, 138; existência do mundo, 140; existência: incognoscível absoluto, 138; existência objectiva, 138; existência real, 139; existência: real necessário cognoscível, 138
- Experiência, 21, 62-63, 91, 123, 133-134, 140, 142, 144, 160, 166, 169, 171-172, 175, 182, 184, 186, 194-195, 197, 211, 213, 303-305, 337-338, 340, 344, 348, 351-352, 361, 371, 378-382, 384, 404, 410, 416-417, 419-422, 428; condições formais da Experiência, 186; experiência científica, 21, 144, 161, 380; experiência colectiva, 91; Experiência construtiva, 182, 187; experiência de amor, 458; Experiência humana, 380; experiência religiosa, 63; Experiência: sistema de relações, 210; experiência social, 64, 166; experiência socializada, 166; experimentação, 107, 187; experimental, 422; Pura experiência, 459; universalismo experimental, 109
- Êxtase, 86, 248, 268
- Extensão, 141, 152, 161, 401, 416; extenso, 425; inextenso, 425
- Facto, 133-135, 137, 139-140, 147-148, 152, 158, 166, 169, 337, 340, 343, 349, 351-352, 379, 382, 384, 396, 417-418, 449; absolutismo do facto, 381; facto bruto, 167; facto consciência, 342, 350; facto extraracional, 352; facto racional, 379; factos íntimos da consciência, 342; mundo dos factos, 382
- Faculdades, 161, 170; faculdade de conhecer, 134-136, 138
- Fatalidade, 26-28, 38, 50, 79, 102-103, 108, 230, 311-312, 441, 459; fatalidade cósmica, 103, 107-108, 110-111; fatalidade humana, 107; fatalidade social, 103, 110-111
- Fatalismo, 189, 380, 385-386, 393
- Felicidade/Infelicidade, 105, 116, 120, 313; renovada felicidade da Terra, 95
- Fenomenalidade, 343
- Fenomenismo, 138; fenomenismo cósmico, 157; fenomenismo mecânico, 138
- Fenómeno, 21-22, 134-136, 138, 140, 156-157, 176, 178, 315, 340, 342, 344, 352, 364, 372, 385, 387, 393, 437; aparência do fenómeno, 139; fenómeno individualista, 93; fenómenos-pensamentos, 178; fenómenos sociais, 34, 93; seres fenoménicos, 405; série fenomenal, 138
- Fenomenologia, 358
- Figura, 245, 247-248

- Filosofia, 49, 107, 152, 157, 166, 301, 337-338, 340-341, 347, 349, 377-385, 390, 402, 420, 433, 437; escola de filosofia, 48; filosofia científica da natureza, 344; filosofia da liberdade, 351, 369; filosofia da Morte, 354; filosofia da natureza, 339, 341-342, 347, 350, 364, 368, 391; filosofia evolucionista, 350; filosofia idealista germânica, 342; filosofia mecanista, 342; filosofia moderna, 371; filosofia moderna: obra da liberdade, 108; filosofia naturalista, 346; filosofia positiva, 349; filosofia social, 404; filosofia transcendental, 340; filósofos, 217, 393-394, 423, 447; sistemas filosóficos, 95
- Finalidade/Fim, 135-136, 138, 177, 215, 343, 345, 347, 349-350, 352-353, 364-365, 381, 405, 409, 452; fim último, 345; finalidade espiritual, 177; finalidade imanente, 349; finalidade metafísica, 177
- Finalismo, 135, 160, 345, 367, 409; finalismo criador, 160; finalismo interior, 142; sistemas finalistas, 139
- Física, 301, 304, 309, 367-369, 371, 401, 413, 418; física einsteïniana, 413
- Fluxo, 21, 82, 128, 136, 210, 306, 368, 420; fluxo-refluxo, 159
- Força, 41-42, 151, 170, 338-339, 352, 391, 393-394, 396, 399-400, 410, 424, 433; força-causa, 344; força espontânea, 344; força-tipo, 343, 387, 393, 410, 423
- Forma, 29, 107, 130, 132, 135, 142, 186, 359, 381-382, 384, 403, 417, 425; forma específica, 197; forma pura, 136, 186; formas da razão, 187; formas do pensamento, 140; formas-pensamentos, 139-140; pura forma, 359, 382
- Formalismo, 133-134, 136, 139; formalismo da Razão, 417-418; formalismo, semi-idealismo, 139-140
- Fraternidade, 51, 103, 105, 120, 186, 191-192, 196, 201, 207, 312, 479; fraternidade humana, 39; fraternidade universal, 26; fraterno convívio, 29
- Função, 146; funções crescentes, 146
- Futuro, 166, 192
- Generalização, 147
- Gênero, 183, 310, 338
- Gênio, 34, 82
- Geometria, 401, 413-415, 418, 425; geometria de Euclides, 418; geometrias não-euclidianas, 304, 388, 413-414, 425
- Germanismo, 26, 368, 372; germanofilismo, 25, 475; germanismo naturalista-idealista, 372; pangermanismo, 26
- Gnosiologia, 388
- Governo, 100; governação das direitas, 100; Governo chamado das esquerdas, 100; Governo de concentração, 100; Governos constitucionais, 121
- Graça, 29, 324, 455, 457
- Grandeza, 21
- Gravidade, 397, 410; teoria com gravidade, 302; teoria sem gravidade, 302
- Guerra, 209, 219, 312; grande guerra, 209, 316; guerra europeia, 110; guerra mundial, 212, 219
- Harmonia, 59; harmonizar, 97
- Hegelianismo, 360, 362, 367
- Helenismo, 450
- Herança, 154, 159, 368, 389, 435-436
- Hipótese, 133, 340, 382-384, 419
- História, 115, 188, 219, 337-338, 340, 352, 404; critério materialista da história, 92; história da filosofia, 341; história: teatro da liberdade, 345; materialismo histórico, 93
- Homem-Mulher, 288-289
- Homem, 29, 51, 58, 82-83, 95, 102, 105, 110-111, 115, 117, 119, 158, 165, 170, 177, 191, 215, 217-218, 288, 324, 488; homem-bondade, 105; homem-consciência, 81; homem: consciência no Infinito, 81; ho-

- mem cósmico, 115; homem esquemático, 51; homem-Infinito, 108; homem-povo, 50; homem Prometeu, 85; homem: santuário interior, 105; homem segundo o cristianismo, 96; idolatria do homem, 215; Super-homem, 55
- Homogeneidade/Diferenciação, 181
- Homogêneo, 151, 348, 365, 421; homogêneo inicial, 210; homogêneo puro: nada-zero, 151
- Humanidade, 76, 91, 216-218, 317, 352, 409
- Humanismo, 91, 94, 181; humanismo tradicionalista, 166
- Humanitarismo, 65, 91, 94-95
- Ideal, 72, 79, 94, 205-207, 209, 218, 312, 316, 488; ideal de humanidade e de justiça, 72; ideal moral, 205; ideal social, 209
- Idealismo, 137, 139-140, 162, 166, 207, 346, 372, 386, 392, 409, 415, 417-418, 422; idealismo construtivo, 163; idealismo hegeliano, 142; idealismo integral, 140; idealismo sensualista, 136; idealismos germânicos, 417; movimento idealista, 140
- Ideia/Ideal, 19-21, 36, 40, 48, 137-138, 163, 213, 320, 337, 342-343, 345, 364-365, 372, 395-396, 404, 420, 422, 433, 436, 439, 450; idealidade, 372; Ideia última, 22; ideias: criações da actividade consciente, 436; ideias inferiores, 342, 385; ideias puras, 22, 307; ideias superiores, 342, 385; sistema de ideias, 20
- Identidade, 77, 108, 134, 140, 143, 145, 147, 151, 154-155, 157, 168, 216, 372, 388, 392, 399, 427, 450, 459; idêntico, 96, 138, 140, 143-144, 148-151, 153-155, 158, 168-169, 380, 389, 396, 427-428; idêntico *a priori*, 139; identidade-pluralidade, 151
- Igreja, 452
- Igrejas, 452-453
- Igualdade, 186, 191-192; igualdade política, 191; igualdade social, 216
- Ilimitado, 346, 394
- Ilusão, 324-325, 371, 404, 429, 451, 456
- Ilusionismo, 416-417, 429; ilusionismo do pensamento, 413
- Imaginação, 138-139, 305
- Imanência, 338-339, 396; imanência do Absoluto, 396
- Imanentismo, 357, 372, 394, 410
- Imobilidade, 358, 363-364, 370, 395, 403, 411, 418-419, 434
- Imobilismo, 366-368, 370-371, 417, 419; imobilismo científico, 367; imobilismo da Razão construtiva, 367; imobilismo da Razão dedutiva, 418
- Imortalidade, 49-51, 86, 123, 195; imortalidade criadora, 196-197
- Impossibilidade, 324; impossível, 325, 369
- Imprensa, 64-66; imprensa conservadora, 65; imprensa republicana, 65, 67; imprensa reaccionária, 65
- Inalterável, 346, 360, 405, 442
- Inatismo, 34
- Incomensurável, 378
- Inconsciência, 443
- Inconsciente, 158, 371, 405
- Indeterminação, 25
- Indeterminismo, 104, 135, 137, 435; indeterminismo físico, 154
- Indiferença, 372
- Individação, 427; drama da individuação, 114; problema da individuação: o mal do indivíduo, 114
- Individualismo, 39, 96-97, 110, 194
- Indivíduo, 54, 56, 96, 206, 341, 345, 360; indivíduos livres e senhores, 97; ser individual, 106
- Indução, 133-134, 137-140, 142-144, 152-153, 156, 166, 168-169, 176, 340, 344, 381-382, 415, 418, 423; construções indutivas, 167; indução construtiva, 165, 167-168; indução-dedução construtiva, 171; indução na matemática, 145-149; princípio da indução, 135-136, 139; processo indutivo, 133,

- 143; raciocínio indutivo, 134, 170; síntese construtiva, 174
- Inércia, 34, 151, 348, 390-391, 393, 396-397, 439; pura inércia, 363
- Infância, 262
- Inferno, 461
- Infinito, 80, 86, 107, 110, 114-115, 117, 142, 154-155, 178, 195, 213, 394, 424-425, 449; infinitamente grande, 438; infinitamente pequeno, 438
- Informação, 142; informar, 140, 307, 320, 381; Inquisição, 43, 45-46, 317
- Instante, 76, 125, 323-324, 422
- Instinto, 339
- Instrução: instrução obrigatória, 470; instrução primária obrigatória, 470
- Integração, 168
- Inteligência, 50, 110, 159, 300, 339, 423; inteligência científica, 342, 385-387; inteligível, 345
- Interioridade-Interior/Exterioridade-Exterior, 39, 135, 156, 184, 359, 378, 417, 425, 427, 435, 460; exterior das cousas, 122; interioridade criadora, 455
- Intuição, 141, 155, 378; intuição artística, 423; série de intuições, 142
- Invenção, 92, 214, 370, 372, 378, 395, 422, 433, 439, 442
- Irracional, 378
- Irracionalismo, 340
- Irredutibilidade, 22, 141, 439; irredutível, 340, 389, 427, 458; facto último e irredutível, 344, 353, 369, 371, 379, 402, 422
- Jardim secreto, 237
- Jesuítas, 35, 47; Companhia de Jesus, 42, 189
- Jesuitismo, 42-43, 45
- Judaísmo, 451
- Juízo, 206, 359, 415-416; juízos categóricos, 383, 418; juízos de existência, 428, 483; juízos de experiência, 359; juízos de valor, 428, 483; juízos formais, 359; juízos hipotéticos, 383, 418; juízo sintético *a priori*, 144
- Justiça, 39, 110, 167, 192, 208, 312; justiça social, 187
- Juventude/Mocidade, 48, 52, 120, 303
- Kantismo, 21, 339, 403; kantismo sociológico, 140; pós-kantiano, 368, 372
- Karma, 126
- Lealdade, 43, 483
- Lei, 117, 133-134, 136, 140, 146, 165, 184, 208, 338, 344, 352-353, 382, 385, 417, 426, 449; lei Afonso Costa, 44; lei científica, 134; lei das oposições, 417; lei dos 3 estados, 188, 372; lei formal, 21; lei-relação, 107; lei: relação social das vontades, 208; leis de Mendel, 154
- Lembrança/Recordação, 256, 307, 309, 443; saudosa lembrança, 454
- Liberalismo, 40, 45, 93, 96-97, 206, 213; absoluto liberalismo, 96; colégios liberais, 47; liberais, 44-46; liberalismo económico, 91-92, 96, 98, 194; políticos liberais, 44
- Liberdade, 26, 36-38, 40, 44, 46, 48, 56, 61-63, 102-105, 108-112, 115, 184, 186-187, 191-192, 206, 210, 214, 219, 313, 315, 337, 341, 345-346, 350, 360, 367, 369, 373, 384, 393, 395, 400, 404, 410, 437; agir da liberdade, 219; ideia de liberdade, 105; liberdade: Alma da democracia, 63; liberdade: aspiração secreta das coisas, 346; liberdade de ensino, 35, 44, 47; liberdade de pensamento, 61; liberdade económica, 40; liberdade de voto, 93; liberdade dos cristãos, 96; liberdade: espontaneidade plena, 345; liberdade fenoménica, 353; liberdade: fim último do Universo, 346; liberdade humana, 108; liberdade individual, 96, 183; liberdade interior, 108; li-

- berdade moral, 340, 488; liberdade originária, 105; liberdade política, 40; liberdade republicana, 40; liberdade segundo o liberalismo, 96; liberdade social e política, 316; liberdade: vida criadora, 48, 103; liberdades anarquistas, 94; livres à força, 313; problema da liberdade: problema de Deus, 400
- Libertação, 215, 314; libertação do meu cárcere, 314; libertação dos oprimidos, 209; libertação pela negação, 105; libertação final, 346
- Linguagem, 49, 51, 56, 188, 433
- Livre pensamento, 61, 62-63; livre pensador, 63
- Livro/Livros, 69-70, 78; livros finitos, 71; livros infinitos, 71; livros revelados, 78
- Lógica, 182, 387, 415-416; atomismo logístico, 387; lógica aristotélica, 182; lógica das formas da experiência, 182; lógica experimental construtiva, 182; lógica formal, 415; lógica transcendental, 415-416; pré-lógica, 182
- Logos, 29
- Luz, 303-304
- Maçonaria, 44-45
- Madalena, 288
- Magnetismo, 397
- Mal, 105, 111, 396, 402-405, 427-428, 434, 441-443, 449, 461; essência do Mal, 105; forças de bem e de mal, 85; Mal: afastamento das mónadas do amor, 443; Mal: menor Presença de Deus, 441, 444; Mal: menos Amor, 444; Mal: queda para a matéria, 441, 444; problema do bem e do mal, 435; problema do Mal, 81, 402, 440, 443
- Manou, 182
- Mãos, 239, 241-243
- Mar, 80-81, 83, 86, 116, 229, 231, 235, 241, 248, 258, 325-326; a Oriente do Mar, 287; imensidade do Mar, 269; Mar de silêncio, 247; Mar do Nada, 281; Mar Infinito, 247
- Marão, 271, 277, 282
- Matemática, 418, 428
- Matéria, 124, 142, 159, 205, 207-208, 210, 320, 339, 348, 350, 353, 359, 371, 380-382, 386, 392, 410, 417, 419, 426, 435, 439-441, 443; matéria: construção dialéctica, 162; matéria pura, 382
- Materialismo, 133, 139, 162-163, 206, 344, 386-387, 417, 422, 435; materialismo gnosiológico, 134; materialismo histórico, 93
- Mecânica, 343, 366-368, 379, 388, 390-391, 393, 397-398, 409, 414, 418, 439
- Mecanicismo, 113, 135, 341, 386-387
- Mecanismo, 137, 140, 155, 339, 342-345, 353, 366, 380, 385-386, 388, 390-391, 439, 444; mecanismo do impulso ou da atracção, 160; revolucionarismo mecanista, 301
- Meio, 177, 215, 364-365, 452
- Memória, 30, 75-83, 86, 126, 129, 156, 159-160, 179, 213, 255, 309, 363, 370, 379, 387, 403, 428, 439, 444, 461; grande Oceano da Memória, 124; Memória Inventiva, 370, 372-373, 404, 422, 432, 440-441; memória social, 34; memórias, 123
- Mesmo, 140, 143, 146
- Metafísica, 20-22, 63, 108, 134, 136, 159, 161, 166, 200, 203, 312, 315-316, 333, 341, 347, 351-352, 358, 379, 381, 387, 391, 400, 402, 418-419, 428, 430, 435, 450; dogma da metafísica moderna, 378; metafísica da liberdade: Deus, 391; metafísica da morte; metafísica de abstrações, 372; metafísica do amor e da companhia, 370; metafísica experimental, 63; pensamento metafísico, 337
- Milagre, 162
- Minho, 255
- Ministério do Trabalho, 93

- Ministro, 47, 72, 121, 470-471; instabilidade ministerial, 47; ministério da Instrução, 469, 475; ministro da instrução pública, 47, 469, 475-476
- Mistério, 50, 76, 78-79, 83-85, 107, 122, 125, 139, 230, 271, 323, 324, 403; ao sopro do Mistério, 237; Argonautas do Mistério, 76, 80; gaiotas do mistério, 247; maravilhoso cristão, 81; maravilhoso pagão, 81; mistério das almas, 237; mistério do Génesis, 289; misterioso, 176; misterioso anelo, 268; mundo misterioso, 85; realidade misteriosa, 140
- Misticismo, 323-326, 404
- Mito da queda, 451
- Mobilismo, 367, 417, 419, 437
- Modalidade/Modos, 161, 344-345, 361-362, 370-372, 402-403, 410, 432, 435
- Momento, 352, 366-367, 386, 395-396, 403, 432; momentos dialécticos, 432
- Monadologia, 353, 358, 361; actividade monadológica, 397, 400-401, 426; comunicação das mónadas, 435; harmonia preestabelecida, 361, 369, 394, 400; mónada, 22, 353-354, 361-362, 393-397, 400, 403-405, 409-410, 423-426, 435, 437, 439-441, 443-444; mónada-força, 437; monadologia transcendental, 353
- Monarquia, 44, 65, 88; monarquia clerical, 45; monarquia regalista, 44
- Monismo, 26, 161, 171, 211, 340, 348, 358, 361, 368, 409, 422-423, 428, 450; monismo da Substância, 161; monismo evolucionista, 347, 349; monismo idealista hegeliano, 368; monismo materialista ou mecanista, 63; monismo naturalista, 368
- Monoteísmo, 482
- Montanha, 242-243, 269, 271, 463
- Moral, 94, 110-111, 178, 197, 210, 213, 315, 345, 379, 391, 401, 428-429, 450, 487; moral humana, 91, 96; nova moral, 99; vontade moral, 429
- Amoralidade, 94
- Morte, 77-78, 81, 103-104, 111, 113, 123-125, 132, 174-176, 200, 203-205, 211, 278, 289, 306, 308, 312, 318, 320, 325, 427-428; morte: bem relativo, 442
- Motor Imóvel, 184
- Movimento, 137-138, 142, 150-151, 164, 176, 195, 213, 302, 342, 348-349, 350, 353, 361, 364, 366, 379, 384-385, 393-394, 400, 413, 421, 425, 438, 450
- Mulher, 29-30, 47, 69, 117, 215, 288, 324; Mulher: Eva Ideal, 289
- Mundo, 40, 178, 243, 323, 461; mundo: a sua própria saudade, 248; mundo da aparência, 307, 404; mundo da opinião, 307; mundo das ideias, 308; mundo dos exemplares, 307; mundo dos sentidos, 307; mundo espiritual, 396; mundo exterior, 136, 392-393; mundo fenomenal, 342, 351; mundo físico, 396; mundo idêntico e imóvel, 156; mundo interior, 160, 392, 393; mundo moderno, 113; mundo objectivo, 106, 378; mundo ordenado, 140; mundo sensível, 21; mundo social, 106; mundo subjectivo, 106
- Música, 248
- Nacionalismo, 91
- Nada, 59, 125, 141, 402, 422, 443-444
- Não-Eu, 141, 353
- Não-ser, 345, 371, 402-403
- Naturalismo, 347, 349, 358, 361, 364, 368, 370, 391, 423; naturalismo idealista, 357, 368
- Natureza, 29, 82-84, 102, 185, 187, 324-325, 352, 359, 423-424, 438; ciências da natureza, 409; leis da natureza, 440; natureza superior, 321
- Necessidade, 134-135, 315, 352, 424; necessário, 352, 354, 385, 419, 424

- Necessitarismo, 341, 385-386
- Negação, 451, 456; libertação pela negação, 105
- Neo-Aristotelismo, 157
- Nilismo, 41; teses niilistas, 41
- Ninfas, 270
- Nirvana, 105, 325, 458-459; Nirvana: fim da Evolução, 442
- Noite, 231, 236-237, 263, 270-271, 278, 280, 286, 325, 327; Infinita Noite, 280; leito da Noite, 267; mistério da Noite, 122; Noite da Vida, 281; Noite imensa, 326; Noite informe, 326; Noite profunda, 126
- Nominalismo, 144, 173-176, 383-384, 393, 419, 439
- Nós, 361
- Noumeno, 156, 339, 395
- Número, 19-20, 25, 145, 147; lei dos grandes números, 151; números inteiros e positivos, 146; número irracional, 147; números pares, 148; números transcendentais, 147-149
- Objectivismo, 61
- Objecto, 141, 159, 163, 344, 423, 435; objectivar, 27; objectividade, 106-107, 170, 416; objectividade científica, 341; objectividade social, 106; objectivo, 139, 417; objectivo humano, 139
- Observação, 340, 381-382
- Ocasão, 417
- Oceano, 128; Oceano Imenso, 127
- Oculto, 77, 358, 371-372, 394-395, 438
- Olhos, 225, 229-231, 236, 247, 255, 277, 326
- Ontologia, 426
- Ontologismo, 386, 426; ontologismo categórico, 386; ontologismo hipotético, 386
- Operário, 95; operário anónimo, 51
- Opinião, 20, 54, 64-67, 73, 93, 96, 152, 486; corrente de opinião, 63; maioria, 54-56; maiorias, 54; opinião pública, 20, 311; público, 30
- Oposições, 362, 422; lei das oposições, 417; opostos, 428
- Opressão: opressão económica, 40
- Optimismo, 405; optimismo radical, 124, 130
- Ordem, 313
- Orfeu, 292
- Organicismo autoritário, 62; organicismo sociológico, 63
- Organismo/Seres vivos, 142, 154, 157, 182, 399; organismos intelectuais superiores, 34; seres físicos, 399
- Orientalismo negativista, 451
- Origem, 50, 70, 75, 82, 262; origem divina, 105
- Os Lusíadas*, 80-83, 195
- Outono, 279
- Outro, 140, 143, 146, 156, 353
- Ovelhinhas do Marão, 248
- Paganismo, 83
- Palavra, 130-131, 201, 261; força mística da palavra, 325; palavra: acto, 130
- Pandemonismo, 80
- Panteísmo, 26, 127, 210, 360-361, 370, 429, 430-432
- Papa, 185
- Paralogismo, 160
- Parlamentarismo, 98; neoparlamentarismo, 98; Parlamento, 98; representação da nação, 98; representação das classes, 98
- Particular/Singular, 133-134, 396-397, 399-400, 426
- Partido, 65, 97, 179, 216, 218-219, 486, 488-489; Partido Republicano Português/PRP, 218, 310; Partidos constitucionais, 310; partidos políticos, 313, 486-487; saída do partido político, 121
- Passado, 97-98, 111, 126, 160, 166-167; Passado Remoto, 126
- Pátria, 35-36, 41, 46, 72-75, 80-81, 86, 91, 100, 119-121, 185, 192, 195, 199, 218, 311, 488; amor da Pátria, 48, 81; pátria de museu, 41; pátria viva, 41; patriota, 219; patriotismo, 35, 65
- Paz de Varsóvia, 313

- Pena de morte, 88, 317-318
- Pensamento, 21, 28-29, 55, 58, 62, 82, 94-95, 114-115, 130-136, 138-141, 155-157, 159, 161-162, 165, 167, 176-178, 190, 337, 339, 365, 369, 371, 389, 392, 394, 400, 411, 416-417, 435, 450; *a priori* do pensamento, 133; condição de existência para o pensamento, 138; condição do pensamento, 136; continuidade dinâmica do pensamento, 136; determinismo do pensamento, 132; pensamento-ação, 194-195; pensamento antigo, 338, 367; pensamento bergsonista, 158-161; pensamento cartesiano, 161; pensamento cérebro, 162; pensamento científico, 349, 390; pensamento comum, 305; pensamento clássico, 305; pensamento construtivo, 171-173, 191, 194, 435; pensamento: cópia do real, 139; pensamento criador, 137; pensamento dialético, 20-21; pensamento estético, 141; pensamento: existir, 141; pensamento experimental, 21, 187; pensamento: experimental, 142; pensamento-extensão, 141, 155, 161; pensamento: faculdade de conhecer e imaginar, 138; pensamento filosófico, 329, 334; pensamento grego, 28-29, 106, 450; pensamento humano, 135, 314, 337; pensamento individual, 95, 106-107, 141; pensamento lógico, 21; pensamento mecânico, 142; pensamento metodológico, 194; pensamento moderno, 338, 340-341, 344, 346, 367; pensamento-pensamento, 141, 161; pensamento: realidade excedente, 130; pensamentos, 343; pensamentos de Deus, 396; pensar, 141, 157; pensar: racionalidade do universo, 344; pensar sentindo, 27; poder criador do pensamento, 29, 128, 432; trabalho criacionista do pensamento, 167; transmissão do pensamento, 435
- Percepção, 139, 152, 156-157, 159, 163-164, 320, 382, 394, 424, 426, 435, 437-438; nova percepção, 321-322; percepção iniciática, 322; Percepção Instantânea, 363; percepção-memória, 157, 159-160; percepção pura, 141, 156-157; percepções-fenômenos, 139
- Pessimismo, 90, 405
- Pimentismo, 100
- Pitagorismo, 19
- Platonismo, 305-306, 415; platônico, 305
- Pluralidade/Plural, 151, 396, 400, 427-428, 432-433
- Pluralismo, 40, 158, 211, 372, 423, 427-428, 450, 459; pluralismo social, 432
- Poesia, 124, 334; Poesia: a percepção espiritual das coisas, 124; poesia inconsciente, 423
- Poeta, 75-82, 84, 86, 122-125, 127-130, 132, 323-324, 326-327, 333, 393-394, 447; Poeta: o sábio criador, 77; Poeta: o grande Iniciado da Dor, 124; Poeta: o Verbo da Dor, 128
- Politeísmo, 80, 482
- Política, 36, 65, 219, 311, 486; ação política, 93; grupos políticos, 36; não-política, 486-487; político, 27, 51, 217; políticos, 44, 100-101, 311; questões políticas, 36
- Pomba, 248
- Pombalismo, 43
- Porto, 46-47, 49; Porto desnacionalizado, 46; Porto nacional, 46
- Positivismo, 189, 346, 350, 409-410, 417
- Possibilidade, 352, 425; condição de possibilidade, 135; condição de possibilidade do pensamento, 135; possibilidade de ser, 25; possibilidades de coisas, 359; possibilidades de consciência, 359; possível, 146, 345, 352, 369

- Postulado, 186-187, 348, 377-378, 381, 384, 388, 419, 436; postulado de Euclides, 388; postulado de ser, 418
- Potência/Acto, 146, 368, 370
- Potência, 146, 168, 369, 377; Potência Infinita, 369, 377-378, 394, 396, 403
- Povo, 35, 49-51, 101; fisionomia espiritual do povo português, 43; povo português/Povo de Portugal, 43, 46, 51, 89
- Pragmatismo, 63, 95, 99, 134, 209, 316, 364
- Presença, 441; Presença de Deus, 441; Presença Inefável, 255-256, 258, 280, 326
- Presente, 119
- Princípio, 21, 133, 384; primeiros princípios das coisas, 340, 381-382; princípio da indução, 135-136, 139; princípio da inércia, 379, 396, 400; princípio da Razão Experimental, 379; princípio da relatividade, 151, 371; princípio de Arquimedes, 306; princípio de Carnot-Clausius, 388; princípio de causalidade, 13; princípio de conservação do movimento, 348; princípio de contradição, 353, 369, 424-425; princípio de participação, 136; princípio de razão suficiente, 366, 424-425; princípio do mecanismo, 353; princípio experimental, 133; princípio universal, 429; princípios *a priori*, 422; princípios da razão, 344
- Probabilidade, 416; cálculo das probabilidades, 154; cálculo diferencial, 61; probabilidade estatística, 388
- Probabilismo, 487
- Processo/Processus, 352, 399, 429, 437-438
- Profundidade, 271, 287
- Progresso, 64, 108, 216-219, 310, 313, 410; progresso criacionista, 156; progresso individual, 92; progresso sintético, 176; progresso social, 92, 166
- Prometeu, 85, 216-217, 288, 399; o homem Prometeu, 85; o irmão Prometeu, 85; Prometeu português, 85
- Psicologia, 139, 152, 155-156, 158-162, 165, 171, 310, 341, 390; psicologia atomista, 136, 152, 162, 353; psicologia bergsonista, 162; psicologia científica, 341-342; psicologia das multidões, 96, 128; psicologia epifenomenista, 161; psicologia escolástica, 161; psicologia substancialista, 161
- Psicologismo, 189
- Psiquismo, 154, 344, 358, 371, 435-436
- Puro Heterogêneo: nada-zero, 151, 348
- Qualidade, 151, 153, 157-158, 168-169, 172, 208, 387, 421; qualidades segundas, 386
- Quantidade, 25, 151, 154, 157, 168-169, 208, 304, 421, 426, 433; pura quantidade, 151; quantidade algébrica, 366
- Queda, 458; afastamento das mônadas do amor, 443; queda das mônadas para a Matéria, 441, 443-444; queda do mundo e/ou da liberdade, 105; mundo degradado pela liberdade originária, 105; diminuição/enclausuramento da liberdade em virtude da queda, 105
- Química, 109, 347
- Quixotismo, 66, 70, 78, 114; *D. Quixote*: a Bíblia do Ideal, 79
- Raça, 35, 45, 81, 90, 124
- Racionalismo, 139, 173, 372; racionalismo experimental, 95
- Razão, 106, 148, 170, 182-183, 186, 212-213, 216, 333, 337, 339, 341, 344, 350, 352, 358, 361, 371-373, 378-379, 381-384, 386, 411, 416-422, 424, 428, 432; absolutismo

da Razão, 381; absoluto da Razão, 424, 427; absolutos da Razão, 420; actualização dialéctica da Razão, 424; deusa Razão, 186; dialéctica da Razão, 405; ideias da Razão, 384; pura Razão, 459; racional, 188, 344, 387, 417, 422; racionalidade do Universo, 344; razão: a construtora do objectivo, 165; Razão Absoluta, 363; Razão abstracta, 183, 186, 367; razão: actividade de pensamento e conhecimento, 170; Razão: actividade espiritual, 419; razão afectiva, 106, 109, 182-183, 186-187, 194; razão científica, 384, 390, 450; razão construtiva, 190, 367, 386; Razão criacionista, 316; razão de identidade, 372; razão dinâmica, 26; Razão evolutiva e criadora, 315, 416; Razão eleática, 420, 438; razão: experimental, 373; razão experimental, 107-109, 182, 185-187, 189, 190, 192-197, 212-213, 216, 363, 373, 379, 380, 414-415, 418-420, 422-424; razão experimental: alma da ciência, 108; Razão experimental construtiva, 186-187, 189, 196; razão filosofante, 349; razão formal abstracta, 182; Razão: função da certeza, 411; Razão hegeliana, 340, 357; Razão helénica, 217; Razão imóvel, 315, 373, 420; razão individual, 138; razão lógica, 106-107, 109, 183, 189, 194, 412-415; Razão metodológica, 191; Razão mística, 412; razão monista, 378; razão ordenadora, 140; Razão orgânica, 186; razão organizadora e legislativa, 138; razão personalista/temporal, 373; Razão prática, 186, 367, 428; Razão pré-lógica, 411; Razão: produto da socialidade, 140; razão pura, 351; razão: síntese, 171; razão: síntese construída, 171; razão social, 107, 138, 172, 184, 186, 415-416; Razão social transcendente, 184; Razão teórica, 428

Reacção, 45, 88, 113; reacção neocatólica, 44; reaccionários, 44-45, 47, 67

Real, 21, 40, 48, 138-139, 141-142, 146, 167, 211, 213, 320, 340-341, 345, 359, 372, 393, 395, 403-404, 417, 424; construção do real, 142; real: cópia do pensamento, 139; real inteligível, 450; real necessário, 139; real sensível, 450

Realidade, 20-21, 51, 61, 76, 80, 119, 129, 137-139, 141-142, 372, 378, 380, 383-386, 391-392, 394, 396, 401, 427-429; ideia de Realidade, 321; nova realidade, 321; realidade animada, 197; realidade: «changement», 156; realidade científica, 384; realidade: construção dialéctica, 141; realidade: construção do pensamento, 142, 155; realidade: experimental, 141; realidade exterior, 156, 190; realidade fenomenal, 134; realidade material, 188; realidade natural, 187; realidade noumenal, 395; realidade objectiva, 386; realidade pitagórica, 25; realidades estéticas e morais, 384; realidade social, 187-189; realidade última, 25

Realismo, 188, 346, 369; realismo empirista, 177; realismo idealista, 361; realismo material, 189; realismo mecânico, 137; realismo percepcionista, 361-362; realismo social, 181, 186-188, 193; realismo transcendental, 339

Recorrência, 144-145, 173

Redenção, 79, 404; redentor, 78

Reencontro, 292

Reformismo, 93-94

Reino dos Céus/Reino de Deus, 451-452, 455-457, 460

Reintegração: reintegração do mundo em Deus, 308; resgate e/ou reintegração do mundo pelas vontades, 105

- Relação, 21, 25-26, 29, 58, 107, 134-135, 140, 161, 178, 340, 345, 361, 369, 381, 384-385, 418; cósmicas relações totais, 59; relações numéricas, 20, 29; sistema orgânico de relações, 137, 147
- Relâmpago, 264
- Relatividade, 414; relativo, 337, 354, 377, 428; teoria da relatividade, 304; teoria da relatividade generalizada, 397; teoria da relatividade restrita, 302.
- Religião, 81, 132, 209, 219; religião da humanidade, 474; religião: união, 125; religião Universal de natureza, 186; santa religião, 46
- Reminiscência, 22, 456
- Renascença, 91, 180-181, 185, 211, 217, 338, 438
- Renascimento, 180, 451
- Repetição, 214
- Representação, 62, 353, 392; colecção/sistema de representações, 62, 392; representações colectivas, 64, 141, 170-171, 181, 189, 412
- República, 35, 38, 40, 44, 46-49, 65-68, 72, 74, 87-88, 100-101, 121, 218-219, 310, 469, 473, 486-488; alma republicana, 66; Centro Republicano Democrático, 482; consciência republicana, 67; corrente republicana, 65, 311; fé republicana, 68; hostes republicanas, 44, 473; opinião republicana, 67; republicanos, 45-46, 100, 310, 312, 489
- Resgate, 405, 442; resgate universal, 312; sonho de resgate, 248, 288; tempo do Resgate, 292
- Resistência, 138-139, 168, 353
- Ressonância, 264
- Revelação, 49, 449; revelação cristã, 455
- Revolução liberal, 87; Câmaras, 87-88; Câmara dos Deputados, 87, 100; Câmara dos pares, 88; Congresso, 100; Senado, 100; Constituição, 313; Constituição de 1820, 88; Constituição de 1822, 87; Constituição de 1838, 88; Constituintes de 1820, 179; movimento de 1820, 104; outorga da Carta, 88; Parlamentarismo, 193; Poderes, 87; poder executivo, 87; poder judicial, 88; soberania, 87; sufrágio universal, 87; Vila-Francada, 88
- Revolução, 312; movimento revolucionário, 95; Revolução francesa, 87, 186, 192; Revolução Russa, 95; soviétismo russo, 110
- Rio Ave, 249
- Rio Douro, 286
- Rio Mondego, 255
- Rio Tâmega, 255, 282, 295
- Rio Vizela, 255
- Riqueza, 97
- Riso, 57-60, 263; alegria do ter Riso, 263; riso-aurora, 57; riso de criança, 57
- Rosa do Amor, 295
- Sábio, 76, 81, 217, 323, 339, 423; sábio: o Poeta vagaroso, 77
- Sacerdote, 93, 217
- Salvação, 78; salvação pública, 485, 487-488
- Santa/Antígona, 256-257, 279, 286
- Santidade, 116, 360, 405; santidade: termo da evolução, 346
- Santo, 76-77, 117, 339, 365, 488; Santo: o poeta praticante, 77
- Saudade, 97, 106, 114, 119, 126, 128, 241-242, 248, 262, 288, 290, 326, 434, 441, 479-481; Saudade de Deus, 291; saudade de névoa, 256; Saudade do céu, 235; Saudade do Jardim, 237; saudade original, 231; saudosismo, 206; saudosista, 98
- Seara Nova, 312; Velha Seara, 312
- Seleção, 158, 390; seleção natural e social, 179, 389, 483
- Semelhança, 392, 423
- Senhora da Aparecida, 248
- Senhora da Bonança, 287

- Senhora da Graça, 250
 Senhora da Saudade, 290
 Senhora da Saúde, 241-242
 Senhora da Serra, 243
 Sensação, 20, 85, 134-138, 141, 158, 306, 323, 343, 348, 350, 385-386, 449; sensação-fenómeno, 139, 162; série de sensações, 136, 138; sistema de sensações, 137
 Sensibilidade, 25-26, 82, 162, 342, 353, 364, 385-387, 405; sensível, 387, 450
 Sentidos, 348; sentir pensando, 27
 Sentimento, 34, 36, 339, 343, 373
 Ser, 20, 22, 111, 135, 141, 155-157, 178, 202, 210, 315, 320-321, 344-345, 350-352, 378-379, 385-386, 394, 403-405, 413, 416, 420, 422-423, 426, 430, 439, 450; activismo do ser, 370; aumento de ser, 342, 368, 385, 410; ideias de ser, 351; mais-ser, 382; menos-ser, 382; modos de ser, 351; Ser Absoluto, 367; ser andrógino, 288; ser dos fenómenos, 156; ser: irracional, 378; Ser perfeito, 197; Ser: Razão criadora, 378; teoria geral do ser, 391
 Serra da Estrela, 281
 Sidonismo, 100; sidonismo-integralismo, 98
 Silêncio, 247, 263, 269, 325, 396, 463
 Silogismo, 183, 415
 Simbolismo, 82; simbolismo pagão, 82; simbólico, 337
 Simplicidade/Simples, 341-342, 396-397, 399, 425
 Sindicalismo, 38; ideologia sindicalista, 38; separatismo sindicalista, 41; sindicato de classe, 38-39; sindicatos, 93
 Síntese, 59, 62, 97, 110, 168, 171, 176, 320, 341, 344, 350, 373, 383, 390; actividade síntese, 320; actividade sintética, 136, 380; construção sintética, 140; integração sintética, 167; processo sintético, 168; síntese social, 40; síntese socialis-
 ta, 40; síntese superior, 341; sintético, 383
 Sistema, 109, 135, 137, 157, 337-338, 435, 439; novo sistema de consciência social, 95; sistema dogmático, 339; sistema físico, 439; sistema nervoso, 161, 163-164, 427, 436; sistemas filosóficos, 338
 Sistematismo, 153, 427
 Sociabilidade, 110, 396
 Social, 188, 397, 411; crise social, 90-91, 209; social: uno-plural, 400
 Socialidade, 165-167, 170-171
 Socialismo, 38, 110, 129; antítese socialista, 97; excessos marxistas, 39; exploradores/explorados, 96; ideologia socialista, 40; injusta distribuição da riqueza e do trabalho, 97; síntese socialista, 40; socialismo preparatório, 94; teoria do socialismo, 404
 Socialização do saber e do sentir, 96
 Sociedade das Nações, 92, 210
 Sociedade, 38, 64, 73, 87, 96-98, 106, 117, 165, 206, 484; modernas sociedades, 39; sociedade cósmica, 439; sociedades humanas, 439; vida em sociedade, 64
 Sociologia, 95-96, 109, 129, 152, 165, 166, 167, 181, 192, 206, 310, 372; categorias sociais, 95; escolas sociológicas, 106; realismo sociológico, 171
 Sociologismo, 316
 Socratismo, 449
 Sofistas, 413
 Sol, 263
 Solidão, 279, 325; Imensa Solidão, 324; Universal Solidão, 325
 Solidariedade, 39, 213, 218; solidariedade universal, 50
 Solipsismo, 434-435
 Sombra/Sombras, 290, 369
 Sonho, 50, 79, 81, 83, 102, 114, 206, 229, 243, 248, 268, 285-286, 289, 305; o meu sonho, 285; quimera dos meus sentidos, 268; sonho de Jacob, 309

- Sorriso do Rio, 249
- Subconsciência, 114; subconsciência-consciência, 436; subconsciências, 436, 441; subconsciente, 155, 160, 210, 378, 443; psicoses subconscientes, 130
- Subjectivismo, 139, 339
- Subsistência/Subsistente, 351, 362-363, 369, 371, 383, 388, 402-403, 421-422, 428, 439-440; subsistente Absoluto, 403
- Substância, 161, 183, 338, 341-344, 347-348, 352-353, 361-362, 368, 370-372, 381, 395-396, 400, 403, 409-410, 425, 430, 432, 437; essência da substância, 435; Substância imóvel, 434; substância omnímoda, 360; substância pensante, 390; substancial, 342
- Substancialismo, 134, 162, 197, 342, 362, 372, 386, 394-395, 404, 416-417; substancialismo imanentista, 394
- Sucessão, 133; sucessão dos fenômenos, 134
- Sujeito, 135, 141, 344, 423, 435; subjectivo, 139
- Suma Teológica*, 338
- Suplência, 436, 487
- Técnica, 49, 166; educação técnica, 93
- Teísmo, 430-434, 436; teísmo: metafísica da pessoa, 430
- Teleologia, 364-365, 370
- Tempo, 50, 106, 150, 156, 170, 183, 213, 301-302, 304, 323, 364-366, 368, 387, 403, 413-414, 419, 425, 438, 461; ideia de Tempo, 301-302, 309, 359, 364-365, 367; não-galileanismo do Tempo, 301; tempo abstracto (género lógico), 303; tempo einsteiniano, 301, 341; tempo galileiano, 413; tempos físicos/experimentais, 303
- Tendência, 364, 389, 442-443
- Teólogos, 157
- Teoremas, 419; teorema de Descartes, 400
- Teoria do pleno, 428
- Teoria do Vazio, 488
- Teosofia, 176, 319-322
- Terra, 255, 262-263, 269
- Tese, 97, 350
- Tirania, 190
- Todo, 58, 141, 168, 195, 395, 397, 400, 409, 456
- Tolerância, 73, 346, 419
- Totemismo, 106, 109, 181-182, 188, 326, 412
- Trabalho, 56, 88, 90-93, 97, 109-111, 120, 193-195, 197, 212-214, 216, 365, 400; diferenciação do trabalho, 482; Epopeia do Trabalho, 193; factores do trabalho, 93; novas organizações do trabalho, 92; Organização do Trabalho, 313; trabalho: categoria da Razão, 213; trabalho: dever e função social, 196; trabalho: instituição jurídica, 213; trabalho intelectual, científico e artístico, 214-215; trabalho: invenção e repetição, 9, 214; trabalho social, 215
- Tradição, 179-180, 186, 188, 190, 192
- Tradicionalismo, 166, 206
- Tragédia, 113-115; sentimento trágico da vida, 113-114; tragédia esquiliana, 85; tragédia grega, 79
- Transcendência/Transcendente, 107, 111, 183, 197, 218, 309, 358, 365, 372, 386
- Transfinito, 146
- Transformismo, 159
- Transitório, 369, 371, 383, 403, 422, 428, 438-439
- Trovadores, 126
- Ucronia, 340
- Ultimatum*, 218
- Unidade, 22, 25, 114, 134-135, 182, 190-192, 195-196, 201, 370, 372, 378, 403, 422-423, 442, 451, 459; Grande Unidade amorosa, 309; suprema Unidade, 307; Unidade absorvente, 449; unidade activa, 197; unidade da pátria, 41; Unidade divina, 195, 307, 309; Uni-

- dade do Amor, 309; unidade nacional, 41; unidade na diversidade, 346; Unidade originária, 105; Unidade social do Universo, 77, 143; uno, 140, 290, 307, 308, 334, 338, 342, 344, 363, 369, 428
- Universal, 133, 135
- Universalidade, 134, 341, 409; universal, 133, 135
- Universalismo, 91, 176, 453; universalismo da lei, 186
- Universidade, 34-36, 38-39, 41-42, 47-48; remodelação da Universidade, 475; Universidade de Coimbra, 35, 41, 47; Universidade de Évora, 35; Universidade portuguesa, 35, 48, 475; Universidade: sistema integral de educação e ensino, 93; Universidades populares, 470
- Universo, 19, 22, 26, 28, 58-59, 76-77, 80-82, 106-107, 109-112, 135, 137-138, 140, 177-178, 201-203, 212, 270, 272, 319-320, 325, 333, 338-339, 359, 366-367, 369, 385, 392-394, 400, 402-403, 420, 423, 439-440; espiritualização do Universo, 396, 403-404, 410, 420; razão do Universo, 352; Universo: duração, 437; Universo imóvel, 437; Universo: interiorização, 435; Universo moral, 213; Universo: refração/fragmentação do Acto Puro, 370
- Valores, 209, 217; criadores dos valores espirituais, 217; crise de valores sociais, 91; novos valores sociais, 91; valores de espírito, 216; valores domésticos, 91; valores humanos, 91; valores nacionais, 91
- Varição/Pura uniformidade, 304
- Vento, 279
- Verbo, 117, 201, 261, 264; força criadora do Verbo, 128
- Verdade, 20, 35, 37, 42, 58-59, 66, 95, 187, 203, 216, 305, 307, 316, 334, 337, 342, 369, 372, 394, 401; verdade científica, 189; verdade democrática, 212; verdade necessária, 425; verdadeiro, 345; verdades de facto, 424-425
- Vida, 21, 26, 30, 50, 52, 72, 76, 82-83, 98, 109, 111-114, 117, 142, 153-154, 157, 159, 179, 197, 203, 217, 242, 278, 291, 308, 312, 318, 324, 367-368, 370-371, 391, 393, 405, 420, 422, 439, 442; forças criadoras da vida, 42; ideia da vida, 368; vida democrática, 193; vida do Espírito, 116; vida do pensamento, 344; vida espiritual, 116; Vida Humana, 123; vida moral, 343; vida orgânica, 116; vida social, 170, 188, 213, 219; vida superior, 76; vida eterna, 346; vida: experiência moral, 72; vida superior de espírito, 350; Outra Vida, 76, 86, 124
- Violência, 42, 97, 99, 184; violências ancestrais, 113
- Virgem Maria, 83, 280
- Virgindade, 308; *laus Virgini*, 299
- Virtude, 339, 346
- Vitalismo, 371; *élan vital*, 154
- Voluntarismo, 371
- Vontade, 42, 55, 94, 115, 346, 353, 365, 429, 461; actos da vontade, 364; volição, 343; vontade absoluta, 346; vontade consciente, 364; vontade criacionista, 455; vontade de domínio, 55; vontade de poder, 42; vontade de trevas, 113; Vontade legisladora, 184; vontade moral, 367; vontade social, 207; vontades, 343
- Voz, 259, 261, 263
- Zoologia, 66
- Zoroastrismo, 449, 451

Acabou de imprimir-se
em Abril de dois mil e sete.

Edição n.º 1014091

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Reunindo a produção leonardina do triénio de 1919 a 1921, este quarto volume da edição das *Obras Completas* do filósofo português, tal como os anteriores, da responsabilidade científica do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, a que pertence o espólio do autor, além de cerca de meia centena de artigos dispersos, prefácios, conferências e traduções, contém dois dos seus livros mais significativos, vindos ambos a lume em 1921, o reflectido e compreensivo estudo sobre *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental* e o poema em prosa *Adoração — Cânticos de Amor*.

O primeiro constitui não só um dos primeiros e mais penetrantes ensaios hermenêuticos da obra especulativa do malgrado poeta-filósofo açoriano como também um elemento decisivo para a compreensão do próprio percurso espiritual de Leonardo, que, no diálogo reflexivo com o pensamento anterior e as suas antinomias, abre fundamentado caminho para a proposta da sua superação através da razão criacionista cuja dialéctica incorpora em si a dimensão transcendente do amor.

Por sua vez, o segundo, na linha de expressão lírica iniciada, cinco anos antes, com *A Alegria, a Dor e a Graça*, apresenta-se como um texto de inequívocas ressonâncias místicas de feição cosmo-antropológica, linha em que, de certo modo, virá ainda a inserir-se o diálogo *Do Amor e da Morte* publicado no ano seguinte.

9 17897221715133



ISBN 978-972-27-1513-3



COM O PATROCÍNIO
DA CÂMARA MUNICIPAL
DE FELGUEIRAS



UNIVERSIDADE CATÓLICA
PORTUGUESA



INCM

IMPRENSA NACIONAL
CASA DA MOEDA